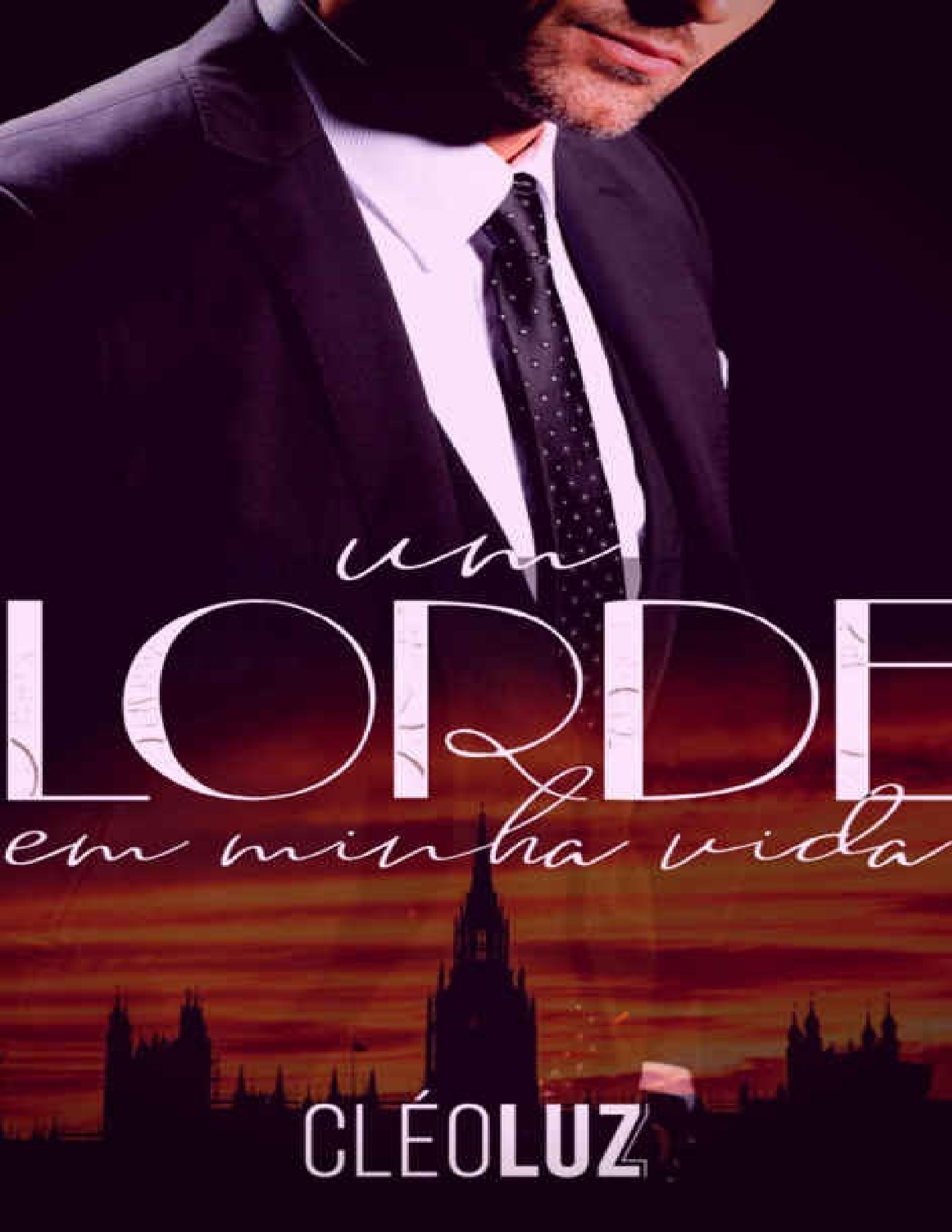

um
LORDE
em minha vida
CLÉOLUZ

SINOPSE

Laura Hunt divide seu tempo entre a universidade e o estágio em um dos escritórios de arquitetura mais famosos de Londres, por esse motivo, relacionamentos não estão em seus planos. Especialmente porque a seu ver, o amor é algo inventado por filósofos bobos que querem propagar essa ideia pelo mundo.

No entanto, ela começa a mudar de opinião quando conhece Robert Collins, o novo cliente da Hankle e West Arquitetura.

Robert é naturalmente charmoso, absolutamente lindo, além de ser um dos homens mais ricos da Inglaterra; e de um dia para o outro, Laura se vê duvidando de todas as suas convicções, afinal, tudo o que começa a sentir desde o dia em que o conhece, é forte demais e ela se recusa a aceitar que seja apenas uma ilusão.

RESTA SABER SE O VIÚVO SÉRIO E EXTREMAMENTE SEXY, ESTÁ DISPOSTO A INVESTIR NO AMOR NOVAMENTE.



COPYRIGHT © 2020 CLEO LUZ

ESTA É UMA OBRA DE FICÇÃO. NOMES, PERSONAGENS, LUGARES E ACONTECIMENTOS DESCRITOS SÃO PRODUTOS DA IMAGINAÇÃO DA AUTORA. QUALQUER SEMELHANÇA COM FATOS REAIS É MERA COINCIDÊNCIA.

NENHUMA PARTE DESTA OBRA PODE SER UTILIZADA OU REPRODUZIDA POR QUAISQUER MEIOS EXISTENTES SEM A AUTORIZAÇÃO PRÉVIA E EXPRESSA DA AUTORA. A VIOLAÇÃO DOS DIREITOS AUTORAIS É CRIME ESTABELECIDO NA LEI Nº 9.610/98, PUNIDO PELO ARTIGO 184 DO CÓDIGO PENAL.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EQUIPE EDITORIAL

CAPA:
L.A. CRIATIVE

PREPARAÇÃO E DIAGRAMAÇÃO:
CINTHIA A.P.

REVISÃO FINAL:
MILA WANDER

EDIÇÃO DIGITAL | **CRIADO NO BRASIL**

SUMÁRIO

NOTA DA REVISORA

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

CAPÍTULO 37

CAPÍTULO 38

CAPÍTULO 39

CAPÍTULO 40

CAPÍTULO 41

CAPÍTULO 42

CAPÍTULO 43

CAPÍTULO 44

CAPÍTULO 45

CAPÍTULO 46

CAPÍTULO 47

CAPÍTULO 48

EPÍLOGO

BÔNUS

ROMEO STONE

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

CAPÍTULO 34

CAPÍTULO 35

CAPÍTULO 36

EPÍLOGO

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA AUTORA

FALE COM A AUTORA

NOTA DA REVISORA

O texto a seguir foi revisado de acordo com as novas Regras Ortográficas, entretanto, com o intuito de deixar a leitura mais leve e fluida, a autora usou de linguagem informal em vários momentos, especialmente nos diálogos, para que estes se aproximassem da comunicação oral cotidiana, por isso, é possível encontrar objetos que não estão em conformidade com a Gramática Normativa.

Para fácil diferenciação do leitor, termos coloquiais, gírias, estrangeirismos, neologismos, regionalismos, termos técnicos, destaques da autora, entre outros, foram grafados em itálico.

CAPÍTULO 1

Laura

Não sei dizer ao certo quantas vezes eu já havia subido no velho sótão da casa de minha avó apenas para ficar observando o que acontecia na mansão dos Collins, a propriedade que ficava do outro lado do muro. Ela sempre me fascinou de uma forma assustadora e observá-la se tornou tão natural a mim quanto respirar.

Talvez fosse todo o secretismo que os envolvia, afinal, tudo o que eu conseguia ver, além da casa, eram os seguranças, uma vez que o carro da família, com seus vidros escuros, sempre entrava e saía direto pela garagem. E mesmo morando ali quase a vida toda, nunca tive contato com ninguém, então a vontade que eu tinha de ver algum deles me corroía.

Minha curiosidade e esperança aumentavam em certa época, quando eles ofereciam um baile que reunia a elite da sociedade londrina. Ele acontecia todos os anos e desde muito nova eu subia para o meu ponto de observação, a fim de admirar os carros luxuosos de onde desciam mulheres elegantes, com vestidos deslumbrantes, acompanhadas de homens ricos e bem-nascidos.

Isso, porém, nunca impediu minha diversão. Lembrava-me de que passava a noite escutando o som da música alta e dançando valsa com meu parceiro imaginário, sonhando com o dia em que teria meu próprio par.

Ainda bem que cresci e vi que tudo isso era uma grande besteira.

— Laura, você vai chegar atrasada! — gritou vovó Grace do andar de baixo, *me* alertando do meu atraso, provavelmente, inevitável.

— Já estou indo!

Saí do sótão, entrei em meu quarto para terminar de arrumar minha bolsa e desci as escadas de dois em dois degraus.

— Quantas vezes já te falei para não fazer isso? Qualquer dia desses vai acabar caindo e se quebrando toda.

Balancei a cabeça e sorri. Ela sempre falava a mesma coisa.

— Também te amo, vovó — falei, antes de lhe dar um beijo no rosto.

— E não volte tarde! — berrou novamente, enquanto eu entrava no carro.

Sorri mais uma vez antes de girar a chave e sair em direção à universidade. Faltavam seis meses para, finalmente, me formar e me sentia mais do que satisfeita. Amava a carreira que havia escolhido, por isso estava ansiosa para um dia ter meu próprio escritório de arquitetura.

Mas antes eu precisava garantir minha vaga na Hankle & West Arquitetura, ou H&W, como nos acostumamos a falar, onde já trabalhava há alguns anos, desde o início do meu estágio. Era para lá que eu ia todas as tardes, depois das aulas. E apesar de os maiores projetos do escritório serem direcionados para a equipe da qual eu fazia parte, e de eu ser a responsável pela criação dos primeiros esboços, a arquiteta-chefe geralmente me "obrigava" a fazer tudo e, depois de pronto, assinava e executava minhas criações.

Eu tinha esperança de que as coisas melhorassem após a formatura, pois se eu fosse efetivada, aquela exploração iria acabar.

— Espero que já tenha terminado o projeto dos Sherwood. — A voz irritante da minha chefe direta anunciou sua presença.

Ruby Foster era o meu pesadelo na terra, a cobra que levava fama em cima do meu trabalho e ainda atormentava a minha vida.

Levantei o olhar da tela do computador e a encarei.

— Sim, Srta. Foster, estou terminando os últimos detalhes.

— Ótimo, quero-o sobre a minha mesa em duas horas — a bruxa falou,

com aquele sorriso cínico no rosto.

Odiava quando ela agia assim. Mas tudo que pude fazer foi concordar e ela se foi, com aquele ar superior de quem se achava a dona do mundo.

Claro que ela não era a dona do mundo, mas era amante de um dos sócios do escritório, o que já adiantava bastante a vida dela na terra.

Balancei a cabeça, pensando na injustiça de tudo aquilo. Não só da parte dela, mas dos donos e até mesmo dos outros colegas de trabalho. Eu passava a maior parte do meu dia sozinha na minha baia, sem dar papo para ninguém, por isso, conseguia fazer milagres, em contrapartida, uma parte dos funcionários ficava o dia todo de conversa e sempre atrasava a entrega dos seus projetos. Devido a isso, por meio de ordens superiores, acabava nas minhas costas a tarefa de ajudá-los a finalizar o que faltava.

Era tudo tão errado.

Rangi os dentes e tentei não pensar no quanto me sentia injustiçada. Em vez disso, foquei no projeto que teria de entregar dali a duas horas.

No final do dia resolvi ir a um pub com alguns colegas do escritório.

O pessoal do bem e escravizado, como eu.

Era quarta-feira e, como já havia finalizado os projetos pendentes, estava feliz em poder sair e descontrair com os amigos.

— E então, Laura, quando vai dar uma chance ao Peter? — Cora, uma estagiária de primeiro ano, questionou em tom de brincadeira.

Bebi um gole da minha cerveja e pensei na pergunta dela. Peter era do tipo engomadinho, ele era bonitinho, mas seguia ao pé da letra tudo o que seus pais falavam e aquilo não era algo que me atraía em um homem.

— Talvez quando o inferno congelar.

Todos na mesa gargalharam e dei graças a Deus por ele não estar ali.

— E o Travis Absoluto, meninas? — Kyle, um dos designes de interiores,

perguntou de brincadeira e todas as mulheres da mesa rechaçaram a ideia, com cara de nojo, antes de voltarem a cair na gargalhada.

Cerca de uma hora e algumas cervejas depois, eu já estava começando a ficar alegre e decidi que precisava parar e ir embora.

Minha casa ficava em uma região mais afastada do centro de Londres e eu gostava daquela distância, pois poderia ter a agitação do centro durante o dia e a tranquilidade do “campo” à noite. Especialmente porque levava apenas 20 minutos de carro para chegar à minha casa, se o trânsito estivesse bom.

Eu estava há poucos quilômetros quando escutei um barulho estranho e na mesma hora imaginei que um dos pneus tivesse furado. Parei no acostamento, desci do carro e, assim que vi que estava certa, comecei a proferir palavrões que eu nem sabia que conhecia.

Morrendo de raiva, abri o porta-malas, peguei o estepe e tudo o mais que era necessário para se trocar a droga de um pneu que, na teoria, eu sabia como fazer, mas na prática…

— Droga, droga, droga… Por que essas coisas acontecem comigo?

Já estava na sétima tentativa de tentar rodar um dos malditos parafusos e tão absorta em minha tarefa que me assustei ao ouvir:

— Você está fazendo errado.

Com o coração pulando desesperadamente, limpei as gotas de suor que escorriam pela minha testa e levantei o olhar para o dono da voz. O rapaz era alto, muito alto, ou talvez eu tivesse essa sensação por estar ajoelhada, e seu rosto, vagamente familiar.

Ele usava roupas de academia: bermuda, camiseta e tênis, e estava coberto de suor, o que indicava que estava fazendo corrida, caminhada ou algo do gênero. Sua expressão era simpática e, quando sorriu, percebi que seus dentes eram um pouco tortos.

— Na verdade, eu nunca fiz isso — respondi e dei de ombros.

Ele se abaixou ao meu lado, ficando quase da minha altura.

— Deixe que eu faça do jeito certo.

Concordei, me afastando, e fiquei analisando atentamente enquanto ele flexionava os músculos para retirar o pneu furado. Não parecia nada fácil e eu não sabia se conseguiria fazer o mesmo. Logo depois ele pegou o outro pneu e o colocou no lugar, apertando bem os parafusos.

— Pronto, Srta. Hunt, já pode voltar para casa.

— Como você sabe o me…

— Trabalho como segurança do Sr. Collins, então conheço bem a vizinhança — interrompeu, quando me viu dando um passo atrás.

— Hum, entendo — respondi, percebendo que já devia tê-lo visto durante minhas bisbilhotices.

Por mais bailes e jantares que oferecesse, a família Collins era muito reservada, devido a isso, mesmo não o conhecendo, aquilo era o mais próximo que eu já tinha chegado da casa vizinha.

— Acho que estou em desvantagem, pois não sei o seu nome — confessei, depois de uma eternidade.

— É Lewis, senhorita.

— Bom, é um prazer — falei, apertando a mão dele. — Você quer uma carona?

— Não, tenho que terminar minha corrida, mas obrigado.

— Não, eu é que agradeço por sua ajuda, acho que não teria conseguido sem você — eu disse com sinceridade.

Logo estava na estrada de novo, chegando ao meu destino cerca de dez minutos depois, mas ainda antes das oito da noite.

Bem diferente da mansão existente no terreno ao lado, a casa da vovó Grace era aconchegante e acolhedora em todos os sentidos, desde a arquitetura

clássica ao jardim que ela cuidava com amor e afeição, deixando tudo ainda mais bonito.

Quando entrei, vi que ela estava ao telefone, por isso fiquei por ali, esperando que terminasse. Vovó e eu éramos bem parecidas, tínhamos olhos verdes e cabelos loiros, mas os dela estavam tomados por fios brancos, o que, na minha opinião, dava um charme especial às suas feições britânicas. Ambas tínhamos pouco mais de 1m70 de altura e éramos esguias. A diferença estava nos meus quadris e seios, que eram um pouco mais avantajados. Isso porque puxei a minha mãe, que, apesar de ter nascido em Yorkshire, possuía parentes espanhóis em sua genealogia. Também por isso eu tinha a pele levemente dourada e não branca e avermelhada, como a maioria dos ingleses.

Depois de um minuto ela desligou e se virou em minha direção.

— Lala, por que demorou tanto? Eu estava preocupada.

Lala era a forma carinhosa como mamãe me chamava e que foi adotada pelo restante da família.

— O pneu do carro furou — expliquei enquanto dava um beijo em sua testa enrugada. — Um dos seguranças do Sr. Collins estava passando e me ajudou.

— Hum, que bom. O jantar já está pronto, vá lavar as mãos e venha comer.

— Sim, senhora.

Eu achava graça do fato de vovó ainda me tratar como criança, mas sempre fazia o que ela me mandava.

— Quem era ao telefone? — perguntei assim que me sentei à mesa.

— O baile dos Collins acontecerá nos próximos meses, então já recebi alguns telefonemas de clientes marcando horário para virem escolher o modelo e tirar as medidas dos seus vestidos de gala. Como elas têm ciência de que trabalho sozinha, sabem que devem vir com bastante antecedência, se quiserem que fiquem prontos até o dia do evento.

Minha avó trabalhou a vida toda nos melhores ateliês de Londres e ainda aceitava encomendas das suas mais antigas e fiéis clientes, socialites que todos os anos eram convidadas para as festas mais badaladas da cidade.

Apesar da idade e de ser trabalhoso, além de fazer o que mais amava, ela lucrava bastante com os eventos que aconteciam na alta sociedade de Londres. Fora que seu grupo de clientes era bem seleto, então ela não ficava exaurida e sempre tinha algum período de descanso entre um evento e outro, em que ela cuidava de suas outras paixões.

— Será que algum dia eu serei convidada? — brinquei, antes de levar um pedaço de carne à boca, e ela me lançou um olhar amoroso.

— Espero que sim, querida, e quando esse dia chegar, eu farei o vestido mais lindo que toda a Inglaterra já viu.

Nós duas gargalhamos. Vovó Grace era uma mulher espirituosa e cheia de vida.

Mesmo sendo tarde, depois do banho subi para o sótão; queria dar uma olhada na propriedade dos Collins.

Há cerca de dois anos eu havia reformado o cômodo e o transformado em escritório e canto de leitura. O espaço não era muito grande e ainda tinha um enorme desnível no teto, mas consegui colocar várias prateleiras sob medida, que comportavam meus livros favoritos e os que eu pretendia ler. Além disso, havia minha mesa de trabalho, um tapete superfofo e uma poltrona extremamente confortável, que ficava em frente à janela que dava para a casa vizinha.

Foi nela que me sentei.

Não sabia por que ainda fazia aquilo com tanta pontualidade, mas imaginava que a brincadeira de criança tivesse se tornado um hábito, ou um vício não muito saudável que não conseguia parar.

Sentei-me à janela e fiquei observando. Como sempre, os seguranças

andavam de um lado a outro, armados e com cães enormes. Após dez minutos, percebi a luz distante de um carro se aproximando dos portões e logo depois estacionando em frente à mansão.

Fiquei com os olhos arregalados quando uma mulher desceu. Ajustei meu binóculo para aproximar e melhorar a qualidade da visão, mas foi inútil, estava escuro demais para ver qualquer detalhe. Segundos depois, alguém abriu e a guiou para dentro da casa.

Permaneci ainda vários minutos ali, esperando para ver o que iria acontecer, se a tal mulher sairia de lá acompanhada de algum membro da família, ou se mais alguém chegaria, mas tudo voltou à normalidade, ou seja, era como se apenas os seguranças existissem do outro lado do muro.

CAPÍTULO 2

Laura

Por causa da minha curiosidade, eu me atrasei de verdade no dia seguinte. Fiquei tanto tempo no sótão que acabei cochilando na poltrona, tendo que me arrastar no meio da noite para a minha cama. E o pior, sem conseguir descobrir nada.

E embora tenha tomado uma xícara de café bem forte antes de sair de casa, gosto que adquiri com minha mãe quando era bem pequena, parecia um zumbi enquanto andava pelos corredores da universidade.

O mesmo aconteceu quando cheguei ao escritório, vinte minutos atrasada. Para piorar minha situação, todos já se encontravam na sala de reuniões, a qual me dirigi às pressas.

Chegando lá, respirei fundo e ultrapassei a porta, recebendo muitos olhares desaprovadores.

— Que bom que chegou, Srta. Hunt — o Sr. West falou, *me* deixando um pouco apreensiva.

Preston West era um dos sócios da firma e o chefe que eu mais respeitava, tanto pessoal como profissionalmente. Ele era um homem alto de pele azeitonada e olhos e cabelos escuros, apesar de já haver vários fios brancos entremeados. Era um arquiteto brilhante, que sempre tratava a todos com muita cordialidade e consideração, mesmo quando estava chateado com alguma coisa.

O fato de ele falar diretamente comigo e de todos estarem olhando para mim me deixou bastante intrigada.

— Boa tarde, Sr. West, desculpe o atraso. No que posso ser útil? —

perguntei enquanto ele se aproximava.

— Você tem demonstrado bastante talento ao longo desses dois anos, por isso decidi que está na hora de lhe confiarmos um cliente de extrema importância.

Um calafrio passou por todo o meu corpo ao ver que, enfim, meu trabalho seria reconhecido.

— Nosso escritório será responsável pela reforma da casa de um dos homens mais ricos e influentes da Inglaterra e queremos que faça parte da equipe.

— Claro, senhor. E quem é o cliente? — perguntei calmamente, mas por dentro estava exultante.

Ele pegou um café para si e voltou a se sentar em sua imponente cadeira de couro marrom, que eu, particularmente, achava pavorosa.

— Você cuidará da reforma que será feita na mansão de Robert Collins... — Ao ouvir aquilo eu quase passei mal. — Acredito que ele more perto de você, não é? — continuou o Sr. West.

— Si-sim, senhor — falei, de forma quase inaudível, pois não conseguia acreditar. — Mas eu não o conheço — completei.

— Poucas pessoas conhecem e ele quer que continue assim.

— Não entendi — respondi debilmente, ainda impactada com tudo aquilo.

— O Sr. Collins não quer a casa cheia de gente sem necessidade, por causa disso, decidi que você irá até lá, ouvirá o que ele quer, fará todas as medições, fará e apresentará o projeto a ele e trará os dados atualizados para a equipe, que ficará aqui. É você quem irá supervisionar a obra também e resolver qualquer problema. Esperamos o seu melhor, como sempre.

— Certo.

— Ruby fará algumas das visitas com você, não se preocupe.

Talvez ele tenha confundido minha incredulidade com nervosismo, mas nem a possibilidade de ter a companhia daquela bruxa algumas vezes iria diminuir a minha euforia.

— A primeira visita está marcada para hoje às 15h00, não se atrase — avisou e eu assenti, usando todo meu autocontrole para não começar a pular e berrar na frente daquela sala lotada.

Sempre quis entrar na mansão dos Collins, e saber que eu ajudaria a cuidar do projeto da reforma que aconteceria lá me fez sentir uma felicidade indescritível.

Mas minha euforia diminuiu um pouco ao ouvir que Ruby Foster estaria comigo, mesmo que poucas vezes. Ser informada de que ela estaria na primeira visita, então, foi um balde de água fria.

O que me confortava era saber que ela teria apenas uma breve conversa com o dono da propriedade e depois me deixaria sozinha.

— Imagino que você vá vestida desse jeito. Jeans não é uma roupa apropriada para visitar a casa de uma família distinta como os Collins — ela desdenhou pouco antes do horário de sairmos, me deixando com vontade de revirar os olhos. Parecia que aquela mulher vivia para infernizar a vida das pessoas, em especial, a minha.

— Não vejo problema com as minhas roupas. Não vou a um desfile de moda e, sim, começar uma obra.

— Cuidado com essa língua afiada, Hunt.

Quando abri a boca para responder ela girou nos calcanhares e se foi.

Fechei os olhos por alguns segundos, a fim de me acalmar, afinal, ela estava certa, eu deveria mesmo tomar cuidado, a mulher realmente não gostava de mim.

Levantei-me, fui ao banheiro para dar uma conferida no meu visual e tive que concordar com a bruxa: jeans não era apropriado, mas não podia fazer nada

quanto a isso. Então penteei o cabelo e passei apenas um batom, já que o rímel que colocara antes de sair de casa ainda estava no lugar. Aquilo melhorou em cinquenta por cento minha aparência e, com um sorriso radiante, fui pegar a minha bolsa.

Por sorte, sempre tinha um *blazer* bonito pendurado na minha cadeira. Joguei-o por cima da minha blusa de seda preta, o que deu um *up* no meu visual e quebrou um pouco a simplicidade do jeans.

Graças a Deus cada uma pôde ir em seu próprio carro. Quando terminássemos, ela iria voltar para o escritório e eu poderia ir direto para casa.

No trajeto, fiquei imaginando como seriam as feições do meu novo cliente. Era impossível não criar expectativas, quando passei tanto tempo bisbilhotando a vida dele e criando mil rostos em minha mente para aquela família.

Assim que parei o carro em frente ao imponente portão da mansão dos Collins, meu coração faltava pular fora do peito por estar no lugar que sonhei conhecer durante toda a minha infância. Poderia parecer bobagem para outras pessoas, mas, para mim, aquilo era muito importante.

— O que faz aqui, Srta. Hunt? Não diga que veio pagar pelos meus serviços de mecânico.

Tirei os óculos de sol e quase não reconheci Lewis vestido em um terno elegante.

— Olá, Lewis — cumprimentei com um sorriso. — Não, é que meu escritório foi contratado para fazer uma reforma.

Ele assentiu.

— Claro, nós fomos avisados — disse e acionou a abertura dos portões. — Boa sorte com o Sr. Collins.

O som de uma buzina me assustou antes que eu pudesse fazer mais perguntas. Ao olhar pelo retrovisor, vi o carro de Ruby atrás do meu e balancei a cabeça pela falta de educação dela.

— Aquela é a minha chefe, ela também vai entrar.

Ele assentiu e eu agradeci antes de atravessar os portões e seguir adiante, bem devagar para apreciar o jardim que, por tantos anos, contemplei de longe.

Depois de estacionar quase em frente da entrada, saí do carro e subi as escadas, parando em frente a uma porta suntuosa.

Ao olhar para trás, vi Ruby ainda dentro do carro, passando batom.

Como não seria legal entrar sem ela, resolvi esperar. Só que, de repente, a porta foi aberta por um homem muito bem vestido, calvo e sério, que devia ter entre 45 e 50 anos. Imaginei logo que fosse o mordomo, pois num lugar como aquele, numa família como aquela, era impossível não haver um.

— Boa tarde — falei, meio sem graça.

— Boa tarde, senhorita…

— Hunt. Laura Hunt. Sou a arquiteta.

— Queira entrar, por favor.

Assim que meus pés pisaram do lado de dentro da mansão, meus olhos mal puderam acreditar no que viam. Na mesma hora pensei em como alguém teria coragem de reformar algo ali. A casa era perfeita, do piso ao teto, das paredes à decoração.

Já no hall de entrada uma escada suntuosa levava ao andar superior, toda trabalhada em um mármore claro e elegante, que combinava perfeitamente com as paredes e o resto da mobília.

Ele manteve a porta aberta e assim que Ruby apareceu, perguntou:

— E a senhorita seria?

— Ruby Foster, a arquiteta-chefe do escritório.

Ele a convidou para entrar enquanto eu revirava os olhos para a forma como se apresentou.

— Meu nome é Oliver Read, eu sou o mordomo do Sr. Collins.

Acompanhem-me, por favor.

Assentimos e o seguimos pelos amplos corredores até chegarmos a uma sala enorme, maravilhosamente decorada e cheia de personalidade.

— Nossa, quanta coisa brega, pelo visto você terá *muito* trabalho — Ruby sussurrou em meu ouvido.

Ela realmente não sabia nada de nada; não entendia como podia ser a arquiteta responsável pelos grandes projetos do escritório. Quer dizer, entendia, sim.

— Falou alguma coisa, Srta. Foster?

Pelo visto, a audição do mordomo era aguçada. Ela balançou a cabeça em negação e não conseguiu disfarçar o quanto ficou sem graça. De minha parte, não consegui disfarçar o sorrisinho de satisfação por aquela repreensão velada.

— As senhoritas aceitam algo para beber?

Ambas negamos e o Sr. Read nos deixou. Sem a presença dele, me senti à vontade para averiguar o local. As janelas eram altas, com o topo arredondado. As cortinas combinavam perfeitamente com o restante da mobília. As poltronas eram elegantes, com seus detalhes dourados, e os objetos de decoração, verdadeiras relíquias, chamavam a minha atenção por sua delicadeza.

— Esse lugar é incrível! — falei num sussurro.

Ruby passou os dedos por vários objetos, procurando vestígios de pó. Meu Deus, ela era patética.

— Desculpem, senhoritas, mas o Sr. Collins está numa ligação internacional que vai demorar bastante e não poderá atendê-las. Porém, isso não as impedirá de fazer o trabalho inicial de tirar as fotos e medidas necessárias. Se me permitirem, posso levá-las até o ambiente onde será feita a reforma.

— Apenas eu ficarei aqui para fazer esse trabalho e agradeço se puder me levar até o local — falei enquanto Ruby passava por mim, afinal, se ela não conheceria o Sr. Collins, não lhe interessava ficar lá mais nem um segundo.

— Tchauzinho, Hunt.

Depois que a imprestável da Ruby foi embora, o Sr. Read me levou até o andar superior e não falou uma palavra até chegarmos em frente à uma enorme porta de madeira branca. Quando ele a abriu, deparei-me com um quarto completamente vazio e me enchi de expectativa. Seria fácil transformar aquilo em um ambiente maravilhoso e iluminado.

— Este será o primeiro cômodo a ser reformado, fique à vontade.

— Obrigada, mas tudo o que posso fazer é tirar as medidas e fotos, só poderei começar alguma coisa concreta quando o Sr. Collins me passar, exatamente, o que quer.

Ele assentiu e entrou comigo no quarto.

— O que posso adiantar, Srta. Hunt, é que deve seguir a mesma linha do resto da casa e que o Sr. Collins quer um quarto de princesa.

Todos os meus instintos falaram para eu não perguntar nada, mas a minha curiosidade sempre falava mais alto.

— E que idade tem a pessoa que o ocupará? Já quero ir pensando na cor dos papéis de parede.

— A única coisa que sei é que ela tem 7 anos. O restante das perguntas a senhorita terá que fazer diretamente ao Sr. Collins.

Concordei e comecei a tirar as medidas. Estava curiosa para saber como era o Sr. Collins e quem era a menina que ocuparia aquele quarto, mas, como sempre, tudo o que podia fazer era conjecturar.

— Me desculpe, senhorita, mas vou precisar deixá-la, pois tenho que fiscalizar os outros empregados. Por favor, desça imediatamente após terminar de fazer suas anotações.

Assenti e continuei meu trabalho.

Alguns minutos mais tarde, eu já tinha as fotos, desenhos e anotações

necessárias para começar o esboço de um projeto. Saí do quarto, fechando a porta atrás de mim, pronta para fazer o que me foi ordenado, embora minha vontade fosse explorar a casa que me fascinava há tanto tempo.

Caminhei lentamente pelo corredor em direção às escadas, observando os quadros e vasos, sabendo que todos aqueles objetos deveriam valer uma fortuna. Vi uma pintura que parecia uma das obras da fase azul do Picasso e não me contive. Se fosse verdadeiro, seria uma raridade.

Estiquei o braço e meus dedos estavam quase tocando a moldura quando uma voz grave reverberou atrás de mim:

— Acredito que não tenha sido contratada para bisbilhotar minhas obras de arte.

Meu coração disparou e encolhi minha mão na mesma hora, respirando fundo antes de me virar devagar e...

Uau, o que era aquilo? Senti um misto de admiração e espanto. O homem tinha um semblante fechado e eu poderia jurar que conseguia enxergar uma nuvem negra sobre sua cabeça, mas acima de tudo, ele era mortalmente lindo.

— Desculpe-me, senhor, não foi minha intenção, mas como arquiteta, eu…

— Atenha-se ao que foi contratada para fazer. Se já terminou, por favor, retire-se. Conversaremos outra hora.

Eu mal podia acreditar em tanta grosseria! Sim, ele era rico, lindo de morrer e se vestia como modelo, mas precisava de tudo isso?

— Sem problemas, senhor, entre em contato com o escritório quando puder me receber.

Foi tudo que consegui dizer antes de me virar e começar a caminhar.

— A saída é para o outro lado.

Voltei e, com toda a dignidade, passei por ele feito um foguete, descendo

as escadas rapidamente. Pelo jeito seria um inferno trabalhar para aquele ogro.

Saí da mansão soltando fogo pelas ventas e fui direto para o meu carro, sentindo-me tensa. Não estava acostumada a tamanha grosseria. A única pessoa que me infernizava era Ruby, mas ela não chegava aos pés do Sr. Ogro Collins.

Ao chegar à minha casa, fui direto para o meu quarto, tomei um banho, jantei e fiquei na cozinha ajudando vovó. Enquanto ela batia um bolo, eu sovava a massa do pão, o que estava me ajudando para distrair minha cabeça daquele encontro desastroso. Nunca imaginei que do outro lado do muro vivesse um homem tão amargurado; porque aquela era a única razão para tanta indelicadeza.

— O que foi, Lala? Está tão calada hoje.

Pensei um pouco, não sabia se devia ou não revelar o motivo do meu silêncio. Optei por dividir meu tormento com vovó.

— Hoje fui escalada para trabalhar em um projeto na mansão dos Collins e fiz a primeira visita na parte da tarde. — Ela parou o que fazia e levantou uma sobrancelha, esperando que eu continuasse. — Não foi como eu imaginei, o Sr. Collins é meio grosseiro.

Vovó Grace ficou alguns segundos olhando para o nada, era a expressão que ela fazia quando pensava no passado.

— Robert Collins sempre foi um homem sério. Nunca tive qualquer intimidade com ele, mas fiz muitos vestidos para sua falecida esposa.

Quase me engasguei com aquela informação. Ela nunca tinha falado abertamente a respeito deles comigo.

— Quem não o conhece pensa que ele ficou assim depois da morte da esposa, mas na verdade aquele jovem sempre foi bastante fechado.

— Por que nunca falou sobre ele, vovó?

Ela colocou a mão por cima da minha e apertou levemente.

— Porque eu a conheço o suficiente para saber que ficou balançada com

esse primeiro encontro, imagina se eu falasse que do outro lado do muro mora um dos homens mais bonitos da Inglaterra?

Não dava para negar que minha avó parecia me conhecer melhor do que eu.

— Faz tempo que ela morreu?

— Faz alguns anos, querida, mas não pense nisso agora, vamos terminar essas massas e colocá-las no forno — demandou, dando a conversa por encerrada. — Ponha a sua para descansar e pegue as cranberries na geladeira para mim, por favor.

Fiz o que ela me pediu no automático, já que minha cabeça estava em outro lugar.

Era engraçado; eu sempre bisbilhotei a casa dos Collins com meu binóculo, mas nunca pesquisei a fundo sobre suas vidas. Já havia procurado por eles na internet muitos anos atrás, mas como não achei nenhuma foto ou fofoca que não tivesse a ver com o mundo dos negócios, simplesmente desisti.

No fundo, sabia que não tinha me empenhado porque gostava da aura de mistério que envolvia a casa e a família, entretanto, a conversa com minha avó havia despertado a vontade de saber mais.

CAPÍTULO 3

Laura

Nos dois dias que se seguiram fui para a universidade e fiz alguns trabalhos na biblioteca, mas um rosto não saía da minha cabeça.

Robert Collins tinha as feições perfeitas, porém, foi seu olhar intenso e impiedoso que me perseguiu desde que saí de sua casa.

Era preocupante pensar tanto em alguém que eu havia visto apenas uma vez. Pior do que isso era estar tão ansiosa para ver um homem que tinha me tratado tão mal.

Naquele dia, eu comi apenas um sanduiche com o pessoal da minha turma para poder chegar ao escritório mais cedo. Queria adiantar algumas coisas, pois sentia que a reforma do quarto da mansão tomaria todo o meu tempo, não pelo trabalho em si, mas pelo cliente, que parecia acostumado a ter o que queria na hora que queria.

Estava finalizando um projeto quando o telefone na minha mesa tocou.

— Laura Hunt falando.

— Boa tarde, Srta. Hunt, aqui é Oliver Read. O Sr. Collins solicitou sua presença esta tarde.

Minha vontade era desligar na cara dele, mas sabia que o Sr. Read não tinha culpa de nada, apenas seguia ordens.

Depois de combinar horário com o mordomo, resolvi passar em casa e trocar de roupa antes de ir à mansão, queria estar bem vestida para esse encontro.

Parei o carro em frente à casa imponente e me preparava psicologicamente para entrar quando Lewis surgiu no meu campo de visão.

— E então, Srta. Hunt, como foi o encontro de ontem?

— Como consegue trabalhar aqui? — falei em tom de brincadeira e saí do carro.

— Necessidade.

Sorri e concordei.

— Sei como é. Bom, preciso ir e encarar a fera, até depois.

Despedi-me dele e subi as escadas, alisando meu vestido. Naquele dia eu estava mais apresentável em um tubinho creme e sapatos de salto.

Mais uma vez o mordomo abriu a porta prontamente.

— Boa tarde, Sr. Read.

— Boa tarde, senhorita. Por favor, me chame de Oliver.

— Tudo bem — falei, sorrindo.

Ele me levou até o escritório do Sr. Collins, que estava em uma ligação quando entramos.

Fiquei observando a forma como ele se movia de um lado para o outro. Os traços marcantes de um rosto belo e bem desenhado, o corpo alto, esguio e, pela largura dos ombros, bem definido.

Será que ele fazia exercícios?

Aquela casa deveria ter academia, piscina coberta e todo luxo que os ricos de verdade adoravam.

— Boa tarde, Srta. Hunt.

Eu estava tão concentrada em analisar seu porte físico que não me dei conta de que ele já havia terminado a ligação e olhava diretamente para mim.

— Boa tarde, Sr. Collins.

— Vamos ao que interessa — disse, após um breve meneio de cabeça. — Quero algo parecido com isto aqui.

Ele me entregou uma foto e eu sorri ao ver o estilo da decoração. Seria fácil atender ao seu pedido.

Robert Collins voltou a falar e em menos de cinco minutos disse tudo o que queria no quarto.

Eu estava acostumada com clientes que passavam mais de uma hora só para escolher a nova cor das paredes, então sua rapidez e praticidade me pegaram de surpresa.

— Faremos da forma que o senhor quer. Se permitir, gostaria de ficar com isto, será mais fácil para montar o projeto.

Ele fez um gesto com a mão, indicando que eu ficasse com a foto, e declarou:

— Esse primeiro projeto será um teste, dependendo de como ficar o quarto, faremos o restante dos cômodos. Por hoje é só, Srta. Hunt.

O belo homem também era naturalmente ríspido e eu teria que me acostumar com sua rudeza. E já comecei naquele momento ao lhe dar as costas e caminhar em direção à porta.

Já estava saindo do escritório quando escutei novamente a sua voz me chamando.

— Srta. Hunt?

Virei-me na mesma hora, curiosa e ridiculamente esperançosa.

— Não admito atrasos na obra. Outra coisa, sei que a senhorita foi a pessoa designada para fazer esta reforma, mas ainda é uma estagiária. Eu só aceitei porque West me garantiu que era a melhor para o que eu pretendo fazer, contudo, quero que a pessoa responsável pelos projetos entre em contato comigo.

— Ok — foi a única coisa que respondi antes de ir embora.

Eu estava muito furiosa por ele menosprezar o meu trabalho, no entanto,

não tinha como saber que *a pessoa responsável* era uma incompetente que deixaria tudo em minhas mãos e depois apenas assinaria a obra.

Chegando ao quarto, peguei a foto a fim de analisar o ambiente sob outra perspectiva, mas me peguei imaginando quem seria a garotinha que o usaria.

* * *

Uma semana depois eu estava com o projeto bem adiantado e a reforma já tinha começado, ou seja, a retirada do piso velho e do antigo papel de parede.

Nesse período fizemos duas reuniões. Em ambas estávamos acompanhados por Ruby – que a cada vez ia com um decote maior e falava mais besteiras, querendo se mostrar.

Por sorte, ele aprovou todas as minhas sugestões, o que nos fez ganhar bastante tempo.

Evitei ao máximo falar com Robert Collins nos outros dias em que estive lá. Tinha criado certa aversão a ele após as repetidas grosserias.

Mas naquele dia, infelizmente, eu não conseguiria escapar. Teria que comprar o novo piso de madeira que seria colocado, assim como o papel de parede, o carpete e o tecido das cortinas, e achava primordial que ele estivesse junto.

No entanto, era realista e sabia que um homem como ele jamais se deslocaria até uma loja de decoração comigo. Então peguei algumas amostras que combinavam com o que ele queria para que pudesse escolher o que mais lhe agradasse.

Cheguei à propriedade com cerca de meia hora de atraso, porém, já tinha avisado a Oliver que isso talvez acontecesse, pois teria de passar em algumas lojas de decoração.

Lewis me ajudou a carregar as duas caixas de amostras e, assim que entrei, pedi que o mordomo avisasse ao seu patrão que o esperaria no quarto. Não demorou para ele aparecer, vestido em um terno elegantíssimo, que não combinava em nada com o ambiente onde precisaria ficar pelos próximos minutos.

— Pois não, Srta. Hunt.

Mesmo depois de vários encontros, a voz dele e o jeito como olhava para mim me deixavam completamente desconcertada. Pigarreei da forma mais discreta possível e falei:

— Precisamos decidir alguns detalhes sobre tecidos, pisos, essas coisas…

Minha experiência com clientes abastados me ensinou que eles não gostavam nada dessa parte. Se ele fosse casado, sua esposa certamente estaria tomando as rédeas da reforma e eu mal o veria. Mas não havia esposa, por isso, fiquei esperando mais uma de suas respostas grosseiras, contudo, para meu espanto, Robert Collins passou quase duas horas ouvindo e fazendo perguntas sobre cada material que seria usado e isso me deixou incrivelmente à vontade para dar muitas sugestões.

Foi ótimo conversar com ele sem toda aquela tensão que geralmente pairava entre nós. O Sr. Collins estava singularmente calmo e me escutava com paciência. Podíamos ter nossas diferenças, mas naquele dia percebi que ele respeitava e gostava do meu trabalho e isso me deixou ainda mais animada para dar o meu melhor.

— Obrigado por ter facilitado a minha vida trazendo as amostras — ele disse, no fim, deixando-me ainda mais surpresa.

— Só estou fazendo o meu trabalho — falei, sincera.

— Um ótimo trabalho, por sinal. Você tem muito talento, Srta. Hunt.

Tive vontade de pular, mas apenas dei um largo sorriso em agradecimento.

— Obrigada, agora temos que liberar o cômodo para os pintores.

Robert assentiu e deixou o quarto enquanto eu guardava as amostras nas caixas. Desci as escadas e me acomodei na mesa cedida por Oliver, que fora gentilmente colocada em um canto escondido da sala.

— Tem um escritório ao lado da porta principal, acredito que ficaria mais à vontade nele.

Mais uma vez Robert Collins me pegou de surpresa quando eu tentava organizar minhas coisas.

— Seria ótimo, obrigada.

Esperei que ele se afastasse. Em seguida, peguei minhas tralhas e segui para o tal escritório; já sabia onde ficava, embora nunca tivesse entrado lá, e fiquei maravilhada. As paredes eram cobertas por estantes de madeira escura recheadas de livros.

Pelo visto, Robert era um apreciador da boa arte e aquela era uma qualidade que me chamava a atenção e me agradava demais; o que não era nada legal, uma vez que ele era um grosseirão na maior parte do tempo.

Obriguei-me a esquecer o homem e comecei a trabalhar.

Naquele dia fiquei mais tempo que o normal ali. Talvez porque ter um "escritório" onde podia me trancar, tornava mais fácil perder a hora procurando ideias na internet. Queria muito surpreendê-lo.

Terminei minha pesquisa e decidi que era hora de ir pra casa. Já passava das oito da noite e, apesar de vovó saber que eu estava na casa vizinha, não queria deixá-la preocupada.

Fechei a porta com cuidado e mal dei dois passos quando escutei notas de um piano. Sabia que não devia bisbilhotar, mas como de praxe, minha curiosidade sempre vencia.

Para não fazer barulho e correr o risco de ser pega, deixei meu notebook e minha bolsa sobre o aparador e segui o som. Atravessei um longo corredor até encontrar uma enorme porta de madeira entreaberta. Olhei pela fresta, mas como

não consegui enxergar nada, abri um pouco mais, com cuidado para não fazer barulho, e foi então que o vi.

Robert Collins estava sentado em frente a um piano de calda, de olhos fechados, tocando brilhantemente. Fiquei hipnotizada com a cena. Ele parecia tão calmo, tão envolvido com a música que em nada lembrava aquele homem hostil.

Balancei a cabeça. Ele me surpreendia um pouco mais na medida em que o conhecia. Talvez, por trás daquela casca grossa, existisse um homem sensível.

Voltei a puxar a porta e fui embora lentamente, ainda meio espantada com o que vi e com o que sentia; vê-lo daquela forma, tão sereno, mexeu comigo mais do que deveria.

Ao longo dos anos eu me fechei bastante para relacionamentos, o foco era terminar a universidade sem nenhuma preocupação emocional, mas era difícil ver aquele homem todos os dias e não pensar besteira.

No entanto, eu não poderia me deixar levar, por mais atraente que ele fosse, ainda era cliente do escritório e eu não arriscaria meu emprego por causa de uma aventura.

— Imagino que tenha se esquecido disso, Srta. Hunt.

Congelei quando escutei a voz dele atrás de mim. Ao me virar, vi que segurava tanto meu notebook quanto minha bolsa e arregalei os olhos, mortificada.

Meu Deus, fiquei tão atordoada que sequer percebi que tinha esquecido minhas coisas. Eu nem poderia sair daqui, já que minhas chaves estão na bolsa, pensei, aflita de tanta vergonha.

— Hum, obrigada, Sr. Collins — falei e tinha certeza de que estava corada.

Ele estendeu ambos para mim e, quando fui pegar o notebook, nossos dedos acabaram se esbarrando. Esse simples toque me fez sentir coisas estranhas.

Seu olhar demorou mais que o necessário e eu queria ter o poder de entrar em sua cabeça para descobrir o que se passava em sua mente naquele momento.

Jamais conheci uma pessoa tão fechada, misteriosa, e isso despertava a minha mais profunda curiosidade. Queria ter o poder de desvendar seus segredos.

Virei-me e andei em direção ao meu carro.

— Não precisa ficar até tão tarde, o projeto está bem adiantado.

Estaquei em frente à porta e olhei para ele.

Poderia estar enganada, mas tinha a impressão de que o Sr. Arrogante estava puxando assunto comigo.

— Não vi a hora passar. — Dei de ombros enquanto nossos olhares continuavam vidrados. Era inegável que havia uma tensão diferente entre nós.

Ele concordou com a cabeça.

— A senhorita mora aqui perto?

Definitivamente, puxando assunto.

— Na verdade, sim. Para ser mais exata, do outro lado do muro — confessei, apontando um dedo.

Ele abriu a boca, mostrando toda a sua incredulidade, o que me deixou com vontade de rir.

— Quer dizer que somos vizinhos? — ele ainda parecia duvidoso.

— Sim e é melhor eu ir, vovó já deve estar preocupada.

— Então você é neta…

— Do Warren e da Grace — falei enquanto colocava minhas coisas dentro do carro, tudo sob seu olhar atento. Não queria ir embora, preferia ficar ali, sentar nos degraus da escada com ele e conversar sobre tantas coisas, mas aquela era uma realidade muito distante de mim.

Voltei-me para ele novamente quando não tinha mais nada para fazer e me

despedi.

— Boa noite, Sr. Collins.

— Boa noite, Srta. Hunt.

Entrei no carro e rezei para não fazer nenhuma barbeiragem.

Quando estava chegando perto do portão, olhei pelo retrovisor e o vi parado com as mãos nos bolsos, olhando em minha direção. Assim que saí da propriedade, sua figura desapareceu e eu pude respirar com normalidade novamente.

Minutos depois estava em minha casa. Ainda me sentia aérea, sem conseguir acreditar que tinha conversado com ele daquela forma. Passei pela sala e fui direto para a cozinha, onde encontrei um bilhete da vovó em cima da mesa.

Deixei seu jantar no forno. Se precisar, estou no ateliê.

Como estava cansada, subi para o meu quarto, tomei um banho, coloquei um pijama confortável e decidi fazer um chocolate quente para tomar com uma fatia do pão que vovó havia feito naquela manhã. Não estava com muita fome.

Depois de pronto, subi para meu ponto de observação. Eu adorava aquele lugar, ele me era tão familiar e a reforma que fiz o deixou ainda mais aconchegante.

Sentei-me na minha poltrona, ajustei meu binóculo e o direcionei para a mansão. No entanto, o que vi quase me fez derrubá-lo, tamanho o susto. Havia uma sombra em uma das janelas do andar superior, onde ficavam os quartos.

Na mesma hora meu coração bateu desesperadamente e minha mente começou a trabalhar. Será que era o Sr. Collins? Eu já estava lá há algumas semanas, mas não tinha ido a nenhum outro cômodo que não fossem aqueles permitidos por ele (tirando a sala de música, claro). Mas como não havia

nenhum outro morador na casa, aquele devia ser o quarto dele, certo?

Mesmo com o binóculo, não dava para ter certeza se o Sr. Collins estava olhando na direção da minha casa, pois o quarto estava à meia luz e era lógico que, pela distância, ele não poderia me ver, mesmo que a luz do sótão estivesse acesa.

Todavia, em meio a tantas emoções, uma coisa não saía da minha cabeça: seria coincidência que depois de tantos anos ele aparecesse em sua janela justamente no dia em que eu falei que morava na casa ao lado?

CAPÍTULO 4

Laura

DEZ DIAS DEPOIS...

Era sábado e, desde que contara a Robert Collins que éramos vizinhos, não tive mais notícias dele.

Pelas conversas que escutei aqui e ali, concluí que havia viajado a trabalho. Também escutei Oliver falando com os empregados que “a menina iria chegar mais cedo” e no mesmo dia o escritório me pediu que aumentasse a quantidade de pessoal para que a obra fosse agilizada, de forma que estava praticamente concluída, faltando apenas os objetos de decoração que eu esperava que chegassem no máximo segunda-feira.

Sem nada para fazer, eu estava curtindo uma manhã de preguiça. Já tinha ligado a TV, mas nada havia prendido a minha atenção, por isso, naquele momento, eu tentava ler um livro, entretanto não conseguia me concentrar. Sentia-me tão inquieta e desatenta ao mesmo tempo que me assustei quando ouvi meu celular tocar.

— Alô.

— Bom dia, Srta. Hunt, aqui é o Oliver.

— Bom dia, Oliver, posso ajudar em alguma coisa?

— Na verdade, sim. Os itens de decoração que encomendou acabaram de chegar e o Sr. Collins pediu para perguntar se a senhorita poderia vir agora e terminar o quarto. As coisas se adiantaram e precisamos de tudo pronto ainda hoje. É claro que a senhorita será recompensada por esse incômodo.

— Sem problema, Oliver, estarei aí daqui a pouco.

Se fosse com outra pessoa, eu talvez reclamasse por ter que trabalhar no sábado, mas naquele caso eu jamais faria aquilo. Sabia que a minha inquietude se devia justamente porque queria vê-lo e terminar o quarto seria um ótimo pretexto.

Levantei-me, escovei os dentes, tomei um banho, sequei os cabelos e decidi vestir uma roupa prática, mas bonita. Escolhi um jeans skinny escuro, uma camiseta de seda e coloquei um blazer preto por cima. Nos pés, sapatilhas também pretas, afinal, era sábado.

Depois de pronta, tentei conter meu entusiasmo e fui ao ateliê dizer a vovó o que iria fazer. Dei-lhe um beijo e saí em seguida, sob o olhar atento daquela senhora esperta e vivida.

Cheguei à mansão uns quarenta minutos depois do telefonema de Oliver e estacionei no lugar de sempre. Foi ele quem me recebeu, mas dessa vez o homem taciturno parecia visivelmente agradecido por eu ter aceitado o pedido de seu patrão tão prontamente.

— Quando terminar, dirija-se ao escritório do Sr. Collins, ele estará aguardando pela senhorita — falou, antes de sumir.

Subi para o quarto e encontrei uma empregada à minha espera. Enquanto ela ia tirando os objetos da caixa ou desenrolando do plástico bolha, eu ia colocando cada um em seu devido lugar. E apesar de ter escolhido tudo aquilo pessoalmente, ficava maravilhada com cada item que ela me entregava, com cada lençol e almofada que arrumava, com os quadros e o tapete extremamente macio.

Depois de tudo no lugar, chegou a hora de guardar o que não seria usado imediatamente, ou seja, os jogos de lençóis e toalhas que ficariam no roupeiro. Aqueles itens haviam chegado no dia anterior e já estavam perfeitamente lavados e passados. Quase duas horas de arrumação depois, o quarto estava

absolutamente magnífico.

Depois de tudo pronto, agradeci à minha ajudante, coloquei meu blazer e desci para o andar inferior. A cada passo que dava em direção ao escritório o meu coração acelerava e algo se contorcia no meu estômago. Eu estava ansiosa, louca para vê-lo, e quando finalmente parei em frente à sua porta, me sentia uma adolescente prestes a encontrar o bonitão da escola. Após respirar profundamente, dei duas batidas e aguardei.

— Entre.

Assim que passei pela porta, nossos olhares se cruzaram e mais uma vez senti aquela tensão que havia nos cercado em nosso último encontro.

— O senhor pediu para falar comigo?

Ele assentiu e apontou a cadeira à sua frente.

— Passei pelo quarto ontem à noite. Ele ainda não estava totalmente pronto, mas já parecia perfeito. Só posso imaginar como está agora.

Uma indecifrável onda de satisfação me invadiu, era exatamente isso que eu queria ouvir. Não pude conter meu sorriso, pois estava genuinamente feliz com o elogio.

— Bom, se quiser conferir o quarto agora, já está completo.

Ele concordou e fomos até lá. O Sr. Collins abriu a porta e ficou parado por segundos intermináveis antes de falar alguma coisa.

— Parece um verdadeiro quarto de princesa.

— Sim, parece mesmo.

Ele entrou e andou pelo cômodo, passou os dedos pela colcha, tocou o abajur, o porta-retratos e, por fim, as cortinas sob medida.

Da porta, eu fiquei observando seus movimentos. Seu porte não era apenas elegante, Robert Collins exalava um tipo de charme que poucos homens possuíam.

— Este quarto será ocupado por uma garotinha muito especial e eu sei que ela ficará feliz quando vir o que foi preparado para ela — afirmou e depois caminhou até a janela, com as mãos enfiadas nos bolsos.

— Fico feliz em saber — falei de forma tímida. Ele me deixava ainda mais nervosa quando era simpático.

Ficamos em silêncio, ele olhando pela janela, e eu, olhando para ele, esperando mais algum comentário, uma ordem, uma reação.

— Você já almoçou? — ele perguntou antes de se virar e pegar uma caixinha de joias que estava sobre a cômoda.

A pergunta me intrigou, por isso olhei meu telefone. Já era quase uma da tarde. Só então percebi o quanto estava com fome.

— Na verdade, não tomei nem o desjejum.

Arrependi-me no momento em que terminei de falar e me senti ainda pior quando ele voltou os olhos culpados para mim.

— Perdoe todo esse incômodo, mas estava ansioso para que tudo ficasse pronto.

Concordei com a cabeça, sentindo-me patética por não saber o que falar com ele. Toda a desenvoltura que eu tinha com os demais clientes do escritório sumia quando estava com aquele homem.

— Aceita almoçar comigo? — ele perguntou e, se eu não estivesse encostada no batente da porta, com certeza teria caído dura no chão.

— Hum…

— Eu insisto.

— Tudo bem — falei em um fio de voz, mas com o coração querendo sair pela boca.

Não seja boba, Laura, ele só está agradecido por você ter terminado o quarto no seu dia de folga.

Descemos em silêncio e ele me guiou até a sala onde o almoço seria servido.

Oliver e outras duas empregadas estavam em pé próximos à mesa. Imediatamente uma delas se afastou e foi em direção à cozinha. O próprio Sr. Collins puxou uma cadeira para que eu me acomodasse e depois se sentou na ponta da mesa.

Quase que imediatamente a criada que havia saído voltou com uma bandeja. Eram tantos talheres e taças que eu ficaria perdida se não fossem os bons colégios em que estudei e as aulas de etiqueta que a vovó me dera.

A entrada foi uma deliciosa salada, seguida por cordeiro com batatas douradas como prato principal, que estava divino.

— Espero que esteja tudo ao seu agrado.

— Está, sim, Sr. Collins.

— Ótimo — disse, enquanto levava sua taça de vinho aos lábios.

Era tão surreal estar com meu vizinho daquela forma que, se não fosse ele para puxar conversa comigo, tinha certeza de que permaneceríamos completamente calados.

Mas ainda assim, por mais que eu quisesse fazer perguntas um pouco mais pessoais, foi impossível, porque tudo o que ele me perguntou foi de cunho profissional, então precisei, mais uma vez, conter minha curiosidade.

A sobremesa chegou. E se eu tinha gostado da refeição, naquela hora eu quase entrei em êxtase; tanto que, sem perceber, fechei os olhos e gemi em satisfação ao levar uma colherada à boca.

— Pelo visto gosta de doces.

Olhei para ele, um pouco envergonhada, e respondi:

— É uma de minhas fraquezas.

Ele sorriu discretamente e eu fiquei deslumbrada.

Robert Collins mantinha as feições sempre fechadas, por isso, quando oferecia um de seus raros sorrisos, era o mesmo que ver o sol depois de uma intensa tempestade.

Meu Deus, eu certamente poderia me acostumar com isso.

Ele estava tão diferente comigo naquele dia, era como se a nuvem negra que o acompanhava estivesse se dissipando.

Depois que terminei a sobremesa não tinha mais motivos para continuar ali, então era hora de me despedir.

— Obrigada pelo almoço, estava tudo delicioso — agradeci e já ia me levantar quando senti sua mão segurar a minha por cima da mesa, com o intuito de me impedir.

— Tem algo importante para fazer hoje? — perguntou.

— Não há muito o que fazer nessa parte de Londres.

Ele deu um sorriso um pouco maior daquela vez, afastou a cadeira e se levantou.

— Só se for do outro lado do muro, porque aqui temos muitas coisas para fazer.

Ele estendeu a mão em minha direção e eu arregalei os olhos.

O que fizeram com aquele ogro de um mês atrás? E quem é esse príncipe que colocaram no lugar dele?

Olhei para os dedos elegantes e depois para os lados, notando que até os empregados pareciam surpresos com o gesto do patrão.

Aceitei sua mão e ele me guiou pelos amplos corredores até chegarmos em frente a uma porta dupla e percebi que era a sala onde ele estivera tocando piano. Assim que ele a abriu fiquei paralisada e em seguida encantada quando que não havia apenas um piano ali, mas umas duas dúzias de de obras de arte que iam de quadros famosos a porcelanas Ming. Pelo que via ali, ele era um colecionador.

— Nossa, esse lugar é incrível!

— Não fui justo com você na primeira vez que nos vimos. A verdade é que eu gosto que apreciem minhas obras, só não estava em um bom dia, então, fique à vontade.

E foi exatamente isso que eu fiz; passei quase duas horas com o Sr. Collins naquela sala, admirando quadro por quadro, enquanto ele me explicava em que parte do mundo havia conseguido arrematar cada um deles. Ele tinha um tesouro dentro de casa. Não apenas material, mas em verdadeira beleza e preciosidade.

Depois que saímos do salão de obras de arte, não tinha por que estender a minha visita, a despedida seria inevitável.

— Obrigada por tudo, Sr. Collins, mas agora tenho que ir. Quero ver se minha avó precisa de ajuda.

— Eu a acompanho até a saída.

Eu assenti e viramos à direita em um dos corredores, contudo, eu não vi o degrau à minha frente e acabei me desequilibrando. Se não fosse o movimento rápido do Sr. Collins ao me segurar pela cintura, eu certamente teria caído. Aquela ação, no entanto, deixou nossos corpos colados, um de frente para o outro, de modo que eu podia sentir a respiração dele no meu rosto e o cheiro do perfume que exalava de sua pele.

O homem desceu o olhar e encarou a minha boca de um jeito bastante sugestivo, que fez meu coração disparar.

Ah, se eu fosse mais corajosa.

— Desculpe incomodá-lo, Sr. Collins, mas a menina Charlotte acabou de chegar.

Ele me soltou e se afastou ao ouvir a voz de Oliver.

— Diga a ela que já estou indo — respondeu, sem tirar os olhos dos meus.

— Pode ir, não se preocupe comigo, já conheço a saída. E, mais uma vez,

obrigada — falei e mal escutei sua resposta, pois saí apressadamente em direção a uma porta lateral que, eu sabia, daria no jardim.

Parei por alguns segundos lá fora. Estava me sentindo abalada por ter estado nos braços dele. Foi uma sensação deliciosa que eu não esqueceria tão cedo.

Cheguei *em* casa e subi direto para o meu quarto; precisava de um banho, mas daquela vez tinha que ser frio para acalmar os meus nervos. Robert Collins estava mexendo comigo de uma maneira assustadora.

CAPÍTULO 5

Laura

Passei o domingo pensando nas horas que fiquei em companhia do meu vizinho. Ainda tentei ajudar vovó com alguns bordados, mas minha cabeça estava distante e ela me expulsou do ateliê. Fui para o meu quarto e, claro, voltei a pensar nele, era inegável a atração que eu sentia. Mas o problema era o fato de ele ser cliente do escritório, aquilo poderia me colocar em maus lençóis.

Pior que isso, eu tinha criado aversão a qualquer tipo de relacionamento, após ter levado um grande fora. Isso acontecera anos atrás, mas era como se ainda conseguisse sentir o gosto amargo da desilusão.

E se acontecesse de novo?

A segunda-feira chegou rápido, na parte da manhã fui a universidade e à tarde, quando cheguei ao escritório, havia alguns burburinhos pelos corredores.

— O que está acontecendo, visita da rainha? — brinquei com uma das minhas colegas.

— Quase isso. Robert Collins está trancado na sala do Sr. West há quase uma hora.

Aquele velho frio na barriga se instalou no meu estômago ao escutar o nome dele.

O que será que ele estava fazendo ali? Certamente não estava reclamando do meu trabalho, uma vez que disse ter gostado do que fiz. Será que mentiu?

— O que você aprontou, Hunt? — perguntou Travis, com seu jeito arrogante que eu aprendi a odiar depois de algumas semanas de convivência.

Travis Douglas começou a estagiar no escritório ao mesmo tempo que eu e

nós nunca nos demos bem. Primeiro porque ele deu em cima de mim e como eu não aceitei seus avanços, ele contraiu uma antipatia crônica com relação a mim. Por causa disso ficamos em equipes diferentes, algo pelo que agradecia até hoje. Segundo, porque West via potencial nos dois, por esse motivo nos mantinha no escritório mesmo sabendo de nossas diferenças. Só que isso acabou gerando uma disputa entre nós, que era de conhecimento de todos.

— Não fiz nada. Ele adorou o quarto que eu preparei, pelo menos foi o que me falou semana passada.

— Talvez ele tenha mentido.

Engoli em seco. Talvez fosse isso mesmo, apesar de achar que o Sr. Collins não era esse tipo de homem.

Oh, será que tinha a ver com o que aconteceu depois do almoço no sábado? Será que ele tinha se arrependido da forma como agiu comigo?

Fiquei retorcendo as mãos até que vi a porta do escritório se abrir e ele e meu chefe saírem e caminharem por entre as baias dos funcionários. Percebi que as mulheres se derretiam a cada passo que ele dava e fiquei morta de vergonha quando pararam em frente à minha mesa.

— Boa tarde, Srta. Hunt. Gostaria que acompanhasse o Sr. Collins.

Como assim acompanhá-lo? Para onde?

Levantei-me sob o olhar atento de todos os meus colegas.

— E para onde vamos?

— Para a minha casa. Eu havia lhe dito que o quarto seria um teste, e como você passou com maestria, gostaria que cuidasse da reforma dos outros cômodos. Sei que dará trabalho, mas acredito que seja competente o suficiente para isso.

Foi como se ele tivesse tirado uma bigorna dos meus ombros.

— Oh! Será uma honra.

— Vamos, então.

Mesmo estando muito sem graça por todos estarem me olhando, assenti, peguei minhas coisas e o segui para fora do escritório.

Durante o caminho até a mansão, fiquei analisando mentalmente todas as mudanças sutis que estavam acontecendo tanto no comportamento dele quanto nos meus sentimentos. Ainda que Robert Collins tivesse mudado de atitude e baixado a guarda, eu não podia me esquecer de que éramos diferentes demais. Se eu me deixasse levar pelo que meu corpo sentia sempre que o via, ou em apenas ouvir o nome dele, podia acabar muito magoada.

Por causa do horário, em 20 minutos estávamos na propriedade. Daquela vez, o próprio Robert mostrou os cômodos a serem reformados. Com paciência, riqueza de detalhes e o profissionalismo de costume, ele foi me dizendo o que queria. Aquele Robert em nada lembrava o homem galante do almoço de sábado e o melhor que eu tinha a fazer era desencanar.

Após perguntar se eu tinha alguma dúvida, ele me deixou sozinha para tirar fotos e medidas. Aproveitei para fazer um rápido esboço, enquanto estava com tudo o que ele falou fresco na memória e juntei outras ideias às anotações que tinha feito enquanto ele falava.

Como ainda estava cedo, dirigi-me ao cômodo que foi designado como meu escritório, liguei meu notebook e trabalhei por cerca de duas horas.

Quando saí, não encontrei nem o Sr. Collins, nem o Oliver.

* * *

Três dias haviam se passado desde a minha última visita à mansão de Robert Collins. Como ele fora bem claro sobre o que queria, inclusive em

relação aos móveis que desejava colocar no local, eu já tinha conseguido fazer um esboço bem detalhado do que tinha pensado para o ambiente. Precisava apenas mostrar a ele e esperar suas considerações.

Quando cheguei à Hankle & West no início da tarde, havia certa agitação, com grupos de pessoas reunidos numa só baia, todos falando ao mesmo tempo; eu não podia entender como alguém conseguia se concentrar naquele lugar.

Graças a Deus eu só teria que falar com o Sr. West e depois poderia ir para a mansão. Mas antes precisava tomar meu primeiro café vespertino antes de ir falar com ele; diferente da grande maioria dos ingleses, eu havia aprendido a apreciar o café com minha mãe e só funcionava direito após tomar uma boa dose.

Ao me aproximar da cafeteira, que ficava em um canto, no final do corredor, encontrei a Vicky. Ela era arquiteta, designer gráfica e também uma das pessoas mais legais dali. Com seu bom humor e jovialidade ela tinha me conquistado e poderia falar que a considerava minha amiga.

— Oi, Laura, como está indo a reforma?

Vicky estivera de atestado nos últimos dias, portanto não sabia sobre o novo projeto.

— Fechamos outro contrato — falei, orgulhosa.

— É mesmo? Meus parabéns!

— Obrigada.

— Se for precisar de projetos 3D, pode passar para mim.

— Farei isso, muito obrigada.

Ela se foi, então eu peguei meu café e me dirigi diretamente para a sala do meu chefe. Conversaria logo com ele e daria o fora daquela loucura generalizada.

Ao chegar lá, a secretária dele já estava me aguardando e autorizou minha

entrada.

— Como vai, Srta. Hunt? — West perguntou, estendendo a mão.

Sorri, retribuindo o gesto, e me sentei em uma cadeira à sua frente.

— Ótima.

— Que bom. E como vão as coisas com Robert Collins?

— Ele é bem exigente, mas acredito que confia no nosso trabalho.

West assentiu e ficou me analisando.

— Laura, imagino que você já saiba, mas deixe-me reiterar. Robert Collins é um dos homens mais ricos da Inglaterra, tem investimentos em uma vasta cadeia de negócios.

Balancei a cabeça, concordando, pois tinha uma boa noção de toda a riqueza do nosso cliente. Ele continuou:

— Há rumores de que Collins também esteja querendo modernizar toda sua rede de bancos. Seria um projeto milionário e eu gostaria muito que você estivesse na equipe. Mas, como eu te disse, são apenas rumores.

West era uma raposa velha e ao seu modo estava dando a dica de que, se eu fizesse um bom trabalho, poderíamos ganhar um projeto maior e mais lucrativo. Aquela foi a forma que ele encontrou de pedir que eu desse tudo de mim.

— Vou fazer o meu melhor para agradar o nosso cliente.

O sorriso dele se iluminou e só então percebi o quanto minhas palavras saíram estranhas, talvez até com duplo sentido.

— Ótimo, Laura, era só isso, e se precisar de qualquer coisa, me ligue — disse, ajeitando os papeis em sua mesa, sinal de que eu estava dispensada.

Após essa pequena reunião, cumprimentei alguns funcionários e saí, queria ir para meu escritório na mansão para poder ter sossego e conseguir pensar no meu novo projeto.

Enquanto dirigia até a propriedade do meu novo cliente, fiquei imaginando que Ruby Foster deveria estar furiosa com os últimos acontecimentos.

Tudo bem que eu não iria assinar os projetos e que já estava acostumada a fazer todo o trabalho duro e deixar os louros da fama para ela, no entanto, aquilo não me incomodou e eu sabia que o motivo era ele.

Aquela casa era tão silenciosa à tarde, que às vezes eu tinha a impressão de que ninguém vivia nela. Parecia até que os funcionários eram treinados para não fazerem barulho, de forma que os únicos sons vinham do cômodo em obras.

Com ou sem barulho, eu me sentia bem naquele lugar, a energia era muito boa e não fazia mal algum que tivesse tanto luxo associado à limpeza e organização, o que era compreensível, haja vista a quantidade de empregados que existiam ali.

— Atrapalho?

Virei-me ao escutar a voz de Robert Collins. Ele estava encostado no batente da porta, com os braços cruzados, olhando diretamente para mim.

Nós havíamos conversado mais cedo, quando cheguei à mansão e, graças a Deus, ele havia ficado bastante satisfeito com o que eu tinha feito e me autorizado a começar os trabalhos. Não tinha ideia do que poderia querer comigo.

— Na verdade, não, já terminei por hoje e estava me preparando para ir embora.

— Tem um minuto? Quero que conheça uma pessoa.

Concordei com a cabeça e o segui para o andar superior. Ele parou em frente ao quarto reformado e, assim que abriu a porta, avistei uma linda garota sentada no tapete, digitando em um tablet.

— Charlotte, gostaria de lhe apresentar Laura Hunt, ela é a responsável pela decoração do seu quarto.

A menina levantou o olhar e seus belos olhos azuis, tão parecidos com os

de Robert, me fizeram questionar se ela não seria filha dele.

— Olá, Charlotte, prazer em conhecê-la.

A menina deu um leve aceno com a cabeça e voltou sua atenção para o tablet.

— Acho que ela não gostou de mim — sussurrei para que somente ele escutasse.

— Vamos deixar você brincar, mais tarde o Oliver vem te buscar para o jantar.

Ela continuou digitando e não nos deu mais atenção. Ele fechou a porta e caminhamos em direção à escada.

— Char é meio fechada. Mesmo comigo ela fica estranha às vezes, tenha paciência e logo serão boas amigas.

— Ela é sua filha? — perguntei sem pensar, mas não me arrependi, estava curiosa para saber.

— Faria alguma diferença se fosse?

Ah... que bola fora.

— Óbvio que não! E me desculpe se a pergunta foi indiscreta, mas como me apresentou a ela…

Sr. Collins ficou em silêncio e toda a minha segurança em ter feito a pergunta foi pelos ares. Eu já ia pedir licença e ir embora quando ele falou:

— Não, Charlotte não é minha filha, ela é minha sobrinha. Minha irmã a teve muito nova, mas não tem nenhuma responsabilidade com a menina. Ela estava em um colégio interno, mas decidi que já era hora de ela voltar para Londres. Acho que isso responde a todas as suas perguntas.

— Sim, foi bem esclarecedor. Se eu puder ajudar em algo, me avise.

Não sei, talvez porque ele parecesse perdido, mas senti vontade de lhe falar isso.

— Obrigado, acho que será bom para ela ter uma figura feminina por perto.

Concordei e voltamos a caminhar.

Fomos até o escritório para que eu pegasse as minhas coisas e depois ele teve a gentileza de me levar até a porta.

— Boa noite, senhor.

— Escute, nós iremos trabalhar bastante tempo juntos e acho essa formalidade um pouco demais. Penso que está tudo bem se me chamar de Robert, se você não se importar que eu a chame de Laura, claro.

— Não! Quer dizer, se o senh… digo, se você prefere, para mim tudo bem.

— Prefiro. Até porque não sou tão velho assim — brincou, me oferecendo um meio sorriso.

Lindo!

Retribuí o sorriso e falei:

— Não, não é. Então, boa noite.

— Boa noite, Laura.

Senti que uma batida falhou no meu coração ao escutá-lo me chamar pelo nome.

Ao sair da propriedade fiquei com aquela sensação de que as coisas haviam mudado novamente entre nós. Mas será que tinham mesmo ou eu estava sendo boba?

Vovó já estava dormindo quando eu cheguei, então fui para a cozinha procurar algo para comer. Fiz meu prato e, enquanto a comida esquentava no micro-ondas, lembrei-me de que, antes de ir para a mansão, precisava passar no escritório, pois o Sr. West havia solicitado uma reunião comigo para saber mais detalhes da obra.

Robert deveria ser um supercliente mesmo, pois meu chefe me pedia

atualizações diárias, como se quisesse agradá-lo a qualquer custo, inclusive mostrando o quanto estava interessado com o que acontecia.

Peguei meu prato e em vez de ir para a mesa, resolvi jantar no balcão da cozinha. Mas antes mesmo de me sentar, tive a brilhante ideia de pesquisar sobre a vida de Robert na internet. Nunca havia procurado por não ter um nome para associar ao sobrenome, mas com todas as palavras-chave em mãos, não havia nada que o deus Google não revelasse nos dias atuais.

Peguei meu notebook, coloquei-o em frente ao meu prato e digitei seu nome. A primeira coisa que vi foi uma pequena biografia do lado direito da tela. Robert Harry Collins, 34 anos, herdeiro do Grupo Collins… Então eles discorriam a respeito de suas empresas, especialmente o CB (Collins Bank) , um dos maiores da Inglaterra. Saí dali e fui procurar por imagens dele. Fiquei surpresa por haver poucas fotos e mais surpresa ainda por em apenas cinco delas ele estar com sua falecida esposa. Stacy Collins era simplesmente linda, parecia uma princesa.

Analisei todas as fotos e repreendi a mim mesma por sentir ciúmes do sorriso que ele direcionava a ela em cada imagem. Era tão nítido o quanto Robert a amava que qualquer fotógrafo conseguia capturar esse sentimento.

Depois de bisbilhotar bastante, desliguei o computador e me senti patética por ter ciúmes de uma pessoa que já estava em outro plano, sem contar que era duplamente ridículo me sentir daquela forma quando um homem com o pedigree de Robert deveria ter as mulheres mais lindas do mundo em seu pé.

Encarei a comida no meu prato, que tinha ficado gelada. Eu havia colocado umas cinco garfadas na boca e odiava desperdiçar alimento, mas tinha perdido toda a vontade de comer. Lavei a louça e fui para o meu quarto. Diferente das outras vezes, não tive vontade de subir até o sótão.

CAPÍTULO 6

Robert

Enquanto analisava alguns documentos em meu escritório, escutava ao fundo a inconfundível voz de Laura Hunt, minha nova arquiteta, e aquilo tirou a minha concentração.

Levantei-me e andei até a janela que dava para o pomar.

Em um primeiro momento fiquei um pouco receoso de deixar uma garota que ainda nem tinha se formado cuidar da reforma da minha mansão, West, todavia, foi enfático ao falar que eu iria me surpreender com seu portfólio e criatividade. Segundo ele, Laura era sua garota prodígio e seria contratada assim que se formasse.

Bom, ele estava certo. Ela havia me surpreendido e continuava fazendo isso.

O problema era que minha admiração não se limitava ao seu trabalho.

Além de ser incrivelmente talentosa, Laura era linda, inteligente, bem-humorada e muito discreta, algo que eu apreciava demais.

Nas primeiras vezes em que nos encontramos eu mantive certa distância. Queria observá-la para tirar minhas próprias conclusões e, após a tarde que passamos juntos, no último sábado, consegui fazer uma análise mais completa e descobri que ela também estava atraída por mim. Isso ficava nítido na forma como me olhava, na respiração descompassada e na tensão que se apossava dela quando eu me aproximava.

Em um primeiro momento achei que tudo isso se devesse ao receio de ter que lidar pessoalmente comigo, afinal, como estagiária, ela ainda não devia ter

lidado com tantos clientes assim. Mas naquele almoço eu percebi que seus olhos não conseguiam disfarçar o que o resto do corpo tentava esconder.

A atração era mútua e eu ainda não sabia o que fazer sobre isso.

— Tio Robert, posso falar com você? — perguntou Charlotte, entrando em meu escritório.

— Claro, meu amor, do que você precisa?

— Eu queria agradecer pelo meu quarto novo, ficou perfeito.

Sorri, feliz por saber que ela havia gostado.

Eu sempre fui muito presente na vida de Charlotte. Fui eu e Stacy quem a criamos no seu primeiro anos de vida e depois que Kate a pegou de volta, fui eu quem provi o que ela precisava, depois paguei por seus estudos e a visitava sempre que podia. Infelizmente isso não foi suficiente para saber o grau de negligência de minha irmã.

Kate sempre fora dissimulada, mas nunca imaginei que seria tão descuidada com a filha.

Charlotte estudava em um semi-internato, onde as alunas tinham que voltar para casa toda sexta-feira e retornar para lá no domingo à noite ou na segunda pela manhã.

Por mim, minha sobrinha nunca teria ido para um colégio interno, mas saber que ela ficava lá durante a semana evitava que eu ficasse preocupado com a forma como estava sendo tratada pela mãe.

Não que Kate fosse violenta, ela apenas não ligava o suficiente.

Mas quando recebi um telefonema da escola às 20h, dizendo que Charlotte estava doente e que, embora já tivessem chamado sua mãe, ela ainda não havia aparecido, decidi que tinha passado da hora de eu cuidar pessoalmente dela e isso incluía lhe dar um lar.

Infelizmente, por mais certo que eu estivesse, no que dizia respeito a

guarda, a mãe tinha prioridade e o fato de ela nunca ter batido em Charlotte fez com que os trâmites referentes a troca de custódia se prolongassem. E ela teria ganhado, se eu não tivesse ameaçado tirar a mesada que lhe dava todo mês. A perspectiva de ficar sem o único dinheiro que recebia a fez retroceder e me dar os direitos sobre Charlotte de “livre e espontânea vontade”, com o intuito de “oferecer o melhor para a filha”.

Mas antes disso travamos uma batalha na justiça, até que ela se deu conta de que seria muito melhor deixar a menina comigo e ainda ganhar muito dinheiro

Balancei a cabeça, pensando no quanto a vida era injusta às vezes. Minha esposa e eu tentamos engravidar por muito tempo e nunca conseguimos, já Kate, uma mulher instável e sem nenhum senso de responsabilidade, acabou engravidando de um namorado qualquer, um cara tão irresponsável quanto ela que provavelmente nunca tinha visto a filha.

Graças a Deus ela estava comigo e eu não deixaria que nada lhe faltasse.

— Que bom que gostou, querida.

Naquela semana ela começaria a estudar em um colégio novo e retornaria para casa todos os dias, de forma que era ótimo que tivesse um lugar como aquele para voltar.

— Agradeça a Laura, foi ela que projetou cada detalhe — complementei.

Charlotte era muito sozinha e, já que as reformas que pretendia fazer levariam alguns meses, seria interessante que elas se conhecessem melhor.

— Você gosta dela, tio?

A pergunta me pegou desprevenido e me deixou curioso.

— Como assim?

— Sei lá — deu de ombros —, é que ela é bonita — completou.

— Sim, ela é bonita, mas é somente nossa arquiteta — expliquei, mas ela

não pareceu dar muita importância. Apenas deu de ombros novamente e propôs:

— Podemos fazer um lanche?

Assenti e segui com ela para a cozinha, mas no caminho avistei minha arquiteta conversando com o responsável pela mão de obra.

Ela ria de algo que ele falava e aquilo me intrigou. Laura era sempre tão contida comigo que ver toda aquela espontaneidade dirigida à outra pessoa me deixou um pouco incomodado.

Parei de pensar naquilo quando chegamos à cozinha. Cinco minutos depois Rosie estava nos servindo chá e o sanduíche que Charlotte gostava.

Depois de comer, ela voltou para o seu quarto, já eu, fui procurar por Laura e a encontrei no escritório que lhe havia cedido para trabalhar durante a reforma.

Ela estava inclinada sobre a mesa e foi impossível não olhar para sua bunda, que estava totalmente voltada para a porta.

Pigarreei para alertar a minha presença e ela se virou, assustada, deixando a lapiseira cair no chão.

— Você quase me matou de susto! — falou, levando a mão ao peito.

— Não foi minha intenção — expliquei, abaixando-me para pegar a lapiseira.

Foi impossível não olhar para suas pernas bem torneadas. Laura tinha um corpo bonito, com curvas delicadas e femininas, exatamente do tipo que me deixava atraído.

— Aqui está — falei, estendendo o objeto.

— Ah, obrigada — agradeceu, sem jeito.

Deliciosamente sem jeito.

Eu adorava vê-la toda nervosa em minha presença. *Me* deliciava com suas faces coradas e seu peito subindo e descendo.

— Precisa de alguma coisa? — perguntou, por fim.

— Gostaria de saber sobre os móveis que encomendamos.

Na verdade, não estava nem um pouco interessado, mas era um ótimo pretexto para passar algum tempo com ela.

— A entrega está dentro do prazo, creio que devem chegar logo.

Assenti e continuei encarando seu rosto, por isso ela logo começou a falar sobre as aberturas que teria que fazer para a chegada das peças.

Eu havia escolhido esculturas e móveis grandes demais, de modo que seria impossível entrar na sala.

Foi bem imprudente de minha parte, no entanto, ela disse que já estava articulando algumas ideias para resolver o problema.

Eu apreciava seu jeito otimista. Para Laura, tudo era possível. Além disso, ela tinha uma forma muito positiva de ver a vida, bem diferente de mim. Mas em vez de me repelir com sua jovialidade, eu ficava cada dia mais encantado.

Ficamos por quase uma hora conversando o que poderia ser feito, falando sobre os prós e contras de cada ideia.

Quando terminamos, ela desligou o computador, pegou suas coisas e se despediu.

Senti vontade de convidá-la para um vinho, queria saber mais sobre ela, mas meu celular tocou e Laura acabou indo embora.

— Alô.

— Oi, Robert, é Celine Windsor.

Eu sabia que era ela, mas Celine adorava ostentar o sobrenome da realeza britânica. Aquilo me enervava um pouco.

— Como você está?

— Perfeita e você, querido?

Celine e eu nos conhecemos há dois anos, na festa de aniversário de seu avô, e continuamos mantendo contato.

Nosso caso era estranho, nós já havíamos passado várias noites juntos, nos encontrávamos em viagens e nos dávamos muito bem, mesmo assim, a coisa nunca engrenava.

Do ponto de vista social, ela era a candidata perfeita, só que eu nunca me importei com essas coisas.

Além disso, Celine gostava de ser livre, de viajar e passar meses longe da família controladora, e esse era apenas mais um motivo para nunca ter querido começar algo mais sério.

Entre as altas rodas, entretanto, havia especulações de que um dia assumíssemos alguma coisa.

— Ótimo também. Está em Londres? — perguntei.

— Sim, cheguei ontem e estou morrendo de saudades. Podemos nos ver? — perguntou de maneira manhosa.

— Tudo bem.

— Então venha, vou colocar um vinho para esfriar.

Assim que ela desligou, subi para minha suíte, tomei um banho e, depois de pedir a Rosie que ficasse de olho em Charlotte, segui para o apartamento de Celine.

Não era o corpo dela que dominava os meus pensamentos, mas se ela queria diversão, era o que teríamos naquela noite.

CAPÍTULO 7

Laura

Naquele dia eu iria até a empresa da mão de obra que terceirizava serviços para o meu escritório. Mesmo estando trabalhando conosco há muitos anos, não foram eles que fizeram a reforma no quarto de Charlotte, pois não tinham disponibilidade de pessoal na época. Devido a isso, achei que seria importante ir até lá e informar ao Jack, o dono e encarregado, que os funcionários tinham que estar cientes de que Robert Collins não era um cliente qualquer, que além de tudo ter que ser feito de forma primorosa, as demais dependências da casa deveriam ser mantidas as mais limpas e organizadas possíveis durante todo o processo.

Não que o grupo anterior tivesse feito um trabalho ruim, pelo contrário, mas Jack e a turma dele já sabiam como eu gostava de trabalhar, de forma que facilitava muito a minha vida, pois ele não tinha que ficar o tempo todo me ligando ou chamando para perguntar alguma coisa.

Claro que isso também tinha um pouco de egoísmo. Minha esperança era de se esse rumor se concretizasse e West conseguisse o contrato de reforma dos bancos, eu finalmente conseguisse um cargo definitivo e talvez até de gerência de grupo no escritório, porque viver com Ruby como minha sombra e ganhando prestígio às minhas custas era desanimador e eu não sabia se suportaria por muito mais tempo.

Minha reunião com a empreiteira foi rápida e eles começariam no dia seguinte. De lá fui para o escritório. Enquanto conversava com Jack, uma ideia me surgiu e eu precisava da opinião de Craig, um dos engenheiros do escritório, para uma mudança estrutural que queria fazer no projeto.

Assim que entrei na sala de reuniões dei de cara não apenas com ele, mas também com Travis. Na mesma hora fiquei de mau humor.

— Boa tarde — cumprimentei, secamente.

— Como vai, Hunt? Espero que não se importe de eu estar aqui, mas fiquei curioso para saber o que pretende fazer — falou, com um sorrisinho petulante.

Olhei para Craig que acenou e deu de ombros como quem diz “não pude fazer nada”.

Eu resmunguei alguma coisa, mas fingi que ele não estava ali e fui mostrar meus desenhos ao engenheiro. Após explicar o que queria fazer, ele imediatamente fez alguns cálculos e me disse exatamente como deveria proceder. Saber que seria possível mudou radicalmente meu humor.

Estava começando a juntar os croquis quando Travis pegou de dentro da minha pasta uma lista com os móveis que pretendia usar no projeto.

— Mesmo com a mudança, será impossível colocar esses móveis dentro da mansão, há outros pontos para serem levados em consideração. Pode desistir, Laura.

Travis opinou e tive que respirar fundo para não revirar os olhos. Se tinha uma coisa que me deixava louca era falar que eu não conseguiria fazer algo que eu sabia que era possível fazer.

— Quantas visitas técnicas você já fez à mansão? Aliás, quantas *visitas* você fez à mansão? — Não esperei que ele respondesse e continuei: — Nenhuma, então pare de opinar no que não te diz respeito.

— Posso saber o motivo dessa discussão acalorada? — West perguntou bem atrás de mim, deixando-me completamente sem graça. Todas as vezes em que ele me pegou sendo grosseira com alguém, esse alguém era o Travis.

— Robert Collins encomendou móveis de um designer italiano, são peças grandes, caras…

— E que jamais vão entrar nas aberturas existentes, a não ser que se faça uma grande reforma; Hunt deveria saber disso — Travis disse, atrevido como sempre, apontando para a planta da casa de Robert.

Meu Deus, ele não perdia uma oportunidade para tentar me diminuir.

West ficou nos encarando, depois foi até a mesa de reuniões.

— Nosso cliente está gastando milhares de libras nessa obra, não podemos chegar para ele e falar que alguma coisa que ele deseja não será possível.

— Foi exatamente sobre isso que vim falar com Craig, acho que se ampliarmos aqui, aqui, aqui e aqui, poderemos fazer tudo o que ele quer.

Ele pegou a planta antiga e comparou com a nova. Fez algumas perguntas a Craig e voltou a analisar meu projeto. West com certeza perceberia que a pequena mudança estrutural que estava propondo seria a nossa saída para deixar o projeto arrojado e satisfazer ainda mais o cliente.

— Laura tem razão, com essas mudanças será possível fazer o que Collins quer, mas peça o aval dele antes.

Isso! Comemorei por dentro enquanto meu chefe deixava a sala.

— Vou anotar todas as medidas — Craig falou e se sentou com um bloco de papel.

Senti o olhar de Travis sobre mim, me fuzilando, mas ele não revidou. Sabia quando tinha perdido uma batalha. Sem falar nada, saiu da sala.

Nunca conheci um estagiário tão acomodado quanto o Travis, ele tinha potencial, pois era criativo, mas a preguiça era maior que seu talento. Ele estava acostumado demais a se aproveitar dos estagiários iniciantes na hora de desenvolver seus projetos. Eles faziam quase tudo, depois ele complementava da forma como achava melhor, dando seu toque pessoal, e apresentava sem fazer qualquer menção aos outros. Isso ainda acabaria mal.

Tinha aprendido direitinho com a Ruby.

E o pior era que no final do semestre um de nós dois seria contratado. Eu não me importava de competir com alguém que trabalhasse tanto quanto eu, que estivesse no mesmo nível que eu, mas ficaria furiosa se perdesse minha vaga para alguém que a ganhasse desonestamente. No entanto, não sabia como agir, eu não era o tipo de pessoa que entregava o colega, mesmo ele sendo um mau-caráter.

O problema era que, com a chegada do final do semestre letivo, especialmente depois que ganhei aquela conta, a hostilidade de Travis comigo havia aumentado bastante e sua ambição estava começando a passar um pouco dos limites. Se eu não tomasse cuidado, ele tentaria me dar uma rasteira.

Assim que Craig me entregou o papel com todos os cálculos e medidas, agradeci a ele, terminei de arrumar minhas coisas e fui para a minha mesa.

No meio da tarde a secretaria de West me avisou que Ruby havia solicitado uma reunião e que eu estava sendo esperada, pois se tratava da reforma da mansão. Sem entender, fui obrigada a ir até a sala de reuniões pela segunda vez naquele dia.

— Agora que Laura chegou podemos começar — West disse e apontou uma cadeira na qual me sentei e fiquei esperando.

— Não é novidade que Robert Collins é um cliente com muito potencial para o escritório — Ruby argumentou e eu estreitei os olhos, sabia exatamente de que potencial ela estava falando. — Com base em tudo que levantei sobre esse cliente, acho que seria muito mais seguro para o escritório que eu assumisse completamente o projeto, além de ser mais apropriado. Laura poderá cuidar das reformas que estão pendentes em seu grupo desde que ela largou tudo para se dedicar exclusivamente à mansão. Além disso, temos que nos lembrar de que ela é uma estagiária, não pode assumir um projeto dessa magnitude sozinha, e que, no final, quem vai assinar serei eu.

Fiquei sem reação com o argumento dela. Ruby estava inegavelmente

interessada em Robert Collins e já começou a usar sua influência para conseguir ficar perto dele.

West me encarou, esperando algum argumento, então, ou eu falava ou ficava sem meu projeto.

— Realmente ele é um cliente com enorme potencial, que vem se mostrando muito satisfeito com o *meu* trabalho. E, sim, eu sou apenas uma estagiária, mas acho que já mostrei o suficiente do meu potencial e não se esqueçam de que ele só continuou conosco porque gostou do que *eu* fiz no primeiro projeto. Mas se quiser me afastar, Sr. West, tudo bem, entretanto, caso Robert Collins não goste do que a nova arquiteta apresentar, o contrato de reforma dos bancos pode ficar ameaçado.

As feições bonitas de Ruby Foster se contorceram com o meu ataque. Ela sabia que West estava de olho na reforma dos bancos e que qualquer problema poderia eliminar nossas chances.

— Laura tem razão, ele deixou bem claro para mim que havia ficado muito satisfeito com o trabalho dela e que por isso tinha resolvido fazer o restante da reforma conosco. Se o cliente está satisfeito, vamos deixar as coisas como estão — estava quase comemorando quando ele completou: — Mas isso não a impede de fazer visitas mais frequentes, Ruby, e de *ajudar* Laura no que ela precisar para que tudo fique impecável.

Ruby era amante de John Hankle, mas ele raramente ia ao escritório, então, quando West dava uma ordem, ela tinha que acatar, pois sobre ele aquela cobra não tinha qualquer poder.

— Claro, Sr. West, farei isso. Bom, acho que encerramos por aqui — disse ela, visivelmente descontente com o rumo da reunião.

Todos nos levantamos da mesa e, como de costume, West foi o primeiro a sair. Ruby ficou me encarando enquanto eu dava a volta na mesa. Achei que fosse soltar seu veneno, como sempre fazia, mas, para minha surpresa, ela não

falou nada e isso, sim, era bem preocupante.

Não bastasse o Travis me infernizando para ir à mansão de Robert Collins, eu ainda teria que aguentar visitas frequentes de Ruby Foster.

CAPÍTULO 8

Laura

No dia seguinte, quando cheguei à mansão, vi o carro de Ruby estacionado na vaga que eu costumava usar. Aquilo alterou o meu humor, primeiro por saber que ela já estava lá e segundo porque teria que estacionar do outro lado.

Como já havia sido autorizada a entrar na casa sem precisar me anunciar, fui diretamente ao cômodo em reforma. Ao chegar lá olhei ao redor e senti certo alívio quando não encontrei Robert. Ruby, por outro lado, estava toda empertigada, olhando as plantas que havíamos pregado na parede.

Balancei a cabeça, meio indignada, afinal, sabia que ela estava pouco se lixando para o projeto, suas visitas tinham como intuito encontrar o dono de tudo aquilo. Fui até Jack para saber como estavam as coisas e colocá-lo a par da conversa que tivera com o engenheiro, enquanto a megera circulava pela sala de cara amarrada, como se tivesse acabado de chupar limão.

De repente, como num passe de mágica, sua feição mudou quando viu Robert entrar pela porta. Chegou a ser cômico de tão brusca que foi sua mudança, de completamente entediada para cinicamente maravilhada. Jack também percebeu, pois começou a rir baixinho, me fazendo ter que conter, com muito custo, um ataque de riso.

Robert devia estar chegando de alguma de suas empresas, pois usava um terno escuro e segurava uma valise.

— Sr. Collins, quanto tempo, que prazer revê-lo — ela disse, toda sorridente, e os dois se cumprimentaram.

Robert e Ruby não tinham muita intimidade, então não demorou para ele

olhar ao redor, procurando por mim.

— Srta. Hunt.

— Como vai, Sr. Collins?

— Ótimo e a obra?

— Eu preciso conversar com o senhor sobre isso.

Jack e eu nos aproximamos da parede onde a planta estava pregada e com a ajuda dele colei a planta nova ao lado.

— Bom, para conseguirmos colocar os móveis que o senhor escolheu aqui dentro, nós precisaremos fazer algumas mudanças estruturais. Não é nada muito drástico, mas necessário. Preciso que o senhor entenda para que possa aprovar de forma consciente.

— Explique-me o que precisa ser feito exatamente.

Eu assenti e comecei a falar tudo o que havia planejado e também o que o engenheiro havia me falado, dando a palavra ao Jack, de vez em quando, para que ele acrescentasse qualquer coisa que achasse relevante. Robert também fez algumas perguntas e ambos pontuamos da forma mais clara possível. Pediria a Vicky que fizesse um projeto em 3D com as alterações, assim ficaria muito mais fácil para ele visualizar tudo.

Quando terminei, Ruby, que até então ficara parada feito uma estátua, resolveu se meter:

— Isso que você quer fazer vai muito além do que aquilo que o Sr. Collins nos pediu. Além da mudança estrutural, que gerará muito mais gastos do que o planejado no início, vai aumentar o tempo de obra.

— Eu estou ciente, no entanto, isso será necessário para o que planejamos. Os móveis que o Sr. Collins escolheu são grandes, é impossível entrar com eles por essas aberturas.

— Mas…

— *Eu* gostei bastante das alterações que fez, Laura — Robert interrompeu de forma imperativa e sorriu, me fazendo sorrir por dentro, afinal, se sorrisse abertamente como tinha vontade, era capaz de ser demitida ali mesmo. — Além de ser uma boa saída para o que planejamos, como você mesma apontou, dará novos ares a essa casa antiga, com suas aberturas ultrapassadas.

— Que bom que está de acordo, Sr. Collins. Vou fazer as medições e começaremos imediatamente.

— Bom, se o senhor aprova, é o que importa — falou Ruby, tentando forçar um sorriso.

Robert balançou a cabeça e começou a caminhar em direção à saída.

Ruby não perdeu tempo e foi atrás dele.

Queria ser uma mosca para saber que tipo de abordagem ela faria, já que Robert era um homem fechado que não dava muita abertura a quem quer que fosse. Mas como não podia fazer nada, achei melhor focar no trabalho.

Trabalhei pelo resto da tarde e não tive mais o desprazer de encontrar Ruby ou ouvir sua voz, por isso imaginava que ela já tivesse ido embora.

No final do dia fui até a cozinha pegar um copo d'água e, quando ia entrar, notei que Oliver estava em uma discussão acalorada com uma das cozinheiras. Na mesma hora desisti, dei meia volta e fui para o meu escritório, beberia água em casa.

Arrumei minhas coisas e, quando estava prestes a sair pela porta da frente, avistei Charlotte, sentada no topo da escada. Parecia tão entediada que fiquei com pena.

— Olá. Como vai, Charlotte?

Ela demorou bastante para dirigir sua atenção a mim.

— Tudo bem.

Não estava esperando que me respondesse, por isso fiquei feliz ao ouvir

sua voz.

— Já estou de saída, até amanhã.

Sorri, mas ela apenas balançou a cabeça e voltou a olhar para o nada.

Ao que parecia, Robert ainda não percebera que tinha tirado sua sobrinha de um colégio interno, mas que a vida dela não havia melhorado muito. A garota parecia triste e extremamente solitária. Era uma pena que ele fosse tão fechado. Se eu tivesse mais intimidade, daria minha opinião sobre o assunto.

Fui em direção ao meu carro, mas parei abruptamente ao me lembrar de que a megera havia colocado o dela no meu lugar e que por isso tive que estacionar em outro lugar. Dei meia-volta e me dirigi para lá. Entrei no carro e comecei a manobrar, entretanto, estava chateada depois de ter me lembrado de Ruby. Tudo em que podia pensar era no que havia acontecido naquela tarde entre ela e Robert, enquanto eu estava trabalhando a alguns cômodos de distância.

Não achava que Robert fosse o tipo de homem que aceitaria investidas de qualquer mulher, no entanto, Ruby podia ser o que fosse, mas era muito bonita e sensual. Imaginava que um homem tinha que ser muito forte para resistir, caso ela jogasse pesado.

Senti meu sangue ferver ao imaginar isso e só voltei a raciocinar quando um barulho horrível anunciou que eu tinha acabado de bater em alguma coisa.

Desliguei o motor e saí rapidamente para me dar conta de que havia acabado com o para-choque do Rolls Royce de Robert Collins, que estava estacionado atrás de mim e eu não tinha visto.

Ah, meu Deus!

Minha cara de espanto devia estar compatível com as dos seguranças, ao avistarem o carro do patrão deles naquele estado.

Fiquei sem reação por vários segundos e tive vontade de me esmurrar por ter cometido um erro tão grande.

Como eu iria pagar aquilo?

Naquela hora, para piorar meu desespero, Robert saiu de dentro de casa acompanhado por seu mordomo. Charlotte também apareceu, mas permaneceu à porta, apenas observando. Minha vontade foi sair correndo, fingindo demência.

Robert desceu as escadas e caminhou para perto, olhando os dois carros simultaneamente.

— Sr. Collins, eu não sei o que dizer, nunca bati um carro antes, eu não sei o que aconteceu, como pude fazer uma burrada dessas em um espaço tão grande?

Abri os braços, tentando justificar o injustificável, com a voz trêmula, como se estivesse prestes a chorar.

— Não tenho ideia de quanto vai custar o conserto, mas vou pagar cada centavo. Eu juro — falei, com a voz muito embargada e, quando dei por mim, as lágrimas já estavam escorrendo.

Caminhei até a escada e me sentei, pois sabia que se continuasse em pé acabaria desabando. Lá, cobri o rosto com as mãos e continuei a chorar.

Quando West soubesse eu seria demitida e ainda teria que pagar o conserto do carro, *dos dois carros*.

— Ei, acalme-se — ouvi a sua voz tranquila, como se eu não tivesse acabado com seu carro que custava milhares de libras.

Não tive coragem de olhar para ele.

— Podem ir, eu resolvo isso com ela — ele ordenou a todos. — Vamos lá, acalme-se — falou novamente, sua voz estava mais próxima dessa vez.

Levantei o rosto e percebi que ele estava sentado ao meu lado. Isso, sim, me deixou surpresa.

Encarei seu rosto, bonito e sereno, enquanto eu devia estar horrível, com os olhos vermelhos, que era como ficavam quando eu chorava.

— Pode berrar comigo agora, eu mereço — soltei sem pensar e ele sorriu

antes de balançar a cabeça.

— Laura, é só um carro, o que importa é que ninguém se machucou.

— Isso não é bem verdade. Eu vou ter que vender meus órgãos no mercado negro para conseguir pagar o conserto.

Robert soltou uma gargalhada gostosa e por alguns segundos eu me perdi naquele som tão genuíno.

— Fique tranquila, não terá que pagar nada. Acidentes acontecem.

— West vai me demitir quando souber. Ah, meu Deus, e se ele colocar isso na minha carta de demissão? — falei e abaixei a cabeça, já imaginando o quanto Ruby ia ficar feliz com a merda que eu fiz.

Senti os dedos de Robert tocando o meu queixo e levantando o meu rosto. O gesto foi tão íntimo que fiquei tensa no mesmo instante.

— Ele não precisa saber.

Engoli em seco e fiquei olhando seu rosto até compreender o que ele estava falando.

— Por que está fazendo isso?

Robert Collins não tinha nenhum motivo para ser tão gentil, até porque esse tipo de atitude não combinava muito com ele.

— Carros de luxo eu compro em qualquer lugar, mas sabe o quanto é difícil encontrar bons arquitetos?

Acabei sorrindo com a brincadeira e ele fez o mesmo. Robert estava tentando ser legal e naquele momento eu percebi que talvez a fachada séria escondesse um homem com um coração enorme.

— Obrigada — falei baixinho e ele ficou me encarando.

— Não precisa agradecer, só continue fazendo um bom trabalho na reforma e não pense mais no que aconteceu hoje, vou resolver tudo.

Assenti e fui me levantando.

— Desculpe-me mais uma vez e obrigada.

Ele balançou a cabeça e abriu a porta do meu carro para mim.

O meu dia tinha sido cansativo e o incidente deixou tudo ainda pior, mas depois da minha breve conversa com Robert, as coisas ficaram mais leves. Ele me tratou tão bem e de alguma forma isso mexeu bastante com meus sentimentos.

CAPÍTULO 9

Laura

A pior parte de ficar sem carro era ter que depender de táxi e carona. Graças a Deus West percebeu o meu sofrimento e autorizou que eu fosse direto para a mansão na parte da tarde. Ainda assim não era fácil, fazia apenas três dias e eu já estava enlouquecendo.

Havia dito para todos que meu carro estava com problema no motor, mas fiquei gelada por dentro só de imaginar como seria se soubessem a verdade.

Ao chegar à mansão encontrei Charlotte no topo da escada novamente.

— Olá — cumprimentei e ela só balançou a cabeça.

Dei dois passos, ainda olhando para ela, e acabei tropeçando no tapete e quase caindo. Mesmo no meio da minha confusão, consegui escutar a pestinha rindo do meu quase tombo.

Fiz de conta que não vi e fui direto para o escritório, pois tinha que ligar para meus leais fornecedores e encomendar alguns materiais.

No meio da tarde meu celular tocou, era uma colega do escritório me convidando para seu aniversário, que seria comemorado em um pub no centro da cidade.

— Ah, Vicky, eu queria, mas estou sem carro.

— Por Deus, Laura, nós moramos em Londres e não no fim do mundo. Pegue um táxi, pois todos irão e não aceito um não como resposta.

Vicky era famosa no escritório por ser responsável pelas festas de aniversário mais animadas, sem contar que eu realmente gostava dela, então faria esse esforço.

— Tudo bem, eu vou dar um jeito.

Desliguei o telefone, sorrindo e balançando a cabeça por causa dos gritinhos de felicidade do outro lado da linha. Levantei-me para esticar um pouco as pernas e caminhei até as janelas que tinham uma bela vista da frente da mansão.

Naquela hora pude ver um carro estacionando. O motorista abriu a porta e Robert Collins desceu com seu porte elegante, vestido em um de seus ternos de grife.

Enquanto ele andava em direção à entrada tive que admitir mais uma vez que aquele homem era uma ofensa ao resto da humanidade. Era impressionante o quanto era bonito, elegante e misterioso, o que acrescentava ainda mais charme à sua pessoa.

Apesar de ser capaz de tirar o fôlego de qualquer mulher que tivesse um pouco de sangue nas veias, parecia haver naquele viúvo uma parede invisível que o separava de qualquer outro mortal. As pessoas tinham receio de falar com ele e pude perceber isso observando a forma como seus funcionários o tratavam.

Resolvi voltar para a minha mesa, já que não queria que ele entrasse e achasse que eu estava sem fazer nada. Depois de ter batido em seu carro, o mínimo que eu podia fazer era demonstrar foco no trabalho.

Uns dez minutos depois ele surgiu no meu escritório, com Charlotte ao seu lado.

— Viemos te convidar para um chá — disse, demonstrando ótimo humor. A sobrinha, por outro lado, continuou de cara fechada.

— Obrigada, eu aceito.

Salvei um arquivo que estava aberto e os segui até a sala, onde Oliver nos serviu e saiu, deixando para trás um silêncio que ficou constrangedor.

Imaginei que o convite de Robert tinha a intenção de forçar uma interação entre nós duas, mas a menina não demonstrava muito interesse e eu também não

sabia o que dizer. Não tinha muitos problemas em interagir com ele, desde que falássemos sobre a obra, mas quando se tratava de outros assuntos parecia que as palavras sumiam.

— E então, Laura, qual a previsão de término da obra?

Pelo jeito, falar sobre a reforma também o deixava muito confortável.

— Esse cômodo demorou mais por causa das aberturas que fizemos, mas assim que as peças de decoração chegarem da Itália já poderemos finalizar.

Ele assentiu, satisfeito, e mais uma vez as coisas ficaram estranhas.

— Tio Robert, eu não gosto muito de chá, posso pedir um chocolate quente para o Oliver?

— Pode, sim, querida.

Charlotte saiu da sala, deixando-nos a sós.

— Ela parece um pouco entediada — falei, para puxar assunto.

— Sim e me sinto culpado por isso — ele depositou a xícara na bandeja e se levantou. — As empresas ainda dependem muito de mim, mas estou delegando mais e trabalhando apenas até o meio da tarde para conseguir passar mais tempo com ela.

Adorei saber que Robert estava preocupado em preencher a vida monótona da Charlotte. A menina estudava, mas não tinha nada para fazer quando chegava do colégio.

— Acho que será ótimo para ela ter sua companhia, pelo menos até se adaptar e encontrar uma amiga no novo colégio. — Depositei minha xícara na bandeja e também me levantei para voltar ao trabalho. — Obrigada pelo chá — falei e nossos olhares se encontraram. Robert tinha um jeito intimidador de encarar as pessoas, mas toda vez que me olhava eu tinha a sensação de que ele queria falar mais alguma coisa.

Entretanto, ele apenas assentiu e fui para o escritório sentindo aquele

delicioso friozinho na barriga.

O mistério que envolvia Robert Collins me causava reações contraditórias. Ao mesmo tempo em que me fascinava, me deixava louca de curiosidade para descobrir tudo sobre sua vida. Ainda era muito cedo para dizer que eu estava apaixonada por ele, mas era inegável que aquele homem despertava vários sentimentos novos em mim.

Naquela noite eu iria sair com meus colegas e aquilo me fez pensar se ele teria amigos. Como será que aproveitava seu tempo livre? No fundo eu sabia que Robert não fazia o tipo sociável, mas isso não impedia que eu fantasiasse bastante sobre sua vida.

Quando o relógio marcou 20:00h eu já estava em frente ao pub onde aconteceria a festa da Vicky. Havia optado por um vestido preto de manga comprida, que ganhei de vovó no meu último aniversário. Ele era bonito, discreto e confortável, tudo que eu precisava para aquela noite.

Quando entrei no local avistei o pessoal do escritório bem ao fundo. Vicky me viu caminhando entre as pessoas e veio ao meu encontro.

— E não é que a minha chantagem deu certo? — ela disse, animada, e nos abraçamos.

— Comprei isso para você — falei, entregando a sacola de uma famosa marca de lenços.

— Nossa! Eu amo essa marca.

— Eu sei, por isso comprei. — Nós duas sorrimos e ela me guiou até onde o pessoal estava.

Cumprimentei a todos e me sentei em uma das cadeiras vagas.

Todos sabiam que eu era mais quieta, vivia para o trabalho e raramente saía, por isso, nas confraternizações ou aniversários do escritório, eles sempre me obrigavam a ir.

Diferente de mim, a maioria do pessoal estava interagindo, inclusive Ruby

Foster, que já estava bem alegre e falante. Vicky deve ter percebido para onde eu estava olhando, pois se aproximou para falar que nossa chefe imediata tinha ido para o pub direto do escritório e já havia consumido alguns drinks.

Graças a Deus o Sr. West não compareceu, seria constrangedor demais beber em frente ao todo poderoso do escritório.

Aproveitei a noite de diversão para pedir um drink e tentar relaxar.

Durante a meia hora seguinte muitos convidados chegaram e foram recepcionados pela anfitriã, que estava superanimada. Passei os olhos pelo pub e não achei nada nem ninguém que chamasse a minha atenção. Também não tinha ideia de por que aquilo me passou pela cabeça, eu não estava ali para flertar.

— Mais um drink e a Ruby vai dançar em cima da mesa ou arrastar o estagiário para o banheiro — Vicky sussurrou ao meu ouvido. Foi quando notei o quanto ela e Travis pareciam à vontade. Ele ria de tudo que ela falava enquanto a bruxa se insinuava e não parava de jogar os cabelos castanho-avermelhados.

— Daqui a pouco eu tenho que ir, por isso, se algo acontecer depois que eu tiver ido, não se esqueça de me contar amanhã.

Vicky fez beicinho, mas concordou, ela sabia que eu não era baladeira e que sempre voltava cedo para casa.

Depois de mais uma hora de conversa, decidi que já tinha feito a minha parte e saí de fininho em direção ao caixa. Entrei na fila para pagar meu consumo e sem querer esbarrei em uma moça que segurava uma bebida. O líquido rosa caiu sobre seu vestido branco e o olhar de ódio que ela me lançou causou um calafrio no meu estômago. Achei que ela fosse me bater.

— Por favor, me perdoe — falei, tentando amenizar a situação, mas a mulher não estava nem um pouco a fim de conversa.

— Some da minha frente, sua idiota.

Abri a boca, sem acreditar no tamanho da grosseria dela, mas não fiz questão de discutir. Paguei minha conta e fui embora antes que mais algum

incidente inesperado acontecesse.

Durante o trajeto e mesmo quando cheguei *em* casa e me joguei na cama, só consegui pensar que eu tinha estragado a noite daquela moça, mas que ela não precisava ter sido tão indelicada comigo.

Bom, não havia nada que eu pudesse fazer. Deixei tudo o que houve de lado e resolvi dormir, já que no dia seguinte eu teria um milhão de coisas para fazer.

* * *

O último ano de universidade era um sufoco para qualquer estudante, mas para aqueles que levaram o curso na brincadeira era um martírio. Para mim, que fui muito ajuizada e sempre tive certeza da carreira que queria seguir, era morbidamente engraçado vê-los correr atrás do prejuízo.

Naquele dia eu tive que apresentar um trabalho e, depois da última aula, peguei carona com uma colega que morava perto de mim e fui direto para a mansão, precisava decidir alguns detalhes com Robert e estava rezando para que o encontrasse em casa.

Passei pelos portões e caminhei uns quinhentos metros até chegar em frente à mansão, sempre olhando o jardim que me deixava fascinada desde criança.

Assim que entrei fui direto para o escritório, deixei minhas coisas lá e fui até a cozinha beber água. Na verdade, era uma desculpa para ver se encontrava Robert pela casa.

Uma das cozinheiras me serviu uma água bem gelada. Bebi alguns goles e quase me engasguei quando vi uma mulher de camisola branca entrando na cozinha. Os cabelos ruivos estavam soltos e desciam até a altura dos seios. Seus

olhos eram azuis e levemente borrados pela maquiagem que ela não tirara antes de dormir.

Fiquei olhando para aquele rosto e não demorou para o meu cérebro ligá-lo a uma situação desagradável. Aquela era a mesma mulher em que eu derrubara a bebida na noite anterior e que fora tão grosseira comigo.

Mas que diabos ela estava fazendo na casa do Robert?

CAPÍTULO 10

Laura

Continuei olhando, ainda tentando entender, até que a mulher percebeu minha presença. Ela também deveria ter me reconhecido, pois estreitou os olhos e torceu a boca para mim.

— O que faz aqui? — A pergunta foi ríspida e escorria veneno de suas palavras.

— Laura é a arquiteta responsável pela reforma. Vocês se conhecem? — perguntou Robert, surgindo logo atrás dela.

Dei graças a Deus por isso, pois não gostei do jeito que ela ficava me olhando.

— Sua arquiteta acabou com o meu vestido ontem à noite.

Arregalei os olhos, sem acreditar que ela tinha revelado o nosso encontro desastroso.

— Eu já pedi desculpas, foi um acidente — falei em minha defesa e Robert ficou me encarando.

— Tanto faz. Rosie, leve meu café para o quarto — ela disse em tom autoritário, deu meia volta e sumiu pelos corredores.

— Essa é Kate, minha irmã — ele falou depois de soltar um suspiro.

Senti alívio e pânico ao mesmo tempo. Alívio por saber que ela não tinha nada com ele e pânico de imaginar que ela poderia ficar morando na mansão.

— Fui ao aniversário de uma amiga do escritório e acabei esbarrando na sua irmã, sem querer…

— Não precisa se explicar, Laura. Eu sei o quanto a Kate consegue ser

inconveniente e tenho certeza de que você não fez por mal.

Assenti e resolvi mudar de assunto, depois pensaria em como lidar com a idiota da irmã dele.

— Precisamos conversar sobre uns detalhes do projeto.

— Claro, estou livre agora.

Robert me deu passagem e seguimos lado a lado até chegar ao meu escritório. Ele puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado para poder visualizar melhor a tela do computador.

Foi impossível não ficar inebriada com o perfume dele, que me envolvia feito uma nevoa de fumaça.

Passei os pontos do projeto que pretendia alterar e quando ele começou a falar toda a minha atenção ficou focada nele. Robert Collins tinha um jeito peculiar de gesticular, era difícil manter a concentração com tanta coisa se passando na minha cabeça.

— Perfeito, Laura, gostei bastante dos ajustes.

— Eu também, sem contar que vamos aproveitar melhor o espaço.

Quando eu estava pensando em falar outra coisa, Charlotte entrou correndo no escritório e abraçou Robert pela cintura. Seu rosto estava coberto de lágrimas e ela parecia bastante assustada.

— Charlotte, o que houve?

— Tio Robert, ela quer me levar embora.

A menina disse, com a voz embargada. Naquele momento comecei a perceber que a dinâmica entre eles parecia ser bem conturbada.

— Não dê ouvidos a ela, eu tenho a sua guarda.

O alívio atravessou o rosto dela que, aos poucos, foi se acalmando. Robert se acomodou em uma poltrona e a colocou em sua perna para explicar que, mesmo sendo sua mãe, judicialmente, ela não poderia fazer isso e que os

seguranças dele jamais a deixariam sair sem sua autorização. Enquanto ele explicava, eu me mantive em silêncio, mexendo em meu computador. Depois de tudo esclarecido, a menina correu para o seu quarto e ele voltou a se aproximar de mim.

— Kate é totalmente desequilibrada, teve problemas com álcool, drogas e todo tipo de coisa ruim e, mesmo assim, o juiz permite que ela faça visitas assistidas a Charlotte.

Ele justificou e percebi que a presença dela não era nem um pouco bem-vinda.

— Sei que não as conheço, mas é perceptível que Charlotte tem medo da mãe.

— Tem, sim, por isso decidi ficar em casa hoje. Toda vez que Kate a visita é uma guerra.

Queria entender que motivos levavam uma mãe a torturar psicologicamente a própria filha. Charlotte era uma garotinha fechada, solitária, e agora eu entendia perfeitamente seus motivos para ser assim.

— Eu sei que não sou da família, mas gostaria da sua permissão para tentar me aproximar dela. Acredito que Charlotte precisa de alguém para conversar.

A expressão de felicidade no rosto dele me deu a certeza de que a resposta seria sim.

— Claro que pode, mas já adianto que ela não vai facilitar as coisas.

Lembrei-me da expressão de satisfação que ela fez ao me ver tropeçar no tapete. Charlotte poderia ser uma garota difícil de lidar, mas eu estava disposta a tentar, pois, acima de tudo, ela precisava de uma amiga.

— Que tal me falar um pouco sobre ela? Isso poderá facilitar minha abordagem.

Robert assentiu e nos minutos seguintes me confidenciou muitas coisas

sobre sua sobrinha. Charlotte adorava pop americano e doces, então talvez não fosse difícil conquistá-la.

Depois que Robert saiu fiquei tentando adivinhar quanto tempo Kate ainda ficaria na casa, mas isso perdeu um pouco de importância quando me lembrei de que sua presença não era bem-vinda. Kate era do tipo de pessoa que te olhava dos pés à cabeça antes de te cumprimentar, que tinha uma energia horrível e modos ainda piores.

Encerrei meu expediente e quando saí do escritório a campainha tocou. No mesmo instante Kate desceu as escadas correndo e abriu a porta.

— Melanie, que bom que você veio.

Uma morena muito bonita passou por ela arrastando uma mala de rodinhas, então as duas se abraçaram e deram gritinhos.

Melanie era mais ou menos da minha altura, tinha olhos esverdeados e não demorou muito para eu ligar os pontos.

Kate e sua amiga pretendiam ficar hospedadas na mansão de Robert. Agora, sim, a minha paz havia acabado.

— Venha, vou pedir para Rosie providenciar um quarto para você.

Graças a Deus as duas não notaram a minha presença e foram em direção à cozinha para falar com a governanta.

Segundos depois o Oliver apareceu, carregando a mala da Melanie, e subiu a escada.

Aproveitei que não tinha ninguém por ali e saí de fininho, já me preparando psicologicamente para os próximos dias.

* * *

No dia seguinte recebi a notícia de que meu carro finalmente tinha ficado pronto. Fui buscá-lo assim que saí da faculdade e fiquei imensamente agradecida por eles o terem consertado antes do prazo. Não perguntei ao Robert sobre o conserto do seu Rolls Royce, mas seria educado de minha parte me oferecer para pagar nem que eu tivesse que parcelar. Mesmo que ele já tivesse deixado claro que cuidaria de tudo.

Naquela manhã também recebi um recado de Ruby, que queria saber sobre como estava indo a reforma, por isso passei no escritório para deixá-la a par de tudo o que estávamos alterando no projeto. Entretanto, ela estava apressada para ir a um compromisso e mal me deu ouvidos, o que não me chateou nem um pouco, pois me deu a chance de falar apenas por alto e voltar para a mansão.

Diferente das outras vezes, naquele dia eu não estava ansiosa para chegar, pois sabia que teria de encontrar com Kate e sua amiga. Também foi impossível tirar da minha mente que Robert poderia se interessar por Melanie ou vice e versa. Aquele pensamento estava me enlouquecendo.

Fui direto para o meu escritório, liguei para alguns fornecedores para saber sobre a entrega de diversos materiais e depois fui para a sala que estava sendo reformada.

Enquanto conversava com os rapazes da marcenaria, era possível escutar risadas vindas do corredor.

Terminei de falar com os rapazes e discretamente segui o som das vozes até chegar ao final de um amplo corredor, que dava acesso a uma piscina coberta. Havia uma névoa de vapor acima da água aquecida. Kate estava deitada em uma das espreguiçadeiras enquanto Melanie desfilava seu corpão em um biquíni preto. Fiquei imaginando como Robert reagiria se a visse vestida daquela forma.

Outra coisa curiosa que percebi no comportamento da irmã de Robert, era a forma como ela se vestia, sempre mostrando o corpo, sempre de camisolas

obscenas ou biquinis minúsculos. Poderia ser coisa da minha cabeça, mas eu sentia que ela queria chamar a atenção dele.

— O que faz aqui?

A pergunta de Charlotte me pegou completamente desprevenida.

— Eu… hum… estava procurando o seu tio.

Ela me encarou com ar desconfiado.

— Ele está no escritório.

— Obrigada, vou falar com ele.

Charlotte assentiu, girou nos calcanhares e foi embora.

Eu não tinha nada para falar com o Robert, então voltei para o meu escritório.

— Você não tinha que falar com o meu tio? — a pestinha questionou do alto da escada, onde estava mais uma vez sentada.

— Sim, mas me lembrei de que tenho umas coisas importantes para fazer. Depois eu falo com ele.

Ela continuou me encarando com os braços cruzados, como se estivesse me cobrando alguma coisa.

— Você também não gosta delas — suas palavras saíram como uma afirmação e não uma pergunta.

— De quem você está falando? — eu me fiz de boba e a menina revirou os olhos.

— Da minha mãe e da amiga dela.

Fiquei tentada a falar a verdade, mas achei que não seria inteligente da minha parte falar mal de Kate e Melanie para Charlotte.

— Eu não as conheço — disse, dando de ombros.

Daquela vez a garota revirou os olhos antes de se levantar e sair.

Eu poderia estar enganada, mas entre me odiar e odiar Kate e sua amiga, Charlotte já havia feito sua escolha. Era mais fácil tentar se dar bem comigo do que com aqueles dois projetos de Barbie.

Não vi Robert naquele dia e nem nos dois dias seguintes. Não sabia se ele estava ocupado ou apenas fugindo daquelas duas, mas imaginar aquilo levou um sorriso aos meus lábios.

CAPÍTULO 11

Laura

As coisas estavam animadas na Hankle & West Arquitetura quando cheguei no início da tarde. Naquele dia tinha coisas para fazer no escritório antes de ir para a mansão, por isso fui direto para lá.

Andei entre as baias e avistei Ruby Foster falando e gesticulando de forma exagerada para as outras funcionárias. Ela mostrava o conteúdo de um envelope dourado, enquanto falava sobre como seria luxuoso.

Dei de ombros e passei por elas para ir falar com Travis. Ele tinha me ligado e dito que havia recebido autorização para me acompanhar até a obra. Eu estava feliz com isso? Não. Mas não poderia contrariar ordens superiores, além disso, o que ele poderia fazer, já que também era estagiário?

Depois de falar com ele deixei alguns relatórios para que a secretária do West lhe entregasse. Junto à correspondência dele havia um envelope dourado igual ao que a Ruby estava exibindo. Pelo visto, eles tinham sido convidados para o mesmo evento.

Quando estava voltando para a minha mesa, Ruby passou por mim com aquele sorrisinho cínico que lhe era peculiar. Ela ainda balançava o envelope dourado e me olhava de forma desafiadora.

Sem entender nada, resolvi ir pegar um café antes de sair e encontrei a Anne por lá pegando um chá para si. Anne era estagiária Junior e fazia parte do meu grupo, assim como Vicky e Kyle.

— Laura, como vai a reforma na mansão?

— Já está quase finalizada. Estou ansiosa para receber os móveis.

— A melhor parte. E já imaginou com que vestido vai ao baile?

Minhas sobrancelhas subiram com a pergunta dela.

— Que baile?

— Hoje pela manhã a Ruby recebeu um entregador que veio trazer convites para o baile anual dos Collins. Acreditamos que você também receberia, já que faz parte da equipe.

Meu coração falhou algumas batidas, então aquele envelope dourado era isso?

— Não havia nada na minha mesa.

Ela franziu a testa e continuou:

— Bom, West e Hankle foram convidados por serem donos do escritório, quanto a Ruby, nós já sabemos o porquê de ser convidada para as festas, imagino que você, que está lá todos os dias, com certeza será convidada.

O argumento de Anne era bom, mas eu não queria me iludir, uma vez que Robert não tinha dado qualquer indício de que me convidaria.

— Esse baile já perdeu a graça só por saber que Ruby também estará lá — brinquei e nós duas gargalhamos.

Durante o caminho até a mansão certa ansiedade foi tomando conta de mim. Será que eu realmente seria convidada ou só o alto escalão do escritório teria aquela honra?

Foi impossível não fantasiar como seria o tal baile, ou não me imaginar dentro de um longo vestido, rodando pelo salão… Logo deixei aquelas ideias de lado e fiquei esperando Travis estacionar seu carro.

— Esse cara é rico mesmo! — falou, soltando um assovio de deslumbramento com a propriedade, embora já tivesse visto fotos do lugar. Eu entendia o espanto dele, aquela casa era maravilhosa.

— Vamos entrar, estou cheia de coisas para fazer.

Ele concordou e seguimos para dentro. Naquele dia Oliver nos recebeu com seu sorriso contido, quase falso. Fomos direto para a sala que estava sendo reformada e durante vinte minutos eu expliquei para Travis que tipo de mudanças havia sido necessárias. Era uma tradição no escritório ter que ensinar uma ideia bem executada a quem desacreditasse que poderia ser feito e Travis praticamente tripudiou em cima de mim, quando informei o que pretendia alterar.

— Brilhante, Laura.

Fiquei surpresa com o elogio, até porque toda aquela gentileza não combinava com ele.

— Obrigada — agradeci, desconfiada.

Após algumas anotações, Travis voltou para o escritório e me deixou com tempo para me torturar mentalmente sobre o assunto do baile.

Ruby Foster tinha um convite, Kate provavelmente levaria sua amiga e eu estaria no velho sótão da vovó Grace, como sempre.

Droga!

— Você tem caneta colorida? — a voz suave de Charlotte penetrou meus ouvidos.

— Tenho, sim — apontei para o porta-canetas em cima da minha mesa. — Pegue quantas quiser.

Ela usava o uniforme de uma tradicional escola de Londres e pelo horário imaginava que devia estar começando a fazer o dever de casa.

— Obrigada.

Assenti enquanto ela escolhia as canetas coloridas de que precisava. Aos poucos Charlotte estava começando a interagir comigo e isso me animou. Quem sabe eu ganhasse alguns pontos com o tio dela? Talvez até um convite para o baile.

Menos, Laura!

Assim que Charlotte saiu pude voltar ao trabalho. Na verdade, não foi bem assim, já que passei a tarde dividida entre ligar para fornecedores e pensar em como seria assistir a mais um baile anual dos Collins de longe, depois de ter chegado tão perto de tudo isso.

Quando cheguei *em* casa no final do dia a primeira coisa que fiz foi olhar a caixa de correio, com esperanças de encontrar um envelope dourado.

Ledo engano!

— Que cara é essa, Lala?

Minha avó perguntou ao me ver inquieta, perambulando pela sala. Ela estava acomodada em sua poltrona favorita assistindo a um programa de receitas na TV.

— Robert Collins convidou os sócios do escritório e Ruby Foster para o baile anual, sendo que a pessoa que mais se preocupa com a reforma daquela maldita mansão sou eu! — terminei em um tom exaltado, arrancando gargalhadas de minha avó.

— Filha, não fique assim por causa de um baile bobo.

Olhei para ela com ar de espanto, pois vovó sabia o quanto eu sonhava em ser convidada.

— Vou subir e tentar esquecer que Ruby vai dançar com o homem mais lindo de Londres, enquanto eu vou estar em casa dormindo.

— Não acho que ela faça o tipo dele.

— E como a senhora sabe?

Rebati, muito curiosa para saber mais sobre os gostos de Robert Collins.

— Eu apenas sei — respondeu e em seguida desligou a TV, me deixando sozinha na sala. Minha avó não queria abrir o jogo, mas pelo visto sabia muito mais da família Collins do que queria transparecer.

Também subi para o meu quarto e fiz exatamente o oposto que falei, pois não conseguia retirar da cabeça imagens de Ruby e Robert dançando juntinhos no meio do grande salão de baile. Depois de muito pensar, resolvi que, se me encontrasse com Robert, comentaria a respeito do baile como quem não quer nada. Quem sabe ele não me convidasse também? Não custava nada tentar.

No dia seguinte acordei me sentindo péssima. Havia um misto de tristeza, decepção e cansaço pela noite mal dormida. Para tentar me aninar, antes de ir para a mansão, passei em uma loja de doces e comprei uma caixa de donuts recém-saídos do forno, com recheio de creme e chocolate. Eu adorava e esperava que Charlotte também gostasse e aceitasse me ajudar a devorá-los.

Cheguei à mansão e pedi autorização ao Oliver pra ir até o quarto da garotinha. Ele permitiu, mas avisou que seria em vão, pois ela tinha brigado com a mãe na noite anterior e não havia saído de lá nem para ir ao colégio. E desde então, não quis comer nada.

Parecia até que eu estava adivinhando. Donuts não era um alimento muito saudável, mas era melhor do que nada. Além do mais, o açúcar certamente a animaria.

Subi as escadas, confiante, e bati na porta. Quando não recebi resposta, resolvi entrar. Ela estava assistindo algo em seu tablet e não me dirigiu o olhar.

— Oi, Charlotte, eu tive uma noite péssima, por isso, quando saí da universidade, comprei essa caixa do donuts que eu adoro, quer dividir comigo?

Ela continuou em silêncio. Pelo visto aquela baixinha era osso duro de roer.

— Tudo bem, não precisa responder, mas eu vou pegar um, se não se importa.

Ela continuou calada enquanto eu colocava a caixa sobre a mesa de cabeceira ao lado dela e logo depois a abria. O cheiro maravilhoso tomou conta do quarto e me deu água na boca.

Dei a primeira mordida e não pude conter um gemido de satisfação.

— Hum, está maravilhoso!

Ela olhou com o canto dos olhos para a caixa e voltou sua atenção para o tablet.

— Vou deixar a caixa aqui, caso queira comer depois — falei, enquanto andava para trás, observando Charlotte. Ela, entretanto, continuou me ignorando completamente. Assim que cheguei ao corredor, puxei a porta, deixando-a entreaberta para observar a reação da menina após a minha saída.

Quando ela teve certeza de que estava sozinha, se sentou lentamente e atacou a caixa de donuts, pegando um em cada mão e fazendo aquela cara de satisfação que só quem prova um doce da St. John's Bakery faz.

Abri um sorriso de felicidade e bati palminhas silenciosas.

— Incrível a sua psicologia infantil.

Quase desmaiei ao escutar o sussurro de Robert em meu ouvido. Afastei-me da porta com a mão no peito e o coração acelerado.

— Você quase me matou de susto — sussurrei de volta, num tom de reprimenda.

Ele sorriu e apontou o caminho que levava às escadas, seguindo para lá. Eu fui atrás dele, antes que Charlotte percebesse nossa conversa em frente ao seu quarto.

— Não tem nada de psicologia infantil, apenas lógica. Se eu ficasse insistindo, ela não iria aceitar e ainda se chatearia comigo.

— O que interessa é que ela comeu, por isso eu agradeço.

Eu assenti e ele ficou me olhando. De repente, sua mão subiu em direção ao meu rosto. Quando vi, seu polegar estava em meu queixo, fazendo uma carícia leve. Meu coração, que ainda não tinha desacelerado por completo, faltou sair pela boca daquela vez.

Depois de ficar alguns segundos com o dedo em meu queixo e os olhos vidrados em minha boca, Robert se afastou, mas diferente da outra vez em que ele me amparou quando eu quase caí, não havia constrangimento em suas feições.

— Açúcar — justificou, ao retirar um resquício do doce que sobrou.

Abri a boca para falar, mas tudo o que pude fazer foi assentir. Tinha certeza de que não teria voz para responder.

— Bom, obrigado mais uma vez. Com licença.

No fundo, eu sabia que não era nada, mas sentir seu toque em mim daquela forma desencadeou sentimentos que eu estava tentando enterrar.

Além disso, não conseguia me livrar da curiosidade de saber o motivo da briga entre Kate e Charlotte, mas não cometeria a indiscrição de perguntar coisas pessoais. Por hora, estava feliz em ter ganhado uns pontinhos com Charlotte e, consequentemente, com o tio dela, tanto que me esqueci do bendito convite para o baile.

CAPÍTULO 12

Laura

Depois de pensar um pouco, resolvi que não tocaria no assunto do baile, pois não queria parecer desesperada e muito menos que Robert achasse que eu estava me insinuando. Preferi esperar que ele falasse alguma coisa. No entanto, nas vezes em que nos encontramos, ele também não tocou no assunto.

Contudo, conforme os dias foram passando, as gentilezas de Robert com relação a mim foram aumentando e aquilo me dava esperança de, no final, ganhar o convite que eu tanto ansiava.

Desde o dia dos donuts Charlotte começou a me procurar mais pela casa e nosso contato estava mais frequente, já que ela preferia estar comigo ou trancada em seu quarto a ficar com a mãe.

E por falar nela, Kate e Melanie viviam para fazer compras e infernizar os funcionários. Rosie, que era a governanta de Robert, demonstrava um cansaço físico e mental. Ela e Oliver se desdobravam para deixar a mansão em ordem, ao mesmo tempo em que atendiam às dezenas de exigências das duas amigas.

Outra coisa irritante era o fato de Kate querer meter o bedelho em assuntos da obra. Teve dias que fui obrigada a pedir ajuda para Oliver, pois não achei apropriado fazer fofoca para Robert. Mas a verdade era que ela agia como se fosse esposa dele e não irmã. Eu até entenderia, se ela morasse ali e se não tivesse visto como era o relacionamento dos dois.

A postura fechada e indiferente dele em relação a Kate, enquanto ela fazia de tudo para lhe chamar a atenção, era nítida. Já eu, estava mais que confusa, sem entender por que ela agia como se ele fosse um pretendente e não seu irmão.

Em contrapartida, muitas coisas fizeram sentido quando escutei uma das empregadas comentar que ela era adotada. Mesmo assim, a ideia ainda era meio bizarra.

— Não sei como você aguenta — Rosie comentou, assim que Kate terminou de criticar a cor das paredes que tinham acabado de ser pintadas. O tom fora escolhido juntamente com Robert, que tinha um gosto minimalista e *clean* e sempre pedia que as paredes tivessem cores claras e bastante iluminação natural ao redor.

— Eu não ligo para o que ela diz.

Ela sorriu e me ofereceu mais suco, o qual eu recusei; Rosie sempre fazia questão de me servir um lanche na parte da tarde.

— Quando elas forem embora, vamos dar uma festa — a governanta disse, baixinho, e foi impossível não dar uma boa risada. Ela era mais informal que Oliver; eu jamais conseguiria ter aquele tipo de conversa com ele, pois falar da família de seu patrão não fazia muito seu estilo, mas a governanta de Robert se mostrava mais humana e descontraída.

— Elas costumam ficar muito tempo?

— Ela nunca ficou tanto tempo assim, sempre que vem, passa o final de semana e depois vai embora. Também não estamos entendendo o motivo dessa visita tão prolongada.

Eu queria fazer muitas perguntas a Rosie, mas não achei inteligente para o momento, até porque ela gostava bastante de conversar e se alguém entrasse, poderia achar que estávamos fofocando.

— Obrigada pelo lanche, como sempre, estava delicioso — agradeci e já ia me levantando quando vi Oliver se aproximando.

— O Sr. Collins solicitou sua presença no escritório dele.

Assenti, sorri para Rosie e saí em direção ao corredor. Segui até o escritório de Robert, um tanto ansiosa. Nós já havíamos decidido praticamente

tudo sobre o segundo projeto, então a esperança de que fosse algo referente ao baile tomou conta de mim.

— Posso entrar? — perguntei, depois de dar duas batidinhas na porta.

— Claro.

Eu não tinha visto Robert Collins aquela tarde, e no dia anterior, nós apenas nos cumprimentamos, mas ele estava tão bonito quanto eu lembrava, porém, diferente. Nunca o tinha visto com a barba por fazer, como naquele momento, e aquilo deu charme especial ao seu estilo formal e conservador.

— Gostaria que me acompanhasse até a sede da minha empresa qualquer dia desses. Estou pensando em mudar o meu escritório e achei que pudesse me ajudar com isso.

Tinha adorado saber que ele queria a minha ajuda em mais um possível projeto. Aquilo significava que eu passaria mais tempo com ele e aquela ideia me deixou bem animada.

— Será um prazer, já tem alguma coisa em mente?

Ele virou a tela do computador na minha direção e eu me aproximei para ver a foto de um belo escritório.

— O que acha? — perguntou e demorei alguns segundos para elaborar uma resposta.

— Bem conservador. Acho que combina com você — proferi, sem pensar, e o ouvi soltar um riso charmoso.

Voltei-me imediatamente para ele.

— Então, me acha conservador?

A pergunta me fez sentir meio patética. Robert devia saber que aquela fachada séria era capaz de deixar qualquer mulher enlouquecida, todavia, ele era o tipo de homem que sabia o seu valor e jamais revelaria seus segredos e qualidades a qualquer uma.

— Foi só uma observação, desculpe por isso.

Robert sorriu amplamente daquela vez, como se estivesse bem à vontade com a nossa conversa.

— Não precisa se desculpar, você está certa, eu sou um tanto fechado, mas nada que duas taças de vinho não resolvam.

Engoli em seco e comecei a imaginar como seria jantar na companhia de Robert Collins, bebendo e desvendando todos os seus segredos.

— Não entendo muito de vinho, mas gosto.

Ele levantou uma sobrancelha e torceu levemente a boca para o lado, como se estivesse decidindo alguma coisa.

— Amanhã falaremos mais sobre o projeto do meu escritório. Agora quero que venha comigo, vou lhe mostrar uma coisa.

Robert se levantou e eu o segui para fora do seu escritório. Percorremos os corredores e descemos um lance de escadas, que nos levou a uma espécie de porão. Ele abriu a porta e deu passagem para que eu entrasse em uma senhora adega. O lugar era enorme e as paredes repletas de garrafas de vinho.

— Uau! — falei, sentindo-me bastante impressionada com a magnitude de tudo ali.

— Adoro esse lugar — ele disse, orgulhoso, e começou a caminhar entre as incontáveis prateleiras.

Robert pegou uma garrafa, olhou o rótulo e a colocou no lugar. Fez isso umas cinco vezes até encontrar o que procurava. Depois, foi até um balcão que servia de bar, pegou duas taças e, com maestria, retirou a rolha, servindo-as em seguida.

— Prove — ele pediu, estendendo uma delas para mim.

— Tecnicamente, eu ainda estou em horário de trabalho.

— Tecnicamente, seu expediente acabou há dez minutos.

Rapidamente verifiquei meu relógio de pulso e constatei que, de fato, o meu horário de trabalho já havia se encerrado.

— Sendo assim… — falei e sorri.

— Aos novos projetos — ele disse, erguendo sua taça e me fitando com seus olhos misteriosos, como se tivesse muitos planos para mim.

— Aos novos projetos — repeti.

Não demorou para as notas marcantes da bebida tomarem os meus sentidos.

— Delicioso — elogiei e encarei a boca dele. Era como se meu cérebro quisesse passar uma mensagem subliminar de que eu não estava elogiando apenas o vinho.

— Sabia que iria aprovar. Essa uva é mais suave, as mulheres geralmente gostam.

Achei o comentário dele tão infeliz que tive que me esforçar para que meu desencanto não transparecesse no meu rosto.

Por alguns minutos tinha me sentido especial, por estar bebendo um vinho caro com o homem que não saía dos meus pensamentos. Mas eu devia saber que, muito provavelmente, ele fazia a mesma coisa com outras mulheres.

Naquelas horas minha autoestima escorria pelo ralo.

— Obrigada pelo vinho — agradeci e deixei a taça em cima da mesa. Imaginar Robert naquela adega bebendo vinho com outras mulheres fez meu emocional ficar abalado.

Ele não falou nada disso, pare de interpretar dessa forma, meu subconsciente tentou me fazer ponderar, mas minha mente parecia programada a ver o lado ruim dos relacionamentos. Meu último namoro fora péssimo. Mike me desvalorizou de tal forma que adquiri certa tendência à inferioridade, e me sentia mal só de imaginar que Robert pudesse ser como ele.

Pare de fantasiar, ele só te ofereceu uma taça de vinho.

— Está tudo bem? — A pergunta dele não me pegou de surpresa. Eu não devia estar disfarçando muito bem o meu desconforto.

— Está, sim.

Robert ignorou meu agradecimento e voltou a encher a minha taça.

— Relaxe um pouco, Laura.

Era difícil não ficar tensa na presença dele, sem contar que eu tinha medo de que a bebida me fizesse transparecer o quanto eu estava atraída.

— Tudo bem, só mais essa.

Ele concordou e voltamos a caminhar por entre as garrafas. Enquanto degustávamos o vinho, Robert falou sobre seu amor pela bebida e nomeou suas marcas e tipos favoritos. Era de esperar que um homem da linhagem dele gostasse de coisas requintadas.

Mesmo com seu gosto refinado, a masculinidade dele estava presente em cada gesto. Seu porte aristocrático não conseguia esconder o magnetismo que havia em seu olhar, e apesar da aparente frieza, ele sabia exatamente o efeito que causava e parecia se empenhar em se tornar mais irresistível a cada dia.

— Essa garrafa aqui foi a mais difícil de conseguir — ele disse, orgulhoso, ao indicar uma garrafa de rótulo amarelado que, claramente, pertencia a uma safra antiga e, provavelmente, cara.

— Deve ser um vinho incrível.

— Um dos melhores.

Àquela altura, eu já sentia vontade de falar sobre vários assuntos, mas mantive minha língua dentro da boca, escutando e falando apenas brevemente e nos momentos certos.

Mas aquilo estava me agoniando. Queria ser eu mesma, pois se eu fosse um homem, jamais me interessaria por essa versão de Laura Hunt que vinha

encenando. O melhor mesmo era ir embora dali.

— O vinho estava ótimo, mas acho que já devo ir.

— É impressão ou a minha presença a incomoda?

Arregalei os olhos e fiquei sem palavras por alguns segundos.

— Não vou mentir, essa situação não me deixa completamente à vontade. Você é um cliente do escritório.

Robert ficou absorvendo minha sinceridade.

— Entendo.

Poderia até ser, mas sua expressão corporal demonstrava que ele não tinha gostado muito da minha resposta. Logo depois ele relaxou e voltou a apresentar um daqueles sorrisos discretos e extremamente charmosos que raramente exibia.

— Gosto bastante do seu trabalho, Laura, e acho que você fará muitos projetos para mim, por isso é melhor se acostumar com minha presença, pois é certo que ainda beberemos algumas taças de vinho de vez em quando.

Senti um delicioso frio na barriga, como se aquilo fosse um convite para outros momentos como aquele. Robert estava me envolvendo aos poucos e eu não sabia se era hora de impor limites ou de me jogar de uma vez naquele precipício.

Dez minutos depois, ele me guiava para fora. Após alguns goles daquele delicioso vinho, estávamos ambos mais relaxados e sorridentes.

Ao chegarmos à sala, ele disse:

— Eu sei que já está tarde, mas eu gostaria que você me acompanhasse até o meu escritório, tem uma coisa que eu quero lhe…

— Tio Robert! — a voz chorosa de Charlotte o interrompeu.

Ambos nos viramos para o alto da escada, onde a garotinha, vestida numa linda camisola, se encontrava parada.

— Sim, querida, o que houve?

— Estou com dor de cabeça — reclamou a menina.

— Volte para a cama, eu já vou levar um remédio para você.

Ela obedeceu e ele se voltou para mim que, provavelmente, tinha o semblante preocupado, pois ele falou:

— Não se preocupe, eu vou cuidar dela. Mas vamos ter que deixar nossa conversa para a semana que vem.

— Tudo bem. Boa noite, Robert.

— Boa noite, Laura, e obrigado pela companhia.

— Eu que agradeço o vinho.

Dizendo isso, me dirigi para a porta enquanto ele se dirigiu à cozinha para, com certeza, pegar o remédio da sobrinha.

CAPÍTULO 13

Laura

— Filha, por que não aproveita que amanhã é domingo e sai com suas amigas esta noite? — vovó Grace sugeriu quando estávamos almoçando.

Eu tinha acabado de ajudá-la com a faxina da casa.

— Hoje não, vou aproveitar para descansar.

Vovó assentiu e depois começou a falar sobre a viagem que faria nas próximas semanas. Ela tinha sido convidada para trabalhar na semana de moda em Paris. Na verdade, ela ia todos os anos, ou como convidada de algum estilista famoso para quem já havia trabalhado ou até mesmo para trabalhar para eles.

Naquele ano ela iria cuidar dos ajustes de uma coleção inteira, uma costura tão delicada que só mãos de fadas como as dela poderiam fazer.

Acho que era a época do ano em que ela ficava mais feliz e eu sempre a incentivava a aproveitar aqueles momentos.

Quando terminamos de almoçar, ela subiu as escadas, segurando um cesto de roupas limpas. Enquanto eu colocava as louças na lavadora, pensei em como andava a minha vida. Eu tinha me acostumado tanto a estar na mansão que nos finais de semana me sentia meio perdida.

Antigamente eu passaria um dia de sábado inteiro na cama, mas estava meio frenética, por isso havia acordado cedo. Outra coisa que costumava fazer era ir ao centro de Londres, perambular pelas lojas de decoração, mas não estava com vontade de fazer aquilo também.

Na verdade, não estava com vontade de fazer nada. A temperatura tinha baixado bastante e o sol tímido que tentava se sobressair entre as nuvens

desanimava qualquer pessoa que cogitasse fazer um passeio.

Depois de arrumar tudo, subi para o sótão. Já tinha um tempo que eu não fazia aquilo, mas a forma como Robert Collins me tratara naquela semana estava mexendo com a minha cabeça. Ele nunca falou nada de mais ou se insinuou, mas a forma como me olhava e o jeito como agia comigo me deixavam cheia de esperanças de que a atração não estivesse aflorando somente em mim.

Peguei meu binóculo e me joguei na poltrona. Como de costume, as coisas estavam silenciosas na propriedade dos Collins. Dois seguranças caminhavam ao redor da casa, enquanto o jardineiro cuidava da grama. Já pensava em dar minha bisbilhotice por encerrada, quando Robert surgiu em uma das enormes sacadas. Estava usando um suéter azul marinho, jeans escuro e segurava uma xícara, que imaginei conter chá. Ele ficou por longos segundos olhando na direção da nossa casa e aquilo me deixou completamente desconcertada.

Será que ele também desejava me ver ou era apenas uma feliz coincidência?

De onde estava, era impossível me ver, então, continuei analisando tudo o que ele fazia. Robert era um homem bastante contido, que sorria muito raramente, fazendo bem o papel de típico viúvo solitário.

Voltei a me concentrar em Robert. Ele ficou por mais uns dez minutos olhando na direção da nossa casa e depois entrou.

Como não havia nada de interessante para fazer fui para o meu quarto, liguei o notebook e fui pesquisar sobre a vida do meu chefe novamente.

Daquela vez resolvi ler algumas matérias e descobri que a esposa dele havia morrido em decorrência de um acidente de carro, há pouco mais de 5 anos. Fiquei bem surpresa, primeiro porque ambos deviam ser muito novos e depois porque imaginei que ela tivesse perdido a vida em decorrência de alguma doença grave e não por causa de um acidente idiota. Os meus pais também haviam morrido da mesma forma, mas eu era muito pequena.

Mesmo descobrindo um pouquinho a cada dia, minha curiosidade a respeito de Robert Collins só aumentava. Porém, em vez de ficar me torturando, resolvi assistir à Downtown Abbey. Eu adorava a série, mas não a assistia desde que o último ano da universidade havia se iniciado.

Peguei um cobertor, me aconcheguei no sofá e, assim que o episódio começou, me senti relaxar. Com certeza aquilo me ajudaria a desanuviar a mente e esquecer o meu lindo vizinho por algum tempo.

Depois de ter iniciado a série, não consegui mais parar. Quando fui me deitar, já passava das 3 da manhã, o que foi ótimo, pois terminei os episódios atrasados e consegui dormir, só acordando praticamente na hora do almoço. Sem nada para fazer, o resto do meu final de semana foi bem monótono e eu dei graças a Deus quando a segunda-feira chegou e eu pude voltar à minha rotina agitada.

Na parte da manhã não tive aula e só fui à universidade para entregar um trabalho. Como cheguei ao escritório bem mais cedo que o normal, adiantei algumas coisas que estavam pendentes. Na hora do almoço, Vicky me chamou para irmos a um restaurante que ficava a poucos quilômetros do escritório. Quando estávamos saindo, Sya, que também era estagiária, só que estava um ano atrás de mim, perguntou se podia ir junto. Ambas assentimos e fomos as três.

O almoço transcorreu com tranquilidade, e como estava cedo quando terminamos, voltamos para o escritório caminhando e conversando sobre nossos projetos.

— Como é trabalhar com o Sr. Collins? — Sya perguntou.

— Apesar de ser bem sério, acredito que ele tem gostado do nosso trabalho. — Tentei dar uma resposta bem profissional, uma vez que Sya também era amiga de Ruby e imaginei que minhas palavras chegariam até ela.

— Jura que ele nunca te cantou? — ela insistiu e então tive a certeza de que Ruby estava por trás daquele interrogatório.

— Robert Collins é muito fechado, não consigo imaginar um homem como ele cantando ninguém. — Fui completamente sincera na minha resposta.

Ela balançou a cabeça, enquanto Vicky namorava a vitrine de uma loja de bolsas. Sya era famosa por puxar o saco de pessoas como Ruby, mas mesmo assim não era má, só tinha os valores um pouco invertidos.

Chegamos ao escritório e cada uma foi para sua mesa. Já eu, me encaminhei à sala de West, pois precisava atualizá-lo sobre a reforma, antes de sair. Contudo, sua secretária me informou que o Sr. Collins estava em reunião com ele, o que me surpreendeu um pouco.

— Melhor eu voltar outro dia. Pelo jeito, vai demorar — comentei com ela.

— Eles devem estar terminando, já estão trancados há um bom tempo.

Mesmo com a justificativa dela eu decidi remarcar a conversa com meu chefe. Estava cheia de coisas para fazer na obra e, se fosse esperar, acabaria me atrasando.

Quando cheguei ao estacionamento notei que Ruby e Travis estavam tendo uma discussão. Ele era tão baba ovo dela que aquilo me deixou perplexa. Porém, como não era da minha conta, entrei no carro e quando dei a volta em direção à saída eles não estavam mais lá.

Escutei Elton John durante todo o caminho. Não pude deixar de pensar em como a minha vida andava diferente nos últimos dias, e tudo por causa da atração que estava sentindo pelo meu vizinho. Gostar de Robert era perigoso, ele não era um homem comum e os estragos que meu coração sofreria por causa daquela paixão por ele também não seriam.

Assim que entrei na mansão, um verdadeiro circo estava armado na sala. Kate esbravejava enquanto Charlotte corria de um lado para outro, chorando compulsivamente.

Parei logo atrás de Oliver, que apenas assistia a toda a confusão, o que era,

no mínimo, estranho. Eu poderia estar enganada, mas ele parecia quase… satisfeito com o que presenciava, se seu semblante estivesse me dizendo a verdade. Assim que percebeu minha presença, vi que seus olhos ficaram meio alarmados e aquilo me confundiu muito. Imediatamente ele sacou o telefone e imaginei que estivesse ligando para Robert.

— Laura, não a deixe encostar em mim — a menina pediu, tirando minha atenção do mordomo. Ela correu por trás das poltronas e foi ao meu encontro, agarrando-se na minha cintura com força.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei, encarando Kate. Naquela hora, percebi que ela estava completamente bêbada, isso se não estivesse drogada também e tinha uma tesoura na mão.

— Não se meta, eu só quero cortar as pontas do cabelo dela, que está horrível — disse, com a voz enrolada.

Aquilo fez meu sangue ferver. Kate era mentalmente desequilibrada, mas sob efeito de álcool, as coisas conseguiam sair completamente do controle.

— Você não vai encostar um dedo nela — afirmei, a voz crepitando de ódio.

Kate gargalhou alto.

— Quem você pensa que é? Some da minha frente, porque isso não te diz respeito.

Ela começou a vir em nossa direção, se equilibrando com dificuldades em cima dos saltos. A cena era tão bizarra quanto assustadora.

— Laura, eu estou com medo — Charlotte sussurrou e voltou a me agarrar com ainda mais força.

Mesmo a situação estando bem fora de controle, eu sabia que jamais deixaria que Kate fizesse qualquer mal à garota.

— Ela não fará nada com você, fique tranquila.

Mais uma vez a maluca da Kate gargalhou, como se estivesse se divertindo com o nosso desespero, e voltou a caminhar.

Decidida, peguei Charlotte no colo e dei a volta na sala com a intenção de sair da casa. Não sabia o que Robert pensaria daquilo, mas não deixaria a menina no mesmo ambiente que aquela maluca.

— Volte aqui e devolva minha filha! — Kate disse, com a voz cheia de ódio, e cambaleou, vindo em minha direção.

Tentei andar o mais rápido possível, devido ao peso, mas parei quando escutei um grito e me virei a tempo de ver Kate se desequilibrando sobre os saltos e prestes a desabar no chão.

Toda a cena pareceu acontecer em câmera lenta e meu coração quase saiu pela boca quando percebi que a tesoura havia escapado da mão dela e vinha na nossa direção, diretamente para Charlotte. Instintivamente, girei o corpo do jeito que deu para tirá-la da mira da tesoura e dei de cara com Robert, entrando na sala acompanhado de Lewis.

Meus olhos, arregalados de choque, só se desviaram dos dele, também perplexos, quando senti a ponta da tesoura ferindo o meu braço.

Kate já se encontrava estatelada no chão, enquanto Oliver, parecendo acordar, não sabia se corria para tentar ajudá-la ou se me socorria. Robert parecia estupefato pela cena e Charlotte continuava em prantos.

— Santo Deus, mas o que está acontecendo aqui?

— Tio Robert, graças a Deus você chegou, a mamãe enlouqueceu — a menina respondeu e eu a coloquei no chão, para que fosse de encontro ao tio.

Robert imediatamente abraçou a sobrinha, enquanto Oliver ajudava Kate a se levantar do chão — o que requereu certo trabalho. Lewis, por sua vez, parecia petrificado, mas despertou quando escutou a voz do patrão:

— Oliver, leve Charlotte para o quarto e não deixe essa maluca chegar perto dela. Lewis, leve Kate até meu escritório; em cinco minutos estarei lá para

conversarmos.

Todos obedeceram rapidamente e eu, me sentindo um pouco fraca, depois de a adrenalina baixar o nível, me sentei em uma das poltronas para verificar o ferimento no meu braço, que somente naquele momento senti arder.

— Laura, eu nem sei o que falar de todo esse absurdo.

— Tudo bem, Kate não fez nada com a Charlotte e isso é o mais importante. Seria mais traumático para ela.

— Venha, enquanto eu cuido do seu braço, você me fala o que aconteceu.

Assenti e o segui para a cozinha. Robert me colocou sentada em uma banqueta, pegou um kit de primeiros socorros e, calmamente, começou a limpar o ferimento.

— Foi superficial — falei quando ele limpou um filete de sangue que escorria.

— Isso não tira a gravidade do que ela fez, Kate anda cada dia mais instável.

Eu não sabia quais atitudes Robert tomaria em relação aos últimos acontecimentos, mas era óbvio que Charlotte e a mãe não podiam viver sob o mesmo teto.

— De fato, a visita dela não está fazendo bem a Charlotte — arrisquei falar.

— Vou cuidar disso, quero ela fora daqui ainda hoje.

Não podia negar que a notícia me deixou feliz. Kate parecia uma sombra pelos corredores da mansão e, com ela longe, a paz voltaria a reinar.

— Obrigada — eu disse quando ele terminou de colocar um pequeno curativo.

— Pode prestar queixa, se quiser.

Neguei com a cabeça.

— Foi um acidente, Kate precisa de ajuda especializada e não de cadeia.

Ele me encarou por alguns segundos antes de assentir, concordando.

— Vou resolver as coisas com ela agora. Se puder esperar, gostaria de falar com você.

— Posso, claro.

Saltei da banqueta e voltamos para a sala principal, de onde cada um seguiu para o respectivo escritório. Estava curiosa para saber o que ele poderia querer falar comigo, mas logo me lembrei de que Robert estivera em reunião com o Sr. West e que, provavelmente, era sobre isso que queria conversar.

CAPÍTULO 14

Robert

Após o ataque de loucura de Kate, a situação ficou insustentável e pedi para que ela deixasse a mansão. Também pedi que meu advogado informasse ao juiz responsável pelo caso de Charlotte sobre os últimos acontecimentos. Não a queria perto da filha tão cedo e muito menos a sós. A verdade era que, se ela não se tratasse adequadamente, não permitiria mais nenhuma visita.

— Tio Robert… — disse Charlotte, com a voz quase inaudível.

— Oi, meu anjo.

— Ela já foi embora?

— Já, sim.

O alívio tomou conta de seu rostinho e eu me senti ainda mais culpado por ter deixado Charlotte passar por uma situação daquelas.

— E a Laura?

— Está no escritório dela esperando por mim, mas está bem, já cuidamos do ferimento.

— Queria falar com ela — Charlotte disse, de repente.

— Claro, vamos lá, eu também preciso conversar com ela.

Juntos, nós saímos do seu quarto e fomos até o escritório de Laura, mas para a minha surpresa (e decepção), ela não estava mais lá.

— Acho que ela já foi embora, tio.

Verifiquei meu relógio, percebendo que já era bastante tarde e Laura, com certeza, havia se cansado de esperar.

Droga, toda aquela confusão me fez perder a noção do tempo.

— Pois é, amanhã conversamos com ela — garanti e Charlotte assentiu. — Que tal tomarmos um lanche? Não estou com fome o suficiente para jantar.

— *Tá* bom.

— E depois, cama, viu, senhorita?

Ela sorriu largamente e me acompanhou até a cozinha.

Rosie parecia ter adivinhado meus pensamentos, pois havia dois sanduíches na geladeira e chocolate quente em um bule. Em vez de ferver água para fazer meu chá, resolvi acompanhar Charlotte no chocolate quente.

Nós dois nos acomodamos no balcão da cozinha mesmo e aproveitei para perguntar a ela como tinha sido no colégio e o que teria para o dia seguinte. Cerca de meia hora depois, já alimentados, subimos as escadas.

— Durma bem, querida — falei, assim que paramos em frente à porta de seu quarto.

Ela sorriu novamente e se pendurou na minha cintura.

— Obrigada por tê-la mandado embora, acho que agora vou poder dormir em paz.

Ouvir aquilo foi um baque e, mais uma vez, senti o sangue ferver por saber que Charlotte nem estava dormindo direito por causa da presença da mãe.

Que tipo de ser humano consegue ser temido dessa forma pela própria filha e, mesmo assim, viver em paz? E, pior, como eu não havia percebido?

Depois de me despedir de Charlotte, fui para o meu quarto e fiz algo que estava se tornando um hábito nos últimos dias. Caminhei até a enorme sacada e fiquei observando a casa de Laura Hunt. Como de costume, todas as luzes estavam apagadas, com exceção de uma luminosidade ínfima que vinha do sótão.

Será que ali era o quarto dela ou seria seu escritório?

Não tinha a menor ideia. Tudo o que sabia era que Laura Hunt era uma mulher bonita, inteligente, mas, acima de tudo, muito contida, e todo aquele mistério despertava a minha curiosidade.

Eu tinha vontade de saber mais sobre ela, mas também tinha receio de que fosse apenas um interesse passageiro, como aconteceu com todas as mulheres com quem me envolvi nos últimos anos.

Antes de dormir, recebi uma mensagem de boa noite de lady Celine Windsor. Desde o nosso último encontro, que aconteceu há algumas semanas, eu vinha ignorando suas mensagens.

Nosso caso, para mim, tinha cunho estritamente sexual e dar espaço entre um encontro e outro era uma forma de deixar minhas intenções bem claras.

Celine era uma mulher interessante, o problema era que a lembrança de minha falecida esposa ainda se interpunha entre mim e qualquer mulher com quem eu saía com mais frequência.

O tempo que passamos juntos ainda era muito vivo em minha memória, assim como seu fim trágico. Em meu âmago ainda havia resquícios de raiva e períodos de depressão, fases do luto que eu ainda não havia superado e essa falta de aceitação interferia em minha vida amorosa.

Stacy tinha sido o grande amor da minha vida e meu pré-consciente se negava a aceitar alguém em seu lugar. Por mais que eu soubesse que deveria seguir em frente, era extremamente difícil.

Muita coisa já havia mudado em minha cabeça, mas ainda não conseguia assumir um relacionamento sério com alguém e isso me estressava.

Após muitas tentativas frustradas, eu decidi que deixaria a vida me surpreender e não me forcei a demonstrar o que não sentia para ninguém e em nenhuma situação. Isso poderia parecer frio, mas foi o que tranquilizou meu coração e me fortaleceu; eu sabia que, por mais carente que me sentisse em certos momentos, não permitiria que qualquer pessoa tomasse o lugar de alguém

que fora tão especial para mim.

No dia seguinte eu acordei um pouco mais animado apenas por saber que Kate e sua amiga já estavam bem longe da minha propriedade e as coisas voltariam ao ritmo normal; era nítido que nem meus funcionários aguentavam mais as loucuras daquela mulher.

Sendo bem sincero, parecia até que estava mais fácil respirar dentro da minha casa e mais uma vez me repreendi por tê-las deixado ficar.

Na parte da manhã deixei Charlotte no colégio e depois segui para a empresa. Teria algumas reuniões ao longo do dia, mas queria chegar a tempo de conversar com Laura.

Precisava lhe agradecer por ela ter defendido Charlotte de Kate.

Quando cheguei ao banco, meu primo Archie já me aguardava na recepção da minha sala. Seu jeito displicente mostrava que estava dando em cima da minha secretária que, por sinal, era casada.

— Olha quem lembrou que tem uma empresa e veio trabalhar — ele brincou.

— Que culpa eu tenho se consigo fazer em uma manhã o que você não faz em um dia inteiro? — rebati e ele gargalhou.

— Não vou discordar, mas o que posso fazer, se há tantas mulheres lindas ao nosso redor... Quem deixaria uma beldade esperando e se trancaria em uma sala?

— Qualquer pessoa que quisesse ganhar dinheiro.

— Certo, talvez você tenha razão, terei que rever meus conceitos — falou com seriedade, como se toda aquela conversa fosse séria.

— Como vão as coisas? — perguntei quando nos acomodamos em minha sala.

— Ótimas, vim para conversar com o chefe do seu setor jurídico e

aproveitei para passar aqui na presidência e ver você.

— Fez bem.

Archie era um advogado brilhante. Também era herdeiro de um dos melhores escritórios de advocacia de Londres, que, em pouco tempo, se tornaria o melhor, caso o desejo de Arthur Collins de entrar para o Conselho de Advogados da Rainha se concretizasse.

Cacife ele tinha. A despeito de toda a sua irreverência, meu tio havia educado o filho muito bem e tanto ele quanto eu tocávamos os negócios de nossas famílias com muita responsabilidade.

A única coisa que nos diferenciava era seu fraco por belas mulheres. Mas ao contrário do que falou, Archie nunca negligenciaria seus negócios por causa de um rabo de saia, era ambicioso e orgulhoso demais do que possuía para isso.

Mas fora do trabalho a história era outra. Aos 28 anos, sua vida era permeada de relacionamentos passageiros. Eu não achava que isso mudaria tão cedo e não o julgava, pois já tive sua idade e, antes de Stacy aparecer, eu também gostava de aproveitar a vida de solteiro.

Além do mais, era bom que aproveitasse, pois se quisesse mesmo se tornar conselheiro da rainha, ele teria que fazer um bom casamento e estava ciente disso. Nada menos que a mulher perfeita o ajudaria a chegar onde queria.

— Passei na Henkle e West esta semana. Eles estão cuidando da decoração da minha cobertura e Preston me contou sobre a reforma que você está fazendo — comentou.

— Quanta indiscrição — resmunguei, mas sem me incomodar de verdade.

— Ele também me mostrou a arquiteta responsável.

— Ruby? — questionei, pois ela era quem estava assinando os projetos, mesmo que fosse Laura que fizesse todo o trabalho.

— Não, essa eu já conheço e faço questão de manter a distância. Estou falando da loira. Por Deus, Robert, diga-me que você está investindo naquela

deusa.

Remexi-me na cadeira, sentindo um desconforto repentino por causa daquele comentário inoportuno.

Archie já tinha feito o mesmo com várias mulheres a minha volta e nem por isso eu tivera aquelas emoções desconhecidas.

— Fique longe dela, Laura não é mulher para você — alertei.

— É impressão minha ou isso é ciúme?

Fiz minha melhor expressão de enfado e falei:

— Óbvio que não, só não quero problemas com ela. Laura é ótima no que faz e eu não quero perdê-la porque meu primo galinha começou a assediá-la. Além disso, ela é muito inteligente e focada no trabalho, não acho que se interessaria por um libertino como você.

Ele gargalhou.

— Você sabe que elas não resistem ao meu charme — se gabou e eu quase revirei os olhos. Em vez disso, mudei de assunto e comecei a falar de negócios.

Mas quando ele saiu, fiquei imaginando se Laura poderia se interessar pelo meu primo e mais uma vez aquilo me incomodou.

Queria entender por que estava sentindo aquele tipo de coisa, ela era uma mulher linda, isso era fato, no entanto, nunca tínhamos interagido de forma mais íntima, nem sequer havíamos nos beijado, então, de onde vinha aquela inquietude?

Eu tinha que admitir que havia uma eletricidade diferente quando estávamos juntos. Nossa troca de olhares era intensa e percebia que ela estava atraída por mim. Eu, todavia, não sabia o que estava sentindo e seria covardia de minha parte despertar qualquer sentimento numa garota especial como Laura.

Mesmo estando atraído por ela, não sabia se conseguiria levar algo mais sério adiante.

CAPÍTULO 15

Laura

Há males que vêm para o bem e, devido ao acesso de loucura de Kate, nem eu nem Charlotte teríamos mais o desprazer de conviver com ela ou Melanie. Aquela era a única coisa boa que eu podia tirar do que aconteceu naquela tarde, mas já era muito.

Então, apesar de tudo, eu estava muito feliz, porém, quando cheguei *em* casa, precisei me conter; não queria comentar sobre os últimos acontecimentos. Dada a hora em que vi as duas amigas indo embora da mansão, elas já estavam longe e contar o que houve para vovó apenas a preocuparia.

Depois que elas se foram, até consegui trabalhar um pouco, mas na medida em que a adrenalina foi diminuindo, fui ficando mais cansada.

Eu queria ter conversado com Robert, queria saber como a Charlotte estava, mas ele demorou tanto para resolver aquela confusão… Por isso acabei indo para casa. Acreditei que era a coisa certa a fazer, aquela situação havia me desgastado demais. Por causa disso, apenas tomei um banho e caí na cama, dormindo imediatamente.

No dia seguinte, acordei bem cedo; tinha duas provas finais para fazer, as duas últimas, e então eu finalmente estaria liberada para pensar no dia da formatura.

Nem dava para acreditar que meu sonho estava tão perto de se realizar.

Foi com todo esse entusiasmo que segui para a mansão, assim que terminei as provas. Eu havia me programado para ir ao escritório, mas West teve que viajar de última hora e pediu para remarcarmos nossa reunião.

Após guardar minhas coisas, encaminhei-me ao cômodo em reforma. As coisas já estavam bem adiantadas, com a abertura das portas já na fase de acabamento. Quando ele estivesse limpo, começaria a melhor parte, ou seja, a colocação dos móveis, que deviam estar prestes a chegar.

Depois de conversar com Jack, voltei ao meu escritório provisório. Não havia nada a fazer a não ser esperar, por isso resolvi trabalhar na finalização de outro projeto e só me dei conta do tempo que passei lá quando senti o estômago roncando.

Não me importei, eu tinha finalizado o projeto e isso me deixou muito satisfeita.

Fui até a cozinha, onde uma Rosie extremamente preocupada me recebeu com um abraço. Tive que garantir várias vezes que estava bem, para que ela acreditasse e fosse preparar um sanduíche para mim. Ela também me serviu um suco de uva e começou a me contar que Kate, mesmo depois de tudo, foi exigir que ela fizesse sua mala, assim como a de Melanie, mas que Robert, ao ouvir aquilo, disse às duas que, se elas mesmas não fizessem aquilo no prazo de 10 minutos, teriam que ir embora sem nada.

Eu sabia que não era certo, mas não pude me segurar e comecei a rir ao imaginar a cena daquelas duas correndo com seus saltos altíssimos, jogando tudo dentro da mala, para não saírem de lá somente com a roupa do corpo.

— Parece até que a casa mudou de clima. Não sei se aguentaria muito mais tempo se aquelas duas não tivessem ido embora — Rosie confessou, séria, mas dava para ver o quanto ela estava aliviada.

De minha parte, preferi ficar calada, não queria me comprometer mais do que já estava.

Ao terminar o sanduíche, servi outro copo de suco e me dirigi à porta da copa, que dava para uma espécie de pomar com pelo menos 4 tipos de frutas. Nunca tinha ido ali e fiquei encantada com o que vi. Se no inverno estava

daquele jeito, eu só podia imaginar como seria no outono ou na primavera. Rezei, intimamente, para que pudesse ter a oportunidade de ver.

Agradeci e me despedi de Rosie, então atravessei o corredor que me levaria ao meu escritório.

— Laura! — exclamou Charlotte, exaltada, assim que cheguei à sala.

— Oi, querida. Como você está?

— Estou bem. Eu queria agradecer por ontem — disse ela, meio sem jeito.

— Não precisa agradecer, eu jamais deixaria qualquer pessoa fazer mal a você.

Os olhos da menina se encheram de lágrimas e ela me abraçou apertado. Fiquei comovida com aquilo e a abracei de volta pelo tempo que ela quis.

— Eu fui tão má com você — declarou a garota ao se afastar, parecendo envergonhada.

Era tão óbvio que Charlotte sentia falta de uma figura feminina que mesmo aqueles gestos a deixavam acanhada. Bom, já que sua mãe não conseguia fazer seu papel, eu tentaria ao máximo ajudá-la pelo tempo em que estivesse trabalhando ali.

— Está tudo bem, você não me fez nada de mais — garanti e lhe estendi a mão. — Amigas?

Ela sorriu de volta e apertou minha mão.

— Amigas.

Selado o acordo, nós nos despedimos, cada uma com um sorriso enorme no rosto.

Passei a tarde cuidando de outro projeto, ao mesmo tempo em que conferia o que estava sendo feito pelos empreiteiros, pois não queria que nada desse errado.

— Laura, podemos conversar? — pediu Robert, assustando-me, pois não o

vi abrir a porta.

— Claro.

Ele abriu caminho para mim em direção ao seu escritório.

— Queria pedir desculpas mais uma vez pelas loucuras de Kate e agradecer por ter defendido a minha sobrinha.

— Tudo bem, já passou, não precisa agradecer. Como disse ontem, eu jamais deixaria que alguém fizesse mal a Charlotte.

Seus olhos me encararam com certa admiração, mas não falei isso para agradá-lo e sim porque sentia um carinho genuíno por aquela garotinha solitária.

— Fico feliz em ouvir isso.

Assenti e Robert abriu uma gaveta, tirando de lá um envelope dourado e reluzente. Era o tão sonhado convite e meu coração acelerou instantaneamente.

— Não sei se você sabe, mas todo ano acontece um baile anual promovido por minha família e eu gostaria que comparecesse. Será daqui a duas semanas — ele disse, me estendendo o convite.

— Ah, muito obrigada, vou fazer o possível para comparecer.

Foi bobo de minha parte falar isso, uma vez que aquele era o meu sonho de criança, mas não queria que ele percebesse o quanto eu estava desesperada por aquilo.

— Tem algum compromisso nesse dia?

Pense, Laura!

— A princípio não, é que…

— O quê?

— Bom, é que eu não conheço ninguém que compareça a eventos como esse, além de você, claro, e fico sem graça.

Aquilo era verdade. Eu queria tanto ir ao baile dos Collins, mas em todos esses anos vários detalhes passaram despercebidos e só então me dei conta de

que me sentiria um peixe fora d’água. Robert estaria cercado por amigos e *mulheres* da alta sociedade e eu ficaria sozinha em alguma mesa.

— Eu convidei algumas pessoas do seu escritório, West, seu sócio e a arquiteta chefe, acho que não terá problemas para se entrosar.

Assenti e fiquei imaginando como seria ficar na mesma mesa que os sócios do escritório, suas esposas ciumentas e Ruby Foster, que para piorar o constrangimento, era amante de um deles.

Contudo, eu teria uma chance de interagir com Robert em um ambiente totalmente diferente, em contrapartida, poderia acontecer exatamente o contrário: ele talvez me ignorasse para ficar com as grã-finas da alta sociedade.

Meu Deus, que confusão!

— Muito obrigada pela consideração, Robert. — Dei um sorriso em agradecimento e me despedi.

Saí de seu escritório totalmente dividida, com a imaginação a mil, mas estaquei no meio do caminho ao me dar conta do que estava acontecendo: Robert não tinha me convidado por querer minha presença, tinha feito aquilo pelo que eu havia feito pela sobrinha dele.

Senti toda a minha alegria se esvair e tive vontade de voltar ao escritório dele e devolver o convite, mas não poderia fazer aquilo; aquele foi o modo que achou de me agradecer, além disso, ele nunca poderia saber o quanto eu sonhei em ser convidada para um daqueles bailes, apenas não imaginei que seria naquelas circunstâncias.

Fui para o meu escritório, sentei-me na minha poltrona e analisei o convite com cuidado. Era tão bonito e cheio de requinte! Digno de um baile de realeza.

— Você virá ao baile? — Charlotte perguntou, me assustando, e se jogou no sofá que havia ali como se fôssemos amigas íntimas.

— Ainda não sei.

— Acho que meu tio gosta de você — sugeriu ela, com um sorrisinho

esperto no rosto. — E pela sua reação, você também gosta dele.

— De onde você tirou isso? — questionei, fazendo cara de espanto.

— Eu posso ter 8 anos, mas não sou burra.

Com certeza ela não era e confesso que estava gostando dessa sua versão tagarela.

— Seu tio e eu somos apenas amigos. Aliás, nem isso.

— Eu o escutei conversando com alguém ao telefone, sabe? Ele falou de você e do seu talento como arquiteta.

Fiquei completamente desestabilizada com a informação de Charlotte.

— Que bom, sinal de que ele está gostando do meu trabalho.

— Sim, mas eu acho que ele gosta mesmo é de *você* — ela disse, apontando o indicador para mim.

— Não se iluda, Charlotte, seu tio jamais se interessaria por mim.

— E por que não?

Acho que eu preferia a versão dela que não fazia tantas perguntas.

— Charlotte, seu tio está indo para a cidade e pediu para perguntar se a senhorita quer ir com ele — disse Oliver, salvando-me das perguntas embaraçosas da pestinha.

— Quero, sim, Oliver, obrigada.

Charlotte saiu, saltitante, deixando-me feliz por ela e também muito aliviada.

Ao chegar *em* casa, contei para vovó Grace o que havia acontecido e ela ficou mais empolgada do que eu quando viu o convite do baile. Fazia bastante tempo que não a via tão animada. Sua empolgação me afetava, é claro, mas eu ainda estava apreensiva.

— Mas vó, está na cara que só fui convidada por causa do que fiz pela sobrinha dele. Por mais que eu queira ir, não sei se devo.

Para que ela pudesse me ajudar, tive que contar o que havia acontecido no dia anterior, mas sem muitos detalhes.

— Mas é claro que deve, querida. Independentemente de qual tenha sido a motivação dele, e não sabemos se realmente foi por causa disso, esse é um sonho que você tem há muitos anos e não vou permitir que desista por causa de uma suposição.

Ela tinha razão. Tudo levava a crer que aquele era o motivo, mas alguma coisa no meu íntimo dizia que ele não havia me convidado apenas por gratidão. Eu poderia estar me enganando, mas era nisso que iria acreditar.

— Tudo bem, eu vou.

— É assim que eu gosto de ver — falou, batendo palminhas de satisfação. — Já tenho o tecido ideal e vou começar a fazer o seu vestido hoje mesmo.

— Que cores a esposa de Robert costumava usar? — perguntei, curiosa.

O grande sorriso que vovó exibia nos lábios cessou. Logo depois ela depositou o convite em cima da mesa e se virou para mim, séria.

— Filha, eu sei o quanto está encantada por Robert Collins e justamente por isso não vou revelar detalhes sobre a falecida esposa dele. Não quero que construa um relacionamento se baseando no que ele viveu no passado. Seja apenas você mesma e será o suficiente.

Fiquei impactada com aquele discurso. Minha pergunta foi bem inocente, mas bem no fundo eu queria saber mais sobre as qualidades que Robert apreciara na mulher com quem fora casado. No entanto, vovó tinha razão, não dava para pensar em se envolver com alguém se embasando nos gostos e características de outra pessoa.

— Como sempre, a senhora está certa.

Ela sorriu, me deu um beijo na testa e foi para seu ateliê de costura.

Quando fiquei sozinha, mesmo depois de tudo acertado em minha cabeça, comecei a criar várias situações hipotéticas e meus pensamentos, já

extremamente volúveis, começaram a entrar em conflito sobre ir ao baile ou ficar em casa, vendo tudo do sótão, para me poupar de qualquer frustração.

Pare de ser boba, Laura!, minha consciência alertou e tive que concordar. Não dava para ficar sofrendo por antecipação.

Suspirei profundamente e acabei me lembrando de outra coisa. Como era sexta-feira, eu só o veria na segunda e isso estava me incomodando.

Balancei a cabeça, desanimada.

Às vezes me assustava por estar sentindo tantas coisas por um homem que eu sequer havia beijado, que nunca havia sido nada além de gentil comigo. Tudo o que sabia era que Robert Collins era aquele tipo de homem que fazia nossos hormônios borbulharem só por estar em sua presença.

Aquele homem me confundia. No geral ele era apenas educado, mas os olhares que trocávamos de vez em quando me faziam pensar que ele também sentia alguma atração por mim, mas tinha receio de misturar as coisas.

Joguei-me na cama e me conformei em ter que passar um final de semana inteiro sem vê-lo. Por isso me surpreendi tanto quando meu celular tocou sábado de manhã.

Era o número da casa dele, mas quem estava ligando era Charlotte.

Ela queria saber se minha avó poderia fazer um vestido para ela.

O baile seria dali a 15 dias e ela estava cheia de encomendas, mesmo assim vovó disse que não desapontaria sua nova cliente e acabou aceitando o pedido da menina.

Robert também conversou comigo e disse que tinha alguns compromissos, mas que enviaria Charlotte com Rosie para tirar as medidas.

Minha avó as recepcionou com um belo café da manhã, contendo bolos e guloseimas, o que deixou Charlotte extasiada.

Quanto mais eu a conhecia, mais percebia que o que lhe faltava era

atenção e amor, então, nas horas que passou em nossa casa, fizemos de tudo para agradá-la, tanto que ela não queria mais ir embora.

Antes de ir, agendamos a primeira prova para o final da semana e outra para o meio da semana seguinte.

Vovó Grace teria que se desdobrar para colocar todos os seus pedidos em ordem, por isso resolvi ajudá-la. Não era tão boa quanto ela, mas sabia que poderia me virar com os forros e alinhavos.

Enquanto ela tirava as minhas medidas, peguei-me contando os dias para o evento, morta de curiosidade para saber se o baile dos Collins era tudo o que imaginei ou apenas uma bela fantasia criada pela minha mente fértil.

CAPÍTULO 16

Laura

DIAS DEPOIS...

O dia amanheceu bem ensolarado, coisa meio incomum naquela época do ano. Londres era sempre tão nublada que encarei aquilo como um presente para Robert Collins e seu baile, que estava supercomentado na cidade.

Meus últimos dias foram uma loucura, tive que me dividir entre a universidade, o escritório, a obra e Charlotte, que não desgrudava.

Ela já tinha ido fazer as duas provas do vestido com a vovó Grace e encomendado mais dois modelos.

Obviamente que Robert tinha dinheiro para vesti-la com as melhores grifes que existiam, mas tive a impressão de que até ele havia percebido o quanto ela gostava de ir à minha casa e desconfiava que suas novas encomendas fossem apenas um pretexto para continuar nos visitando.

Acordei mais cedo que o normal e, após um belo banho, coloquei um short e uma regata e desci para tomar café com a vovó.

— Bom dia, Lala. Enfim, o grande dia chegou — ela disse, toda feliz, e me deu um beijo na testa.

— Bom dia, vovó.

— Animada?

— Estou, claro, mas com receio de me sentir deslocada.

— Você é linda e inteligente, será fácil se entrosar — comentou.

Assenti e fomos ao ateliê para pegar meu vestido.

Eu o tinha provado no dia anterior, mas ainda precisou de alguns ajustes, por isso ainda estava lá embaixo.

O modelo dourado era todo estruturado, colado até a cintura, com alças bem finas, um lindo decote em v e uma saia esvoaçante e delicada, do jeito que eu gostava. A fenda que vovó deixou do lado direito mostrava quase toda a minha perna quando eu andava.

O corpo, feito de tule, tinha a parte da frente estrategicamente bordada para deixar apenas os seios completamente cobertos.

Aquele jogo de cobre-esconde que vovó criou na saia e no corpete o deixou divinamente sensual e eu mal esperava para ver como Robert reagiria.

— Agora que os vestidos estão entregues, vou terminar de arrumar minha mala.

O dia de sua viagem tinha chegado e fiquei chateada que tivesse sido justamente no dia do baile. Mas sabia o quanto ela estava feliz por passar duas semanas em Paris. Já eu, estava me preparando para ter que me virar sozinha com as coisas de casa.

— Precisa de ajuda?

— Não, já arrumei praticamente tudo.

— Está bem, me avise quando estiver pronta, vou levá-la ao aeroporto.

Ela assentiu e subiu para o seu quarto.

Quase duas horas depois eu a estava deixando no aeroporto.

Nossa despedida foi emocionada, como sempre, não somente porque era raro nos separarmos, mas porque aquela mulher incrível era minha única família e a melhor que eu poderia ter.

Contudo, sabia o quanto aquilo era importante para ela e tentei não transparecer o quanto estava triste.

Após deixá-la no aeroporto, almocei em um dos meus restaurantes preferidos e segui para um conceituado salão de beleza no centro da cidade, onde havia marcado um horário para as 14h.

Ao chegar, fui bem recebida pela recepcionista, mas logo fiquei desanimada. O local estava bem lotado, parecia até que metade das dondocas da cidade estava ali e eu achei que precisaria esperar. Porém, para minha surpresa e gratidão, a moça imediatamente me indicou uma das cadeiras vazias para que eu pudesse fazer as unhas.

Quando terminei, uma auxiliar me levou ao lavatório, onde lavou meus cabelos e depois me guiou até a cadeira.

Como não gostava de penteados, pretendia apenas ondular o comprimento, e foi o que falei para o profissional que apareceu para me atender.

Como meu cabelo era muito liso, ele o deixou enrolado enquanto a maquiagem era feita e sugeriu que eu o mantivesse assim até a hora de sair, para que o resultado ficasse melhor. E foi assim que saí do salão, três horas depois, e me dirigi para casa.

Sem nada para fazer, resolvi xeretar a casa vizinha. O fato de eu estar convidada naquele ano não diminuía a emoção que eu sentia com toda a agitação que acontecia ali nos dias de festa.

Havia um verdadeiro batalhão de seguranças, além de diversas pessoas entrando e saindo com arranjos de flores, mesas, cadeiras e objetos de decoração.

Devo ter ficado quase uma hora ali porque, quando dei por mim, já passava muito das 18h e a ansiedade que eu consegui controlar até então começou a aumentar exponencialmente.

Por ter tomado banho antes de sair, não havia muita coisa para fazer, exceto passar um hidratante na pele e arrumar meu cabelo.

O cabeleireiro havia me dado muitas dicas para que, depois de solto,

ficassem apenas as ondas e, no final, fiquei satisfeitíssima com o resultado.

Como o vestido tinha vários pontos de brilho, preferi colocar brincos discretos para não ficar exagerada.

Após me vestir, passei meu perfume favorito e rodopiei em frente ao espelho, do mesmo jeito que imaginei as mulheres fazendo nos bailes dos Collins no decorrer dos anos.

Saí dos meus devaneios e voltei a me olhar. Era incrível como um lindo vestido associado a um cabelo perfeito e uma maquiagem bem-feita mudavam uma pessoa. Eu ainda me sentia como eu mesma, mas tinha a aparência mais adulta e muito, muito sexy.

Estava terminando de calçar a sandália quando meu celular tocou dentro da bolsa.

Era ele e meu coração quase saiu da boca.

— Alô — falei após respirar bem fundo.

— Laura, desculpe-me por incomodar, mas Charlotte quer sua ajuda para arrumar o cabelo. Eu poderia pedir à Rosie, mas ela está tão ocupada com os últimos preparativos que não tive coragem de chamá-la. Teria como você ver quando estivesse pronta?

— Claro, eu já estou pronta. Chego aí em 10 minutos.

— Vou pedir para que o motorista vá pegar você.

— Não precisa.

— Faço questão — insistiu.

— Tudo bem, até daqui a pouco — falei e desliguei.

Em menos de cinco minutos o motorista de Robert estava lá. Ele abriu a porta de trás para mim e seguimos em silêncio para a mansão.

O jardim estava todo iluminado, exatamente como eu me lembrava de ter visto tantas vezes. Era tão emocionante ver tudo de perto.

Desci do carro e passei por vários seguranças, que estavam posicionados em frente à propriedade. Como a porta estava aberta, segui para dentro, mas parei para ver a bela decoração que estava montada no hall de entrada.

Havia um corredor todo revestido com um tecido que brilhava conforme as luzes passeavam por ele.

Esse corredor belamente improvisado levava diretamente para o salão de festas e impossibilitava os convidados de terem acesso aos outros cômodos da casa.

Achei a ideia sensacional e me perguntei se todos os anos eles faziam aquilo.

Além disso, em cada uma das escadarias havia um segurança para evitar que algum convidado subisse para a ala particular da casa. Por sorte eles já me conheciam e não fui impedida de subir.

Fui direto para o quarto de Charlotte, mas antes lancei um olhar para a porta da suíte de Robert, que estava fechada.

Suspirei de nervoso e segui adiante.

— Nossa, você está linda, meu tio vai ficar babando! — disse Charlotte quando entrei, visivelmente animada.

— Obrigada — falei e mudei de assunto. — Do que você precisa, meu amor?

— Queria que meu cabelo ficasse liso como o seu.

— Mas meu cabelo não está liso — brinquei.

— Ah, você sabe — disse ela, rindo.

— Sei, sim.

Deixei minha bolsa em cima da cama e fiz como ela pediu.

Os cabelos de charlote eram longos e loiros, não claros como o meu, mas numa cor de mel lindíssima. Eles também não eram totalmente cacheados. Na

verdade, eram exatamente como metade das mulheres gostava, liso na raiz e anelado nas pontas. Como eram relativamente finos e já tinham secado bastante, em meia hora consegui fazer o que ela queria.

— Ficou lindo! — ela elogiou e correu até o closet para pegar seu vestido, a meia calça e o sapato.

Após ajudar com a meia e o sapato boneca, foi a vez do vestido.

— Você está uma verdadeira princesa — falei enquanto no encarávamos pelo espelho.

— Obrigada, Laura — ela agradeceu, com um enorme sorriso, e me abraçou.

— Vocês duas estão — disse Robert da porta e meu coração acelerou.

— Ah, obrigada — agradeci, um pouco envergonhada pelo elogio, mas não consegui desviar o olhar.

Ele estava lindo de morrer dentro de um smoking preto. Muito mais lindo do que alguma vez imaginei.

— Nós já vamos descer, tio — Charlotte avisou, quebrando a conexão e me salvando de passar ainda mais vergonha.

— Eu preciso fazer uma ligação e já desço.

Assenti e passei por ele com Charlotte de mãos dadas comigo.

Já no andar inferior, seguimos pelo corredor, com Charlotte pulando e tagarelando sem parar, exatamente como uma menininha de 8 anos se comportaria.

O salão já estava com uma boa quantidade de pessoas e a decoração era toda em preto e dourado, desde os arranjos de mesa até os lustres majestosos que desciam do teto.

— Aquela lá é a mesa do tio Robert — Charlotte apontou e me guiou entre os convidados.

Eu não sabia se poderia ficar sentada lá, mas não podia deixá-la sozinha, por isso aceitei.

Nos acomodamos e logo um garçom serviu suco para ela e champanhe para mim.

Quase meia hora depois avistei Robert entre os convidados e junto com ele estava uma senhora bem mais velha que ele.

— É a tia Elsie. Ela é uma bruxa — falou, me arrancando uma gargalhada.

— Como assim?

— Ela vive querendo arrumar namoradas para o tio Robert. Sorte nossa que ele nunca gosta de nenhuma.

Aquela informação me deixou curiosa, mas decidi não fazer perguntas ou comentários.

Muito tempo se passou antes que Robert aparecesse em nossa mesa, o que era natural, por ele ser o anfitrião e ter que dar atenção a todos os importantes convidados.

Eu me sentia muito sem graça por estar em sua mesa sem um convite formal, mas ele pareceu não se importar, estava tranquilo enquanto permanecia de pé, ao lado da sobrinha.

— Tio Robert, por que você não dança com a Laura?

A pergunta de Charlotte me deixou mortificada e eu lancei um olhar atravessado para ela.

— Porque a pista de dança ainda não foi liberada. Precisarei fazer um breve discurso agora, mas depois dançarei com ela, pode ser? — perguntou, todo gentil, e me lançou um olhar divertido.

Charlotte assentiu e logo ele pediu licença para ir recepcionar alguns convidados que haviam acabado de chegar.

Mesmo sabendo que as coisas seriam daquele jeito, precisava confessar

que estava frustrada pela pouca atenção que ele estava me dedicando. Porém, toda vez que esse pensamento me atingia, eu lembrava que não éramos nada um do outro e não deveria criar expectativas, pois só quem sairia machucada seria eu.

O discurso de Robert aconteceu minutos depois e em poucas palavras ele agradeceu a presença de todos e liberou a pista para que os convidados pudessem dançar.

Aproveitei que todos estavam distraídos e fui ao banheiro com Charlotte. Na volta, em vez de voltar para mesa, ela me guiou para a perto da pista de dança.

— Por que quer ficar aqui? — perguntei.

— Quero que conheça uma pessoa — afirmou, ficando na ponta dos pés e girando a cabeça de um lado para o outro.

Enquanto ela procurava pela tal pessoa, fiquei analisando seus traços. Charlotte era bem parecida comigo, com seus cabelos loiros e olhos claros. Qualquer um que não nos conhecesse, poderia dizer que éramos irmãs.

— Aí estão vocês — disse Robert, parando ao meu lado.

— Resolvemos circular um pouco — falei, sem dar muita atenção a ele.

Poderia parecer infantil, mas eu não queria demonstrar o quanto estava ansiosa pela presença dele.

— Tia Elsie está em nossa mesa, porque não fica com ela enquanto eu danço com a Laura? — sugeriu gentilmente à sobrinha.

Charlotte concordou alegremente e saiu, saltitante, em direção à mesa.

— Eu não sou uma boa dançarina — avisei enquanto ele me guiava para a pista.

Eu estava chateada, mas foi só sentir sua mão na base da minha coluna e seu perfume envolvendo meus sentidos para as coisas se abrandarem.

— Você está linda — elogiou.

— Obrigada — respondi, evitando olhar para ele.

Robert me guiou pelo salão por duas músicas seguidas e naqueles minutos tentei não pensar em nada. Procurei apenas aproveitar a forma como sua mão tocava minhas costas, em alguns momentos, com certa possessividade.

Quando a segunda música acabou, nós seguimos para a mesa onde Charlotte estava de cara fechada e a tal tia Elsie, com os olhos fixos em mim.

Ela tinha sobrancelhas grossas e escuras, o que lhe dava um ar de crueldade que talvez só existisse em minha cabeça.

— Tia Elsie, esta é a Laura Hunt — Robert nos apresentou e ela me cumprimentou com muita simpatia.

Nós dois nos sentamos, mas logo Robert foi abordado por um casal e para minha agonia me deixou sozinha com a tia.

— Então você que está prestando serviços ao meu sobrinho — disse ela, levantando uma de suas sobrancelhas.

— Estou, sim, trabalho no escritório que está cuidando do projeto de reforma.

Ela passou os olhos por meu rosto, reparou nos meus brincos e depois assentiu.

Eu não tinha o que conversar com ela e como não parecia muito disposta a isso também, concentrei-me em Charlotte.

Alguns minutos se passaram até que o rosto de Elsie se iluminou.

Instintivamente me voltei para onde ela estava olhando e vi Robert dançando com uma bela mulher. Ela era uma morena, alta, esbelta e usava um vestido vermelho maravilhoso.

Os dois sorriam e deslizavam pelo salão como se tivessem muita intimidade e isso me deixou indisfarçavelmente triste.

— Robert e Celine fazem um belo casal. O meu sobrinho combina muito com a realeza — disse a tia, destilando orgulho.

— Pois eu acho *ela* uma chata — Charlotte bufou e a senhora lhe lançou um olhar de reprovação.

— Não fale besteira, criança. Celine Windsor é o sonho de muitos homens da alta sociedade de Londres. Imagine só se Robert se casa com uma sobrinha-neta da rainha, seria maravilhoso para a nossa família.

Fiquei analisando o discurso daquela senhora, o quanto ela parecia valorizar o título que a tal Celine ostentava, e foi impossível não imaginar que Robert talvez pensasse o mesmo.

Quem sabe fosse esse o motivo de ele estar tão distante a noite toda?

Depois que a dança acabou, eles sumiram.

— Laura, eu estou com sono, você me leva até o quarto? — Charlotte pediu.

— Claro, querida, vamos. — Olhei para Elsie, que analisava nossa interação, e disse: — Se Robert voltar, avise que já levei Charlotte para o quarto, por favor.

Ela assentiu, nitidamente satisfeita por eu não estar ali para atrapalhar o flerte de seu sobrinho com Celine.

Seguimos entre os convidados e avistei West e Hankle com suas respectivas esposas. Como eles não me viram, passei direto e segui adiante.

Antes que chegássemos à porta, Charlotte me puxou pela mão e me arrastou para perto do bar, dizendo que havia achado a pessoa que estivera procurando.

— Oi, tio Archie — ela disse para um homem que estava de costas.

— Princesa! — disse ele e se abaixou para ficar na altura dela.

Archie tinha os mesmos traços de Robert, com a diferença que seus olhos

eram verdes e parecia ser mais novo.

— Laura, esse é o tio Archie.

Ele então olhou para mim e sorriu.

— Muito prazer, sou Arthur Collins.

— Laura Hunt, é um prazer — cumprimentei e ele levou minha mão aos lábios e a beijou de forma galante.

— Archie é o primo mais legal do tio Robert.

Sorrimos com a euforia dela.

— Não me lembro de tê-la visto nos bailes anteriores — comentou, olhando para mim.

— Na verdade, essa é a primeira vez que compareço.

Ele sorriu simpaticamente e continuou me encarando.

Seu olhar era bem enigmático, como se estivesse tentando me decifrar pelas poucas palavras que eu disse.

— Bom, eu tenho que colocar Charlotte na cama. Foi um prazer, Arthur — falei para encerrar o assunto.

— O prazer foi todo meu, Laura, e pode me chamar de Archie, como todo mundo.

Sorri e passei por ele.

— Você deveria ter dançado com ele — Charlotte cochichou enquanto nos afastávamos.

— Achei que você fosse do time do tio Robert, não do tio Archie — zombei.

— O tio Robert não deveria ter dançado com a Celine, você é muito mais bonita.

Demorou apenas alguns segundos para eu perceber que aquela pestinha

estava tentando achar um pretendente para fazer ciúmes em seu tio.

A ideia não era ruim, pena que eu não gostava desse tipo de coisa.

Seguimos para o andar de cima e ajudei Charlotte a tirar seu vestido e colocar o pijama.

Depois de escovar os dentes, ela foi para cama e ainda conversamos alguns minutos antes de ela pegar no sono.

Minha tarefa ali estava cumprida. Robert deveria estar cortejando Celine Windsor e o melhor que eu poderia fazer a mim mesma era ir embora.

CAPÍTULO 17

Laura

Ainda permaneci com Charlotte muito tempo depois que ela dormiu. O baile não estava sendo como havia sonhado e eu me sentia um pouco frustrada. Passei um bom tempo pensando se devia ou não voltar e curtir mais um pouco, mas a perspectiva de ficar com Elsie enquanto Robert se ocupava com seus convidados me fez desistir na mesma hora.

Saí do quarto, desci as escadas e já estava próxima à porta quando me lembrei de que havia deixado minha bolsa, com meu celular e chave de casa, pendurada em uma das cadeiras, então tive que voltar.

Na medida em que seguia pelo corredor de luzes e tecidos, avistei Ruby conversando e rindo com um empresário bem conhecido. Ao passar por ela, abaixei a cabeça, torcendo para que ela não me visse, pois não queria ter o desprazer de interagir com aquela criatura.

Para minha sorte, Elsie não se encontrava à mesa. Peguei a bolsa e estava prestes a seguir para fora do salão quando Archie me encontrou.

Simpático, ele me chamou para dançar.

— Na verdade, eu já estou indo embora.

— Que pena, fica para próxima, então — disse ele e eu apenas assenti, sabendo que não teria uma próxima vez.

Atravessei o corredor, cheguei ao hall de entrada e vi Charlotte ao pé da escada, usando seu pijama de unicórnios e pantufas enormes.

— Ei, querida, o que houve?

— Eu acordei assustada e não consegui mais dormir — falou e bocejou. —

Ia pedir para o segurança chamar o tio Robert.

A acústica do salão de festas era muito boa, mas aquela casa era sempre tão silenciosa que todo aquele barulho deveria ter atrapalhado o sono dela.

— Quer que eu fique com você até pegar no sono?

Ela assentiu e subimos para o seu quarto. Eu liguei a TV em uma série que ela gostava, tirei as sandálias e fiquei ao seu lado na cama.

Assistimos por mais de uma hora antes de ela pegar no sono.

Com medo de que Charlotte acordasse, continuei ali.

Estava cochilando quando ouvi barulho no quarto e despertei.

Ao abrir os olhos, vi Robert nos observando duas.

— Ela não estava conseguindo dormir — expliquei baixinho e comecei a me levantar, com muito cuidado, para não acordá-la.

— Tia Elsie me deu o recado há um bom tempo e achei que ela estivesse dormindo.

— Ela dormiu, mas acabou acordando novamente. Acho que não está acostumada com barulho. Por sorte eu ainda estava por aqui e subi para ficar com ela.

— Obrigado por isso. Eu deveria ter vindo antes.

— Você estava ocupado com seus convidados.

Principalmente com Celine, pensei, desgostosa.

— Já fiz meu papel de anfitrião — afirmou.

— A festa estava linda.

— Obrigado.

— Bom, acho melhor eu ir — falei, levantando-me e pegando minhas sandálias no chão.

— De forma alguma. Você quase não aproveitou por estar com Charlotte,

faço questão de que volte comigo.

Aquilo era tentador, mas eu sabia que Robert estava apenas agradecido por, mais uma vez, eu ter cuidado de sua sobrinha e que não era certo continuar alimentando um conto de fadas que só existia em minha cabeça.

— Melhor não. E ficar com a Charlotte não foi nenhum incômodo, afinal, foi ela quem me fez companhia, uma vez que eu não conhecia ninguém além de você e dos donos do escritório.

— Prometo não deixá-la sozinha. Como disse, já cumpri minhas obrigações de anfitrião. Tudo o que quero agora é tomar um bom drink e, quem sabe, dançar mais um pouco.

Não aceite, disse a mim mesma, mas logo em seguida estava assentindo e colocando as minhas sandálias.

Aquilo era tão patético! Depois do meu primeiro relacionamento mais sério, que se tornou um grande fracasso, eu tinha desistido de acreditar nos homens, no amor e na baboseira de borboletas no estômago, contudo, bastou um pedido para eu ceder, completamente fascinada por aquele homem que me fazia suspirar.

Descemos as escadas lado a lado e, quando olhei para frente, Ruby estava com os olhos em mim.

Que ótimo! Agora ela deveria estar pensando que subi para dar uma rapidinha com Robert. Isso queria dizer que eu seria o assunto do escritório.

Sem deixar transparecer meus pensamentos, eu a cumprimentei com um leve aceno de cabeça. Robert fez o mesmo e me guiou diretamente para o bar, mas ainda conseguia sentir seu olhar invejoso às minhas costas.

— Eu trouxe da adega duas ou três garrafas do meu vinho preferido para beber ao longo da noite, você me acompanha?

— Claro.

Ele assentiu e pediu que o garçom nos servisse duas taças.

Olhei ao redor e vi que havia alguns casais na pista de dança, mas metade dos convidados já tinha ido embora.

Conversamos sobre as outras edições do baile e acabei perguntando por qual motivo aquele evento acontecia todos os anos e a resposta me surpreendeu.

Segundo ele, seu avô queria que o filho parasse com a vida de libertinagem e se casasse, de preferência com uma moça do círculo deles. Então, sempre que podia, o homem inventava alguma festa para que seu filho pudesse conhecer alguma garota e, quem sabe, sossegar e formar uma família.

Demorou um pouco, mas, por fim, a ideia deu certo e ele se apaixonou pela filha de um banqueiro, com quem se casou posteriormente. Feliz, o avô de Robert decidiu promover um baile anual, que se tornou uma tradição que foi passada adiante em homenagem ao patriarca da família.

Fiquei tentada em perguntar se ele havia conhecido a esposa em algum desses bailes, mas depois recuei. Eu não tinha qualquer intimidade para fazer uma pergunta tão pessoal.

— Aquele era o último, senhor — o garçom avisou quando Robert pediu mais uma garrafa.

— Tudo bem — disse ao rapaz e depois se virou para mim: — Vou pegar outra garrafa lá embaixo, você me acompanha?

Eu deveria declinar o convite e ir embora, mas sua presença era tão dominadora que, mesmo sabendo que o vinho já estava fazendo efeito, acabei cedendo.

Saímos do salão através de uma porta lateral. De lá, ele me guiou até um corredor já conhecido por mim e descemos até a adega.

Ele acendeu as luzes e o som da música ficou abafado, mas ainda assim era possível escutar a melodia que vinha do salão de festas.

Robert foi caminhando na frente e logo se infiltrou entre as fileiras recheadas de vinhos caros e premiados.

Achei que, quando encontrasse o que estava procurando, nós voltaríamos para a festa. Mas quando voltou, ele foi direto para o balcão, abriu a garrafa e preencheu nossas taças.

— Delicioso — falei ao dar o primeiro gole no vinho, bem mais suave que o anterior.

— Sim, esta safra é sensacional — concordou e bebeu mais um gole, me olhando por cima da taça.

Eu já estivera com Robert naquela adega, nós já tínhamos bebido vinho juntos ali, mas o contexto daquele momento era completamente diferente.

Tomei mais um pouco e deixei a taça em cima do balcão para alisar os braços. Estava com frio e, pelo que tinha visto através das janelas do salão de festas, o lado de fora estava bem pior.

— Vou acender a lareira na sala íntima, venha comigo — chamou e estendeu a mão para que eu a pegasse.

De forma automática nossos dedos se entrelaçaram e foi assim que subimos até a aconchegante sala de estar, que ficava cerca de um metro acima do nível da adega.

Lá, além da lareira de pedra, havia um belíssimo sofá, duas poltronas e um tapete persa enorme, que deveria valer uma fortuna. Sobre a mesa de centro havia alguns livros, além de marca páginas, o que me fez pensar que ele costumava frequentar aquele lugar com certa frequência.

Sentei-me no braço de uma das poltronas enquanto ele acendia a lenha com agilidade.

— Fique aqui perto para se aquecer mais rápido.

Fiz como ele pediu e, enquanto o fogo crepitava, fiquei pensando naquela noite.

Mesmo estando realizando um sonho, decidi ir embora depois de vê-lo dançando com outra mulher. Loucura, eu sei, mas tinha ficado chateada com sua

falta de atenção.

Algumas horas depois, ali estava eu, sozinha com ele, em sua grandiosa adega, à meia luz, em um clima super-romântico, sem ter ideia do que fazer ou pensar.

Meus pensamentos foram interrompidos quando ele me entregou a taça de vinho que eu deixara sobre o balcão.

Agradeci e ambos nos sentamos no sofá.

Robert parecia bem relaxado e a todo momento encarava minha boca. Imaginava que, para estar daquele jeito, ele também estivesse sob efeito de álcool.

Conversamos bastante e respondi a todas as suas perguntas de um jeito sucinto, pois não queria falar nenhuma besteira.

Ele tinha um jeito sedutor de falar e gesticular, era incrível conversar com um homem do nível intelectual dele.

Fomos bebendo aos poucos e, quando o vinho acabou, já estava quase amanhecendo.

Ao me dar conta disso, levantei-me para ir embora.

— Espere, agora vem a melhor parte — ele disse e pegou um controle com o qual acionou as cortinas automatizadas.

Havia apenas duas janelas ali e através delas dava para ver os primeiros raios de sol surgindo no horizonte e se infiltrando por entre as árvores que ficavam no fundo da propriedade. Era uma imagem de tirar o folego.

— Que lindo! — falei, parando em frente ao vidro.

Robert se posicionou logo atrás de mim e em silêncio contemplamos aquele espetáculo da natureza.

Mesmo que nada tivesse acontecido, eu fiquei feliz por ter dividido aquele momento com ele; de alguma forma, tinha sido especial, ao menos para mim.

Quando me virei para me despedir e finalmente ir embora, a falta de sono e todo o vinho que ingeri cobraram seu preço, me fazendo tropeçar no tapete e dar de cara com o peito de Robert.

A cena foi tão idiota que acabamos rindo, um riso solto de duas pessoas que tinham bebido além da conta.

— Desculpe — falei e levantei a cabeça para encará-lo. Tentei dar um passo atrás, porém, não tinha espaço, eu estava colada na janela.

Para meu desespero, Robert permaneceu no lugar, com o corpo colado ao meu, me encarando de forma intensa.

Ele já tinha me olhado daquela forma outras vezes, mas nunca estivemos tão perto de um beijo quanto aquele momento.

Pensei em todas as vezes que o desejei exatamente naquela posição, bem perto, sentindo seu cheiro, seu corpo... Levada por esse desejo, acabei jogando a prudência para o alto e colei minha boca na dele.

Na mesma hora suas mãos apertaram minha cintura e ele mordiscou meu lábio antes de aprofundar o beijo.

O gosto de Robert era tão delicioso quanto em meus sonhos, isso misturado às notas do vinho que bebemos me fazia querer me alimentar de seus lábios.

E ele parecia querer o mesmo. Seu beijo era demorado, luxurioso, quase obsceno, exatamente como imaginei. Ele tinha uma pegada firme, do tipo de homem que sabia exatamente o que fazer com uma mulher.

Estava quase desfalecendo em seus braços de tanto desejo quando a realidade me atingiu, lembrando-me de que *eu* havia tomado a iniciativa e, pior, que ele era cliente do escritório. Foi como levar um balde de água fria.

Afastei-me bruscamente, preocupada com o que ele poderia pensar ao meu respeito quando efeito do álcool se dissipasse.

— Me desculpe, Robert, eu, eu...

As palavras se perderam em meio ao meu desespero.

— Não precisa se desculpar — ele disse calmamente, mas seus olhos estavam em mim, no meu rosto, na minha boca, no meu corpo.

— Eu perdi a cabeça... — justifiquei e tentei passar ao seu lado, mas ele me segurou.

— Acalme-se, eu gostei.

Senti um pouco de alívio ao ouvir aquilo, mas ainda estava envergonhada e senti vontade de me justificar:

— Eu nunca ajo assim, por impulso, mas sei lá, você, o vinho, esse lugar... — falei de maneira desconexa e ele sorriu, condescendente, como se entendesse o meu embaraço.

— Está tudo bem — afirmou e subiu as mãos quentes pelos meus braços, arrepiando minha pele e fazendo meu ventre revirar.

— Eu, hum...

Robert ignorou minhas palavras e me puxou para o sofá.

— Laura, nós não somos mais crianças. Você me beijou, eu gostei, que mal há nisso?

Experiente como era, ele estava levando aquilo como um encontro normal, sem compromisso, enquanto eu, mesmo depois de tudo o que prometi a mim mesma, me via suspirando como uma adolescente apaixonada.

Recomponha-se, meu consciente pediu e eu fiz o possível para obedecer.

— Você tem razão, mas isso não muda o fato de eu ter ultrapassado os limites com um dos maiores clientes do escritório e isso é contra as regras.

— Não pense nisso agora, garanto que não sou o tipo de homem que conta vantagem por ter ficado com uma mulher, mesmo uma linda como você.

Aquele elogio me fez derreter. Ele sabia ser um Lorde quando queria.

Oh, droga, eu estou tão ferrada!

— E o que sugere depois desse meu deslize? — questionei, sem conseguir me conter, e encarei seus olhos azuis.

— Que tal isso? — Ergueu o meu queixo e voltou a me beijar.

Era apenas a segunda vez que nossas bocas se tocavam, mas sentia como se meu corpo já estivesse familiarizado com a sensação, acordando a cada toque.

Muito rapidamente as coisas foram esquentando e logo ele estava sobre mim; sua potente ereção era perceptível mesmo através da saia do vestido.

Sua pele estava quente e a respiração, pesada, bem perto de perder o controle.

Mesmo sabendo que deveria ir com mais calma, eu sentia como se meu corpo já estivesse viciado naquela sensação de estar entre seus braços.

Ali eu me sentia segura, protegida, excitada.

— Robert, acho que as coisas estão indo rápido demais — falei quando senti suas mãos subindo por baixo do tecido do vestido.

— Há muito tempo uma mulher não me deixava tão excitado, Laura, você é uma tentação — ele disse, deslizando a boca pelo meu pescoço.

Era bom saber que ele sentia atração sexual por mim, mas não foi nada legal ser comparada com outras mulheres e acho que ele percebeu meu desconforto.

— Desculpe, acho que me expressei mal — falou, após um longo suspiro, e me encarou com certo arrependimento no olhar.

— Tudo bem, eu entendi o que quis dizer, mas acho melhor eu ir — sugeri, pois me conhecia demais e sabia que, por mais excitada que estivesse, não iria ceder em um “primeiro encontro”, mesmo que ele fosse o meu sonho de consumo.

Robert suspirou mais uma vez, mas se pôs de pé.

Você está fazendo a coisa certa, não seja fácil.

Mas eu queria ser fácil e me entregar a ele como desejava há várias semanas. Ainda bem que minha razão estava de prontidão para me guiar ou eu estaria perdida.

— Tudo bem, vou pedir ao motorista para levá-la.

Levantei-me do sofá e respirei profundamente. Aquela tinha sido uma das noites mais incríveis e embaraçosas da minha vida.

Só esperava que ele não se arrependesse de ter ficado comigo, pois isso implicaria tanto na minha vida pessoal quanto na profissional. Se ele pensasse melhor em tudo o que aconteceu e decidisse que não me queria mais ali, poderia pedir que eu fosse substituída e isso, sim, seria uma grande decepção para mim.

CAPÍTULO 18

Laura

Devido ao horário em que fui dormir, acabei acordando tarde no domingo e com uma leve dor de cabeça, proveniente das taças de vinho que bebi.

Quando abri os olhos, a primeira cena que surgiu em minha mente foi a de Robert me beijando. As lembranças e sensações me seguiram durante o banho demorado que tomei e depois. No entanto, junto com esses pensamentos vinha a curiosidade de saber como ele me trataria em nosso próximo encontro.

Eu já estava conformada em passar o domingo todo pensando naquilo, quando meu celular tocou em cima da cama, deixando-me sem reação ao ver que era ele.

Robert me cumprimentou rapidamente e passou para a sobrinha, que me convidou para almoçar.

Quase morri de alegria. O convite veio de Charlotte, mas ela jamais faria isso sem a aprovação do tio, o que significava que ele não havia se arrependido de ter ficado comigo na noite anterior.

Corri para o meu closet e coloquei um vestido de fio na cor vinho, com comprimento até o joelho e decote canoa; embora despojado, ele era colado ao corpo, deixando minhas curvas à mostra.

Como o dia estava anormalmente quente, coloquei uma sandália de verão e terminei minha produção com uma maquiagem leve e um brilho na boca.

Antes de sair de casa, liguei para minha avó, que estava bastante animada com os desfiles que aconteceriam na semana seguinte. Como ela estava prestes a sair para almoçar com uma amiga, nós nos despedimos logo depois, com a

promessa de nos falarmos em breve.

Eu adorava vê-la tão feliz, uma vez que desde o falecimento de meu avô, seu trabalho e eu tínhamos sido sua única fonte de alegria e motivação.

Resolvi ir de carro e quando cheguei, vi algumas vans estacionadas em frente à casa. Notei que a porta principal estava aberta e então me dei conta de que as empresas que prestaram serviço deviam estar retirando a decoração utilizada no baile.

Passei por eles e segui para dentro.

Encontrei Oliver dando ordens aos rapazes que tiravam as coisas do salão de festas. Naquele instante Rosie apareceu e sorriu, vindo em minha direção.

— Como vai, querida? O Sr. Collins e a menina Charlotte estão na sala de TV jogando xadrez. Eu estava indo avisar que o almoço será servido daqui a pouco — ela disse.

— Pode deixar que eu aviso — garanti e passei por eles.

Ao entrar na sala, encontrei-os concentrados no jogo.

— Laura! — exclamou Charlotte quando me viu, derrubando algumas peças do tabuleiro em sua empolgação.

Eu sorri, mas quando Robert se virou para mim, eu não soube como agir.

— Oi. — Foi tudo o que falei após cumprimentar Charlotte.

— Como vai, Laura? — perguntou ao se aproximar.

— Bem.

Antes que ficasse ainda mais constrangedor, Charlotte me convidou para jogar a próxima partida, mas Oliver apareceu avisando que o almoço estava pronto e seguimos para a sala de jantar.

A comida, como sempre, estava deliciosa, mas eu pouco pude apreciar, pois Robert passou muito do seu tempo me olhando de forma avaliativa, o que me deixou inquieta.

Charlotte mal terminou de comer e disse que estava com sono e iria subir para o seu quarto. Por estudar o dia inteiro, sabia que ela não costumava dormir à tarde, de forma que foi muito fácil perceber o cheiro de sua armação. Ela queria nos deixar a sós e eu obviamente não reclamei; estava ansiosa para saber como ele agiria.

Depois a agradeceria por aquilo.

— O que costuma fazer nos fins de semana? — Robert perguntou enquanto deixávamos a mesa de jantar.

— Geralmente pego meus projetos inacabados, procuro ideias novas, essas coisas de gente viciada em trabalho.

Ele sorriu e eu fiquei presa naquele olhar.

Senti que ele me perguntaria mais alguma coisa, mas para não encerrar aquele momento, acabei retornando a pergunta:

— E você, Robert, o que costuma fazer?

— Antes de Charlotte vir morar comigo, eu viajava com certa frequência, mas agora quero me dedicar a ela.

— E essas viagens eram todas a trabalho?

Apenas quando vi o esboço de um sorriso em sua boca foi que me dei conta do que havia perguntado.

— Em sua maioria, sim, mas não quer dizer que eu ficava preso a isso.

— E será que não vai sentir falta?

— Acredito que não, aqui em Londres há ótimas opções de entretenimento.

Em minha opinião, até um filme bobo na Netflix seria um ótimo programa, se fosse na companhia dele, pensei e logo me repreendi. Não devia ter delírios apaixonados por Robert Collins.

Dizendo que precisava falar com o gerente de uma das empresas que

prestaram serviço na noite anterior, ele me guiou para fora da casa.

A conversa foi rápida e, quando o homem se foi, ele me convidou para conhecer a propriedade, o que eu aceitei imediatamente.

Paramos próximo ao pomar, aquele que eu amava observar das janelas da cozinha, mas nunca tive a audácia de pedir para visitar pessoalmente.

Robert falou sobre as espécies exóticas que havia ali e me mostrou a maioria delas, algumas ainda sem frutos.

Em certa parte da conversa, ele se aproximou e ergueu a mão direita até uma mecha do meu cabelo para tirar uma folha seca que ficara presa lá.

Eu fiquei paralisada ao ver sua mão se aproximar e dei um sorriso nervoso.

Nossos olhares ficaram presos um no outro e eu apenas esperei.

Quando percebi sua intenção, achei que alguma coisa fosse acontecer para atrapalhar aquele momento. Imaginei o mordomo chegando para perguntar alguma coisa ou na Charlotte vindo de casa querendo jogar uma partida de xadrez e vi, claramente, uma fruta caindo em nossas cabeças, mas não. O único barulho vinha do canto dos pássaros e das copas das árvores balançando ao vento.

Então eu apenas fechei os olhos e esperei que nossas bocas se tocassem, daquela vez, por iniciativa dele.

Suspirei entre seus lábios ao sentir seu sabor. De repente, uma de suas mãos estava se embrenhando entre os cabelos da minha nuca e a outra segurou firmemente minha cintura, me puxando para perto.

Aquilo aumentou meu nervosismo, mas não me nublou ao ponto de ignorar como me sentia por estar sendo beijada por Robert Collins mais uma vez.

Sentindo-me ousada, subi as mãos por seu peito e circulei seu pescoço. Antes do que eu esperava ele finalizou o beijo, mas não me soltou, pelo contrário, colou ainda mais nossos corpos.

— Uau — soltei e o encarei.

— O que foi? — perguntou com um meio sorriso, ainda abraçado comigo.

— Bom, não é todo dia que uma mulher é beijada pelo homem mais lindo de Londres — falei, sem pensar, e ele soltou uma gargalhada.

— Homem mais lindo de Londres? — questionou com diversão, uma sobrancelha elevada em descrença.

— Sim e cliente do escritório — alertei.

— Não pense nisso agora — pediu, despreocupado, e acariciou minhas costas.

— Você tem razão — concordei e o puxei para mim novamente.

* * *

Após aquele interlúdio no pomar, Robert me convidou para ir à sua adega e, mais uma vez, apenas aceitei. Aquele ambiente era delicioso e aconchegante, sem contar as boas lembranças que me trazia.

Meu Deus, se já estava completamente atraída antes de ser beijada, imagine após aqueles momentos de intimidade...

Enquanto nos encaminhávamos para dentro, e já recuperada do frenesi que seus beijos me causaram, tudo em que pensava era no fato de estar quebrando uma das regras do escritório sobre não se envolver com clientes ativos, como era o caso de Robert.

Aquilo poderia me causar problemas, contudo, resolvi deixar essas questões de lado e decidi apenas aproveitar a companhia dele.

— Tinto ou branco? — ele perguntou, segurando duas garrafas à minha frente.

— Depois de ontem você ainda aguenta beber?

— Sou bem treinado — brincou.

— Pode ser branco.

Depois de abrir a garrafa, Robert me entregou uma das taças que serviu e sentou-se ao meu lado. Após apreciarmos alguns goles, ele se virou para mim e disse:

— Laura, eu sei que você deve estar confusa, que deve estar se fazendo milhões de perguntas.

Balancei a cabeça afirmativamente.

Ele chegou mais perto e colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha, o tempo todo me encarando com seus olhos azuis deslumbrantes.

— Eu estou muito atraído por você e quero te conhecer melhor.

Eu podia interpretar aquilo de várias maneiras.

Ele poderia, sim, estar falando a verdade e querer fazer um teste para ver se as coisas engrenavam entre nós, mas não podia descartar a possibilidade de aquela ser apenas uma desculpa para um viúvo milionário se divertir com sua arquiteta sem nenhum compromisso, até se cansar dela.

— Vamos deixar as coisas acontecerem — ele propôs e voltou a me beijar, daquela vez de uma forma mais sensual e voraz, que me levou às alturas.

Eu me deixei levar por sua boca deliciosa e pelas mãos que passeavam pelo meu corpo.

As coisas começaram a esquentar quando ele deslizou uma das mãos pela minha perna, subindo o tecido do vestido e desnudando minha coxa.

Confesso que senti vontade de recuar, mas eu não era nenhuma virgem e queria aquilo. Além disso, sabia que Robert não forçaria a barra.

— Você é toda macia, deliciosa — sussurrou contra a minha boca.

— Hum — resmunguei, arrepiada.

Mais uma vez recebi um de seus olhares que me faziam pensar em como seria nossa primeira vez juntos. Era impossível beijar aquele homem e não imaginar que todo o resto seria incrível.

Passamos aquela tarde juntos como um casal de namorados, conversando, beijando e trocando carinhos.

Fazia tanto tempo que eu não me sentia tão bem na presença de um homem que as vezes custava a acreditar que aquilo estava mesmo acontecendo.

Depois da minha decepção amorosa, eu resolvi que iria focar nos meus estudos e minha carreira, mas nunca imaginei que me depararia com um homem enigmático e sedutor como Robert Collins. Nem em meus sonhos mais loucos, eu imaginei que alguém como ele pudesse se interessar por mim. Então, mesmo receosa de sair dali com o coração quebrado, disse a mim mesma para aproveitar o momento e não fazer tantos questionamentos.

Nós passamos muito tempo ali, entre beijos e períodos de conversa, onde ele perguntou um pouco mais sobre minha vida.

Eu, por outro lado, não tive coragem de fazer o mesmo, sentia que ainda não estava na hora de perguntar a respeito de sua esposa, por isso apenas respondi. Queria que ele me conhecesse melhor.

A tarde se foi e, quando eu estava prestes a me despedir, ele acendeu a lareira num convite silencioso para ficarmos mais um pouco. E eu fiquei. Mas quando relógio marcou 21h, decidi que estava na hora de ir para casa.

— Robert, foi uma tarde maravilhosa, mas eu tenho que ir.

Quando a primeira garrafa de vinho acabou, fui com ele até a adega para pegar outra e por lá permanecemos. Naquele momento, estávamos em pé, próximos à bancada que servia para degustação.

— Gostaria que ficasse — ele falou e pressionou meu corpo contra o móvel.

Por mais atraída que estivesse, se continuasse ali com ele acabaria cedendo

e isso seria um grande tiro no pé.

— Eu passei o dia todo com você, vai acabar enjoado de mim — brinquei.

— Impossível — garantiu e voltou a devorar a minha boca.

Deixei que ele beijasse por um bom tempo, que passasse aquelas mãos fortes pelo meu corpo e que me apertasse junto a ele, que me deixasse sentir o quanto me desejava.

Ele era lindo e gostoso demais. Conseguia me deixar quase desfalecida apenas com seus beijos e carícias. Só eu sabia quanto esforço tive que fazer para conseguir sair de suas garras.

Uma hora depois um Robert contrariado me acompanhou até em casa.

Como dois adolescentes, continuamos com a pegação dentro do carro, que ele fez questão de dirigir, e foi com muita dificuldade que dei um basta e me despedi.

Naquela noite eu demorei a pegar no sono. O que estava se iniciando entre mim e meu vizinho me deixava animada e preocupada na mesma proporção.

Por mais interessada que eu estivesse, não podia deixar que esse envolvimento prejudicasse o meu trabalho e vice-versa.

No entanto, somente por aquela noite, eu não queria pensar em nada além da tarde maravilhosa que passei nos braços daquele homem incrível.

CAPÍTULO 19

Laura

Na segunda-feira, em vez de ir para a mansão, como costumava fazer depois da aula, fui direto para o escritório. Precisava deixar a equipe ciente de tudo o que estava acontecendo na reforma e falar sobre como seria o próximo cômodo.

Quando cheguei a maioria dos funcionários ainda não havia voltado do almoço, então fui adiantar algumas coisas.

— Espero que esse sorrisinho em seu rosto seja por já estar com a obra do Sr. Collins adiantada. — A voz de Ruby Foster me trouxe à realidade alguns minutos depois. *A dura realidade de ter que trabalhar com ela.*

— Está tudo dentro do prazo, inclusive já deixei um relatório em sua mesa.

Ela estreitou os olhos e a boca, odiava não poder me repreender por ser incompetente.

— O que estava fazendo com Robert Collins no andar superior da casa no dia do baile?

Obviamente que ela não iria aguentar de curiosidade e se acharia no direito de fazer essa pergunta indiscreta.

Se eu dissesse que me perdi ou que estava averiguando algum cômodo para ser reformado, ela não acreditaria. Na verdade, qualquer coisa que eu falasse seria contestada, por isso falei a verdade.

— Não que seja da sua conta, mas eu fui ajudar a sobrinha dele a se vestir para dormir, já que a governanta estava ocupada com a festa.

Ela ficou me encarando, tentando achar um furo naquela história, mas, por

fim, levantou o nariz e foi para sua sala.

Fiquei pensando o que ela faria quando descobrisse que estávamos nos conhecendo melhor, mesmo depois de suas tentativas de chamar a atenção dele.

Assim que o resto do pessoal chegou, transmiti as informações necessárias e fui embora. Antes de pegar a estrada, porém, parei na loja de donuts que Charlotte adorava e comprei uma caixa para podermos tomar um chá juntas mais tarde. Ela tinha sido um anjo naquele fim de semana e queria recompensar aquela espertinha.

Assim que passei pelos portões da mansão, senti meu coração acelerando a cada metro que o carro andava. Não fazia nem 24h que eu o tinha visto e já estava morta de vontade de vê-lo novamente.

Oliver atendeu a porta e seu olhar astuto me fez pensar que ele sabia de tudo o que havia acontecido. Acabei ruborizando sem querer.

Eu, sinceramente, ainda não tinha uma opinião formada sobre ele. Sim, os mordomos, especialmente os ingleses, tinham fama de serem mais sérios, responsáveis e até um pouco hostis. Oliver, no entanto, apesar daquela máscara de perfeição, às vezes deixava transparecer certo cinismo. Isso me deixava extremamente incomodada.

A questão era que, fora isso, eu nunca tinha visto nada que o desabonasse, o que me fez pensar que o problema era comigo.

Mas o que ele poderia ter contra mim?, acabei me questionando enquanto atravessava o hall de entrada e seguia para o meu escritório.

Enquanto organizava minhas coisas em cima da mesa, notei que Oliver estava do lado de fora da casa como celular na orelha. Até aí tudo bem, o homem devia ter vida fora dali, mas as expressões de raiva que seu rosto exibia me deixaram um tanto abismada.

Ele era sempre tão estoico que vê-lo perder a compostura era algo completamente novo para mim.

Continuei observando aquela cena, que me deixou ainda mais intrigada quando ele começou a andar de um lado a outro, demonstrando o quanto estava perturbado. Numa dessas idas e vindas ele me viu através da janela. Na mesma hora ele encerrou a ligação e entrou na casa.

Dei de ombros e comecei a trabalhar. No entanto, fiquei bem curiosa para saber o que faria o mordomo perfeito perder a compostura.

Por volta das 16h, Charlotte apareceu, saltitante, em meu escritório. Ela havia acabado de chegar do colégio e tinha achado a caixa de doces que eu deixara na cozinha.

Como previ, ela me chamou para lhe fazer companhia durante o lanche, o que me obrigou a fazer uma pausa.

— Tio Robert viajou para Nova York — ela me contou, visivelmente desanimada.

— Nova York? — perguntei, surpresa, ele não havia comentado nada a respeito dessa viagem.

Ela assentiu.

— Espero que ele não demore a voltar, eu não gosto de ficar aqui sem ele.

— Tenho certeza de que seu tio vai fazer de tudo para voltar o mais rápido possível — garanti, acariciando seus cabelos e tentando disfarçar meu desapontamento por saber que ele não estava na cidade.

Após o lanche, Charlotte ficou fazendo suas tarefas no tapete do escritório enquanto eu trabalhava.

Antes de encerrar o expediente, meu celular tocou. Era Robert.

— *Laura, como você está?* — quis saber, com sua voz sedutora.

— Oi, Robert, eu estou bem. Precisa de alguma coisa?

— *Na verdade, sim. Tive que fazer uma viagem às pressas e vou ficar a semana toda em Nova York. Gostaria de saber se poderia me ajudar com a*

Charlotte.

A semana toda?, pensei, desanimada e ao mesmo tempo feliz por ele ter se lembrado de mim para cuidar dela.

— Claro que sim, ela está aqui comigo no escritório fazendo as tarefas da escola.

— *Que bom que estão juntas, fico mais tranquilo.*

Era bom saber que ele gostava de nos ver juntas, principalmente porque ficar com aquela tagarela estava se tornando cada vez mais comum.

Robert pediu para falar com ela e depois de os dois conversarem por alguns minutos, Charlotte me olhou e disse:

— Tio, a Laura pode dormir aqui essa semana? Não gosto de ficar sozinha em casa.

Arregalei os olhos para aquele pedido inusitado, mas tive que me recompor quando a danadinha estendeu o celular para mim.

— Ele quer falar com você — ela disse, com a expressão mais satisfeita do mundo.

— Oi — falei, com o coração batendo de forma descompassada.

— *Laura, eu sei que é pedir demais, mas se você puder ficar com ela durante essa semana seria ótimo para mim. Caso aceite, vou pedir a Rosie que prepare o quarto de visitas para você.*

Bom, eu também ficaria em casa sem fazer nada, uma vez que vovó ainda estava viajando, de forma que ficar na mansão, mesmo sem Robert, parecia uma ótima ideia. Além de que não seria nenhum sacrifício cuidar de Charlotte, por isso concordei.

— Será um prazer, desde que isso não chegue aos ouvidos dos meus superiores — alertei.

— *Fique tranquila, esse favor ficará só entre nós dois.*

Antes mesmo de eu finalizar a ligação, Charlotte já estava fazendo a maior festa.

Como o dia estava acabando, conversei com Rosie, que já estava ciente de que eu ficaria com Charlotte. Depois, fui até minha casa a fim de pegar algumas roupas, pois não queria ter o trabalho de ir até lá todos os dias apenas para me trocar.

Quando retornei para a mansão Charlotte estava sentada nas escadas à minha espera, queria ela mesma me levar até o quarto que eu ocuparia, ao lado do dela.

Deixei minha pequena bolsa de viagem em cima da cama e aspirei a fragrância que havia no ar. Rosie era muito caprichosa com os cuidados da casa e este capricho se estendia aos quartos de hóspedes, de forma que estivessem sempre prontos para receber alguém.

— Fique à vontade, Laura. Se quiser que eu traga o jantar de vocês aqui ou se precisar de qualquer outra coisa, é só ligar na cozinha, você já sabe o número do ramal — disse Rosie depois de colocar toalhas no banheiro.

— Obrigada, vou arrumar minhas coisas e decidir com Charlotte o que vamos fazer.

Ela assentiu, com um sorriso satisfeito, e nos deixou sozinhas.

— Eu nem acredito que você ficará comigo. Estou tão feliz! — comentou, eufórica

— Eu também, querida — concordei, rindo da empolgação dela.

— Você poderia morar aqui *pra* sempre.

— Eu só vou ficar aqui essa semana — expliquei, não queria confundir a cabecinha dela.

Charlotte era carente e por receber de mim o carinho e a atenção que deveriam vir de sua mãe, seria fácil começar a imaginar coisas.

— O tio Robert confia em você, ou jamais te deixaria ficar comigo.

— Fico feliz com isso — falei de forma neutra.

— Isso quer dizer que ele gosta de você, do mesmo jeito que você gosta dele. Não sei por que não namoram logo.

Por mais contraproducente que isso fosse para a minha cabeça e coração, eu gostava quando ela falava esse tipo de coisa. Era bom ver alguém torcendo por nós.

Depois do jantar, que comemos no quarto para evitar Oliver, Charlotte e eu fomos tomar banho e nos vestir para a noite. Vinte minutos depois ela voltou e foi logo se deitando em minha cama, animada para vermos um filme.

Meia hora depois fomos surpreendidas por Rosie, que nos levou um balde de pipoca, além de um bule de chocolate quente.

O filme acabou e, como era de se esperar, Charlotte tentou barganhar "mais cinco minutinhos". Contudo, não cedi às suas chantagens, sabia o horário em que ela dormia e não queria prejudicar seu rendimento no dia seguinte.

Após colocá-la na cama, fui para o meu quarto e aproveitei para examinar um projeto. Estava fazendo um cálculo no celular quando o aparelho tocou na minha mão.

Era Robert.

— Oi.

— *Como estão as coisas por aí?*

— Tudo bem, ela já está na cama e eu também.

— *Que bom, achei que ela fosse tentar te convencer a dormir mais tarde, é assim todas as noites.*

Sorri ao imaginá-lo lidando com aquela teimosinha.

— Na verdade, ela tentou, mas eu usei bons argumentos.

Ele riu do outro lado e depois ficou em silêncio.

— Bom, eu só queria saber como estavam as coisas. Boa noite, Laura.

— Boa noite, Robert.

Como uma boba, permaneci com o telefone ao ouvido, esperando ouvir mais alguma coisa, mas depois de alguns segundos de silêncio ele desligou.

Apertei o celular contra o peito e suspirei.

Eu estava muito envolvida por aquele homem. Nunca me senti tão atraída sexualmente por alguém como estava por Robert. Só de escutar sua voz eu sentia meu corpo esquentando e a vontade de beijá-lo, de ter suas mãos sobre mim, era cada vez maior.

Mais uma vez me peguei fantasiando como seria uma noite de sexo com ele e que coisas ele faria comigo.

Por Deus, Laura, pare com isso!

Acho que nunca pensei tanto em sexo como nos últimos dias e sabia que isso tinha a ver com as sensações que os beijos de Robert provocaram em mim.

Nunca fui do tipo que transa por transar, mas Robert me deixava completamente louca, era impossível não fantasiar coisas que envolviam aquele homem nu me fazendo ver estrelas.

Balancei a cabeça e sorri ao perceber os caminhos libidinosos que meus pensamentos estavam tomando.

Acabei largando o trabalho e, enquanto esperava que o sono chegasse, torci para que aquela semana passasse rápido, pois eu não via a hora de encontrar meu lorde novamente.

CAPÍTULO 20

Laura

Em minha saudade, achei que a semana se arrastaria, mas ela passou voando.

Robert tinha ligado todas as noites, mas só conversávamos sobre Charlotte ou a reforma da casa, o que me frustrou um pouco. Esperava que, quando chegasse, nós retomássemos o que havíamos começado.

Apesar da mudança de casa, minha rotina permaneceu inalterada. Ia para a universidade e voltava para a mansão. Apenas duas vezes precisei ir ao escritório, o que foi bom, estava morrendo de medo de que alguém desconfiasse que eu estava dormindo na casa de um cliente.

Quanto a Charlotte, se comportou como um anjinho. Ela passava a maior parte do dia na escola e quando chegava a primeira coisa que fazia era me procurar pela casa.

No segundo dia Oliver sugeriu que ela estudasse em seu quarto, na mesa de estudos, mas ela foi enfática ao falar que preferia ficar no tapete do escritório.

Sua teimosia não agradou o mordomo sargentão, mas ele não a tratava mal, simplesmente agia como se fosse um robô fazendo seu trabalho, sem qualquer simpatia. Por isso foi ótimo quando, após alguns cortes da garota, ele parou de insistir e de aparecer onde estávamos.

Aquilo foi tudo o que aconteceu, mas apenas me fez ter mais certeza de que ele tinha algo contra mim.

Quando comentei esse pensamento com Rosie, ela disse que o homem era assim com todos, exceto Robert, o que não era de estranhar, pois ele devia saber

que o patrão não hesitaria em demiti-lo caso o tratasse com desrespeito.

Infelizmente ninguém podia ser demitido por antipatia, ao menos numa casa particular. Especialmente porque ele fazia tudo de forma impecável, o que chateava Charlotte. Pelo que me falou, deu a entender que queria muito uma desculpa para que o mordomo fosse mandado embora.

Aliás, aqueles dias de convivência me deram a oportunidade de conhecer um pouco mais daquela garotinha esperta. Sua admiração pelo tio era quase palpável, ela o adorava e eu tinha certeza de que era correspondida.

Em uma de nossas conversas comentou que Stacy sempre a tratara bem, mas que essa era a única lembrança que possuía da tia, uma vez que era muito nova quando ela morreu.

Charlotte também falou que Kate nunca havia sido uma boa mãe, mas que ela disfarçava muito bem e fazia o maior teatro sempre que o irmão ligava ou aparecia para visitar, por isso ele não sabia exatamente o que se passava.

Isso mudou no dia em que a escola ligou dizendo que Kate havia se esquecido de buscar a filha na escola e que aquela não era a primeira vez. Obviamente ele foi buscá-la de imediato e no outro dia entrou com o pedido de guarda.

Imaginei que ele devia ter contratado os serviços do escritório naquele dia, a fim de receber a sobrinha da melhor maneira possível.

Ela disse que Kate não queria aceitar e brigou muito por causa disso, mas afirmou que ela só insistiu porque sabia que, se perdesse a guarda da filha, o dinheiro que Robert dava para ela todo mês diminuiria.

Era triste ouvir uma declaração como aquela de uma garotinha que mal fizera 8 anos. E saber que ela estava sendo sincera ao dizer que não sentia falta da mãe era mais triste ainda. O que me acalmava era saber que Charlotte estava realmente feliz ali com o tio. Eu tinha certeza de que ele faria de tudo para que ela permanecesse assim.

E foi o que falei para ela. Mas, esperta como era, a garotinha pegou a deixa e disse que para sua vida ser perfeita só faltava o tio se casar comigo.

Os comentários dela me arrancavam gargalhadas, mas intimamente mexiam comigo. Era por isso que sempre que ela começava com esse tipo de discurso eu desconversava e focava no trabalho. Eu já estava perdendo a cabeça por causa daquele homem e não precisava de mais incentivo.

Durante a semana eu também conversei com vovó Grace por vídeo conferência e ela nos mostrou o magnífico quarto de hotel em que ficou hospedada.

Charlotte também conversou com ela e as duas combinaram um café após o seu retorno, com direito aos doces da St. John’s.

Na quarta-feira o cômodo em que estivera trabalhando nas últimas três semanas acabou e, como se estivesse cronometrado, na quinta-feira os móveis da Itália chegaram. Comentei isso com o Sr. West e, para minha infelicidade, Ruby apareceu na mansão à tarde, exatamente quando eu estava organizando a sala.

Como eu já sabia que aconteceria, ela deu vários pitacos, mas graças a Deus nós duas tínhamos opiniões parecidas e conseguimos trabalhar sem nenhum problema.

Ela ficou o máximo de tempo possível e imaginei que estivesse esperando Robert para, certamente, ganhar todos os louros em cima do meu trabalho, como costumava fazer com outros clientes.

Enquanto ela enrolava, eu ria por dentro. A bruxa não me perguntou nada, por isso não comentei que ele estava viajando, deixaria que ela esperasse.

— Que horas esse homem vai chegar? — perguntou ela a si mesma, visivelmente irritada.

— Está falando do Sr. Collins? — perguntei, dando uma de boba.

— De quem mais eu poderia estar falando? — foi a resposta grosseira.

— Achei que soubesse que ele está viajando.

Ela ficou vermelha de raiva e bufou para mim como se a culpa daquilo fosse minha, então girou sobre os saltos e foi embora.

Continuei sorrindo enquanto terminava de colocar tudo no lugar. Depois de satisfeita, sentei-me em uma das poltronas para observar a sala daquela perspectiva e achei tudo perfeito. Talvez eu mudasse uma coisa ou outra do lugar no dia seguinte, antes de tirar fotos do ambiente, mas naquele momento eu me sentia satisfeita e estava ansiosa para ver a reação de Robert quando chegasse e visse tudo pronto.

Eu amava meu trabalho e saber que faltavam apenas dois meses para a minha formatura era um alívio enorme. Para completar minha felicidade eu só precisava ser contratada pelo escritório, queria muito ter minha própria equipe.

Mesmo exausta, fiquei um pouco com Charlotte. Como ela também estava cansada, acabou dormindo logo, o que foi ótimo para mim.

Fui para o meu quarto, tomei um banho demorado, coloquei uma camisola e peguei minhas anotações, pois queria revisar detalhes do próximo projeto enquanto esperava a ligação de Robert. Mas ela não veio no horário de sempre e, mesmo intrigada, eu apenas dei de ombros. Tinha outras coisas para fazer.

Duas horas depois eu estava cansada e morta de sede. Coloquei um robe por cima da camisola e fui até a cozinha para fazer uma xícara de chá. Depois que a bebida ficou pronta, fui até meu escritório para pegar algumas anotações de trabalho, e acabei ficando por lá.

Já era bem tarde quando decidi que estava na hora de ir para a cama.

Desliguei o computador, deixei a xícara na cozinha e depois subi.

Estava com a mão na maçaneta da porta quando escutei passos no corredor; ao me virar, vi Robert.

Ele se aproximou e parou bem perto de mim, deixando sua mala de rodinhas ao lado.

— Ainda acordada? — perguntou para iniciar uma conversa e eu assenti.

Então foi por isso que ele não ligou, deveria estar a caminho de Londres, concluí

Eu queria disfarçar a falta que estava sentindo dele, mas jamais conseguiria, e quando percebi já tinha dado um passo à frente e colando nossas bocas, surpreendendo a nós dois.

Na mesma hora Robert retribuiu e me prensou contra a parede do quarto. Enquanto ele engolia minha boca, começou a infiltrar as mãos por dentro do meu robe.

Aquilo foi um afago em minha alma, que estava morta de saudades e torturada pela dúvida, sem saber se estávamos bem.

Aquele homem era misterioso demais e era um martírio diário tentar descobrir mais a respeito dele... de nós.

Mas sentir seu corpo quente envolvendo o meu me fez esquecer todas as minhas dúvidas. E quando ele subiu a mão por baixo da minha camisola e apertou minha bunda, tive que me segurar para não arfar alto.

— Não sabe quantas vezes imaginei você assim — Robert sussurrou, descendo a boca pelo meu pescoço.

Ele estava com um cheiro delicioso.

Eu queria falar algo do tipo ‘senti sua falta’ ou ‘faça amor comigo’, mas só consegui me entregar aos sentimentos que sua presença suscitava.

Todo aquele amasso nos deixou enlouquecidos. Era certo que se continuássemos com aquilo, transaríamos ali mesmo.

Ainda bem que ele era mais sensato do que eu e terminou o beijo... Mas não se afastou. Em vez disso, falou:

— Por favor, diz que quer o mesmo que eu?

Eu provavelmente me arrependeria no dia seguinte, mas estava pegando fogo de tanto tesão e precisava saber como era passar uma noite com ele, nem

que fosse apenas uma vez.

— Quero!

Sem dar tempo para arrependimentos ele me arrastou para dentro do quarto e trancou a porta.

Nós estávamos esfomeados um pelo outro, como se aquela semana longe tivesse inflamado ainda mais o desejo que sentíamos.

Fomos nos beijando até a cama, uma loucura de bocas e mãos, como se nada fosse o suficiente para aplacar toda aquela paixão.

Seus lábios voltaram aos meus e, à medida que o beijo esquentava, mais ousadas suas mãos ficavam. Suspirei profundamente quando senti seus dedos arrastando minha calcinha para o lado e alcançando minha intimidade.

Gemi em sua boca e arquejei o corpo quando um dos dedos se afundou em meu interior e o polegar circulou meu clitóris.

— Ah, Deus... — sussurrei, inebriada pela paixão.

A química que tínhamos era intensa. Ele conseguia me deixar morta de tesão só de me olhar e isso era muita coisa em se tratando de mim.

Enquanto ele me masturbava e engolia minha boca, eu me permiti esquecer o que havia ao meu redor e apenas me entregar às sensações.

Quando estava prestes a gozar, ele se afastou. Antes que eu reclamasse, Robert virou meu corpo de modo que minha bunda ficasse na beirada da cama e retirou minha calcinha com urgência. Ato contínuo, apoiou meus pés em seus ombros e começou a lamber minha boceta.

Ele iniciou sua exploração de maneira suave, incitando os nervos sensíveis, circulando o clitóris, mas essa delicadeza não durou muito tempo. Logo, abocanhou minha boceta inteira, a língua me penetrando num vai e vem torturante, que me fez fechar os olhos e agarrar os lençóis com força.

— Meu Deus, Robert! — exclamei quando o prazer que ele me dava

começou a me consumir.

O que aquele homem estava fazendo comigo?, pensei enquanto me contorcia, completamente subjugada por sua língua deliciosa e pelas mãos que haviam encontrado caminho até meus seios e os massageavam, *me* deixando ainda mais louca.

Rapidamente a primeira onda de um orgasmo avassalador me atingiu em cheio.

Aquilo estava sendo, de longe, a coisa mais deliciosa que já me fizeram sentir.

Eu ainda estava tentando me recuperar quando ele se ergueu para tirar a camiseta e a calça que vestia.

Mesmo com pouca claridade, eu consegui ver o quanto seu corpo era glorioso, assim como seu pau: grosso e comprido, absurdamente lindo.

Senti vontade de tocá-lo, de colocá-lo em minha boca, mas me contive, o desejo de tê-lo dentro de mim era muito maior.

Robert colocou um preservativo, encaixou meu corpo no meio da cama e o cobriu com aquela massa compactada de músculos. Sua pele estava incrivelmente quente e cheirosa.

— Você acabou comigo — sussurrei.

— Só estou começando — ele garantiu, voltando a me beijar.

Enquanto sua língua explorava minha boca, a cabeça de seu pau começou a pedir passagem. Abri um pouco mais as pernas para que ele se acomodasse melhor e Robert foi deslizando com cuidado, como se não tivesse pressa em me possuir.

Quando ele chegou mais fundo, ergui o quadril, de forma que me preenchesse por completo.

Escutei seu suspiro de prazer e gemi com a mordida que ele deu em meu

ombro.

— É exatamente como eu sonhei — falou baixinho em meu ouvido, a voz completamente rouca de tesão.

E então ele começou a se mover, devagar no início, para que eu pudesse me acostumar. Aos poucos o ritmo foi aumentando, fazendo com que seu pau entrasse cada vez mais fundo.

Eu nunca achei que seria capaz de gozar duas vezes em um espaço tão curto de tempo, mas na hora em que ele me virou de bruços e voltou a se enterrar em mim, eu vi que, sim, isso realmente poderia acontecer.

E quando ele começou a dedilhar meu clitóris, as coisas começaram a sair do controle novamente. Robert era experiente e me tocava nos lugares certos, alguns que eu sequer conhecia.

— Ahhhh — choraminguei quando mais uma onda de prazer começou a se formar em meu ventre.

Ele se empenhou em estimular ainda mais o meu clitóris, mas rapidamente meu desespero pareceu intensificar seu desejo, pois ele aumentou suas investidas, tornando-as ainda mais intensas.

Em poucos segundos eu estava me desmanchando outra vez, gemendo incontrolavelmente com o rosto colado ao travesseiro. De algum lugar eu percebi que ele também estava gozando. Queria estar de frente para ver seu rosto naquele momento, mas seria incapaz de me mover. Estava completamente arrebatada.

Aquele, com certeza, fora o sexo mais incrível que eu tinha feito na vida.

Robert permaneceu sobre mim por um tempo, mas logo se levantou e foi tirar o preservativo. Quando voltou do banheiro, eu achei que fosse se vestir e ir embora, mas contrariando minhas expectativas, ele se deitou ao meu lado.

Nós ficamos um bom tempo abraçados, em silêncio, apenas trocando carinhos.

E pela primeira vez adormeci sobre seu peito, sentindo um tipo de felicidade até então desconhecida para mim, tudo isso porque, finalmente, dei abertura para um homem entrar em minha vida e me tirar a péssima impressão que eu tinha sobre o amor.

CAPÍTULO 21

Laura

Despertei no horário de sempre, mas naquela manhã eu estava me sentindo mais cansada que o normal.

Antes que eu pudesse me questionar o porquê, as lembranças da noite anterior tomaram conta da minha mente e foi impossível conter um sorriso.

Minha primeira vez com Robert tinha sido incrível e ainda estava tão vívida em minha cabeça que me fez suspirar.

Virei-me para o outro lado da cama, mas, obviamente, ele já tinha ido embora.

Graças a Deus. A última coisa que eu queria era que Charlotte ou algum dos funcionários o vissem saindo do meu quarto.

Espreguicei-me longamente e fui para o banho. Eu ainda tinha que arrumar minhas coisas e não queria me atrasar para a aula.

Cerca de meia hora depois eu estava descendo as escadas, com a bolsa de viagem na mão, e quando cheguei ao hall da escada, escutei um tilintar ecoando da sala de jantar.

Robert e Charlotte estão tomando o desjejum, pensei, mas quando lá cheguei, somente a pequena estava à mesa e me perguntei onde Robert estaria.

— Laura! — ela me saudou, animada. Mas quando viu o que eu carregava, sua expressão mudou. — Não acredito que você vai embora — disse, levantando-se para me abraçar. — Foi tão incrível ter você aqui — completou, com a voz chorosa.

— Eu sei, meu amor, mas seu tio já voltou e poderá cuidar de você.

Ela assentiu, ainda desanimada, e pediu que eu me juntasse a ela.

Infelizmente eu não poderia. Por causa do que tive que fazer, estava com os minutos contados e deixaria para comprar um café quando chegasse à universidade.

Charlotte me liberou sem problemas, ela era muito responsável e entendeu minha posição.

Saí da mansão um pouco chateada com a ausência de Robert. Achei que pelo menos me encontraria para desejar um bom-dia, mas ele sequer apareceu.

Será que estaria fugindo de mim? refleti, intrigada, mas preferi não me apegar a isso. Era melhor deixar as coisas acontecerem ou eu ficaria paranoica.

Mesmo um pouco irritada, o caminho até a universidade foi feito com um sorriso no rosto. Quando cheguei, entretanto, fiz um esforço hercúleo para me concentrar nas coisas que teria que fazer por lá.

Depois da aula, fui para a empresa. Tinha que discutir com a equipe sobre o outro projeto.

Também queria falar a respeito da sala que ficara pronta. Eu ainda não sabia se Robert havia gostado, pois com tudo o que aconteceu durante a madrugada, eu me esqueci de perguntar, mas estava certa de que ele aprovaria, afinal, havia escolhido os móveis junto comigo e por isso tinha uma boa ideia de como ficaria depois de finalizada.

— O Sr. Hankle pediu para falar com você assim que chegasse — disse Sherryl, a secretária dele, quando me viu entrando em minha baia.

Além do escritório de arquitetura, John Hankle e Preston West possuíam outra empresa voltada para a construção civil e era o Sr. Hankle quem cuidava dela, por isso, quase nunca aparecia ali.

Guardei minhas coisas e fui até a área da presidência dizer que estava livre, caso ele quisesse me receber naquele momento.

Não demorou para Sherryl aparecer, com seu sorrisinho forçado,

autorizando minha entrada.

Diferente de West, que já estava chegando aos cinquenta, Hankle deveria ter pouco mais de quarenta anos e mostrava estar em ótima forma.

— Boa tarde, Sr. Hankle — cumprimentei ao entrar.

— Ah, Laura, sente-se.

— Obrigada, senhor.

— Bom, Preston me falou que você está trabalhando com Robert Collins. Disse também que vem fazendo um trabalho genial e que tanto ele quanto o Sr. Collins estão muito satisfeitos.

Aquele elogio me pegou desprevenida.

— Sim, quer dizer, obrigada, fico feliz que estão gostando.

— Por esse motivo estou analisando a possibilidade de você atender a um possível novo cliente. Ainda não há nada acertado, pois ele está viajando, mas ele é um amigo pessoal e acredito que fechará conosco. Isso acontecendo, eu gostaria que fizesse parte da equipe.

— É um convite tentador, mas tudo vai depender do tempo que vamos demorar para finalizar a obra de Robert Collins.

Ele me avaliou minunciosamente.

— Acredito que até acertarmos tudo com o novo cliente, você já terá finalizado com o Sr. Collins.

Assenti e não abordei a possibilidade de Robert querer fazer algumas reformas em suas empresas, o que tomaria vários meses do meu tempo.

Henkle fez mais alguns comentários sobre o meu trabalho, mas logo me dispensou.

Quando saí de seu escritório, fui direto para a minha mesa, mas no meio do caminho avistei Ruby. Ela estava parada próximo à copa e me olhava com curiosidade.

Na hora pensei que ela deveria estar por dentro daquela conversa. Não! Era provável que tivesse sido ideia dela, afinal de contas, se eu me afastasse desse projeto, ela poderia ter mais chances de interagir com Robert.

Obviamente aquilo era uma grande especulação de minha parte, mas em se tratando de Ruby Foster, tudo era possível. Em sua cabeça, a única coisa que estava impedindo sua conquista era eu. Sua vaidade não admitiria que, independentemente de mim, ele poderia não se interessar por ela.

E o mais triste era ver o quanto aquela traiçoeira podia manipular o amante apaixonado.

Bom, quando ela o largasse, a culpa seria toda sua por ser tão idiota e eu não derramaria uma lágrima no dia em que a casa caísse.

Depois de verificar os trabalhos que estavam sendo feitos no autocad, despedi-me do pessoal e fui para a mansão.

Tinha esperança de ainda encontrar Robert antes que voltasse para o banco, mas não vi seu carro estacionado. Eu *sabia* que àquela hora ele já teria almoçado e ido embora, mas intimamente torcia para que tivesse ficado me esperando, que estivesse tão ansioso para me ver quanto eu estava, mas isso não era verdade. Ele fugiu de manhã e tinha a impressão de que não faria muito esforço para me encontrar.

Isso me chateou. Nunca fui o tipo de mulher que transa sem compromisso e com ele não seria diferente.

Ok, não estávamos comprometidos quando transamos, mas existia algo entre nós, algo forte o bastante para me fazer ceder e sentia que o mesmo acontecera com ele.

Isso não queria dizer que eu estivesse esperando que Robert chegasse com uma aliança e me pedisse em casamento — não imediatamente, pelo menos —, mas para continuarmos, eu precisava garantir que não estávamos saindo com outras pessoas, precisava conseguir o mínimo de comprometimento de sua parte.

Mas e se não fosse isso que ele quisesse? E se ele dissesse que foi apenas uma noite e nada mais (quanto drama!), e se fingisse que nada tinha acontecido ou, pior, se estivesse arrependido?

Eu não tinha certeza sobre como reagiria caso alguma dessas alternativas acontecesse.

Era por isso que estava curiosa para vê-lo. Eu era uma pessoa prática e precisava saber como ficaríamos depois do que aconteceu.

Eu sabia que essa conversa o assustaria, mas Robert precisava entender como minha cabeça funcionava e eu *precisava* saber o que ele pensava.

Mesmo com trabalho a fazer, aquela tarde demorou a passar para mim e eu devia isso à minha ansiedade, que aumentava a cada hora.

Como de costume, assim que chegou Charlotte foi para o meu escritório e começou a tagarelar.

Após terminar os ajustes no esboço que havia feito para o próximo cômodo que seria reformado, eu desliguei o computador e me juntei à Charlotte no tapete para ajudá-la com suas tarefas.

Ao terminarmos todos os deveres, já passava das 18h e eu fui ajudá-la a guardar seu material. Ela havia me pedido para arrumar uma gaveta ali, para que ficasse mais fácil.

Estávamos rindo de alguma besteira quando formos surpreendidas por um Robert.

Ele deu um beijo na sobrinha e depois disse.

— Charlotte, por que não vai até a cozinha pedir que Rosie prepare um lanche para nós dois? Eu te encontro lá.

A menina assentiu, pegou seu tablet e me deu um beijo antes de ir fazer o que o tio mandou.

Robert fechou a porta e se voltou para mim.

Vi aquilo como um convite para que ficássemos sozinhos e me aproximei dele, entrelacei os braços em seu pescoço e o beijei. Ele correspondeu ao beijo rapidamente, mas logo se afastou.

— Desculpe, eu não consegui resistir — falei, sem graça, e ele me deu um meio sorriso.

— Queria falar com você sobre ontem — ele disse e tomou um pouco de distância.

— Ótimo, também gostaria de conversar sobre isso.

Ele assentiu.

— Você primeiro — pedi.

— Laura eu te acho incrível, linda, inteligente e extremamente talentosa. Se não bastasse isso, a noite que passamos juntos foi maravilhosa e eu gostaria muito de continuar de onde paramos, contanto que não haja grandes expectativas de nenhuma das partes. O que me diz?

Sem grandes expectativas de nenhuma das partes?

— Isso quer dizer...? — Inquiri.

— Bom, relacionamentos não estão nos meus planos, num futuro próximo, mas eu gosto de com você, de conversar com você e a química que nós temos é incrível, porque desperdiçar isso?

— Deixa ver se eu entendi. Se você não tem planos de iniciar um relacionamento, ao menos não num *futuro próximo*, o que está me propondo é que tenhamos o chamado ‘sexo sem compromisso’?

Ele torceu a boca de um lado, parecendo irritado com as palavras que usei, mas assentiu.

— Mais ou menos isso, mas...

Bufei antes que ele concluísse, me sentindo a mulher mais tola da face da terra.

— Desculpe se dei a entender que sou esse tipo de mulher, eu não sou, então minha resposta é, obrigada, mas não — falei com sarcasmo para esconder o quanto fiquei ofendida.

Eu não esperava que ele me pedisse em namoro, mas também não imaginei que iria me propor aquilo tão descaradamente.

Robert poderia continuar tendo sexo comigo a hora que quisesse, mas a forma como colocou aquilo me fez sentir péssima. Era como se ele estivesse falando que iria me usar pelo tempo que quisesse e me descartaria quando lhe fosse conveniente.

Tive vontade de expor esse pensamento a ele, mas aí me lembrei que ele era um cliente do escritório e que era melhor manter a pose.

— Laura...

— Não precisa falar mais nada, como você mesmo já me disse uma vez, nós somos adultos, e saberemos lidar com essa situação. Agora eu tenho que ir, com licença.

Estava me sentindo usada, iludida e todas as coisas que uma mulher tola e apaixonada poderia achar. A verdade é que a culpa também era minha por ter criado expectativas demais.

Sexo sem compromisso?

Mas conforme me afastava daquela casa, percebi que a culpa por estar me sentindo daquele jeito não era totalmente minha. Robert realmente me tratou de uma forma que me fez acreditar que eu era especial.

Ele ficou comigo, propiciou vários momentos românticos entre nós, pediu para que eu cuidasse de sua adorada sobrinha e então me levou para a cama, apenas para me dizer depois que não deveríamos criar muitas expectativas!

Que ódio!

Definitivamente nada daquilo era culpa minha e perceber isso amenizou um pouco as coisas, fez meu coração perceber que não valia a pena ficar

sangrando por mais um homem que não me deu o devido valor.

Eu só queria saber se era eu quem tinha um grande dedo podre ou se todos os homens do mundo eram verdadeiros canalhas sem coração.

CAPÍTULO 22

Laura

Dei graças a Deus por vovó estar viajando, pois, assim que pisei em casa, dei-me ao direito de me trancar no quarto e chorar toda minha frustração em relação àquele homem.

Eu me apaixonei de verdade apenas uma vez, aos 16 anos. Mike era lindo, carismático, inteligente e fez eu me sentir especial quando começou a me rondar. Nós namoramos por dois anos e em minha cabeça romântica terminaríamos o ensino médio, iríamos para a mesma universidade, afinal, ambos tínhamos tirado nota máxima nas provas do GCSE[1] e logo que nos formássemos, nos casaríamos.

Mas as coisas não foram nem um pouco como imaginei. Mike sempre teve outros planos, mas nunca se preocupou em compartilhá-los comigo, de modo que foi um enorme baque ouvi-lo dizer que havia sido aceito em Harvard e estava se mudando para Boston.

Contar aquilo daquela maneira já teria sido terrível por si só, mas fazer isso logo depois de termos feito amor fez a traição parecer muito maior e impactou muito minha forma de enxergar a vida. Foi devido à sua frieza que, após me recompor, dei um jeito de construir algumas barreiras e jurei a mim mesma que não deixaria nenhum forasteiro ultrapassá-las.

Foi essa a maneira que encontrei de me resguardar de dores futuras, e as coisas estavam completamente sob controle até eu conhecer Robert Collins.

Assim como acontecera com Mike, eu me deixei levar por seu charme e o resultado não poderia ser pior.

Como alguém conseguia fingir todos aqueles olhares e sorrisos carinhosos? Tudo parecia tão genuíno...

E como eu pude cair nessa novamente?

Aos dezessete anos, sem muita experiência de vida, isso era aceitável, mas aos vinte e quatro, não! Saber que fui apenas um passatempo nas mãos dele me deixava triste, mas saber o quanto fui idiota e crédula me deixava possessa. Estava claro que um homem como ele, que tinha Celine Windsor entre suas pretendentes, jamais escolheria uma plebeia como eu, mas a boba da Laura achou realmente que teria alguma chance.

Ah, que ódio! De Robert e todos os homens do planeta!

Naquela noite eu não tive vontade de comer e também não liguei para vovó. Se ela me ouvisse, na mesma hora saberia que algo havia acontecido e ficaria preocupada. Em vez disso, enchi minha banheira, abri uma garrafa de vinho, coloquei algumas músicas bregas para tocar e me enchi de autocomiseração. Se era para sofrer, que fosse em alto estilo.

E foi o que aconteceu, incluindo a ressaca que me atingiu quando acordei no dia seguinte. Eu estava me sentindo péssima, mas enquanto tomava dois comprimidos para acabar com minha dor de cabeça, percebi que tinha aprendido uma lição: não confie nos homens e confie menos ainda em seu coração, ele não sabe de nada.

Mesmo me sentindo um lixo, não podia permanecer deitada, fingindo que o mundo havia acabado. Eu tinha que seguir minha vida sem deixar que aquela decepção abalasse minha rotina.

Graças a Deus, a manhã passou voando, mas quando saí da universidade aquela velha inquietação tomou conta do meu peito. Mesmo depois de tudo o que aconteceu, eu ainda me sentia ansiosa para encontrá-lo e aquilo era uma verdade difícil de admitir até para mim mesma.

Foi pensando nisso que decidi que deveria repensar minha permanência na

equipe.

Lembrei-me da proposta que Henkle e decidi que, se West concordasse, aceitaria e deixaria que Ruby tocasse o restante da reforma de Robert.

Óbvio que morar ao lado de sua propriedade não me ajudaria a esquecê-lo tão rápido quanto queria, mas deixar de vê-lo todos os dias seria a primeira medida a ser tomada a fim de que as coisas se acalmassem dentro do meu coração.

Com isso decidido em minha cabeça, segui para o escritório com o intuito de falar com West. Eu não contaria o porquê de querer sair da equipe que ficara por conta da reforma de Robert, até porque argumentei muito para ficar nela. Apenas usaria a proposta de Hankle para que ele entendesse que Ruby poderia cuidar da execução dali por diante, uma vez que os projetos já estavam prontos.

Assim que cheguei, fui até a secretária de West dizendo que precisava conversar com ele. Cinco minutos depois ela ligou dizendo que eu já poderia ser recebida, mas somente quando me sentei à sua frente foi que percebi o que estava prestes a fazer.

— Estou ouvindo, Laura — disse ele gentilmente quando permaneci calada.

Respirando fundo, contei a ele sobre a conversa que tive com seu sócio e o quanto fiquei animada em começar um novo projeto. Também falei que as coisas na propriedade de Robert já estavam bem adiantadas e que eu finalizaria o projeto do último cômodo que estava no orçamento, antes que o novo cliente fechasse o contrato.

Ele escutou pacientemente e pareceu gostar da ideia, porém, antes de me dar uma resposta, disse que precisaria ligar para Robert, era ele quem daria a palavra final.

Eu achei que ele fosse fazer a ligação quando eu saísse da sala, mas meu chefe era do tipo que não gostava de enrolação e acabou fazendo a ligação na

minha frente mesmo.

Todo o nervosismo que estava sentindo triplicou quando imaginei a cara de Robert ao ouvir que eu estava pedindo para deixar equipe e, consequentemente, sua casa.

Só esperava que ele percebesse que não daria mais para trabalharmos juntos e fizesse esta transição sem criar problemas.

No entanto, pelo que estava percebendo por meio das respostas de West, as coisas não aconteceriam como eu queria. E quando ele colocou o aparelho na base e me encarou, achei que pudesse desmaiar ali mesmo de agonia e decepção.

— Sinto muito, Laura, mas Robert foi categórico ao dizer que quer você até o fim da reforma. Ele ainda fez questão de pontuar que, após sua casa, vai fazer a reforma de seu escritório no banco e que a quer lá também.

Fiquei em silêncio, tentando entender o que Robert Collins pretendia com tudo isso. O cara não queria ficar comigo, mas não abria mão de mim na equipe que fazia sua reforma.

O mais certo era ele me liberar, seria melhor para nós dois, mas pelo visto ele não achava o mesmo e eu não sabia o que pensar. Contudo, não estava em posição de esbravejar sobre aquela decisão. Depois de tudo, a última coisa que eu precisava era perder a oportunidade de ser efetivada e era isso que aconteceria caso me recusasse a aceitar o trabalho.

— Tudo bem, Sr. West, vou continuar na equipe.

— Perfeito, Laura. Sei que você adora novos desafios, mas lembre-se de que todas essas reformas enriquecerão imensamente seu portfólio e farão com que seu trabalho seja conhecido por todos os figurões da cidade.

Assenti, tentando disfarçar meu descontentamento o máximo que pude, mas por dentro me sentia como um vulcão em erupção.

Despedi-me rapidamente, peguei minhas coisas e fui embora. Se pudesse, teria ficado ali, mas além de verificar se Robert queria mudar alguma coisa na

sala que havia ficado pronta, eu ainda precisava terminar alguns detalhes do novo projeto e discutir com ele a respeito.

Seria uma tortura ter que encontrá-lo depois da conversa que tivemos, mas esse era o preço que eu teria que pagar por ter quebrado a regra do escritório ao me envolver com um cliente.

Quando passei pelos portões da mansão, já estava bem mais calma. Até mesmo aquela ansiedade havia diminuído muito e me sentia preparada para trabalhar ali como vinha fazendo há dois meses. Contudo, não estava preparada para sentir o perfume de Robert cinco minutos depois de me instalar em meu escritório.

Droga, ele ficou me esperando!, pensei, chateada, embora já devesse ter imaginado.

— Precisa de alguma coisa, Sr. Collins? — perguntei, sem desviar a atenção do computador.

— Achei que soubesse separar as coisas, Laura.

— Mas eu sei separar as coisas, senhor, só achei que ficaríamos mais confortáveis se não nos víssemos mais. Mas se quer que eu permaneça aqui, é o que farei.

Ouvi-o respirar fundo antes de falar:

— Você está agindo como se eu tivesse feito isso para puni-la, mas não é verdade, já disse inúmeras vezes o quanto aprecio o seu trabalho. Não quero outra pessoa.

Finalmente afastei os olhos da tela e o encarei.

— Bom, desculpe-me pelo equívoco, então. E fique tranquilo, como eu disse, vou terminar seus projetos e acompanhar as obras.

Ele assentiu e continuou parado à porta, olhando para mim.

— Mais alguma coisa? — perguntei.

— Vai ficar me tratando assim?

Aquela pergunta fez a raiva que eu estive contendo voltar. Eu poderia estar mais envolvida do que devia por seu charme, beleza e masculinidade, mas isso não fazia de mim uma tola.

— Por favor, Sr. Collins, não vamos piorar a situação. Se não quer que eu vá embora, tudo bem, eu não irei, mas não vamos mais misturar as coisas. A partir de hoje eu serei somente sua arquiteta, então, se não tiver mais nada para falar, *me* deixe trabalhar.

Robert não gostou do que ouviu, mas não havia nada que pudesse fazer.

Só depois que ele saiu foi que me lembrei de que precisava falar da sala que tinha ficado pronta. Mas por mais que estivesse interessada em saber o que ele tinha achado, decidi que lhe perguntaria depois, quando os ânimos estivessem amainados.

Voltei para o computador, onde estava o novo projeto, e me dediquei ao máximo para que ficasse tão perfeito quanto o anterior. Quando estava finalizando a renderização dos móveis, Charlotte apareceu e não parecia nem um pouco feliz.

— Que carinha é essa? — perguntei.

Charlote deu a volta na mesa e parou ao lado da minha cadeira.

— Você e o Tio Robert brigaram. — Não era uma pergunta e mais uma vez me impressionei com o tanto que aquela garotinha era ligada.

— Por que está falando isso?

— Laura, eu já disse que sou criança, mas não sou boba.

Sorri e a puxei para o meu colo. Charlotte podia ser superesperta, porém, aquela não era uma conversa para se ter com uma criança, então precisaria usar todo o meu bom senso.

— Querida, há coisas que você ainda não entende, mas eu te garanto que

está tudo bem entre nós. Só peço que não fique criando expectativas em relação a nós dois como um casal.

— Mas ele gosta de você — ela afirmou, como se tivesse absoluta certeza dos sentimentos do tio.

— E eu gosto dele, mas as coisas não são tão fáceis assim. Por favor, não se preocupe conosco, está tudo bem — pedi.

— Não está. Eu fiquei escutando a conversa de vocês.

— Charlotte! — comecei a repreendê-la, mas ela continuou falando:

— Sabe aonde ele foi depois que você saiu?

Eu sabia que não devia lhe dar corda, mas não aguentei e perguntei do que ela estava falando.

— Venha, eu vou te mostrar — disse ela, pulando do meu colo e me puxando pelo braço.

Subi as escadas atrás dela até parar em frente à porta do quarto de Robert, um lugar onde eu nunca tinha entrado.

— Charlotte, vamos descer, eu não posso invadir o quarto do seu tio.

— Ele saiu e você precisa ver isso para entender algumas coisas — falou, séria, e abriu a porta.

Na mesma hora senti o cheiro do perfume com o qual já estava tão acostumada.

Dei dois passos para dentro e comecei a analisar os detalhes. Como esperado, a suíte era gigantesca e luxuosamente decorada, com objetos de extremo bom gosto.

Ao olhar para o lado, vi um quadro gigantesco sobre uma cômoda que ficava de frente para a cama king size.

— É a tia Stacy, é por causa dela que ele não fica com você.

Parei diante da imagem de uma mulher de pele clara, cabelos castanhos e

olhos esverdeados.

Sim, era Stacy, eu a reconheci pelas fotos do jornal e me senti um pouco atônita, sem acreditar que cinco anos após sua morte, ele ainda tinha o quadro da esposa em frente à sua cama, de forma que aquela pudesse ser a última coisa que via antes de dormir.

E a primeira quando acordasse, lembrou meu subconsciente.

Ao me dar conta daquilo, voltei a avaliar o quarto e encontrei um porta-retratos com fotos dos dois juntos e felizes.

Se fosse possível, senti-me mais devastada do que ficara na noite anterior, pois, diferente do que eu pensava, Robert não estava me trocando por uma linda duquesa, mas por alguém que nunca mais voltaria.

Eu queria estar enganada, mas por tudo o que tinha visto ali, Robert poderia realmente se sentir atraído por mim, mas ainda estava de luto e não parecia disposto a colocar ninguém no lugar de sua Stacy.

CAPÍTULO 23

Laura

DIAS DEPOIS

Quanto mais o tempo passava, mais eu percebia que as coisas que Charlotte me falava faziam sentido.

Segundo me disse, seu tio passava bastante tempo na varanda do quarto olhando para a minha casa. Como ela sabia disso, eu não tinha a menor ideia. Ela também sugeriu que ele voltava para casa mais cedo somente para ter a oportunidade de me ver antes de sair.

O problema era que, desde a conversa que tivemos após nossa primeira noite, mas principalmente depois de ter visto a foto de sua falecida esposa, eu me fechei como uma concha. Tratava-o cordialmente, mas não conseguia mais sorrir para ele, muito menos encará-lo por muito tempo.

Eu entendia que Robert tinha direito de viver seu luto pelo tempo que durasse sua dor, mas me sentia muito magoada por ele ter se envolvido comigo por motivos carnais. Especialmente por ter feito aquela proposta indecente de sexo sem compromisso. Eu não era um pedaço de carne e não permitiria que me tratasse assim.

Felizmente vovó estava prestes a voltar, pois já estava começando a me sentir muito solitária naquela casa.

— Oi, Vicky — falei quando vi o número da minha amiga.

Eu tinha acabado de desligar meu notebook e estava pegando minhas

coisas para ir embora.

— Nós vamos sair para dançar hoje, conseguimos cortesias de uma boate exclusiva e queríamos que você fosse.

— Não sei — eu disse, sem ânimo, porque não gostava muito da vida noturna.

— Por Deus, Laura, você só trabalha, garota, a vida foi feita para se divertir também.

— Onde fica essa boate? — perguntei no exato momento em que me virei e dei de cara com Robert à porta.

Enquanto Vicky falava sobre como o lugar era bem frequentado, Robert permaneceu no mesmo lugar, aguardando pacientemente.

— Eu sei qual é. Ela foi inaugurada há poucos meses e, se não estiver enganada, foi o escritório que fez o layout da fachada — comentei para prolongar o assunto.

— Essa mesma, podemos esperar por você?

— Claro, encontro com vocês lá.

Despedi-me de Vicky e, assim que desliguei o celular, Robert se aproximou.

— Vai sair hoje à noite?

Eu esperava que ele falasse a respeito da reforma, dos móveis e coisas do gênero, como fazia sempre que chegava, mas não que questionasse o que eu faria naquela noite.

— Sim, vou a uma boate com algumas amigas.

E a culpa era dele, pois jamais teria aceitado se não soubesse que ele estava por perto escutando a conversa. No fundo, queria que visse que eu estava seguindo em frente depois do fora que levei.

— Hum — ele resmungou e continuou me encarando.

— Bom, se não precisa de mais nada, eu já vou indo.

Robert não respondeu, apenas permaneceu no mesmo lugar, olhando para mim como se quisesse falar alguma coisa, mas não tivesse coragem.

— Tenha um bom fim de semana, Laura — desejou, por fim.

— Com certeza terei, boa noite.

Passei por ele, mas foi só entrar no carro para me ver completamente arrependida de ter aceitado o convite de Vicky.

Durante o banho fiquei analisando aquela conversa embaraçosa e cheguei à conclusão de que não deveria deixar Robert me confundir. Todo homem experiente saberia que deixaria sua vítima balançada caso fizesse aquele tipo de pergunta, do mesmo modo que uma mulher inteligente não desistiria de sair depois de ver o quanto sua presa pareceu incomodada com aquilo. Era por isso que eu iria. Como minha amiga havia dito, a vida não era apenas trabalho.

Como ainda era cedo, arrumei-me com calma.

Por causa das mãos de fadas da minha avó, eu possuía muitos vestidos, então não foi difícil achar o modelo ideal. Ele era grafite, com mangas compridas e decote generoso nas costas. Apesar de curto, não era nada exagerado, de forma que não me deixaria desconfortável durante a noite, além de ficar perfeito em meu corpo.

Pensei em pesar um pouco mais na maquiagem, porém o tecido levemente brilhante já chamava bastante atenção, então decidi fazer a mesma maquiagem de sempre e um *babyliss* nas pontas do cabelo.

Eu deveria estar eufórica na medida em que via o quanto estava ficando bonita, mas tinha a impressão de que nunca havia me arrumado com tão pouca vontade.

Mesmo assim não desisti. Se quisesse esquecer Robert de vez, eu precisava mudar a sintonia da minha vida e aprender a me divertir mais.

Mas eu me conhecia e sabia que só conseguiria relaxar de verdade quando

terminasse meus compromissos. Eu precisaria de um mês e meio para concluir as reformas que estavam previstas no primeiro contrato.

Até lá, precisaria ser forte. E caso ele seguisse com a ideia de reformar seu escritório, seria menos provável que nos encontrássemos com a mesma frequência e eu ficaria livre da tortura de ter que encontrá-lo todos os dias.

No caminho até a boate me peguei pensando na quantidade de gente bêbada que eu teria que aturar naquela noite e no tempo que precisaria ficar ali antes de me despedir. Poderia parecer meio careta para uma mulher da minha idade pensar assim, mas sempre senti que possuía uma alma velha e não me importava com isso.

Sempre fui caseira e todas as minhas interações fora de casa aconteciam após muita insistência. Preferiria mil vezes conversar e beber vinho com Robert em sua adega aconchegante a aturar um uma boate lotada e barulhenta.

Desviei os rumos dos meus pensamentos e suspirei ao seguir para a fila que já havia se formado em frente à casa noturna.

Assim como o restante dos mortais que ali estavam, parei atrás da última pessoa e esperei pacientemente a minha vez de entrar.

Aquela era a minha maior bronca com boates badaladas; odiava ter que pegar fila para qualquer coisa, mas para entrar num lugar onde eu não estava animada para ir, era muito pior.

— Laura! — ouvi Vicky gritar logo atrás de mim. — Você está linda — elogiou e me abraçou.

— Nossa, todo mundo veio! — exclamei ao ver diversos outros colegas se encaminhando para a entrada.

— Como você disse, essa boate é de um novo cliente do escritório, foi ele quem nos ofereceu as cortesias. Nós nem precisaremos pegar fila, vem — Vicky explicou, pegando minha mão e me levando até o segurança que cuidava da entrada VIP.

Rapidamente fomos liberadas e já na entrada me deparei com um ambiente em tons de preto, vermelho e dourado, com uma decoração que remetia à luxúria e sensualidade.

Subimos um lance de escadas e fomos levados a um reservado cedido pelo dono da boate.

Os sofás eram de veludo preto e havia detalhes dourados em todo lugar, com pinceladas de vermelho.

Era tudo de muito bom gosto e na mesma hora fiquei curiosa para saber qual das arquitetas havia assinado aquela maravilha.

Olhei para o lado e percebi que todos os meus colegas estavam encantados, tanto com o lugar quanto com o tratamento VIP dispensado a nós.

Como andava mais fora do que dentro do escritório, não tinha ideia de quem seria o dono e fiquei curiosa para saber de quem se tratava.

Antes que concluísse meu pensamento vi Travis e Ruby se aproximando.

Que droga!, reclamei mentalmente.

— O que ela está fazendo aqui? — perguntei baixinho.

Todos nós estávamos bem vestidos, usando roupas bonitas e relativamente discretas, que contrastavam de forma colossal com Ruby Foster, com seu vestido extremamente colado e num vermelho vivo e brilhante que chamava a atenção mesmo à meia-luz.

— Você acha mesmo que ela perderia a oportunidade de aproveitar uma entrada VIP?

— Não e eu deveria ter me lembrado disso antes de aceitar o convite — reclamei, chateada por ser obrigada a aturar aquela mulher.

— Desencana, Laura, não vá deixar essa mal amada acabar com a sua noite.

— Você está certa.

Tentei sorrir, mas foi difícil. Ruby era insuportável com todo mundo, mas ela tinha algo pessoal contra mim e isso me deixava extremamente incomodada.

— Esse é um dos sócios da boate. Um gato, não acha? — disse Vicky, toda animada, referindo-se ao homem que havia acabado de entrar em nosso reservado.

Ele era bem bonito, tinha mais ou menos quarenta anos e estava acompanhado por uma loira belíssima.

— Sim e aquela deve ser a *namorada* dele — alertei.

Ela deu risada e, depois de o cumprimentarmos brevemente, fomos nos posicionar no lado oposto ao de Ruby, que comia o homem com os olhos sem nenhum pudor.

Revirei os olhos, mas logo minha atenção foi atraída para a pessoa que acabava de subir as escadas.

Fui reconhecida assim que nossos olhos se cruzaram, pois ele sorriu e caminhou em minha direção.

— Laura, que bom vê-la por aqui — disse Archie Collins, gentil como da última vez.

— Pois é, minhas amigas insistiram e acabei aceitando o convite.

Ele usava calça e camisa pretas, com um blazer cinza por cima, e estava tão bonito quanto eu me lembrava e bem mais falante.

Archie era um homem muito articulado e rapidamente estávamos emendando um assunto no outro. Eu não sabia por quanto tempo ficamos conversando, mas percebi que deveria ter passado mais de meia hora, pois vi algumas das meninas na pista de dança lá embaixo.

Depois de notar isso, acabei me dando conta do quanto era estranho estar com o primo de Robert em uma boate. Ele parecia ser um ótimo rapaz, mas quando se afastou para falar com alguém, voltei para junto de Vicky. Não queria dar motivos para fofocas no escritório.

Não demorou para o pessoal se animar e começar a beber um drink atrás do outro. Eu os acompanhei, mas não com tanta voracidade, pois não pretendia ficar bêbada.

Em certo momento da noite, Ruby reconheceu Archie e o pegou para Cristo. Fiquei com dó ao vê-la falar em seu ouvido a todo momento e usar qualquer oportunidade para tocar em seu braço, pois era nítido que ele estava incomodado com toda aquela bajulação, mas o rapaz aguentou bem.

Contudo, assim que uma conhecida dela se aproximou para cumprimenta-la, Archie deu alguma desculpa e se afastou.

Daquela vez tive vontade de rir, porque tive a impressão de que a garota só havia se aproximado para poder ser apresentada a ele, mas o melhor foi a cara que Ruby fez ao vê-lo caminhar para longe.

— E então, valeu a pena aceitar o convite das suas amigas? — perguntou ele, ocupando o lugar que Vicky deixara vago alguns minutos antes.

— Bastante, mas não tanto quanto algumas pessoas — falei sarcasticamente.

— Não poderia concordar mais — disse ele, sorrindo, e percebi que quase revirou os olhos antes de beber um gole de seu uísque, mas era educado demais para isso.

Alguns minutos depois Vicky voltou e Archie ficou um bom tempo conversando conosco, o que pareceu desagradar bastante a minha chefe sedenta por atenção.

Para não aumentar ainda mais sua animosidade e evitar comentários maldosos, na próxima vez que Archie se afastou para conversar com alguns amigos, eu resolvi ir embora de fininho, deixando Vicky avisada, para que ela não se preocupasse.

Ela quis protestar, mas já sabia que eu não costumava ficar até o final das festas, por isso apenas me desejou boa noite e foi se juntar às meninas na pista

de dança.

Pensando bem, acho que a única vez que fiz isso foi no baile de Robert.

Lembrar dele àquela hora da noite me deixou melancólica, mas logo mudei os rumos dos meus pensamentos e dei graças a Deus porque, assim que terminasse a obra, ele seria uma página virada em minha vida.

CAPÍTULO 24

Laura

Depois que saí da boate o cansaço me abateu e o caminho do centro até a minha casa nunca pareceu tão longo.

Mesmo assim, quando cheguei, fui para a cozinha em vez do quarto. Eu não tinha bebido muito, mas resolvi que uma xícara de chá me ajudaria a dormir melhor.

Peguei um saquinho do único chá de que gostava e fiquei olhando para a fumaça que começava a subir pelo bico da chaleira. Estava totalmente distraída e levei o maior susto quando meu celular tocou dentro da bolsa.

Imaginei que deveria ser Kyle ou Cora querendo reclamar por eu ter ido embora cedo, mas quando abri a bolsa e olhei a tela fiquei atônita ao ver que era ele.

De prontidão o meu coração acelerou e tive que respirar fundo antes de atender.

— Alô.

— Como foi a noite com as amigas, Laura?

A voz inconfundível de Robert Collins soou mais pretenciosa do que nunca do outro lado da linha.

— Sério que está me ligando às 2 da manhã para saber como foi a minha noite?

Silêncio.

— Não consegui dormir — confessou depois de alguns segundos e meu coração começou a galopar.

Quando não respondi, ele continuou:

— Fiquei pensando em você, no que estaria fazendo...

Fechei os olhos e senti um arrepio percorrer meu corpo.

— Não faça isso, Robert.

— Isso o quê?

— Achei que as coisas estavam claras entre nós — falei num sussurro.

— Eu também — admitiu, pesaroso.

Fechei os olhos mais uma vez e senti meu lado masoquista querer aflorar.

Assim como toda mulher, eu gostava de ser seduzida, de acreditar que um homem como ele realmente estava pensando em mim, mas não poderia esquecer que ele queria só sexo e se eu demonstrasse a mínima vulnerabilidade, poderia se achar no direito de continuar brincando comigo.

— Desculpe, Robert, mas *eu* quero que nossa relação se mantenha em nível profissional. Por favor, não me ligue fora do horário comercial.

Com essas palavras eu desliguei na cara dele e senti uma sensação de poder tomando conta de mim.

Parecia que meu ego precisava dar a última palavra em relação àquele assunto, além disso, após ter criado tantas expectativas em relação a ele, não poderia sair me jogando em seus braços na primeira vez que ele estalasse os dedos.

Nem na segunda, ele tem que sofrer um pouco mais, disse minha parte cruel e tive que rir.

Verti a água na xícara e subi para o meu quarto. Enquanto a bebida esfriava, tomei um banho quente, enrolei-me em um roupão felpudo, peguei meu chá e me sentei em uma poltrona para encarar a mansão de Robert.

Não foi nenhuma surpresa ver que as luzes de seu quarto (eu finalmente sabia que era o quarto dele) estavam acesas.

Foi impossível não conjecturar o que ele estaria pensando após meu fora.

Quando, por fim, *me* deitei, havia uma deliciosa sensação de controle que atribuí ao fato de ter me imposto.

Não fiz aquilo de maneira deliberada, mas acabou mostrando a Robert Collins que suas vontades não eram mais importantes que as minhas, que ele não poderia me tratar da forma que bem entendesse.

* * *

Acordei no dia seguinte com o celular tocando e no mesmo instante achei que fosse Robert, mas era vovó avisando que prolongaria sua viagem por mais alguns dias.

Eu era muito ligada à mulher que me criou e pensei em falar que estava precisando dela, mas acabei desistindo e a incentivei a aproveitar bastante. Além do mais, seria pior se ela voltasse e me visse toda desanimada pelos cantos. Não que eu fosse dar bandeira na frente dela, mas vovó me conhecia como a palma da mão e perceberia logo que alguma coisa estava errada.

Nas vezes em que nos falamos durante a última semana, eu me esforcei para mostrar entusiasmo e dar o máximo de detalhes às perguntas que ela fez a respeito do baile.

Vovó era romântica e deixou claro que nunca havia feito comentários referentes ao nosso vizinho gostoso por medo de eu acabar me envolvendo e, consequentemente, me machucando...

Mal sabia ela que eu já tinha dormido com ele e que as coisas estavam tão confusas.

Após encerrar a ligação, pensei em tomar meu café da manhã no Dulce Coffee, mas acabei desistindo. Eu não estava com fome, de forma que seria

perda de tempo, então peguei um suco na geladeira e, enquanto tomava, abri meu notebook para visitar alguns sites de móveis e decoração.

Fiquei uma hora nisso, contudo, entre uma pesquisa e outra eu acabava me lembrando da ligação que recebi de madrugada e me senti idiota por continuar fantasiando quando tudo o que ele devia estar querendo era mais uma noite de sexo fácil para depois voltar com aquele papo de “ não criar grandes expectativas”

Era realmente patético. Qualquer mulher com um pouco de bom senso iria deduzir de imediato que um homem como ele poderia ter qualquer mulher em sua cama sem, necessariamente, ter um relacionamento sério com ela. E de fato, era o que ele queria.

Burra, burra, burra...

Fechei o notebook e caminhei pela casa tentando me convencer de que tudo que aconteceu entre nós me serviria de lição para relacionamentos futuros. Muito embora eu achasse que, depois do que sofri na última semana, eu não me deixaria iludir tão rapidamente por homem nenhum, nem mesmo Robert. Ele estava acostumado a conseguir tudo o que desejava e cabia a mim lhe mostrar que as coisas não eram bem assim.

Pare de drama e vá fazer alguma coisa!, minha mente alertou e resolvi obedecer.

Uma das coisas que mais gostava de fazer era cozinhar. Pensar nos temperos e combinações me abstraía de tudo e me relaxava tanto quanto uma boa massagem e senti que era daquilo que eu precisava.

Fazia muito tempo que eu não entrava naquela cozinha para colocar a mão na massa, pois vovó fazia questão de preparar todas as refeições, mas apenas quando comecei a vasculhar os armários foi que percebi o quanto sentia falta.

Estava terminando de cortar os legumes que prepararia quando Vicky ligou me convidando para almoçar. Eu expliquei que já estava fazendo a comida e ela

praticamente se convidou para ir até a minha casa, ao que eu aceitei na mesma hora. Seria ótimo ter a companhia dela.

Minha amiga chegou quando eu estava arrumando a mesa e ficou sentada em uma das banquetas que ladeavam a bancada enquanto eu terminava de preparar nossa refeição.

— Você deveria ter ficado mais um pouco — ela comentou.

— Não sou muito adepta da vida noturna — expliquei e dei de ombros.

— Eu sei, mas depois que você saiu a Ruby ficou tentando a sorte com Archie, só que pelo que vi, ele está mais interessado em você.

Arthur Collins era um homem realmente atraente e se tivesse aparecido antes de Robert, era bem provável que despertasse minha atenção, mas agora, especialmente depois do que houve entre mim e seu primo, qualquer contato mais íntimo estava fora de cogitação.

— Impressão sua, ele se aproximou de mim porque já me conhecia, mas deu a nós duas a mesma atenção — falei com sinceridade, pois se Archie fosse o tipo de homem que eu imaginava, era bem possível que estivesse tentando seduzir as duas para ver com quem se daria bem.

— Você achou? — perguntou Vicky, com olhos radiantes.

— Com certeza.

— Eu estava meio na dúvida, mas já que é assim, você fará um favor para mim.

— Que favor?

— Antes de ir embora, Archie nos convidou para um coquetel que acontecerá no Jockey Club hoje à tarde. Ele me deu dois convites e queria que você fosse comigo.

— No Jockey Club?

— Sim. Eu andei pesquisando e vi que toda a nata de Londres estará

presente. Quem sabe não será nossa chance de arrumar um bom partido...

Eu não gostava muito de ir a esse tipo de evento, mas Vicky parecia tão feliz e animada com a ideia de reencontrar Archie de novo que fiquei balançada.

— Que horas começa esse coquetel?

— Às 15h. E aí, vamos?

Eu não tinha nada programado naquele sábado e ninguém para me fazer companhia, sob essa perspectiva, uma voltinha no Jockey Club parecia imensamente interessante.

— Tá bom, irei com você, mas não quero ficar muito tempo.

— Sem problema, só não quero chegar lá sozinha. Depois que eu me enturmar você pode ir.

Sorri e balancei a cabeça.

Almoçamos logo em seguida e, depois de dar mais detalhes sobre o que rolou depois que saí da boate, voltamos ao coquetel e ela suplicou para que eu lhe emprestasse um dos maravilhosos vestidos que vovó Grace fazia para mim.

Eu não era de sair muito, então havia vários que nunca tinham sido usados.

Após arrumarmos a bagunça do almoço, subimos para nos arrumar.

Vicky escolheu um vestido rosé que combinava bastante com seu tom de pele e os cabelos castanhos, já eu, preferi um creme, colado até a cintura e com a saia esvoaçante. O comprimento midi o deixava mais chique e perfeito para alguém da minha altura.

— Uau, Laura, você nasceu para usar essas roupas chiques, até parece uma daquelas grã-finas que vão com os maridos lá no escritório.

Gargalhei com a comparação que ela fez, porque não conseguia me ver em nenhuma daquelas esnobes.

Como o local para onde iríamos ficava na metade do caminho entre a minha casa e a cidade, decidimos ir com o carro da Vicky e, quando eu decidisse

ir embora, chamaria um táxi.

Durante o trajeto, ela tagarelou sem parar, visivelmente ansiosa, mas de minha parte recebeu apenas respostas evasivas. Eu não queria desanimá-la dizendo que acabaria se magoando caso se envolvesse com um homem da família Collins, só que também não alimentaria suas fantasias.

Na entrada do Jockey, mesmo com o convite, ambas tivemos que cadastrar nossos nomes e receber autorização para entrar.

O estacionamento já estava lotado de carros luxuosos para todos os gostos, um enorme contraste com o de Vicky. Aquilo nos fez rir e imaginar o que os sócios pensariam ao ver aquele carro popular junto com os deles.

O suntuoso salão onde estava acontecendo o coquetel não estava especialmente decorado, mas era tão lindo que não precisava de mais nada.

E como as boas arquitetas que éramos, passamos bons minutos apreciando o ambiente.

— Meu Deus, Laura, olha esse lugar! — ouvi minha amiga sussurrar.

Mas aquela apreciação não durou muito tempo, pois foi impossível não notar as pessoas que nos cercavam. O público daquele lugar exalava luxo e riqueza, e por mais bem-vestidas que estivéssemos, não dava para comparar, primeiro porque aqueles deviam ser os mesmos convidados de sempre, apenas com algumas variações, e segundo porque os ricos “de berço” eram diferentes. Eles possuíam uma arrogância natural, não necessariamente ruim, era mais como uma autoestima exagerada, daquela que se adquire quando a pessoa passa a vida inteira ouvindo o quanto é inteligente, bonita etc.

A fim de não chamar ainda mais atenção, eu indiquei o bar. Com uma bebida na mão seria menos constrangedor nos misturarmos ali.

Quando estávamos na metade do salão, tive a sensação de que alguém estava acompanhando meus passos e, como ímãs, meus olhos foram capturados pelos de Robert, que se encontrava do outro lado do salão, juntamente com

Archie.

Fiquei sem reação e xinguei a mim mesma por não ter me ligado de que era muito provável que ele também estaria ali, afinal, seria impossível que Robert Collins não fosse sócio de um Jockey Club exclusivo como aquele.

Sentindo-me sem graça pelos últimos acontecimentos e também por estar meio que invadindo seu espaço, eu apenas dei um leve sorriso como cumprimento. Os dois responderam com um aceno de cabeça.

— Ah, minha nossa, você viu quem está ali? — Vicky murmurou quando chegamos ao bar.

— Vi, sim — respondi no mesmo tom.

— Estou nervosa — ela confessou.

Eu também, pensei.

— Preciso de uma bebida — falei e pedi ao garçom um drink refrescante, enquanto Vicky preferiu uma bebida mais quente.

Enquanto esperávamos, fiz questão de ficar de costas para Robert e seu primo.

— Eles estão vindo para cá.

Ao escutar isso, meu coração acelerou descontroladamente e tudo em que pude pensar foi que aquele era um péssimo lugar para ter um infarto.

Tentei acalmar minha respiração, mas quando minha amiga se aprumou e sorriu abertamente, eu soube que eles estavam ali.

Virei-me devagar e abri um leve sorriso numa tentativa de disfarçar meu nervosismo.

— Boa tarde, senhoritas — disse Archie, lindo e galante. — Que bom que vieram — completou depois de beijar o dorso de nossas mãos.

Robert foi mais contido e apenas acenou, mas enquanto seu primo falava a respeito do Jockey, eu podia sentir seus olhos sobre mim. Tive vontade de olhar

de volta, mas sabia que não teria estrutura para sustentar aquele momento, então fingi que prestava atenção ao que Archie falava.

Após alguns minutos, Archie convidou Vicky para ver um cavalo premiado que estava sendo exibido no gramado ali perto e eu fiquei sozinha com Robert.

Aquilo era um pesadelo.

— Quer dar uma volta também? — ele perguntou.

Passei os olhos pelo salão e percebi que várias mulheres olhavam para ele, como se estivessem esperando a oportunidade de se aproximar, e o mais certo seria me afastar para que ele lidasse com elas. Só que, apesar do que fez comigo, eu ainda tinha ciúmes e de forma alguma o deixaria livre assim.

Além disso, dava para ver que ele tinha alguma coisa para falar e seria melhor sem plateia.

— Pode ser.

Deixei meu drink sobre uma mesa de apoio e o precedi para fora através de uma porta lateral que dava para uma área aberta, coberta por um belo jardim repleto de topiarias[2].

— Você está linda — disse ele quando estávamos a uma boa distância do salão.

— Obrigada — agradeci e desviei o olhar.

Era mais fácil olhar para a grama ou para alguma das plantas belamente esculpidas do que encarar seu lindo rosto.

— Laura, me perdoe por tê-la magoado...

O homem mal tinha começado a falar e eu já sentia aquele famoso nó começando a subir pela garganta.

— Já passou. — Tentei me fazer de forte, mas não deu certo, pois Robert gentilmente tocou meu queixo e me fez encará-lo.

— Eu sei que não passou e eu sinto muito.

— Robert...

Ele me interrompeu e voltou a falar:

— Eu gostaria que reconsiderasse e esquecesse aquela conversa.

Respirei profundamente, tentando não imaginar coisas.

— Esquecer e reconsiderar? — perguntei.

Ele assentiu e me puxou pela cintura, fazendo com que nossos corpos ficassem colados.

Olhei ao redor, preocupada, mas percebi que estávamos estrategicamente atrás de uma das esculturas de buxinho[3], seria impossível nos verem do salão.

— Ah, Laura, sinto tanta falta do seu cheiro, do seu sorriso, das nossas conversas, da cumplicidade que criamos nesses poucos meses. Sinto falta de *você*.

Fechei os olhos, tomada por uma forte emoção, mas não sucumbi.

— Robert, não faça isso comigo — pedi. — Eu não sou um brinquedo.

Eu queria muito acreditar nele, mas não estava disposta a me decepcionar novamente.

— E eu não estou brincando. Eu quero você, Laura.

Sem esperar resposta, ele me beijou, fazendo meu coração borbulhar de paixão.

Eu o beijei de volta com a sofreguidão de quem estava morrendo de saudade.

Quando me afastei e o encarei, ele sorriu, parecendo tão enevoado quanto eu me sentia.

— Você quer namorar comigo?

CAPÍTULO 25

Laura

Mesmo me sentindo completamente envolvida por seus beijos e altamente tentada, o pedido de namoro foi tão repentino que fiquei sem reação.

Há alguns dias eu havia tido a melhor noite de sexo da minha vida, apenas para ouvir no dia seguinte que as coisas não passariam daquilo e agora isso?

Mesmo triste e decepcionada, eu mantive minha posição de não aceitar aquele pedido absurdo.

No entanto, ali estávamos nós, uma semana depois, aos beijos, como se nada tivesse acontecido. E para completar, o homem que partiu meu coração ainda faz o pedido pelo qual eu havia ansiado silenciosamente por dias a fio.

Dizer que fiquei atordoada era pouco. Foi preciso um esforço imenso para que me soltasse de seus braços, a fim de conseguir pensar com mais clareza.

— Uau, isso foi, hum... inesperado.

Eu meio que divaguei, mas minha mente estava trabalhando freneticamente com o intuito de analisar toda aquela situação.

— Eu sei que parece irrefletido, mas a verdade é que pensei muito nisso desde aquela conversa que tivemos e decidi que quero tentar dar novos rumos à minha vida. Gostaria de ter você ao meu lado nessa nova etapa.

Quer dizer então que, após cinco anos, Robert havia percebido que estava pronto para deixar seu luto de lado e estava disposto a começar um relacionamento... comigo...

O problema era que toda a tristeza que senti por suas palavras, pelo modo como me propôs que saíssemos sem compromisso, ainda estava muito vívida em

minha mente. Os dias subsequentes, cheios de agonia e revolta, me deixaram mais do que escaldada.

Robert era extremamente volúvel no que se referia a assuntos sentimentais e eu não estava disposta a passar por tudo aquilo de novo.

E se ele ficasse comigo por algumas semanas e percebesse que não era a mim que queria?, foi o que pensei enquanto dava voltas à sua frente.

Para piorar, tudo o que sofri por causa de Mike veio à tona. Acabei rindo ao perceber como aqueles meses que sofri por ele pareciam pequenos demais se comparados aos dias que "chorei" por causa de Robert.

— Já que está sendo tão sincero, vou fazer o mesmo. Desde que comecei a trabalhar para você, eu me senti muito envolvida. Você é um homem encantador, do tipo que a maioria das mulheres sonha em ter ao seu lado. E como acontece com elas, fiquei empolgada com a possibilidade de termos alguma coisa mais séria. — Fiz uma pausa e percebi o quanto seu olhar estava apreensivo. — Só que você me magoou um muito, Robert, e mesmo vendo o quanto está sendo difícil, para você, se abrir, não sei se posso confiar.

— O que isso quer dizer? — ele perguntou, parecendo chateado e frustrado ao mesmo tempo.

— Que por mais sincero que possa parecer, eu acho que ainda está confuso sobre o que realmente quer e eu jamais me perdoaria se lhe desse a chance de me machucar novamente, então minha resposta é não. Eu não quero namorar você.

Ele não estava esperando por uma resposta negativa e isso ficou visível na incredulidade que se estampou em seus olhos.

Bom, eu o entendia, uma vez que também não sabia de onde estava tirando forças para negar algo que desejava tanto.

Mas o fato era que eu estava cansada de me entregar por completo em meus relacionamentos para depois me decepcionar brutalmente.

— Olha, eu sei que a magoei com minha atitude, jamais deveria ter te

tratado daquele jeito, como se fosse mais um simples caso. Após a nossa conversa e os dias afastados, me assustei com a intensidade dos meus sentimentos.

— E não há muitas coisas que o apavorem — concluí.

— Não.

Sorri, pois era maravilhoso saber que eu o fazia se sentir dessa forma, mas me conhecia bem demais para saber que não voltaria atrás. Sua explicação a respeito de seus medos apenas me deu mais força para sustentar minha decisão.

Eu queria aquele homem por inteiro e, sem saber, ele me oferecia a dose de segurança necessária para me manter firme.

— Robert, eu te endeusei demais, te coloquei em um pedestal e fantasiei um conto de fadas que só existia na minha cabeça. Eu não estou te culpando — completei quando ele fez menção de falar —, a culpa foi totalmente minha. Só que isso se tornou um problema, porque agora eu quero muito mais, eu quero tudo.

— E isso significa...

— Que eu o quero por completo, não apenas porque sentiu ciúmes de mim na noite passada, não apavorado com o que eu te faço sentir.

— Laura...

— Minha decisão está tomada, por favor, não insista.

Ele me avaliou em silêncio, como se, por fim, estivesse entendendo que as coisas não seriam tão fáceis assim.

— Tudo bem, mas eu não vou desistir! — falou, me encarando no fundo dos olhos e aquilo fez meu ventre estremecer.

Dei alguns passos atrás e comecei a me afastar. Se permanecesse ali era bem possível que ele me envolvesse em sua teia novamente.

— Eu tenho que ir — falei e fui caminhando em direção ao

estacionamento.

Conforme meus passos se afastavam de Robert, senti orgulho pela decisão que tinha tomado.

Não foi fácil dizer não a ele, mas com isso ele pensaria duas vezes antes de fazer qualquer coisa para me magoar de novo.

Se Robert Collins estava realmente apaixonado por mim eu ainda não sabia, mas caso estivesse teria que provar que valia a pena que eu lhe desse uma segunda chance.

* * *

No domingo eu liguei para Vicky, queria saber o que tinha acontecido após a minha saída.

Eu havia me encontrado com ela no caminho que levava ao estacionamento e minha amiga, é claro, se ofereceu para me levar. Contudo, eu sabia que ela estava bem afim de Archie e insisti para que ficasse e aproveitasse, pois chamaria um táxi para mim.

Embora um pouco relutante, ela acatou minha vontade e se afastou ao mesmo tempo em que pedia um táxi por telefone.

Infelizmente, ela não tinha muito o que falar, uma vez que, segundo afirmou, Robert ficou mais uns vinte minutos e também se foi.

Mas Vicky estava desconfiada e fez várias perguntas sobre o que eu e ele tínhamos conversado, mas inventei qualquer coisa, que ela obviamente não acreditou, mas também não insistiu. Agradeci por isso, a última coisa que queria era que surgisse algum boato malicioso referente a mim e Robert.

O restante do dia passou no automático, com minha mente carregada de

reflexões e arrependimentos. Mas sempre que uma voz tentava me fazer mudar de ideia, eu me lembrava daquela conversa e do quanto ele tinha sido frio ao me dispensar. Era nisso que eu me apegava para não fraquejar.

Isso não fez com que as coisas ficassem mais calmas. O fato de, mesmo após aquela última declaração, Robert não ter dado sinal de vida, me deixou inquieta, o que acarretou uma bela insônia e, consequentemente, acabei indo parar no sótão para bisbilhotar meu vizinho.

E lá estava ele, em sua varanda, olhando para a minha casa como se também desejasse me ver.

Senti um friozinho gostoso na barriga. A esperança de que ele estivesse falando sério me acalmou e quase que automaticamente eu estava bocejando.

A segunda-feira amanheceu e trouxe consigo uma sensação de alívio. Todas as minhas provas haviam acabado e o único trabalho pendente era o que me garantiria meu diploma e que, graças a Deus, estava praticamente pronto, uma vez que o havia começado no ano anterior, exatamente para não ter que correr feito uma louca às vésperas da entrega. Por causa disso, não precisaria ir para aula todos os dias e isso era uma grande coisa.

Mesmo trabalhando apenas à tarde, resolvi ir logo para o escritório, andava muito ausente de lá. Durante todo o caminho eu rezei para que Vicky não tivesse comentado com ninguém sobre o nosso fim de semana.

— De onde você conhece Arthur Collins? — perguntou Ruby logo atrás de mim, assim que guardei minhas coisas.

Eu já estava esperando por aquela pergunta, mas não achei que ela aconteceria tão cedo.

— Fui apresentada a ele no baile, por quê?

— Apenas curiosidade.

Sei, foi o que pensei enquanto ela se afastava.

Ruby era uma interesseira e Arthie, além de ser mais rico do que Hankle,

era novo e muito mais bonito. Só que, assim como Robert, não havia demonstrado nenhum interesse especial por ela.

Isso devia ser quase intragável para uma mulher que se achava muito superior a todas as outras.

Deixei Ruby de lado e comecei a trabalhar.

Mais tarde, enquanto me encaminhava para a mansão de Robert, toda a calma que estava sentindo desde a noite anterior se desvaneceu e eu me vi repassando, uma e outra vez, o que devia dizer caso ele fosse falar comigo novamente. Queria estar preparada para não cair em sua conversa ou no charme irresistível que sempre jogava para cima de mim.

Como não vi o carro de Robert do lado de fora, imaginei que ele não estivesse ali. Mas eu estava enganada. Quando entrei em meu escritório a primeira coisa que vi foi aquela tentação em forma de homem, sentado em minha poltrona, com as pernas cruzadas em cima da mesa.

Aquela cena parecia tão surreal que demorei alguns segundos para expressar alguma reação.

— O que faz aqui? — perguntei, tentando soar despreocupada, e deixei minha bolsa sobre o sofá.

— Eu moro aqui — respondeu, de ótimo humor, e ficou me observando enquanto eu abria as cortinas de uma das janelas.

— Você entendeu o que eu quis dizer — falei, ainda de costas para ele.

Robert estava uma verdadeira tentação, vestido com jeans e suéter branco, mas fiz de tudo para me manter indiferente.

— Não precisa abrir as janelas — disse logo atrás de mim e, quando me virei, ele estava a centímetros do meu corpo.

— E por que não? — questionei, um pouco sem fôlego.

— Estou pensando em reformar uma propriedade que tenho em Bristol e

gostaria que fosse até lá comigo.

— Agora? — Ele assentiu. — Mas Bristol fica há algumas horas daqui, não sei se conseguiríamos voltar hoje e amanhã eu trabalho, coisa que nós, simples mortais, temos que fazer todos os dias, sabe? — falei em tom de deboche e ele sorriu. Não um sorriso qualquer e sim um daqueles que me faziam parar até de pensar.

— Nós vamos no meu helicóptero, será um bate e volta. Você faz uma análise preliminar e a gente retorna à Londres.

Em uma de nossas conversas, Robert havia me falado que possuía outras duas propriedades nos arredores de Londres, mas nunca me falara onde e nem demonstrara desejo de reformar qualquer uma delas, por isso seu repentino interesse me intrigou.

— Eu preciso avisar o escritório sobre essa pequena viagem.

— Não será necessário, já falei com West e está tudo certo.

— Ok, então — falei e desviei o olhar de seu rosto. Ele estava tão perto que chegava a me intimidar.

— Vamos. O helicóptero já está no jardim à nossa espera.

Assenti, peguei minha bolsa e o caderno, que usava para fazer anotações e esboços, e o segui para os fundos da mansão, ainda tentando entender a razão daquela viagem que, a meu ver, não fazia nenhum sentido.

Eu não vou desistir!¸ as palavras voltaram à minha mente de súbito, fazendo eu me questionar se nossa viagem a Bristol tinha mesmo a ver com trabalho ou se ele estava planejando alguma coisa.

Bom, eu só iria descobrir quando chegássemos ao nosso destino.

CAPÍTULO 26

Laura

O helicóptero aterrissou no jardim de uma propriedade completamente diferente da que ele morava.

Era uma típica casa de campo, com direito a muito verde e um lago maravilhoso.

Conforme nos aproximávamos da casa, mais encantada eu ficava.

O rugir dos motores do helicóptero desviou minha atenção e me voltei para onde havíamos parado.

— Achei que fosse uma visita rápida. Por que ele foi embora? — perguntei, desconfiada, vendo a aeronave levantar voo e se afastar até sumir de vista.

O dia estava um pouco nublado e o vento produzido pelas hélices piorou muito o frio que eu estava sentindo.

— Ele foi abastecer. Assim que você terminar, eu aviso e ele retorna.

Concordei com a cabeça e voltamos a caminhar.

Ao nos aproximarmos, percebi que as paredes de vidro, que se intercalavam com toras de madeira, pareciam limpas e reluzentes, além disso, a grama estava aparada e o jardim, lindo e bem-tratado, o que me fez questionar se alguém vivia ali em tempo integral.

Quebrando a rusticidade predominante, havia um painel ao lado da porta da frente. Robert digitou uma senha e me deu passagem.

Do lado de dentro a casa era ainda mais impressionante. Havia tantas paredes de vidro que a sensação era de que as árvores estivessem do lado de

dentro.

— Eu amei a forma como essa planta foi desenhada, não consigo imaginar o que você quer mudar aqui — falei com sinceridade, enquanto caminhava pela sala.

O ambiente tinha um sofá retangular em couro branco, com mantas e almofadas superaconchegantes. Uma das paredes de vidro dava uma visão privilegiada do jardim e da entrada principal, que era cercada por um muro feito de pedras.

— Não pretendo fazer nenhuma mudança estrutural, apenas decoração.

Assenti e Robert começou a me mostrar os cômodos da parte inferior.

Enquanto ele falava, eu usei meu celular para fazer vídeos e tirar fotos, que seriam essenciais na hora de escolher a decoração.

Como era de se esperar, o andar superior era impressionante, onde uma suíte master gigantesca, com vista para o lago, tomava conta de uma ala inteira.

Quando terminei minhas anotações, nós saímos da casa. Depois de me mostrar a parte da frente, ele me levou de volta à parte de trás.

— Eu simplesmente amei esse lugar — comentei. Tudo ali me trazia uma paz que eu não sabia explicar.

— Comprei essa casa de um amigo, há alguns meses, queria um lugar para ir quando desejasse fugir da agitação de Londres. Desde então vim aqui apenas uma vez, mas agora quero deixar mais com a minha cara.

Nós não tínhamos nada, mas eu senti um alívio enorme ao saber que aquela casa não havia sido comprada na época de Stacy. Por mais patético que parecesse, a presença dela, mesmo de uma forma tão irrisória quanto essa, me incomodava.

— Olha ali — disse ele, me abstraindo daqueles pensamentos irrelevantes, e apontando para o que eu identifiquei imediatamente como uma casa de bonecas.

Robert disse que mandou fazer logo após pedir a guarda da sobrinha. Queria que ela tivesse um lugar só seu quando eles viajassem para lá e isso me desarmou mais um pouco.

A casinha estava toda pronta, faltando apenas os móveis que ainda estavam sendo fabricados e a decoração, então ele pediu que a incluísse no projeto.

— Vou deixar essa casa tão linda quanto o quarto dela — falei, animada, o que me rendeu um de seus lindos sorrisos.

Ele me guiou para o lago, que ficava na parte de trás da casa. O píer não estava nada legal e, como suspeitei, ele queria que fosse substituído por outro um pouco maior.

Anotei todas as suas sugestões e tirei mais fotos.

Antes que eu terminasse, alguns pingos de chuva começaram a cair e tivemos que correr feito loucos para escapar da tempestade que estava para chegar.

— Aqui! — disse ele, me puxando para a casa de bonecas de Charlotte. — Se continuarmos, vamos ficar completamente molhados. É melhor esperarmos até a chuva diminuir.

Ele tinha razão. Em poucos minutos as gotas engrossaram e começaram a cair em profusão.

— Não parece que vai diminuir tão cedo — constatei ao ver que a chuva só aumentava.

— Não estamos com pressa — falou e entrou na casinha, que era tão grande que ele conseguiu caminhar tranquilamente, tomando cuidado apenas ao passar pela porta, que devia ter, no máximo, 1m80 de altura.

Quando o vento levou a chuva para dentro da varanda onde eu estava, caminhei para dentro e me encostei em uma das paredes, já que não tinha lugar para se sentar.

Como estava de casaco, apenas meu cabelo e pernas se molharam. Robert,

por outro lado, estava com a calça jeans e o suéter cheios de pingos, sem contar o cabelo, todo bagunçado pela água e a pequena corrida que tivemos que fazer para chegar ali.

Calmamente ele caminhou até ficar ao meu lado, o que me deixou inquieta. Mas ele deslizou pela parede e se sentou no chão de madeira.

— Bem melhor agora — afirmou antes de beliscar meu tornozelo. — Venha, sente-se aqui comigo, essa chuva vai demorar a passar.

Contrariada, fiz o que ele sugeriu, mas antes que pudesse me sentar, ele me puxou para o seu colo.

— O que você está fazendo?

— Não quero que o chão puxe algum fio da sua saia — ele disse, sério, como se aquilo tivesse mesmo a ver com a minha roupa.

— Você é terrível, Robert.

Ele sorriu e me ajeitou em seu colo, fazendo-me sentir a ereção que começava a se formar.

Meu Deus, que tortura...

— Olha como você me deixa, Laura.

Suspirei e o encarei.

— Confesse que inventou essa viagem para tentar uma rapidinha comigo.

Ele riu, divertido, mas negou, não parecendo ofendido com meu comentário.

— Quero bem mais que isso e você sabe.

Eu estava prestes a retrucar quando ele me roubou um beijo.

Debati-me em seu colo, mas ele era mais forte e me dominou, sem muito esforço, afinal, seus beijos tinham o poder de minar minhas forças.

Sua língua pediu passagem e eu, incapaz de me privar daquele prazer, cedi.

— Robert — adverti quando senti sua mão deslizar por baixo da minha saia. — Por favor — choraminguei antes que ele roubasse a pouca sanidade que ainda me restava, mas não sabia exatamente pelo que estava rogando.

— Todas as noites eu fico olhando para sua casa, pensando em você, na sua boca, no seu corpo, em você nua embaixo de mim — ele sussurrou contra meus lábios, que deviam estar vermelhos e inchados dos seus beijos vorazes.

— Pare de falar essas coisas... — pedi.

Naquela hora eu não sentia mais frio, pelo contrário, a cadência de seu corpo associada à excitação que eu estava sentindo me esquentou e eu me vi obrigada a tirar o casaco.

Robert encarou o meu decote com voracidade, fazendo o calor aumentar.

— Não consigo esquecer a sensação de estar dentro de você, tão quente, macia, apertada...

Ele afastou uma das alças do meu vestido e mordiscou meu ombro ao mesmo tempo em que seus dedos avançaram para dentro da minha calcinha, apenas para encontrarem minha boceta completamente molhada.

— Sua mente pode negar, mas seu corpo me deseja e quer o mesmo que eu — afirmou num sussurro rouco e começou a torturar meu clitóris.

Gemi e fechei os olhos, a fim de aproveitar aquele delicioso tormento.

Valendo-se de minha distração, Robert libertou seu membro.

Eu vi o que estava acontecendo, mas não contestei quando ele me levantou e me fez montá-lo.

— Você é perfeita — ele disse e no instante seguinte deslizou meu quadril para que eu pudesse receber seu pau por completo.

— Eu te odeio por me fazer ceder assim, tão fácil — resmunguei, de olhos fechados, e me movi para me acostumar com seu tamanho.

— Eu quero você assim, todos os dias, várias vezes por dia... Diga que

aceita namorar comigo.

Meneei a cabeça e rebolei em seu colo. Já que ele tinha me feito ceder, eu aproveitaria cada segundo e deixaria para me martirizar depois.

— Não seja má, Laura, eu preciso de você — afirmou, quase sem voz, enquanto eu me deleitava em seu corpo glorioso.

— Oh, Robert...

Intensifiquei meus movimentos quando senti um orgasmo se formando em meu ventre.

Percebendo que eu estava prestes a gozar, ele desnudou meus seios e abocanhou um dos mamilos antes de aumentar o ritmo das estocadas.

— Humm — gemi, sem nenhum pudor, quando comecei a gozar.

— Ah, minha nossa — ele disse, agarrando meus quadris e fazendo suas coxas subirem freneticamente, me golpeando cada vez mais rápido, potencializando ainda mais meu orgasmo e gozando em seguida.

Alguns minutos depois, estávamos ambos satisfeitos, suados e ainda colados um ao outro.

Lentamente minha percepção foi voltando e a primeira coisa que notei foi que a chuva estava praticamente no fim, a segunda foi o tamanho da minha irresponsabilidade.

Saí imediatamente de cima dele e senti seu sêmen escorrendo pelas minhas pernas.

Que maravilha!

— Ah, droga! O preservativo — disse ele, dando-se conta, tardiamente, do que havíamos feito.

— Eu uso pílula e você é o primeiro cara com quem transo em meses, então não se preocupe — expliquei, sem pensar, e ele me puxou de volta para o seu colo.

— Linda.

— Não falei isso para que fique se achando o garanhão e sim porque é a verdade.

Robert me beijou, sem dar importância ao que eu falei, como se tivesse adorado saber que havia quebrado meu jejum com ele.

Quando consegui me soltar de suas garras, coloquei-me de pé novamente, ajeitei-me do jeito que pude, peguei minhas coisas e fui em busca de um banheiro.

Estava tão atordoada que, em vez de procurar um ali mesmo, dentro da casa, eu saí. A partir daí uma sucessão de desastres aconteceu.

Como a chuva não havia passado completamente, eu acabei molhando o vestido que até então estava sequíssimo, logo depois, o salto do meu scarpin afundou bruscamente, me fazendo desequilibrar e cair sentada na grama molhada.

Aquilo só poderia ser um pesadelo.

Eu estava longe de casa, toda descabelada, suja em todos os sentidos e encharcada.

Não tinha como ficar pior.

— Meu Deus, Laura, você está bem? — Robert perguntou, preocupado, e correu em minha direção.

— A culpa é sua, Robert Collins — acusei e, sem pensar, arranquei um punhado de grama e arremessei contra ele, só percebendo a merda que havia feito quando vi minha bomba acertar seu rosto e escorrer para o suéter imaculadamente branco.

— Ah, meu Deus! — falei, levando a mão à boca, sem me dar conta de que estava suja de lama.

Robert ficou visivelmente assustado, mas, para minha surpresa, começou a

gargalhar, o que me incitou a fazer o mesmo.

— Venha, vamos entrar e procurar algo para você vestir. Na última vez em que estive aqui, havia uma caixa com roupas que foram esquecidas pelos antigos donos. Se não tiverem vindo buscar, ainda estarão guardadas — disse ele quando a risada arrefeceu.

Assenti e aceitei a mão que ele estendeu.

Entramos na casa e fomos direto para o andar superior. Ele entrou na suíte máster e eu, em um dos quartos de hóspedes. Aquilo era bem sem lógica, já que havíamos acabado de transar, mas foi uma exigência minha. Estava confusa demais e não queria fazer mais nenhuma besteira.

Quando saí do banheiro, havia um casaco de lã e um vestido sobre a cama. Ambos eram dois números maiores que as minhas roupas, mas aquilo era muito melhor do que voltar para casa com a roupa suja de lama.

Robert também encontrou uma camisa de botões, mas esta era sua.

O piloto chegou logo em seguida, ao que eu agradeci, pois não queria mais dar sorte para o azar. Se fosse para ficar com Robert, não podia ser devido a alguns minutos de transa, quando ele me fazia perder todo juízo.

Mesmo vendo meu distanciamento, ele não se deu por vencido e insistiu em manter nossas mãos unidas durante todo o trajeto de volta. Eu aceitei a contragosto, mas intimamente estava adorando e tinha a impressão de que ele sabia disso.

CAPÍTULO 27

Laura

A viagem até Bristol não havia sido um pretexto, mas precisava confessar que vi nela uma ótima oportunidade de passar algumas horas com Laura longe da mansão.

Claro que eu entendia sua cautela, havia agido muito mal e merecia seu desprezo, no entanto, estava disposto a fazer com que ela confiasse em mim novamente e tinha a esperança de que algumas horas sozinha comigo pudessem fazê-la ver que minhas intensões eram sérias.

A tempestade e a sedução também não estavam na equação, sabia que perderia pontos se tentasse persuadi-la, mas quando a vi molhada e descabelada, tão diferente das mulheres que normalmente me cercavam, eu não resisti e a beijei. O resto foi instintivo e por mais que me doesse, eu teria parado se ela tivesse pedido. Mas Laura queria tanto quanto eu e, meu Deus, foi tão bom quanto me lembrava.

Pena que ela se fechou durante a viagem de volta e no dia seguinte mal me dirigiu a palavra.

Eu sabia que aquilo tinha mais a ver com o fato de ela ter cedido do que comigo, por isso não voltei a insistir, apenas lhe dei um beijo casto antes de voltar para o trabalho. Queria que ela soubesse que eu não me daria por vencido.

Foi por isso que voltei mais cedo, algo que se tornara comum desde que Charlotte fora morar comigo, mas que ficara muito mais prazeroso desde que Laura apareceu.

Quando cheguei, fui direto ao seu escritório, mas em vez de encontrá-la

trabalhando, como sempre acontecia, Laura estava encolhida no sofá.

— Ei, o que foi?

— Desconfio que nossa aventura me rendeu um resfriado, meu corpo todo dói — respondeu com uma voz cansada.

Pousei a mão em sua testa e vi que ela estava febril.

— Eu vou pegar um antitérmico para você. Já volto.

Segui para a cozinha e peguei o remédio, juntamente com um copo de água, e voltei para o escritório.

— Tome — falei, entregando o comprimido a ela.

Depois que ela tomou toda a água eu me sentei ao seu lado e a puxei para o meu colo.

— Não se aproveite de uma doente — disse ela com divertimento na voz.

— Só quero cuidar de você.

E era verdade. Daquela vez não havia excitação, apenas desejo de fazê-la se sentir melhor.

Sorrindo levemente, ela passou os braços à minha volta e ficou agarrada a mim por um bom tempo.

— Preciso ir para casa, acho que um banho quente e uma boa noite de sono diminuirão esse mal-estar.

— Fique aqui, deixe-me cuidar de você. — Ela negou com a cabeça. — A culpa foi minha, se não fosse a viagem, você não estaria resfriada agora.

Laura deu um meio sorriso e me encarou.

— A viagem não foi completamente ruim, eu amei aquela casinha de bonecas — provocou.

E lá se foi o cara cheio de boas intenções. Bastou ela me lembrar da loucura que fizemos para eu ficar duro.

— Podemos repetir quando você melhorar — provoquei de volta, mas ela não reagiu. Devia estar arrependida da brincadeira e eu não insisti, apenas a puxei para mais perto e tentei convencê-la a ficar.

Laura não disse nada a princípio, mas acabou aceitando e eu tinha a impressão de que isso aconteceu tão facilmente porque o remédio já estava fazendo efeito. Como ela parecia bem sonolenta, eu a peguei no colo e a levei para o andar superior.

— O que estamos fazendo aqui? — perguntou quando percebeu que eu não a tinha levado para o quarto de visitas.

— Seu lugar é comigo, na minha cama — sussurrei em seu ouvido, mas ela permaneceu tensa.

Então passou os olhos pelo quarto, como se estivesse procurando por alguma coisa, e voltou a relaxar.

Achei sua atitude estranha e me perguntei se aquilo se devia à curiosidade ou se ela já estivera ali antes.

Se fosse esse o caso, podia imaginar o que ela estava procurando: as fotos de Stacy.

— Não pense que... — ela interrompeu meu fluxo de pensamentos, mas teve que se calar para poder bocejar.

— Não estou pensando em nada, só quero cuidar de você — repeti e ela assentiu.

Laura não quis comer, mas insistiu em tomar banho antes que o sono a vencesse. Como ali não havia nenhuma roupa sua, eu lhe emprestei uma camisa.

Depois que ela adormeceu, ainda fiquei ao seu lado por longos minutos, apenas admirando seus traços, os cabelos dourados espalhados sobre meus travesseiros, e me senti maravilhado por tê-la ali, na minha cama, sob os meus cuidados.

Naquele momento senti vergonha por ter lhe proposto apenas sexo, sendo

que eu mesmo não conseguiria que as coisas ficassem só nisso. A verdade é que senti receio do que estava sentindo e usei minha tática de sempre, mas ela, obviamente, não funcionou com ela.

Desci até a cozinha e pedi para Rosie preparar um caldo leve e me avisasse quando estivesse pronto. Daria um jeito para que ela o tomasse. Nesse ínterim, fui até o quarto de Charlotte e expliquei que Laura não tinha passado muito bem e que cuidaríamos dela até que melhorasse.

Minha sobrinha ficou preocupada, mas assim que eu disse que ela estava em meu quarto, um sorrisinho travesso surgiu em seus lábios. Charlotte, mais do que ninguém, torcia para que ficássemos juntos. Pena que eu tinha feito a estupidez de afastá-la. Mas, com sorte, logo essa situação estaria resolvida.

Jantei com minha menina em seu quarto e depois que a coloquei na cama, desci para pegar a bandeja que Rosie havia preparado.

Todavia, ela continuava dormindo profundamente e eu não quis acordá-la. Talvez uma boa noite de sono ajudasse em sua recuperação.

Deixei a bandeja sobre a cômoda, tomei um banho e me juntei a ela na cama.

Para minha alegria, Laura se aconchegou ao meu corpo e dormiu agarrada a mim a noite toda. Foi inconsciente, mas dizia muito sobre o que sentia.

No dia seguinte achei que Laura fosse acordar um pouco melhor, mas ela estava com ainda mais febre e me senti obrigado a chamar meu médico de confiança para examiná-la.

— Não acredito que ainda estou aqui, deitada, e que você chamou um médico — protestou quando o homem saiu.

— Mandou me chamar, senhor? — Oliver interrompeu nossa conversa ao entrar no quarto.

Meu mordomo normalmente sabia tudo o que acontecia na casa que estava sob sua responsabilidade, mas vi que ficou surpreso (e talvez um pouco

chateado) ao ver Laura em minha cama.

— Sim, peça ao motorista que providencie esses remédios, por favor.

— Sim, senhor, farei isso imediatamente — garantiu e saiu em silêncio.

— Ah, que vergonha, agora todos vão saber que passei a noite na sua cama — disse ela, cobrindo o rosto com as mãos.

— Sim, mas o pior de tudo é que nem pude me aproveitar de você — brinquei.

Ela revirou os olhos.

— Sei que estou sendo dramática, só que você ainda é cliente do escritório.

— Mas poderia ser seu namorado se você fosse menos durona.

Ela cruzou os braços em frente ao peito e me fuzilou com o olhar.

— Nós já conversamos sobre isso.

— E eu já disse que não vou desistir.

— Desde quando você ficou assim, tão...

— Obstinado? Apaixonado? — completei e ela ficou com as bochechas vermelhas.

— É, isso.

Aproximei-me da cama e toquei seu rosto.

— Obstinado eu sempre fui, mas essa qualidade aumentou desde o dia em que fiz a burrada de te afastar da minha vida. Apaixonado?... Eu não sei, mas acho que foi desde que começamos a conviver mais, depois que a conheci melhor.

Laura engoliu em seco e não respondeu.

Eu sabia que, mesmo me amando, ela não se renderia tão fácil, mas agora que tinha certeza dos *meus* sentimentos, não cederia até que sua resposta ao meu

pedido fosse positiva.

Visivelmente sem graça com a intensidade do meu olhar sobre ela, Laura disse que precisava ligar no escritório para avisar que estava doente.

Eu me prontifiquei para fazer aquilo, mas ela não deixou e ligou diretamente para os recursos humanos.

Depois disso tomou banho, mas estava se sentindo fraca demais para descer, então, pedi que preparassem uma bandeja de café da manhã e levei para ela.

Laura tomou um pouco de suco, mas só beliscou uma coisa ou outra antes de voltar a se enrolar nas cobertas mais uma vez.

— Fazia tempo que eu não me sentia tão mal — disse ela, agarrada a um dos travesseiros.

— Assim que você tomar os remédios certos, vai começar a melhorar.

Permaneci com ela na cama até Oliver entrar com uma pequena bandeja contendo os remédios. Depois que ela os tomou, saí do quarto para que dormisse, uma vez que o médico havia advertido que lhe causariam sono.

Sem querer deixar Laura sozinha, decidi trabalhar no meu escritório de casa.

Entre uma ligação e outra eu subia para ver como minha paciente estava e, na hora do almoço, a febre já tinha diminuído um pouco. Durante esse processo ela suou bastante e quando vi que a camisa que lhe emprestara de manhã estava molhada, eu a incentivei a tomar outra ducha.

Enquanto ela estava no banheiro, pedi a Rosie que trocasse as roupas de cama e levasse a sopa que havia preparado. Dessa vez, Laura comeu um pouco mais, mas voltou a dormir logo em seguida e eu retornei ao escritório.

— Senhor, a Srta. Foster está aqui — disse Oliver algumas horas depois.

— Tudo bem. Ah, Oliver, você não comentou que Laura está aqui, certo?

Eu não me importaria que sua chefe soubesse que ela estava sob meus cuidados, mas sabia que Laura não gostaria disso e achei melhor manter sigilo.

— Eu jamais cometeria essa indiscrição.

— Ótimo. Avise que já irei recebê-la.

Oliver se foi e, após fazer algumas anotações, desliguei meu computador e fui falar com ela, que se encontrava num dos dois cômodos que estavam sendo reformados, reclamando de algo com o pedreiro.

— Boa tarde, Sr. Collins, peço desculpas pelo imprevisto que tivemos com a Laura; como ela não pôde vir trabalhar, achei por bem dar uma passada para verificar como estava o andamento da obra, porém, pelo que vi, está tudo correndo bem por aqui.

— Sim, Laura é muito competente, assim como os homens que ela contratou, e está tudo indo de acordo com o esperado.

Ela assentiu com uma leve careta e começou a falar sobre as ideias que teve para a decoração desses últimos cômodos. Eu já havia discutido tudo aquilo com Laura, de forma que não estava interessado em sua opinião. Foi preciso muita força de vontade para não interrompê-la e pedir para que se retirasse.

Depois de quase meia hora de conversa, ela, por fim, se despediu, mas antes deixou um cartão com seu número particular para qualquer emergência que houvesse na ausência de Laura.

Amassei o cartão e o joguei no lixo. Esse papo poderia servir de isca para outros clientes, mas não para mim. Conhecia uma caça-dotes a quilômetros de distância e mesmo que não tivesse conhecido Laura, ela não teria nenhuma chance.

Como não iria mais trabalhar, subi para a minha suíte e achei Laura e Charlotte deitadas na minha cama, vendo um filme.

Não era a primeira vez que as via juntas, mas aquela cena encheu meu coração de felicidade.

— Vem assistir com a gente, tio Robert, acabou de começar — pediu minha garotinha, extremamente animada.

— Posso, Laura? — perguntei.

Ela ainda estava um pouco abatida, mas sua aparência era muito melhor do que quando acordou.

— Claro — respondeu depois de revirar os olhos, me fazendo rir.

Charlotte, esperta como sempre, se arrastou para o lado esquerdo da cama e pediu que Laura se juntasse a ela, o que a colocou no meio, deixando o lado direito para mim.

— Qual filme vocês escolheram? — perguntei depois de me deitar.

— Uma comédia adolescente — minha sobrinha disse, suspirando ao ver a imagem do seu ídolo *teen*.

— E desde quando você é adolescente? — provoquei.

— Ah, tio — ela reclamou.

Pisquei para ela e entrelacei meus dedos aos de Laura por debaixo da coberta. Isso me rendeu um sorriso tímido quando nossos olhares se cruzaram.

Enquanto minhas duas garotas assistiam ao filme, eu me distraí olhando para elas. Tudo aquilo estava sendo deliciosamente diferente das noites solitárias às quais havia me habituado, mas estava certo de que conseguiria, facilmente, me acostumar com o som daquelas risadas ao meu redor.

CAPÍTULO 28

Laura

Na quarta de manhã eu estava muito melhor e avisei ao escritório que voltaria a trabalhar normalmente. Fiz isso com certa relutância, pois tinha ficado mal-acostumada com os mimos de Robert e Charlotte.

Eu não conhecia esse lado protetor e cuidadoso dele e confesso que fiquei derretida e ainda mais apaixonada. A cada coisa que ele fazia por mim, ficava mais difícil manter minha decisão. Especialmente porque vi que Robert não estava fazendo aquilo para me convencer de nada, ele só queria cuidar de mim.

Mas o primeiro estremecimento em minhas barreiras aconteceu quando ele me levou para o seu quarto. Na hora em que vi onde estávamos, imediatamente procurei pelo quadro e fotos de Stacy, mas não havia vestígios dela. E como a ideia de que eu ficasse ali ocorreu subitamente, aquilo significava que ele havia "limpado" tudo bem antes, provavelmente quando decidiu que queria ficar comigo.

Isso lhe rendeu alguns pontos, seria indigesto ter que lidar com as lembranças da falecida enquanto ele me pedia insistentemente em namoro. E foi uma delícia ficar tanto tempo com ele, em especial quando, mais tarde, Robert não fez nada além de me abraçar, mesmo vendo que eu já estava muito melhor.

Naquela manhã, apesar de sua insistência, fui para a minha casa assim que acordei, tomei banho e depois fui para a universidade.

Quando cheguei ao escritório, após as duas únicas aulas que tive, estavam todos em polvorosa.

Pelo fato de Ruby ter ido à mansão na tarde anterior, logo pensei que ela

tivesse descoberto que eu havia dormido lá e espalhado a fofoca.

Mas então encontrei Vicky em uma das rodinhas que havia se formado e se seu semblante servisse de base, então nada daquilo tinha a ver comigo, mas resolvi ir conferir.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei depois de tê-la afastado do grupo.

— A esposa do Sr. Hankle esteve aqui e fez o maior barraco. Eles brigaram a portas fechadas, mas o escritório todo ouviu.

— Sério? — os meus olhos arregalaram de surpresa, enquanto guardava minhas coisas.

Vicky continuou:

— Sim. Parece que a Sra. Henkle está desconfiada de que ele tem uma amante. Meu Deus, mal sabe ela.

Até que demorou para isso acontecer, pensei e, instintivamente, olhei para a sala de Ruby. Estava curiosa para saber se ela havia se escondido lá, mas não perguntei ou fiz qualquer comentário, odiava fofoca.

Minha amiga, assim como a maioria dos funcionários, continuou tecendo comentários sobre a confusão, mas quando Ruby chegou, as rodinhas de fofoca se dissiparam e ela se trancou em seu escritório.

Intimamente, todos sabiam que o motivo da briga era ela e imaginei que, para ver todo mundo daquele jeito e não falar, era porque a secretária da arquiteta já havia lhe contado do ocorrido.

Restava esperar que a justiça divina fizesse sua parte no que dizia respeito aos pecados da nossa carrasca.

Pouco antes do almoço, o Sr. West me chamou, ele queria saber como estava indo a reforma e se eu tinha alguma estimativa para o término. Depois perguntou a respeito da propriedade que fui visitar com Robert.

Foi impossível não me lembrar do que aconteceu no chão da casa de bonecas.

— Tem certeza de que está melhor, Laura? — perguntou meu chefe, de repente.

— Sim, senhor, por quê?

— Você está um pouco corada. Talvez não tenha sarado completamente.

Saber a razão do porquê havia ficado corada me deixou ainda mais vermelha e tudo o que falei antes de sair de lá foi que continuaria tomando os remédios que o médico havia prescrevido.

— Oi, querida, vejo que está melhor — comentou Rosie quando me viu entrando na mansão.

— Estou, sim, muito obrigada pelos cuidados.

— Tenho certeza de que não foi a minha sopa que a sarou e sim os cuidados do seu enfermeiro — disse ela, com um risinho sabedor, e eu acabei sorrindo.

Tinha a impressão de que entre os funcionários não era mais segredo que estava rolando alguma coisa entre mim e Robert.

— Bom, eu vou trabalhar, mais tarde passo na cozinha para lanchar e conversar.

Ela assentiu e foi para o andar superior.

Quando entrei em meu escritório, havia um pequeno arranjo de flores do campo sobre a minha mesa.

Sorri, completamente encantada, imaginando que fosse de Robert.

Deixei minhas coisas sobre a poltrona e me aproximei para apreciar as flores de perto. No meio delas havia um envelope e, lá dentro, um bilhete escrito: *Namora comigo?*

Sorri levemente e balancei a cabeça. Robert estava mesmo irredutível com

esse negócio de namoro.

— Pela sua cara, a resposta ainda é não.

Levantei o olhar e encontrei o dono dos meus pensamentos encostado ao batente da porta; uma cena que tinha se tornado muito comum nos últimos dias.

Sem dizer nada, caminhei até o sofá, que ficava em frente à estante de livros, e acenei para que se sentasse ao meu lado.

— Estou ouvindo — disse ele quando se acomodou, sabendo que rolaria uma conversa.

— Primeiro, quero agradecer por ter cuidado de mim, você foi um anjo.

Robert levantou uma sobrancelha, como que pedindo para eu continuar, mas ficou o tempo todo deslizando os dedos pela mão que eu havia pousado sobre as minhas pernas. Era um carinho sutil e despretensioso, como se ele simplesmente não conseguisse ficar tão perto sem me tocar.

— Eu sei que você quer muito que a gente namore. No fundo, eu também quero, mas algo me diz que você ainda está de luto por sua esposa e me preocupa a possibilidade de você estar querendo assumir um compromisso comigo pelos motivos errados. E por mais que eu queira ficar com você, preciso ser realista para não acabar ainda mais magoada.

Tudo o que eu disse poderia fazer com que se fechasse novamente, mas se isso acontecesse, apenas provaria que eu estava certa. Era por esse motivo que eu jamais poderia aceitar sua proposta sem antes ter uma conversa sincera.

Não existem garantias no que diz respeito a relacionamentos, mas eu precisava saber como ele ainda se sentia em relação a ela e o quanto isso poderia interferir nas nossas vidas.

Robert ficou visivelmente incomodado com o rumo da conversa, mas em vez de se afastar e mandar eu cuidar da minha vida, ele apenas suspirou profundamente, como se estivesse se preparando para abrir a alma.

— Eu amei muito Stacy. A morte dela foi o pior golpe que já levei e,

quando ela se foi, eu realmente pensei que não seria capaz de amar novamente. Essa percepção apenas aumentou na medida em que os anos se passavam e eu não conseguia criar nenhum vínculo romântico com as mulheres com quem saía. Então você apareceu, linda, doce, gentil e, pela primeira vez, meu coração voltou a “bater”, entende?

Ele olhou no fundo dos meus olhos, como se quisesse que eu enxergasse toda a verdade que tinha em suas palavras, mas tudo o que pude fazer foi assentir, impactada demais com tudo o que estava ouvindo. Não imaginei que ele se exporia tanto.

— Não é fácil perder alguém que se ama, Laura, especialmente quando acontece de forma tão repentina. Eu demorei a aceitar, demorei para conseguir ficar com outras pessoas. Foi um processo lento e doloroso, tanto que até outro dia eu tinha fotos dela em meu quarto, não para endeusá-la, mas porque foi mais fácil deixar tudo como estava e eu acabei me acostumando. No entanto, assim que comecei a nutrir sentimentos por você, eu vi que essa fase estava ficando para trás e que era hora de seguir em frente.

— Eu quero, mas tenho medo — admiti.

— E você acha que comigo é diferente? Eu estou apavorado, Laura, foi por isso que cometi tantas idiotices nesses últimos meses. Por medo de me apaixonar novamente, medo de me entregar e não ser devidamente correspondido, medo de me doar para você e te perder também...

Ele parou e engoliu em seco, como se precisasse se recompor antes de continuar.

— E apesar de tudo isso, eu resolvi tentar e preciso que você esteja nessa comigo, que supere o medo e faça isso dar certo.

Ainda abalada, encostei minha testa na dele.

— Não me iluda — brinquei, para desanuviar os ânimos, e ele deslizou os dedos pelo meu rosto.

— É você quem está me iludindo, me fazendo correr atrás feito um adolescente.

Soltei uma gargalhada e o encarei.

— Já está cansado? Vai desistir?

Ele negou e me roubou um beijo.

— Nunca! — afirmou e me beijou levemente. — Eu preciso de você.

Meu coração chegava a falhar quando ele falava coisas assim.

Depois disso fui eu quem começou o beijo.

Que infelizmente foi interrompido por um pigarro que imaginei ser de Oliver.

Robert se afastou e foi ver o que ele queria e eu aproveitei para começar a trabalhar. Mas isso se mostrou impossível, pois tudo em que podia pensar era na forma como ele havia me tratado nos últimos dias, especialmente no fato de ele ter tocado no nome da falecida esposa como se aquilo não o afetasse tanto como eu imaginava.

Sim, Robert estava apaixonado e não fazia questão de esconder, então, por que diabos eu estava nesse impasse?

Porque eu estava com medo.

Mas será que meu medo era maior que o desejo de tê-lo?

Não, não era. Eu o quis desde o início, *me* torturei pensando que ele jamais trocaria uma duquesa por mim, depois, vi que a coisa era bem pior, pois eu nunca poderia competir com alguém que já havia morrido. Mas então, quando estava prestes a desistir, ele disse com todas as letras que me queria e o que eu fiz? Simplesmente o descartei.

Isso não estava certo.

E minha breve análise me fez perceber que, se não arriscasse, acabaria jogando fora a possibilidade de viver um grande amor, daqueles que a gente lê

nos livros. Também me fez enxergar que se as coisas entre nós não dessem certo serviriam de experiência, ou seja, independentemente do resultado valeria a pena tentar.

Movida por esse pensamento, dei um pulo da cadeira, saí do escritório e fui em busca dele.

— Você viu o Robert? — perguntei para Rosie, que estava entrando na sala.

— Eu o vi no cômodo que está sendo reformado agora há pouco.

Se tivesse olhado as horas, saberia onde ele estava, uma vez que Robert tinha criado o hábito de dar uma olhada no progresso da obra assim que os pedreiros iam embora.

Agradeci e corri para lá.

Entrei na sala correndo e ele se virou ao escutar os meus passos pelo cômodo.

Robert ficou surpreso, mas me segurou com firmeza quando pulei em seu colo e o beijei.

— Sim... eu aceito ser sua namorada — declarei ao desgrudar minha boca da dele.

Ele sorriu lindamente e me deu um longo beijo.

— Atrapalho alguma coisa? — ouvi a voz sarcástica de Ruby atrás de mim e meu corpo ficou imediatamente tenso.

Que. Grande. Merda!

De todas as pessoas que eu imaginei que fosse receber a notícia em primeira mão, Ruby, com toda certeza, era a menos provável.

Desci do colo de Robert e comecei a me afastar, mas ele entrelaçou os dedos nos meus e me puxou para perto.

— Não, eu só estava beijando minha namorada — disse ele, sem se

importar.

Apesar de que, depois do que ela viu, era melhor dar nome ao que estava acontecendo entre nós antes que ela começasse a inventar histórias.

— *Vocês* estão namorando? — minha chefe quis confirmar.

— Finalmente, sim — Robert respondeu, com um sorriso, e beijou o dorso da minha mão, que continuava segura pela dele.

— Isso é... inesperado — disse ela, claramente abalada e completamente incrédula.

— Pois é. Bom, te espero no meu escritório — falei a Robert, pois não aguentaria ficar mais tempo ali, mas ele só me libertou quando deu um selinho em meus lábios.

Morri por dentro. A víbora deveria estar morrendo de raiva e aquele gesto só pioraria as coisas. Porém, não havia o que fazer, tudo o que me restava era esperar para ver qual seria sua reação.

Despedi-me e fui para o escritório, mas não demorou mais que dez minutos para ele aparecer e me arrastar para o seu quarto.

Eu sabia que no dia seguinte seria queimada viva no escritório, mas naquela noite eu só queria me perder nos braços do meu namorado.

CAPÍTULO 29

Laura

Foi diferente acordar ao lado de Robert sendo, oficialmente, sua namorada.

Nossa noite fora intensa, cheia de sexo, carinhos e olhares que me faziam suspirar, no entanto, eu sabia que precisaríamos ter uma conversa, pois, querendo ou não, ele ainda era cliente do escritório.

Foi nisso que pensei enquanto velava seu sono ao som do canto dos pássaros que vinha do lado de fora da propriedade.

— Aonde pensa que vai? — ele perguntou e me puxou de volta para a cama.

— Estava pensando em tomar um banho, quero estar apresentável para quando Ruby me jogar viva na fogueira lá do escritório — respondi e me aninhei em seu peito.

Robert era todo grande, quente e gostoso.

— Ruby tem teto de vidro, duvido que fará alguma coisa, sem contar que não estamos fazendo nada de errado.

Ele poderia ter razão, mas não estava a fim de falar dela no início do meu dia e acho que ele percebeu.

— Posso participar desse banho?

— A resposta deveria ser negativa, estou toda dolorida — admiti, mordendo lábio.

Eu não era uma pessoa sexualmente ativa e o fogo daquele homem era uma coisa difícil de explicar.

— Quem manda ser tão gostosa? — elogiou e desceu a mão para o meio

das minhas pernas.

Eu estava prestes a ratificar minha reclamação, mas seu toque foi tão gentil que logo minha excitação deixou seus dedos melados.

Em poucos minutos estávamos engalfinhados nos lençóis, como se não tivéssemos feito sexo quase que a noite toda, e só depois tomamos banho juntos.

Foi delicioso ser tratada com tanto carinho em um espaço que era tão dele.

Só rezava para que Robert continuasse sendo aquele príncipe comigo.

— No que está pensando? — ele perguntou enquanto trocava de roupa.

Eu já tinha colocado meu vestido e o aguardava.

— Em como serão as coisas lá no escritório. — Por mais que não quisesse pensar no assunto, foi impossível.

Eu sempre zelei bastante pelo meu nome e estava com receio de que nosso namoro fosse interpretado de forma errada.

— Fique tranquila. Se precisar, falarei eu mesmo com West e Hankle, eles são os únicos a quem você deve alguma explicação.

Assenti e descemos juntos para tomar café com Charlotte, que estranhou minha presença, mas fez a maior festa quando Robert anunciou que estávamos namorando.

Era nítido o quanto ela torcia para que ficássemos juntos.

— Acho que voltei a cair nas graças dela — Robert comentou.

Ele havia me dito que Charlotte não estava muito receptiva na semana anterior e eu sabia o motivo.

— Ela é uma garota incrível — elogiei.

— Sim e gosta muito de você.

— Isso pesou na sua decisão de me pedir em namoro?

Poderia parecer uma pergunta indiscreta, mas eu queria saber.

— Eu jamais pediria uma mulher em namoro se não estivesse apaixonado e muito menos ficaria com alguém só para agradar minha sobrinha. Charlotte teve sorte por eu ter me interessado pela melhor amiga dela.

Sorri com sua resposta, era exatamente aquilo que eu queria escutar.

— Na verdade, acho que foi simultâneo e inevitável que nos apaixonássemos por você.

Entrelacei as mãos atrás de seu pescoço e o beijei demoradamente.

— Você não imagina o quanto fico feliz em escutar isso — admiti.

Robert sorriu e me abraçou apertado.

Minutos depois Charlotte apareceu e ele foi levá-la para o colégio, enquanto eu segui para casa. Precisava trocar de roupa antes de começar meu dia.

* * *

— Espero que a obra do Sr. Collins esteja bem adiantada, afinal, você está sendo paga para trabalhar, não para ficar de namorico por aí. — A voz odiosa de Ruby me trouxe para realidade.

Eu tive que passar no escritório depois da universidade para falar com West e avisar que Robert iria mesmo reformar seu escritório no banco.

Aquilo me deixou animada em vários sentidos. Primeiro porque morria de curiosidade de conhecer onde ele trabalhava, segundo porque demonstrava que ele realmente apreciava meu trabalho e terceiro porque a perspectiva de mais um projeto talvez amenizasse a bronca que eu levaria por estar quebrando as regras.

— Está tudo dentro do prazo, inclusive já repassei as informações para o Sr. West — falei enquanto desligava o meu computador para poder ir embora.

Aquela não era toda a verdade. Eu fui falar com o meu chefe, mas ele não estava, então, deixei o recado com a secretária dele.

— Espero que tenha lhe repassado todas as informações mesmo, seria melhor que ele soubesse por você — disse ela de forma venenosa.

— Está me ameaçando? — questionei.

— De forma alguma, só acho que você deveria comunicar sua indiscrição aos donos.

E você, já comunicou à esposa de Hankle que é amante dele?, minha língua coçou para dizer, mas permaneci calada.

— Como você deve saber, o Sr. West não estava, mas eu pretendo conversar com ele, sim, não costumo fazer as coisas escondido.

Ela não respondeu, apenas girou nos calcanhares e voltou para sua sala, mas eu sabia que não iria demorar para aquela cobra dar um jeito de me difamar para os donos do escritório.

Que ótimo!

Deixei meus problemas para trás e fui embora.

Antes de pegar a estrada, parei na loja de donuts que Charlotte adorava e comprei alguns para tomarmos um chá juntas quando ela chegasse.

Ao entrar na mansão, vinte e cinco minutos depois, Oliver estava no hall e me escrutinou com seu olhar ladino.

Eu continuava sem saber o que pensar dele. Diferente de Rosie, que fez uma festa ao saber que Robert e eu estávamos namorando, a indiferença dele não deixava transparecer qualquer um de seus pensamentos.

Tudo bem que os mordomos tinham fama de serem mais sisudos, responsáveis ao extremo e até um pouco hostis, mas aquele ali levava o estereótipo a sério demais.

Depois de organizar minhas coisas, peguei a caixinha de donuts e me dirigi

à cozinha. Antes de chegar lá, entretanto, avistei Oliver através de uma janela lateral falando ao celular. Como da outra vez em que o flagrei, ele estava discutindo com alguém e não parecia nem um pouco feliz.

Para que não me visse bisbilhotar novamente, virei as costas e segui meu caminho. Quando retornei, ele já não estava mais lá e eu fui cuidar da minha vida.

— Atrapalho? — a voz de Robert me assustou, tamanha a concentração em que me encontrava.

— Nossa, não sabia que estava tão tarde! — falei.

— Não está, eu vim um pouco mais cedo para ver se você gostaria de ir ao banco comigo, queria que visse meu escritório.

— Ah, claro, vou salvar o que estava fazendo aqui e podemos ir.

Robert esperou que eu desligasse meu computador e pegasse minha bolsa. Quando cheguei à porta, ele me segurou pela cintura e me beijou antes de entrelaçar nossos dedos e me guiar para fora.

Para minha surpresa, ele mesmo foi dirigindo seu Aston Martin e, meu Deus, que carro! Eu, que nunca fui de me impressionar com isso, fiquei maravilhada com o design daquele interior que combinava perfeitamente com o lindo homem que estava ao meu lado.

A viagem demorou pouco mais de meia hora. Ele deixou seu carro no estacionamento do subsolo e, após a autorização da segurança, fomos para o último andar.

O escritório de Robert era bem diferente de sua casa, com paredes inteiras cobertas de madeira nobre e escura, uma mesa também de madeira e alguns quadros. Eu não era contra ambientes mais austeros, mas aquele estava bem carregado. Tinha certeza de que uma modernização cairia muito bem.

Robert concordava comigo e ficou animado com a ideia de retirar o revestimento de madeira, trocar a cor das paredes, assim como os rodapés etc.

Havia uma série de opções que deixariam aquele lugar incrível e eu já estava mais do que animada.

Enquanto ele falava, fui tirando medidas e fazendo anotações. Já havia mil coisas fervilhando na minha cabeça.

Quase uma hora depois eu já tinha todas as informações de que precisava. Estava inclinada sobre a mesa, anotando uma última medida, quando senti suas mãos em ambos os lados da minha cintura e uma ereção comprimindo a minha bunda.

— Tem alguém animado aí — falei com divertimento e me virei para ele.

Robert tomou a minha boca e apertou a minha bunda por cima do vestido.

— Sempre que estou com você eu fico assim, pronto — admitiu.

Foi ótimo saber que ele ficava excitado com a minha presença, pois eu me sentia da mesma forma.

Nós nos beijamos por longos minutos, as mãos passeando pelos corpos um do outro.

Eu adorava sentir seus músculos e o cheiro que exalava de sua pele.

— Eu quero você aqui — disse ele, subindo a mão por dentro do meu vestido e a infiltrando dentro da minha calcinha.

Rebolei e gemi ao sentir seu toque.

— Onde você quiser, Robert — respondi e vi seus olhos se encherem de aprovação.

Rapidamente ele voltou a me colocar de frente para a mesa.

Cheia de expectativa, espalmei as duas mãos contra o tampo de madeira. Logo escutei o pacotinho de preservativo sendo rasgado e, no instante seguinte, ele estava afastando minha calcinha para o lado e me penetrando.

Enquanto esperava eu me acostumar com sua invasão, ele gentilmente deslizou as alças do meu vestido e segurou meus seios enquanto beijava meu

pescoço.

Mais uma vez Robert estava me surpreendendo com uma dose de sexo no lugar mais improvável possível.

— Ah... Laura, como você é gostosa — falou quando começou a se mover dentro de mim.

De repente, ele apoiou uma de minhas pernas sobre a mesa, para ter mais acesso e ir mais fundo. Robert perdia toda sua civilidade na hora do sexo e me fazia gemer de pura satisfação.

Então, uma de suas mãos deixou meu seio e desceu para o meio das minhas pernas, *me* deixando completamente atordoada. Ele estimulou meu clitóris ao mesmo tempo em que me fodia e não demorou muito para eu estar gozando.

Quando estava no limite, Robert segurou meu quadril com firmeza e intensificou as arremetidas, até gozar fortemente.

Meu Deus, que loucura!, pensei quando ele saiu de dentro de mim.

Era difícil acreditar que eu estivesse agindo daquela forma, transando em todos os lugares. Só um homem como ele para me fazer cometer essas loucuras. A verdade era que, no fundo, eu estava adorando essa minha nova versão.

Depois que limparmos a bagunça e nos recompomos, ele me puxou e me beijou apaixonadamente, deixando claro o quanto havia gostado do que tínhamos feito.

— Vamos?

Assenti e saímos de mãos dadas.

CAPÍTULO 30

Laura

Desde que fiquei viúvo, eu me mantive muito reservado em relação a qualquer tipo de relacionamento com o sexo oposto.

Demorou muito para que eu superasse a morte de Stacy e bem intimamente me sentia culpado por estar colocando outra pessoa em seu lugar.

Passei anos nesse impasse, nessa tortura mental que me consumia, tanto que até outro dia meu quarto estava exatamente como era antes de ela morrer.

Mas desde que tomei a decisão de torná-la minha namorada, resolvi me desfazer de todas as lembranças de Stacy e me dedicar por inteiro a Laura.

No começo eu tive receio, claro, mas foi só ficar alguns dias longe dela para ter certeza de que meu coração não estava me enganando e que, de fato, eu estava apaixonado.

Admitir isso foi libertador e eu fiquei feliz por, finalmente, ter conseguido ir adiante com a minha vida e estava disposto a fazer com que as coisas entre mim e Laura dessem certo.

Para isso, em vez de ir para casa almoçar, decidi ir até a Hankle e West Arquitetura a fim de conversar com Preston West sobre mim e Laura. Mas antes que eu pudesse entrar, eu a vi sair do prédio e ela não parecia bem.

Imediatamente saí do carro e fui ao seu encontro. Ela estava chorando.

— Ei, o que houve, querida?

— Ah, Robert, todos já sabem sobre nós, se você visse como eles me olharam... — respondeu, agarrando-se a mim.

Laura era uma pessoa muito dedicada ao seu trabalho e preocupada com a

carreira que estava construindo. Devia ser duro para ela virar motivo de fofocas nos corredores do escritório.

— Shhh, acalme-se, vai ficar tudo bem — falei para consolá-la.

— Eu me esforcei tanto, apenas para ser chamada de interesseira.

— Você acha que foi a Ruby que espalhou?

— Provavelmente, só ela sabia.

Não era nenhuma novidade que Ruby Foster não gostava de Laura, sua animosidade era nítida e seu comportamento apenas demonstrava a inveja que sentia de sua subordinada.

Só que ela não me conhecia. Eu realmente me importava com Laura e não aceitaria que ela fosse humilhada, especialmente porque não estava fazendo nada de mais.

— Bom, eu vim aqui exatamente para conversar com West, então, vamos resolver isso.

Ela me lançou um olhar curioso, mas assentiu.

Eu lhe ofereci meu lenço para que secasse o rosto e assim que ela conseguiu se recompor um pouco, nós entramos na empresa.

Laura tentou se manter um pouco afastada, mas eu não a deixaria agir assim. Ela era minha namorada e eu não permitiria que se escondesse ou se envergonhasse disso.

— Levante a cabeça — pedi, baixinho para que somente ela escutasse, e vi sua postura mudar.

Nós fomos diretamente à mesa da secretária de West, que rapidamente me anunciou. Nesse ínterim, entretanto, foi possível ver os olhares dos funcionários sobre nós e pude entender o quão mal Laura deveria ter se sentido.

Preston West nos atendeu com certa surpresa e rapidamente nos indicou as poltronas que ficavam em frente à sua mesa antes de começar com as

amenidades habituais, mas como eu não gostava de rodeios, fui logo abrindo o jogo:

— Eu sei o quanto valoriza a Laura como funcionária e admira seu trabalho. Pelo que ela me falou, você sempre a respeitou, tanto como pessoa quanto profissional e foi por esse motivo que decidi contar o que está acontecendo pessoalmente.

— Espero que esteja tudo certo com seu projeto — disse ele, preocupado.

— Está tudo perfeito, não é sobre isso que quero falar.

Ele assentiu, aliviado, mas cauteloso.

— Eu sei que uma das regras da sua empresa é que seus funcionários não se envolvam com clientes, todavia, você é inteligente o bastante para saber que isso é algo que, muitas vezes, está fora do nosso controle. E foi isso o que aconteceu, Laura e eu nos apaixonamos e estamos namorando.

A expressão de West foi de surpresa, mas logo ele amenizou o olhar.

— Sim, Robert, é uma das regras do escritório, mas, como você disse, ninguém está livre das armadilhas do coração — ele refletiu, olhando para Laura, que pareceu reconfortada com o comentário do chefe.

— Ótimo que você pense assim, porque eu não gostaria que ela se sentisse constrangida ou coagida por esse motivo.

— Hum, eu vou entender se quiser me desligar da equipe ou da empresa — Laura apressou-se em dizer. Mas se aquilo acontecesse, ela ficaria arrasada.

— De forma alguma. Se fosse outra pessoa, eu talvez precisasse pensar no assunto, mas com você, não. Se resolveu entrar nessa é porque está levando isso a sério e de minha parte está tudo certo. Também vou conversar com Henkle, mas acho que ele não vai se opor, afinal de contas, vocês são livres e desimpedidos.

Mesmo tendo recebido a indicação daquele escritório pelo meu primo Archie, eu sempre mandava investigar qualquer potencial parceiro de negócios e

a única coisa que descobri a respeito dos sócios foi que John Henkle mantinha um caso extraconjugal com Ruby Foster.

Então, ao ouvir aquele comentário, imaginei que ele o estava direcionando ao sócio.

— Obrigada, Sr. West — disse Laura, agradecida.

— Não há de quê e boa sorte a vocês — desejou ao apertar nossas mãos em despedida.

Quando saímos de sua sala, Laura parecia aliviada, mas ficou imediatamente tensa quando me viu caminhando na direção contrária à saída.

— Aonde você vai?

— Falar com uma pessoa.

— Robert...

— Será rápido. Venha.

Ela me seguiu, mas sua mão apertou a minha quando parei em frente à sala da arquiteta chefe. Bati de leve e, quando ela autorizou a entrada, eu apenas abri e esperei que fizesse contato visual comigo.

Ao perceber quem era, Ruby se levantou e sorriu, mas assim que avistou Laura ao meu lado, o ar agradável se foi e logo em seguida deu espaço a uma careta na hora em que viu nossas mãos entrelaçadas.

— O que posso fazer por você, Sr. Collins? — perguntou, contida.

— Eu serei breve, Srta. Foster, pois não quero tomar o seu tempo.

Ela me avaliou e assentiu.

— Como você já sabe, Laura e eu estamos namorando — fiz uma pausa para vê-la engolir em seco e continuei: — Vim aqui hoje para conversar com Preston que, obviamente, entendeu nossa situação.

— Entendo — disse, seca, como se aquela notícia não lhe tivesse caído bem. — Bom, se o dono do escritório aceitou que uma de suas funcionárias

quebrasse uma das regras impostas por ele, quem sou eu para falar alguma coisa?

Senti que Laura estremeceu ao meu lado.

— É verdade. Claro que se eu fosse casado a história seria outra, mas como ele mesmo disse, tanto eu quanto Laura somos livres e desimpedidos, de forma que não há nada que impeça nosso relacionamento.

Foi a vez de Ruby estremecer. Ela sabia exatamente do que eu estava falando e se fosse inteligente não se meteria em meu caminho.

— Claro, Sr. Collins. Desejo felicidades a vocês — declarou, desgostosa, mas tentando manter a pose.

— Obrigada, Ruby — disse Laura docemente e eu tive que me segurar para não rir. Ela estava adorando aquilo.

Nós saímos do escritório do mesmo jeito que entramos, de mãos dadas e a cabeça erguida.

— Ah, Robert, você foi incrível, muito obrigada por ter conversado com o Sr. West e por ter colocado Ruby no seu devido lugar — disse ela assim que nos sentamos no banco de trás do meu Bentley.

— Não precisa me agradecer. Eu sei que na posição de estagiária você não tem muita voz, então era meu dever defendê-la.

Eu jamais permitiria que uma mulher como Ruby Foster humilhasse minha namorada, sem contar que ela não tinha moral nenhuma para isso.

— Além disso, eu também estou envolvido. Mas acho que você deveria começar a se impor um pouco mais.

— Às vezes eu penso em enfrentá-la, mas depois a razão assume o controle e recuo. Faltam apenas algumas semanas para a minha formatura e se tudo der certo, eu terei minha própria equipe.

Eu já havia presenciado alguns momentos constrangedores entre ela e

Ruby durante as visitas que sua chefe fazia à minha propriedade, mas nunca a vi perdendo a cabeça ou sendo desagradável. Laura entendia o grau de hierarquia que havia entre elas e isso era admirável.

— Você está certa, mas fique de olhos abertos. Embora ache que Ruby não irá mais te incomodar, é melhor se manter atenta.

— Pode deixar — ela garantiu e se aconchegou a mim.

Minha vontade era colocá-la em meu colo e passar o trajeto todo com a boca colada à dela, mas com meu motorista logo à nossa frente, era melhor evitar o contato para não nos colocar em uma situação constrangedora.

CAPÍTULO 31

Laura

DIAS DEPOIS

Após a conversa que Robert teve com o Sr. West, as coisas se acalmaram um pouco no escritório. Ao vê-lo junto comigo, todos perceberam que nosso relacionamento não era segredo, e quando não há fofoca, não há graça. Ainda assim eu sentia alguns olhares e sabia que algumas pessoas ainda falavam de mim pelas costas, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

A única pessoa que não conseguia disfarçar era Ruby. Minha chefe parecia terrivelmente incomodada com o fato de eu estar namorando um figurão como Robert Collins, enquanto ela continuava sendo amante de um cara casado que, até onde eu sabia, não pretendia se separar da esposa.

Com a ameaça velada de Robert, ela não poderia me atacar diretamente, então, resolveu a questão aumentando ainda mais as cobranças e a perseguição que já eram rotineiras.

Para aguentar, eu pensava que em pouco tempo meu curso acabaria e eu me livraria dela. Além disso, vovó Grace havia voltado e isso por si só me deixou nas nuvens.

Ela ficou maravilhada ao saber que eu estava namorando Robert e eu, mais que feliz em ter com quem desabafar.

Outra pessoa que amou sua volta foi a Charlotte, que no mesmo dia pediu para ir até a minha casa para vê-la.

— *Vem* cá — Robert pediu quando entrei em seu escritório após meu expediente.

Nos últimos dias eu senti que ele andava preocupado com alguma coisa, mas não quis ser invasiva, queria que ele confiasse em mim aos poucos e me falasse sobre seus problemas e preocupações, sem imposição.

Sentei-me em seu colo e ele me apertou contra si.

— Cheirosa — disse, depositando um beijo em meu pescoço. — Vai dormir comigo hoje? — perguntou, subindo a mão por dentro da minha blusa.

Durante a semana eu não dormi com ele. Já trabalhava ali metade do dia, então não queria ocupar ainda mais espaço logo de cara, por mais que Robert insistisse. Mas como era sexta-feira, não vi problema em passar o fim de semana com ele.

— Sim, mas preciso ir em casa pegar umas coisas e ver a vovó, depois eu volto para ficar com você.

— Você pode trazer a Charlotte?

— Claro.

Charlotte tinha chegado do colégio e foi para a minha casa, pois minha avó a estava ensinando a fazer bordado.

Robert permitiu, pois sabia o quanto ela era solitária e seria uma forma saudável de passar o seu tempo e, consequentemente, fazer companhia à vovó, que estava adorando ficar com aquela tagarela.

— Pensei em fazermos uma viagem rápida amanhã, sair um pouco de Londres.

— Eu gosto da ideia.

— Só tenho que ver como faremos com Charlotte.

Por mais que ela nos desse privacidade, nós estávamos no início do namoro e Robert deveria se questionar o que eu estava achando de ter uma

criança sempre por perto. Bom, eu não ligava, por isso sugeri:

— Nós podemos levá-la conosco ou ela pode ficar com a vovó Grace, tenho certeza de que nenhuma das duas vai reclamar, já até aceitei que perdi a preferência.

Robert riu.

— Estou feliz que ela esteja se dando bem com Grace, é uma forma de ela experimentar o sentimento de ter uma avó.

Eu pensava da mesma forma e sentia pena de uma garotinha tão nova não ter qualquer estrutura familiar. Ainda bem que Robert decidiu cuidar dela, sentia arrepios só de imaginar minha garotinha sendo criada por aquela lunática.

Com tudo resolvido, eu tentei me levantar de seu colo para poder ir logo à minha casa, mas ele me puxou de volta e me beijou.

Eu adorava seus beijos repentinos, como se ele não estivesse se aguentando, e gostava ainda mais de eles virem acompanhados de uma ereção daquelas.

— Nem comece a se animar, eu tenho que ir — avisei.

— Lembre-se da promessa que me fez — advertiu, me apertando junto ao seu corpo.

Robert era insaciável quando o assunto era sexo, nunca imaginei que do outro lado do muro encontraria um homem como ele, viril na cama e um lorde fora dela.

Pensar nele me fez visitar o passado, exatamente na época em que eu costumava bisbilhotar todos os dias.

— O que foi? — perguntou quando fiquei analisando seu rosto por tempo demais.

Pensei em não falar, mas depois decidi que ele precisava da curiosidade que eu tinha sobre sua vida, mesmo antes de saber quem ele era.

— Quando criança eu fiquei fascinada por tudo o que se referia a esta casa. Ficava intrigada por haver uma construção tão grande em meio a casas relativamente comuns e supercuriosa para saber quem morava aqui, uma vez que eu nunca via ninguém, além dos seguranças. Por causa disso ficava bisbilhotando a propriedade com um binóculo que ganhei do meu avô.

Suas sobrancelhas subiram em surpresa e eu continuei:

— O problema é que esse costume me acompanhou ao longo dos anos; eu morria de curiosidade de ver o que acontecia do outro lado do muro.

— Quer dizer que estou namorando uma *stalker*?

Coloquei as duas mãos no rosto e meneei a cabeça.

— Mais ou menos isso.

— Continue, isso está muito interessante.

Revirei os olhos e concordei.

— Na verdade, eu nunca entendi de onde vinha esse fascínio, uma vez que eu não tinha nenhum rosto para associar. E veja só como estamos hoje.

— Isso se chama destino. Era para ser — afirmou.

Tomei sua boca e o beijei, pois ele estava completamente certo.

Só o destino para explicar tudo que estava acontecendo entre nós.

* * *

Charlotte estava tão animada para o fim de semana. Ao vê-la daquele jeito, achei que seria péssimo de nossa parte deixá-la com minha avó para poder viajar. Robert concordou comigo quando lhe contei e decidimos adiar a viagem.

Naquela sexta nós jantamos juntos, assistimos a um filme com a pequena e só depois fomos para “nosso” quarto.

— O que foi? — ele perguntou quando percebeu que eu estava silenciosa demais.

— É que às vezes não acredito que estamos juntos — admiti, aninhando-me em seu peito.

— Já era para estarmos juntos há mais tempo...

— O importante é que deu certo.

Robert tomou minha boca e nos entregamos a um beijo profundo, cheio de sentimentos.

— Fazia tanto tempo que eu não me sentia assim, Laura.

— Assim como? — questionei, mordendo o lábio.

Eu sabia exatamente como ele deveria se sentir.

Nós ainda não tínhamos trocado nenhuma declaração, mas eu sentia que não era necessário. Uma cumplicidade enorme fora forjada nesse pouco período de convivência e estarmos juntos parecia tão natural quanto respirar.

Ainda assim, queria escutar de sua boca.

— Leve, feliz, entregue.

Sorri, deliciada com suas palavras. Eu me sentia da mesma forma.

Nem nos meus melhores sonhos imaginei me apaixonar por um homem como Robert, menos ainda que seria correspondida.

Ficamos namorando na cama e foi uma delícia passar aquela sexta-feira com meu namorado. Essas coisas de casal já haviam se perdido em minha memória, pois desde que deixei de acreditar no amor, nunca mais tinha vivido momentos tão tranquilos e românticos.

Dormimos abraçados e acordei com ele entrando no quarto com uma bandeja de café da manhã cheia de delícias.

— Assim eu vou ficar mal-acostumada — falei, enquanto me espreguiçava.

Ele me deu um beijo breve e começamos a comer.

— Quando conversamos pela primeira vez, eu nunca imaginei que você pudesse ser assim...

— Assim...? — perguntou.

— Carinhoso, atencioso, tão príncipe.

Ele sorriu e toda vez que fazia isso meu coração falhava.

— *Seu* príncipe — falou, depositando outro beijo em meus lábios.

Após o café da manhã, tomamos um banho juntos e então Robert anunciou que iríamos almoçar na casa de sua tia Elsie. A ideia não me agradou; o modo como ela me olhou no baile e os comentários que fez sobre Robert e Celine ainda estavam vivos em minha memória, mas, segundo ele, já fazia tempo que ela estava insistindo nessa visita e ele havia prometido.

— Eu não quero ir — reclamou Charlotte quando lhe dei a notícia.

— Eu sei, meu amor, mas temos que acompanhar o seu tio. Não ficará bonito se ele aparecer lá sem nós.

Ela torceu a boca em desgosto, mas concordou:

— *Tá* bom, mas não vamos ficar muito tempo.

Assenti só para que ela se animasse em ir.

Charlotte tomou banho e, depois de escolhermos um vestido bonito e um par de sapatilhas, descemos para encontrar Robert, que já nos esperava na sala.

— Vocês estão lindas — ele disse e deu um beijo na bochecha da sobrinha.

Depois ela sorriu de forma travessa quando ele foi até mim e me deu um selinho, antes de nos guiar até o carro.

— Parece uma casa abandonada. Acho que a Tia Elsie precisa dos seus serviços, Laura — comentou Charlotte de forma inocente.

Robert e eu gargalhamos, levando na brincadeira, mas por dentro tive que concordar com a pequena, aquele lugar parecia abandonado.

A mansão em si era imponente, mas o jardim estava tomado por ervas daninhas. Fora as trepadeiras que subiam desordenadamente pelas janelas e algumas paredes da casa.

Como Robert não fez nenhum comentário, preferi não opinar também.

O motorista estacionou em frente a uma fonte que não via água há muito tempo. Limpeza também era algo raro ali, dado a quantidade de mato e limo ao redor.

Seguimos para a entrada e eu ficava cada vez mais impressionada com o nível de descuido naquela casa.

— Ah, Robert, você veio — disse a tia, empolgada, quando abriu a porta.

Seu sorriso se amenizou quando me viu ao lado dele.

— Por que trouxe sua arquiteta, querido?

— Na verdade, Laura é minha namorada — respondeu e ela voltou a sorrir.

— Que notícia maravilhosa! Entrem, por favor.

Enquanto ela nos levava para a sala de estar, ela ficou elogiando o vestido de Charlotte e tive que dar graças a Deus por ela não ter feito nenhum comentário depreciativo. Estava certa de que sua tia-avó se entristeceria.

Se eu achava que do lado de fora estava ruim, era poque não tinha visto do lado de dentro. A mobília era velha, não do tipo antiga, mas desgastada pelo tempo e falta de manutenção, o papel de parede estava rasgado em diversos lugares e a poeira predominava em quase todas as superfícies.

Fiquei pensando se tia Elsie não gostava muito de cuidar da casa ou se ela não tinha dinheiro suficiente para isso, uma vez que manter uma propriedade daquele tamanho deveria ter um alto custo.

— Parece uma casa mal-assombrada — Charlotte cochichou quando nos sentamos.

Olhei feio para ela e a pestinha sorriu.

— Estou tão feliz por ter aceitado meu convite, achei que morreria e isso não aconteceria — falou Elsie, toda dramática.

Robert pareceu não se incomodar com absolutamente nada. Com muita deferência, falou com ela sobre a correria do dia a dia e logo emplacou numa conversa sobre negócios.

Fiquei ao lado dele, fazendo de conta que estava prestando atenção na conversa, mas meus olhos me traíam a todo o momento. Era impossível para uma arquiteta entrar num lugar como aquele e não começar a ter ideias.

Uma coisa ficou bem clara, o problema daquele lugar não era apenas o desleixo, mas a sujeira. As coisas pareciam encardidas como se não fossem limpas há anos.

Após meia hora de conversa, uma empregada avisou que o almoço estava servido. Notei que o uniforme da mulher parecia velho, exatamente como o restante da casa, mas, pelo menos, estava limpo.

A comida que nos foi servida era simples, mas estava bem gostosa, o que demonstrava que a velha senhora era uma ótima cozinheira.

Também podia apostar que, fora os quartos ocupados, a cozinha e a sala de jantar eram os únicos lugares limpos com regularidade ali, e isso por causa dela.

Ao fim da refeição, nós voltamos para a sala e então a tia de Robert começou a se lamuriar sobre o estado da casa e sobre as melhorias que pretendia fazer.

Achei aquilo formidável, mas me fez pensar por que ela não havia feito aquilo antes. Por que deixar chegar naquele estágio para fazer alguma coisa.

— Ah, Robert, sei que estou sendo abusada ao lhe pedir isso, mas será que eu não poderia ficar em sua casa durante a obra. Certamente que um hotel seria mais apropriado, só que eu ando tão solitária, a companhia de vocês me faria muito feliz.

Charlotte me encarou com os olhos arregalados, enquanto eu tentava manter cara de paisagem para o pedido dela.

Robert também ficou em choque e não disfarçou.

— A senhora me pegou de surpresa — ele disse, após bebericar seu café.

— Eu posso imaginar, é mesmo uma loucura de minha parte pedir uma coisa dessas. Pode deixar que eu me viro por aqui mesmo ou arrumo um hotel mais familiar, será um tanto solitário, mas não quero lhe atrapalhar.

Meu Deus, a cada minuto ela ficava mais dramática.

— Por quanto tempo a senhora precisaria ficar hospedada conosco?

— Uns dois meses, no máximo — disse ela, convicta, e eu tive vontade de gargalhar.

Nunca que ela conseguiria reformar aquela casa inteira em dois meses, a não ser que contratasse uma quantidade absurda de pessoas.

Robert olhou para mim como que pedindo minha opinião, mas eu continuei calada. Estávamos no início do nosso namoro, por isso eu não sabia o grau de afeição que ele tinha por Elsie, então deixei que tomasse essa decisão sozinho.

— Acho que posso hospedá-la. Mas por apenas dois meses — ele definiu, em seu tom de homem de negócios.

Era nítido que Robert não estava confortável com a situação, mas não deixaria a irmã de sua mãe vivendo em um hotel, quando tinha uma mansão cheia quartos vagos e empregados para tomarem conta dela.

— Que notícia maravilhosa! Serão dias incríveis.

Fiz uma ligeira comparação entre aquele lugar e a casa de Robert e constatei que viver na mansão seria realmente incrível para ela.

Embora relutante, Robert aceitou que a tia se mudasse na segunda-feira.

Durante o caminho de volta, Robert veio me explicando que ficou dividido

quanto a aceitar seu pedido, mas que, na época em que seus pais faleceram, ela o apoiou bastante, por esse motivo não conseguiu dizer não.

Quando perguntei por que ela havia deixado a casa chegar àquele estado, ele explicou que a tia era rica, mas extremamente sovina e que para concordar com a reforma, era porque não estava mais aguentando esperar pela ajuda de alguém.

Disse também que, se ela precisasse, ele já teria ajudado há muito tempo, mas aquele não era o caso, por isso fingiu que não via nada.

Eu poderia estar sendo maldosa, mas achei tudo aquilo muito oportuno. Quer dizer, dias depois de eu começar a namorar o Robert, Elsie decide fazer uma reforma que estivera protelando há anos?!

Claro que eu poderia estar sendo paranoica, mas só o tempo diria o que aquela senhora estava pretendendo com tudo aquilo.

— Eu não quero morar com ela, tio Robert — Charlotte esbravejou quando entramos *em* casa.

— Eu sei que você não gosta muito da Tia Elsie, mas será temporário, logo ela voltará para casa.

— Tio, ela parece uma bruxa, eu tenho medo dela.

Fiquei sentada na sala enquanto Robert tentava acalmar uma Charlotte que se mostrava irredutível.

— Olha, tio, eu aceito que ela venha com algumas condições.

Ela falou, cruzando os braços em frente ao peito.

— Condições? — perguntou ele, mas seu tom suave não me enganou. Aquela era a mesma sutileza de uma cobra prestes a dar um bote.

Olhei para Charlotte a fim de adverti-la, mas a garota continuava com sua pose desafiadora e tudo o que pude fazer foi conter uma risada. Tinha a impressão de que Robert não estava com muita paciência.

— Sim.

— E quais seriam elas, *querida*, estou ouvindo.

— Você nunca me deixará sob os cuidados dela, e nem permitirá que ela se meta nas minhas coisas.

Robert pareceu pensar, depois respondeu:

— É justo. Mais alguma coisa?

— Só uma coisinha. — Ela mordeu o lábio e me encarou com ar de cachorro sem dono.

— Pode falar — incitou Robert.

— Já que a tia Elsie vai ficar aqui por dois meses, queria que a Laura viesse também. Eu ficaria muito mais tranquila se soubesse que ela está por perto.

Aquele pedido nos pegou completamente desprevenidos.

Charlotte, definitivamente, era campeã em me deixar sem saber o que falar.

CAPÍTULO 32

Robert

O pedido de Charlotte deixou tanto eu quanto Laura sem reação. Embora ela tivesse dormido ali por uma semana quando viajei para Nova York, eu sabia que o pedido da minha sobrinha era bem difícil de ser atendido.

— Querida, estou aqui quase o dia todo por causa da obra e sempre fico depois do horário, não tem por que eu vir morar aqui.

— Ah, tio, fale com ela — minha sobrinha pediu, com olhar pidão.

Desde que Charlotte veio morar comigo, eu nunca a tinha visto tão feliz como nos últimos dias e sabia que o motivo era meu relacionamento com Laura.

Só que não era apenas ela que estava feliz com sua presença, eu também me sentia muito bem por tê-la por perto e nossos únicos desentendimentos eram por ela não querer dormir todos os dias na mansão. De modo que eu estava animadíssimo com aquele pedido.

Após tantos anos tendo apenas sexo casual, eu queria usufruir de todos os meus direitos de homem comprometido, não somente pelo sexo, eu queria o pacote completo, tudo o que conviver com uma mulher maravilhosa como Laura poderia proporcionar.

— Bom, eu acho uma ótima ideia, assim não precisaremos implorar para ela dormir aqui ou ficar até mais tarde com a gente — falei, soando sério, enquanto encarava Laura, que parecia atordoada.

— Robert, não incentive as loucuras de Charlotte — advertiu ela, rindo de nervoso.

— Por favor, Laura, eu me sinto tão bem quando você está em casa.— A

baixinha apelou, abraçando Laura pela cintura. — Além disso, eu não confio nela — sussurrou, mas eu pude ouvir.

— Eu entendo, meu amor, mas eu moro com a vovó Grace, não posso deixá-la sozinha.

— Ela também pode vir morar com a gente. Seríamos uma grande família feliz! Depois que a tia Elsie fosse embora, claro.

Dessa vez não conseguir segurar o sorriso.

— Eu fico muito feliz que você goste tanto de mim a ponto de me convidar para morar com vocês, mas é muito cedo e seu tio ficaria maluco com tantos hóspedes na casa — Laura explicou, tentando acalmar os ânimos de Charlotte.

— Prometa ao menos que vai pensar? Me dê alguma esperança! — minha sobrinha pediu, dramática, e nós dois acabamos rindo.

— Tudo bem, vou pensar — ela respondeu e eu mandei Charlotte subir para trocar de roupa.

— Nossa, hoje ela pegou pesado comigo — Laura comentou enquanto seguíamos para a minha adega.

Nós adorávamos passar nosso tempo lá, bebendo bons vinhos, conversando e, principalmente, namorando.

— Seria tão ruim assim dormir comigo todos os dias? — perguntei e a encurralei contra uma das estantes de vinho.

— Robert, faz uma semana que estamos namorando, não vamos atropelar as coisas — pediu, cautelosa.

Laura tinha alguns anos a menos que eu e pensava exatamente como as mulheres de sua idade, que relacionamentos deveriam seguir um roteiro: namoro, noivado e casamento.

Ela não estava errada, mas as coisas entre nós sempre foram intensas

demais e era assim que eu gostava.

— Besteira, a maioria das pessoas fica tanto tempo namorando e no final acaba se casando porque é isso que se espera delas. Só que muitas vezes, quando isso acontece, o fogo da paixão nem existe mais, é pura comodidade... Acredito que esse seja o motivo de tantos divórcios — comentei e ela revirou os olhos.

— Eu concordo em partes, mas acho que morar junto de forma tão repentina pode atrapalhar as coisas.

— Eu discordo — falei enquanto deixava beijos na pele macia e cheirosa de seu pescoço —, mas não vamos discutir por isso, vamos apenas experimentar. Acredito que aos poucos você verá que eu tenho razão.

Ela gemeu quando a puxei para mim e ela sentiu a dureza do meu pau.

— Por hoje eu me contento com isso aqui — falou de um jeito safado e mordiscou a minha boca ao mesmo tempo em que me acariciava por cima da calça.

Senti meu pau endurecer ainda mais ao seu toque e imediatamente a peguei no colo e a levei para o sofá que ficava em frente à lareira.

— Você me transforma numa safada, Robert, me faz fazer e falar coisas que nunca imaginei.

Sim, aquilo era totalmente verdade. Laura estava bem mais solta, mais entregue, fazendo tudo que eu gostava na cama e demonstrando um pouco mais os próprios desejos a cada dia.

Sem que eu esperasse, ela se livrou das alças do vestido e o deixou deslizar para o chão, ficando apenas de calcinha.

— Você é perfeita — falei, admirando seus lindos seios.

Sem mais demora eu avancei sobre ela, louco para aplacar o desejo que nos envolvia.

Deslizei a boca por seu pescoço, arrepiando sua pele macia. Em seguida,

abocanhei um mamilo e ela arquejou.

— Robert... — sussurrou, infiltrando os dedos em meu cabelo.

Comecei a me abaixar, até ficar de frente com sua calcinha, que já estava úmida de desejo.

Retirei a última peça que restava em seu corpo e abri um pouco mais suas pernas.

— Morro de vergonha quando você faz isso — confessou —, mas é tão bom.

Sorri e a puxei para ter mais acesso.

Eu adorava chupar a boceta de Laura e vê-la desfalecendo de prazer.

Afastei os lábios de sua intimidade com os dedos e passei a língua nos pontos que a faziam delirar. Ela se contorceu enquanto eu me deliciava com seu sabor. Minha tortura foi demorada, pois estimulei seu clitóris o máximo que pude.

— Vem, eu quero você dentro de mim — ela implorou e me puxou para cima do seu corpo.

Rapidamente tirei minha roupa e me posicionei entre suas pernas.

— Robert, o preservativo — disse ela quando pincelei a cabeça do pau em sua entrada quente e molhada.

— Eu quero sem, quero que seja como naquele dia, em Bristol.

Ela mordeu o lábio como se estivesse pensando e eu insisti.

— Não se preocupe, eu estou limpo e confio plenamente em você.

Seu silêncio foi um convite para eu continuar e aos poucos fui deslizando para dentro, *me* deleitando com o calor e aperto de seu interior.

Eu amava estar dentro dela, dominando seu corpo e a fazendo minha.

— Nossa, eu mal consigo respirar — Laura balbuciou quando eu me alojei por inteiro dentro dela.

— Tem ideia do quanto é gostoso estar aqui? Não dá vontade de parar — admiti enquanto entrava e saía de seu corpo tentador.

— Mas você pode ter isso sempre — rebateu, as unhas se enterrando em minhas costas.

— Estou falando em dormir e acordar fazendo isso.

Ela sorriu sabendo muito bem do que eu estava falando.

— Robert... — murmurou quando me enterrei bem fundo.

— Aceite o pedido de Charlotte, venha morar aqui pelo menos por dois meses, depois a gente vê o que faz — pedi e a beijei de modo selvagem.

— Isso é covardia, não se faz um pedido desses quando você está com esse pau delicioso dentro de mim.

— Mais um motivo para aceitar. Se viera para cá, poderá tê-lo dentro de você a hora que quiser.

Senti que ela estremeceu e sua boceta apertou ainda mais meu membro.

— Dois meses e depois eu volto para casa?

Assenti e dei meu melhor sorriso, sabendo que aquela batalha estava ganha.

— Sim, só dois meses e depois você volta para a sua casa.

Ela assentiu e voltou a me beijar do jeito que eu gostava, deixando-me cada vez mais excitado. Não precisou muito para estarmos gozamos juntos, em uma mistura de bocas e mãos onde um não sabia onde o outro terminava.

A sensação de felicidade por saber que ela estaria sempre comigo foi indescritível.

Laura tinha chegado de mansinho na minha vida e, sem perceber derrubou, todas as barreiras que construí ao longo dos anos e eu me senti realizado como não achei que fosse acontecer novamente.

— Se o pessoal do escritório já estava comentando sobre eu ser sua

namorada, imagina quando souberem que eu estou morando temporariamente aqui?

Sorri e encaixei seu corpo no meu.

— Sua formatura já é no final do mês. Se a situação por lá ficar insustentável, você se demite. Com todo esse talento logo será contratada por um grande escritório de arquitetura. Ou pode montar o seu próprio.

Laura era supertalentosa e eu ficava irritado por saber que estava sendo destratada, mesmo que apenas por olhares. Estava quase certo de que parte disso acontecia por incentivo de Ruby Foster, que não possuíam nenhum escrúpulo.

— Ah, mas quero montar meu próprio escritório de arquitetura. É um sonho distante que ainda pretendo realizar. Não quero ficar trabalhando para os outros a vida inteira.

Adorei ouvir sua determinação, eram pessoas assim, que não tinham medo de trabalhar duro e de enfrentar as dificuldades que prosperavam.

— Eu tenho certeza que vai. Mas enquanto isso não acontece, que tal sairmos para jantar?

Ela sorriu.

— Eu adoraria, Sr. Collins.

Fazia muito tempo que eu não saía em público para jantar com uma mulher e estava feliz que Laura fosse esta pessoa, pois a cada dia ela se tornava mais dona do meu coração.

CAPÍTULO 33

Laura

Robert e Charlotte insistiram para que eu levasse minhas coisas no sábado mesmo. Eu concordei, mas precisava conversar com vovó antes.

Para minha surpresa, ela ficou radiante com a novidade e disse que se Robert insistira tanto, era porque tinha ótimas intenções para o nosso futuro.

Desde que voltou de Paris, vovó não se cansava de falar que queria programar a próxima viagem e sua empolgação com relação àquilo me fez desconfiar que ela andava se prendendo por minha causa. Para não me deixar sozinha.

Para deixar as coisas bem delimitadas, enquanto eu fazia minha mala deixei claro que ficaria somente os dois meses em que Elsie estivesse na mansão. Minhas palavras, porém, me renderam um olhar que eu conhecia muito bem. Era do tipo que dizia que tudo aquilo era uma grande besteira, pois logo, logo Robert e eu estaríamos casados.

Eu tinha que admitir que ele pareceu gostar um pouco demais da ideia de me ter sob seu teto, mas preferia não fantasiar. Seria melhor para a minha sanidade que eu apenas deixasse as coisas acontecerem.

Depois que guardei minhas coisas, eu me arrumei com um pouco mais de esmero para ir jantar com Robert. De forma alguma iria querer fazer feio ao lado dele. E graças a Deus eu fiz isso, pois nós fomos observados o tempo todo, uma vez que ele não escondeu de ninguém que estávamos *juntos*. Além dos carinhos que trocamos, nós conversamos bastante sobre nossas vidas. Robert estava cada dia mais aberto e falou um pouco sobre o seu passado.

Obviamente eu fiquei curiosa para saber mais, contudo, não fiquei especulando. Queria que as coisas acontecessem no tempo certo e decidi ser apenas uma boa ouvinte.

Após o jantar voltamos para casa e fizemos amor antes de dormir.

Eu poderia estar sendo enganada pela bolha de paixão em que me encontrava, mas tinha a impressão de que nunca enjoaria daquilo.

Diferentemente do sábado, nosso domingo foi caseiro, com Charlotte em volta, tagarelando sem parar. E nenhum de nós se importou. O fato de termos toda a noite — e uma parte da manhã — para ficar juntos, fazia com que toda aquela tensão sexual que nos envolvia sempre que estávamos juntos se dissipasse um pouco.

Eu tive apenas um relacionamento sério em toda a minha vida, mas ele nem de longe se comparava ao que eu tinha com Robert. Ele era tão intenso, atencioso, lindo e gostoso na cama, que às vezes eu tinha vontade de me beliscar para acreditar.

— Como é namorar o Robert Collins? — Vicky perguntou enquanto almoçávamos na segunda-feira.

Mesmo sem querer me levantar da cama, onde acordei abraçada a Robert, eu me obriguei a cumprir minha rotina. Depois do que aconteceu, achei melhor passar ao menos um pouco de tempo lá. Tinha a impressão de que quanto mais me vissem trabalhando, menos me veriam como a interesseira que me pintaram.

— É diferente, eu ainda estou me adaptando, mas me sinto muito feliz.

Minha vontade era falar o quanto ele era maravilhoso comigo e como estávamos nos dando bem, mas como dizia minha avó: o que ninguém sabe ninguém estraga.

— E você e Archie, como estão as coisas?

Desde o dia da boate eles andavam trocando mensagens, mas eu nunca

mais havia perguntado nada.

— Ah, como eu te disse, nós flertamos bastante aquele dia no Jockey, mas já percebi que o negócio dele é só pegação, de preferência, bem escondida.

— Como assim?

— Nós já estamos nos vendo há mais de 15 dias, mas ele só me levou a lugares longe do centro, restaurantes discretos e fora da rota grã fina, sabe?

Achei seu comentário estranho, mas como não sabia nada a respeito dele, preferi não opinar.

— Robert é bem discreto em relação à sua família, então não sei o que falar sobre.

— Tudo bem, eu já desencanei. Esse tipo de homem não é para mim. Pelo que vi, não estou a sua altura e não sou eu quem vai correr atrás.

Eu concordei e mudamos de assunto.

Após o almoço eu fui para a mansão, a qual chamaria de lar temporariamente.

Quando pisei na sala, o caos estava instalado e só então me lembrei de que Elsie se mudaria naquela tarde.

— Ela trouxe roupa para ficar o resto da vida — comentou Rosie enquanto os seguranças subiam as malas da nossa ilustre visita.

— Querida, que bom que chegou! Queria que me ajudasse com a decoração do meu novo quarto, achei tão apagado — Elsie disse ao me ver.

Ela tinha acabado de chegar e já queria mudar a decoração da casa? Algo me dizia que isso não acabaria bem.

— Claro, vou falar com Robert e ver o que podemos providenciar.

— De forma alguma, não quero incomodar meu sobrinho com essas besteiras, acho que podemos resolver sozinhas.

Respirei fundo e lhe expliquei que precisava trabalhar, mas que no fim do

dia eu daria um jeito de passar por lá.

No meio da tarde saí do escritório e fui à cozinha tomar um suco, mas quando encontrei a Rosie separando as coisas que usaria para fazer o jantar, resolvi especular.

— E aí, já conseguiram arrumar todas aquelas roupas?

Rosie bufou.

— Eu às vezes me pergunto como um homem tão bom quanto o Sr. Collins pode atrair essa espécie de gente. Primeiro aquela irmã desmiolada e agora essa tia sem noção — ela comentou, frustrada.

— Você que a conhece há mais tempo, o que pode me dizer de tudo isso?

— Que para essa unha de fome, a pior coisa que aconteceu foi o falecimento da Sra. Collins. Não tenho ideia das vezes em que a velha apareceu se fazendo de coitadinha para conseguir dinheiro dela. Coisa que não acontecia com o Sr. Collins, que sempre se manteve mais distante. Até agora não entendi por que ele permitiu que ela ficasse aqui.

O comentário de Rosie me fez pensar se Robert não estaria errado quanto a tia ter dinheiro. Por tudo o que via, ela poderia estar completamente falida e engambelando Robert com essa história de reforma.

Nosso silêncio foi quebrado pela própria Elsie, que apareceu na cozinha usando um roupão branco e um creme verde no rosto. Tanto eu quanto Rosie levamos um susto ao nos virarmos e darmos de cara com aquilo.

— Rosie, eu liguei aqui na cozinha, mas você não atendeu. Quero que leve uma bandeja com chá e biscoitos até o meu quarto — disse como se fosse a dona da casa.

— Eu vou preparar e já mando levar, senhora.

Elsie assentiu e olhou para mim.

— E você, querida, por que não vem me ajudar com a decoração agora?

A tia de Robert não era apenas sem noção, ela achava que todos ali eram seus funcionários, mas comigo ela iria se dar mal.

— É o seguinte, Elsie, como já sabe, a casa está passando por uma grande reforma. Além de mexer em algumas das estruturas, nós mudamos os papeis de parede e os móveis, para que cada cômodo converse com outro e com as demais partes da casa. É assim que Robert gosta, então, para mudar qualquer coisa, eu precisarei falar com ele antes. Espero que entenda, mas é o meu trabalho.

Ela deu um sorriso forçado e assentiu.

— Claro que entendo, querida. Quer saber, não vamos incomodar meu sobrinho com isso, tenho certeza de que me acostumarei com a mobília ultrapassada e as cores sem graça.

Ela só poderia estar de brincadeira. A casa de Robert era maravilhosa, o completo oposto daquele mausoléu mal-assombrado onde a mulher vivia.

Quando ela estava prestes a sair da cozinha, eu questionei:

— Qual é o nome da empresa que fará a reforma em sua casa?

Ela parou onde estava e se virou exibindo uma cômica expressão de confusão.

— Não é de Londres, você não deve conhecer — justificou.

— Duvido, eu conheço empresas de arquitetura em toda Inglaterra. Se me falar o nome, eu certamente saberei dizer se farão um bom trabalho.

Ela ficou me encarando como se não soubesse o que falar.

— Na verdade, eu não lembro o nome da empresa, mas foi indicação de Celine Windsor, então, acho que podemos concluir que a minha mansão ficará maravilhosa.

E foi ali que ela cometeu seu maior deslize. Ela usou o nome de Celine como uma forma de me desestabilizar ou de lhe dar mais credibilidade, mas a única coisa que conseguiu foi me deixar ainda mais desconfiada.

Rosie continuou cortando seus legumes até que uma Elsie com ar triunfante se fosse. Quando teve certeza de que ela estava longe, disse:

— Eu te falei, essa aí é a maior pistoleira da Inglaterra. Eu não sei o que ela está planejando, mas aí tem.

— Penso o mesmo. Acho melhor ficarmos de olho para impedir que ela faça qualquer coisa.

Rosie concordou e foi preparar o chá da velha senhora.

Já eu, fui atrás de Robert. Quando não o achei no escritório, saí à procura dele. Estava próxima à chapelaria quando escutei uma voz conhecida e exaltada vindo de lá.

— Eu já disse que você não vai cair fora agora! — Pude escutar quando cheguei perto. O tom com que Oliver proferiu aquilo me causou arrepios e me fez ter certeza de que toda aquela polidez do mordomo era apenas um teatro.

— Laura? — Robert chamou, me dando o maior susto.

— Oi, estava mesmo procurando por você — falei, afastando-me da porta.

— Do que você precisa, meu anjo?

Adorava quando ele me tratava assim, principalmente em horário de trabalho.

— Vovó quer fazer um jantar para nós na sexta-feira. Você se importa se a Elsie não for?

Eu não tinha ido com a cara dela desde o primeiro dia em que nos conhecemos e não achava justo que participasse de um momento tão importante quanto o nosso primeiro jantar em família.

— Claro que não me importo. Ela é minha hóspede, mas não precisa participar de todos os nossos programas.

Sorri, animada, mas no instante seguinte Oliver surgiu no corredor. Ele acenou para nós, já com sua máscara de mordomo perfeito de volta, e se foi.

Robert me convidou para um chá e fomos até a cozinha. Enquanto caminhávamos de mãos dadas pela casa, voltei a pensar em Oliver.

Quem seria a pessoa do outro lado da linha?

CAPÍTULO 34

Laura

ALGUMAS SEMANAS DEPOIS...

À medida que os dias passavam, a convivência com tia Elsie ficava cada vez mais insuportável. Para se ter uma ideia do problema, ela surgiu no jantar que minha avó ofereceu sem ser convidada. Quando questionada por Robert, a megera deu a desculpa de que tinha achado que nós havíamos nos esquecido de convidá-la.

Por sorte ela chegou na metade do jantar, quando já tínhamos bebido, conversado e nos divertido bastante. Isso, porém, não a intimidou. Elsie elogiou o cheiro da comida, *se* sentou na cadeira vaga ao meu lado e se serviu.

Mas enquanto eu, Robert e Charlotte olhávamos para aquilo com total descrença, minha avó apenas se divertiu. E gostou mais ainda quando a senhora descobriu que ela trabalhava para grifes famosas.

Elsie ficou enlouquecida e vovó, envaidecida. Especialmente quando ela disse que faria os próximos vestidos com ela, começando pelo que usaria dali a um mês, na recepção que seria oferecida por uma de suas amigas socialites.

O problema era que a cada dia eu desconfiava mais que a tia de Robert não tinha um tostão furado no bolso e que aquela conta iria sobrar para ele.

No final, mesmo com aquela visita indesejada, o jantar foi agradável. Meu namorado era realmente um lorde e deu toda atenção que uma senhora da idade dela gostava de receber.

Após esse episódio, sem nenhuma repercussão negativa, a coisa só piorou. Elsie não se cansava de fazer exigências aos funcionários. Seus pedidos variavam bastante, mas o que mais incomodava era quando pedia determinados tipos alimentos e bebidas que não faziam parte do cardápio da mansão, mas que, por ela ser uma hóspede, Rosie tinha que se virar para providenciar.

Aquilo estava mantendo todos ocupados o dia todo, de modo que no final da primeira semana, estavam todos estressados.

Mas não parou por aí. Na terceira semana ela começou a implicar com os pedreiros. Disse que eles não podiam mais quebrar paredes ou fazer qualquer barulho enquanto ela estivesse dormindo.

A esperta aproveitou para fazer aquela peripécia num dia em que saí do escritório para fazer pesquisa em algumas casas de móveis e eu só descobri porque Rosie ficava de olho em tudo.

Quando cheguei à mansão, no fim da tarde, os homens já tinham acabado seu expediente, então coube a ela me dizer que naquele dia eles não tinham podido fazer nada, até a dondoca acordar.

Eu já sabia que na parte da manhã, quando nenhum de nós estava em casa, ela se sentia dona de tudo e enlouquecia os empregados. Mas aquela atitude me deixou colérica.

— Acho que eu envelheci dez anos nessas últimas semanas — Rosie lamentou logo após me contar tudo e me identificava com aquele sentimento.

Eu tentava filtrar todas as coisas que a via fazer para não parecer que estava implicando com ela, mas já estava de saco cheio dos caprichos da tia de Robert.

Este, aliás, tinha parado de ir almoçar *em* casa e não chegava mais tão cedo. Ele não falava nada, mas eu sabia que era por causa dela. Sua paciência estava se esgotando e para não ser grosseiro, preferia não conviver tanto com ela.

Eu o entendia e não me importava, principalmente porque ele continuava um príncipe comigo. Disse, inclusive, que estava preparando uma surpresa para o dia da minha formatura, que seria no próximo sábado.

Por tudo isso achei melhor poupar nosso relacionamento de possíveis desgastes causados por aquela senhora inconveniente. No entanto, isso não me impediria de ter uma palavrinha com ela.

— Podemos conversar? — perguntei quando a encontrei à beira da piscina, dentro de um maiô preto e com um chapéu muito chique na cabeça.

Quem a visse daquele jeito, acharia que estava fazendo 35°.

Ela tirou os óculos escuros e me encarou.

— Claro que sim, querida.

Eu odiava quando ela me chamava de querida. Soava tão falso.

— Eu sei que a senhora deve estar acostumada a ser atendida em todas as suas vontades, mas não deixarei que interfira no trabalho dos *meus* funcionários. Eles são pagos para trabalhar determinado número de hora por dia e eu soube que isso não aconteceu hoje de manhã por sua causa.

Ela me avaliou e sorriu, aquele sorriso condescendente que eu odiava.

— Oh, não me entenda mal, eu só pedi a eles que não fizessem tanto barulho. Na minha idade, eu preciso de boas horas de sono e perder uma horinha não vai fazer diferença.

Deus, tinha certeza de que nunca havia conhecido uma pessoa tão folgada.

— Se o barulho da obra a está incomodando, talvez fosse melhor se hospedar em um hotel, com certeza será muito mais silencioso — sugeri docemente.

— Não fale besteira, querida, eu estou adorando viver aqui. Além disso, minha reforma vai atrasar um pouco e eu tenho certeza de que meu sobrinho não vai querer que eu fique tanto tempo em um hotel.

Senti o sangue ferver só por imaginar aquela possibilidade.

— Bom, o que o seu sobrinho *me* falou foi que se a senhora começasse a interferir no andamento da casa ou na obra ou na vida de Charlotte, era para eu lhe contar que ele a levaria para outro lugar. Então, por favor, não dê ordens aos meus empreiteiros e tente ocupar menos os funcionários ou terei que falar para ele. Estamos entendidas?

A velha assentiu, contrariada, e isso me fez pensar que ela sabia que estava abusando, mas não queria que as coisas chegassem aos ouvidos do seu sobrinho. A verdade era que Elsie tinha testado todo mundo e como ninguém abriu o bico para não sair por fofoqueiro, ela se aproveitou.

Ela também sabia que a única pessoa que poderia entregá-la era Charlotte, mas a mulher era esperta e mal chegava perto da sobrinha-neta.

Enquanto eu voltava para dentro da casa fiquei pensando em uma forma de convencer Robert a não permitir que ela ficasse mais tempo do que o combinado.

Parei bruscamente quando me dei conta de que desde que chegara ali, ela não tinha saído de casa. Estava tão à vontade fazendo as vezes de senhora da mansão que o resto do mundo parou de existir. Mas e a tal da reforma? Naqueles vinte dias, era a primeira vez que ela tocava no assunto e isso era estranhíssimo. Mesmo que tivesse um engenheiro ou arquiteto supercompetente à frente da obra, seria normal que ela estivesse de olho, pelo menos era o que todos os meus clientes faziam, opinavam e mudavam de ideia a cada etapa do projeto. Imagine aquela mulher que adorava se meter onde não era chamada!

Não, alguma coisa estava errada.

— Rosie — chamei, entrando na cozinha —, se o Robert chegar e perguntar por mim, diga que fui à cidade comprar algumas coisas e volto logo.

— Tudo bem. Alguma sugestão para o jantar?

Rosie já me tratava como se eu fosse a esposa de Robert; aliás, todos os

funcionários se dirigiam a mim com essa deferência. Oliver era o único que se mantinha distante e só falava o necessário.

Dei algumas sugestões a ela e segui para o meu carro. Estava decidida a ir até a casa de Elsie para ver em que pé andava a tal reforma... E não fiquei nem um pouco surpresa ao chegar lá e ver que o lugar parecia tão abandonado quanto no dia em que o visitamos pela primeira vez.

Então, eu tinha razão, a história da obra era apenas uma invenção para ela poder ficar hospedada na mansão de Robert.

Comecei a rir de nervoso quando outra ideia me ocorreu.

Era muito capaz de que ela tivesse inventado tudo aquilo com o intuito de ficar lá para sempre!

Dei a volta na rua e retornei para casa me sentindo a própria Sherlock Holmes.

Por sorte, cheguei antes de Robert, ele ainda estava alheio às presepadas da tia e eu queria pensar melhor antes de lhe falar alguma coisa.

Subi direto para a nossa suíte e fui tomar banho. Quando saí, havia uma chamada perdida de vovó e imediatamente retornei. Ela queria que eu fosse até sua casa para fazer os ajustes no meu vestido de formatura.

Coloquei uma roupa simples e voltei à cozinha, estava faminta e queria comer alguma coisa antes de sair.

— Pelo visto não fui somente eu que envelheci nessas últimas semanas — Rosie comentou ao ver minha expressão cansada.

Olhei para a porta de entrada da cozinha para me certificar de que ninguém estava vindo e disse:

— Fui até a casa *dela* agora há pouco e não encontrei nenhum vestígio de obra.

— Eu disse que ela era uma pistoleira. O que pensa em fazer?

Dei de ombros, pois ainda não tinha chegado a uma conclusão.

— Eu não posso acusá-la, por mais que seja uma dissimulada, ainda é a tia de Robert e eu tenho que respeitar. Além disso, se eu me precipitar, ela pode simplesmente dizer que a obra está atrasada ou qualquer coisa assim...

— Queria ter a mesma calma que você, se fosse namorada do Sr. Collins, já teria botado essa louca para correr.

Ri da forma como Rosie falou, mas logo nossas risadas foram interrompidas pela campainha.

— Deixe que Oliver atenda — falei para que pudéssemos continuar nossa conversa.

— Oliver não está. Ele pediu para trocar seu dia de folga comigo porque precisava resolver alguns problemas pessoais, então vou ter que abrir — disse ela, alisando seu uniforme, e saiu da cozinha.

Terminei de comer e decidi subir para ver Charlotte. A garota andava isolada desde que a tia chegara e só descia para interagir quando Robert a obrigava, algo que ele não fazia muito, pois tinha o mesmo sentimento que ela.

No caminho, encontrei Rosie voltando para a cozinha.

— Visita para a Sra. Elsie — anunciou, os olhos arregalados.

Suspirei e assenti.

— Vou subir, ela que cuide de sua visita.

Não bastava estar causando todo aquele caos na casa, ainda tinha que receber visitas? Tinha a impressão de que Robert não gostaria nem um pouco daquilo.

Continuei andando, mas parei imediatamente quando percebi que quem estava sentada na sala de Robert era Celine Windsor.

Ela estava lindíssima dentro de um vestido branco, com um casaco Burberry por cima. Seus cabelos castanhos estavam presos em um coque

elegante e o rosto, estrategicamente maquiado para parecer totalmente natural.

Aquela mulher realmente exalava o glamour da realeza.

— Celine Windsor, muito prazer — declarou ela, sorridente, e me estendeu a mão.

Era a primeira vez que a via de tão perto e pude constatar Celine tinha uma pele de porcelana e um sorriso de princesa.

— Laura Hunt — falei, apertando sua mão.

— Ah, sim, a arquiteta de Robert, certo?

— Sim, sou arquiteta e namorada também.

Ela me olhou sem muita surpresa, como se já soubesse da novidade.

— Querida, que bom que chegou! — A voz de Elsie soou do topo da escada, interrompendo nossa saudação.

As duas se cumprimentaram como velhas amigas e depois Elsie me olhou.

— Essa é Laura, arquiteta de Robert.

E namorada também, emendei em pensamento.

— Sim, acabamos de nos apresentar.

— Aceita alguma coisa? — Elsie ofereceu, enquanto eu ainda estava tentando entender o que Celine estava fazendo ali.

As lembranças do modo como ela dançava e sorria para Robert estavam vívidas em minha memória, mas não poderia esquecer que, se ele a quisesse, não teria me escolhido, então, mandei meus fantasmas inseguros de volta para o armário.

— Irei deixá-las à vontade, com licença — falei e subi.

Robert deveria estar prestes a chegar e queria estar longe de vista para ver qual seria a reação dele quando encontrasse Celine.

Não demorou para o motorista estacionar o Rols Royce em frente à

mansão e meu namorado descer, exalando toda sua beleza.

Dei alguns passos para ficar mais próxima da escada e ter uma boa visão da sala sem que eles me vissem.

— Robert, olha quem veio me fazer uma visita — anunciou Elsie assim que meu namorado passou pela porta e no mesmo instante, Celine se empertigou toda.

Por estar de costas para mim, não consegui ver a expressão dele, no entanto, deu para notar que foi contido ao cumprimentá-la. Em seguida, Robert também pediu licença e começou a seguir em direção ao escritório que ocupava.

— Ah, querido, eu convidei Celine para jantar, espero que não tenha problema — a megera disse e ele se virou novamente para ela, mas percebi que estava tenso.

Deus, a mulher estava cada vez mais atrevida.

— Obviamente que não, será um prazer tê-la conosco — respondeu ele, educadamente, como Elsie certamente sabia que faria, e lhes deu as costas.

Satisfeita, fui para o quarto de Charlotte, precisava lhe contar as novidades.

CAPÍTULO 35

Laura

— Eu não acredito que tive que me arrumar para jantar com a tia Elsie e a sem graça da Celine — Charlotte reclamou enquanto caminhávamos para fora de seu quarto.

Robert também pareceu incomodado quando chegou no quarto, mas nenhum de nós tocou no assunto. Tinha a impressão de que ele agiria como se ela fosse apenas uma convidada da tia e não a mulher com quem dançou com tanta intimidade no dia do baile.

— Vai ser rápido, meu amor, e você pode subir depois que comer.

Ela assentiu, mesmo contrariada, e descemos.

Enquanto me arrumava eu coloquei na cabeça que não faria nenhuma cena por causa da presença de Celine. Sabia que era exatamente isso que Elsie queria e não lhe daria esse gostinho.

Nós nos juntamos a eles na sala de jantar e Robert me recebeu com um beijo casto nos lábios e um carinho no rosto. Gostei de sua atitude e consegui relaxar um pouco.

Durante a refeição, Elsie tomou conta da conversa, sempre introduzindo um assunto e o direcionando a Robert e Celine.

A aristocrata parecia uma mulher inteligente e antenada, falou sobre política, contou algumas coisas a respeito da família real e por último sobre sua próxima viagem.

Eu fiz um comentário ou outro, mas Charlotte permaneceu calada e algo me dizia que ela podia sentir a tensão que emanava de Robert. Não que ele

parecesse interessado, estava apenas anormalmente nervoso.

Quando o jantar finalmente acabou e Celine foi embora, senti que todos pareceram aliviados. Exceto Elsie, claro, que lamentou enquanto se despedia.

— Tia? — Robert chamou quando ela nos deu boa noite e começou a subir as escadas.

— Pois não, querido.

— Na próxima vez que quiser receber alguma visita para o jantar, gostaria de ser avisado, não gosto de ser pego de surpresa.

Uau, adorei.

— Oh, meu querido, eu sinto muitíssimo, não tive a intensão de lhe chatear — falou, com toda a carga de drama que conseguiu reunir. — Mas pode ficar tranquilo que vou avisar.

Com isso ela subiu para seus aposentos deixando um silêncio mortal para trás.

Após a bronca do tio, Charlotte pareceu um pouco mais animada, mas como estava tarde, deu boa-noite e voltou para o quarto.

Quando ela sumiu, Robert foi até o bar e serviu uma dose de uísque.

— Acho que foi uma péssima ideia ter aceitado hospedar a tia Elsie. Tinha me esquecido de como ela é inconveniente em alguns momentos — falou após o primeiro gole e foi se sentar ao meu lado.

— Vamos pensar que já faz quase 30 dias que ela está aqui, isso quer dizer que em pouco mais um mês a reforma da casa dela acaba — comentei para ver se ele entrava no assunto.

— Pois é, não vejo a hora de isso acontecer.

— Já pensou que ela pode querer ficar mais tempo?

Ele me olhou com verdadeiro horror estampado no rosto e não pude deixar de rir.

— Com o sem reforma, tia Elsie vai embora no final de dois meses — afirmou. — Querendo ou não, ela acaba tirando nossa privacidade eu não aguento mais, quero que nossas vidas voltem ao normal.

Robert havia se acostumado tanto ao “nós” que parecia ter se esquecido de que, assim que tia voltasse para sua casa, eu também voltaria para a minha.

Em vez de lembrá-lo disso, *me* aconcheguei ao seu peito e ficamos conversando e trocando carinhos por mais de uma hora. Quando decidimos subir, pedi que ele fosse na frente. Eu não tinha comido muito e decidi preparar um chá para beber antes de dormir.

Enquanto a água fervia, repassei os últimos acontecimentos e fiz uma breve avaliação sobre minha convivência com Robert e concluí que se não fosse a presença de Elsie, nossa vida estaria perfeita.

* * *

O resto da semana foi dedicado aos detalhes da minha formatura, então deixei as loucuras da nossa hóspede de lado e foquei no meu grande dia.

No primeiro ano, ninguém da turma estava interessado em uma grande festa, todos acordaram que após receber o canudo poderíamos nos reunir na casa de alguém para comemorar. Contudo, um ano atrás, uma das alunas que era filha de um grande empresário da área de construção, disse que o pai fazia questão de oferecer um coquetel para sua turma.

Aquilo foi o máximo e desde então não se falava em outra coisa. Como eu só tinha a vovó, chamei apenas ela e minhas amigas mais próximas do escritório. Porém, os donos do escritório eram parceiros de negócios do empresário e por isso foram convidados. Além disso, outros funcionários que conheciam colegas meus, também compareceriam, isso queria dizer que haveria várias pessoas do

escritório lá.

Aquilo me deixava um pouco insegura, ainda era estranho estar em público com Robert, especialmente na frente de pessoas que me ainda olhavam torto.

Sim, os comentários haviam se acalmado, mas sempre que podia Ruby me dava uma alfinetada, como se o fato de eu namorar um homem como Robert Collins fosse mais grave do que ela ser amante de um dos sócios.

Era muita cara de pau.

Graças a Deus vovó estava fazendo os últimos ajustes no meu vestido e ele ficaria perfeito, então, quanto a isso, eu não precisaria me preocupar.

— Filha, como estão as coisas com a hóspede de vocês? — ela quis saber.

— Ela é a pessoa mais sem noção que eu conheço. Robert fica grande parte do dia fora e quando ele está para chegar, ela se tranca no quarto. Acho que está fazendo isso para que ele se "esqueça" dela, de preferência, indefinidamente, para que não precise mais voltar ao mausoléu onde mora.

— E você vai deixar?

— Bom, não sou eu quem tem que deixar ou não, o dono da casa é o Robert.

— Só que ele não tem ideia do que a tia apronta. É o típico "Quando os gatos saem os ratos fazem a festa" — apontou vovó e nós duas rimos.

— Exatamente isso. Eu morro de raiva, mas não me acho no direito de me meter num assunto de família.

— Mas, Lala, o problema não envolve apenas você — argumentou com sensatez.

— Eu sei. Os empregados não aguentam mais e a Charlotte não é mais a mesma. Mesmo Elsie segurando a língua para não dizer o que tem vontade, seu olhar de reprovação para tudo o que a garota faz é o suficiente para ela se recolher e eu estou ficando preocupada.

“E quando vou conversar a respeito de alguma coisa, a velha se desculpa com a cara mais dramática do mundo ou diz que foi mal interpretada, mas no outro dia está fazendo a mesma coisa. É o pior tipo de pessoa para lidar.

— Então está na hora de agir, querida. Os homens, no geral, já são alheios a coisas assim, imagine um homem ocupado como Robert. Se você não disser nada, as coisas tenderão a piorar.

— A senhora tem razão. Mas não vou fazer isso agora, deixa passar a formatura.

Vovó assentiu e mudamos de assunto.

Depois que ela marcou os últimos ajustes da minha roupa, eu segui para a mansão. Quando estava prestes a subir, ouvi vozes alteradas vindo da cozinha e fui até lá para presenciar uma discussão acalorada entre Oliver e Rosie.

— Quem você pensa que é para falar nesse tom comigo? — Rosie esbravejou.

— O que está acontecendo aqui? — perguntei e os dois se assustaram.

— Desculpe, Laura — Rosie disse, educada, embora estivesse vermelha de raiva.

Já Oliver levou um tempo para aliviar suas feições e responder:

— Apenas um desentendimento referente às coisas da casa. Nada com que a senhorita deva se preocupar — completou, mas percebi que nas entrelinhas estava dizendo: “nada que lhe interesse”.

Fiquei olhando para suas feições serenas, como se não estivesse acabado de gritar com sua colega de trabalho.

— Oliver, não é a primeira vez que te vejo alterado com Rosie. Você tem algum problema com ela?

— Obviamente que não, são apenas divergências sobre o serviço da casa.

— Certo, mas acho melhor você se controlar, não há justificativa para o

seu tratamento grosseiro.

Ele assentiu e olhou para Rosie.

— Peço desculpas pelo meu comportamento, isso não irá se repetir.

Em seguida ele pediu licença e saiu da cozinha.

— Você está bem, Rosie?

Ela assentiu e pegou um copo de água.

— Ainda bem que você chegou e viu tudo, porque se eu falasse para alguém, ninguém acreditaria que um homem tão educado e discreto pudesse ser assim.

Aquela não era a primeira vez que eu escutava uma discussão entre os dois, porém, simplesmente virei as costas e deixei que eles se resolvessem. E embora Rosie não falasse nada, eu sabia que havia algumas rusgas entre eles e estava convencida de que a culpa era de Oliver e que isso não melhoraria.

Claro que eu estava sendo totalmente tendenciosa, mas nada me tirava da cabeça que aquele mordomo não era nenhum santo e isso não tinha nada a ver com a animosidade que ele sentia por mim e nem ao fato de ele estar nervoso demais nas últimas semanas. Era mais um sentimento, intuição, sexto sentido ou qualquer uma dessas coisas.

Infelizmente eu não tinha autonomia para demiti-lo, mas se visse outra discussão como aquela, contaria a Robert e o convenceria a tomar uma atitude.

Depois de me certificar de que Rosie estava bem, eu subi para ver se Charlotte precisava de ajuda com os deveres. Quando terminamos, sugeri que escolhêssemos a roupa que ela usaria na minha colação de grau e ela ficou imediatamente animada. A perspectiva de sair de casa — sem a tia Elsie — para ir se divertir a deixava radiante.

Com isso resolvido, fui para a suíte esperar por Robert. Ele tinha avisado que ficaria até mais tarde no trabalho devido a uma reformulação administrativa que aconteceria em sua rede de bancos a qual queria cuidar pessoalmente.

Quando chegou, passava das 21h. Ele me deu um beijo e foi tomar banho. Ao voltar, o semblante preocupado que o acompanhava continuava lá e eu percebi que queria conversar.

— O que houve? — perguntei quando ele se juntou a mim na cama.

— Oliver pediu demissão.

— O quê? Quando?

— Ele estava esperando por mim e fiquei tão surpreso quanto você.

— Mas ele deu alguma justificativa?

Será que ele achou que eu iria falar com Robert a respeito da briga e resolveu se antecipar?

— Disse que está com problemas pessoais e não consegue se concentrar no trabalho. Eu tentei persuadi-lo a ficar, mas não teve jeito.

Eu sabia bem pouco da vida de Oliver, mas esse pedido de demissão repentino me parecia estranho. No entanto, o comportamento dele *era* esquisito, aquelas ligações, o destempero com Rosie... Eu não sentiria sua partida e tinha a impressão de que a energia da casa iria melhorar bastante.

— Oliver era um ótimo funcionário — falei com sinceridade, porque como profissional, ele realmente era ótimo —, mas acho que Rosie pode dar conta de tudo — completei.

Eu sabia o quanto Robert gostava de seu mordomo, então, fui sucinta nos meus comentários. Se ele era carta fora do baralho, não seria inteligente de minha parte chutar cachorro morto.

— Sim, eu pensei a mesma coisa — ele concordou.

Aninhei-me a ele e como acontecia sempre que nossos corpos se tocavam, acabamos fazendo amor. Uma ótima forma de aliviar a tensão.

Antes de pegar no sono ele ficou me olhando e mexendo nos meus cabelos de um jeito carinhoso, como se eu fosse a única parte boa daquele dia cheio de

problemas.

Eu estava tão apaixonada e me sentir querida e desejada daquela forma era muito mais do que eu poderia imaginar.

CAPÍTULO 36

Robert

O sábado chegou e junto com ele a euforia que precedia um grande marco, naquele caso, a formatura de Laura. Eu estava muito feliz por sua conquista e ela, mais ainda. Minha namorada não falava de outra coisa e eu a entendia, pois já tinha passado por aquilo há alguns anos e era especial para mim estar presente em um momento tão importante da vida dela.

— Tio, por favor, fale com a tia Elsie, não é justo termos que aturá-la até na formatura da Laura — Charlotte implorou enquanto esperávamos Laura descer.

Tia Elsie, para variar, acabou se convidando para a formatura e Laura deve ter aceitado por educação, pois era nítido que elas duas não tinham amizade suficiente para aquilo.

— Meu anjo, se Laura que é a formanda já concordou, quem somos nós para desconvidá-la?

Minha sobrinha suspirou e seus ombros caíram em desânimo.

Ela estava lindamente vestida com um modelo feito por Grace, com os cabelos cacheados e, se não estivesse enganado, um batom bem clarinho nos lábios.

— Esse vestido lindo não combina com esse mau-humor — comentei para puxar assunto.

— Só vai passar quando ela for embora — falou, atrevida, mas visivelmente triste.

Eu também não estava completamente à vontade com a presença de minha

tia, mas ela havia me apoiado muito nos momentos mais difíceis da minha vida, como a perda dos meus pais e depois a de Stacy e não seria justo de minha parte colocá-la para fora antes do tempo que ela me pediu apenas para agradar Charlotte. Sem contar que em algumas semanas sua reforma estaria finalizada e tudo voltaria ao normal.

Alguns minutos se passaram até que Grace e Laura finalmente apareceram no topo da escada.

Laura já estava com a beca de formatura, o que me impedia de ver o vestido que usava por baixo, seu rosto, no entanto, estava maquiado de forma leve e o cabelo, solto em ondas, como no dia do baile.

Como eu tinha sorte de ter a mulher mais linda que já conheci como namorada.

— Você está maravilhosa — falei ao me aproximar, tomando cuidado para não estragar sua produção.

— Obrigada, Robert. Ai, eu estou nervosa — admitiu estralando os dedos das mãos.

— E eu estou muito orgulhoso de você.

— Podemos ir — avisou tia Elsie quando começou a descer as escadas.

— Vamos? — perguntei e todos seguiram para fora.

Como não caberíamos todos em um carro só, acabei providenciando uma limusine, mesmo que isso significasse ter que ouvir as reclamações de minha tia o caminho todo.

— Robert, isso é um exagero — disse Laura quando viu o veículo estacionado em frente à mansão.

— Você merece — falei, beijando o topo de sua cabeça, e entramos.

Após todos se acomodarem, seguimos para a universidade, onde aconteceria a cerimônia de formatura. O coquetel seria oferecido em um salão de

festas próximo dali.

Eu estava com a cabeça cheia por causa da reformulação que decidi fazer, e a repentina demissão de Oliver apenas aumentou meu estresse. Como Laura dissera, ele era um ótimo funcionário que estava comigo há anos e seu pedido foi um baque. Mesmo assim, estava me esforçando para que Laura não percebesse que eu estava quase no limite. Nossa vida em casal era ótima, ela era muito mais do que imaginei, e não seria justo pesar seus ombros com meus problemas.

Assim que o motorista estacionou eu fui o primeiro a descer e enquanto elas saíam, havia uma chuva de olhares sobre nós.

Ao prestar atenção, percebi que se tratava de alguns colegas de trabalho de Laura. Acho que eles ainda não tinham se acostumado com a ideia de que estávamos namorando e sequer imaginavam que já estávamos morando juntos, sim, porque por mim, ela não voltaria mais para a casa da avó.

— Que plateia — Laura sussurrou quando percebeu que a atenção de seus colegas de trabalho estava sobre ela.

Apertei sua mão para lhe transmitir um pouco de força e seguimos para dentro.

Ao atravessarmos as portas Laura se separou de nós para se juntar aos outros formandos e eu fui procurar uma fileira onde houvesse quatro cadeiras vagas. Deixei que Grace e tia entrassem primeiro para que pudessem ficar juntas e me sentei ao lado de Charlotte.

Estava respondendo a uma pergunta de minha sobrinha quando avistei Ruby Foster e outras duas funcionárias da H&W me encarando. Elas estavam no conjunto de cadeiras a nossa esquerda e não disfarçavam os olhares.

Fiquei imaginando o que Laura não passava nas mãos daquelas bisbilhoteiras.

Quando a cerimônia começou, eu me concentrei em Laura e no quanto ela deveria estar emocionada por aquela conquista. Mais uma fase de sua vida

estava se encerrando e eu a admirava profundamente por ser tão talentosa e dedicada.

— Laura Hunt! — Seu nome finalmente foi anunciado e todos aplaudimos quando ela subiu ao palco.

— Ela está tão linda — disse Charlotte, ao ver sua Laura com o capelo na cabeça.

— Está, sim, meu amor.

Após receber os devidos cumprimentos, minha namorada olhou para onde estávamos e jogou um beijo no ar, fazendo Charlotte acenar animadamente.

Já Grace estava claramente emocionada por ver a neta realizando um sonho. A única que parecia alheia àquele momento era tia Elsie e sua atitude apenas me fez questionar por que havia insistido em ir.

Depois da cerimônia esperei pacientemente que Laura comemorasse com seus colegas de sala e de trabalho, só então me aproximei.

— Robert, estava procurando por você. — Àquela altura Laura já tinha tirado seu traje de formanda e pude ver o lindo vestido que Grace havia feito para ela.

O modelo era extremamente elegante, de tecido leve num tom esverdeado que combinava com seus olhos.

Minha namorada parecia um anjo, o meu anjo.

— Parabéns, linda — falei e dei um beijo leve em seus lábios.

— Eu estou tão feliz — declarou, emocionada, e me abraçou novamente.

— Você merece tudo o que está acontecendo em sua vida.

Laura assentiu e se abaixou para ficar na altura de Charlotte. A garotinha, que não se aguentava parada de tanta animação, enlaçou seu pescoço e recebeu dela o mesmo entusiasmo. Depois foi a vez de Grace que abraçou a neta demoradamente sem se importar com as lágrimas que desciam por seu rosto.

Quando elas se soltaram, vi que Laura também chorava e lhe ofereci um lenço.

Ao olhar ao redor, vi que minha tia estava longe, falando ao telefone. Melhor assim, pensei, sabendo que Laura não fazia questão de receber seus cumprimentos.

Depois que ela estava liberada, fomos para o salão de festas que já estava cheio.

— Quantos anos faz que a tia Elsie não come? — Charlotte perguntou após ver que a tia-avó não saía do lado da mesa de doces e canapés.

Aquilo nos arrancou uma grande gargalhada e um beijo de Laura, ela amava sua desenvoltura.

— Pare de ser bisbilhoteira — ela fingiu brigar e Charlotte deu de ombros.

Nas três horas que permanecemos no coquetel eu conversei com o reitor e alguns figurões da área de construção que haviam sido convidados.

— Está na hora de roubar a formanda — brinquei quando nos despedimos de Preston West e sua esposa, que estavam indo embora.

— Como assim roubar a formanda?

— Lembra da surpresa que eu estava preparando?

— Sim! — respondeu, desconfiada.

— Bem, está na hora.

— E o que vamos fazer, exatamente.

— Vamos viajar.

Laura me encarou, radiante, mas logo seu rosto foi tomado por angústia.

— E a Charlotte?

Eu adorava o cuidado que ela tinha por minha sobrinha. O amor que demonstrava me dava cada vez mais certeza de que tinha feito a escolha certa.

— Grace ficará com ela lá em casa. Nós já conversamos e acertamos tudo.

Laura sorriu, aliviada.

— Para onde vamos e quando retornaremos? Eu preciso trabalhar, principalmente se quiser que a empresa me efetive.

— A única coisa que você precisa saber é que segunda-feira é feriado e terça você pode chegar após o meio-dia no trabalho.

Eu sabia como Laura era responsável, então tratei de fazer tudo dentro dos conformes para que ela não ficasse preocupada.

Voltamos para a mansão e arrumamos uma pequena mala.

— Vou sentir sua falta — disse Charlotte, um pouco chorosa.

— Eu também, meu amor, mas vai passar rápido e logo estaremos de volta.

Ela permaneceu com a mesma carinha tristonha, e só se animou quando Grace chegou carregando suas coisas. Feliz, ela foi mostrar o quarto que a bisa, como ela chamava a doce senhora, ocuparia.

Enquanto eu colocava as malas no carro e Laura se despedia delas duas, o chefe da segurança se aproximou e disse:

— Sr. Collins, nós já havíamos conversado a respeito de uma pane que ocorreu 10 dias atrás. Bom, agora estamos com problemas no servidor e no circuito de câmeras. Os técnicos já vieram analisar, mas não acharam nada nos cabos referentes e acreditam que o problema possa estar na fiação.

Eu prezava muito pela segurança da minha propriedade, mas aquele era um péssimo momento para aquilo, então lhe dei autorização para que resolvesse tudo.

— Chame um eletricista, providencie a troca dos equipamentos, se for o caso, mas resolva isso o mais rápido possível — ordenei.

— Sim, senhor, vou fazer isso imediatamente.

Com um aceno de despedida eu me juntei a Laura no Rols Royce e seguimos para o hangar. Assim que desceu do carro ela estacou e ficou admirando as aeronaves.

— Você tem um jato particular? — perguntou, surpresa.

— Na verdade, tenho mais de um.

— E para que tudo isso?

Sorri de sua curiosidade.

— Um helicóptero e um jato são para uso exclusivos meu e as outras aeronaves para uso dos executivos do banco.

— Nossa!

Laura não era do tipo que ficava perguntando sobre os bens que eu possuía e pelo visto não pesquisava muito sobre minha vida, do contrário não teria ficado tão surpresa com tudo que eu possuía.

Os Collins vinham de uma linhagem de banqueiros muito ricos na Inglaterra e, antes de mim, meu pai foi o diretor que teve mais êxito em aumentar nossos lucros.

Pensar nisso me fez lembrar da minha irmã e sua indignação por não ter conseguido uma fatia maior do nosso patrimônio.

O problema era que Kate sempre fora rebelde, ela desafiava meu pai desde pequena e quando se tornou adolescente, a coisa piorou muito e a única que a defendia e tentava colocá-la no caminho certo era minha mãe, mas nunca adiantou, a garota era naturalmente desordeira e provocativa.

Eu desconfiava de que ela tinha um pouco de inveja de mim, por que ainda que meus pais a tratassem muito bem, não havia muita intimidade, simplesmente porque ela não dava abertura. O fato de ser adotada talvez agravasse seu comportamento... ou talvez ela simplesmente não se encaixasse em nossa família.

Tudo aquilo chateou muito meu pai e por pouco ele não a deserdou. Em um último momento e a pedido de minha mãe ele acabou cedendo e deixou algumas coisas para ela em seu testamento.

Só que não foi o suficiente para Kate, quanto mais ela tinha mais gastava e em pouco tempo não havia sobrado nada, restando a mim começar a lhe dar uma espécie de pensão para que não passasse fome.

Voltei minha atenção para Laura, que estava maravilhada com o interior do jato.

Aquela seria a primeira viagem de muitas que faríamos juntos e eu queria que tudo fosse perfeito.

CAPÍTULO 37

Laura

Robert não revelou nosso destino, mas logo desconfiei que estávamos indo para a Itália. Em uma de nossas conversas comentei que era o primeiro lugar que desejava visitar depois que estivesse ganhando dinheiro, pois achava a arquitetura dali fascinante.

E eu estava certa.

— Eu amei a surpresa!

— Eu sabia que iria gostar.

O jato pousou em um hangar particular e de lá seguimos de carro por mais de meia hora até que a cidade foi ficando para trás. Quando perguntei, Robert disse que estávamos indo para a Toscana, onde as paisagens eram de tirar o fôlego.

O motorista nos deixou em frente a uma casa de pedra, ela era antiga e ficava no topo de uma colina, de onde tínhamos o privilégio de enxergar todas as vilas e vinhedos que estavam um nível abaixo.

— Como é o nome desse lugar? — perguntei, maravilhada.

— Montepulciano — respondeu e foi levando nossas malas para dentro.

Robert abriu a pesada porta de madeira e quando passei por ela fiquei ainda mais encantada. Havia uma sala enorme e muito bem decorada. A maioria das coisas estava em desacordo com o lado de fora daquela fortaleza, mas de uma maneira estranha combinava.

Caminhei, curiosa, pelos cômodos e logo vi uma cozinha integrada com uma das salas. Também vi uma piscina de tamanho médio com borda infinita

que parecia desaguar na linda paisagem. Em volta dela havia borgonhas de todas as cores e trepadeiras que se entrelaçavam e subiam pelas paredes de pedras num desenho sinuoso.

Nem precisa dizer que eu estava nas nuvens com toda aquela beleza ao meu redor.

— Uau, você não brinca na hora de fazer uma surpresa, hein — falei quando ele se aproximou.

— Talvez você preferisse Florença, que tem mais pontos turísticos, mas poderemos fazer isso em uma próxima viagem. Esse fim de semana será exclusivamente para te manter prisioneira.

Soltei uma gargalhada e concordei com a cabeça, imensamente feliz.

Robert subiu para tomar banho, já eu fiquei bisbilhotando a casa. Depois que ele desceu, resolvi subir para me banhar também.

A suíte em que ficaríamos pelos próximos três dias seguia a mesma decoração do restante da casa, uma mistura de coisas antigas e contemporâneas, que deixavam aquele lugar com um charme especial.

Quando eu entrei no banheiro fiquei embasbacada. Eles mantiveram as duas paredes de pedra, que deveriam ser da época medieval, e colocaram um piso moderno além de bancadas de mármore e vidros do boxe com pegadores em dourado. O restante da decoração era branco e dourado, que contrastava muitíssimo bem com a parede rústica.

Após colocar um vestido florido e soltinho, que achei que combinava muito com aquele lugar, eu desci e encontrei Robert na área da piscina.

Ele já tinha preparado uma tábua de frios para nós e estava prestes a abrir uma garrafa de vinho.

— De onde surgiu tudo isso? — perguntei, roubando um pedaço de queijo.

— Comigo é serviço completo — ele riu. — Pedi que deixassem a dispensa e a geladeira recheadas para que não precisássemos nos incomodar com

isso — explicou, *me* estendendo uma taça de vinho.

Belisquei algumas coisas da tábua de frios e depois nos sentamos para ver um magnifico pôr do sol.

Era diferente estar com Robert longe da mansão e do nosso contexto de trabalho. Fiquei pensando no quão longe tínhamos chegado em tão pouco tempo e adorei ver Robert tão à vontade, falando abertamente comigo sobre vários assuntos, inclusive sua falecida esposa.

— Meu relacionamento com Stacy era exatamente o oposto do que temos. Ela era bipolar e me enlouquecia com sua personalidade volúvel... Meu Deus, aconteceram coisas que eu não gosto nem de pensar. Ainda assim eu a amei muito, fiz de tudo para que desse certo, mas não era para ser.

Pelas fotos que vi dos dois, coloquei em minha cabeça que aquele casamento era um autêntico conto de fadas.

Como a gente se engana.

— No último ano, antes de sua morte, o comportamento de Stacy era tão inconstante que não parecia a mesma pessoa com quem me casei e por mais que eu tentasse reverter as coisas, aquilo começou a nos desgastar como indivíduos e casal.

Eu realmente não sabia o que falar, nunca imaginei que a Stacy pudesse tê-lo feito infeliz. Era muito mais fácil pintá-la com uma socialite sortuda por ter se casado com ele, do que como uma mulher doente.

— Estou surpresa. Sinto muito — acrescentei baixinho.

— Não sinta. Mesmo com seu jeito difícil nós fomos felizes — garantiu, e só então percebi que sua mão estava acariciando meu braço com suavidade. — Desde que ela se foi eu conheci várias mulheres, tive casos passageiros, mas nunca mais senti uma felicidade verdadeira, pelo menos até conhecer você.

Só eu sabia o quanto escutar aquele tipo de coisa me deixava eufórica por dentro.

Robert era um dos homens mais gentis, charmosos, sedutores e ainda por cima era meu namorado.

— Eu fiquei babando desde o primeiro dia em que te vi, mas foi só você abrir a boca para fazer meus sonhos virarem pesadelo. Deus, que ogro!

Robert gargalhou com o meu comentário.

— Agora eu posso confessar que estava te observando há um bom tempo, também posso dizer que te achei a coisa mais linda e muito curiosa também, foi aí que me lembrei de que não gostava que bisbilhotassem a minha casa, principalmente as obras de arte que ficavam na área íntima — explicou, me apertando nos braços e me beijando.

— Saiba que foi torturante, para mim, aguentar sua beleza e mau humor pelos corredores daquela casa.

Ele balançou a cabeça e ficou me olhando.

— Acho que eu a quis desde a primeira semana, mas fui me apaixonando aos poucos, conforme íamos nos conhecendo. Você era diferente das mulheres com quem costumava interagir e a última coisa que eu queria era te magoar, mas foi exatamente o que eu fiz.

Eu o beijei, não queria me lembrar do dia da nossa conversa ou do quanto aquilo me afetou e não queria que ele se torturasse com algo que não podia ser mudado.

Quando me afastei, ele tinha entendido meu recado e começou a falar de outros assuntos, o que acabou chegando ao Oliver. Segundo ele, o mordomo trabalhava em sua casa há alguns anos e desde então fora exemplar.

A forma como Robert falava a respeito de Oliver apenas provava que Rosie estava certa sobre as coisas que me falou acerca dele. Para o meu namorado seria inconcebível que aquele ser tão perfeito destratasse seus colegas de trabalho.

Guardei minhas convicções para mim, afinal, Oliver não fazia mais parte

das nossas vidas e doeria menos a Robert se não descobrisse que estivera equivocado.

— Mas agora chega de falar de outras pessoas, nós viemos para esse paraíso com o intuito de ficarmos juntos e eu vou aproveitar cada minuto que puder — declarou, *me* pegando no colo e me levando para dentro de casa.

Eu sabia exatamente o que iria acontecer e estava ansiosa por isso.

CAPÍTULO 38

Laura

Na manhã seguinte eu despertei antes de Robert, joguei um robe de seda para cobrir minha nudez e desci para preparar nosso café da manhã.

Meu namorado era um legítimo britânico e gostava de tomar chá todas as manhãs (ou a qualquer hora do dia), então tomei o cuidado de levar uma caixa do seu sabor preferido.

Enquanto arrumava uma pequena mesa na nossa varanda, acompanhei os raios de sol que despontavam no céu e iluminavam o vale abaixo, cheio de vinhedos, vinícolas e casas antigas.

— Aí está você — disse ele e eu me virei.

Robert tinha acabado de sair do banho e ainda estava com os cabelos úmidos e uma tolha em volta da cintura.

— Não era para eu te desejar tanto assim depois de tudo que fizemos ontem — comentei, indo ao seu encontro, e ele sorriu.

Eu amava como toda a civilidade do Sr. Collins ia para o espaço sempre que estávamos entre quatro paredes.

Era diferente ter tanta intimidade com alguém como ele.

— Se continuar me olhando assim vamos começar tudo de novo... — alertou.

Envolvi meus braços atrás de seu pescoço e o abracei, sentindo que ele já estava excitado.

— Pelo visto, tem alguém pronto aí embaixo.

— Para você, sempre!

Nós nos beijamos sem pressa, enquanto eu deslizava a mão até a toalha que envolvia seu corpo e a jogava para longe.

— Nossa, ele está tão duro — falei, massageando seu pau já completamente pronto para mim.

Robert roubou minha respiração com beijos urgentes e mãos que desciam e subiam por dentro do meu robe, até que a peça voou também longe.

Mordisquei seu lábio inferior e lhe dei um sorriso safado antes de descer por seu peitoral, deixando beijos e lambidas com movimentos calmos e cheios de provocação.

Quando fiquei de joelhos o encarei no fundo dos olhos e passei a língua pelos lábios antes de encarar seu membro, que pulsava em minhas mãos. Ele ofegou quando circulei a cabeça de um jeito despretensioso, sabendo que o torturava.

Eu estava molhada, louca para ser possuída, mas também ansiava para ter um pouco de controle, ao menos naquele momento, pois sabia que, quando ele colocasse as mãos em mim, eu estaria perdida.

Comecei com leves lambidas, lubrificando seu comprimento, deixando-o bem molhado para que eu pudesse deslizar minha boca com mais facilidade. Robert ofegou e até xingou quando eu o tomei mais fundo pela primeira vez.

Era difícil respirar com aquele pau todo dentro da boca, indo e vindo, chegando até a minha garganta, mas a sensação de vê-lo perdendo o controle me incentivava a continuar.

— Venha aqui, Laura...

Fiz que não com a cabeça, como ele ainda em minha boca, e o suguei com mais força.

Fiquei o torturando o máximo que pude, mas, antes que pudesse finalizar, ele se afastou e me levantou do chão.

— Preciso entrar em você ou vou enlouquecer de desejo — admitiu com a voz totalmente rouca e me levou para a sala.

Antes de chegarmos ao sofá, tropeçamos em nossa própria confusão e fomos parar no tapete.

— Eu sou um desastre — falei enquanto ele arrastava a boca entre os meus seios.

— Um delicioso desastre — completou e entrou em mim.

A sensação de tê-lo tão fundo era enlouquecedora e minhas mãos agarraram a pele de suas costas sem me preocupar com as minhas, que estavam sendo pressionadas contra o tapete.

Enquanto nos amávamos no chão da sala, os raios de sol invadiam o cômodo junto com o canto dos pássaros que circulavam a casa.

Aquilo era o paraíso e Robert Collins era o meu céu na terra.

* * *

Após tomar banho e nos vestir, saímos pelas ruelas da vila onde a casa era situada. As ruas de pedras eram estreitas e charmosas, com mesas e cadeiras nas calçadas em frente aos cafés e restaurantes.

Robert me contou curiosidades do lugar e me levou para conhecer seus pontos turísticos favoritos, onde fizemos muitas fotos e vídeos. Depois ele me levou a uma pequena vinícola que fazia vinhos artesanais.

Fiquei tentada a perguntar se ele havia conhecido aquele lugar com Stacy, mas logo tratei de mudar os rumos dos meus pensamentos. Aquilo não era relevante; Robert estava ali comigo e ela já não estava entre nós. Com isso acertado em minha mente, decidi fazer com que o meu namorado tivesse novas

lembranças nas viagens que fizéssemos juntos.

— Está gostando? — ele perguntou quando terminamos de almoçar em um restaurante pitoresco que havia na vinícola mesmo.

— Estou amando.

Ele sorriu e acariciou a minha mão por cima da mesa.

Era diferente namorar um homem alguns anos mais velho do que eu, não que a diferença fosse muita, mas a experiência de Robert me dava certa segurança. Sem contar que nossos gostos combinavam bastante. Isso ficava claro em nossas conversas sobre arte, música e lugares que gostaríamos de conhecer.

Eu sempre me senti uma alma velha presa no corpo de uma jovem de vinte quatro anos, mas tinha passado a entender que não era um defeito, Deus apenas estava me preparando para alguém que se encaixasse perfeitamente comigo.

No meio da tarde fomos ao mirante que havia na vinícola e ficamos admirando a paisagem enquanto degustávamos alguns vinhos.

Aproveitei o momento em que Robert se afastou para falar com o dono da vinícola e liguei para vovó Grace; queria saber como estavam as coisas em Londres.

— *Querida, a tia do seu namorado é muito pior do que imaginei. Que senhora desagradável* — disse vovó, desgostosa.

— O que ela aprontou agora?

— Na verdade, mais do mesmo. Enlouquecendo os empregados e recebendo visitas.

— Que visitas?

— Ontem ela recebeu uma amiga para o jantar e hoje pediu para providenciar um chá para algumas amigas. Rosie está enlouquecendo.

Balancei a cabeça e suspirei em cansaço ao ver que Elsie fez pouco caso do pedido de Robert de não receber visitas sem avisá-lo.

Conversei com a vovó por mais alguns minutos. Ela disse que, fora isso, estava tudo em perfeita ordem e que Charlotte não dava trabalho nenhum.

Pensei em comentar com Robert a respeito de sua tia, mas depois achei melhor esperar para falar tudo quando voltássemos; não queria gorar nossa viagem com problemas que poderiam ser resolvidos mais tarde.

No final do dia, quando voltamos para casa, tomamos banho de piscina e ainda bebemos mais algumas taças de vinho. Eu estava leve e feliz, até ver o celular de Robert tocar e o nome de Celine aparecer na tela.

Não precisei bisbilhotar, pois de onde eu estava conseguia ver o nome dela com nitidez.

Ela ligou três vezes e ele ignorou todas as chamadas.

Porém, em vez de acalmar, sua atitude me chateou mais do que se ele a tivesse atendido.

Tentei disfarçar meu desconforto, mas o álcool que eu havia consumido não ajudou muito.

Quando ele disse que iria ligar para Charlotte, eu disse que iria tomar um banho e entrei.

— Ei, o que foi? — ele perguntou quando saí do banheiro, um tempo depois.

Quando não respondi, ele insistiu.

— Nós combinamos que não haveria segredos entre nós, certo? — disse ele, levantando meu queixo.

— Eu vi as ligações de Celine no seu celular. Vi também como vocês dançaram no baile. Vi como ela ficou olhando para você naquele maldito jantar. Devo ficar preocupada?

Robert me encarou em silêncio, depois me pegou pela mão e me levou até a varanda.

— Vamos lá. Eu já fiquei algumas vezes com Celine, mas nós nunca tivemos nada sério, apenas encontros passageiros e esporádicos.

Então meu sexto sentido estava certo.

— E por que uma mulher que já ficou com você no passado e sabe que você está namorando ficaria te ligando?

— Eu não sei o que ela queria e nem me interessa. A única mulher que tem a minha atenção é você — disse ele em tom gentil e eu comecei a derreter.

— Desculpe se estou parecendo insegura, mas, sei lá...

— Eu também não ficaria confortável se visse ligações de outro homem no seu celular. Mas o que você precisa saber é que eu não traio, Laura. Celine pode desejar o que quiser, pode achar, com sua visão distorcida e mimada, que eu lhe pertenço, mas no que se refere a mim, o que vai prevalecer é o meu desejo e nele, ela não está incluída.

Sorri, bem mais tranquila, e o abracei.

Naquele momento senti vontade de falar o quanto o amava, mas me segurei. Quem sabe até o final da viagem eu criasse coragem para falar aquilo que meus olhos e, principalmente, o coração não conseguiam mais esconder?

CAPÍTULO 39

Robert

A última coisa que imaginei que pudesse acontecer em nossa viagem era que Celine ficasse me ligando insistentemente. Já não bastava ter aparecido aquele dia para visitar tia Elsie, agora mais essa. Tudo o que podia pensar era que ela devia estar achando que meu namoro com Laura não duraria e que suas ligações aceleraria o processo.

Mesmo sendo uma mulher desprendida no que se referia relacionamentos, eu sentia que, no fundo, ela tinha esperanças de que alguma hora eu tornasse as coisas mais sérias entre nós.

Mas não poderia estar mais enganada.

Demorou para que Laura e eu ficássemos juntos e não seria um caso do passado que atrapalharia o meu namoro.

Ainda assim nossos dias na Itália foram maravilhosos, cheios de amor, sorrisos e lembranças inesquecíveis. Tanto que eu já estava animado para programar a próxima viagem.

— Estou morrendo de saudade da Charlotte — disse Laura quando ultrapassamos os portões da mansão.

Eu também senti falta daquela tagarela. Mesmo ligando para ela todos os dias, desde que foi morar comigo eu me sentia muito mais pai do que tio, então foi difícil deixá-la para fazer uma viagem a dois, mesmo sabendo que estaria em ótimas mãos.

— Aquilo é um carro de polícia? — Laura questionou chamando a minha atenção.

No mesmo instante fiquei preocupado, com receio de que algo ruim pudesse ter acontecido.

Balbuciei algo em resposta e saltei do carro antes mesmo de ele estacionar, com Laura logo atrás.

Quando passei pela porta, encontrei meus funcionários na sala e Spencer, o chefe da segurança, conversando com dois policiais.

Um alívio enorme me atingiu ao ver Charlotte, aparentemente ilesa, descendo as escadas.

— Tio Robert, Laura, que bom que chegaram! — Ela correu e abraçou a nós dois ao mesmo tempo.

— Está tudo bem com você? — perguntei e ela assentiu.

Então me virei para Spencer e questionei:

— O que aconteceu aqui?

Todos me olharam, apreensivos.

— Sr. Collins, eu liguei insistentemente para o seu celular, mas não consegui contato.

— Fiquei sem bateria no celular, mas o que aconteceu, por que a polícia está aqui?

— Aparentemente houve um roubo, senhor.

— Roubo? Como pode uma casa lotada de seguranças ter sido roubada!

Spencer pigarreou, abertamente sem graça, e explicou:

— Eu não sei, senhor, estava de folga ontem, e quando cheguei, fui informado de que algumas de suas obras de arte haviam sido levadas.

Respirei fundo para não explodir como desejava muito fazer.

— Mas a verdade é que não dá para saber quando isso ocorreu — ele continuou —, visto que, devido ao fim de semana e ao feriado, ninguém entrou no cômodo para fazer a limpeza, até hoje de manhã.

Engoli em seco e passei os olhos pela sala. Conforme meu olhar varria os rostos já tão conhecidos, senti meus funcionários se encolherem. Eles estavam com medo, mas isso não significava que fossem culpados, e eu não estava acusando ninguém, mas certamente o fato de esse roubo ter acontecido justamente quando eu estava ausente, era coincidência demais.

— As câmeras devem ter capturado alguma coisa — falei, olhando para ele, que engoliu em seco.

— O senhor ordenou que fizéssemos a troca dos equipamentos que estavam com defeito, então não temos muitas imagens do fim de semana, pois o circuito de câmeras ficou desligado enquanto a troca era feita. Tudo o que posso dizer é que não entrou ou saiu nenhum carro sem autorização.

Trincando os dentes, virei as costas e segui para a sala onde as obras de arte ficavam expostas. Lá chegando, constatei que apenas os quadros e objetos menores e mais valiosos haviam sido levados, o que foi muito esperto da parte do desgraçado que havia feito aquilo.

O que ninguém além de mim sabia, era que a maioria dos quadros e as peças da dinastia Ming que foram levados eram falsos. Cópias muito bem feitas por um falsificador “renomado”, mas nada além disso. Os verdadeiros estavam muito bem guardados ali mesmo naquela casa, em um local que apenas meus pais e eu conhecíamos.

Isso aliviava um pouco o peso do que aconteceu, mas não a raiva e enquanto caminhava pelo cômodo vendo o que havia restado, comecei a pensar em quem poderia ter feito aquilo, quem conhecia nossa rotina e sabia que eu não estaria ali, mas não cheguei a nenhuma conclusão.

A verdade era que eu estava nervoso e não queria levantar hipóteses precipitadas, por isso voltei à sala, pedi que Spencer e os investigadores me seguissem até meu escritório e lhes passei todas as informações, inclusive que muito do que havia sido roupado eram cópias.

Spencer ficou tão aliviado, que achei que ele fosse desabar. Mas eu o entendia, mesmo que estivesse de folga, a segurança da minha casa era responsabilidade dele e ver um roubo acontecer embaixo do seu nariz era desalentador, para dizer o mínimo.

Depois de lhes dizer isso, repassei uma lista de tudo o que era legítimo com uma estimativa dos valores e mesmo tirando as falsificações, o roubo havia sido milionário.

Com isso acertado, foi a vez de me perguntarem a respeito dos empregados. Mas o que eu poderia dizer? Todos que começavam a trabalhar comigo eram devidamente checados, mas isso, infelizmente, não era uma garantia.

— Robert, isso é terrível. Nunca imaginei que alguém pudesse roubar alguma coisa dessa casa — disse Laura quando a encontrei na sala.

Ela estava muito abalada e decidi que quando estivéssemos a sós eu lhe contaria a respeito das falsificações.

— Pois é — respondi.

— É também uma loucura, quer dizer, esse tipo de coisa não é fácil de vender.

— Acredito que esse roubo foi muito bem pensado, isso quer dizer que o responsável já deve ter um comprador no mercado negro.

— Oh, Deus, é verdade. Que droga! — disse ela, inconformada.

Depois que Spencer e os policiais terminaram de interrogar meus empregados, eles voltaram a se aproximar.

— Pela quantidade de peças que foram levadas, e principalmente pela delicadeza de algumas delas, acreditamos que os bandidos usaram uma van ou um caminhão de pequeno porte para transportá-las. Seria preciso caixas acolchoadas entre outras coisas para não correrem o risco de que algo se quebrasse ou arranhasse. Fora isso, eles teriam que fazer mais de uma viagem,

mas não acredito que tenha sido o caso, seria arriscado demais.

O comentário do policial fazia muito sentido e serviu apenas para colocar outra pulga atrás da minha orelha.

— Os únicos caminhões ou vans que entram e saem da propriedade são os dos responsáveis pela na obra. No sábado um pequeno caminhão veio pegar alguns entulhos — Tia Elsie pontuou.

Só então, percebi que ela estava sentada em uma poltrona no canto da sala.

Laura se empertigou ao meu lado e falou de forma desafiadora:

— Eu nunca tive problema com nenhuma equipe que prestou serviços para o escritório. Além disso, essa não é primeira casa cheia de coisas valiosas em que eles trabalham.

— Nós vamos conversar com todas as pessoas que prestaram serviço durante essa semana e já avisamos a central sobre o roubo — um dos oficiais avisou e eu apenas assenti.

O clima na sala era de velório. Todos perceberam o quanto aquilo havia me abalado e deviam saber que eu não iria descansar até encontrar os culpados.

Deixei os policiais conversando com Spencer e subi com Charlotte, enquanto Laura foi levar a avó para casa para depois ir trabalhar.

Aproveitei que ela não estava e liguei para um detetive que já havia prestado alguns serviço para mim.

Jeff Bates era um policial aposentado que resolvera ocupar seu tempo com investigação particular. Ele tinha um modo de pensar muito peculiar, analítico e geralmente certeiro, tanto que a própria polícia o chamava quando havia casos mais complicados para resolver. Seu filho, Carl, um gigante de quase dois metros de altura, também havia ingressado na corporação e até onde eu sabia, era tão esperto quanto o pai e sempre estava disposto a ajudar o pai, usando inclusive o sistema da polícia para encontrar coisas que seriam um pouco difíceis para meros civis como eu.

Foi por isso que eu o chamei, Se alguém poderia achar os culpados, com toda certeza, era ele.

Em alguns minutos eu expliquei tudo o que havia acontecido e respondi às várias perguntas sem fundamento que ele fez, mas que faziam parte do seu trabalho.

Segundo me disse, mesmo que fossem negociar as peças no mercado negro, não seria imediatamente e isso lhe dava esperança de quem sabe, encontrar ao menos algumas delas.

Eu contava com isso, aliás, contava com sua competência para que recuperasse cada objeto que fora roubado e, mais importante, pegar quem teve a audácia de entrar em minha casa e subtrair coisas tão importantes para mim.

Depois de confirmar que o encontraria no dia seguinte, fui até a sala de segurança para conversar com Spencer. Queria entender exatamente o que havia acontecido com meu sistema de segurança, já que era coincidência demais que tudo tivesse ocorrido naquele maldito fim de semana.

Spencer estava em reunião com os seguranças e todos ficaram em silêncio quando eu entrei. Conversei com eles em tom amigável, fiz perguntas pertinentes e avaliei suas reações. Aqueles homens trabalhavam comigo há anos e grande parte deles nem deveria saber que eu tinha um verdadeiro tesouro dentro de casa, escondido ou não.

Até então, eu havia confiado inteiramente neles, tanto que ainda deixei peças valiosíssimas expostas naquela sala. Não para me exibir, mas porque eu realmente apreciava tocar meu piano cercado por tantas coisas bonitas e adorava que outras pessoas as apreciassem também.

Mas, pelo visto, havia cometido um grande erro.

No final do dia eu estava mentalmente exausto de tanto pensar em quem fizera aquilo e como havia acontecido.

Quando finalmente entrei em meu quarto, encontrei Laura.

— E aí? — perguntou quando me viu.

Ela estava pronta para dormir, enquanto eu ainda usava a roupa da viagem.

— Nada, mas com sorte o detetive que contratei vai descobrir quem foram os culpados.

— Olha, eu sei que Elsie insinuou que o pessoal da reforma possa estar envolvido, mas aqueles homens nunca tiveram acesso àquela parte da casa e jamais roubariam algo daqui.

Eu sabia que Laura iria defender seus funcionários, mas naquele momento eu não poderia deixar de considerar ninguém.

— Eu sei que você os conhece, eu também conheço meus funcionários e custo a acreditar que eles possam ter alguma coisa a ver com isso, mas até que se prove o contrário, todos eles são suspeitos e serão interrogados.

— Ok — disse simplesmente e foi se deitar, de costas para onde eu dormia.

Fiquei parado no meio do quarto, avaliando a minha triste situação.

Após ter passado três dias maravilhosos ao lado da mulher por quem estava apaixonado, o mundo simplesmente desabou sobre a minha cabeça e eu não tinha ideia do que iria acontecer até eu conseguir resolver tudo isso.

CAPÍTULO 40

Laura

UMA SEMANA DEPOIS

O furto das obras de arte de Robert tinha deixado uma nuvem negra sobre o nosso relacionamento e também sobre a casa, que já estava um caos por causa da obra e da visita de Elsie.

Na segunda-feira, o detetive que Robert contratou para cuidar do caso apareceu e eles se trancaram em seu escritório. Quando saiu, ele foi interrogar os funcionários tanto da casa quanto da obra. Ninguém escapou. Inclusive eu, que tive que lhe dizer minhas impressões relativas aos funcionários nos últimos dias.

— Laura, eu sei que é uma situação difícil, mas meus homens são honestos e acostumados a trabalhar com pessoas do nível de Robert Collins. Meu encarregado vistoria de tudo que entra e sai das obras e lhe garanto que ele jamais deixaria que alguém levasse alguma coisa que não nos pertence — explicou Jake.

Eu sabia que ele estava falando a verdade, sua empresa estava tão acostumada a trabalhar com clientes abastados, que eles tomavam várias precauções para que nenhum imprevisto acontecesse.

— Eu sei, Jake, mas com sorte logo esse detetive vai descobrir quem está por trás disso.

Ele se despediu e eu fui ao escritório de Robert.

Desde aquele primeiro dia o clima entre nós estava pesado e achei por bem

conversarmos antes que as coisas piorassem. Mesmo morando e dormindo juntos, havia uma barreira invisível entre nós e levando em conta o nível de estresse em que Robert se encontrava, caberia a mim remediar essa situação.

— Posso entrar? — perguntei, colocando metade do corpo para dentro.

Por causa das investigações ele decidiu trabalhar de casa naquela semana, mas eu só o via na hora das refeições e na hora de dormir, isso quando ele subia antes de eu adormecer.

— Claro, precisa de alguma coisa?

— Acho que precisamos conversar.

Ele assentiu. Era visível o quanto parecia abatido.

— Olha, eu ainda não engoli o comentário infeliz de Elsie, mas não quero que isso interfira no nosso relacionamento. Como você disse, todos são suspeitos, inclusive ela e também alguém que parece ainda não ter sido arrolado a tudo isso.

Ele franziu o cenho, intrigado, e perguntou:

— Quem?

— O Oliver. — O vinco entre suas sobrancelhas se aprofundou ao escutar o nome do mordomo. — Vamos lá, Robert! Ele se desligou somente alguns dias antes do roubo acontecer e me causa estranheza que você não tenha considerado essa possibilidade.

Eu poderia estar muito errada, mas depois de ponderar exaustivamente, comecei a desconfiar que o pedido de demissão de Oliver foi muito conveniente. Mas Robert parecia cego para esse fato.

— Oliver tinha tanto apreço por aquelas obras quanto eu, sem contar que ele trabalhou para mim por quase 10 anos, pelo amor de Deus.

Aquilo fez meu sangue ferver. Mas eu não podia julgá-lo, Robert só conhecia a versão polida do seu ex-mordomo, por isso, a seu ver, a probabilidade

de ele estar envolvido nisso era quase inconcebível.

— Está querendo dizer que os funcionários que foram escolhidos por mim podem ser suspeitos e o seu ex mordomo bipolar não? — falei, irritada, e ele se assustou com meu rompante.

— Laura, eu não estou defendendo nem acusando ninguém, mas, convenhamos, o Oliver sempre prestou um trabalho impecável enquanto esteve aqui e nunca fez nada que me fizesse duvidar da confiança que eu lhe depositei... Você não pode me culpar por achar mais fácil suspeitar de desconhecidos do que dele.

Fechei os olhos e bufei.

— Quando você vai acordar para as coisas que acontecem embaixo do seu próprio nariz? Oliver destratava os funcionários o tempo todo, eu mesma já testemunhei discussões acaloradas entre ele e Rosie, sem contar as ligações misteriosas que recebia e que o tiravam do sério. Acho que você esqueceu que eu fico aqui o dia todo, mas se quer acusar meus funcionários, é melhor colocar seu adorado mordomo na lista. — Ele me encarou de olhos arregalados — Ah, e preciso ir ao escritório, os donos querem falar comigo. No mínimo todos já estão sabendo que a minha equipe é suspeita de um roubo milionário — eu disse, debochada, e saí do seu escritório.

Acho que eu nunca tinha explodido com ninguém daquela forma, mas odiava injustiça. Talvez se Elsie não tivesse acusado minha equipe abertamente, na frente da polícia, eu não estivesse tomando aquilo como pessoal e colocando Oliver na fogueira...

Suspirei e reavaliei meus pensamentos.

Não, mesmo que Elsie não tivesse feito aquilo eu teria, sim, pensado em Oliver. Não por me ressentir dele, mas simplesmente porque quando soube que a casa tinha sido furtada, a primeira imagem que surgiu na minha mente foi a dele.

De modo que, ou estava mais obcecada por aquele magricelo do que eu

pensava ou meu sexto sentido estava super aguçado.

Em todo caso, a única opinião que interessava era a de Robert e enquanto ele mantivesse o ex-empregado em um pedestal, tudo o que eu falasse seria irrelevante.

* * *

Quando cheguei na H&W todos estavam trabalhando normalmente.

— Ei, ficou sabendo sobre o Sr. West?

Vicky cochichou quando fui pegar um café.

— Não. — Durante a semana eu notei que ele estava ausente, mas conclui que deveria estar viajando. — Estou focada na finalização do último cômodo da casa de Robert.

— Parece que ele foi operado e precisará ficar afastado do estresse do escritório por um tempo.

— Meu Deus, tomara que ele se recupere logo ou você sabe o que vai acontecer, não é? — comentei, olhando para a sala de Ruby, que estava vazia.

— Sim, a Bruxa Má das Construções vai infernizar ainda mais nossas vidas.

Ri do apelido e depois segui para a sala do Sr. Hankle já que, pelo visto, foi ele quem mandou me chamar.

Quando entrei, vi Ruby sentada em uma das cadeiras que ficava em frente à mesa dele e o olhar que eles me lançaram fez meu coração acelerar e não foi de prazer.

— Bom dia, Laura — eles disseram ao mesmo tempo.

— Bom dia — respondi secamente.

— Nós ficamos sabendo o que aconteceu na casa de Robert Collins e ficamos muito consternados por isso — disse Hankle, cauteloso.

— Obrigada, mas com sorte, a polícia irá descobrir quem foram os culpados.

Percebi que os olhos astutos de Ruby me encaravam insistentemente, como se estivesse amando me ver naquela posição.

— Esperamos que sim, o problema é que esse roubo e o fato de seus homens estarem sendo investigados já está circulando nas altas rodas da cidade e, obviamente, irá respingar em nosso escritório.,

— Sim, isso seria péssimo para nosso escritório, porque até que encontrem os verdadeiros culpados a equipe e, indiretamente nós, estaremos sendo julgados — Ruby disse em tom dramático, como se a empresa também fosse dela.

Aquilo me deu raiva, pois ela estava pouco se lixando para o nome da empresa, o que ela queria era me ferrar na frente do seu amante.

— A pessoa que deveria estar mais preocupada com isso seria o Sr. Collins, no entanto, ele continua querendo reformar seu escritório, na sede administrativa do banco, e uma propriedade em Bristol.

Os dois trocaram um olhar rápido e então Hankle falou:

— Essa é uma ótima notícia, Laura, mas depois dos últimos acontecimentos eu decidi que o mais prudente no momento é que Ruby assuma a reta final da reforma na mansão e, claro, os novos projetos que Robert pretende fazer.

Aquilo só podia ser um grande pesadelo.

— Eu já havia conversado com o Sr. West e ele me garantiu que eu permaneceria até o final do projeto — argumentei.

— Entendo, mas ele ficará afastado por várias semanas e com meu sócio afastado, sou eu quem vai cuidar de nossas duas empresas e isso implica tomar todas as decisões, incluindo a delegação dos projetos.

Eu tinha certeza de que quando West soubesse dessa presepada, ele iria, ele voltaria para o escritório correndo.

Tive vontade de rir, nenhum dos dois devia saber que minha permanência era uma exigência de Robert, que se eu não estivesse a frente, ele não assinaria mais nenhum contrato. Mas não seria eu quem contaria, deixaria que eles descobrissem sozinhos e da pior maneira possível.

— Tudo bem, é o senhor quem manda. Mas se eu não vou mais para a mansão e já terminei a universidade, gostaria de saber que posição vou ocupar no escritório agora? Se é que eu irei ocupar alguma — joguei, uma vez que era aquilo o que realmente me importava.

— Ótimo que você tenha iniciado o nosso próximo assunto — disse Ruby calmamente.

Eu estava odiando aquela sensação de estar prestes a descobrir uma coisa da qual eu não iria gostar.

— Estou ouvindo.

— Após analisarmos bastante, decidimos que vamos efetivar o Travis. Diferente de você, ele esteve aqui todos os dias e está muito mais a par dos nossos projetos do que você.

Arregalei os olhos e abri a boca, mas ele me interrompeu antes que pudesse falar.

— Eu não estou te culpando, sei que esteve envolvida até o pescoço nessa reforma, mas a verdade é que em todos esses meses, essa foi a única coisa que fez, enquanto o Travis continuou pegando um projeto atrás do outro. Se formos colocar no papel, ele certamente produziu muito mais do que você. E agora que Ruby foi promovida — disse Henkle com a voz doce e ela sorriu para ele parecendo orgulhosa por ter conseguido esse novo cargo, como se possuísse algum mérito que não fosse o de amante e protegida —, eu preciso de alguém que esteja no mesmo ritmo do escritório, especialmente enquanto o Preston

estiver de licença, entende? — concluiu

Não, eu não entendia, e também não facilitaria as coisas, então exigi uma resposta objetiva.

— Vocês estão me demitindo?

— Sim, mas saiba que foi uma escolha muito difícil, sabemos como é talentosa — Hankle amenizou enquanto Ruby se deliciava com o meu ar de decepção.

Eu sabia como funcionavam as coisas por ali e o estagiário que não era contratado só tinha um destino: o olho da rua. Mas foram anos dedicados àquele escritório, madrugadas inteiras em claro para entregar o melhor projeto para no final ser demitida?

— O Sr. West concordou com essa decisão?

Mais uma vez eles trocaram olhares.

— Como eu já disse, todas as decisões são minhas enquanto Preston não voltar. Sinto muito, Laura, mas não se preocupe, nós te daremos uma ótima carta de recomendação.

Deus, o homem deveria estar mesmo muito apaixonado por Ruby para ter me tirado assim do escritório apenas alguns dias depois do afastamento do Sr. West e correndo o risco de levar uma chama de Robert.

Respirei fundo e prendi o nó que se formava em minha garganta, tentando fazer o meu melhor para não desabar ali mesmo.

— Ok. — Foi a única coisa que eu disse antes de me levantar e deixar a sala.

Fiquei um bom tempo parada do lado de fora do escritório, para tentar digerir o que havia acabado de acontecer. Minha vontade era voltar lá para dentro e despejar minha raiva. Queria jogar na cara daqueles dois traidores toda a hipocrisia em que viviam, mas me agarrei ao fio de razão que ainda existia, peguei minhas coisas em silêncio e fui embora.

Ruby e Hankle iriam assumir as rédeas daquele escritório e eu só tinha pena do futuro daquela empresa, a qual eu dei o meu sangue por tanto tempo.

De qualquer forma, aquilo não era mais problema meu, mas isso não mudou o fato de que me acabei em lágrimas durante o caminho todo.

Diferente dos outros dias, fui direto para a *minha* casa. Eu sempre amei estar na mansão de Robert, mas não naquela semana, muito menos naquele momento.

Quando entrei, vovó arregalou os olhos ao me ver com o rosto vermelho de tanto chorar.

— Filha, o que houve? — perguntou e foi logo me dando um abraço.

— Eu fui demitida, vó. Depois de tudo que fiz por aquela droga de empresa, foi assim que me recompensaram.

— Ah, meu Deus, mas como? Isso deve ser um engano.

Vovó sabia o quanto o Sr. West me valorizava, mas não era ele quem estava dando as cartas agora. Eu me sentei ao seu lado no sofá e entre uma lágrima e outra, falei o que tinha acontecido.

— Estou tão arrasada, vovó, primeiro aquele roubo, agora isso, o que mais o destino me reserva?

— Acalme-se, filha, é só uma fase. Você é uma arquiteta maravilhosa e se eles não a valorizaram, outras empresas o farão.

Eu me entreguei demais para aquele trabalho, coloquei paixão em cada projeto, cada cálculo, cada objeto de decoração e me custava acreditar que tinha sido demitida por causa da inveja de uma mulher.

No entanto, minha revolta era ainda maior por saber que um homem feito como Hankle tenha se deixado levar pelos caprichos da amante.

— Eu quero ficar aqui hoje, vovó.

— Claro, querida, suba, tome um banho e se deite que mais tarde eu vou

levar aquele chazinho especial para você.

Sorri para ela e lhe dei um beijo no rosto antes de me arrastar para o andar de cima.

Depois do banho eu desliguei meu celular, sem nenhuma culpa, certa de que precisava daquele tempo sozinha.

CAPÍTULO 41

Robert

Os ânimos estavam exaltados na mansão, tanto que Laura preferiu ficar na casa de sua avó e aquilo era um péssimo sinal. Liguei em seu celular, mas estava desligado e, mesmo entendendo aquilo como um pedido de tempo, acabei ligando para Grace, que me disse para esperar e conversar com ela no dia seguinte.

Quando sugeri que deveria ir atrás dela e conversar pessoalmente, Grace voltou a pedir que eu desse esse tempo a Laura. Eu acatei o seu pedido, mas dormir sem ela era um martírio. Eu já estava acostumado em acordar com seu corpo macio entre meus braços.

Estava disposto a resolver as coisas, então acordei cedo e esperei por ela em seu escritório.

Estranhei que estivesse demorando, Laura era sempre tão pontual e responsável.

Enquanto eu esperava, meu celular começou a tocar. Era Hankle, um dos sócios do escritório de Laura.

— Alô.

— *Robert, desculpe incomodá-lo, tem um minuto*?

— Claro, pode falar.

Ele pigarreou do outro lado da linha e disse:

— *Liguei pessoalmente para falar com você sobre a reformulação pela qual o nosso escritório está passando. Não sei se soube que West está hospitalizado e acho que não volta tão cedo para o escritório*.

— Não, não estou sabendo de nada.

— *Então vou deixá-lo a par*.

Em mais ou menos dez minutos de uma conversa cheia de floreios e ladainhas, Hankle tentou me falar sobre os novos planos que tinha para o escritório. O problema era que aquilo não era do meu interesse e não estava fazendo o menor sentido.

— Eu entendi o que pretende fazer, só não entendi o que eu tenho a ver com isso — falei, um tanto seco.

— *Bom, nessa nova reformulação tivemos que mudar alguns funcionários de lugar. Ruby ficará no lugar de West e o estagiário que estava concorrendo a uma vaga com Laura foi escolhido para substituir Ruby. Por causa disso nós tivemos que desliga-la do escritório*.

Fechei os olhos, fervilhando de ódio, quando entendi o que estava acontecendo. Imediatamente senti a revolta tomar conta do meu corpo e imaginei o quanto Laura deveria estar arrasada. Ela era muito dedicada àquele escritório.

— *Robert*? — ele chamou a minha atenção quando percebeu que eu fiquei mudo.

— Me diga uma coisa, Hankle...

— *Claro, é só perguntar*.

— Até que ponto tem dedo da sua amante na demissão de Laura?

Foi a vez de ele ficar mudo.

— *Eu não sei do que você está falando, mas garanto que o desligamento de Laura não aconteceu por motivos pessoais e sim porque o outro funcionário era mais talentoso que ela*.

— Uma ova que era. Eu nunca conheci ninguém tão dedicada ao trabalho como ela.

— *Olha, eu entendo que esteja exaltado, afinal, ela é sua namorada, mas*

garanto que o profissional que a substituir em suas próximas reformas fará um excelente trabalho. Você não terá do que reclamar.

Soltei uma risada desgostosa.

— Além da reforma da minha propriedade, que já está quase concluída, eu pretendia reformar uma propriedade em Bristol e toda a minha rede de bancos, tanto da Inglaterra quanto dos Estados Unidos, mas graças aos caprichos da sua amante, seu escritório não verá mais um tostão do meu dinheiro.

— *Por Deus, Robert, não misture as coisas*.

— Quem misturou as coisas foi você, tenha um bom dia.

Desliguei o telefone na cara do infeliz e saí cuspindo fogo pelos corredores.

Tia Elsie me chamou enquanto descia as escadas. Eu lhe lancei um olhar que deixava claro que aquele não era um bom momento para conversarmos.

Saí de casa e peguei a chave do carro com o motorista que se ofereceu para me levar, mas avisei que não precisava.

O caminho até a casa de Laura era curto e acho que fui mal-educado ao apertar a campainha diversas vezes, até que Grace abriu, com o olhar preocupado.

— Robert?

— Desculpe a minha pressa, mas eu preciso falar com ela.

— Que bom que veio, eu ia mesmo te ligar...

— Eu já sei de tudo. Hankle me ligou para dar a notícia do desligamento de Laura.

— Eu nunca a vi tão arrasada — Grace disse, fechando a porta e me guiando para o andar de cima.

Grace bateu na porta.

— Pode entrar, vó — disse ela, com uma voz abafada.

— Eu tenho que sair para ir ao mercado, cuide bem dela — Grace pediu e depois desceu.

Entrei no quarto de Laura, que estava todo escuro, mas percebi que a televisão estava ligada em uma série de reformas que ela gostava de ver.

— Oi? — falei ao me aproximar da cama e ela se assustou.

— O que faz aqui?

— Vim resgatar uma fugitiva. — E eu me juntei a ela na cama.

Mesmo com a pouca claridade, percebi que seu quarto combinava exatamente com ela, com paredes claras e móveis aconchegantes.

— Fugitiva e desempregada — disse ela, desgostosa.

— Eles que saíram perdendo, você sempre fez um trabalho incrível — elogiei e a puxei para o meu peito.

Laura se agarrou a mim e ficou quietinha.

Eu sabia o que ela estava passando e que naquele momento precisava de colo.

— Eu nunca fui de ficar falando muito sobre o caso de Ruby e Hankle, mas está tão na cara que fui demitida por causa dela que a revolta vem com força.

— Você tem toda razão em estar revoltada. Garanto que West nem sonha que isso está acontecendo.

— Também acho que não, mas não quero preocupá-lo com esse tipo de coisa, sem contar que eu jamais voltaria a trabalhar lá, não depois da forma como me chutaram para fora.

Enrijeci de raiva só por imaginar tudo que Laura teve que escutar no dia em que foi demitida.

— Eu cancelei todos os projetos que pretendia fazer com a Hankle e West.

— Está brincando? — disse ela, desencostando a cabeça do meu peito para

me encarar.

— Nunca falei tão sério.

Contei em detalhes como foi minha conversa com Hankle e pude perceber, nas expressões que fazia, que se sentiu um pouco vingada pelo que fizeram com ela.

— Eu não acredito que você perguntou a ele se minha demissão era por causa da amante. Pelo amor de Deus, Robert — falou, levando as mãos à boca.

— Acho que esse foi o ponto alto da nossa discussão, aliás, acho que o ponto alto foi informar que estava pensando em reformar toda a rede de bancos, mas que tinha desistido por causa da sua demissão.

— Ele vai me odiar — disse ela aos risos.

— Ou vai perceber que dar ouvidos a sua amante não é tão lucrativo assim.

Ela deu de ombros e montou em meu colo.

— Obrigada por ter me defendido e desculpa pela forma grosseira que falei com você ontem.

Eu a puxei para um abraço e depois nos beijamos.

— Que saudade.

— Desculpe pelo meu sumiço, mas eu estava tão arrasada que a última coisa que queria era descontar minha raiva em você.

— Tudo bem, mas agora quero que volte comigo, tive uma noite péssima sem você.

Ela torceu a boca de um lado para o outro e se afastou um pouco.

— Robert, eu sei que acabamos de nos acertar, mas está bem claro que Elsie e eu estamos em pé de guerra. Não sei se me sinto à vontade para voltar.

— Tia Elsie não vai mais se meter nas investigações. Eu já alertei e mandei que fosse te pedir desculpas pelo comentário que fez.

— Robert, eu posso estar muito enganada, mas não existe reforma nenhuma acontecendo. A sua tia está passando férias em sua mansão e até comentou comigo que pretende ficar mais tempo do que o combinado.

— Ah, é?

— Uhum. Acho que está na hora de você saber tudo que está acontecendo na sua casa.

Laura começou a me contar em detalhes todas as loucuras da minha tia. Eu realmente estava por fora de tudo e fiquei surpreso quando falou que foi até a casa dela e não encontrou vestígios de reforma alguma.

Quando ela terminou de me falar, eu entendi os motivos de não querer voltar.

— Eu sei que é difícil para você ter que aturar tudo isso, ainda mais sendo educada do jeito que é — falei, alisando seus cabelos, e ela sorriu. — O problema é que eu a quero de volta na minha casa, na minha cama, na minha vida.

— Robert...

— Eu te amo, Laura.

Aquilo saiu tão natural, tão doce, como se as palavras já estivessem prontas há muito tempo, só esperando o momento certo para serem ditas.

— Uau... Você sabe como convencer uma mulher — ela brincou.

— Não falei para convencê-la, eu realmente a amo, prova disso é que não consigo ficar vinte e quatro horas longe.

Laura deu um de seus sorrisos doces e me beijou.

— Eu também te amo, Robert. Só por isso vou voltar com você.

Eu ri e apertei entre os meus braços, sentindo-me imediatamente em paz.

— Prometo que vou resolver as coisas que te incomodam, mas não fuja mais de mim, não sei mais viver sem você.

Ela assentiu e me beijou demorado.

Nossa reconciliação me trouxe uma deliciosa sensação de paz. Quem sabe fosse um sinal de que as coisas iriam voltar aos trilhos.

CAPÍTULO 42

Laura

A declaração de Robert ainda dançava em minha cabeça. Tinha sido tão lindo e inesperado que meu coração se enchia de felicidade toda vez que eu lembrava.

Matamos nossa saudade em meu quarto mesmo e depois fomos para sua casa.

Ao chegar lá, Elsie se desculpou pelo comentário infeliz que fez sobre a minha ex- equipe e naquele instante achei que tínhamos selado a paz.

Mesmo que eu não gostasse e desconfiasse bastante dela, eu tinha que entender que ela era tia de Robert, então, aceitei aquela trégua.

— Que susto, Laurinha! Achei que você tivesse ido embora de vez — Rosie comentou quando me encontrou no último cômodo onde a reforma estava quase concluída. Só faltava organizar os objetos de decoração.

Como Robert havia cancelado o contrato com a Hankle e West, ele perguntou se eu poderia cuidar desses detalhes, então, obviamente, aceitei com a maior alegria.

— Foi só um desentendimento leve, já está tudo bem — eu falei e ela me abraçou.

Fiquei conversando com Rosie na cozinha e somente quando Elsie entrou, com seu creme verde na cara, foi que me dei conta da presença dela.

Acho que ela sabia que os ânimos estavam exaltados na mansão e andava trancada em seu quarto.

— Bom dia, querida — ela saudou em seu tom falso de sempre.

— Bom dia — falei enquanto bebia do meu café.

— Queria dizer a Robert que irei receber uma visita, mas não o encontrei Robert pela casa.

Quase revirei os olhos para aquele comentário. Ela já estava ali de favor e ficava forçando as coisas.

— Ele chegará ao meio-dia. Combinamos de almoçar juntos e depois ele voltará para o escritório. Você poderá falar pessoalmente com ele.

— Na verdade, minha visita virá para o almoço, acho melhor ligar e avisá-lo antes.

Eu só esperava que a visita dela não fosse Celine Windsor. Depois das ligações e da confissão de Robert eu não iria permitir que ela ficasse rondando meu namorado.

— Posso saber quem é a sua visita? — perguntei, sem o menor constrangimento.

— Ah, é a Celine quem virá, se Robert permitir, é claro.

Mas não vai mesmo.

— Elsie, não precisa ligar para o Robert, porque eu mesma posso resolver isso.

Ela abriu um belo sorriso, provavelmente pensando que eu iria ceder.

— Posso ligar para minha amiga e informar que vamos aguardá-la com um belo almoço então? — perguntou, mais que animada.

— Olha, eu respeito muito a senhora por ser tia do Robert, no entanto, eu sei do caso que ele e Celine tiveram no passado. Também sei exatamente o que a senhora está tentando fazer. Então, a resposta é não. Eu confio plenamente no meu namorado e no que ele sente por mim, mas não somos obrigados a almoçar ou receber uma ex dele aqui em casa, só porque a senhora quer.

— Laura! — falou com a mão no peito como se tivesse sido atingida ali.

— E tem mais, como já lhe falei, meu namorado deixou claro que quer saber sobre qualquer coisa que me desagrade nessa casa, então, se quer continuar suas férias de luxo, é melhor começar a agir como uma hóspede normal, que segue as regras da casa e não sobrecarrega os funcionários. Caso contrário vou sugerir a ele que a senhora vá para um hotel.

O ar de incredulidade estampado em seu rosto me encheu de satisfação.

Elsie estava visivelmente em choque, como se não acreditasse nas coisas que tinha lhe falado, enquanto eu me sentia leve, pois estava com essas coisas entaladas em minha garganta desde o dia que ela pisou ali pela primeira vez.

— Ok, vou cancelar o almoço e fazer como pediu, com licença.

Assim que ela saiu da cozinha, Rosie começou a bater palmas para mim.

— Sou sua fã, Laura, estou me sentindo de alma lavada.

Sorri e voltei a tomar o meu café.

Após mais alguns minutos de conversa com Rosie, segui para o cômodo que precisava dos retoques finais e comecei a organizar os objetos. O lugar já estava todo limpo e só precisava do meu toque especial.

Geralmente uma empregada da casa desembrulhava as peças para mim, mas eu havia sido demitida e tinha todo o tempo do mundo, então preferi fazer tudo sozinha.

Enquanto organizava os objetos fiquei pensando no que iria fazer da minha vida. Eu pretendia ficar alguns dias em casa, mas depois teria de começar a procurar outro trabalho. Estava acostumada com uma rotina agitada.

Desde o meu primeiro ano de universidade eu sempre estive ocupada com estudos, estágio e toda correria que era minha vida por causa daquela rotina agitada. Era estranho ter tanto tempo livre.

Estava distraída quando escutei barulho de saltos pelo corredor. Eu me virei e encontrei Ruby Foster.

— Robert cancelou os projetos futuros, mas esse já está pago, então vim finalizar pessoalmente. Os retoques finais não são mais da sua alçada. O que pensa que está fazendo aqui?

Respirei profundamente. Tudo o que eu não precisava era de mais um embate com minha ex-chefe.

— Eu moro aqui — falei a verdade, mas queria provocá-la.

Seus olhos se arregalaram em surpresa.

— Como assim, mora aqui?

Me deliciei com suas feições de espanto.

— Não que seja da sua conta, mas Robert pediu para que eu viesse morar com ele. Então, não se preocupe com os detalhes finais desse cômodo, eu já estou cuidando de tudo.

Ela me avaliou com seus olhos de cobra.

— Quem diria. Laura Hunt, sempre tão comedida, dando o golpe do baú.

Soltei uma risada debochada.

— Nós duas sabemos que isso não é verdade, mas eu te entendo, deve ser horrível me ver ao lado de um homem como Robert Collins. Lindo, rico, cobiçado em toda Inglaterra, enquanto você tem que se contentar em ser a amante de Hankle.

Ela abriu os olhos e a boca ao mesmo tempo, como se eu tivesse falado o maior dos absurdos.

— Não fale besteira, Laura, eu jamais seria amante de alguém.

Soltei outra risada, daquela vez ainda mais alta.

— Ruby, você me fez perder um trabalho do qual eu gostava muito por mero capricho e por não aguentar ver o quanto eu era dedicada e elogiada pelos corredores do escritório. No entanto, devo lhe agradecer, estou muito melhor agora — falei sem falsa modéstia. Na verdade, eu ainda estava abalada com a

demissão, mas não iria ficar por baixo.

Ela ficou em silêncio, absorvendo minhas palavras, mas antes que pudesse me responder, eu disse:

— Bom, acho que você não tem mais nada o que fazer aqui. A saída é por ali — apontei em direção à porta.

Ruby se empertigou em cima dos saltos e saiu sem falar nada.

Só quando deixou o cômodo foi que percebi que eu precisava ter tido aquela conversa com ela. Ruby tinha que escutar da minha boca que eu sabia sobre seu caso e que todo o mérito que ela tivera naquela empresa foi por meio de pedidos feitos ao seu amante. Eu não tinha nada a ver com a sua vida, no entanto, jamais iria aceitar que usasse da influência que tinha sobre Hankle para prejudicar outras pessoas.

Esse caso isolado me fez pensar em como os homens ficavam idiotas e cegos quando se apaixonavam. Hankle havia perdido milhares de dólares com o cancelamento das próximas reformas de Robert e tudo para agradar sua amante.

Tudo bem que ele tinha outros negócios, mas sem o Sr. West no escritório, eu não sabia como as coisas ficariam sob o comando de Ruby, que parecia uma criança mimada e não uma mulher de negócios.

Senti pena dos funcionários que iriam ficar sob seu comando, mas isso também já não era problema meu.

A Hankle e West Arquitetura era uma página virada em minha vida e a melhor parte era não ter que encontrar com Ruby todos os dias.

Entre um pensamento e outro eu fui arrumando todos os detalhes do cômodo e só parei quando senti Robert me abraçando por trás.

— Prontinho, Sr. Collins, sua obra está concluída.

— Devo dizer que estou muito satisfeito com seus serviços, Srta. Hunt, e pretendo recompensá-la essa noite — disse ele, mordiscando minha orelha.

Nos primeiros dias em que estava vivendo na casa de Robert, me senti um tanto deslocada, parecia tudo tão repentino, mas conforme os dias foram se passando eu fui me sentindo tão acolhida, por ele e por Charlote, que às vezes me pegava pensando em como seria nossas vidas quando eu tivesse que voltar a morar com a vovó Grace.

Após ele analisar o cômodo e me parabenizar pela conclusão da reforma, nós almoçamos juntos e depois eu fui ajudá-lo com algumas coisas no escritório. Ele decidiu trabalhar de casa e me prontifiquei a ser sua assistente, pois odiava ficar ociosa.

Enquanto ele finalizava uma ligação, peguei um jornal que estava em sua mesa e comecei a olhar alguns classificados.

Havia poucas vagas na minha área e os escritórios que as ofereciam eram bem menos renomados que a Hankle e West.

De qualquer forma, eu não deveria fazer muitas comparações, pois precisava trabalhar.

— O que foi? — ele perguntou quando me viu fazendo careta para o jornal.

— Preciso voltar a trabalhar, mas nem sei mais como procurar emprego — admiti.

Eu tinha planos de continuar na Hankle e West por mais algum tempo. A demissão me pegou desprevenida.

— Eu conheço outros empresários que tem escritórios no mesmo nível da Hankle e West, quando quiser voltar a trabalhar é só me avisar que faço algumas ligações — falou, sentando-se ao meu lado, e depois me puxou para o seu colo.

— Robert, eu agradeço de coração que esteja querendo me ajudar, mas eu não estaria sendo diferente de Ruby se usasse da sua influência para conseguir outro trabalho. Sei que nosso relacionamento é diferente, mas não me sentiria bem. Quero crescer pelo meu esforço, dedicação e não porque namoro com um

banqueiro gato e gostoso.

Ele sorriu e pareceu orgulhoso com o meu argumento.

— Por isso eu te amo cada dia mais — falou e colou a boca na minha.

Eu adorava quando ele se declarava assim, do nada, e fiquei muito feliz em saber que poderia contar com ele.

Estávamos felizes e apaixonados, mas para completar a minha felicidade eu precisava voltar a fazer o que mais amava.

CAPÍTULO 43

Laura

Mesmo contra minha vontade, tive que ir a Hankle e West para assinar a papelada da minha demissão. Eu ainda não estava preparada para encontrar toda aquela gente, mas era preciso.

Marcamos um horário no final do dia, assim seria menos provável que eu encontrasse com muitas pessoas.

Quando entrei na empresa grande parte dos funcionários estavam na rua ou trancados em suas salas. O setor onde ficava a baia dos estagiários também estava vazio, então falei logo com a responsável por desligamentos dos recursos humanos, mas antes de sair resolvi mandar uma mensagem para Vicky.

Por sorte ela me respondeu imediatamente e pediu para que eu a aguardasse no estacionamento.

Segui para lá, mas como já estava anoitecendo preferi ficar do lado de fora, ao lado de uma barraca de jornais e revistas. Não queria ter o desprazer de encontrar com Ruby, pois notei que seu carro estava estacionado na vaga de West.

Esperei por quase vinte minutos e, quando estava prestes a mandar mensagem para Vicky, notei que Ruby e Travis saíram conversando da empresa e pararam em um canto escuro do estacionamento.

A conversa parecia acalorada, aliás, para ser bem sincera, eles estavam discutindo.

Em um primeiro momento eu achei que Ruby já estivesse infernizando a vida do rapaz e, para não entrarem em conflito dentro da empresa, resolveram ter

aquela conversa do lado de fora.

Mas toda a minha linha de raciocínio caiu por terra quando Travis puxou Ruby pela cintura e lhe deu um beijo daqueles. Eu achei que ela fosse afastá-lo, mas não, a filha da mãe se agarrou a ele e os dois protagonizaram uma cena de cinema.

Fiquei perplexa tentando entender que Ruby era amante de Hankle e que agora Travis era o amante dela.

Meu Deus! Que confusão.

Acho que eles devem ter escutado algum barulho, pois se afastaram bruscamente e cada um foi para o seu carro.

Me virei de costas para a entrada do estacionamento e comprei uma revista para que eles não me vissem.

Fiquei disfarçando até que os dois carros passaram atrás de mim e depois de alguns minutos Vicky apareceu.

— Laurinha, desculpe o atraso. Acredita que a bruxa me pediu um monte de coisa na hora que eu estava saindo?

— Tudo bem, não tem problema.

Caminhei com a Vicky até uma cafeteria próxima e, depois de pedir dois cafés, fiz questão de contar para a minha amiga tudo o que eu tinha visto.

— Você está de brincadeira comigo?

— Juro que nunca falei tão sério, os dois estavam no maior amasso.

— Meu deus, Laura, como ela dá conta de todos esses homens?

Dei de ombros e sorri.

Eu estava com tanta raiva da minha ex-chefe que saber aquilo amenizou um pouco as coisas.

Se Ruby estava saindo com Travis era porque as coisas com Hankle não iam bem, ou talvez ela fosse uma safada mesmo, que não se contentava com um

homem só.

Vicky me deixou a par de todos os babados do escritório e deixou claro que se as coisas continuassem do jeito que estavam, muitos funcionários iriam procurar outros empregos.

Ruby não tinha qualquer jeito para trabalhar em equipe, sempre foi muito nítido que ela beneficiava quem a bajulava, coisa que eu nunca fiz.

— Quer que eu a deixe em casa? — minha amiga perguntou quando saímos da cafeteria.

— Até em casa não, mas se puder me deixar na sede administrativa do banco do Robert eu agradeço. Ele está finalizando uma reunião e iremos para casa juntos.

Ela assentiu e me deu uma carona.

Avisei ao segurança que Robert estava me aguardando e logo ele liberou minha entrada.

Enquanto caminhava para a presidência, fui analisando todas as coisas que me desagradavam na planta daquele prédio e fiz anotações mentais para o projeto.

Não havia ninguém na recepção, mas imaginei que ele ainda estivesse em reunião, então mandei uma mensagem e fiquei esperando.

Ele respondeu quase que imediatamente e disse que sairia em cinco minutos.

Troquei algumas mensagens com a vovó enquanto esperava, mas logo ele saiu de sua sala acompanhado de Archie.

Desde o dia do Jockey eu nunca mais tinha encontrado com ele.

— Laura, como vai?

— Ótima. E você, Arthie?

Pensei em chamá-lo pelo apelido, mas desisti, era pessoal demais.

— Feliz que finalmente você conseguiu desencalhar o meu primo — dei uma risada gostosa com o seu comentário e Robert fez o mesmo.

Pegamos o elevador juntos e depois de mais algumas gracinhas ele se despediu de nós.

Durante o caminho eu contei para Robert sobre Ruby e Travis e ele também demonstrou surpresa ao saber que Hankle estava sendo trocado por alguém com a metade da sua idade.

— Tio, a gente pode pedir pizza? — Charlotte perguntou quando entramos em casa.

Robert Collins era um homem sofisticado tanto no seu jeito de agir quanto no paladar. Por esse motivo, a cozinheira vivia fazendo cursos de culinária.

Então achei que o pedido de Charlotte não seria atendido.

— Claro, meu anjo, podemos pedir, sim.

Olhei para ele com estranheza.

— Achei que você não gostasse de pizza.

— Gosto, sim, por isso evito.

— Interessante — comentei e ele sorriu.

Robert sugeriu um restaurante que servia todo o tipo de massas e disse que qualquer pizza daquele lugar era de comer rezando.

Escolhemos nossos sabores, fizemos o pedido e fomos para sala.

Elsie se juntou a nós e eu queria ter filmado a cara dela quando Charlotte avisou que a comida seria pizza.

Ela deu seu costumeiro sorriso amarelo e disse que iria tomar um chá na cozinha, pois não estava se sentindo muito bem.

— Querem apostar quanto que ela está indo assaltar a geladeira? — Charlotte comentou e nos arrancou gargalhadas.

Me aninhei em Robert e ficamos conversando sobre o dia de Charlotte no

colégio, depois jantamos juntos a tal pizza, que era deliciosa mesmo.

— A gente devia fazer isso mais vezes — disse Charlotte quando fui colocá-la para dormir.

— Isso o que?

— Pedir pizza *pra* tia Elsie não jantar com a gente.

Soltei mais uma risada daquelas.

— Você está impossível hoje — comentei e subi a coberta para cobri-la.

— Na verdade, estou feliz, você e o tio Robert são tudo pra mim — disse ela do nada e meu coração ficou apertadinho.

— Você também é muito especial, inteligente, sua tagarela.

Ela sorriu e me deu um longo abraço, daqueles bem apertados.

Antes de Robert e Charlotte surgirem em minha vida, eu nunca tinha pensado em ter filho ou algo do tipo, mas ela me despertava um lado protetor, maternal, que eu desconhecia.

Aliás, eles despertavam vários sentimentos que antes estavam adormecidos.

Após a minha primeira grande desilusão amorosa eu zombei do amor, desacreditei, mas com aquele homem era possível imaginar um conto de fadas.

CAPÍTULO 44

Laura

Nos últimos dias decidi me dar férias de verdade, coisa que não fazia direito há muitos anos uma vez que, mesmo fora do escritório, eu não conseguia me desligar dos projetos. Aproveitei aqueles dias para curtir Robert, Charlotte e principalmente a casa maravilhosa em que eu morava.

Estava tão relaxada que até dividi a piscina com minha garotinha em algumas tardes ensolaradas.

Nossa convivência na mansão estava ótima e o único fantasma que nos rondava era o misterioso furto das obras de arte.

Após o nosso desentendimento por causa de Oliver, Robert nunca mais tocou no assunto e suas reuniões com o tal detetive eram sempre a portas fechadas.

Era melhor assim, eu não queria brigar por aquele motivo.

— Você acha que ela vai morar para sempre com a gente? — Charlotte perguntou enquanto tomávamos sol à beira da piscina.

— Não, assim que terminar a reforma de sua casa ela deve ir embora — respondi e olhei para Elsie, que estava no jardim conversando com o jardineiro.

— É tão bom quando ela não está — a menina comentou, desanimada.

Obviamente eu poderia continuar aquela conversa e dar todos os motivos para concordar com Charlotte, mas por outro lado eu tentei me colocar no lugar de Elsie.

Ela era uma viúva solitária, sem filhos, e tudo me levava a crer que estivesse falida.

— Eu sei, querida, mas com sorte, em breve ela deve ir embora.

Charlotte andava tão grudada em mim que às vezes eu custava a acreditar que aquela garotinha calada e aparentemente triste estivesse tão carinhosa e tagarela.

Eu sabia que o que faltava a ela era atenção e, no momento, eu tinha tempo de sobra para fazer todas as suas vontades.

Nos últimos dias vovó Grace também nos visitou, mas andava ocupada programando uma viagem com duas amigas aventureiras iguais a ela. Eu, particularmente, achava o máximo, já que não gostava de vê-la trancada em casa.

— Tio Robert anda trabalhando muito ultimamente — Charlotte comentou enquanto instalava jogos de decoração em seu tablet.

Ela passava horas decorando ambientes nos aplicativos que eu havia mostrado.

— Pois é, mas o final de semana está chegando e poderemos ter toda a atenção dele — respondi e depois dei um mergulho.

Charlotte tinha razão por sentir falta do tio, já que meu namorado andava ausente nos últimos dias.

Eu sabia que ele estava preocupado com a reformulação do banco e mais ainda com as investigações, mas era nítido que andava trabalhando além da conta.

Após o mergulho nós subimos para o banho e, quando terminei de me arrumar, Robert ligou e avisou que o motorista iria buscar Charlotte e eu para encontrarmos com ele no centro de Londres.

Ele não deu muitos detalhes do que iríamos fazer, só disse que participaríamos de um coquetel e que ele queria nossa presença. Achei estranho que não tivesse avisado desse compromisso com mais antecedência, mas como não tinha nada para fazer, um coquetel em plena quinta-feira seria ótimo.

Terminei de me arrumar e fui até o quarto de Charlotte para ajudá-la a escolher um vestido.

Eu estava usando um modelo amarelo-claro, longo e com alças trançadas, Charlotte quis usar a mesma cor.

Acabamos gargalhando ao parar em frente do espelho e perceber que parecíamos um par de vasos.

Quando descemos, o motorista já estava à nossa espera e, pela primeira vez, Elsie não tentou se enfiar junto em um programa ao qual não fora convidada.

Que alívio.

Charlotte ficou fazendo milhões de perguntas durante todo o caminho até o centro, mas eu não soube responder metade delas.

— Tem certeza de que é aqui? — perguntei ao motorista quando percebi que ele estacionou na rua do meu antigo escritório.

— Foi o endereço que o Sr. Collins me passou.

Assenti e desci do carro com Charlotte.

Antes que eu pudesse pegar o celular para ligar para Robert eu o avistei se aproximando.

— Amor, eu não entendi, nosso compromisso é aqui mesmo? — perguntei enquanto ele dava um beijo em Charlotte e depois em mim.

— É, sim. Na verdade, é do outro lado da rua — disse, apontando, e eu me virei, aliviada, pois não queria entrar no prédio do meu antigo trabalho.

Passei os olhos pela rua, mas congelei instintivamente quando vi a faixada de um imóvel.

— Ah, meu Deus!

Levei as mãos à boca quando li: *Hunt Arquitetura e Decoração.*

— Parabéns, meu amor, agora você vai poder dedicar todo o seu tempo por

algo que é seu de verdade.

Eu o abracei apertado, sentindo um misto de gratidão e amor tão grande que achei que pudesse explodir.

— Eu estou tremendo, não sei o que dizer.

— Venha, quero te mostrar tudo.

Assenti e atravessamos a rua de mãos dadas com Charlotte, que estava tão feliz quanto eu.

— Como você prefere coisas contemporâneas, eu precisei de alguma ajuda para deixar tudo do jeito que você gostava — disse ele, abrindo a porta de vidro para que entrássemos.

Do lado de dentro eu tive uma dimensão melhor do tamanho do meu novo escritório.

Aquele imóvel estava disponível para locação há muitos meses, até mesmo o Sr. West já havia cogitado a possibilidade de nos mudarmos para aquele local, pois o estacionamento de clientes era muito maior, sem contar a visibilidade que teríamos, então eu não teria como bancar aquilo por muito tempo, o que dirá funcionários.

Acho que Robert percebeu a rápida avaliação que fiz.

— Laura, você fez um trabalho incrível na mansão e praticamente sozinha, então nada mais justo de que a partir de agora você trabalhe para o seu escritório, que sempre fora seu grande sonho.

Eu sabia que tinha potencial, mas ainda sentia receio de sair da minha zona de conforto.

— Você tem razão, amor, com meu portfólio não será difícil conseguir novos clientes, mas eu só não entendi por que tantas mesas se, no começo, eu terei de trabalhar sozinha.

Robert me lançou um sorriso charmoso.

— Você já tem um cliente — disse ele, me puxando pela cintura. — Quero que cuide de toda a reforma da minha rede de bancos, da casa de Bristol e de mais alguns imóveis que pretendo reformar para depois vender.

— Robert, eu nem sei o que dizer, minha nossa! — falei, abraçando-o apertado.

— Não estou fazendo nada demais, você é minha mulher supertalentosa. Não tem por que dar esses projetos a outros escritórios se posso ter a melhor arquiteta de todas trabalhando para mim.

Você é minha mulher.

Aquela parte mexeu comigo, pois era assim que ele estava me fazendo sentir.

Dei um beijo demorado nele. Quando nos afastamos, percebi que algumas pessoas estavam entrando no escritório.

No meu escritório. Que sonho.

— Parabéns, Laura — vovó disse e nos abraçamos apertado.

Ao lado dela estavam Vicky, Kyle e Sya.

— Obrigada, vovó, estou muito feliz.

Depois disso recebi as felicitações, mas estranhei que estivessem ali.

— Gente, muito obrigada pelas felicitações e pela visita, fiquei muito feliz — falei com sinceridade.

— Bom, elas fazem parte da segunda surpresa do dia — Robert falou.

— Que surpresa?

— Como seu primeiro cliente tem uma quantidade muito grande de projetos para fazer, achei que você precisaria de ajuda.

Arregalei os olhos quando me dei conta do que estava acontecendo.

— Ah, meu Deus, isso é perfeito — eu disse, abraçando as três ao mesmo tempo.

— Você ainda precisará contratar algumas pessoas, mas acho que para começar está bom — ele concluiu.

Me agarrei a ele novamente e o beijei mais uma vez, sem me importar com os sorrisinhos de Charlotte ou os olhares das minhas novas funcionárias.

Vovó encomendou alguns canapés e Robert reservou seu melhor champanhe para brindarmos pela nova fase que iria se iniciar em minha vida.

Após beliscar e beber meia taça, Robert fez questão de me mostrar tudo e por último foi a minha sala, que ficava no segundo andar. De lá eu tinha uma vista panorâmica da rua e principalmente do prédio do meu antigo escritório.

— Esse imóvel é incrível, mas o aluguel deve ser uma fortuna — eu comentei enquanto analisava minha nova sala.

— Esse imóvel é meu. Está parado há um bom tempo. Será muito mais bem aproveitado por você.

— Robert... — argumentei e ele me calou com um beijo.

— Não pense nisso agora. Você está começando e será minha forma de poder te ajudar, não me negue isso.

Aquele imóvel deveria valer milhares de libras e o aluguel custaria um absurdo, mas eu estava tão feliz que não queria pensar naquilo. Quando minha ficha caísse e eu me organizasse melhor, poderíamos sentar e conversar sobre o assunto.

— Tudo bem, mas ainda falaremos sobre isso.

Ele assentiu e depois de eu namorar bastante o meu novo escritório, decidimos sair para comemorar em um restaurante que ficava ali perto.

Robert me entregou as chaves e quando eu estava terminando de fechar, notei que Hankle e Ruby atravessaram a rua, impactados com o que seus olhos estavam vendo.

De certa forma eles jamais poderiam imaginar que aquela demissão

poderia se transformar em um tipo de concorrência.

No entanto, eu não pensava assim. A Hankle e West era referência em projetos arquitetônicos, mas acreditava que em nosso ramo havia espaço para todos.

O olhar que Ruby me lançou deixou claro o quanto tinha ficado abalada por saber que eu tinha meu próprio escritório de arquitetura.

Mas aquele era um momento muito especial, que não tinha espaço para Ruby ou seus olhares invejosos, então fechei a porta e seguimos para o restaurante, pois eu queria comemorar aquele presente incrível que tinha ganhado do homem da minha vida.

Tivemos um jantar maravilhoso no Ritz e, depois de deixar vovó em casa, seguimos para a mansão a fim de termos mais uma surpresa.

Quando entramos na sala, Elsie estava conversando com dois seguranças que desciam com suas malas.

— Está indo embora, Tia Elsie? — Robert perguntou e se aproximou dela.

— Estou, sim, querido, só estava esperando você chegar para me despedir.

Aquilo estava muito estranho. Pelo pouco que a conhecia, nunca imaginei que fosse embora por conta própria.

— Sua reforma ficou pronta?

Ela fez que não com a cabeça.

— Na verdade, ainda falta algum tempo para terminar, mas Celine me convidou para passar uma temporada em uma das casas de campo da família. Imagine que sorte a minha! — disse ela, toda orgulhosa.

Então, era isso. Elsie tinha conseguido um *upgrade* em sua estada e iria passar férias de luxo com a realeza.

— Fico feliz que tenha sido convidada — disse Robert, gentil.

Quse ri, eu sabia que, no fundo, nem ele aguentava mais a própria tia.

Elsie tagarelou em como estava feliz, agradeceu a hospedagem e ainda pediu o motorista emprestado.

Óbvio que Robert permitiu, pois todos estavam aliviados por saber que ela iria embora.

Assim que a porta se fechou, procuramos por Charlotte, que estava sentada no terceiro degrau da escada e escondia o rosto entre as mãos.

— O que foi, querida? — Robert perguntou.

Lentamente ela foi levantando o rosto e nos encarou.

— Eu queria tanto que Tia Elsie fosse embora que esqueci que a Laura só iria ficar aqui enquanto a tia bruxa também estivesse.

Seu comentário também me deixou em alerta. Eu já estava vivendo ali há alguns meses e tinha até me esquecido do nosso combinado.

— Querida, eu vou estar sempre aqui do lado — comecei, mas logo Robert me interrompeu.

— Gostaria que ficasse — disse ele, segurando minhas mãos.

— Robert...

Charlotte deu um pulo da escada e me abraçou.

— Por favor, Laura, nós amamos você, não nos deixe mais.

Meu coração ficou apertado com o seu apelo.

— Sim, Laura, ela tem razão, nós amamos você e já estamos acostumados com sua presença pela casa, então fique — ele pediu, acariciando meu rosto.

As coisas com Robert Collins sempre foram intensas, rápidas e cheias de surpresas.

Então, estaria mentindo se falasse que não fantasiei essa cena em minha cabeça. Sempre ficava imaginando o que diria quando chegasse o dia em que eu tivesse que ir embora. Ele não poderia ter me surpreendido de um jeito melhor.

Eu já me sentia completamente dele e esse pedido me mostrava que ele

também queria ser meu.

— Sim, se é para o bem de todos, eu aceito ficar — brinquei e fui esmagada por um longo abraço.

Elsie tinha ido embora e eu estava prestes a voltar a trabalhar. A vida não poderia estar melhor.

CAPÍTULO 45

Laura

Mesmo com o passar das semanas ainda custava a acreditar que tinha meu próprio escritório de arquitetura e tudo graças a Robert, que não mediu esforços para transformar aquele sonho em realidade.

Após o primeiro momento de euforia eu fiz uma reunião com a minha pequena equipe de funcionários, para que pudéssemos traçar planos e decidir pequenas coisas que facilitariam nossas vidas e dos nossos clientes, afinal, eu só conseguiria se contasse com p apoio de todos.

Vicky já era uma ótima profissional, assim como Kyle, mas Sya entraria no último ano da universidade, de forma que teria que continuar como estagiária em meu escritório também. Isso significava que eu precisaria contratar mais pessoas, assim, a equipe ficaria redondinha para dar início aos trabalhos.

— Laura, ligação para você, é o Sr. West — minha secretária avisou.

Eu me sentia tão boba por ter uma que às vezes ficava rindo sozinha.

Mas não naquele momento, estava surpresa demais por saber quem estava do outro lado da linha.

— Pode passar — pedi.

— Laura, como vai? — disse ele com sua voz rouca e educada.

— Estou ótima, Sr. West, e espero que esteja se recuperando bem.

— Estou melhor, querida, obrigado. Eu liguei para parabenizá-la por seu escritório, mas principalmente para me desculpar pelo que lhe fizeram.

Senti alívio enorme por saber que ele não tinha compactuado com a sujeira que Ruby e Hankle fizeram comigo.

— Está tudo bem, foi difícil quando me demitiram, mas Deus tinha planos melhores para mim.

— Concordo plenamente e sei que agora é tarde demais para pedir que volte, então, vou lhe desejar muito sucesso.

Sorri largamente e conversei com ele por mais alguns minutos.

West falou que seu estado de saúde ainda exigia cuidados, mas que ele tentaria ficar de olho no escritório, para que Hankle e Ruby não tomassem mais nenhuma decisão precipitada. Depois, mesmo deixando isso claro quando me pediu desculpas, ele quis garantir que não tivera nada a ver com o que me fizeram e eu o tranquilizei, não queria que se preocupasse quando ainda estava se recuperando.

Ao encerramos a ligação eu me sentia feliz por saber que estávamos bem. Ele tinha sido uma das pessoas que mais me ajudaram no início da minha carreira e eu não poderia culpá-lo por coisas que estavam alheias às suas vontades.

* * *

— E aí, aonde vamos almoçar? — Vicky perguntou quando finalizamos uma reunião.

— Que tal naquele restaurante novo ali da esquina? Todos estão falando maravilhas da comida — sugeri, já pegando minha bolsa.

Descemos as escadas e como de costume Sya e Anne, que havia se juntado ao escritório há alguns dias, fizeram o mesmo.

Estávamos abertos oficialmente há algumas semanas, então seria uma ótima forma de encerrar aquela sexta-feira com chave de ouro, pois na parte da tarde eu não iria ficar no escritório. Vicky ficaria responsável por fechar tudo

para mim.

Nos últimos dias eu tinha trabalhado até tarde para dar conta de todos os projetos que precisava criar, então, para compensar o meu lindo namorado, prometi que trabalharia somente na parte da manhã naquele dia para podermos ficar mais tempo juntos ou viajar.

Saímos do escritório e antes de dar dois passos escutei um burburinho do outro lado da rua.

— Então é com ela que você está me traindo todo esse tempo? — uma mulher berrou para quem quisesse ouvir e quando notei com quem ela falava, soube que se tratava da esposa de John Henkle.

Como de costume, Ruby estava ao seu lado e parecia não acreditar que aquilo estivesse acontecendo em plena luz do dia e na frente da empresa onde trabalhava.

Da minha sala eu sempre os via saindo para almoçar e sabia que aquilo não iria dar certo.

Bom, não deu.

Com a ausência de West, o pau-mandado de Ruby teve que comparecer com mais frequência no escritório, com isso, os almoços prolongados aumentaram, assim como seu contato com Ruby também.

— Querida, eu posso explicar — disse ele, e ela jogou um monte de fotos na cara dele.

Como era horário de almoço, os funcionários da Hankle e West começaram a sair e perceberam o barraco que estava rolando.

Para falar a verdade, todos sabiam que aquilo era uma tragédia anunciada, então, ao invés de seguir para o restaurante, eu cruzei os braços e fiquei assistindo de camarote.

— Meu Deus, que vergonha — disse Vicky quando a esposa de Hankle começou chamar Ruby de interesseira, alpinista social, vagabunda, destruidora

de lares, entre outros elogios.

Ruby parecia perdida e desesperada para sumir, só que, quando se virou para sair do meio da confusão, a esposa de Hankle a puxou pelos cabelos. Ela se desequilibrou e caiu estatelada no chão.

— Ruby Foster pagando calcinha? Eu vivi para ver isso — Vicky comentou enquanto todos estavam de olhos arregalados com aquela confusão.

Enquanto Ruby se levantava, a Sra. Hankle atacou o próprio marido, dando-lhe bolsadas e o chamando de cafajeste.

Eu poderia ficar por ali o dia todo me deliciando com a cena de Ruby Foster sendo humilhada em público, mas logo pensei na dor que a mulher de Hankle deveria estar sentindo e me senti mal instintivamente.

— Vamos, meninas, acho que já vimos o suficiente — falei enquanto Hankle estava indeciso entre segurar a esposa e socorrer a amante.

Enquanto atravessávamos a rua, meu olhar cruzou com o de Ruby e juro que não senti qualquer arrependimento. Na verdade, ela parecia envergonhada por ter apanhado em público, mas não acreditava que o caso dos dois tivesse acabado.

De qualquer forma, não era problema meu, eles que se resolvessem.

— Laura, eu não acredito que vocês já estão morando juntos, sua sortuda — Vicky disse quando eu finalmente falei que estava morando com Robert.

— Achei que fosse demorar uma vida para eu me apaixonar por alguém, mas se passaram poucos meses e eu já me sinto praticamente casada. Casada e feliz.

— Sim, eu lembro que no início do ano você nem queria ouvir falar sobre relacionamentos e agora está casada. Isso, sim, é presente de Natal antecipado.

Na verdade, Robert era o meu presente atrasado de todos os Natais.

Eu jamais poderia agradecer o suficiente por Deus ter colocado um homem

tão incrível na minha vida.

Mesmo sabendo que estávamos na fase de uma paixão arrebatadora, eu me negava acreditar que algum dia olharia para ele e não sentiria todo amor e admiração que tomavam o meu peito naquele momento.

CAPÍTULO 46

Robert

— Tudo bem, à noite você me conta os detalhes — despedi-me de Laura e não pude conter um sorriso.

Ela havia acabado de contar que uma grande construtora entrara em contato dizendo que tinha deixado o antigo escritório e estava à procura de outro.

Mesmo que eles tenham sido discretos, ela já havia reconhecido o nome e sabia que o antigo escritório ao qual se referiu se tratava do lugar onde ela costumava trabalhar.

Isso a deixou radiante e sua alegria me contagiou. A cada dia ela provava que eu estava mais do que certo ao lhe oferecer aquele escritório.

Lembrava-me com nostalgia que foi difícil esconder a surpresa, mas eu sabia que ela não aceitaria caso eu oferecesse o imóvel ou qualquer ajuda, então preparei tudo às escondidas, torcendo para que, quando visse tudo pronto, ela não recusasse. O que haviam feito a ela foi muito injusto e eu não sosseguei até que seu sorriso estivesse iluminado, do jeito que eu gostava.

E Laura merecia, era muito talentosa e devia gastar todo seu tempo e energia em seu próprio negócio, sem ter que ficar aguentando os caprichos de uma mulher frívola e invejosa.

Pensar em Ruby Foster me fez lembrar do dia em que Laura me falou a respeito da confusão que aconteceu em frente à H&W. Eu me fiz de desentendido e dei risada do seu relato cheio de detalhes, mas o que Laura não sabia era que as fotos que chegaram às mãos da esposa de Hankle tinham sido feitas pela equipe do detetive que estava cuidando do furto da mansão.

Eu jamais deixaria barato a sacanagem que fizeram com Laura, e se Hankle era fraco o suficiente para se deixar enganar por uma predadora como aquela, nada mais justo que pagasse pelas puladas de cerca que dava no casamento e, de quebra, levasse Ruby junto.

E foi o que aconteceu. Após o escândalo, Hankle conseguiu acalmar a esposa e contornou a situação, mas obviamente que, como prova de amor, a amante teve que ser demitida e essa foi a melhor parte da história.

Ruby Foster tinha pedido o pescoço de Laura ao amante e o dela havia sido entregue em uma bandeja de prata pelo seu próprio amante.

Muitos diriam que aconteceu uma justiça poética, de minha parte, só estava feliz por aquele novela ter terminado.

Verifiquei o relógio e comecei a arrumar minha valise para poder ir embora da sede administrativa do banco, mas antes de terminar, um número desconhecido apareceu na tela do meu celular.

Eu não costumava atender, mas levando em conta que eu estava no meio de uma investigação, fiquei curioso.

— Alô.

— *Robert, sou eu, Celine*.

Recostei-me na cadeira, sentindo-me subitamente frustrado.

Que diabos ela ainda queria comigo?

— Celine, se o fato de eu não ter atendido aos seus telefonemas no decorrer de todas essas semanas não te disse nada, deixe-me ser mais específico: eu estou namorando, praticamente casado com Laura. Pare de me ligar.

— *Eu não entendo como que, de uma hora para outra, as coisas esfriaram tanto entre nós*.

A última coisa que eu queria era ter uma DR com uma pessoa com quem eu só ficava esporadicamente.

— Eu me envolvi com outra pessoa, me apaixonei, foi isso que aconteceu.

— *E aquele papo de sexo sem compromisso, isso não se estende a ela?*

Nunca imaginei que Celine pudesse se rebaixar daquela maneira. Acho que ela pensava que me tinha nas mãos e ainda não havia conseguido assimilar minha indiferença.

— Não, nunca se aplicou a ela e nem vai se aplicar. Eu estou apaixonado — confessei, sem saber por quê.

Minha resposta seca a deixou sem palavras e o silêncio se estendeu por longos segundos.

— *Ok. Bom, eu que não ficarei esperando por você. Isso significa que as férias de sua tia acabaram, vou manda-la de volta para sua casa* — falou e bateu o telefone na minha cara.

Fiquei olhando para o aparelho, ainda sem acreditar no que havia acontecido. Celine era sempre doce e educada e vê-la tão descontrolada era assustador.

Mas o que me deixou intrigado foi saber que ela tinha convidado tia Elsie com o intuito de descobrir alguma coisa sobre mim e Laura. Depois de suas últimas investidas, ficou um tanto óbvio que tinha sido esse o motivo de tamanha gentileza.

De qualquer forma, eu não pretendia abrigar Tia Elsie novamente, então ela teria que procurar um hotel ou ficar em sua própria casa.

Voltei a guardar minhas coisas e antes que eu pudesse sair do escritório, minha secretária avisou que o detetive Bates estava me aguardando.

Eu não me lembrava de ter marcado nada com ele, mas estávamos de comum acordo que ele poderia me procurar a qualquer momento, caso descobrisse alguma coisa sobre o furto.

— Alguma novidade? — perguntei depois que nos cumprimentamos.

— Muitas, meu amigo, é melhor se sentar.

— Estou ouvindo.

— Robert, não tem um jeito tranquilo para revelar tudo o que descobri nas últimas semanas.

— Sem rodeios, Bates. — Ele me conhecia e sabia que deveria ir direto ao ponto.

— Nós iniciamos as investigações focando em todos os seus funcionários e pessoas que estiveram na sua propriedade, não só naquele fim de semana, mas durante todo o ano... Bom, você sabe como minha cabeça funciona.

Assenti, sentindo uma enorme curiosidade crescer dentro de mim.

— Juntamente com Spencer eu analisei todas as filmagens e a única coisa suspeita foi a visita de sua irmã em uma noite em que nem você e nem seu chefe da segurança estavam em casa.

— Quando foi isso?

— No início do ano, pouco antes de sua sobrinha ir morar com você.

— E o que a visita dela tem a ver com tudo isso?

— Em um primeiro momento nada, mas as filmagens internas a mostram conversando com seu mordomo e tanto eu quanto Spencer percebemos que a linguagem corporal dos dois sugeria que eles eram ou já haviam sido, digamos, íntimos.

Eu entendi o que ele quis dizer, mas não soube o que pensar.

Ele pegou o celular e me mostrou as imagens.

— Ela está claramente alterada, mas ele tenta afastá-la a todo custo.

— Oliver já a viu milhares de vezes assim, esse comportamento dela é completamente normal. Não entendo onde quer chegar com essa conversa.

— Depois de ver isso, eu fiquei desconfiado e mesmo você me pedindo para não investigar seu mordomo, eu o coloquei entre os suspeitos e um dos

meus homens o seguiu por semanas a fio.

Soltei o ar, irritado.

— Acalme-se, Robert — pediu —, deixe-me terminar.

Ele pegou sua pasta que estava ao lado da cadeira e a abriu.

— Aqui estão fotos e vídeos que comprovam a ligação entre Oliver e Kate. Robert, eles foram amantes durante anos.

Não sei quanto tempo fiquei olhando para o detetive, tentando entender onde ele havia errado, porque só podia ser uma grande loucura.

— Você só pode estar brincando.

— Veja com seus próprios olhos — disse e me ofereceu um envelope.

Lá dentro havia várias fotos e quando meus olhos se fixaram naquelas imagens eu me dei conta de que aquela merda era realmente verdade.

Conforme eu ia absorvendo o que via, meu estômago se revirava.

Havia fotos dos dois conversando no apartamento de Kate e algumas deles transando na cama dela. Aquilo era demais até pra mim.

— Como conseguiram tudo isso?

— Depois que soube para onde ir, foi até fácil. O Sr. Reed era bem precavido e apagava qualquer vestígio de contado com ela, mas Kate não teve tanto cuidado. Ela gostava de filmar as orgias que fazia em seu apartamento e possuía, inclusive, pastas com fotos e vídeos. Ele caiu por causa dela.

Oliver e Kate?

Balancei a cabeça em desgosto, tentando entender como eles puderam ter tido alguma coisa bem embaixo do meu nariz. Mas à medida que Bates detalhava a forma como descobriu o caso deles, a realidade daquilo se tonava mais palpável.

Ele continuou relatando o que havia descoberto e me chocou outra vez ao dizer que minha irmã tinha uma pasta de fotos com meu nome. Quando o

detetive viu as imagens, ele sacou de imediato que a garotinha com quem eu cresci nutria sentimentos amorosos por mim.

Tudo bem, nós não éramos irmãos de sangue, mas em minha mente nós éramos e esse tipo de coisa jamais passou pela minha cabeça.

— Você já conseguiu me convencer de todas essas loucuras, mas e quanto ao furto?

— Bom, aí a coisa fica ainda pior.

Ele explicou que havia colocado uma grande equipe para vasculhar a vida deles dois e assim, foram ligando fatos a datas até chegarem a verdade.

— Desde a última vez em que ela visitou a menina, não conseguimos rastrear mais nada sobre possíveis encontros. Acho que o caso deles acabou nessa época, então estamos achando que ele agiu sozinho nesse caso.

Oliver tinha me roubado e ainda tinha um caso com a desmiolada da minha irmã que era apaixonada por mim. Era tão inacreditável que eu tive vontade de rir!

— Não sei o que dizer, isso parece um filme de terror.

— Eu sei e agora vem a pior parte.

— Achei que não pudesse ficar pior.

— Quando reuni todas as provas, eu e minha equipe tentamos localizar Oliver, mas em um primeiro momento não conseguimos, então fomos atrás de Kate. Nós a encontramos em seu apartamento, e embora estivesse totalmente bêbada, ficou assustada com nossa presença e acabou facilitando meu trabalho.

— E?

— Em um primeiro momento ela negou que tivesse qualquer coisa com Oliver, mas eu usei de minha experiência e das informações que possuía sobre ela para amedrontá-la. Falei que sabia de tudo o que ela e Oliver haviam feito e que você não teria piedade de nenhum dos dois. Nesse momento ela se

desesperou, disse que não queria ir para a cadeia e que estava arrependida de ter causado o acidente que matou Stacy.

Um arrepio subiu pela minha espinha ao escutar aquilo.

— Robert, eu também fiquei paralisado ao escutar isso, afinal, trabalhei nesse caso e nunca achamos indícios de que o carro havia sido sabotado ou algo assim, mas quando percebi que aquilo era uma possível confissão, pressionei da maneira certa e ela acabou falando tudo. É possível que o álcool tenha ajudado, mas Kate falou com todas as letras que sempre foi apaixonada por você e que naquele dia bebeu, usou drogas e perseguiu Stacy, pois queria confrontá-la, mas ela acabou perdendo o controle do carro.

Eu simplesmente não conseguia falar uma palavra.

Saber que, além de tudo, Kate havia causado o acidente de Stacy era demais para mim.

— Eu sei que está em choque, mas temos provas de tudo. Oliver foi preso ontem no Caribe, já sua irmã está sendo monitorada — ele deu de ombros —, eu precisava falar com você antes de fazer qualquer coisa.

Definitivamente, eu estava sem chão, eram tantas informações que eu me sentia tonto, confuso, irritado.

— Ligue para Archie e passe toda essa nojeira para ele. Se tudo que me falou é verdade, quero que os dois apodreçam na cadeia.

Bates assentiu e conversamos por mais uma hora.

Depois de beber uma boa dose de uísque, pedi que ele me desse mais detalhes do que havia descoberto e ele o fez, sempre me mostrando evidências e provas.

Ao final, eu estava certo de que nunca em minha vida havia me sentido tão enganado, triste e sem rumo.

As obras de arte eu sabia que dificilmente seriam recuperadas, e já estava conformado, mas saber que a loucura de Kate por mim a fez tirar a vida de outra

pessoa me deixou completamente desolado.

CAPÍTULO 47

Laura

Robert e eu sempre voltávamos juntos para casa, mas naquela tarde ele teve um imprevisto e acabou pedindo para o motorista me levar primeiro, já que eu tinha combinado com Charlotte de enfeitar a casa para o Natal.

Depois de muito conversar, decidimos passar nosso primeiro natal em casa mesmo, então providenciei muitas luzes e enfeites para deixar tudo maravilhoso.

Como Robert estava demorando para chegar, a minha pequena ajudante e eu desembalamos todos os enfeites e colocamos a mão na massa.

Durante a semana eu já havia pedido para uma empresa montar uma gigantesca árvore de Natal no hall de entrada, e com a ajuda de uma escada fomos colocando todos os objetos que eu havia comprado.

Char decidiu que a árvore seria tradicional, com muito dourado e vermelho, então foi exatamente o que providenciei.

Óbvio que poderíamos ter contratado uma empresa que deixaria tudo impecável, mas com certeza não seria tão divertido.

— Será o Natal mais feliz da minha vida, com você e o tio Robert — disse ela, *me* entregando um laço.

— O meu também, querida — falei e lhe ofereci um sorriso carinhoso.

Mesmo com a ajuda de Charlotte e Rosie, não conseguimos decorar toda a árvore naquele dia, então guardamos o resto dos enfeites e continuaríamos no dia seguinte.

Terminamos a arrumação do hall e quando olhei no relógio percebi que já era tarde.

Liguei para o celular de Robert, mas estava na caixa postal. Não me preocupei, pois ele tinha sérios problemas em carregar o celular.

Fiz um lanche com Charlotte e Rosie e depois subimos para que eu a colocasse na cama. Fiquei um bom tempo com ela no quarto e depois fui para a suíte esperar por Robert. Pensei em ligar para o motorista, pois ele sempre sabia onde meu namorado estava, no entanto, eu não queria bancar a ciumenta.

Como não estava conseguindo dormir, desci para esperar Robert na sala.

Não sei quantas voltas eu dei pela casa e nada dele. No auge da minha ansiedade, *me* sentei na escada e fiquei mexendo no celular. Já era mais de meia noite quando escutei o barulho de um carro estacionando em frente à casa.

Escutei as vozes dos seguranças e logo o burburinho foi se aproximando da porta de entrada.

Me levantei ao notar que dois seguranças entraram praticamente arrastando Robert para dentro. Estava morrendo de preocupação, mas logo percebi que ele estava completamente bêbado e que não falava nada com nada.

— Robert?

— Amorrr... — disse ele, com a voz arrastada.

— Levem ele para o quarto — eu pedi aos seguranças, que atenderam prontamente.

Eu não tinha qualquer condição de ajudá-lo a subir as escadas, então fui na frente e abri a porta da suíte para que eles pudessem passar.

Assim que os seguranças o deixaram na cama eu agradeci e fechei a porta.

Por sorte Charlotte já deveria estar dormindo, seria terrível ela ver o tio naquele estado.

— Robert, o que houve, por que bebeu desse jeito? — perguntei enquanto tirava seus sapatos e meias.

Eu estava surpresa e irritada com aquela situação, pois ele nunca havia

bebido daquele jeito, então imaginei que alguma coisa pudesse ter acontecido.

— Aqueles malditos, eles me roubaram... — falou novamente com a voz arrastada, mas consegui compreender.

— Quem te roubou?

Ele se levantou com dificuldade e se sentou na cama.

— Preciso de um banho...

Senti um frio na barriga quando ele falou isso.

— Robert, fale comigo.

Ele não respondeu e saiu em direção ao banheiro.

Fui atrás, pois fiquei com medo que ele tropeçasse em alguma coisa.

Quando cheguei lá, ele já tinha tirado a camisa e eu o ajudei com a calça. Sem falar nada ele ligou o chuveiro, se encostou à parede e deixou que a água escorresse pelo seu corpo.

Pela primeira vez em meses eu não o olhei com ar de cobiça, muito pelo contrário, mesmo estando completamente nu, a única coisa que senti foi agonia por vê-lo naquele estado.

Robert estava visivelmente triste e atormentado.

Deixei que o silêncio se estendesse entre nós e que a água gelada trouxesse o meu homem de volta, pois o Robert que chegou àquela casa era só um rascunho da pessoa que eu conhecia.

Contrariando a voz que me falava para deixá-lo sozinho, eu acabei fazendo o contrário. Tirei minhas roupas e entrei com ele no chuveiro. Peguei um sabonete e comecei a lavar o seu corpo. Ele abriu os olhos ao perceber o meu toque.

— Desculpe por isso, você não merece me ver assim... — falou, com a voz um pouco melhor.

— Tudo bem, vamos tomar um banho juntos e depois você me conta o que

aconteceu.

Ele assentiu.

Lavei cada parte do seu corpo com cuidado, lavei seus cabelos e depois o ajudei a se secar e o levei para cama. Eu estava curiosa para saber o que tinha acontecido, mas antes disso eu precisava que ele melhorasse um pouco.

Para o meu azar, Robert acabou dormindo enquanto eu me trocava, então juntei toda minha frustração e me deitei ao seu lado.

Sua respiração estava pesada e com cheiro de uísque, mas o que me deixou realmente triste foi acordar em certa altura da noite com ele me chamando de Stacy.

Aquilo nunca havia acontecido e me deixou completamente sem reação.

Não vou mentir, doeu. Doeu muito.

* * *

Despertei antes de Robert, me arrumei e desci para tomar café. Imaginei que, por ser sábado, ele iria dormir até mais tarde. Eu estava morta de curiosidade para saber o que tinha acontecido, então comi e logo voltei para o quarto.

Obviamente que eu não iria jogar o meu relacionamento pelo ralo só porque ele teve um sonho com a falecida esposa, mas escutá-lo chamando o nome dela me deixou mal.

Quando entrei na suíte ele já estava de banho tomado. Robert usava jeans, camisa de botões e seu perfume tomava todo o ambiente. Era reconfortante ver que pelo menos aparentemente ele tinha voltado a ser o meu Robert.

— Laura, eu nem sei o que falar — disse ele e se sentou ao meu lado na

cama.

— Eu sei que você deve ter um bom motivo para tudo o que aconteceu.

— Sim, eu tenho. Basicamente o detetive descobriu que Oliver e Kate têm um caso há anos. Oliver roubou minhas obras de arte e Kate é a responsável pelo acidente de Stacy. Eu precisei beber. Desculpe.

Agora, sim, tudo fazia muito sentido.

— Que horror!

— Sim, Laura, eu perdi o chão ao saber que minha própria irmã tirou a vida de uma pessoa e que Oliver tenha me roubado, foi demais para mim — disse, pesaroso, e segurou a minha mão. — Você tinha razão o tempo todo em desconfiar dele, desculpe por isso também.

Tudo o que Robert estava me falando era um absurdo, mas em meia hora de conversa ele me explicou o que o detetive falou para ele. E que depois do encontro que tiveram ele bebeu uma dose em seu escritório e depois outra e outra e quando percebeu tinha ingerido a garrafa inteira.

— Robert, eu entendo que tenha sido um tremendo baque. Isso explica a sua bebedeira, mas gostaria que não voltasse a se repetir. Eu quase não te reconheci, sem contar que...

Parei de falar, pois aquilo tinha me incomodado profundamente.

— Que?

— Você me chamou de Stacy durante a noite.

Ele fechou os olhos com força, como se estivesse se castigando por aquilo.

— Meu amor, depois de tudo que escutei do detetive, é normal que tenha sonhado ou delirado, mas nada muda o que sinto por você. Stacy foi muito especial na minha vida, confesso que fiquei abalado por saber que sua morte não foi um acidente, mas nada muda o que sentimos um pelo outro. Eu te amo demais, nunca duvide disso — ele falou de um jeito tão carinhoso que meu

coração ficou apertado.

Deveria ser terrível para ele saber de todas essas revelações.

— Tudo bem, já passou. Eu entendo e não te julgo.

Ele beijou a minha mão e sorriu.

— Vou deixar todos esses problemas nas mãos dos meus advogados. Kate e Oliver vão pagar por seus crimes. Me perdoe pelo meu péssimo comportamento, eu precisava extravasar a raiva, mas isso jamais irá se repetir. A partir de agora vamos virar essa página. Quero começar uma nova história. Eu, você e Charlotte. Não consigo imaginar minha vida sem vocês duas ao meu lado.

Limpei a lágrima que escorreu em meu rosto e senti no fundo do coração que a partir daquele dia todos os nossos demônios estavam exorcizados e que uma fase maravilhosa estava para começar.

— Sim, amor, eu também te amo e estarei sempre aqui.

Robert rolou por cima do meu corpo e me calou com um beijo ardente, que me fez suspirar em seus lábios. Justo eu, que sempre fui tão cética em relação ao amor, agora me via entregue e fazendo planos de passar o resto da minha vida com o homem por quem eu estava completamente apaixonada.

CAPÍTULO 48

Robert

UM ANO DEPOIS...

Quando o destino nos tira uma pessoa amada, custamos a acreditar que um dia conseguiremos superar. O vazio e a sensação de impotência tomam todas as células do nosso corpo e a tristeza faz morada.

Foi assim que me senti quando Stacy se foi, na época, aquela morte tão prematura me tirou o chão e me levou para o inferno e eu nunca achei que fosse me recuperar, muito menos ou amar alguém novamente.

Esse pensamento me guiou por anos, eu blindei meu coração, *me* obriguei a não me apaixonar e enganei a mim mesmo dizendo que estava bem assim.

Então, quando vi Laura pela primeira vez e senti meu coração estremecer, eu me enganei mais uma vez e fingi que era apenas desejo e que quando ficasse com ela tudo aquilo iria passar.

Nunca estive tão errado. Depois do primeiro beijo eu fiquei ainda mais enfeitiçado, atraído, dominado.

A batalha interna foi grande. Tentei afastá-la, tentei sufocar o que sentia, pois uma parte do meu ser entendia que aquilo era errado, proibido, desleal.

Foi preciso sentir um pouco do seu desprezo para que eu me desse conta de que estar com dela era o que me fazia feliz. Meu orgulho foi vencido por algo muito maior do que o desejo carnal — que existia numa escala gigantesca —, que havia se alojado em meu coração e se aquecia toda vez que ela sorria para

mim.

Foram esses detalhes que me fizeram perceber o quanto ela era valiosa.

E quando percebi que estava irrevogavelmente apaixonado, fiz o que jamais imaginei que faria por alguma mulher, levei-a para morar comigo sem me preocupar com o que as pessoas falariam e me dediquei a conquistá-la um pouquinho mais a cada dia.

De minha parte, Laura e eu teríamos nos casados logo após a sua formatura, todavia, eu tinha medo de assustá-la com a intensidade dos meus sentimentos. Sabia que ela queria se consolidar como arquiteta e um casamento repentino poderia atrapalhar seus planos e, muito provavelmente, nosso relacionamento.

Foi difícil para mim sufocar o desejo que tinha de estar ao lado dela em cada minuto do meu dia, e se eu tivesse um pouco menos de idade e vivência, certamente teria proposto que ela largasse tudo e se casasse comigo, afinal, eu tinha dinheiro mais que suficiente para nós dois, não é mesmo?

Meu Deus, aquilo seria um belo tiro no pé, pois Laura era inteligente e independente demais para aceitar algo assim.

Então, montar o escritório de arquitetura para ela foi uma forma de fazê-la se sentir realizada em sua profissão, já que com seu talento, ela conseguiria se realizar fazendo o que mais amava.

Conforme os meses passavam eu fui me dando conta da vida maravilhosa que tínhamos juntos e a vontade de perpetuar aquilo só aumentava. Em uma das nossas viagens de fim de semana, eu a levei até a Grécia e a pedi em casamento em uma das praias mais paradisíacas do mundo.

Ainda tinha nítido na memória o seu choro emocionado e as palavras que me disse logo após o meu pedido.

Eu te amo tanto, Robert, você mudou o meu jeito de pensar sobre o amor, sobre a vida, sobre tudo. Obrigada por existir e por me fazer a mulher mais feliz

desse mundo.

Escutar aquilo da mulher que eu amava me enchia de felicidade. Sempre fui um homem à moda antiga, daqueles que acreditava que casamento era para sempre e algo me dizia que com ela seria.

Sorri quando escutei a marcha nupcial tocando e avistei Charlotte com um lindo vestido cor de lavanda, jogando pétalas de rosas para que Laura pudesse passar.

Segundos depois eu avistei Laura caminhando pelo gramado dos jardins da mansão, que estavam decorados com flores e tendas.

Fiquei feliz quando ela decidiu que queria se casar em nossa casa. Foi onde tudo começou, onde pretendíamos morar e formar nossa família.

Olhei para a frente e vi minha futura esposa. Como sempre, senti aquela famosa fisgada no coração.

Mesmo após quase dois anos juntos, eu acordava e ia dormir com a certeza de que aqule linda mulher era a melhor coisa que poderia ter me acontecido.

Ela estava usando um vestido feito por Grace. Ele era de um tecido delicado, que dançava sobre o seu corpo conforme ela caminhava entre as fileiras de cadeiras que comportariam nossos poucos convidados.

Eu havia convidado apenas alguns amigos e familiares mais próximos, já a lista de Julie era ainda mais reduzida, uma vez que sempre fora discreta e seletiva no que se referia a amigos.

Sorri ao notar que combinávamos até nisso.

Laura viu aquilo e também sorriu, pois adorava me ver genuinamente feliz.

— Você está linda — falei quando ela parou ao meu lado.

— Obrigada, amor

Dei um selinho em seus lábios e notei o quanto ela e Grace pareciam emocionadas.

Eu já havia me casado uma vez, também tinha sido especial, mas nada se comparava ao que eu sentia enquanto escutava as palavras do padre que conduzia a nossa cerimônia.

Amar aquela mulher era tão simples e descomplicado, que às vezes eu chegava a pensar que estava vivendo um sonho.

Escutei pacientemente todas as recomendações do padre e me emocionei com várias passagens da bíblia a respeito de casamento, família, fidelidade e filhos.

Essa palavrinha me fez lembrar de Charlotte. Indiretamente, Charlotte, era nossa filha e com ela nós formávamos uma família, mas eu ainda desejava ter um filho concebido pelo poder do nosso amor e dava graças a Deus por Laura querer o mesmo.

Nós inclusive já estávamos tentando há alguns meses. Laura já não usava mais anticoncepcional e eu ansiava pelo dia em que ela me diria que estava grávida, mas guardava toda essa ansiedade para mim, não queria que ela se sentisse pressionada.

Ao final da cerimônia recebemos as felicitações e nos sentamos à uma das mesas para que Laura pudesse descansar.

A tarde estava linda, com a luz do sol brilhando entre as nuvens, o que deixava o clima perfeito.

— Posso pedir uma coisa a vocês? — Charlotte perguntou, sentando-se em meu colo.

— Claro que sim, meu amor — respondeu minha esposa do seu jeito carinhoso e acariciou os cachos dos cabelos dela..

— Agora que já estão casados, eu posso chamar vocês de papai e mamãe?

Um nó se formou em minha garganta e acho que o mesmo aconteceu com Laura, que ficou paralisada com o pedido.

Após saber que Kate estava envolvida no acidente de Stacy, eu fui com

tudo que tinha para cima dela e meus advogados usaram todas as provas que conseguimos para que a guarda de Charlotte fosse definitivamente minha.

Fiz aquilo para proteger Charlotte e faria tudo de novo, embora pretendesse poupá-la das piores pastes. Se dependesse de mim, ela nunca saberia sobre as coisas que sua mãe fez.

— Será um prazer ser sua mãe, princesa — Laura respondeu, emocionada, e limpou uma lágrima que escorria no rostinho de Charlotte.

— Eu já me considerava um pouco seu pai quando você nasceu, mas desde que consegui eu apenas tive certeza.

Ela puxou Laura para um abraço triplo.

— Obrigada, papai e mamãe, sou muito feliz por ter vocês na minha vida.

Ao escutar aquelas palavras, Laura a apertou ainda mais e permanecemos daquele jeito por longos segundos, completamente emocionados e muito felizes por saber que Charlotte nos considerava tanto a ponto de pedir para que fôssemos os seus pais.

Após aquele momento, ela saiu para brincar com as três outras crianças de sua idade que estavam ali e Laura se sentou perto de mim.

— Hoje é o dia mais feliz da minha vida — disse ela com a cabeça encostada em meu peito. — Ganhei um marido lindo e uma filha maravilhosa.

Sorri e acariciei seu rosto, que estava com uma maquiagem levemente perolada, tão delicada quanto ela.

— O meu também, amor — respondi e a convidei para dançar.

Dançamos umas três músicas e então Laura me pegou pela mão e me levou para longe da festa e do barulho.

— Quis fazer meus votos usando minhas próprias palavras, mas no calor do momento deixei muitas coisas para trás — falou, com lágrimas nos olhos quando chegamos ao nosso lugar preferido: a adega.

— Suas palavras foram lindas, eu amei.

Ela sorriu e castigou seu lábio inferior com os dentes, como sempre fazia quando estava nervosa.

— Você mudou completamente a minha vida, me mostrou que nem todos os homens são iguais e isso foi tão importante para mim — confessou, emocionada. Acariciei seu rosto e deixei que ela continuasse: — Eu pensei em várias formas de lhe dar essa notícia, mas acho que você espera tanto por isso que eu não vou mais enrolar.

Meu coração acelerou em antecipação, mas tinha sentido o gosto da frustração por meses seguidos e não quis me antecipar.

—Finalmente conseguimos, meu amor. Eu estou grávida,

Acho que demorou alguns segundos para a ficha cair. Eu sonhei tanto com o dia que ela iria me dar aquela notícia, mas nunca imaginei que fosse no dia do nosso casamento.

Aquele, definitivamente, havia se tornado o dia mais importante da minha vida.

Tomei Laura em meus braços e a beijei profundamente, sentindo que meu peito poderia explodir a qualquer momento.

Afastei-me um pouco apenas para tocar sua barriga, ainda imperceptível.

— Não achei que esse dia pudesse ficar mais especial, mas você conseguiu transformá-lo em algo indescritível. Eu te amo, Laura.

Ela entrelaçou os braços no meu pescoço e me beijou.

Após tantos anos vivendo na escuridão do meu luto, eu finalmente tinha encontrado luz e amor, era assim que eu poderia definir a minha vida naquele momento.

Muitas mulheres tentaram ultrapassar as barreiras que construí ao longo dos anos, mas só, Laura Hunt, tinha conseguido decifrar os segredos da minha

alma e com isso ganhou as chaves do meu coração.

EPÍLOGO

Laura

— Mas eu não quero viajar com vocês, mamãe.

Encarei Robert e, para variar, ele ficou em silêncio, uma indicação nítida de que era a minha vez de lidar com ela.

Julie Collins tinha chegado em nossas vidas em uma linda noite de verão e posso dizer com toda a certeza de que era a criança mais linda em que já tinha botado os olhos. No entanto, desde os primeiros meses ela se mostrou um serzinho difícil.

Julie era caseira, estudiosa e centrada como eu, o que era uma dádiva, mas tinha a personalidade forte e decidida que vinha do pai. E isso sempre nos levava a alguma discussão.

Como aquela.

Viajar com os pais no fim de semana era inadmissível. Ela preferia ficar em casa com Charlotte fazendo nada a nos acompanhar a qualquer evento, por mais legal que fosse. E aquilo me enlouquecia.

Char e ela sempre tiveram uma relação maravilhosa, nossa filha sempre me ajudou a cuidar da mais nova e isso resultou em um lindo vínculo.

— Filha, você precisa sair um pouco de casa.

Ela cruzou os braços e levantou uma sobrancelha.

— Papai?

— Sim, meu amor — disse ele, despreocupado e meloso.

— Posso ficar em casa com a Char?

— Filha, eu sei que você gosta de ficar com sua irmã, mas vocês estão em idades diferentes. Talvez ela queira sair com os amigos dela — Robert argumentou, sensato como sempre.

Na verdade, ele morria de ciúmes das duas, e se pudesse, as manteria amarradas ao pé da cama, mas deixava que eu fosse a bruxa da história, o que era muito fácil, afinal, desde que Charlotte foi morar com ele, Robert diminuiu suas horas de trabalho e quando Julie nasceu, ele apenas continuou assim. Isso o deixou muito mais presente na vida delas do que eu. Contudo, era a mim que elas recorriam quando ele começava a bancar o homem das cavernas.

— Eu já perguntei, ela não vai sair.

Robert voltou a me encarar como se a decisão fosse minha.

— Tudo bem, você pode ficar, mas precisa mudar essa forma de pensar. Você já está uma mocinha e precisa sair de casa.

— Mãe, eu tenho 12 anos, pelo amor de Deus!

E eu tinha dó do rapaz que a namorasse, pois ela seria exigente ao extremo.

— Não estou falando para sair de casa e arrumar um namorado e sim para fazer algo com suas amigas, um cinema, teatro, sorveteria, qualquer coisa. É deprimente vê-la trancada o tempo todo.

— Mamãe, minhas amigas estão numa fase em que só falam de garotos. Garotos bobos que até hoje devem fazer competição de quem mija mais longe — ela revirou os lindos olhos verdes. — Olha, sinceramente, eu prefiro ficar em casa.

Tive que me segurar para não rir e vi o olhar de orgulho que Robert dedicava à sua filha.

— Você está certa, meu amor, terá tempo para esse tipo de coisa. Dedique-se aos estudos, porque assim que terminar a universidade, é você quem vai me ajudar a comandar os negócios da família.

— E morar em Nova York — ela emendou.

— Sim, você vai poder cuidar da rede de bancos nos Estados Unidos.

Minha filha abriu um largo sorriso foi abraçar o pai.

Meu Deus, nossa garotinha tinha apenas 12 anos e ele já contava com ela para comandar um império. E o pior era que ela estava de acordo. Desde pequena ela acompanhava Robert ao trabalho e há muito tempo tinha a meta de sua vida traçada. Claro que muitas águas ainda rolariam e na época de ingressar numa universidade, ela poderia mudar de ideia. Mas intimamente eu duvidava, Julie amava o mundo dos negócios e seria a sucessora do pai.

Contanto que pudesse ficar em Nova York; aquele era seu sonho de consumo e ela o realizaria com o sem o nosso aval.

Quanto a mim, continuava tocando meu escritório de arquitetura, que atualmente era um dos mais famosos de Londres, algo pelo que eu sentia imenso orgulho.

Após nossa pequena discussão, Julie subiu para seu quarto e eu fui me sentar no colo do meu marido.

— Ela é geniosa demais — comentei.

— Sim, mas não podemos obrigá-la a fazer o que não quer, aliás, deveríamos agradecer por ela ser tão tranquila com relação isso. Se ela fosse espevitada, eu já teria arrancado os cabelos.

Tive que concordar com Robert. As mães das amigas de Julie viviam reclamando que as filhas já estavam bem saidinhas, ao passo que a nossa só pensava em estudar e no que faria quando terminasse a universidade.

Julie era apaixonada por Nova York e era por causa dela que estávamos pensando em comprar um apartamento na cidade. Robert eventualmente precisava ir até, mas ele sempre preferiu a praticidade dos hotéis. Mas se nossa filha moraria lá futuramente, não daria para ficar em um hotel.

Imaginar minha garotinha que até outro dia usava tranças em seus longos

cabelos castanhos se tornando independente e vivendo do outro lado do oceano, me deixava de coração apertado, mas eu entendia que os filhos não eram nossos e sim para o mundo, restava a nós guiar seus passos da melhor maneira possível.

— Que tal um jantarzinho pré-viagem? — Robert sugeriu.

— Só se você cozinhar, esqueceu que demos folga para a Rosie?

— Eu posso até cozinhar, mas vai depender do que vou ganhar em troca — brincou e roçou os dedos na minha coxa.

— Eu te ajudo e ainda cuido da sobremesa — falei, rebolando em seu colo.

— Adoro quando você entra na brincadeira.

E eu era boba de não entrar?

Robert continuava tão lindo e charmoso quanto eu lembrava, seu apetite sexual não tinha diminuído nada e eu não tinha do que reclamar.

Diferente de nossas filhas que soltavam uma miríade de interjeições sempre que nos pegavam daquele jeito.

Levantei-me, puxei Robert de sua poltrona favorita e fomos para a cozinha. Enquanto ele procurava ovos e farinha para fazer uma massa fresca, eu me ocupei do molho.

Acabei voltando às meninas. Sempre que podia eu as arrastava para a cozinha, juntamente com seu pai para cozinharmos juntos.

Charlotte sempre foi muito prendada e eu tinha a impressão de que ela conseguiria fazer tudo o que quisesse. Já Julie não tinha o menor jeito para aquilo, mas adorava entrar na bagunça.

De certa forma eu queria mostrar que mesmo tendo muito dinheiro, nós poderíamos encontrar felicidade nas coisas simples, como preparar o próprio jantar.

Olhei para Robert que sovava a massa e me lembrei das vezes em que ia para o sótão da minha casa e passava as noites bisbilhotando o que acontecia na

mansão do meu vizinho. Eu jamais poderia imaginar que ali morava o homem que seria o pai das minhas filhas e o grande amor da minha vida.

Bem que dizem que muitas vezes o amor está mais perto do que a gente imagina. No meu caso, estava do outro lado do muro.

BÔNUS

Oliver

Eu passei grande parte da minha trabalhando para pessoas ricas, gente esnobe e cheia de caprichos. Foram anos limpando o que eles sujavam, cuidando para que tudo estivesse de acordo com suas vontades e organizando para facilitar ainda mais as suas vidas...

Todas essas famílias tinham muito dinheiro, mas nenhuma delas se comparava à família Collins. Na Inglaterra, acima deles, só existia a realeza britânica, então, era normal que eu ficasse deslumbrado.

Robert Collins tinha um estilo de vida que me fascinava e foi trabalhando para ele que aprendi a apreciar e *desejar* o que lhe rodeava. O problema era que trabalhando como mordomo eu morreria pobre e sem um tostão furado, pois tudo o que ganhava eu investia na educação do meu filho.

Foi pensando nele que comecei a bolar um plano de enriquecimento rápido e isso incluía entrar na mente da perturbada Kate Collins, a garota que fora adotada ainda criança, mas que nunca se encaixou na família.

Logo que a conheci percebi que Kate tinha uma espécie de amor platônico pelo próprio irmão. Ok, eles não eram realmente irmãos, mas foram criados como tal e era nítido que Robert não a via com esses mesmos olhos.

Quando seus pais morreram e lhe deixaram muito menos do que ela esperava, a moça enlouqueceu e foi aí que tive a brilhante ideia de me unir à tão perdida e facilmente manipulável Kate.

Primeiro eu a seduzi. Claro que eu esperava que ela se apaixonasse por mim, mas sua fixação pelo irmão tornou isso impossível. Ainda assim, consegui

me aproximar e começamos uma relação puramente sexual, não havia qualquer sentimento de nenhuma das partes e estávamos bem com isso.

Então, com muito tato, comecei a colocar em sua cabeça que não era certo que seus pais tivessem deixado a maior parte da fortuna para Robert. Eu a fiz acreditar que merecia mais e isso foi fazendo a sua raiva aumentar.

Com o passar do tempo, Kate foi criando uma dependência emocional por mim. Era como se tudo que eu falasse lhe soasse certo, daí, até ela começar a agir da forma que eu queria, foi um pulo.

Claro que nossas interações sempre aconteciam longe dos olhares do irmão e de qualquer pessoa que os conhecesse, eu não queria que nos associassem e estava tudo bem.

Até que Robert se casou com Stacy e a obsessão de Kate ultrapassou os limites. Ela começou a sair e beber exageradamente e quando isso não chamou a atenção do irmão, resolveu se drogar e dormir com qualquer um.

A consequência foi que ela acabou engravidando e isso me deixou puto.

E a coisa piorou quando, logo após o nascimento de Charlotte, Kate ter demonstrado sinais de uma depressão pós-parto. Isso associado ao consumo de drogas se transformou em um pesadelo.

Vendo a situação da irmã, Robert a convencei a se internar em uma clínica de reabilitação, e começou a cuidar, juntamente com Stacy, da pequena Charlotte, então com quatro meses.

Quando finalmente saiu da clínica, quase um ano havia se passado. De cara Kate viu o quanto o irmão e a cunhada haviam se afeiçoado a sua filha e cogitou entregá-la definitivamente para eles, mas após uma breve conversa, eu a fiz perceber que poderíamos usar aquilo em benefício próprio, para conseguir dinheiro dele e isso a animou imensamente.

Eu lhe dei todos os direcionamentos e ela fez exatamente como instruí.

Primeiro disse que o dinheiro que havia recebido de herança havia acabado

e Robert, sempre correto, concedeu uma pensão. Mas à medida que a menina crescia, mais dinheiro ela extorquia. Sempre tomando o cuidado de deixá-la com eles de tempos em tempos para que a afeição não diminuísse e eles ficassem preocupados quando ela estivesse com a mãe.

Nesse um ano se passou desde que ela tinha saído da reabilitação, mas nós não voltamos a nos relacionar intimamente. Não foi nada forçado, nós apenas não tivemos vontade. Porém, eu não a abandonei, continuava visitando nas minhas folgas usufruindo do dinheiro dos Collins.

Infelizmente aquilo não durou tanto quanto eu havia previsto. Ela tinha a filha, tinha dinheiro, mas o tipo de atenção que Robert lhe oferecia não era mais suficiente. Ela queria mais. Queria *ele*.

Aquilo voltou a enlouquecê-la e de um dia para o outro ela começou a se drogar novamente. Graças a Deus eu estava lá para fazê-la perceber que se voltasse aos mesmos hábitos, além de perder o Robert, perderia também a filha e a pensão.

Mesmo chapada ela entendeu a importância daquilo e ficou tão feliz pelos meus conselhos, que resolveu me agradecer de outra forma.

E foi assim que nossa rotina de sexo sem compromisso voltou. Kate poderia ser desequilibrada, mas era muito gostosa e se ela queria, eu não iria dispensar.

Só que Kate era cheia de altos e baixos e num desses dias ruins, Robert a encontrou. Ele tinha ido visitar a sobrinha e a achou mais triste que o normal. Como a casa estava limpa e a bebê bem-cuidado, ele achou que a depressão havia voltado e começou a cuidar um pouco mais dela, afinal, depressão não era culpa de ninguém.

Mas o pior aconteceu, Kate confundiu aquela preocupação com outro tipo de sentimento e começou a acreditar que, se Stacy não existisse, ele poderia se apaixonar por ela.

Quando ouvi aquela loucura saindo da boca dela, eu tentei fazê-la enxergar que era uma loucura, mas, mas nenhum argumento lhe convencia disso. Ela fantasiava uma vida perfeita com Robert e faria o que fosse preciso para consegui-la.

Assim que notei o que se passava por sua cabeça, resolvi me afastar, de forma alguma faria parte de seus planos mirabolantes. Kate sempre fora louca, mas havia se tornado uma louca que eu não podia controlar.

Depois de um tempo eu tive certeza de que as drogas já tinham comido seu cérebro porque ela começou a me mandar mensagens contando tudo o que já havia feito para tentar dar fim à vida de Stacy. Disse que estava pesquisando venenos e outros tipos de drogas que pudessem matar sua cunhada sem deixar pistas.

Mas depois que a euforia das drogas e do álcool passava e ela entrava em depressão, dizia que nunca poderia ficar com Robert, pois não teria coragem de matar a esposa dele. Mas assim que sucumbia às drogas novamente, toda a paranoia voltava.

Foi em um desses dias de exagero que ela viu Stacy sair de um estacionamento e achou que seria legal perseguiu o carro dela até a bela mulher perder o controle e capotar o veículo várias vezes.

Mesmo tendo feito aquilo sob efeito de drogas, a gravidade da situação era desesperadora e quando seu organismo se livrou de todo aquele lixo ela entrou em estado de choque, pois percebeu que seu descontrole havia tirado a vida de uma pessoa.

A sorte foi que, em seu desespero, Stacy entrou numa rodovia com muito pouco tráfego e sem monitorização, ou ela teria sido indiciada por assassinato.

Após a morte de Stacy, Robert se fechou para o mundo e só não se entregou completamente à tristeza por causa de Charlotte. Com a irmã em depressão, ele não poderia se dar àquele luxo.

Quando percebi que não podia mais contar com Kate, eu desisti de todas as ideias grandiosas e decidi apenas trabalhar e esperar meu fim.

Então, um dia, 18 meses atrás, ouvi Robert falando a respeito de uma obra de arte que havia arrematado em um leilão na América. A soma mencionada por ele quase me deixou sem fôlego, além de muito irritado como fato de aquele filhinho de papai ter conseguido tudo de mão beijada enquanto eu facilitava sua vida por um salário de merda.

Ok, eu tinha que admitir que, embora tenha herdado o banco da família, Robert Collins trabalhava feito um condenado, especialmente depois que sua esposa faleceu. E tinha que admitir também que meu salário não era ruim, meu patrão era muito generoso com todos que trabalhavam para ele, mas especialmente comigo.

Só que eu queria mais e não conseguiria sendo honesto, não naquela vida.

Quando me deitei naquela noite um plano começou a se formar em minha mente e depois de muito pensar e me certificar de algumas coisas com alguns contatos, decidi que a preciosa coleção de Robert Collins seria minha aposentadoria.

Demorou para que eu pudesse esquematizar tudo, um ano para ser mais preciso, e tudo o que eu precisava era da data perfeita.

Mas tudo desandou quando Charlotte foi morar definitivamente na mansão e a Laura foi contratada para fazer a reforma que não acabava mais.

Nesse meio tempo eu voltei a entrar em contato com Kate. Na verdade, já fazia um tempo que tínhamos voltado a nos relacionar, mas nossos encontros estavam bem esporádicos. Só que eu precisava da ajuda dela com Charlotte, mas foi em vão, a mulher louca apenas piorou a situação.

Por causa disso eu perdi tempo demais e estava para desistir, quando ouvi Robert combinado uma viagem para depois da formatura de Laura e pensei que se não aproveitasse, não teria mais jeito. Então eu me demiti, reavaliei todo o

plano que havia traçado e aguardei.

O que eu não esperava era que metade do que eu havia roubado era falsa. Aquele desgraçado não falou a ninguém que havia feito falsificações perfeitas de seus itens mais caros e quando eu soube disso, quis voltar àquela casa apenas para esganá-lo.

Mas não podia, o melhor que eu tinha a fazer era começar vender meu espólio, inclusive os falsificados, pois segundo me falaram, as cópias eram tão perfeitas, que me renderiam um bom dinheiro.

E assim aconteceu. Não foi de uma hora para outra, por causa das falsificações e da demora, eu perdi muitos dos meus potenciais compradores, mas, no final, consegui uma ótima quantia. Não chegou aos pés do que eu havia imaginado, mas me sustentaria pelo resto da vida.

Enquanto as vendas aconteciam, eu permaneci relativamente escondido. Sabia que Robert não deixaria aquilo por menos e que não contaria apenas com a polícia para reaver suas coisas e pegar os culpados. Isso queria dizer que nenhum de seus funcionários ficaria isento de desconfiança, exceto, talvez, seu antigo mordomo, por quem ele tinha especial apreço.

Quando vendi praticamente tudo, fui atrás do meu filho.

Richard era lindo, saudável, inteligentíssimo e a partir daquele dia, tinha seu futuro garantido, pois eu deixei um fundo milionário exclusivo para os seus estudos, além de disponibilizar um valor mensal para suas despesas até que eu pudesse voltar e isso era o que importava para mim.

De lá, fui direto para o Caribe e ainda me lembrava do quão deslumbrado fiquei com as praia, o clima quente, as bebidas, as mulheres e clubes disponíveis naquele paraíso.

Foram três dias de intensa curtição, até que o maldito Jeff Bates apareceu com a polícia local e me deu voz de prisão. Até aí tudo bem, eu sabia dos riscos, mas tinha fé que com bons advogados, muito em breve eu estaria livre.

O problema era que eles descobriram minha ligação com Kate, uma coisa levou à outra e eu acabei sendo acusado de cumplicidade no acidente que resultou a morte de Stacy.

Por aquela eu não esperava. Sim, eu não falei a ninguém porque não queria que soubessem sobre nós, mas nunca quis ou incentivei aquela ideia e foi isso que tentei explicar a Robert Collins, mas mesmo depois de inúmeros pedidos para que eu pudesse conversar pessoalmente, ele nunca me deu uma chance.

Cara de pau de minha parte? Talvez, mas eu tinha que tentar.

Durante o julgamento, os advogados de Kate alegaram que ela estava com problemas psicológicos e isso aliviou a pena para o seu lado. Os juízes aceitaram os laudos emitidos por três especialistas, e ela cumpriria parte de sua sentença em uma clínica de recuperação. Já eu, fui jogado em um maldito presídio.

Meus advogados fizeram de tudo para que eu respondesse apenas pelo roubo, mas Kate queria me levar para o inferno junto com ela. E conseguiu. Não ajudou que Robert fosse tão influente. Ele estava se sentindo traído e não teve nenhuma compaixão.

Os anos foram se passando e todo o tempo que passei ocioso naquele lugar fizeram meu ódio aumentar.

Robert Collins nunca me deu chance de explicar meu lado da história, não quis saber porque eu queria aquele dinheiro, não levou em consideração que nada daquilo lhe faria falta e por causa de sua indiferença eu passei longos anos na cadeia, longe do meu filho e da vida civilizada que eu poderia ter.

Todos aqueles anos regados com ódio e ressentimento apenas me fizeram ter mais certeza de que um dia eu iria me vingar, nem que fosse a última coisa que eu fizesse na vida.

AS 100 PRIMEIRAS AVALIAÇOES DO LORDE VÃO GANHAR UM KIT DE MARCADORES AUTOGRAFADO.

NÃO É SORTEIO, SE VOCÊ AVALIAR, BASTA MANDAR PRINT DA AVALIÇÃO COM NOME COMPLETO E ENDEREÇO PARA: CLEO.LUZFERNANDES@ICLOUD.COM E RECEBERÁ OS MARCADORES EM CASA.

ESTOU COLOCANDO DE PRESENTE, NESSE PRIMEIRO MÊS, O LIVRO DA JULIE COLLINS E DO ROMEO STONE PARA QUEM NÃO LEU AINDA E PARA QUEM JÁ LEU, MAS QUER RELEMBRAR A ESTÓRIA DESSE CASAL.

ROMEO STONE

SINOPSE

Julie Collins sempre foi muito racional e nunca se rendeu diante de um rosto bonito e um corpo musculoso, até conhecer Romeo Stone, um playboy lindo e charmoso que está disposto a quebrar sua mais importante regra só para tê-la em sua cama.

"Mudar para Nova York não era apenas uma promessa de vida independente, eu sentia uma grande necessidade de descobrir outros mundos e sabores, sair da redoma de vidro onde passei os últimos anos e sentir o verdadeiro gosto da liberdade.

Eu estava certa dos meus propósitos e bastante animada com a promessa de uma vida nova, mas o destino adora zombar das pessoas e eis que surge Romeo Stone, a personificação de tudo que eu mais odiava em um homem.

Claro que eu não era imune à beleza dele, porém, um rostinho bonito nunca foi o suficiente para me manter interessada. Sempre fui muito crítica e racional em relação aos homens e jamais ficaria com um tipo como ele. Pelo menos até ser rejeitada.

Romeo fez meu ego inflamar, se tornou uma espécie de desafio e eu usaria todos os recursos que tivesse à mão, para conquistar o homem mais cobiçado de Nova York."

O segundo livro do Clã Stone, é um delicioso romance que você devorará em pequenas doses para que não acabe tão cedo.

CAPÍTULO 1

Julie

Formar-me em Cambridge não era apenas um desejo meu, mas também dos meus pais. Eu dei aquela alegria a eles com louvor e, em troca, ganhei uma viagem com tudo pago para Ibiza, a ilha paradisíaca no leste da Espanha.

Aquilo seria o sonho de qualquer garota da minha idade, mas não o meu, que ficaria muito mais feliz visitando museus em Paris, do que presenciando as bebedeiras e orgias daquele lugar.

Limpei as gotas de água que respingaram em mim, quando um idiota pulou na piscina e suspirei fundo. Só teria que ficar naquele lugar horroroso, por mais três dias e aí estaria liberada para seguir meus planos de morar em Nova York. Sim, aquele era o meu sonho. E também a recompensa por sempre ter sido a filha perfeita e eu não poderia estar mais feliz. Alguma coisa em mim gritava alto e eu precisava sair da Inglaterra e encontrar o meu caminho, mas principalmente, queria sair de debaixo das asas protetoras do meu pai e voar.

— É tão ruim assim? Ganhar uma viagem com tudo pago para o paraíso?

Abaixei os óculos escuros e encarei minha amiga Sandy, que estava na espreguiçadeira ao meu lado.

— As praias são bonitas, mas acho horrível toda essa gente bêbada e praticamente nua. — A sinceridade sempre foi uma qualidade — ou defeito — muito aparente em mim.

— Sério, Julie, você parece uma velha de setenta anos presa em um corpo de vinte e dois.

Revirei os olhos, recoloquei os óculos e voltei a atenção ao meu livro de Jane Austin preferido. Já o tinha lido umas três ou quatro vezes, mas não me

cansava; a forma como ela escrevia era inspiradora e cativante.

— Vamos sair hoje à noite, Julie, são seus últimos dias na Espanha.

Eu estava há uma semana na ilha e só aproveitava os bares e restaurantes durante o dia, já Sandy, virava a noite dançando e bebendo em boates.

Como sabia que seria exatamente assim, pedimos quartos separados. Eu gostava de acordar cedo e aproveitar o dia e esse negócio de ficar de ressaca não combinava comigo.

— Dispenso, obrigada.

Sandy revirou os olhos e voltou sua atenção ao celular. Graças a Deus ela havia feito amizade no primeiro dia. Com isso, eu me livrei de ter que acompanhá-la em suas noitadas.

E antes que me julguem, achando que sou chata e enjoada, deixo claro que sou o tipo de pessoa que não se sente obrigada a fazer algo que não gosta apenas para agradar aos outros. As únicas pessoas para quem abro exceção são os meus pais, e olhe lá.

Depois de um dia de piscina, eu me sentia cansada, mesmo assim, obriguei-me a tomar um banho e ficar apresentável; queria jantar em um bom restaurante e depois voltaria ao meu quarto para dormir o sono dos justos.

Escolhi um vestido de tecido leve e sandálias baixas, com pedrarias. Meus cabelos, escuros como os do meu pai, eram naturalmente lisos, mas eu gostava de fazer grandes cachos nas pontas, amava o efeito que isso causava. Fiz uma maquiagem leve, mas bonita, e saí para encontrar com a minha amiga.

Sandy estava vestida para arrasar, vestido branco colado ao corpo e saltos altíssimos. Eu admirava a sede insaciável que ela tinha pela vida noturna, tão diferente de mim, que só queria comer um bom prato de comida e voltar para o hotel.

O restaurante escolhido mais parecia uma boate. Música alta, pessoas dançando e bebendo como se o mundo fosse acabar. Havia também magnatas

disputando quem comprava as bebidas mais caras e em maior quantidade. Uma versão mais endinheirada da arcaica disputa sobre quem mijava mais longe.

— Nunca mais deixo que escolha o restaurante — resmunguei assim que nos acomodamos.

— Relaxa, Julie, esse restaurante é o esquenta oficial de todas as boates. Vai me agradecer quando os caras mais gatos e ricos da ilha começarem a chegar.

Meu Deus! Sandy já havia quebrado a cara tantas vezes com esse tipo de homem e, mesmo assim, não tinha aprendido a lição.

Fizemos nossos pedidos e decidi beber um vinho branco e gelado para começar a noite. Como já passava das 20h, não demorou para os homens — gatos e ricos — começarem a chegar.

Eu conseguia distinguir de longe um magnata verdadeiro das cópias que tentavam se passar por um. Sandy acreditava tanto no meu faro, que acabei me tornando, segundo ela, um tipo de controle de qualidade.

— Ah, meu Deus! — falou, exaltada, e quase engasguei com o vinho devido a cara de espanto que ela fez para mim.

— O que foi, Sandy? Quase me matou do coração.

— Disfarça, Julie, você não acredita em quem acabou de entrar por aquela porta.

— *Me* conhece bem demais para saber que não vou me virar, então desembucha.

Percebi que ela endireitou o corpo na cadeira e passou a mão pelos cabelos, o claro gesto de uma fêmea querendo chamar a atenção de algum macho alfa e dominante.

Já que ela não conseguia sair do seu estágio hipnótico, acabei tendo que olhar.

Descansei minha taça lentamente na mesa e me virei, encontrando um grupo de homens parados na porta do restaurante, aguardando uma mesa. Comecei a fazer minha habitual leitura corporal. Um deles era loiro e alto, olhos castanhos e vestia-se de forma leve e confortável, o mesmo estilo adotado por todos os outros. Não consegui visualizar o rosto de um deles, que estava de costas, falando com seu segurança particular.

— Quem são eles? — perguntei ao me virar para Sandy, que continuava vidrada no grupo de rapazes.

— O que está de costas é Romeo Stone.

— Quem?

— Em que mundo você vive, Julie? Romeo é o cara mais gato do universo e está no mesmo restaurante que nós. Isso é incrível.

Virei-me mais uma vez e então visualizei o tal Romeo. Eu não era de me impressionar com a beleza masculina, pois sempre fui da opinião de que as pessoas têm de oferecer algo a mais que apenas um rosto bonito. Mas assumo que fiquei impressionada.

— Ele parece o Charles Brandon da série *The Tudors*.

Sandy riu com a minha comparação. Aquela era uma outra mania que eu tinha, gostava de comparar pessoas normais com algum personagem de cinema.

— Eu daria qualquer coisa para montar naquele corpo.

Engasguei com a sinceridade dela e comecei a gargalhar feito uma louca, chamando a atenção do restaurante todo, incluindo o grupo de rapazes que acabou se acomodando *em* uma mesa ao lado da nossa.

— Por Deus, Julie, comporte-se. Eles estão aqui do nosso lado.

Outro fato curioso sobre Sandy, era que ela sempre se dava mal por agir de forma que agradasse aos outros, maquiando a realidade, para satisfazer pessoas que ela nem sequer conhecia. Eu achava aquilo absurdo.

— Sandy, Sandy, quando vai aprender que você precisa agir conforme a sua consciência. São apenas homens, o que eles querem nessa ilha é ver o maior número de mulheres nuas possível. Então, se quiser ser lembrada por eles, é só permanecer com suas roupas no corpo. Tenho certeza de que vão te ligar depois que a temporada acabar.

Ela revirou os olhos e se inclinou sobre a mesa.

— Julie, eu não quero esperar o verão acabar, para cavalgar no delicioso corpo de Romeo Stone, então a sua teoria não vai me ajudar em nada.

Balancei a cabeça. Eu ainda tentava entender como nossa amizade durou tanto tempo, já que não concordávamos em nada. Sandy era o meu oposto em tudo. Mesmo assim, não nos desgrudávamos.

Arrisquei um olhar para a mesa do lado e Romeo Stone estava com seus olhos azuis fixos em mim. Eu era esperta o bastante para saber que aquele homem tinha feito a sua escolha. Ele queria me ver nua, *me* levar para sua cama e, no dia seguinte, sairia com seus amigos para contar vantagem sobre o meu desempenho sexual.

— Droga, ele não para de encarar você.

Voltei minha atenção para Sandy, que parecia chateada com a escolha do bonitão.

— E você me conhece bem o suficiente para saber que eu jamais ficaria com um playboy bonitinho, só porque ele quer.

— Ele não é apenas um playboy bonitinho, ele é lindo. Segundo a *Forbes*, o pai dele é o número cinco da lista dos homens mais ricos do mundo. E, para variar, ele gostou de você. Parece que os ricos de verdade se reconhecem.

Sandy tinha um sério problema de autoestima financeira. Ela achava que todos preferiam ficar comigo pelo fato de o meu pai, que era banqueiro, ter mais dinheiro que o dela, como se aquilo viesse escrito na minha testa. Minha amiga não enxergava que homens gostavam de ser desafiados, não queriam receber a

mulher em uma bandeja de prata.

Mas, apesar dos meus conselhos, era assim que ela fazia com todos eles. Eu já previa que ela, dificilmente, conseguiria um relacionamento sério.

— Prometo que só vou jantar e volto para o quarto, o senhor bonitão ali vai ser todo seu.

Arrisquei mais um olhar e daquela vez ele estava distraído, conversando com seus amigos. Não deixei de notar como tinha um sorriso bonito e olhar intenso com cílios longos e sobrancelhas bem desenhadas. É, ele lembrava Harvey Stone. Se não estava enganada, ele fizera uma palestra para a minha turma no segundo ano de universidade e, mesmo com mais de cinquenta anos, não deixei de notar o quanto era bonito.

Conforme o prometido, assim que acabamos de jantar, eu me despedi de Sandy e saí do restaurante, sob os olhares da mesa ao lado. Durante o caminho, fiquei imaginando se minha amiga conseguiria ficar com Romeo Stone. Eu não sabia nada sobre ele, mas, pela forma como me olhava, acreditava que não arriscaria queimar seu filme ficando com a minha amiga.

Repreendi-me por aquele pensamento. Eu jamais ficaria com ele, então não entendia por que estava dando tanta atenção àquela questão.

Assim que cheguei no hotel, que ficava ao lado do restaurante, segui direto para o meu quarto, tirei a maquiagem e fui dormir, sem pensar mais em riquinhos fúteis.



No dia seguinte acordei cedo e resolvi fazer uma caminhada, antes que o pessoal da pesada acordasse e transformasse a ilha em uma festa eterna.

Coloquei um vestido de alças finas, nos pés, apenas chinelos, e na mão, a minha inseparável garrafinha de água.

A praia ainda estava vazia e eu amei a paz e tranquilidade que me causava. Parei de repente ao escutar um barulho estranho, muito parecido com um gemido.

Caminhei entre as espreguiçadeiras dos restaurantes que ficavam à beira-mar e encontrei um rapaz deitado em uma delas. Ele estava com o braço no rosto, protegendo-se dos raios do sol.

— Ei, você está bem? — perguntei baixinho, mas a pessoa parecia desmaiada

Corri os olhos pela areia e vi que havia duas garrafas de vodca vazias ao lado da espreguiçadeira. Toquei no braço dele de leve e então ele resmungou e se mexeu, mudando de posição e mostrando o seu rosto. Arregalei os olhos quando me dei conta de quem se tratava.

— Eu morri e fui para o céu? — Romeo Stone indagou. Sua voz era grave e arrastada e ele mantinha um olho aberto e outro fechado, por causa da claridade. Após um tempo, ele me encarou com seus olhos incrivelmente azuis.

— Não, você não morreu, só está bêbado.

Ele sorriu e levantou a mão direita em direção ao meu rosto, mas me esquivei de seu toque.

— Você parece um anjo, inglesinha. — Foi a única coisa que falou antes de cair em sono profundo mais uma vez.

Ótimo, ele ainda tinha percepção suficiente para distinguir meu sotaque.

Eu odiava gente bêbada, mas estava contra os meus princípios deixar alguém sapecar no sol de Ibiza o dia todo. Era isso que aconteceria com ele, a praia encheria, a festa começaria e ninguém se importaria se ele estava tomando sol, dormindo ou morto.

Chamei o rapaz do restaurante mais próximo e menti que o bonitão era

meu amigo e que tinha bebido um pouco demais. Após entrar e pedir permissão a alguém, o gerente, provavelmente, ele me ajudou a levá-lo até o hotel onde eu estava. Durante o caminho, Romeo teve pequenos flashes de lucidez. Falou que gostava do cheiro do meu cabelo e ficava pendendo para o meu lado o tempo todo. Não sei como tive forças para levá-lo até o meu quarto.

Chegando lá, pedi que o rapaz o colocasse embaixo da ducha. Antes que ele saísse, eu lhe dei uma gorjeta e agradeci a ajuda.

Respirei fundo e voltei ao banheiro, Romeo precisava tomar um banho e depois dormir, ou jamais conseguiria ir embora.

Com muita dificuldade e alguma ajuda dele, consegui tirar sua roupa, exceto a cueca. Deixei a água correndo por quase meia hora e então o ajudei a sair.

Caminhamos tropegamente até o quarto e ele caiu de forma desajeitada sobre a minha cama, molhando tudo. Peguei duas toalhas e comecei a secar seu corpo com calma. Tive que admitir que Romeo se encontrava em ótima forma, musculatura trabalhada e tudo em seu devido lugar, associado a uma pele levemente bronzeada e quente, que apenas o deixava ainda mais atraente.

Enrolei a toalha em sua cintura e depois desci a cueca branca pelas pernas musculosas. Engolia em seco a todo momento. Ele era perfeito. Sabe o tal macho alfa e dominante para o qual a minha amiga vivia se exibindo? Então, era ele!

Sentei-me ao seu lado e fiquei analisando aquele homem alto, forte e lindo, desmaiado na minha cama. Qualquer mulher se sentiria maravilhada. Mas não eu; não conseguia me imaginar tendo qualquer coisa com alguém que bebia até ficar naquela situação.

Enquanto Romeo dormia, Sandy ligou várias vezes, mas eu disse a ela que estava com mal-estar e não sairia do quarto — não poderia lhe falar o que havia acontecido, ela não acreditaria e acabaríamos brigando.

Sim, ela era do tipo que brigava por homens.

Pedi meu almoço no quarto e fiquei na varanda lendo um livro. De hora em hora, ia até a cama para ver se Romeo já havia acordado, mas nem sinal de vida.

Por volta das 3h da tarde ele começou a se mexer e resmungar. Decidi então que já estava na hora de mandá-lo embora. Não ficaria de babá o dia todo. Sentei-me na cama e, mais uma vez, comecei a chamá-lo.

— Ei, você precisa ir; eu tenho coisas para fazer — falei baixinho.

Estava com o rosto bem próximo ao dele e levei um susto quando seus olhos se abriram e ele sorriu. Ainda estava tentando entender o motivo daquele sorriso, quando ele me deitou bruscamente de costas e rolou por cima de mim, *me* assustando mais uma vez.

— Em que parte da noite nos encontramos e viemos parar nesse quarto? Se eu não me engano, você tinha ido embora do restaurante.

Então era isso, ele estava achando que tínhamos dormido juntos.

— *Isso* não aconteceu. Eu o encontrei na praia. Você estava bêbado, caído sobre uma espreguiçadeira. Eu apenas o ajudei para que não tivesse uma insolação, além de queimaduras de 3º grau.

Ele pareceu tomar consciência do que estava acontecendo e saiu de cima de mim, levantando-se em seguida.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou quando viu que estava usando apenas a toalha que, com muito custo, consegui enrolar em sua cintura.

Graças a Deus as toalhas dos hotéis eram enormes.

— Eu mandei para a lavanderia do hotel. Eles acabaram de entregar. — Apontei para as peças dobradas e passadas em cima de uma pequena mesa.

Ele assentiu, pegou as roupas e foi para o banheiro. Ao voltar de lá, estava vestido e recomposto, em nada lembrando o bêbado deplorável que havia encontrado de manhã.

— Bom, inglesinha… — começou, enquanto digitava alguma coisa no celular.

— Julie, meu nome é Julie Collins — o interrompi. — E o seu? — indaguei, fingindo não saber quem ele era.

— Romeo Stone — ele olhou para mim ao responder. — Agradeço muito pela ajuda. Não sei como isso foi acontecer. Acho que foi a primeira vez que fiquei nesse estado — concluiu com o cenho franzido.

Suspirei, cansada, esse era o discurso de todos os bêbados.

— Não se preocupe, eu faria isso por qualquer pessoa — garanti e ele se aproximou.

— Mesmo assim, obrigado, inglesinha — disse e sorriu quando viu minha careta, depois deixou um beijo demorado na minha bochecha, dirigindo-se à porta em seguida.

Apenas quando ele sumiu da minha vista, foi que me dei conta de que estava com a mão sobre o lugar onde ele me beijara.

Mas que diabos estava acontecendo comigo?

Curiosa para saber como ele iria embora, fui até a sacada, de onde eu tinha uma boa visão da frente do hotel. Cinco minutos depois, vi quando dois carros de luxo estacionaram e alguns seguranças desceram. Um deles esbravejou, Romeo, entretanto, apenas continuou mexendo no celular.

Hum, quer dizer que o playboyzinho fugiu dos seguranças, pensei, entendendo tudo. O filho do quinto homem mais rico do mundo jamais ficaria naquele estado se seus cães de guarda estivessem por perto.

Por fim, um dos seguranças abriu a porta traseira de um dos carros e ele entrou. Dois segundos depois, os carros deixaram a entrada do hotel e o bonitão se foi.

Passei o resto da tarde no quarto, fazia um calor insuportável na ilha e preferi o conforto do ar condicionado a ter que aturar o povo bêbado da piscina.

No final do dia, a campainha tocou e imaginei que fosse Sandy, já que eu havia fugido dela o dia todo. Caminhei até a porta, já me preparando mentalmente para escutar suas reclamações, mas me surpreendi ao dar de cara com um senhor engravatado.

— Pois não — falei, curiosa, abrindo apenas metade da porta.

— Desculpe incomodá-la, Srta. Collins, mas venho a pedido do Sr. Stone.

— Ah. — Na mesma hora compreendi a situação, ele devia ser um de seus seguranças. — Sei. No que posso ajudá-lo? — tentei ser educada.

— Ele pediu que a convidasse para o evento que haverá em sua casa, aqui na ilha. Será hoje à noite. Aqui estão os convites, pode levar uma amiga, se quiser.

Soltei uma gargalhada estrondosa! *Sério mesmo que ele achava que eu era esse tipo de garota?*

— Falei algo engraçado, senhorita?

Neguei com a cabeça

— Desculpe. Olha, fale ao seu chefe, patrão, Deus, ou sei lá como o chamam, que obrigada, mas não tenho interesse em ir à festa dele.

A princípio, o pobre segurança ficou boquiaberto com a minha atitude, mas acabou dando um meio sorriso no final.

— Falei algo engraçado? — repeti sua pergunta e ele maneou a cabeça.

— Não, senhorita, apenas achei curioso. Distribuí esses convites para as mulheres mais bonitas da ilha e a senhorita foi a única que recusou — explicou, olhando-me com estranheza.

Dei de ombros antes de pedir licença e fechar a porta, não iria me justificar.

Depois que ele se foi, *me* peguei pensando que tipo de orgias e loucuras rolaria naquela festa. Eu tinha que concordar com Sandy, sobre ele ser um gato,

entretanto, para seu azar, beleza nunca foi um ponto forte para me convencer a ficar nua.

Mas a verdade era que não estava interessada, nem nele e em nem um outro. Prestes a realizar o sonho de morar em Nova York, eu não perderia tempo com romance. Conhecia muito bem a fama dos magnatas de Manhattan, eram egocêntricos e possessivos, coisas que eu abominava. Tudo o que queria era aproveitar o máximo possível a minha liberdade.

CAPÍTULO 2

Julie

Quando o dia seguinte chegou, resolvi antecipar minha viagem. Já tinha feito a vontade dos meus pais e aproveitado minhas férias, como uma jovem normal, mas se ficasse mais um dia naquele lugar, enlouqueceria.

— Não acredito que você tinha convites para a festa dele e não quis ir!

Continuei arrumando minha mala, enquanto Sandy se lamentava, uma e outra vez, por ter perdido a festa.

— Eles estavam distribuindo esses convites para Deus e o mundo. Com certeza, só teria mulher — tentei argumentar e ela revirou os olhos.

— Romeo Stone estaria lá.

— Sim, sendo disputado por todas elas; percebe como isso é ridículo?

— Meu Deus, Julie, se continuar antiquada desse jeito, vai morrer virgem.

Eu precisava de todo o meu talento para aguentar comentários desnecessários.

— Que seja, antes morrer virgem, que abrir as pernas para qualquer babaca mauricinho, que não vai lembrar o meu nome no dia seguinte.

— Você fala isso porque nunca fez um sexo quente e suado.

Parei de arrumar minha mala e joguei uma almofada nela.

— Já chega, meu voo sai em três horas. Tenho muita coisa para fazer e pensar em sexo não vai me ajudar.

Ela se levantou da cama e me abraçou.

— Sabe que te amo, mas vou ficar mais alguns dias, nos encontramos em Nova York, certo?

Confirmei com a cabeça e me despedi da minha melhor amiga. Assim que ela deixou o quarto, fiquei imaginando quantas vezes ela ainda teria que quebrar a cara para amadurecer e começar a agir de forma diferente. Em todos os anos da minha vida, eu nunca conheci alguém tão desmiolada.

O voo até Nova York foi tranquilo e, diferente do que meus pais planejaram, dispensei o motorista e preferi pegar um táxi. Eu queria sentir o gosto da liberdade, queria contrariá-los, só para me sentir um pouco rebelde. Era idiota, mas era real.

Conforme o carro rodava pelas ruas de Nova York, eu me sentia cada vez mais deslumbrada. Toda aquela gente caminhando de um lado para o outro, o mar de carros, o barulho, a poluição…

Nossa, que delícia!

Não era a minha primeira vez na cidade, longe disso. Mas sempre ficava fascinada com cada detalhe. Esperei a vida toda para morar ali e aproveitaria cada momento, mesmo quando estivesse trabalhando.

Tinha combinado com meus pais que eu moraria no apartamento da família e ajudaria meu pai a administrar os bancos de Nova York, cuja sede administrativa ficava no coração da cidade. Eu só começaria em alguns dias e até lá, queria dar uma volta pela cidade e também aproveitar para fazer uma visita surpresa no setor em que atuaria.

Assim que entrei no apartamento, em uma região nobre da cidade, percebi que eles haviam feito algumas reformas.

Minha mãe era uma arquiteta renomada e, conforme olhava tudo mais atentamente, confirmava minha suspeita de que tinha dedo dela em cada detalhe. A sala era enorme, com pé direito alto e janelas panorâmicas com vista para o Central Park. Tudo tinha tons claros, dos móveis modernos às paredes, exceto por um ou outro objeto ou quadro, em tons um pouco mais vivos, criando um

lindo contraste.

Apesar de saber que moraria ali por muito tempo, estava curiosa para ver tudo, por isso dei uma olhada na varanda, depois passei pela sala de jantar e fui até a cozinha, ficando cada vez mais encantada. Era incrível como ela fazia todos os ambientes conversarem.

Depois ligaria para mamãe e elogiaria seu trabalho, pensei, animada, enquanto ia em direção ao meu quarto, que seguia o mesmo estilo leve e elegante.

Durante o meu soninho de beleza, tive um sonho bem quente com o gatão do Romeo Stone, mas nada que um banho gelado na manhã seguinte, não tenha resolvido.

Saí do meu closet e enquanto penteava os cabelos, fiquei pensando em como havia sido a reação dele ao ficar sabendo da minha recusa em aceitar seu disputadíssimo convite.

No mínimo, achou grosseria de minha parte.

Bom, azar o dele.



ALGUNS DIAS DEPOIS...

Fazia uma semana que eu havia tomado posse do meu cargo, e até então, tudo estava indo perfeitamente bem. Se não contarmos o susto que levei, ao descobrir que a sede administrativa ficava em um edifício da família Stone, claro.

Desde que conhecera Romeo, via seu sobrenome em todo lugar: edifícios, TV, revistas de negócios e também de fofocas… Parecia perseguição. O que me aliviava era saber que não o encontraria ali. Especialmente após o relato de Sandy.

Durante os dias em que permaneceu na ilha, ela havia conseguido comparecer a duas festas na casa dele e viu em primeira mão o que acontecia naquele tipo de evento. Confesso que não fiquei surpresa com o que ela me contou, Romeo era o pior tipo de libertino que existia.

Coloquei minha roupa de ginástica e desci para a academia do prédio. Fazia um calor dos infernos em Nova York e aproveitei que era final de tarde para me exercitar e liberar um pouco de endorfina, quando acabasse, iria nadar um pouco para me refrescar.

Ao atravessar as portas, fiquei impressionada ao ver tanta gente. Achei aquilo estranho, eu costumava malhar antes de ir trabalhar ou então à noite e a academia estava sempre vazia.

Enquanto atravessava o espaço cheio de aparelhos, indo em direção às esteiras, percebi que estava errada, não havia muita gente, havia muitas *mulheres*. Todas elas usavam roupas curtas e decotadas. Eu sabia que eram roupas de ginástica, mas o que eu estava vendo ali, beirava a vulgaridade.

Assim que alcancei uma esteira, coloquei meus fones de ouvido e escolhi uma *playlist* animada. Pretendia queimar todas as calorias do meu almoço.

Havia uma grande TV posicionada em frente às esteiras, e mesmo ouvindo música, comecei a prestar atenção no filme que estava sendo exibido. Como tinha legenda, consegui acompanhar sem nenhum problema.

Minutos depois, mesmo com os fones de ouvido em volume alto, escutei o som de várias risadas. Olhei para o lado, e percebi que as mulheres tinham suas atenções voltadas para o fundo da academia. Segui seus olhares e na mesma hora saquei o motivo de tantos risos e roupas curtas: Romeo Stone.

Mas que diabos essa criatura está fazendo aqui?

Ele fazia um exercício de braço, flexionando incontáveis vezes seus músculos, que pareciam muito maiores do que eu me lembrava. Quando terminou a série, levantou-se e foi caminhando pelo corredor. Não olhava para ninguém em especial, mas sabia que estava sendo observado. Vestia uma bermuda escura e uma camiseta branca com símbolo da Nike em preto, e conforme caminhava, o suor escorria, desde as têmporas até o pescoço.

Apesar de manter o rosto impassível, os olhos azuis foram passando pelas mulheres que babavam nele até encontrarem os meus.

— Ai! — gritei ao cair da esteira, batendo a lateral da cabeça na quina de um aparelho.

Escutei outro coro de risadas só que, dessa vez, direcionadas a mim. Elas obviamente estavam pensando que a idiota tinha caído por causa dele.

— Ei, você está bem?

Girei a cabeça e encontrei o rosto preocupado de Romeo sobre mim.

— Acabei de cair de uma esteira, então, não, não estou bem.

Ele arqueou as sobrancelhas estranhando minha grosseria; depois ficou me olhando com curiosidade, os olhos estreitos, como se estivesse tentando se lembrar de alguma coisa.

Que ótimo, só falta ele me reconhecer!

Enquanto me levantava, ele tentou me ajudar, mas rechacei sua mão.

— Isso aí vai ficar feio — disse, apontando para a minha cabeça.

— Ah, droga! — falei ao tocar na minha testa e encontrar um galo.

— Venha, eu tenho um kit de primeiros socorros no meu armário — falou, solícito, e eu quase fui. Mas me segurei.

— Não se preocupe, tudo o que preciso é de um pouco de gelo.

Ele parou e, de repente, seu rosto se iluminou.

— Nossa! Eu sabia que te conhecia de algum lugar. Você é a garota que recusou meu convite em Ibiza. Inglesinha, certo?

Dei uma risada sarcástica.

— É Julie. E não esqueça que também te salvei de fritar no sol da Espanha.

Ele deu um sorriso que me fez parar de respirar.

— Sim, obrigado por aquilo — falou, enquanto corria os olhos pelo meu corpo.

Pelo visto, ele ainda queria me ver pelada. Até aí, tudo bem. O problema era que eu não tinha certeza se também não queria vê-lo da mesma forma. Então, antes que fizesse alguma idiotice, resolvi que era hora de encerrar aquela conversa estranha.

— Hum, é melhor eu ir, vou cuidar disso — falei, apontando para minha cabeça e mais uma vez ele sorriu.

Pare de sorrir, merda!

— Bom te ver, Julie. Mora em qual andar?

Eu sabia que não deveria dar aquela informação a ele e não dei.

— Isso, realmente, não é da sua conta, Sr. Stone! — Lancei-lhe meu melhor sorriso e saí, segurando-me para não rir, já que a cara desacreditada que ele fez, foi impagável.

Assim que cheguei ao meu apartamento, coloquei gelo no inchaço e pedi uma pizza para o jantar. Eu não era muito boa na cozinha e preferia não me arriscar.

Depois de tomar banho e comer, enquanto assistia ao jornal da noite, fui para o escritório analisar alguns balanços do setor financeiro. Já devia estar trabalhando há quase duas horas, quando a minha concentração foi quebrada pelo som de uma música eletrônica que parecia ficar cada vez mais alta. Era

muito raro eu escutar alguma coisa proveniente dos apartamentos, o que demonstrava que a acústica do edifício era muito boa, então, só me restava pensar que os moradores da cobertura estavam dando uma festa na área externa.

Tentei não dar ouvidos e voltar ao que fazia, mas foi impossível me concentrar, por isso resolvi ligar para a portaria e reclamar.

— Boa noite, Srta. Collins, em que posso ajudá-la? — disse Tommy, um dos porteiros.

— Boa noite. Por favor, peça para o vizinho da cobertura abaixar o volume do som. Estou resolvendo coisas do trabalho e fica difícil com toda essa barulheira.

O porteiro ficou em silêncio por muito tempo, o que me causou estranheza.

— Tommy?

— Desculpe-me, senhorita. Vou ver o que posso fazer.

Respirei fundo. Eu sabia que não seria justo descontar minha raiva nele, tinha consciência de que algumas pessoas ricas, podiam se tornar bem intransigentes quando contrariadas, por isso perguntei:

— Se trata de alguma estrela de Hollywood? — zombei e ele deu uma risada sem graça.

— Quase isso, senhorita, quem mora na cobertura é o Sr. Stone. Esse prédio é dele, na verdade. Então eu fico em uma situação delicada.

Só podia ser ele. Como não suspeitei disso antes!

— As regras do condomínio são claras, Tommy, não importa se ele é um morador de rua ou um chefe de Estado. — Desliguei o telefone possuída pelos sete demônios. Já que o porteiro não poderia fazer nada, eu mesma iria até lá e acabaria com a festa daquele playboy babaca.

Coloquei um robe por cima da camisola e peguei o elevador. Apenas quando senti o piso gelado, dei-me conta de que estava descalça. Foda-se! Não

estava me importando com o que ele pensaria, só queria que entendesse que eu não compactuaria com aquele tipo de comportamento, só por ele ser quem era.

Quando as portas do elevador se abriram, marchei em direção à grande porta da cobertura e comecei a apertar a campainha. Minutos depois, um rapaz uniformizado atendeu, um sorriso simpático no rosto, que sumiu ao avaliar as minhas roupas.

Passei por ele e na medida em que entrava, o barulho ficava ensurdecedor. Ao chegar na sala parei ao perceber que ela estava cheia de pessoas, algumas bebendo e dançando, outras sentadas nos sofás conversando. Todas estavam tão envolvidas em seus próprios mundos, que mal perceberam os meus trajes. Observei o ambiente como um todo, e não pude deixar de me impressionar com o tamanho daquele lugar.

Vasculhei o local com mais atenção, mas não vi o infeliz do meu vizinho, então me dirigi à área externa, onde, finalmente, o encontrei. Romeo usava um jeans rasgado e uma camiseta preta e em nada lembrava o estilo sóbrio do pai. Era o típico *badboy*, grande e musculoso, com um rosto de modelo que amenizava o estereótipo. Estava rodeado por meia dúzia de mulheres e arqueou uma sobrancelha assim que me viu.

— Eu sei que não foi convidada, mas pode ficar à vontade, inglesinha — falou, quando me aproximei, os olhos fixos no laço do meu robe preto.

— Não tenho o menor interesse em ficar aqui. Só preciso que abaixe o volume da música. Algumas pessoas trabalham durante a semana, Sr. Stone.

Ele se desvencilhou das mulheres, pegou minha mão e me guiou para um canto vazio. Durante o pequeno trajeto, consegui ver um DJ e uma mesa de som, no lado oposto ao que estávamos. Então era dali que vinha o barulho.

— Qual é o seu problema, garota? — quis saber.

Cruzei os braços no peito, louca para avançar nele.

— O meu problema? Você está dando uma festa em plena terça-feira, com

direito a DJ e mesa de som e eu tenho que achar normal?

— Sinto muito se algumas pessoas gostam de se divertir e aproveitar a vida.

Fechei os olhos e respirei fundo, Romeo Stone era a materialização de tudo que eu odiava.

— Não me interessa se você é um *bon vivant* irresponsável, que veio ao mundo apenas para torrar a fortuna da família, com festas e mulheres. Se não der um jeito nessa barulheira, eu darei.

Romeo ficou estático com a minha sinceridade. E quando, um minuto depois, ele ainda não esboçou qualquer reação, entrei de volta na casa, deixando-o para trás, provavelmente imaginando que eu tinha ido embora.

Mas ele não me conhecia.

Assim que encontrei a cozinha, vasculhei as gavetas até achar uma tesoura, e voltei para fora. Tomando cuidado para não ser vista por ele, fui até próximo à mesa de som e tirei as tomadas do adaptador. Assim que o som acabou, o DJ me fuzilou com o olhar e as pessoas começaram a vaiar. Antes que pudessem me deter, comecei a cortar os fios em vários pedaços; sentia uma raiva tão grande, que não cabia dentro de mim.

— O que você pensa que está fazendo? — Romeo exigiu, parecendo um touro bravo.

— Exatamente o que está vendo, acabando com a sua maldita festa.

Como minha missão já estava concluída, joguei a tesoura embaixo da mesa e saí com Romeo em meu encalço. Enquanto atravessava a sala, as pessoas me encaravam como se eu fosse uma louca que saiu do hospício.

— Ei, espere, garota! Você não pode simplesmente entrar no meu apartamento e fazer o que quiser.

— O meu nome é Julie! Não é garota e não é inglesinha. E escute bem uma coisa. Não me interessa se você é dono desse edifício ou da ilha de

Manhattan, eu moro no apartamento de baixo e quero dormir em paz, então, tenha respeito! Fui clara?

Ele balançou a cabeça de forma automática, fitando-me como se eu fosse um alienígena.

— Romeo, por que a música acabou? — Uma ruiva apareceu e começou a alisar o braço dele.

Senti-me imediatamente incomodada ao ver aquele gesto.

— O DJ está dando um jeito — respondeu para a lambisgoia.

Pelo visto, o meu discurso não serviu de nada.

Bom, pelo menos eu mostrei a ele que não tinha sangue de barata e que, toda vez que ele desse uma festinha, haveria o risco de uma vizinha louca aparecer.

Cansada de contemplar os pombinhos, virei as costas e fui embora. Ele, graças a Deus, não me seguiu. E, diferente do que pensei, a música não voltou a ficar alta. Aquilo me fez pensar em duas hipóteses: ou o DJ não tinha cabos sobrando, ou Romeo estava tentando se redimir comigo.

CAPÍTULO 3

Julie

Cheguei à empresa super disposta na manhã seguinte, adorava quando o dia começava cheio de problemas. As pessoas me achavam louca por causa disso, mas o que elas não entendiam era que eu havia estudado para isso a vida toda.

Por ter apenas vinte e dois anos, aquilo poderia parecer um exagero, mas ainda muito nova, eu soube o que queria fazer, e desde adolescente ia para empresa com meu pai, a fim de aprender como tudo funcionava. Eu era fascinada pelo mundo corporativo e achava incrível olhar os balanços e gráficos de uma grande empresa e encontrar a veia do problema.

Meus pais, obviamente, morriam de orgulho e, de certa forma, eu também. Gostava do que havia me tornado e não dava espaço para erros ou falhas; eu queria ser a filha perfeita, e estava cumprindo meu papel brilhantemente.

Depois de sair de uma reunião, caminhei pela empresa. Como sempre acontecia em horas como aquelas, os funcionários acabavam achando alguma coisa para fazer. Era difícil tocar um negócio com tão pouca idade, mas providenciei para que minha postura de durona se espalhasse rápido; eles tinham que temer a minha presença ou, pelo menos, respeitá-la. E as duas coisas estavam acontecendo.

Claro que isso só deu certo porque todos perceberam que eu não estava ali apenas para desfilar, pelo contrário, “a filha do chefe” sabia muito bem o que estava fazendo, trabalhava bastante e exigiria o mesmo deles, afinal, meu intuito nunca foi ficar amiga dos funcionários. Assim como meu pai, eu os tratava com respeito, mas mantinha certa distância para evitar intimidades, ou qualquer outro assunto que não estivesse relacionado ao trabalho. Isso impediria que as pessoas

confundissem as coisas, poupando-me de problemas futuros.

Dei o dia por encerrado às 5h e fui caminhando para casa. Morava a poucos quarteirões da empresa e aproveitei que estava usando saltos confortáveis, para andar e apreciar um pouco a agitação da cidade que nunca dormia, onde as pessoas pareciam completamente alheias a tudo e algumas até mesmo falavam sozinhas. Tudo aquilo me fascinava, especialmente naquele dia. Havia chovido muito na parte da tarde e durante o trajeto, tive que desviar de várias poças d'água, entretanto, um dia de chuva concedia ao ar do Central Park, um cheiro completamente diferente e eu adorava.

Parei em frente aos portões de vidro do imponente prédio onde morava e quando estava prestes a digitar a senha de acesso, escutei o som característico de um portão se abrindo. No mesmo instante, vi um carro esportivo entrar na rua, cantando pneus.

O motorista desacelerou um pouco e meus olhos de águia viram que se tratava de Romeo Stone. Ele também me reconheceu, pois deu um sorrisinho cínico, antes de voltar a acelerar seu Bugatti.

Infelizmente, já era muito tarde quando percebi o que ele faria. Antes mesmo que eu terminasse de falar "não", um enorme jato de água gelada, proveniente de uma poça, atingiu parte das minhas costas e da lateral do meu corpo, já que eu não havia conseguido me virar totalmente.

— Seu infeliz! — gritei, descontrolada. — Você me paga — ameacei, enquanto ele entrava com sua máquina no estacionamento subterrâneo.

Com dedos trêmulos, digitei a senha e entrei.

— Boa tarde, sen… — o porteiro começou, mas se calou imediatamente, quando me virei para ele feito a menina do exorcista. Ele, por sua vez, estava de olhos arregalados, vendo a situação em que eu me encontrava.

Parei em frente aos elevadores, mas quando fiz menção de apertar o botão, as portas de um deles se abriram e, claro, Romeo estava lá, de braços cruzados,

contendo a vontade de gargalhar.

Meu Deus, como eu odeio esse homem!

Tive vontade de esperar o outro elevador, mas já era final de tarde, e não queria que outras pessoas me vissem naquele estado.

Entrei, ficando de costas para ele e depois que apertei o botão do meu andar, alisei o lindo vestido, agora totalmente destruído.

Ao invés de despejar tudo o que se passava na minha cabeça, resolvi ser civilizada, não desceria do salto para não correr o risco de me igualar ao nível dele. Em vez disso, concentrei-me na minha respiração e, finalmente, o elevador começou a subir.

Enquanto isso, eu podia sentir seus olhos pelo meu corpo. Tinha certeza de que se me virasse, ele estaria com aquela cara de safado.

— Seu vestido está transparente — falou, comprovando os meus pensamentos.

Nem me dei ao trabalho de olhar pelo espelho. O tecido era branco, então ele certamente estava falando a verdade. Da mesma forma, não adiantaria colar as costas na parede ou colocar a bolsa na frente da bunda, afinal, ele já tinha visto o que não devia.

Também não me dignei a responder, tudo o que queria era chegar em casa.

— Você é muito marrenta, inglesinha! — acusou. — Deve estar precisando de um sexo quente e bem feito. Posso resolver isso para você e acabar com esse estresse.

Abri levemente a boca e arregalei os olhos, sem acreditar que ele estava sendo tão indiscreto e ofensivo. Virei-me para ele e disse:

— Nem que você fosse o último homem da face da Terra e a continuação da espécie humana dependesse de nós.

Romeo franziu a testa e fechou a cara.

— Sou tão ruim assim? — perguntou no momento em que o elevador

parou no meu andar. Antes que eu pudesse sair, ele se colocou entre as portas e olhou para mim, esperando uma resposta.

Bom, foi você quem pediu.

— Não gosto de playboys desocupados, que vivem para ir a festas e comer mulheres. A vida é muito mais que isso, Romeo. Você é a personificação de tudo o que eu mais odeio. Então, faça a gentileza de ficar longe de mim.

Ele levou a mão ao coração, como se tivesse sido atingido e eu aproveitei para passar por ele e sair.

As portas já estavam quase se fechando, quando ele as segurou.

— Julie, se em três meses você não estiver nua na minha cama, eu não me chamo Romeo Stone.

Arfei com o que ouvi, antes de soltar uma gargalhada.

— Veremos, garanhão.

Dei-lhe as costas e, dessa vez, as portas do elevador se fecharam.



Enfim a sexta-feira havia chegado e, graças a Deus, não tive o desprazer de encontrar com aquela peste. Eu ainda não tinha engolido a história do meu vestido destruído. Ou o fato de ele cogitar a possibilidade de eu ficar nua em sua cama!

— Esse apartamento é surreal — Sandy falou, impressionada. Ela já estava em Nova York há alguns dias e foi me visitar para contar as novidades.

Inicialmente, nossos planos eram de morarmos juntas, mas devido ao meu humor inconstante, ela preferiu ficar em um apartamento que a família dela possuía em um bairro mais afastado. Aquilo me deixou aliviada, eu também

achava que não daria certo morar com ela. Sandy havia nascido para a vida noturna e, com certeza, teríamos atrito, então, para conservar nossa amizade, decidimos que seria melhor assim.

— Já era bonito, mas depois da reforma, ficou incrível; sua mãe mandou muito bem.

Sorri com o elogio da minha amiga. Sandy era doidinha, mas eu gostava muito dela.

— E aí, como foi em Ibiza? — perguntei e ela se jogou no sofá.

— O de sempre, festas, bebidas, homens.

Revirei os olhos para ela.

— Esqueceu de mencionar as ressacas infinitas.

Ela sorriu e jogou uma almofada em mim.

— Ressaca significa que a noite foi boa.

— Sei — retruquei e liguei meu computador. Entrei em alguns sites de notícias do mercado financeiro e algumas telas de entretenimento me chamaram a atenção.

Cliquei em uma delas e vi que era uma reportagem sobre Las Vegas. Ao descer a página, vi uma foto de Romeo. A legenda dizia que ele estava participando de uma grande festa na cidade do pecado.

Então esse era o motivo do seu sumiço durante a semana! Aquilo era bem a cara dele.

Cliquei no link que havia embaixo da foto e apareceram várias outras do mesmo evento. Fui abrindo cada uma delas e fiquei assustada com a quantidade de mulheres que o rodeavam; ele parecia uma espécie de *sheik* americano. Acabei rindo sem querer.

— Ai, meu Deus, é Romeo Stone? — Sandy berrou no meu ouvido, só então percebi que ela estava atrás de mim.

— Parece que sim.

Ela virou a tela do meu notebook para si e começou a ver as fotos.

— Daria um rim para estar em mais uma festa com ele.

Era tão ridículo escutar aquilo da minha melhor amiga. Quanto mais eu aconselhava, menos ela me dava ouvidos. Foi por esse motivo que não lhe falei que Romeo morava na cobertura. Sandy me deixaria louca e não sairia mais do meu apartamento.

— Ele é só um cara qualquer, com um monte de dinheiro — tentei argumentar, mas ela me fuzilou com os olhos.

— Não vamos discutir sobre ele, jamais concordamos mesmo.

Sorri e, pela primeira vez, tive que dar razão a ela.

— Ótimo e hoje, para onde vai? — perguntei e ela deu um pulo da cadeira.

— Vou a uma festa incrível e já estou atrasada para o cabeleireiro. Quero estar linda, vai que eu encontro Romeo por lá?

Pobre Sandy. Eu sabia que ela me mataria quando descobrisse que ele estava mais perto do que ela podia imaginar, mas era melhor assim. Romeo não ia pensar duas vezes, antes de levar minha amiga para cama, e depois, eu é que teria que aguentar a dor de cotovelo dela.

— Boa festa, então. Eu vou pedir uma pizza, beber uma garrafa de vinho e dormir.

Sandy balançou a cabeça de um jeito desaprovador, como se falasse: vinho e pizza na sexta-feira? Vá curtir a vida, Julie, deixe de agir como uma velha.

— Boa sexta-feira em casa, então, estou indo nessa.

Nos despedimos e ela se foi.

Depois de um banho relaxante, coloquei meu inseparável robe de seda, tentando decidir que sabor de pizza pedir e fui para a cozinha. Depois de fazer o pedido, abri o vinho que tinha deixado gelando e enchi uma taça. Voltei a

guardar a garrafa na geladeira, e me dirigi à enorme sacada, para contemplar a extraordinária vista do Central Park.

Enquanto as notas da bebida invadiam as minhas papilas gustativas, escutei, ao longe, uma música de saxofone, mais precisamente, Kenny G. Eu amava as músicas dele e tentei me concentrar na melodia, mas a toda hora o senhor garanhão surgia na minha mente. Parecia insano pensar em um cara que era o oposto de tudo o que eu admirava em um homem. Balancei a cabeça e voltei a prestar atenção na música.

De repente, *me* peguei dançando em plena sacada, tendo como par, a minha deliciosa taça de vinho.

— Posso descer aí e dançar com você? Sou um ótimo dançarino. — A voz de Romeo me fez desequilibrar e cair desajeitada em um dos sofás da sacada.

Olhei para cima, e o avistei, debruçado sobre a contenção de vidro e metal de sua área externa. Como a cobertura pegava todo o último andar, tinha um recuo de cerca de um metro e meio, o que permitia que ele visse toda a minha sacada, já eu, podia ver quem estivesse na posição em que ele se encontrava naquele momento.

— Você quase me matou do coração! — reclamei, mas estava desconcertada, morrendo de vergonha por ele me pegar dançando com uma taça de vinho.

Droga, Julie!

— Sozinha em casa em plena sexta-feira à noite? — quis saber. Pelo visto, meu vizinho queria puxar assunto.

— É a minha rotina, não gosto de sair.

— Quer subir? Ou eu posso descer?

Levantei-me e bebi um longo gole do meu vinho, imaginando a possibilidade de ficar a sós com ele.

— A resposta é não, para as duas perguntas. Você não parece o tipo de cara

que tem algo de interessante a falar.

Ele deu uma risada gostosa, se divertindo com a minha grosseria.

Não pensem que não tenho consciência do quanto sou insuportável. Eu sei que sou, mas fazer o quê?

— Porque tanto receio, Julie? Tem medo de ficar nua na minha cama, antes dos três meses?

Levei minha taça à boca e comecei a beber o vinho o bem devagar, para protelar a resposta, a pergunta dele tinha me incomodado.

— Você só pode estar louco se acha que eu sou esse tipo de mulher.

Ele deu um sorriso de canto.

— Então suba aqui, ou me deixe descer, se sou tão ruim assim, não há o que temer, certo?

Quero ver você sair dessa, Julie!

No fundo eu sabia que um homem como ele tinha estudado nos melhores colégios e viajado o mundo todo, então, teria milhares de assuntos e histórias engraçadas para contar. E, acima de tudo, um homem que tinha Kenny G em seu gosto musical, era um sério candidato a me fazer perder a cabeça. Ainda mais com aquela aparência.

Por isso, o certo a fazer seria declinar sua oferta, fechar a sacada e esperar pela minha pizza dentro de casa. Mas ele me intrigava e eu estava cada dia mais curiosa para saber se havia algo além do playboy safado e irresponsável que ele fazia questão de mostrar ao mundo, ou se ele era exatamente aquilo que eu achei desde o início.

— Eu subo — falei, após mais alguns segundos de indecisão, contrariando o meu bom senso. Romeo Stone era encrenca e, mesmo assim eu estava pagando para ver no que ia dar.

— Ótimo, já jantou?

— Na verdade, pedi uma pizza, deve estar chegando.

— Traz ela junto.

Sorri, meio sem graça, mas disse:

— Ok, assim que chegar eu subo.

— Estarei esperando.

Mordi o lábio, já me arrependendo de ter aceitado o convite. Mas como não era mulher de voltar atrás, dei um tchauzinho para ele e entrei.

Imediatamente larguei minha taça em cima da mesa, corri para o quarto e fui até o closet, olhando as araras e tentando decidir o que deveria usar. Se eu colocasse vestido, ele certamente pensaria que havia feito aquilo para facilitar as coisas. Um short jeans decente seria uma opção, mas era muito simples. Passei os dedos pelos cabides, numa indecisão que não condizia com a minha personalidade.

Então, uma parte minha que continuava pensando, disse àquela que estava sonhando acordada, que aquilo não era um encontro, de forma que não havia necessidade de se preocupar tanto com a roupa. Na mesma hora escolhi uma calça jeans rasgada e um cropped branco de algodão. Nos pés, coloquei um tênis branco da Gucci e me senti descolada e casual.

Estava terminando de passar um perfume bem suave, quando a campainha tocou. Peguei dinheiro, meu celular e fui atender. Paguei a pizza e voltei a fechar a porta, esperaria que o porteiro descesse antes de sair. Entretanto, o cheiro delicioso que saía daquela caixa, deixou-me em dúvida. Eu poderia cumprir a minha palavra e ir até a cobertura do bonitão, que estava tirando o meu sono, ou ficar no meu apartamento, comer aquela pizza toda e depois ir dormir… E ver o resultado disso depois de dois dias, quando fosse me pesar. Bom, talvez valesse a pena.

Por Deus, Julie. Ele é apenas um homem!

Isso, apenas um homem. Tudo bem que ele fora agraciado com uma

aparência que poucos homens tinham. Mas aquela era a minha chance de confirmar as minhas suspeitas de que ele possuía cérebro de ameba.

Foi com aquela esperança que eu entrei no elevador e apertei o andar da cobertura. Assim que as portas se abriram, caminhei, pela segunda vez em poucos dias, até a enorme porta que se encontrava entreaberta, num convite tácito. Bati, mesmo assim.

— Pode entrar, Julie, estou em uma ligação.

Ótimo, nem a porta ele atendeu. Menos um ponto!

Por que está considerando esse tipo de coisa, se não pretende ficar com ele?, os questionamentos da minha mente doentia faziam todo o sentido.

Passei pela porta, dei alguns passos e parei. Desta vez o apartamento estava vazio e pude ver com clareza todos os detalhes.

A enorme sala era decorada em estilo nórdico, com muito branco e objetos neutros. O grande charme ficava por conta das paredes, que eram praticamente todas de vidro e exibiam uma vista panorâmica da cidade de Nova York. No outro extremo, ficava a sala de jantar, também enorme, conjugada com uma cozinha aberta. Ambas seguiam o mesmo estilo do restante da cobertura, moderno e clean.

Adentrei a sala, coloquei a caixa de pizza em cima da mesa de centro e fui até uma das paredes de vidro, apreciar a vista.

— Desculpe a demora, estava com o meu pai ao telefone.

Virei-me e encontrei Romeo abrindo a caixa de pizza e pegando uma fatia.

— Gostei do visual — ele falou, fazendo-me sentir um calorzinho no peito.

Em seguida, ele ergueu sua fatia e me ofereceu. Aquilo pareceu tão simples, tão eu.

— Ah, claro.

Voltei à sala, abri a caixa e peguei um pedaço, mordendo em seguida.

— Belo apartamento — falei, quando ele foi à cozinha e abriu a geladeira, tirando de lá uma garrafa de Coca-Cola.

— Gosta? — Neguei com a cabeça e ele abriu a geladeira mais uma vez e pegou outra bebida. — Suco?

— Pode ser.

Romeo nos serviu e voltou para a sala.

— Gostou do apartamento? Fui eu que projetei, a decoração foi ideia minha também.

Nossa, o cara era descolado e ainda entendia de decoração, sem contar que era gato demais.

— É engenheiro?

— Sou, e advogado, também. Mas não exerço.

Puts, a coisa só piorava. Romeo parecia ter vinte e cinco, vinte e seis anos, no máximo, o que significava que em algum momento ele fez os dois cursos ao mesmo tempo.

— Nossa, dois cursos bem distintos e difíceis.

— Sim, mas eu tirei de letra, qualquer coisa é melhor do que passar o dia todo trancado em uma empresa.

Então era isso, Romeo estudava para não ter que assumir as Indústrias Stone. Era o típico filhinho de papai, que queria viver da herança da família.

Perdeu o ponto que tinha ganhado.

— Não é tão ruim assim, eu faço isso diariamente e gosto bastante. — Peguei mais um pedaço de pizza e ele fez o mesmo.

— Não vou poder fugir por muito tempo, meu velho está pressionando bastante. Logo, logo, vou ter que entrar na linha e dentro de um terno, também.

Comecei a imaginar aquele homem dentro de um terno e a pizza entalou

na garganta, tive que beber um gole de suco para ajudar.

Deixei o resto da minha fatia em cima da mesa e fiquei analisando a forma como Romeo comia. O homem conseguia ficar sexy até fazendo uma coisa simples como aquela. Achei melhor desviar o olhar e voltar a falar de trabalho.

— Fará bem a você, se continuar bebendo e transando feito um louco, não chegará aos cinquenta.

Foi a vez de Romeo quase engasgar com a pizza, antes de começar a gargalhar.

— Não transo tanto assim.

Deus, ele poderia falar da bebida, mas preferiu falar do sexo. Bom, não poderia culpá-lo, fui eu que comecei.

— As fotos de Las Vegas são bem comprometedoras.

Ele bebeu o refrigerante e sorriu, charmoso.

— Apenas amigas.

— Amigas com benefícios, aposto — falei e, mais uma vez, Romeo sorriu.

Ele sorria com mais frequência do que eu podia imaginar. E não era um sorriso qualquer. Romeo Stone sorria com os lábios e os olhos. Era difícil ficar imune.

— Sem benefícios, se quer saber a verdade, não fiquei com ninguém em Vegas.

Eu não sabia se ele estava mentindo ou não, mas achava difícil que ele acabasse a noite sozinho.

— Hum… — resmunguei, não persistiria no assunto.

— E você, Julie, namora?

— Pareço o tipo de mulher que namora e ainda assim aceita comer pizza com o vizinho da cobertura?

— Não, não parece! — respondeu, enfático.

— E não sou, não tenho tempo para esse negócio de namorar, sem contar no desgaste emocional que deve ser.

— Deve ser? — questionou, sentando-se no sofá com as pernas separadas e os cotovelos apoiados nos joelhos.

Fiz como ele e me sentei em uma poltrona, antes de me explicar:

— Eu nunca namorei na vida, Romeo. Mas minhas amigas quebram tanto a cara, que nem me animo em arriscar.

— Não deve tomar como exemplo as experiências dos outros. Quem sabe seja diferente com você.

Eu não sabia aonde aquela conversa nos levaria, mas achei o conselho dele muito sensato. Romeo parecia estar fazendo uma análise minuciosa de tudo o que eu falava. Era estranho estar ali, mas tinha que admitir que estava sendo diferente do que imaginei. Ele era mais civilizado do que eu havia pensado.

— Acho que não. Sou uma pessoa difícil de lidar, melhor continuar assim mesmo — disse, sincera e ele sorriu.

Eu estava achando tudo muito estranho. Tinha saído de casa achando que ele tentaria alguma coisa, mas para minha surpresa, nada. Não sabia se ele, realmente, queria apenas ter companhia numa sexta-feira ou se percebeu que eu não cederia aos seus encantos e desistiu.

Qual é Julie? Primeiro, não queria saber do cara e agora está estranhando porque ele não avançou o sinal?

Quando o silêncio se prolongou, peguei meu celular no bolso e dei uma olhada nas mensagens não lidas. Mesmo enquanto fazia isso, sentia que ele estava me observando.

— Quer dar uma volta?

Levantei as pálpebras em direção a ele e encontrei seus olhos claros fixos em mim.

— Uma volta onde?

Ele se levantou e estendeu a mão.

— Vamos sair de carro, se acharmos algum lugar legal, paramos e entramos. Você está precisando se divertir um pouco.

Fiquei analisando a proposta. Seria contra os meus princípios aceitar o convite dele, já que minha melhor amiga havia implorado para que saísse com ela e eu não quis. Eu realmente não devia aceitar. E, mesmo assim, alguma coisa em mim estava programada para sempre dizer sim a ele.

— Posso ir vestida assim? — perguntei, receosa, as mulheres com quem ele aparecia nas fotos, estavam sempre com roupas curtas e decotadas. Naquele momento, meu jeans rasgado não parecia a melhor opção.

— Claro, essa seria minha próxima proposta, nada de trocar de roupas.

Sorri, animada por saber que faria uma coisa diferente, e pior, com o cara que, há uma hora, eu odiava.

Saímos da cobertura e prontamente entramos no elevador privativo. Durante o trajeto até a garagem, ele falou que não costumava sair muito em Nova York, que tinha enjoado das festas dali. Quando saímos do elevador, apertou o botão do alarme e as luzes de seu Bugatti se acenderam.

— Ah, desculpe pelo vestido — disse, com um sorriso torto, e só então me lembrei do que ele havia feito comigo, dias atrás.

— Tudo bem, fica pela festa e os cabos de som que eu destruí.

Romeo abriu a porta para mim, e mais uma vez me surpreendi, não imaginei que ele fosse propenso a galanteios.

— Pronta? — perguntou e apertou o acelerador do seu carrão.

— Prontíssima — falei, animada, sem me lembrar em que parte da conversa eu tinha aceitado dar uma volta de carro com Romeo Stone.

Ele colocou uma música alta, acelerou e saímos do estacionamento subterrâneo.

Estava muito entusiasmada e sentia a adrenalina correr pela minha corrente

sanguínea por estar fazendo algo diferente com uma pessoa improvável. Aos poucos fui me dando conta do fascínio que Romeo Stone me causava. Ele era livre e fazia o que queria, como um rebelde sem causa; exatamente o tipo de pessoa que eu tinha medo de ser.

Rodamos pelas ruas escuras, e quando parávamos em algum sinal vermelho, sempre tinha alguém babando no carro dele ou tirando foto.

— Onde nós vamos? — perguntei quando percebi que ele parecia estar andando sem rumo.

— Você decide, é só falar que eu paro.

Olhei para ele com os olhos semicerrados. Romeo estava bonzinho demais, o que será que estava tramando?

— Eu não conheço nada em Nova York, leve-me a algum lugar que você goste.

Ele assentiu e voltou a acelerar.

Viramos em tantas ruas diferentes que, se ele me deixasse por ali, eu não saberia voltar para casa. Por fim, estacionamos próximo a um estabelecimento e saímos do carro.

Foi aí que percebi que nãos estávamos sozinhos e que alguns seguranças o estavam seguindo.

— Gosta de rock antigo?

Meu sorriso se alargou consideravelmente.

— Mais do que posso explicar — respondi, e sabia que meus olhos deviam estar brilhando de alegria.

Romeo sorriu e me guiou até uma porta lateral. Um segurança liberou nossa entrada e o som abafado dos Rolling Stones invadiu meus ouvidos. Passamos por um corredor escuro e então eu me vi em um legítimo bar de rock. A decoração temática e a forma como as pessoas se vestiam, *me* fizeram sentir, imediatamente, à vontade, apesar de estar destoando. Todos usavam jeans

rasgados, camisetas pretas e jaquetas de couro.

— E aí, o que achou? — Romeo falou, perto do meu ouvido, enquanto caminhávamos entre as pessoas, indo em direção ao bar.

— Sensacional. — E não estava falando aquilo para agradá-lo. Eu realmente gostava de rock e aquele lugar estava me fazendo feliz.

— Vamos beber o quê? — perguntou quando se sentou em uma das banquetas altas, apoiando os cotovelos no balcão.

Demorei para responder e ele ficou me encarando de um jeito divertido.

— Qual é, Julie? Vai me dizer que não bebe ou que vai pedir um vinho?

Muito provavelmente, eles teriam vinho, mas quando olhei em volta, percebi que me transformaria em uma aberração, se pedisse uma taça.

— Que tal uma cerveja? — sugeri e ele negou com a cabeça.

— Duas doses de tequila, por favor — ele berrou para o garçom e eu arregalei os olhos. Segundos depois, as doses já estavam à nossa frente. — E então, Julie, vai amarelar?

A voz desdenhosa me fez lembrar que eu nunca tinha bebido tequila na vida, mas ele não precisava saber disso. Peguei uma das doses e virei de uma só vez, sentindo o líquido queimar feito fogo, esquentando minha língua, garganta e esôfago, até chegar ao meu estômago.

— Esqueceu do sal e do limão.

Olhei para o prato ao lado, só então enxergando o saleiro e os gomos de limão.

— Eu gosto assim — menti, descaradamente, sentindo meu estômago queimar.

Que diabo de bebida é essa?

Romeo bebeu sua dose, tranquilamente, com a serenidade no olhar de quem estava acostumado a viver no álcool, feito cobra de laboratório.

— O que fazemos agora? — Era uma pergunta idiota, mas eu era uma estranha no ninho e não sabia o que fazer com a tontura gostosa que estava sentindo.

— Bebemos mais uma dose? — ele perguntou e eu estreitei os olhos.

— Está querendo me deixar bêbada?

— Não curto mulheres bêbadas.

Engoli em seco.

— Então, vamos dançar, deixe a tequila para depois.

Saí arrastando Romeo por entre as pessoas, até pararmos no meio da pista. Ali, ele não era Romeo Stone, filho de um bilionário conhecido; era apenas uma pessoa normal, dançando e rodopiando, com sua amiga, levemente alcoolizada.

— Você dança bem — falei enquanto ele me girava de um lado para o outro.

Eu sentia meu corpo leve e uma sensação deliciosa de felicidade estava tomando conta de mim.

— Está a fim daquela segunda dose ainda? — perguntei, vários minutos depois.

Romeo sorriu e me arrastou para o bar, onde bebemos mais uma dose.

CAPÍTULO 4

Romeo

Julie Collins era o completo oposto de mim.

Eu conseguia ver em seu comportamento que ela fora criada para ser o troféu da família, exatamente aquilo que meu pai sonhava que eu fosse.

Balancei a cabeça em contrariedade. Aquela garota vivia tão focada em agradar aos pais, que estava se esquecendo de viver. Por isso tentei dar um empurrãozinho, queria que ela curtisse uma noite diferente. Mas fiquei chocado ao voltar do banheiro e vê-la dançando em cima de uma mesa de sinuca.

Abaixo dela, uma plateia de homens e mulheres batia palmas e assobiava, incentivando. Julie não dançava de forma vulgar, muito pelo contrário, estava leve e descontraída; ali em cima, parecia uma garota da sua idade, que não carregava o peso de um sobrenome nas costas.

Seus olhos, brilhantes de felicidade, encontraram os meus e ela falou:

— Vem, Romeo? Sobe aqui!

Fui até ela, mas em vez de subir na mesa, a peguei pelas pernas e a tirei de lá.

— O show acabou, galera — falei e as pessoas me vaiaram, mas voltaram para a pista de dança.

Coloquei a inglesinha sentada sobre a mesa de sinuca e pedi uma garrafa de água para o garçom.

— Beba, ou vai se sentir horrível amanhã.

Ela pegou a garrafa e sorriu.

— Você está me surpreendendo, senhor garanhão — falou, meio arrastado

e sorrindo. Seus olhos mostravam aquele brilho de quem estava levemente alcoolizada.

— Ah, é? Surpreendendo em que sentido?

Ela mordeu o lábio, com uma expressão levada, abriu um pouco as pernas e me puxou para ficar entre elas. Depois encostou o rosto no meu peito e riu.

— Você cheira tão bem — falou num fio de voz, então senti que seu corpo estava amolecendo e fui obrigado a segurá-la nos braços.

— Julie? — chamei e ergui seu rosto, percebendo que ela tinha dormido ou desmaiado. Parecia tão serena, que preferi acreditar que estivesse dormindo.

Ótimo, Romeo! Deixou a garota bêbada e agora?



Eu não conseguia me mexer.

Sentia a boca seca e um mal-estar que começava no meu dedo mindinho e ia até o último fio de cabelo. Era horrível sentir que meu corpo não reagia.

Quando consegui abrir os olhos, senti meu estômago revirar e os fechei novamente até melhorar um pouco.

Ao abri-los novamente, olhei em volta e vi que estava em um quarto moderno e masculino. Assim que o meu cérebro processou a palavra masculino, lembrei-me de Romeo Stone e flashes de memória começaram a surgir feito raios na escuridão.

Legal, Julie! Passou a noite na cobertura do garanhão e nem se lembra como chegou aqui.

Gemi quando uma lembrança em especial veio com força.

— *Está querendo me deixar bêbada?*

— *Não curto mulheres bêbadas.*

Com muito custo, obriguei meu corpo a se erguer e vi que, graças a Deus, ainda estava vestida. Revirei os olhos internamente, é óbvio que ele não faria nada comigo naquele estado deplorável.

Dei uma olhada ao redor e achei meu telefone sobre a mesa de cabeceira e o tênis próximo de onde os meus pés estavam.

Depois de me calçar, peguei o telefone, levando um susto ao ver as horas, e saí do quarto, entrando em três corredores errados, antes de achar a sala. O silêncio anunciava que, apesar de passar do meio-dia, Romeo ainda estava dormindo. Agradeci por aquilo. Minha vergonha era tanta, que estava pensando seriamente em voltar para Londres e passar o resto dos meus dias vivendo sob as asas dos meus pais.

Andei, cuidadosamente, até a porta e deixei a cobertura.

Como se os tivesse conjurado, meu celular começou a tocar e vi a foto de minha mãe na tela, assim que entrei no meu apartamento.

— Bom dia, mamãe.

— Boa tarde, certo, Julie?

— É verdade! Desculpe, é que acordei tarde hoje. Ainda não almocei.

— Filha, seu pai e eu decidimos fazer uma longa viagem. Vamos aproveitar que você está em Nova York e ir a alguns lugares que ainda não conhecemos.

Meu pai e minha mãe, viveram para mim e minha prima Charlotte, na verdade, eu a considerava minha irmã, pois foi criada pelos meus pais como se fosse filha. Eles sempre estiveram presentes. Então fiquei feliz por eles decidirem aproveitar um pouco mais a vida.

— Que notícia maravilhosa, mãe.

— Sim, estamos muito animados. Mas você sabe que pode nos ligar a qualquer momento, certo?

— Sei, sim — afirmei enquanto pegava duas garrafas de água na geladeira, bebendo uma delas quase toda de uma só vez. Então, arrastei-me para o meu quarto, indo diretamente para o banheiro, e coloquei a banheira para encher enquanto mamãe falava sobre os detalhes da viagem.

Depois que ela desligou, tirei a roupa e mergulhei na água quentinha. A primeira coisa que precisava fazer, era conseguir com que o meu corpo voltasse ao normal, então, eu iria pensar em como sobreviver à vergonha de ter tomado o primeiro grande porre da minha vida com Romeo Stone.

Quando me senti mais relaxada, saí da banheira e enrolei uma toalha no corpo e outra na cabeça. Àquela altura, eu já tinha bebido a água das duas garrafas e me sentia muito mais humana.

Passei um hidratante no corpo, sequei os cabelos e fiz um coque. Depois fui ao closet e após pensar um pouco, decidi colocar uma camisola de seda com estampa de pequenos sorvetes coloridos que eu adorava. Olhei-me no espelho e sorri, era bonita e infantil ao mesmo tempo.

Voltei para a sala, peguei o controle da iluminação, fechei as cortinas e sintonizei no Netflix. Passaria meu sábado curtindo uma ressaca daquelas. Justo eu, que condenava minha melhor amiga sempre que podia por causa disso.

Fui até a cozinha e coloquei um saco de pipoca para estourar; não estava com fome e tinha medo de passar mal se comesse algo mais pesado. Peguei uma caixa de suco e quando a pipoca ficou pronta, voltei para a sala.

Quando estava prestes a me sentar, a campainha tocou. A única pessoa autorizada a subir era Sandy e achei estranho ela aparecer naquele horário, já que nos finais de semana ela só acordava no final da tarde.

Caminhei até a porta e atendi. Para minha surpresa não era ela, e sim,

Romeo.

— Oi — falei, sem graça.

— Esqueceu isso lá em casa. — Abriu a mão e mostrou meu par de brincos.

— Ah, obrigada por trazer.

Romeo olhou para a pipoca e o suco em minhas mãos e deu um leve sorriso.

— Ressaca?

— Pois é — confirmei e fitei o chão, morta de vergonha.

— Vai me convidar para entrar ou vamos ficar aqui na porta?

Sério que ele queria entrar? Não bastava ter me visto daquele jeito ontem?

Bom, não podia ser mal-educada depois de ele ter cuidado de mim.

— Claro, fique à vontade. — Dei passagem e Romeo entrou. Ele usava uma calça de moletom cinza com uma camiseta branca e a roupa ficou tão perturbadora quanto o jeans que costumava usar.

Também não me passou despercebida a forma como ele olhou para o meu decote e depois para as minhas pernas.

— Sala escurinha, pipoca, Netflix. Só faltava eu.

Revirei os olhos e afundei no sofá, seguida por ele.

— Romeo, desculpe-me por ontem, eu… Eu nunca perdi o controle daquele jeito e nem sei…

— Não peça desculpas, você não fez nada de mais, apenas bebeu um pouco e se divertiu como todas as garotas da sua idade.

Será que ele achava aquilo mesmo ou estava falando só para eu me sentir melhor?

— É que não me lembro de muita coisa e odeio me sentir assim —

justifiquei.

— Não se preocupe, você apenas bebeu, dançou, falou que eu cheirava bem e dormiu.

Arregalei os olhos e cobri o rosto com as mãos.

— Eu sou um desastre — constatei.

— Relaxe, Julie, isso acontece com todo mundo. Não fique se martirizando — garantiu e me entregou o controle da TV.

Aceitei, tanto o conselho quanto o controle e passei pelas séries e filmes sem saber exatamente o que escolher.

— O que gosta de ver, Romeo?

Virei o corpo para fitá-lo e percebi que ele estava digitando no celular.

— Comédia ou ação — respondeu, sem olhar para mim, e fiquei incomodada pelo fato de ele estar falando com outra pessoa.

Mas que diabos está acontecendo com você, Julie?

Era melhor nem procurar saber, por isso escolhi um filme de comédia e tentei me concentrar, até que ele guardou o celular e relaxou.

A história foi se desenrolando e Romeo soltava cada gargalhada gostosa, que me fazia rir também. Eu jamais acreditaria se alguém me dissesse que, algum dia, eu estaria curtindo uma ressaca vendo filmes e comendo pipoca com Romeo Stone ao meu lado, num sábado à tarde.

— É normal essa sensação de culpa e tristeza? — perguntei quando os créditos do filme começaram a subir.

— É, sim, mas amanhã tudo volta ao normal, se bobear, vai querer sair de novo.

— Não mesmo, nunca mais quero me sentir tão mal de novo.

Romeo não falou nada e voltou sua atenção para a TV. Era estranho ter a presença dele ali. Em nenhum momento da noite anterior ele havia avançado o

sinal, pelo contrário, tratou-me com extrema gentileza, cuidou de mim quando fiquei bêbada e agora estava vendo um filme comigo, totalmente despreocupado, como se estivesse na presença de uma amiga.

Ah, meu Deus, é isso que ele quer, ser meu amigo!

A constatação me deixou furiosa, o que eu tinha de diferente das outras garotas? E aquele papo de me levar para a cama, teria sido apenas brincadeira?

Eu já não sabia mais o que pensar e me sentia cada dia mais confusa em relação a ele.

Outro filme começou e Romeo não demostrava intenção de ir embora. Disfarçadamente, pelo canto do olho, fiquei admirando aquele homem ao meu lado. Ele não era apenas bonito, havia um ar de mistério em suas feições. Sua capa de civilidade escondia alguma coisa que eu ainda não sabia identificar.

— Pare de me olhar assim.

Ops, fui pega em flagrante.

— Assim como? — fiz-me de desentendida.

— Eu sei que está se questionando, Julie, eu também estou.

Ahn? O quê? Do que ele estava falando? Será que, além de todas as qualidades, ele ainda sabia ler pensamentos.

— Eu, hein? A tequila de ontem voltou a fazer efeito? Vou providenciar mais pipoca. — Fui levantando, mas ele me segurou pelo braço e me jogou no sofá. Caí desajeitada, com as pernas abertas, o que fez minha camisola curta subir. Ele olhou fixamente para a minha calcinha e, no minuto seguinte, cobriu meu corpo com o seu, o rosto a centímetros do meu.

Imediatamente consegui sentir os músculos tonificados do seu abdômen contra a minha barriga, mesmo através da camiseta. Também foi impossível não perceber o volume do pau dele, que pressionava minha virilha, enquanto aqueles olhos claros me encaravam intensamente.

— O que está fazendo, Romeo? — falei com um pouco de dificuldade.

Ele não disse nada, apenas ficou observando meu rosto, até cravar os olhos na minha boca. Fiz o mesmo com ele, sentindo sua respiração quente na minha pele.

— Decida logo se quer ser minha amante ou minha amiga, porque depois que eu começar, não vou mais parar.

Amante ou amiga?

Meus olhos ficaram levemente maiores, não podia acreditar que ele tinha lido meus pensamentos e resolvido responder aos meus questionamentos internos. Engoli em seco. Romeo estava esperando que eu me posicionasse, mas como eu faria isso?

— Como assim? — perguntei, para ganhar tempo, ainda olhando para a boca dele.

— Decida se quer ter apenas uma amizade ou uma amizade com benefícios.

Aquela conversa era insana, mas eu estava gostando. Resolvi provocar.

— Pode distinguir esses dois tipos de amizade?

Romeo deu um sorriso safado, daqueles que molhavam a calcinha de qualquer mulher.

— Amizade normal: eu venho aqui, conversamos, rimos, comemos, eu te ajudo quando você ficar bêbada outra vez, você faz o mesmo por mim e ficamos apenas na vontade. — Ele aproximou mais o rosto e passou o queixo, com a barba por fazer, na curvatura do meu pescoço, arrepiando todos os pelos do meu corpo. — Amizade com benefícios — continuou, bem perto do meu ouvido: — a gente faz as mesmas coisas, mas não passa vontade. Depois do filme, eu te deixaria nua e passaria a minha língua pelo seu corpo inteirinho — concluiu e lambeu meu pescoço, lenta e sedutoramente. — Garanto que iria gostar.

Mordi o lábio e senti minha respiração acelerar, imaginando a boca

pecaminosa de Romeo passando por todo o meu corpo.

— Bom demais, não é, Julie? — falou, com a voz rouca de tesão, fazendo a minha intimidade pulsar.

Suspirei, derrotada, ele sabia ler meus pensamentos como ninguém.

— Posso pensar?

Ele sorriu.

— Pode, sim. Combinei de jantar com meus pais, mas — parou e abaixou a cabeça novamente, chupou o lóbulo da minha orelha, fazendo-me estremecer e voltou a olhar para mim — passo aqui mais tarde. — Deu um selinho nos meus lábios, levantou-se e foi embora.

Assim que escutei o barulho da porta se fechando, levei a mão aos lábios e sorri. Romeo estava bagunçando minha cabeça e minha vida, fazendo-me quebrar todas as minhas regras e agir contra todos os meus princípios. E, mesmo assim, eu não conseguia parar; queria mais, muito mais.

Fiquei perambulando pelo apartamento, ponderando sobre a proposta indecente dele. Eu nunca tinha transado e, por mais sedutor que ele fosse, não sabia se queria me entregar a alguém daquela forma. Nunca fui o tipo de garota que espera o príncipe encantado, simplesmente porque não encontrei ninguém que valesse a pena. Também não achava que Romeo valesse, mas ele despertava o meu corpo para desejos profundos e desconhecidos. Eu queria experimentar tudo que o sexo podia oferecer e tinha certeza de que ele seria um ótimo professor.

Balancei a cabeça e sorri. Aquele homem estava tirando todo o meu juízo.

Diferente do prometido, Romeo não apareceu. Fiquei um pouco decepcionada, mas não surpresa, ele não era o tipo de cara que cumpria promessas e eu já estava bem grandinha para me chatear com aquele tipo de comportamento. No domingo, só acordei depois do meio-dia, sentindo-me muito mais disposta.

Tinha acabado de comer alguma coisa, quando a campainha tocou. Sem nem ao menos perceber, saí correndo para atender, mas quando abri a porta, quem estava lá era Sandy e não Romeo, como eu havia pensado.

— Estou morrendo — dramatizou e passou por mim.

Não podia negar que fiquei desapontada. Eu gostava da minha amiga, mas queria mesmo era ver o bonitão.

— E aí, como foi sua festa? — perguntei, enquanto ela se jogava no meu sofá e ligava a TV.

— O de sempre! Mas você não acredita no que aconteceu. Eu vi Romeo Stone — anunciou com um sorriso de todo tamanho.

Parei de respirar e engoli em seco.

— Sério, achei que ele estivesse em Vegas — disse, mexendo no celular para não ter que encará-la. Odiava ter que fazer aquilo, mas…

— Quando saímos da festa, paramos em um posto de gasolina para comprar água, e ele estava lá! Julie, você consegue imaginar Romeo Stone, em um posto de gasolina, comprando água e chocolate? Olha, eu quase tive um treco.

— E ele estava sozinho?

O sorriso dela sumiu no mesmo instante em que fiz a pergunta.

— Não, alguma sortuda estava com ele no carro. O chocolate e a água eram para ela. Eu vi quando ele abriu a porta e lhe entregou a sacola.

Deus do céu, como eu não lembrava disso?

— Ele não parece o tipo que compra chocolates para uma garota — falei e ela sorriu, desanimada.

— Eu também achava, mas ele parecia gostar dessa, porque abriu o chocolate e colocou uma barrinha na boca dela, depois ofereceu água, mas ela não quis. Queria ter visto o rosto da sortuda, mas não deu — ela suspirou. — Ele a tratou com tanto cuidado, que eu fiquei mais apaixonada ainda.

Fechei os olhos, achando-me a pior criatura do mundo e quando a campainha tocou, senti meu coração ir até a boca e voltar. Era ele, e agora!

— Deve ser o porteiro. Pega duas cervejas na geladeira para nós, enquanto eu falo com ele, Sandy. — Pedi e implorei, silenciosamente, para que ela fosse.

— Claro, mas eu prefiro um suco, ontem foi demais para mim.

Assenti e ela se foi. Corri até a porta, abri e dei de cara com Romeo.

— Oi — cumprimentou, sorrindo, e me puxou de encontro ao seu corpo.

— Ei, eu ainda não decidi — falei, baixinho, enquanto tentava me afastar dele.

— Mas vai dizer sim, eu sei — disse, confiante.

Revirei os olhos e o empurrei para fora do apartamento.

— Posso subir daqui a pouco e daí a gente conversa? Estou com visita.

— Depende, visita de homem ou mulher?

— Mulher.

Ele me puxou mais uma vez.

— E por que eu não posso entrar?

Se eu quisesse manter Romeo longe do meu apartamento, teria que falar a verdade ou logo minha amiga descobriria minha mentira e começaria a terceira guerra mundial.

— Porque a mulher que está aí dentro é a minha melhor amiga. Ela é loucamente apaixonada por um tal de Romeo Stone e se descobrir que eu

escondi dela e que ele mora na cobertura, ela vai me matar e depois persegui-lo.

Ele arqueou as sobrancelhas e arregalou os olhos.

— Ah, entendi.

— Depois eu subo — prometi, soltando-me dele.

Ele sorriu e me puxou mais uma vez.

— Não demore. — Deixou mais um selinho nos meus lábios e caminhou até o elevador. Assim que as portas se fecharam, Sandy apareceu atrás de mim com as cervejas.

— Quem era? Você demorou.

— Era o porteiro, veio avisar que terá reunião de condomínio. — Mais uma vez, menti para ela descaradamente.

— Mudei de ideia e peguei uma para mim também, vai que eu melhoro. Tome a sua, está bem gelada.

Peguei minha garrafa e brindamos.

Durante a hora seguinte, Sandy continuou falando de Romeo e fazendo suposições sobre o que faria, caso se encontrasse com ele. E, mais uma vez, senti-me a pior amiga do mundo.

Depois que ela foi embora, tomei banho e coloquei um vestido estampado com decote generoso. Ele era fluido e leve, combinando perfeitamente com o domingo ensolarado. Voltei para a sala, desliguei tudo, peguei meu celular e saí, sentindo-me ansiosa. Ainda não sabia que resposta daria a Romeo, mas sabia que queria estar com ele, nem que fosse para ficar fazendo nada.

Daquela vez, quando apertei a campainha, ele atendeu e imediatamente fixou os olhos no meu decote — sabia que, inconscientemente, era aquilo que eu queria. Ele estava sem camisa e usava uma bermuda de moletom escura. Tão sexy e à vontade, que me fez suspirar.

— Então você veio. — Puxou-me de encontro ao seu corpo e senti meu

rosto tocar em seu peito. A pele dele estava quente e tinha um cheiro delicioso.

— Sim, eu vim. — Afastei-me dele e caminhei para dentro da cobertura.

Romeo tomou minha mão e me guiou para uma outra sala, informando que iríamos ver um filme. Aquilo estava ficando tão íntimo, tão fácil, e eu não conseguia parar de gostar.

A sala de TV estava escura e aconchegante, mas a imagem que o projetor de cinema exibia ocupava quase uma parede inteira, o que acabava iluminando bastante.

Eu e Romeo nos acomodamos, lado a lado, no meio do sofá, de forma relaxada. Achei que ele comentaria sobre a proposta que havia me feito, mas em vez disso, pegou o controle, acionou o projetor e começamos a assistir, como se nada tivesse acontecido.

Ainda no primeiro terço do filme, começaram a aparecer cenas quentes, que se repetiram outras vezes e acabaram me deixando acesa. Tive que me segurar para não ficar me remexendo, devido ao desconforto.

Com o canto dos olhos, consegui visualizar a enorme ereção que Romeo exibia. Nessa hora eu percebi que ele havia colocado aquele filme de propósito, para me deixar excitada. Levantei-me e fui até o pequeno frigobar, do lado oposto ao que estávamos, peguei uma cerveja e bebi toda de uma vez só; tudo sob seu olhar atento e faminto.

Voltei para o mesmo lugar e me deitei de frente para ele. Meu vestido acabou subindo um pouquinho e seus olhos voaram para a minha pele exposta. Na metade do filme, comecei a me sentir sonolenta e fechei os olhos por alguns segundos.

De repente, senti as pontas dos dedos de Romeo na minha perna, provavelmente achando que eu estivesse dormindo. O carinho leve e despretensioso, fez todo meu corpo acender e minha boceta palpitar. Eu queria mais, queria sentir as mãos dele em mim.

Como se tivesse ouvido meus pensamentos, os dedos subiram e começaram a desamarrar o fino laço do meu decote. Eu não estava de sutiã e senti o ar gelado sobre a pele quente. Respirei com dificuldade, percebendo que, no fundo, ele sabia que eu estava acordada e dando o meu consentimento.

Romeo baixou uma das alças do meu vestido, expondo um dos seios. Logo senti sua respiração pesada e quente, bem pertinho da minha pele e minha respiração acelerou em antecipação. Eu nunca tinha dado aquele tipo de liberdade a ninguém e não conseguia nem abrir os olhos ou pedir para ele parar.

Gemi quando senti a boca quente sobre o meu seio. Romeo sugou com força e deixou uma leve mordida no bico, antes de se afastar e começar a massagear.

Continuei de olhos fechados, delirando, e nem percebi quando ele desceu a outra alça, apenas senti que ele chupava um dos seios como um animal sedento, enquanto o outro era manipulado por sua mão habilidosa, fazendo meu corpo se arquear de encontro a ele. Eu nunca tinha sentido um prazer tão grande e não demorou muito para a minha calcinha ficar molhada.

Então, a mão que massageava meu seio, começou a descer, parando entre as minhas pernas. Ele ergueu meu vestido e quase morri quando seus dedos, grandes e ásperos, invadiram a minha calcinha, deslizando com facilidade devido à minha excitação. Ele permaneceu ali, na entrada, enquanto a boca continuava me devorando.

Eu já havia me masturbado antes, mas nunca senti nada nem parecido com aquilo. Deixar-me ser tocada por um homem, era a coisa mais incrível que eu já tinha feito na minha vida; ser tocada por Romeo, era o paraíso.

De repente, a boca gulosa começou a chupar meu seio com mais avidez, na medida em que os dedos invadiam a minha boceta.

Eu me sentia extasiada e, ainda assim, minha mente visualizava a cena que acontecia naquela sala. Eu estava no sofá dele, completamente exposta, gemendo

sem qualquer constrangimento, enquanto ele me masturbava desavergonhadamente.

Eu tinha que parar, eu *devia* parar, mas não conseguia, era gostoso demais.

Quando seus dedos avançaram um pouco mais, senti um leve desconforto que me fez encolher as pernas e arregalar os olhos.

— Eu não acredito! — ele falou com voz alterada.

— Não acredita no quê?

Romeo tirou a mão do meio das minhas pernas e afastou-se de mim.

— Porra, Julie, você é virgem?

Ah, era isso!

— É algum pecado, por um acaso?

Ele se levantou e começou a caminhar pela sala.

— Não, não é, só que… — Parou de falar e passou a mão pelo cabelo. Ele estava nervoso e desconfortável com a situação. — Eu não me envolvo com virgens. É isso, Julie!

As palavras dele foram como um balde de água fria e na mesma hora tentei me recompor e, mais ainda, não demonstrar o quanto tinha ficado abalada.

— Entendo. Talvez seja melhor assim. A gente ia acabar estragando uma coisa que pode ser legal.

Ele pareceu surpreso.

— Estragar o quê, exatamente?

— Nossa amizade, Romeo. Contra todas as probabilidades, nós acabamos nos dando muito bem e acho que será melhor não misturarmos as coisas. Vamos esquecer o que aconteceu aqui. De minha parte, está tudo certo.

Romeo ficou me olhando de um jeito estranho. Ele com certeza tinha gostado de tocar o meu corpo, ficou excitado com a ideia de me possuir e devia estar ponderando a proposta de sermos apenas amigos.

— Romeo?

— É, você está certa, Julie, não quero que acabe tendo esperanças de que… Bom, está resolvido. Entre mim e você, haverá apenas amizade mesmo.

E assim, ele fez a única coisa que não deveria fazer: me deu um fora.

— Isso mesmo, agora pode relaxar — falei, levantando-me do sofá.

Ele continuou em silêncio, apenas me olhando.

— Bom, eu vou indo, a gente se fala.

Atravessei a cobertura em direção à saída, com esperanças de que ele fosse atrás de mim e me prensasse contra alguma parede… Mas isso não aconteceu e provavelmente nunca aconteceria.

Voltei para o meu apartamento sentindo-me péssima. Eu tinha levado um fora do único cara por quem já me interessei na vida e aquilo não era nada bom.

Eu sentia que tinha dado o primeiro passo para cair em uma cilada daquelas.

CAPÍTULO 5

Julie

E o que eu temia aconteceu: Romeo se afastou.

Durante a semana, fiquei mais tempo na sacada do que dentro do meu apartamento com esperança de vê-lo. Mas ele nunca apareceu. Talvez quisesse dar um pouco de espaço, deixar as coisas esfriarem, mas aquilo só fez minha vontade aumentar.

Para piorar, ultimamente, andava sonhando com sua língua passando pelo meu corpo e acordava suada no meio da noite, louca para ser tocada por ele. Quanto mais espaço Romeo me dava, mais eu queria ficar perto e aquilo estava me assustando.

Também não tinha a menor vontade de atender Sandy, já que ela só falava dele. Sentia-me uma maldita traidora por não querer compartilhar nada a respeito do meu vizinho gostosão.

A coisa mais absurda disso tudo, era que o safado havia me visto praticamente nua, tocado meu corpo da forma mais íntima possível e eu nem ao menos tinha o telefone dele para mandar um: oi, sumido!

Durante o dia, eu fazia um esforço enorme para me concentrar no trabalho, mas era só dar o expediente por encerrado, que minha mente voltava a pensar nele e naquele dia não estava sendo diferente. Já fazia 5 dias que não nos víamos e eu me via a ponto de ir atrás — coisa que eu ainda não tinha feito, pois não queria ser esse tipo de mulher, mas estava sendo difícil.

Cheguei ao meu prédio e estava digitando a senha para entrar, quando escutei o ronco do motor de um carro. Não me virei para olhar, mas sabia que Romeo estava chegando em casa. Meu coração acelerou de um jeito que jamais

conseguiria explicar. Passei pelo portão de vidro no mesmo instante em que o Bugatti entrou na garagem subterrânea. Subitamente me senti estranha e inquieta; ansiava tanto encontrá-lo, mas agora não sabia o que fazer.

Suspirei e passei pelo porteiro, torcendo para que Romeo usasse o mesmo elevador que eu, como havia feito aquele dia, e não o privativo, que iria direto para a cobertura.

Fiquei parada, sentindo as borboletas voando pelo meu estômago, mas meu coração afundou no peito quando as portas se abriram e o elevador estava vazio.

O filho da mãe está fugindo de mim.

Eu sabia que deveria ignorá-lo e ir direto para o meu apartamento, mas, ao invés disso, apertei o botão da cobertura e me preparei para lhe falar umas poucas e boas.

Quando saí do elevador a adrenalina já havia se espalhado pelo meu corpo e eu estava me sentindo furiosa com sua atitude infantil. Apertei a campainha várias vezes e, quando estava quase desistindo, a porta se abriu.

— Julie?

Eu não sabia quem eram as pessoas autorizadas a subir até a cobertura, mas achei que ele não deveria parecer tão surpreso com a minha visita.

— Oi, a gente pode… — Minha frase foi interrompida quando uma voz feminina chamou o nome dele.

— Romeooooo.

— Ah, *me* desculpe, eu não sabia que estava ocupado.

Ele ficou sem reação e eu me senti uma boba. Talvez não estivesse fugindo de mim, estava apenas acompanhado, por isso, usou o elevador privativo.

Voltei rapidamente pelo corredor e comecei a apertar o botão para chamar o elevador.

— Julie, espere — ele chamou, ainda da porta do apartamento e só então percebi que ele estava com uma toalha em volta da cintura. Meu Deus, como eu era idiota, eles deviam estar a ponto de transar e eu apareci para atrapalhar.

— Eu tenho umas coisas para fazer, volto outra hora.

Entrei assim que as portas se abriram, não queria escutar nada, as coisas tinham ficado bem claras para mim. Além disso, sentia-me patética, uma cópia perfeita da Sandy que eu tanto criticava.

Entrei feito um raio no meu apartamento e tomei um banho gelado, tinha que me acalmar e cair na real. Romeo e eu não tínhamos nada e, mesmo que não fosse virgem, seriamos apenas amigos com benefícios. Então, deveria agradecer e estar feliz de ter escapado daquela furada.

Ao terminar, coloquei uma camisola qualquer e somente quando saí do quarto foi que escutei o barulho da campainha tocando, insistentemente.

Que não seja ele… Que não seja ele… Que não seja ele…

Era ele!

Eu queria tanto brigar, falar que era um maldito libertino, mas não consegui fazer nada. Absolutamente nada.

— Eu sei o que deve estar pensando. — Foi a primeira coisa que disse.

— Eu? Não estou pensando em nada — respondi, tentando parecer calma.

— Sei que pareceu outra coisa, mas era a minha irmã lá em cima, foi ela quem me chamou e…

Ao ouvir sua explicação, um ataque de riso tomou conta de mim. Consegui chegar à cozinha e peguei água na geladeira. Percebi que Romeo havia me seguido; devia achar que eu era algum tipo de maluca.

— Desculpe-me por isso — falei, quando consegui me conter, morrendo de vergonha.

— Minha mãe também é assim — disse, dando de ombros. Pegou a

garrafa da minha mão e a abriu para mim. Tomei quase tudo em um gole só.

— O que você estava falando mesmo? Ah, sobre a sua irmã, certo?

— Sim, minha irmã, mas ela já foi embora, só veio buscar alguns papéis.

Queria poder explicar o tamanho do alívio que tomou conta de mim, mas não dava. Eu não estava preparada para vê-lo com outra mulher, nem agora e nem nunca. Mesmo me sentindo daquela maneira, não queria aceitar o que já estava mais que óbvio: eu estava completamente de quatro por Romeo Stone. Caidinha, caidinha!

Coitada de mim.

— E você, Julie, o que foi fazer no meu apartamento?

Pense rápido, Julie, use toda a esperteza que acha que tem. Use todos os conselhos que já deu para suas amigas. Use sua inteligência a seu favor.

— Eu queria conversar com você.

— Estou aqui, pode falar.

Bebi mais um gole de água e fechei a garrafa. Uma ideia foi surgindo na minha cabeça.

— Podemos ir lá para a sala?

— Claro.

Seguimos até lá e me sentei em uma poltrona, já ele, se acomodou na mesa de centro à minha frente. Vestia jeans e camiseta preta, e estava gostoso e sexy como sempre.

— Não sei como começar…

— Comece do começo — falou de ótimo humor.

— Como você sabe, eu sou virgem, mas isso não quer dizer que nunca tenha me tocado para sentir prazer; eu fiz isso algumas vezes. Contudo, nunca senti aquilo que você me fez sentir… — Romeo parecia bem surpreso com meu desabafo, e se não estava enganada, excitado, já que seus olhos haviam

escurecido um pouco. — Talvez por nunca ter deixado nenhum homem tocar em mim, mas o fato é que eu gostei muito, muito mesmo.

Ele deu aquele sorriso safado. Minhas palavras deviam ter amaciado seu ego.

— Que bom que gostou, Julie.

— Sim; gostei tanto, que quero fazer de novo, não com você, é claro. Já entendi que não curte virgens. Então, pensei que talvez pudesse me ajudar de outra forma.

— Ajudar como, exatamente?

— Bom, Romeo, eu não conheço muitas pessoas em Nova York e não quero ficar nua ou deixar qualquer um tocar meu corpo. Por isso, queria saber se pode me apresentar algum amigo. Não aguento mais me masturbar, imaginando que é um homem que está me tocando. Preciso de um homem de verdade e tem que ser logo. E então, o que me diz?

Quando terminei meu relato, Romeo me olhava como se eu tivesse duas cabeças.

— Está me dizendo que quer sair com um amigo meu?

— Na verdade, não precisamos sair. Eu moro sozinha, meu apartamento é bem confortável. Pensei que ele poderia vir e fazermos tudo aqui mesmo.

Ele passou a mão pelo cabelo e puxou o ar com força, antes de perguntar:

— E ele viria aqui para fazer o quê, exatamente?

Soltei uma risada debochada.

— Ah, Romeo, você sabe. Eu só quero uma amizade com benefícios, nada sério. Ele vem aqui, tira a minha roupa, passa a língua pelo meu corpo, faz sexo oral em mim, essas coisas.

Ele se levantou e começou a andar pela sala. Estava nitidamente nervoso. Romeo devia ser possessivo, como a maioria dos homens e, provavelmente,

estava imaginando como seria um outro homem fazendo as coisas que ele já teve vontade de fazer.

— Tem ideia do quanto isso é absurdo? — disse, por fim, e voltou a se sentar na minha frente.

— Romeo, você mesmo disse que seriamos amigos e amigos se ajudam. Eu preciso sentir um homem de verdade me tocando e se você não me ajudar, vou ser obrigada a sair por aí à procura, e não quero ter que fazer isso. Você deve conhecer alguém legal para me apresentar. Alguém disposto a me dar prazer e também me ensinar algumas coisas.

Ele fechou os olhos e, mais uma vez, puxou o ar com força por diversas vezes.

— Por que isso agora, Julie? E por que eu, porra!? Peça isso a uma amiga.

Droga, Julie, pense rápido!

— Já ouviu falar naquele ditado: “diga-me com quem andas e te direi quem és”? — ele confirmou com a cabeça. — Então, seus amigos devem ser tão talentosos quanto você, além de bonitos, eu me lembro dos que te acompanhavam em Ibiza.

Ao ouvir aquilo, ele pareceu ficar mais puto ainda.

— Quer perder a virgindade com um amigo meu, é isso?

Umedeci os lábios, deliciando-me com as expressões de desespero que ele fazia.

— Assim de cara, não, né? Quero conhecê-lo primeiro, fazer umas brincadeirinhas. Eu nunca vi um homem nu, tipo, ao vivo e em cores. Tenho curiosidade sobre muitas coisas, quero aprender tudo o que puder; seria uma espécie de laboratório sexual.

Romeo soltou uma respiração pesada, minhas palavras deviam estar fritando seu cérebro.

— Você é maluca.

— São os hormônios — rebati.

Ele me fitou, parecendo analisar várias hipóteses. Eu sabia que o tinha deixado perturbado, mas precisava dar o golpe de misericórdia ou ele recuaria.

— Desde que nós, você sabe… Desde aquele dia, tenho acordado à noite, suada e excitada. Cheguei a ter sonhos eróticos, onde podia jurar que estava sentindo mãos másculas me tocando… Meu Deus, como vivi tanto tempo sem sentir essas coisas? É por isso que…

— Já chega, Julie! — Seu tom alterado me assustou.

Pelo visto, eu tinha pegado pesado.

Ele ficou me encarando e percebi que seus olhos azuis estavam muito escuros. Então passou as duas mãos pelos lindos cabelos castanhos, incontáveis vezes. Nunca o tinha visto tão alterado.

— Qual é o problema, Romeo? Achei que fôssemos amigos.

— Nós somos! Mas… O que está me pedindo é demais, ok.

— Demais por quê? — perguntei, mas logo tive uma ideia. — Quer saber… — Levantei-me e, sem falar nada, atravessei a sala, abri a porta e fiz sinal para ele sair.

— Está me mandando embora?

— Estou, sim. Já que não pode resolver o meu problema, é melhor você ir.

Romeo fez uma careta e caminhou até a porta.

— O que pretende fazer?

Mordi o lábio e fiz uma cara de safada.

— Vou me produzir e ir à caça. Talvez eu vá naquele bar de rock antigo que você me apresentou na semana passada. Com certeza, a maioria dos homens não tem o mesmo tipo de preconceito que você tem com virgens e não deve ser tão difícil assim, arranjar um cara legal por aí.

Bati a porta na cara dele sem esperar resposta e me encostei nela. A sorte estava lançada. Se ele caiu na minha conversa, com certeza apareceria no tal bar atrás de mim.

Corri para o banheiro e tomei um banho gelado dessa vez. Era loucura sair sozinha, mas eu precisava saber se Romeo também estava na minha.

Vesti um *body* decotado de renda preta e enquanto me maquiava, fiquei pensando em qual roupa ficaria boa com ele. Talvez uma saia ou calça de couro… Colocar apenas uma jaqueta por cima, daria um ar sexy, mas descolado, e saltos bem altos, com certeza.

Eu não gostava de sair, mas era vaidosa, adorava me arrumar e fazer compras, como qualquer garota da minha idade, por isso tinha aprendido a me maquiar e pentear, pois também seria útil no trabalho.

Meia hora depois, tanto minha maquiagem quanto meu cabelo estavam prontos, só faltava me vestir.

A campainha tocou naquele exato momento e meu coração acelerou. Sandy tinha ido à uma festa de casamento em Nova Jersey e só voltaria no dia seguinte, então só poderia ser ele. Olhei-me no espelho e sorri com a ideia que tive. Saí do quarto apenas com um scarpin preto e o *body*, que tinha uma abertura que ia até o umbigo.

Assim que abri a porta, Romeo arregalou os olhos, olhando-me de cima a baixo.

— Isso é roupa que se use para abrir a porta? — inquiriu, indignado.

— Não tem nada aqui que você não tenha visto, além disso, estou me arrumando para sair.

Virei-me e voltei para o meu quarto seguida por ele. Sentia-me vibrar por dentro de tanta ansiedade, mas respirei fundo, a fim de me controlar. Peguei a saia de couro que estava em cima da cama e, quando fiz menção de vesti-la, Romeo tirou a peça da minha mão.

— Ei! — exclamei.

— Você não vai sair!

Revirei os olhos e me sentei na poltrona que ficava no canto do meu quarto.

— O que quer aqui, Romeo?

Ele ficou olhando para o meu decote, e, pela primeira vez, o vi meio desconcertado.

— Vim fazer você desistir dessa ideia maluca.

Estiquei-me um pouco, apoiei meus braços nos descansos laterais e abri sutilmente as pernas. Os saltos me davam sustentação para ficar em uma pose relaxada e sexy ao mesmo tempo.

— Sinto muito te informar que não terá sucesso. Estou decidida a ter um orgasmo hoje, e vai ser pelas mãos de um homem, não pelas minhas.

Ele deixou minha saia cair no chão e cerrou os punhos ao lado do corpo. Romeo estava sentindo-se impotente diante da minha teimosia. A verdade era que estava agindo exatamente como eu queria, sem nem ao menos se dar conta disso.

Depois de alguns segundos de silêncio, ele fechou os olhos e soltou o ar com força, em uma clara demonstração de cansaço, como se estivesse desistindo. Eu só esperava que não fosse de mim.

— Venha aqui, Julie.

Meu coração acelerou, consideravelmente, mas como a boa mentirosa que era, disfarcei e me levantei, feito uma diva. Caminhei até ele, despreocupada, e parei à sua frente.

— Pode falar.

Ele ergueu a mão direita e pegou uma grande mecha de cabelo da minha nuca, segurou firme e me fez encará-lo.

— Você quer gozar, certo?

Tentei balançar a cabeça, mas meus movimentos estavam limitados.

— Quero. Quero muito.

Ele se inclinou e aproximou a boca do meu rosto.

— Eu vou dar o que você quer, vou te fazer gozar, mas nada além disso, combinado?

Eu estava tão louca por ele, que aceitaria qualquer coisa. Agora eu entendia o desespero de Sandy e de todas as outras mulheres que viviam atrás dele. Aquele homem tinha uma coisa, um ar inalcançável, algo misterioso, que nos fazia querê-lo de forma irracional e inconsequente.

— Ok, combinado — disse, ansiosa por saber o que ele faria comigo.

Romeo ficou encarando minha boca, sua expressão era sombria e ele parecia tão desejoso quanto eu. O anseio por receber um beijo de verdade era tanto, que quando ele se inclinou, dei um passo à frente e ele agarrou minha cintura com a mão livre.

Fechei os olhos e sua boca engoliu a minha, como se estivesse faminta, fazendo-me gemer baixinho. O gosto dele era incomparável, tinha um fundo mentolado que se misturava ao seu próprio sabor. Perdi-me naquele beijo, morri mil vezes e renasci, com o peito doendo devido a todos os sentimentos que surgiam, conforme ele me beijava. Romeo nem tinha me feito gozar e ainda assim eu me sentia em êxtase, desejando mais.

Meus cabelos foram liberados de seu toque e ambas as mãos começaram a descer pelas minhas costas até os dedos transpassarem o elástico das laterais. A paixão com que me beijava, espelhava a minha, nossos suspiros eram engolidos por aquele beijo consumidor.

Depois de muito tempo, ele começou a nos levar para trás, até cairmos desajeitados sobre a cama. A respiração dele estava tensa e pesada, seu controle indo para o espaço e tudo o que eu queria era fundir o meu corpo ao dele.

Ergui minhas mãos e comecei a acariciar suas costas largas e bem trabalhadas, seu corpo pesava contra o meu, mas quem se importava? Era delicioso senti-lo contra mim. Abri um pouco as pernas para acomodá-lo melhor e imediatamente ele encaixou seu pau incrivelmente duro onde eu mais desejava.

Meu Deus! Que homem gostoso.

Ele quebrou o beijo e arrastou a boca pelo meu pescoço, descendo pelo meu decote generoso e comprimiu meus seios com as duas mãos, fazendo com que parecessem muito maiores.

— Gostosa! — falou com uma voz quase irreconhecível.

Fechei os olhos, quando a boca quente e molhada envolveu as aréolas, a barba por fazer arranhando a pele sensível, me deixando ainda mais excitada.

Romeo literalmente mamou em meus seios. Ele sugava forte, com vontade, e entre uma sugada e outra, seus olhos me encaravam, maldosos. Era como se ele falasse: Não era isso que você queria? Agora aguente!

Uma mão desceu e se posicionou entre as minhas coxas, afastou a renda do *body* para o lado e seus dedos encontraram a evidência da minha excitação.

— Olha como está molhada; tudo isso é vontade de foder, inglesinha? — ele perguntou ao soltar um mamilo que estava vermelho de tanto ser castigado por sua boca.

— Continue — implorei, quase sem voz, e ele voltou a me sugar enquanto os dedos continuavam a resvalar pela minha entrada.

— Sabe o que me deixa mais louco, Julie? — Neguei com a cabeça entre um gemido e outro. — Saber que apenas minha boca e minhas mãos estiveram nos seus seios deliciosos e nessa bocetinha virgem.

Fechei os olhos me deliciando com suas palavras. Parece que ter mantido minhas pernas fechadas durante todos esses anos, serviu para alguma coisa.

Romeo beijou o vale entre os meus seios, e foi descendo a língua pela abertura generosa do body. Ao chegar no umbigo, começou a lamber a depressão

e aquilo me deu uma boa ideia de como seria quando ele estivesse com a boca na minha intimidade.

Quando se deu por satisfeito, desceu da cama e puxou meu quadril, até deixar minha bunda no limite do colchão. Quase tive um orgasmo só de pensar no prazer que aquela boca me proporcionaria.

Após se ajoelhar à minha frente, ele apoiou um de meus pés em seu ombro. Apesar de inebriada, percebi que ele fazia tudo com a destreza de um mestre e com tanta facilidade, que era como se meu corpo não pesasse nada.

Como havia feito da primeira vez, tocou a renda que cobria o meu sexo e a afastou para o lado, até me deixar exposta. Romeo ficou encarando minha intimidade então, passou o dedo pela fenda molhada, para cima e para baixo, sem ultrapassar o limite.

— Eu e uma boceta virgem, quem diria. — Romeo sorriu para mim, mas logo em seguida me fez gemer alto, quando trocou o dedo pela língua morna, que eu tanto ansiava.

— Ah, meu Deus — lamentei, e continuei gemendo, a cada vez que sentia sua língua habilidosa passando entre os lábios sensíveis que ele tinha separado com a ajuda dos dedos.

Meu corpo todo tremeu quando ele começou a circular meu clitóris para logo em seguida sugar. A sensação era indescritível eu poderia morrer com a boca dele no meio das minhas pernas que estaria feliz.

A renda devia estar atrapalhando seu trabalho, porque não demorou para ele puxar com força e rasgar o pequeno pedaço que unia os dois lados.

— Assim ficou melhor — afirmou, erguendo o que sobrou do meu lindo *body* até a cintura. Então reposicionou minhas pernas e voltou a me atacar, dessa vez com muito mais vontade. Meu corpo se inclinou quando sua língua entrou fundo na minha boceta. Suas mãos seguravam meus quadris e ajudavam a sustentar minhas pernas, que estavam instáveis, porque a boca pecaminosa de

Romeo Stone estava me enlouquecendo.

Cuidadosamente, ele apoiou meus pés no chão, e somente nessa hora, percebi que ainda estava de salto. Romeo separou minhas coxas e voltou a abrir minha boceta com os dedos, antes de começar a passar a língua em pontos estratégicos, pontos esses que eu nem sabia que existiam, mas que poderiam me proporcionar um prazer incrível.

— Ai, meu Deus, isso é muito bom.

— Isso, quero ouvi-la gemer bem alto, enquanto eu devoro essa bocetinha virgem e gostosa.

Contorci-me quando senti seus dedos me abrindo ainda mais e sua língua me explorando. Meu corpo estava mole eu sentia as gotas de suor escorrendo por entre os meus seios. Enquanto isso, Romeo me chupava como se eu fosse alguma fruta suculenta.

Não demorou para sentir algo se avolumando dentro de mim. Era uma coisa nova e assustadora, que eu nunca tinha sentido antes. Agarrei seus cabelos e rebolei contra sua boca, em busca de mais contato, sentindo a aspereza da sua barba na pele sensível e excitada. No instante em que ele afundou dois dedos na minha boceta e voltou a sugar meu clitóris, meu corpo arqueou, sendo tomado por um orgasmo explosivo.

Romeo continuou me sugando e estocando os dedos, até sentir meus espasmos cessarem e meu corpo se acalmar, depois se afastou, e ficou alguns minutos olhando para mim ali, jogada na cama, suada, lânguida e, acima de tudo, feliz demais.

— Satisfeita, Julie?

Passei a língua pelos lábios ressecados, levantei-me e entrelacei minhas mãos em seu pescoço. Ao encostar o corpo no dele, percebi o quanto seu pau estava duro.

— E você, como fica?

— Eu me viro.

Droga, pelo jeito ele ia cumprir o acordo ao pé da letra, só me faria gozar e pronto. Mas já tinha sido um grande passo, para quem afirmara que seríamos apenas amigos.

— Quero mais um beijo. Beijo pode, certo? — falei, manhosa e senti que seus olhos ficaram ternos.

— Pode — respondeu e me tomou em seus braços.

O beijo foi mais calmo, mas não menos intenso. Eu nunca tinha beijado uma boca tão gostosa e meu corpo jamais tinha reagido com sensações tão intensas. Romeo desceu as mãos e agarrou minha bunda, que agora estava totalmente exposta.

— Você é gostosa demais, inglesinha — sussurrou entre meus lábios e eu sorri em resposta.

— O que fazemos agora? — inquiri quando nos separamos, ainda pendurada nele.

— Tenho que ir embora, é perigoso ficar aqui — disse, olhando para o meu decote.

— Eu vou me comportar, até coloco uma roupa.

Ele negou e se afastou.

— Isso não é um namoro, Julie, lembra do nosso acordo?

— Então vai ser assim? Você virá aqui, *me* fará gozar e depois vai embora?

— Não quero que se iluda. Eu não estou a fim de romance e, mais importante, não sou homem para você.

As palavras dele machucaram. Em poucos dias eu havia me tornado o que mais odiava. Ainda assim, não estava disposta a desistir.

— Por que tem tanto medo de mim? Sou apenas uma virgem em busca de novas experiências.

Ele sorriu e passou os dedos pelo meu rosto.

— Uma virgem linda, inteligente e gostosa, o pacote completo. Mas não é para mim! Hoje por exemplo, não tenho nada programado, mas nem sempre será assim. Você me verá por aí em festas, em sites de fofoca e entretenimento, muitas vezes na companhia de outras mulheres. Tem certeza de que está preparada para entrar no meu mundo?

Romeo estava na fase da negação. Sentia-se atraído por mim, mas alguma coisa o fazia se manter distante. E eu precisava descobrir o que era para quebrar esse bloqueio. Nunca tinha me interessado por alguém antes; ele foi um único homem que me fez perder a cabeça e o juízo. E se tinha um por cento de chance de ficar com ele, eu colocaria cem por cento de esforço e só me daria por vencida, quando não restassem dúvidas de que eu não seria a sua escolhida.

— Sim, estou — afirmei, segura. — Fica, vai; não precisa rolar mais nada.

Para minha surpresa e felicidade, Romeo ficou. Enquanto ele preparava a sala a para vermos um filme, eu fiquei tomando banho. Quando vesti minha camisola, acabei pensando em como aquilo parecia íntimo, coisa que namorados fariam em uma sexta-feira. Na mesma hora tratei de colocar meus pés no chão.

Um passo de cada vez, Julie.

Prendi meu cabelo em um coque, passei um perfume suave e fui para a sala. Romeo já estava acomodado no sofá e as letras vermelhas da Netflix brilhavam na tela.

— O que vamos assistir? — perguntei e me sentei ao lado dele.

Ele escolheu um filme qualquer e, sem aviso, puxou-me contra seu peito.

— E aquele papo de nada de romance? — falei, aspirando o cheiro gostoso da camiseta dele.

— Considere um bônus por ser tão gostosa.

Balancei a cabeça, sorrindo. Mas logo fiquei séria. Estava mais envolvida do que poderia explicar e se não me equilibrasse, sairia muito machucada no

final.

O filme começou, e no início a comédia nos arrancou algumas gargalhadas, mas depois ficou monótono. Num momento em que desviei minha atenção da TV, percebi que sua ereção ainda se fazia presente.

— Quanto tempo demora para ele se acalmar? — Apontei para o seu jeans.

— Enquanto eu estiver perto de você, ele vai ficar assim.

— E não é desconfortável?

— É, e muito! — Seu tom de voz era meio frustrado.

Eu não conseguia mensurar o tamanho do esforço que um homem tinha que despender para fazer tudo o que ele fez comigo e depois não transar, especialmente quando a mulher está doida por sexo. Também não sabia se Romeo permitiria que eu fizesse alguma coisa para aliviá-lo, mas depois de pensar um pouco, resolvi arriscar e desci a mão pela barriga dele. Dava para sentir seus músculos sob o tecido da camiseta, e tive vontade de erguê-la para senti-los em minhas mãos, sem nenhuma barreira, mas desisti, eu tinha um objetivo.

Continuei descendo a mão até alcançar o volume mal contido pelo grosso tecido do jeans. Levantei o olhar e seus olhos estavam fixos nos meus.

— Posso ver? Eu nunca vi um; ao vivo e em cores, digo.

Romeo deu uma risada gostosa e ficou me encarando por alguns segundos.

— Vá em frente — decidiu, enfim.

Fiquei aliviada com o sinal verde que ele me deu e, imediatamente, abri o botão e desci o zíper, enxergando sua boxer preta com ARMANI escrito em letras brancas.

Coloquei a mão sobre o tecido de algodão e engoli em seco; ele era grande. Levantei-me, parei entre as suas pernas e engatei as mãos nas laterais de sua calça. Romeo levantou os quadris para me ajudar e eu abaixei a peça até o

chão. Então me ajoelhei à sua frente e puxei, delicadamente, a cueca, expondo seu pau que, na verdade, era enorme, grosso e cheio de veias. Toquei de leve e o senti pulsar entre meus dedos. Ele era tão duro e pesado, mas ao mesmo tempo, macio e quente. Segurei com as duas mãos e fiquei admirando.

— Ele é lindo — falei, sincera, e voltei a atenção para o rosto de Romeo, cujo olhar era intenso; ele parecia fascinado com a cena da amiga virgem segurando seu pau.

— Vai ficar só olhando? — quis saber, a voz rouca de tesão, e eu mordi o lábio, sentindo-me meio patética.

— Eu não sei o que fazer, é evidente, já que nunca tinha nem visto um. E, bom… depois do show que você deu, tenho até medo de tentar e decepcionar.

Ele deu um sorriso doce e balançou a cabeça.

— Faça como acha que deve ser, se estiver errado, eu corrijo.

Umedeci os lábios e me senti poderosa. Romeo Stone estava praticamente nu na minha sala e me dando carta branca para fazer sexo oral nele. Que Deus me ajudasse a não passar vergonha.

Inclinei-me sobre ele e dei um beijinho na ponta. Não sei por que, mas senti vontade de fazer isso, e acabei corando de embaraço, mas quando levantei o olhar, ele parecia encantado. Já eu, senti-me uma criança fazendo alguma coisa pela primeira vez e recebendo incentivo de um adulto. Voltei a olhar seu pau e, decidida, abri a boca e deslizei os lábios molhados sobre a carne macia, engolindo o máximo que consegui.

Romeo suspirou e senti seus dedos se engalfinharem nos meus cabelos. Fiz o movimento de ir e vir algumas vezes, indo cada vez mais fundo, até sentir a cabeça macia tocar minha garganta. O suspiro dele foi mais alto e me disse que eu estava no caminho certo.

Continuei fazendo o mesmo movimento, só que com um pouco mais de intensidade e, quando vi, estava chupando seu pau como se minha vida

dependesse daquilo.

— Isso mesmo, boa garota — disse entre um gemido e outro, o que me incentivou a continuar. Repeti os movimentos incansavelmente até que Romeo segurou meus cabelos com mais firmeza e gemeu mais alto, era delicioso saber que estava proporcionando aquele prazer a ele.

Senti seu pau inchar na minha boca, percebi que ele tinha ficado mais tenso e imaginei que estivesse chegando ao limite, então coloquei uma das mãos em suas bolas. Comecei timidamente, mas quando ouvi um gemido, continuei, ao mesmo tempo em que sugava com vontade. Não demorou para seu controle romper e eu sentir os primeiros jatos de sua libertação atingirem minha língua. Nas vezes em que assisti essas cenas em filmes, achei nojento, mas dele eu não tinha nojo, e continuei chupando enquanto ele se esvaziava na minha boca, gemendo alto, se arqueando e fazendo com que seu pau chegasse ao fundo da minha garganta. Aguentei firme até ele aliviar o aperto em meus cabelos e relaxar o corpo.

Ao soltar seu membro da minha boca, o guardei de volta na cueca. Quando me voltei para cima, Romeo estava com a cabeça jogada para trás, os olhos fechados. Continuei contemplando sua postura relaxada, até ele abrir as pálpebras e fixar o olhar no teto. Fiquei de pé, montei nele e mordi de leve o seu queixo.

— Fiz tudo certo?

Ele elevou um pouco a cabeça e ficou me encarando.

— Fez, sim.

Seus dedos tocaram meu rosto, depois minha boca. Os olhos ainda exibiam um ar luxurioso. E agora que já estávamos ‘sexualmente’ satisfeitos, eu não sabia mais o que fazer. Para evitar que o clima ficasse pesado e ele fosse embora, soltei:

— Todo esse sexo me deixou com fome, quer comer alguma coisa?

Ele deu uma risada fraca, sem qualquer humor.

— Quero comer você.

Arregalei os olhos e senti minha intimidade palpitar.

— Está falando sério?

Ele segurou em ambos os lados da minha cintura e me ajeitou de forma que meu sexo ficasse encaixado no dele; a sensação foi deliciosa.

— Estou, mas não vou; temos um acordo.

Suspirei, frustrada.

— Qual o seu problema com virgens?

Ele puxou o ar com força e depois relaxou novamente.

— Nada contra virgens, só não quero tirar sua virgindade.

— Quer dizer que terei que transar com outro cara para poder conseguir dormir com você? — perguntei, meio provocando, meio falando sério, precisava saber.

Ele ficou sério, *muito* sério, e senti seus dedos aumentando a pressão no meu quadril.

— Eu vou deixar essa bocetinha gulosa bem satisfeita. Não será necessário que ninguém tire a sua virgindade.

Segurei-me para não abrir um sorriso de satisfação. Inconscientemente, ele não aceitava a possibilidade de outro homem tocar meu corpo.

— Mas vamos ficar só nisso? Você sabe que não posso permanecer virgem para sempre, certo?

Ele grunhiu e fechou os olhos, percebendo que eu estava certa e não me daria por satisfeita.

— Por enquanto, é isso que faremos.

Opa, as coisas já estavam melhorando.

— Tudo bem. *Por enquanto*.

Aproximei minha boca da dele e nos beijamos lascivamente. Romeo me apertava contra o seu corpo enquanto eu rebolava em seu colo. Foi a tortura mais deliciosa que já senti na vida.

CAPÍTULO 6

Julie

Depois da sessão esfregação, Romeo acabou indo embora de madrugada, e ao me deitar para dormir, estava muito satisfeita. Se as coisas continuassem daquele jeito, em breve ele aceitaria fazer o serviço completo.

Quando acordei, passava um pouco das 9h da manhã. Eu estava especialmente animada, e o fato de ser sábado, apenas me deixou ainda mais vibrante. Como minha geladeira estava vazia, aproveitaria meu bom humor para ir fazer compras.

Depois de fazer minha higiene matinal, fui até a sala, peguei os copos que estavam espalhados e avistei uma carteira marrom, caída no tapete, perto do sofá.

Sabia que não era educado mexer nos pertences dos outros, mas a curiosidade que herdei de minha mãe falou mais alto, por isso abri a carteira para ver o que ele guardava nela. Havia sua habilitação e muitos cartões de crédito, além de uma foto dele com a família: pai, mãe, irmã e… Franzi o cenho ao encontrar duas camisinhas.

Pelo menos ele anda prevenido, Julie!

Voltei a atenção para seu documento de habilitação e sorri. Romeo era um homem lindo, o mais lindo e gostoso que conheci na vida. Mal tinha acordado e já estava louca para sentir suas mãos no meu corpo outra vez.

Sossega esse facho, garota!, meu lado racional tentou alertar, mas eu não estava nem aí. Meu cérebro e meu corpo estavam movidos pela vontade de me entregar a Romeo Stone. Tive vontade de sair correndo e ir até a cobertura, para entregar a carteira, mas tinha que me acalmar e parar de agir por impulso. A

última coisa que um homem como ele gostaria, era de que uma louca obcecada por sexo aparecesse em seu apartamento, num sábado de manhã, com uma desculpa esfarrapada.

Tudo bem que não era esfarrapada, mas não precisaria ir até lá naquele momento. Além disso, ele ainda devia estar dormindo, então, esperaria mais um pouco.

Com isso resolvido, voltei a pegar tudo o que estava espalhado pela sala, coloquei as louças na lavadora, fui trocar os lençóis da minha cama e juntei as roupas sujas para lavar. Sem mais nada para fazer, fui tomar um banho e lavar o cabelo.

Depois de hidratar o corpo e secar o cabelo, vi que haviam se passado duas horas, tempo suficiente para ele ter acordado e eu não parecer desesperada, apenas preocupada e solícita.

Optei por colocar uma roupa simples e acrescentei meus óculos de leitura. Depois do body provocante da noite anterior, queria mostrar que aquela era apenas uma faceta minha e, claro, não queria assustá-lo. Por isso mesmo também resolvi não colocar maquiagem, queria que ele gostasse de mim por mim, e estava me sentindo linda daquele jeito.

Peguei a carteira dele, meu celular e minhas chaves e entrei no elevador. Ao apertar o botão da cobertura, sorri, estava morrendo de saudades dele, mas tinha que me controlar.

Quando fiquei em frente à sua porta, dei uma ajeitada no meu vestido florido, solto e rodado que, apesar de ser curto, era despretensioso, quase angelical. Alisei o cabelo e suspirei fundo. Toquei a campainha e esperei, mas ele não foi atender; tentei mais uma vez e nada, quando já estava quase desistindo, a maçaneta girou.

Para minha surpresa, quem abriu a porta foi uma senhora muito bonita e sorridente.

— Desculpe a demora — falou, simpática. — Sou Alyssa Stone, mãe de Romeo.

Senti todo o sangue sumir do meu rosto. Fiquei olhando para a mão dela estendida, sem saber o que fazer. Depois de dois séculos, aceitei o cumprimento e balbuciei:

— Hum. Meu nome é Julie Collins, sou vizinha dele.

— Você é inglesa! Amei o seu sotaque. Agora entre, querida, ele está no banho.

Conhecer a mãe dele à queima roupa me deixou desestabilizada e eu não queria entrar, mas de repente, ela estava pegando na minha mão e me guiando para dentro.

— Ah, eu… obrigada — falei, meio desnorteada, enquanto íamos para a sala. De lá, pude escutar outras vozes ecoando pelo apartamento, mas não consegui identificar de quem era. Educadamente, Alyssa me convidou para sentar e ofereceu algo para beber.

Eu agradeci, mas recusei e expliquei:

— Na verdade, eu só vim trazer a carteira dele, não quero incomodar.

Ela ficou me olhando e parecia meio espantada.

— Romeo a esqueceu no seu apartamento? — questionou.

— Sim, se puder entregar… — pedi, estendendo-lhe a carteira, mas ela meneou a cabeça.

— Ele já deve estar terminando e você mesma pode entregar.

Alyssa ficou me olhando com seus olhos azuis, muito parecidos com os do filho. Ela já devia ter pouco mais de 50 anos, mas era linda, parecia uma modelo com seu corpo bonito e esguio, que sua roupa sofisticada apenas valorizava. Seu sorriso era tão doce e alegre, que me senti imediatamente acolhida e à vontade diante dela. Mas, por algum motivo, achei que Romeo não fosse gostar de me

ver com sua mãe.

— Me desculpe, mas eu realmente…

— Não se preocupe — falou, como se tivesse lido meus pensamentos. Será que era um dom de família? — Agora sente-se, por favor — pediu.

— Tudo bem, eu espero. — Sorri, sem graça e me sentei no sofá.

— Agora me diga — falou, sentando-se ao meu lado —, vocês estão namorando?

— Não, não, somos só amigos. — Quando ela continuou me olhando, acrescentei: — Romeo não é do tipo que namora — concluí, desanimada.

— Está apaixonada por ele, Julie? — perguntou, deixando-me sem ar.

— Não… não, somos apenas amigos.

Mais uma vez, Alyssa sorriu, docemente, e segurou a minha mão.

— Eu conheço esse olhar a quilômetros de distância. Fui apaixonada pelo pai de Romeu durante uma vida antes de ele me notar. Eu sei como é, pode confiar em mim.

Suspirei, derrotada.

— Acho que estou — confessei o que ainda não tivera coragem de admitir nem a mim mesma —, mas ele não quer ficar comigo, não do jeito que eu desejo.

— Como assim, Julie?

Soltei a respiração com força.

— Eu sei que não a conheço, mas não tem como você me entender, sem que eu revele esse detalhe.

— Que detalhe? — quis saber, séria e uma ruguinha surgiu entre suas sobrancelhas.

Olhei para os lados antes de responder.

— Eu sou virgem e ele disse que não se envolve com virgens.

Alyssa levou as mãos à boca e depois soltou uma risadinha.

— Ele te disse isso?

— Sim. E não sei o que fazer, ele está decidido a não tocar um dedo em mim.

Eu estava mentindo, mas não dava para revelar tudo para a mãe do cara.

— Isso é culpa de Harvey — falou, pesarosa.

— Como assim? O que o pai dele tem a ver com isso?

Ela olhou para os lados, pelo visto, não queria que escutassem a nossa conversa.

— Eu também era virgem quando o conheci. Harvey Stone era desejado por metade de Nova York, e adorava isso. Mas depois que me conheceu, ele se perdeu. Romeo sabe todos os detalhes da história, por isso criou essa aversão a mulheres virgens.

Arregalei os olhos desacreditada.

— Quer dizer que ele não fica comigo por…

— Medo, Julie — ela completou a minha frase e me senti estranha. — Romeo tem medo de que alguém como eu apareça, de se apaixonar por ela e ter o mesmo destino do pai: filhos, família e, principalmente, responsabilidades. Ele foge disso como o diabo foge da cruz. Trata como se fosse uma maldição.

Nós duas rimos.

— E o que eu faço? Ele não quer, bom, você sabe… tirar a minha virgindade.

Alyssa sorriu, enternecida, e apertou a minha mão.

— Deixe-o perturbado, inseguro, faça-o acreditar que fará isso com outra pessoa. Não vai demorar para o lado dominador e possessivo dele aparecer.

Sorri animada, jamais imaginei que a mãe de Romeo fosse tão legal.

— Já estou fazendo isso, mas não sei por quanto tempo ele vai cair nessa.

Acho que logo vai perceber que eu estou de quatro e aí já era.

— Não, não pense assim. Comigo aconteceu o mesmo. Deve ser algum carma que as mulheres que se apaixonam por um Stone carregam. Eu era desesperada pelo meu marido, fui apaixonada por ele desde a universidade, fiquei anos suspirando sozinha até conseguir ficar frente a frente com ele. Você já teve a sorte de ser vizinha.

Rimos novamente e me senti mais leve, a mãe de Romeo mal me conhecia e já torcia para que eu conseguisse domar seu filho. Pelo visto esse playboy dava dor de cabeça na família ou sua mãe não estaria tão desesperada para que ele sossegasse.

Eu não sabia o que dizer, estava apreensiva e ao mesmo tempo agradecida.

Ela realmente agia como se fosse completamente feliz e realizada, assim como meus pais.

— Obrigada — falei com sinceridade.

— De nada, querida. — Ela sorriu mais uma vez e apertou a minha mão.

— Acho melhor eu ir. Romeo não vai gostar de me ver aqui — falei, já me levantando. No mesmo instante, ouvi as vozes aumentarem de volume e segundos depois, Romeo e seu pai entraram na sala. Harvey Stone, O Senhor da Guerra, como era conhecido, estava de terno, mas sem gravata e não tinha mudado muito desde que o vira na palestra, alguns anos atrás. Os dois ficaram nos olhando e eu desejei, mais do que nunca, que um buraco se abrisse no meio da sala.

— Querido, esta é Julie Collins, vizinha de Romeo.

Harvey me avaliou por um momento e caminhou na nossa direção.

— Prazer, Julie, sou Harvey Stone, pai de Romeo.

Sorri e apertei a mão dele, tentando disfarçar o quanto estava nervosa.

— O prazer é todo meu, senhor, mas já estou de saída. Só vim devolver

isso. — Estiquei a mão na direção de Romeo e ele foi até mim para pegar a carteira.

— Obrigado — disse, seco, com cara de poucos amigos, como eu previra.

— Esse sotaque... Você tem algum parentesco com Robert Collins? — Harvey Stone perguntou e arregalei os meus olhos.

— Sim, Robert Collins é meu pai.

O sorriso dele se alargou consideravelmente.

— Que coincidência incrível, jantei com ele há duas semanas. Um cliente meu precisou de um empréstimo do banco da sua família e acabamos nos conhecendo por um acaso.

Eu quase caí mortinha na sala de Romeo. Como assim, nossos pais se conheciam?

— Pois é, muita coincidência — falei, sem jeito.

Romeo me fuzilava com o olhar e eu não sabia mais como agir ou o que fazer.

— Trabalha com seu pai, Julie? — Harvey perguntou.

— Sim, ajudo a administrar os negócios da família, desde que me formei em Cambridge. Agora estou focada nas filiais de Nova York e de muitas cidades nos Estados Unidos. Meu pai e seus assessores cuidam dos bancos da Europa.

Seu sorriso aumentou ainda mais, ele tinha gostado da minha resposta.

— Incrível, seus pais devem se orgulhar bastante — Alyssa falou e senti que Romeo estava prestes a me expulsar da sala.

— Espero que sim. Bom, eu preciso ir. Prazer em conhecê-los.

Passei por eles e caminhei até a saída. Abri a porta e fui embora sentindo minha boca seca e o coração acelerado. Também estava morrendo de medo de que Romeo não quisesse mais ficar comigo após aquilo.

Depois que voltei para meu apartamento, passei o dia todo pensando no

que aconteceria quando o encontrasse. Ficou claro que ele não havia gostado da minha visita, mas eu não tinha como adivinhar que seus pais estariam lá. Como não aguentava mais ficar sentada imaginando mil cenários, aproveitei e fui ao mercado. Era final de tarde e acabei demorando mais que o necessário e quando cheguei ao edifício, o céu já havia escurecido.

Ao sair do elevador, encontrei Romeo na frente da minha porta, andando de um lado para o outro.

— Romeo?

Ele pareceu aliviado ao me ver.

— Onde esteve? — perguntou, irritado.

— No mercado! — Levantei as sacolas e passei por ele. — Digita a senha para mim, não lembro onde coloquei as chaves, 173955.

Ele fez como eu pedi e liberou a porta. Então pegou as sacolas das minhas mãos e as levou até a cozinha.

— Precisa de alguma coisa? — perguntei e ele ficou me olhando meio desconfiado.

— Só foi ao mercado? Não esteve com mais ninguém?

Aquela conversa não estava fazendo muito sentido.

— Exatamente isso, só fui ao mercado e não estive com ninguém. Porque a pergunta?

Vi suas feições se aliviarem antes de ele responder.

— É que você demorou demais. Achei que tivesse saído para algum outro lugar.

— Ah — foi tudo o que falei e tentei mudar de assunto: — Seus pais são legais.

— Eles também gostaram de você.

Sorri por saber que os tinha agradado.

— Pelo menos, alguém da família Stone gosta — provoquei e ele ficou me olhando.

— E hoje à noite? — perguntou, sem dar crédito a minha provocação.

— Bom, minha amiga Sandy me convidou para ir à festa de Tony Osborne.

Eu não tinha a intenção de ir, tudo o que queria era ficar com ele de novo. Mas era bom que ele pensasse que eu tinha outra opção.

— Você não vai à festa do Osborne.

Ergui as sobrancelhas e segui para a sala.

— Você conhece o Tony? — Tentei parecer mais íntima do que realmente era.

— Conheço, sim, e é exatamente por isso que você não vai.

As palavras de Alyssa Stone ecoaram na minha mente. Eu já estava vendo o lado dominador dele aflorar.

— Olha, como você mesmo frisou, nós somos apenas amigos com benefícios. Não temos direitos sobre o outro, então, você não pode dizer o que faço ou deixo de fazer.

Seus olhos ficaram escuros e raivosos.

— O que estamos fazendo não é o suficiente? Precisa ir a festas com suas amigas?

Epa! Epa! Epa! Era impressão minha ou Romeo Stone estava tendo um ataque de ciúmes?

— Está querendo exclusividade? — perguntei, bem séria, e me joguei no sofá, como se nosso assunto fosse irrelevante ou enfadonho.

— Eu não sei se quero exclusividade, porque não acredito que posso oferecer o mesmo. Mas fico puto de imaginar você por aí.

Dei uma risada fraca.

— Não vê como é absurdo o que está falando?

Ele pensou por alguns segundos e não disse nada, sabia que eu estava coberta de razão. Por fim, foi até o sofá e se sentou ao meu lado. Olhei para ele por alguns segundos e, no instante seguinte, *me* ergui e montei em seu colo. Romeo parecia cansado e perturbado.

— O que está havendo, qual o problema? — perguntei, baixinho, e mordi de leve seu lábio inferior, sentindo sua barba arranhar meu queixo.

— Você é o problema — admitiu, olhando no fundo dos meus olhos.

— Eu?

— Sim, você, esse seu jeito, esse corpo, essa boceta virgem. *Você* vai acabar me matando, Julie — falou, frustrado e eu sorri do desespero dele. Era notável que se sentia dividido.

— O que posso fazer por você? — sussurrei em seu ouvido.

— Não saia hoje — pediu e levou as mãos à minha cintura.

— E o que sugere que eu faça em um sábado à noite?

Ele elevou meus quadris e me puxou de encontro a sua ereção.

— Fique comigo, vai se divertir muito mais.

Disso eu tinha certeza.

— Vou pensar, se mudar de ideia, eu subo. Agora, preciso tomar um banho — falei despreocupada. Quando fui me levantar, ele me jogou no sofá e se deitou em cima de mim.

— Você não vai sair!

— Hum que bravo! — zombei e ele mordeu meu lábio inferior com força. — Ai! — reclamei e ele beijou no mesmo lugar.

— Vai ficar comigo. Vou te deixar nua e chupar cada centímetro desse corpo gostoso.

Todos os meus pelos se arrepiaram só de imaginar a possibilidade. Mas

aprendi naquela manhã, que deveria recusar um bombom, para depois poder ganhar a caixa inteira.

Empurrei seu peito para que ele saísse de cima de mim e ambos voltamos a nos sentar.

— Olha, não é que eu não queira, eu gostei muito do que fizemos ontem, mas fiquei pensando no que você me falou e cheguei à conclusão de que está certo. Talvez eu não esteja preparada para entrar nesse seu mundo. Por enquanto, é só uma brincadeira de vizinhos, mas se continuarmos, sinto que posso me apaixonar e eu não quero isso. Você já deixou bem claro que não namora e seria burrice de minha parte insistir em algo que pode me magoar depois.

— Quer dizer que não está apaixonada?

Passei a língua sobre os lábios e neguei.

— *Ainda* não — menti e Romeo ficou me olhando. Ele parecia tentar entender como funcionava a minha cabeça maluca. Mas ele jamais conseguiria, porque agora eu daria um jeito de estar sempre um passo à frente.

Dessa vez, foi ele que me pegou pela cintura, colocando-me sentada em seu colo.

— E o que mais precisa para se apaixonar por mim? — quis saber.

Gente, alguém me ajuda a entender esse homem?

— Não sei, Romeo. Essas coisas acontecem. Não existe uma receita pronta.

O que queria mesmo, era questionar por que ele estava me perguntando tudo aquilo, se na noite anterior havia sido enfático, ao dizer que não era homem para mim. Será que vinte e quatro horas foram suficientes para virar a cabeça dele e fazer com que mudasse de ideia?

— Você é frustrante — disse e me apertou em seus braços.

— Eu sou frustrante?

Em vez de responder, Romeu colou seus lábios nos meus e iniciou um daqueles beijos que molham sua calcinha na hora. Enquanto enfiava a língua na minha boca, tudo o que eu queria era que ele estivesse fazendo aquilo no meio das minhas pernas. Sem perceber, estava esfregando meu núcleo contra sua potente ereção.

— Eu viro uma safada quando estou perto de você — sussurrei de forma entrecortada, com nossas bocas ainda coladas, fazendo-o sorrir.

— Isso se chama química e eu adoro quando fica safada comigo.

Sorri e mordi o queixo dele, sentindo a aspereza de sua barba.

— Comprei uma lingerie super sexy, queria te mostrar.

— Desista de ir à festa de Osborne e use a sua lingerie sexy comigo.

— Vai transar comigo depois?

Romeo soltou uma gargalhada gostosa e voltou a me apertar.

— Não, não vou. Ainda não amadureci essa ideia.

Tinha chegado a hora da verdade e eu estava com a faca e o queijo na mão. Se Romeo se mostrava tão possessivo sem nem ao menos ter transado comigo, imagine depois do fato consumado? Por outro lado, se eu ficasse muito em cima, era capaz de ele se sentir pressionado e simplesmente decidir que não valia a pena; um homem como ele não precisava ficar aturando os caprichos de nenhuma mulher. Então, eu teria que mostrar uma indiferença que não sentia.

— Ok, a lingerie fica para outro dia também.

— Você é má, Julie Collins.

Beijei o pescoço dele, sentindo-me leve e feliz; tudo o que queria era ficar ali, com ele, mas teria que dar o golpe de misericórdia. Se Romeo sentisse que eu estava em suas mãos, era provável que me colocasse em último lugar na sua interminável lista de mulheres, e eu não aceitaria aquilo. Ele seria meu, todo meu! Para isso acontecer, entretanto, eu teria que dispensá-lo naquela noite,

talvez assim, ganhasse muitas outras no futuro.

— Sou, sim, e por esse motivo vou dar nossa noite por encerrada. Tem uma super festa à minha espera e eu preciso me arrumar.

Romeo ficou me encarando de novo, mas dessa vez, ele tinha um ar pensativo. Provavelmente estava tentando achar uma forma de me fazer desistir de sair. Ainda tinha minhas dúvidas se todo aquele rebuliço era por eu estar saindo ou pelo fato de a festa ser de Tony Osborne.

Tony era hoje, o que Harvey Stone foi quando jovem; um verdadeiro prodígio no mundo dos negócios, que transformou a empresa da família em uma concorrente direta das Indústrias Stone no mercado de armas. No decorrer dos anos, a empresa de Harvey ganhou muitos concorrentes, sendo o maior deles, o Grupo Osborne. Mas o que tornava Tony o centro das atenções, não apenas na mídia corporativa, mas no ramo do entretenimento em geral, era que, além de ter apenas trinta anos, o cara ainda era um puta gato.

Pensando bem, talvez o rebuliço fosse tudo o que se relacionava a ele.

— Ok, Julie, vá nessa maldita festa. — Romeo me tirou de seu colo e atravessou a sala a passos largos, batendo a porta do apartamento ao sair.

Hum! Pelo jeito tinha cutucado a onça um pouquinho demais. O problema era que agora eu teria que ir, ou ficaria desacreditada; por isso liguei para Sandy que surtou quando lhe disse que iria com ela. Combinamos de nos encontrar em frente ao local da festa e fui para o meu quarto.

Depois do banho, alisei meus cabelos e fiz uma maquiagem bem leve. Apenas base, um pouco de blush, rímel e um brilho nos lábios. Então chegou a hora de escolher o que vestir.

Eu não sabia se Romeo apareceria por lá para me vigiar, mas se por acaso ele fosse, queria estar divina. Fora que as festas de Tony Osborne sempre saíam em revistas e colunas sociais, então, se Romeo não me visse ao vivo, talvez visse através de algum site de fofoca.

Decidi por um vestido preto e colado. O decote, que tinha um lindo bordado, era redondo e contornava meu colo, subia pelos ombros e descia até o meio das costas. Como não daria para usar sutiã, escolhi uma calcinha linda e sexy que deixava bem pouco para a imaginação. Se eu tivesse sorte, Romeo me tiraria de lá e me levaria direto para a sua cama, sem mais desculpas.

A esperança é a última que morre!

Chamei um táxi e liguei para Sandy avisando que já estava indo. A festa aconteceria numa boate pertencente a Tony, que ficava no terraço de um edifício que também era dele.

Durante o caminho, um leve arrependimento começou a me atingir. Eu poderia estar vendo um filme, com a cabeça encostada no peito de Romeo, sentindo o cheirinho gostoso dele.

Sim e depois ele sumiria e te deixaria chupando o dedo. Foco, Julie!

Balancei a cabeça e me dei conta de que meu subconsciente estava em conflito. O bom era que eu sabia que o meu lado racional sempre tinha razão. Um bombom de cada vez!

O taxista parou em frente a um edifício envidraçado, onde uma porção de carros luxuosos e limusines faziam fila em frente à entrada. Os homens mais ricos e as mulheres mais bonitas de Nova York estariam nessa festa. Especialmente empresários, afinal, aqueles eventos serviam muito bem para se fazer negócios.

Paguei o táxi e quando cheguei ao hall, avistei Sandy paquerando um segurança.

— Amiga, você veio mesmo, não acredito! — falou espalhafatosa, quando me alcançou, abraçando-me apertado. Retribuí o gesto e fomos em direção aos elevadores.

Naquela hora, comecei a rezar para que um dia minha amiga me perdoasse por estar ali pelo mesmo motivo que ela: Romeo Stone!

CAPÍTULO 7

Romeo

As portas do elevador se abriram no pequeno átrio de uma boate onde algumas pessoas bebiam e dançavam ao som de uma música da Rihanna.

Atravessamos o salão e seguimos para a área externa, que estava lotada. Fomos até um dos sofás e nos sentamos. Não demorou para um garçom nos servir duas taças de champanhe.

— O que deu em você, Julie? Nunca imaginei que conseguiria te levar para uma balada. Não nessa vida.

Deu que estou louca para transar com Romeo Stone e sair faz parte do plano! Mas como não poderia falar aquilo a ela…

— Trabalhando demais, ando estressada, precisava sair — expliquei e não era uma mentira completa, eu estava estressada, mas não por causa do trabalho.

— Bom, eu adorei.

— E o Tony, já chegou?

— Sim, eu o vi entrando no elevador, lindo como sempre. Queria tanto ficar com ele hoje.

— Boa sorte — desejei, agradecendo por não ser o Romeo.

— Nada disso. Ele conhece a sua família, logo, virá te cumprimentar e aí você nos apresenta — declarou com um sorriso no rosto.

Anthony Osborne era cliente do banco da nossa família há muitos anos e tinha contato direto com meu pai. Nós dois nos vimos poucas vezes na vida, mas tinha a impressão de que ele me reconheceria.

— Sem problema. Se ele vier me cumprimentar, é evidente que apresento.

Seria ótimo se Sandy se apaixonasse por outra pessoa e deixasse Romeo

em paz.

Nossas bebidas acabaram e fomos até o bar reabastecer nossas taças. Enquanto esperávamos, vi Tony se aproximando. Como Sandy comentara, ele era lindo. Além do belo rosto, era alto, forte e tinha um ar imponente que chamava a atenção, tanto quanto sua beleza. Um homem desses, não precisaria de dinheiro para conseguir qualquer mulher que quisesse.

Mas não era o meu Romeo.

— Julie Collins, certo? — perguntou, sedutoramente, fazendo aquela cara de quem tentava se lembrar de alguma coisa.

— Sim — falei e estendi a mão.

— Você cresceu, hein, acho que a última vez que nos vimos, você tinha uns quinze anos.

Não fazia tanto tempo assim, mas sorri, simpática.

— Ah, esta é Sandy Atkins — falei logo, para mudar de assunto e tentar tirar o foco de mim e do quanto eu estava crescida.

— É um prazer, Sandy, Tony Osborne — apresentou-se, galante e minha amiga se derreteu.

— O prazer é meu — respondeu com um lindo sorriso estampado no rosto. Eles ficaram se encarando por um bom tempo, e na mesma hora fiquei feliz, tanto por ela, quanto por mim, mas logo ele voltou a me olhar.

— Está morando em Nova York ou continua em Londres, com seus pais?

Mal a pergunta foi feita, Sandy já estava me condenando com o olhar, como se falasse: Viu, ele preferiu você por ser mais rica e blá-blá-blá.

— Estou em Nova York. Desculpem-me , mas tenho que ir ao toalete. Você se importa de fazer companhia a Tony, Sandy?

Minha amiga sacou a deixa e sorriu, um pouco mais animada.

— Ah, claro que não, mas não demore

Na nossa linguagem de amiga, aquilo queria dizer: demore muito, ou, só volte quando me vir sozinha.

Enquanto atravessava o terraço, sem pressa nenhuma, vi várias figurinhas carimbadas. Aquele meio era igual em todo lugar, os ricos de verdade, especialmente os mais festeiros, sempre compareciam aos eventos mais badalados, e todos eles estavam ali, exceto Romeo.

Pelo jeito, meu tiro tinha saído pela culatra.

Segui direto para o banheiro, retoquei a maquiagem e fiquei dando um tempo para ver se Sandy conseguia fisgar o anfitrião.

Quando voltei a atravessar as portas, notei que Tony parecia meio impaciente. Infelizmente eu não poderia culpá-lo. Sandy era minha amiga, mas diferente de mim, nunca se importou com muita coisa além de festas, moda e homens, além de um monte de outras futilidades. Tudo o que ela queria era se divertir e fisgar um homem lindo e rico, e se fosse o *meu* homem, melhor ainda.

O que Sandy não percebia, era que os magnatas de Manhattan, além de ricos e bonitos, eram muito exigentes. Tony, além de tudo, era muito vivido e deve ter sacado logo de cara o tipo de interesse que Sandy tinha nele.

Mesmo assim, não ousei voltar para lá, ela que se entendesse com ele. Em vez disso, fui até o outro bar que ficava do lado de dentro e peguei uma bebida, depois voltei a sair e me sentei em um dos vários bancos espalhados, rente ao parapeito de vidro, no lado oposto ao que eles estavam, e fiquei mexendo no celular.

Uns cinco minutos depois, Sandy sentou-se ao meu lado e estava radiante.

Pelo jeito eu estava errada.

— Nossa, pela sua cara, já vi que vocês se deram bem — falei, com um sorriso.

— Ahn! Ah, sim; só que ele disse que tinha que circular entre os convidados, e que depois me acharia. Mas não foi isso que vim te falar. Você não

acredita em quem acabou de chegar.

Meu coração falhou várias batidas.

— Quem? — perguntei, despreocupada, escondendo toda a euforia do meu ser.

— Romeo Stone.

Virei minha taça de champanhe de uma vez só e respirei fundo. Era hora de colocar meu plano em prática.

— Garanto que ele não ficará por muito tempo, essa festa está um saco. — Dei a deixa para minha amiga. Caso eu sumisse, ela já saberia o motivo.

— Uma festa com a presença de Tony Osborne e Romeo Stone, é um evento épico. Você é doente, Julie.

Doente e mentirosa. Eu estava correndo o risco de perder a amizade da minha melhor amiga, por causa de Romeo. Por outro lado eles nunca chegaram a ficar juntos, então eu não estava roubando-o de ninguém. Romeo era apenas um amor platônico. Que culpa eu tinha se ele havia se transformado no *meu* amor platônico também?

Ai, que confusão estava a minha cabeça.

Sandy foi ao bar pegar outra bebida e permanecemos sentadas no mesmo lugar. Olhei ao redor a procura de Romeo e o encontrei a alguns metros de onde eu estava. Com ele, havia, pelo menos, uma dúzia de mulheres e eu não precisava dizer o tamanho do meu desconforto ao ver aquilo. Ele conversava e ria, tentando distribuir sua atenção entre todas. Típico dos homens!

— Vai ser impossível chegar perto desse homem, olha o tanto de vadia em volta dele! — Sandy falou, irritada, e eu compartilhava da sua revolta.

Comecei a analisar a situação com outros olhos, antes que o desespero começasse a tomar conta de mim. Romeo sequer tinha comentado a respeito de sair naquela noite, pelo contrário, queria que ficássemos em casa vendo um filme, além disso, ele e Tony não eram amigos, pelo que eu sabia, apenas se

suportavam. Então, se ele estava ali, era por causa de mim, muito provavelmente para garantir que eu não bebesse demais e acabasse indo para a cama com qualquer um, ou pior, com o próprio Tony. Entretanto, se ele podia dispensar a sua atenção a todas aquelas piriguetes, eu também poderia testar a minha popularidade naquela festa.

Estava pensando em como faria aquilo, quando nossos olhares se cruzaram. Dei uma olhada nas mulheres que estavam ao seu redor, para que ele soubesse que eu estava ciente, e desviei o olhar, levantando-me em seguida. Ainda não tinha definido que estratégia usar, mas queria que ele entendesse que não estava feliz com seu comportamento. Por isso chamei a Sandy e segui para dentro, não serviria de plateia para ele se exibir com elas.

A música estava alta, as pessoas animadas e o champanhe já tinha começado a fazer efeito, então decidi aproveitar. E ai de Romeo se eu o visse ficando com alguém na minha frente. Acabaria cometendo um assassinato.

Eu e Sandy fomos para a pista de dança e nos juntamos às outras pessoas. Não demorou para Tony nos localizar em meio à multidão e ir em nossa direção. Ele se inclinou para perto de mim, e falou no meu ouvido:

— Vamos para o meu reservado, está muito cheio aqui.

Quando ergui as pálpebras para respondê-lo, meu olhar capturou Romeo nos encarando. Ele estava no mesmo lugar e com as mesmas vadias o cercando, e de lá conseguia nos ver através da grande janela do bar. Desviei o olhar dele e fitei minha amiga, que implorava, silenciosamente, para que eu aceitasse o convite de Tony.

— Claro, Tony. Será um prazer — falei, por fim.

Ele pegou minha mão e me guiou entre as pessoas. O reservado dele era um local elevado de onde tínhamos uma boa visão da boate. Soltei sua mão assim que entramos e notei a presença de mais algumas garotas, que ficaram visivelmente incomodadas com a nossa chegada.

— Ai, meu Deus, Julie, estamos no reservado de Tony Osborne. Pelo menos esse está mais acessível do que Romeo Stone, com aquele bando de mulheres cercando.

Voltei a olhar para a área externa e vi que Romeo continuava no mesmo lugar, seus olhos frios e raivosos fixos nos meus, ele deveria estar querendo comer o meu fígado. No entanto, um segundo depois, uma garota morena, que parecia bem mais ousada que as outras, chegou muito perto e começou a se esfregar nele. O cretino, em vez de afastá-la, a agarrou pela cintura e se voltou para mim com um olhar de desafio.

Cerrei os dentes na hora e estava a ponto de descer e tirar aquela oferecida de perto dele, quando a voz de Tony me tirou dos meus devaneios assassinos. Ainda assim, não consegui relaxar e afastar os olhos, mas escutei quando nosso anfitrião perguntou:

— O que estão bebendo, meninas?

Sandy informou que estava tomando champagne e ele pediu uma garrafa ao garçom.

— E você, Julie?

Com algum custo, desviei minha atenção, e ao olhar para Tony, percebi que só havia uma pessoa à altura para deixar Romeo com ciúmes. Sorri brilhantemente e falei:

— Eu gostaria de beber tequila.

Sandy virou-se e olhou para mim, como se eu tivesse enlouquecido.

— Desde quando você gosta de tequila?

Eu não podia falar a verdade a ela, então, mais uma vez, tive que mentir:

— Nunca é tarde para experimentar uma bebida.

Tony sorriu de um jeito safado. Com certeza estava achando que, depois de algumas doses de tequila, eu me mostraria muito mais disponível.

— Vou providenciar — garantiu e fez o pedido ao seu segurança

particular.

Cinco minutos depois, a primeira dose já estava nas minhas mãos. Olhei para onde Romeo estava, já sem a piriguete agarrada a ele, e esperei que seus olhos encontrassem os meus. Nessa hora, engoli a dose, sem tirar os olhos do meu bonitão, que parecia furioso. Senti o gosto amargo descer queimando pela minha garganta e ergui o copinho vazio em um brinde solitário e debochado. Romeo desviou o olhar e sorriu, sedutoramente, para uma loira que estava à sua frente e de costas para mim. Meu estômago revirou, mas me mantive firme.

Ele foi até ali, mas em nenhum momento chegou perto de mim. Aquilo indicava que não queria dar a impressão de que estávamos tendo um romance, entretanto, o possessivo maldito queria se certificar de que eu não sairia com outra pessoa, mesmo não querendo compromisso comigo. Por isso, a minha próxima jogada teria que ser muito bem pensada ou correria o risco de botar tudo a perder.

Na terceira dose senti a bebida fazendo efeito, meu corpo já parecia mais leve, meu riso mais fácil e todo o meu ser tinha vida própria. Ao me voltar para Romeo de novo, não consegui vê-lo, mas a roda de mulheres continuava lá, de forma que ele apenas devia ter se afastado.

Para não correr o risco de colocar tudo a perder, cheguei à conclusão de que estava na hora de dispersar aquele bando de vadias que rodeavam meu homem.

— Vou cumprimentar uma amiga que acabou de chegar, já volto — falei no ouvido de Sandy e a deixei, feliz da vida, com Tony.

Caminhei entre as pessoas, que esbarravam em mim enquanto dançavam, e percebi que o efeito das luzes, a batida da música misturada à conversa incessante, já não pareciam tão incômodos.

Será que eu estava começando a gostar da vida noturna?

Atravessei a porta que dava acesso à área externa e caminhei

graciosamente na direção de Romeo, que parecia alheio à minha presença, o que me deixou ainda mais furiosa. Como sempre, estava lindo, mas dessa vez, usava um jeans escuro e uma camisa de botão preta com as mangas dobradas. Seu cabelo estava penteado para trás e no pulso exibia um relógio caro.

Olhando mais atentamente, percebi que a roda parecia ter o dobro de mulheres, além de alguns caras, que haviam se juntado às vadias. Romeo estava encostado em uma mureta de mármore, e de longe se via que era o homem mais bonito da festa.

A loira que antes estivera a sua frente, guardando alguma distância, naquele momento estava encostada na mureta bem ao lado dele. Olhando mais de perto, vi que ela poderia estar em uma capa da *Playboy*, com sua pele bronzeada, o corpo curvilíneo e o silicone, nitidamente visível através do decote.

Meu sangue ferveu e o ódio me dominou. Ao chegar na roda, pedi licença a duas garotas e fiquei bem em frente a Romeo. Ele pareceu surpreso em me ver, mas logo se recompôs e bebeu um longo gole de água, direto da garrafa que estava em sua mão. Aquilo significava que, ou ele já tinha bebido muito, ou não estava bebendo nada.

— Julie, como vai? — disse por fim.

Eu sentia que todas as mulheres estavam me fuzilando com o olhar, e aquilo apenas me incentivou.

Em vez de responder, passei a língua pelos lábios e abaixei um pouco as pálpebras, para dar mais veracidade ao meu relato, antes de chegar bem perto dele, colocar minhas mãos espalmadas sobre o seu peito e sussurrar, para somente ele escutar:

— Não estou me sentindo bem.

Ele deixou a garrafa de água sobre uma mesa ao lado e apoiou as mãos na minha cintura.

— Quantas doses de tequila você bebeu? — perguntou no meu ouvido.

— Três e algumas taças de champanhe, mas foi o suficiente para fazer o mundo girar — falei baixinho encostando a cabeça em seu peito.

Romeo não respondeu, mas senti seus braços envolvendo minhas costas, logo depois, uma das mãos subiu e começou a acariciar meus cabelos. O gesto fez um burburinho se espalhar entre as vadias da roda. Deviam estar se perguntando quem eu era e por que estava ali, agarrada ao macho alfa da festa.

Romeo continuou me afagando, enquanto meu lado diabólico dava gargalhadas por dentro. Afastei-me um pouco e o encarei de frente.

— Desculpe ter vindo aqui, mas minha amiga sumiu com Tony e eu não conheço mais ninguém nessa festa. Tive medo de ficar mal, como daquela vez, sem ter ninguém para me ajudar.

Romeo me olhou de um jeito terno, como se eu fosse uma criança se desculpando por ter feito alguma travessura.

— Não é culpa sua, não se desculpe.

Romeo devia estar pensando que eu havia ido ali, apenas porque ele se negou a dar o que eu queria e agora estava se culpando pela minha bebedeira. Que bom, aquilo fazia parte do plano.

— Acho melhor eu ir embora, isso aqui não é para mim.

Tentei me afastar, mas ele me puxou de volta.

— Espere, fique mais um pouco. Eu cuido de você.

Sorri por dentro, mas, por fora, continuei séria, parecendo arrependida por ter bebido.

— Preciso beber água.

— Vamos, eu levo você até o bar — disse e pegou minha mão.

Olhei para nossas mãos unidas, ali, na frente daquele bando de invejosas, e o segui para fora da roda, tão feliz, que quase não consegui conter meu sorriso.

Chegamos ao bar e ele pediu duas garrafas de água, mas assim que peguei

a minha, ouvi:

— Julie, te procurei por todos os lugares.

Virei-me e dei de cara com Sandy. Romeo pegou a sua e também se virou, já tomando um gole.

— Ah, meu Deus, Romeo, é você? — falou, histérica, como se ele fosse algum artista. Dois segundos se passaram até ela se dar conta da situação. — Espera um pouco. Vocês estão juntos? — perguntou, cruzando os braços no peito, como se ele fosse propriedade sua.

— Não — respondi no mesmo instante em que Romeo falou:

— Sim.

— Sim ou não? — Sandy questionou mais uma vez, as sobrancelhas arqueadas, e eu já estava ficando irritada com a atitude dela.

— Estamos, mas não do jeito que você está pensando. Eu passei mal por causa da tequila e ele me ajudou.

O semblante dela suavizou.

— Que gentil. Ah, muito prazer, sou Sandy, melhor amiga de Julie — falou com um sorriso aberto e estendeu a mão.

Romeo ficou olhando para mão dela, então suas sobrancelhas se elevaram rapidamente, devia ter acabado de se dar conta de quem ela era: a amiga apaixonada!

— É um prazer, Sandy.

Quase consegui escutar os sinos tocando quando ele apertou a mão dela. Poderia apostar que Sandy quase tivera um orgasmo, apenas por conseguir tocá-lo.

E quem poderia julgá-la?

O clima tinha ficado estranho e eu abri minha garrafa para tomar um pouco de água. Não saberia como agiria se minha amiga pedisse que a ajudasse a

ficar com ele, mas muito provavelmente entraríamos em uma discussão feia.

— Eu já estava de saída, obrigada pela água, Romeo. Foi um prazer conhecê-lo.

Dei um beijo em Sandy e saí em direção aos elevadores. Na verdade estava testando os dois. Queria saber se Romeo ficaria de papo com ela *e* se minha amiga ficaria preocupada o bastante para deixar sua paixão platônica e ir embora comigo.

Quando cheguei ao corredor que dava acesso aos elevadores, virei-me levemente e vi que os dois continuavam no mesmo lugar. Mas enquanto Sandy falava e gesticulava, Romeo olhava na direção em que eu estava.

Ele passou no teste. Ela, não!

Aquilo me entristeceu, eu jamais deixaria minha melhor amiga ir embora alcoolizada. Na verdade, já tinha perdido a conta de quantas vezes ajudara Sandy com suas bebedeiras. Mas tudo bem. Puxei o ar com força e entrei no elevador. Não me daria ao trabalho de olhar para trás e comprovar se eles continuavam conversando.

CAPÍTULO 8

Julie

Cheguei ao hall e, graças a Deus, havia muitos táxis em frente ao edifício.

— Julie, espere.

Parei ao escutar a voz de Tony. Virei-me e o encontrei caminhando na minha direção.

— Oi, Tony, desculpe não ter me despedido, mas a tequila fez efeito e achei melhor ir embora.

Ele sorriu ao parar em minha frente.

— Eu levo você — ofereceu, estendendo a mão para mim.

— Não será necessário, eu já havia combinado de deixá-la em casa — Romeo disse, enfático, surgindo por detrás de Tony, que se virou e o analisou com ar de estranheza.

— Ah, é verdade, Tony, estava apenas esperando por Romeo.

Os dois ficaram se encarando de um jeito que me deu até medo. Era uma disputa silenciosa. E nem se eu tivesse arquitetado, as coisas sairiam tão perfeitas.

O interesse de Tony surgiu na hora certa. Agora Romeo sabia que eu tinha outras opções e que poderia muito bem escolher perder a virgindade com seu “rival”.

Sorri por dentro.

— Vamos. — Romeo pegou minha mão e começou a me puxar em direção à saída.

— Obrigada pela festa, estava tudo incrível — elogiei a um Tony que

sorria misteriosamente. Fiquei pensando se estava se divertindo com o fato de Romeo ter se incomodado tanto por ele ter me oferecido uma carona.

Quando me voltei, Romeo estava ligando para alguém. Minutos depois, um motorista uniformizado apareceu dirigindo o seu Bugatti. Nossa, aquele carro me excitava, era uma máquina cara e potente, assim como Romeo.

— Entre, Julie — falou e abriu a porta para mim, parecendo irritado, *muito* irritado.

Eu sabia que ele estava com ciúme e vê-lo com cara de bravo, usando aquela roupa e dirigindo aquela máquina, *me* deixou morrendo de tesão.

Enquanto ele voava pelas ruas da cidade, peguei-me pensando em como me sentia safada quando estava na presença dele. Eu olhava para Romeo e já ficava com vontade de transar. Que Deus me protegesse de mim mesma, porque estava foda. E tudo por culpa daquele homem, já que antes dele, aqueles pensamentos nunca tinham passado pela minha cabeça.

Eu era tão centrada… Com certeza, há alguns meses, eu nunca pensaria em fazer o que pretendia naquele momento. Cheia de desejo, soltei a trava do meu cinto de segurança e me inclinei sobre Romeo, as mãos em sua coxa.

— O que está fazendo? — quis saber, sem entender.

— Você me deixa com *tanto* tesão, Romeo — afirmei e abri o botão de seu jeans para, em seguida, levantar sua camisa.

Ele apenas concordou, silenciosamente, com o que eu estava disposta a fazer e continuou dirigindo. Desci o zíper e abaixei sua cueca o máximo que deu, colocando aquela monstruosidade deliciosa para fora. Fiquei encarando o pau de Romeo, que em questão de segundos estava grande e pulsante. Sorri animada, não sabia se por causa da bebida ou por estar fazendo aquilo dentro de um carro em movimento pela primeira vez na vida e achando o máximo.

Sem conseguir esperar mais, passei a língua pela cabeça macia e ele gemeu. Deslizei a boca, engolindo até o limite de suas bolas e o senti chegar ao

fundo da garganta. Romeo pisou fundo, fazendo o motor do seu carrão gritar e aquilo aumentou exponencialmente o meu tesão.

Continuei dedicando toda a minha atenção a ele, sentindo meu corpo sacolejar conforme ele acelerava ou virava em alguma curva acentuada. Mas eu continuava ali, firme, concentrada nele, ora chupando, ora passando a língua em sua extensão. Eu virava uma devassa com ele, não conseguia ter vergonha, nem me importar com mais nada.

— Eu estou quase… — disse, entredentes, e voltou a acelerar quando engoli seu pau todo de uma vez só.

Não foi preciso mais que algumas sugadas para ele se derramar na minha boca, e eu estava tão louca por ele, que engoli tudo, achando aquilo o néctar dos deuses. Justo eu, que condenava as Marias boqueteiras.

Ao levantar a cabeça, vi que Romeo já estava estacionando na garagem subterrânea do nosso prédio.

Ele fechou a calça, saiu e abriu a porta para mim. Mal tinha saído quando senti meu corpo sendo pressionado contra a lateral do carro e a língua de Romeo invadindo minha boca, tão selvagem e louco, que fiquei com mais tesão ainda. A barba por fazer arranhava meus lábios e eu não soube dizer se ele estava me agradecendo pelo orgasmo que lhe proporcionei ou me castigando por tamanha ousadia.

— Você me enlouquece, garota, tira todo o meu juízo, *me* transforma em um animal irracional — rosnou e desceu as mãos até apertar minha bunda.

— O que eu mais quero é ser possuída por você, mas sem plateia — sussurrei em seu ouvido e apontei para as câmeras.

Romeo sorriu e se afastou.

— Venha comigo, encrenca. — Pegou minha mão e me arrastou para dentro do elevador privativo. Assim que entramos na cobertura, ele já foi me prensando na parede. — O que é tudo isso que você me faz sentir? — ele

perguntou arrastando a boca pelo meu pescoço.

Eu desconfiava, esperançosamente, que ele estivesse se apaixonando por mim, mas jamais falaria alguma coisa; caso fizesse isso, ele certamente fugiria. Por isso, Romeo teria que se dar conta sem que eu o fizesse enxergar o óbvio.

— É só sexo, Romeo, só quero esse pau enorme enfiado em mim.

Ele deu uma gargalhada gostosa.

— Adoro esse seu jeito, inglesinha. — Passou a língua pela minha orelha e depois invadiu a minha boca. Meu showzinho no carro o deixou tão animado, que eu estava torcendo para que ele não se segurasse naquela noite.

Romeo subiu a mão pela minha coxa e, quando percebi, meu vestido já estava na cintura com seus dedos afastando minha calcinha para o lado.

— Toda lisinha e molhada.

Quase morri quando ele circulou o dedão pelo clitóris antes de descer pela minha fenda.

— Não me torture, Romeo — balbuciei, mordendo sua orelha.

Ele me pegou no colo e me levou para seu quarto.

Ah, meu Deus! É hoje!, vibrei por dentro.

— Quer dormir aqui? — perguntou e me depositou na cama.

— Precisa perguntar?

Romeo sorriu e começou a tirar a roupa. Quando ficou completamente nu, percebi que estava de boca aberta, olhando cada detalhe daquele corpo másculo pela primeira vez.

— Gosto de dormir nu. Algum problema com isso?

Neguei com a cabeça e ele sorriu.

— Deixe-me te ajudar — pediu e me virou de costas para descer o zíper do meu vestido, depois me ajudou a tirar a peça, deixando-me apenas de calcinha.

Quando viu que eu estava sem sutiã, Romeo pareceu ficar hipnotizado.

— Também quero dormir nua — disse, manhosa e Romeo ficou me analisando.

Eu estava testando todos os seus limites e podia imaginar o quanto era difícil para um homem viril como ele negar uma transa, mas entendia o seu trauma com virgens e o medo de se apaixonar. A maioria dos homens era assim.

— Tudo bem, mas já sabe que, por enquanto, não faremos nada.

Só eu via o quanto aquela situação parecia absurda? Por que os papéis tinham que se inverter justamente comigo? Que falta de sorte!

— Tudo bem, só quero sentir o seu corpo, não vou fazer nada que você não queira — repeti uma das frases preferidas dos homens e ele riu.

Deslizei a calcinha pelas pernas e fiquei completamente nua. Então, afastei-me dele e me encostei na cabeceira da cama. Romeo ficou mapeando meu corpo com olhar esfomeado, seu pau já completamente ereto novamente. Ele soltou o ar com força, se afastou para apagar algumas luzes e se juntou a mim na cama. Deitamos um de frente para o outro, nossos corpos quentes, vibrando de tesão.

— Você é linda.

Ergui as sobrancelhas e me deliciei com aquele elogio.

— Obrigada, Sr. Stone, você também dá para o gasto.

Ele sorriu e me puxou para si, colando nossos corpos — meus seios contra seu peito e seu pau contra minhas coxas. Sua boca invadiu a minha e parecia que ele ia me beijar para sempre.

Não entendia como ele conseguia ficar só naquilo, eu não aguentava mais de tanta vontade de descobrir os prazeres do sexo.

— Romeo, pare de ser durão, transe comigo logo, por favor.

Ele soltou o ar com força.

— Estou amadurecendo a ideia. É tão difícil assim entender o meu trauma com virgens?

Droga de trauma idiota, pensei, mas não falei. E então, uma ideia passou pela minha cabeça, talvez a mais louca e diabólica que já tive.

— Vou tomar um banho e já volto.

Romeo ficou me olhando com a testa franzida, mas me deixou ir.

Liguei o chuveiro e tomei um banho demorado, caprichando em lavar bem as partes íntimas. Alguns minutos depois, voltei para o quarto, ainda terminando de secar o corpo. Ele continuava deitado, mas via alguma coisa em seu celular.

— E então, dona encrenca, acalmou um pouco desse fogo?

Coitado, nem imagina que eu tenho combustível para queimar a cidade de Nova York inteira.

— Você só tem trauma com bocetas virgens ou isso inclui outros orifícios do corpo?

Ele ficou me olhando com estranheza, mas deu um leve sorrisinho ao responder:

— Só bocetas virgens, nada contra o resto.

Sorri animada e passei a língua pelos lábios. Depois, subi na cama e engatinhei até ele.

— Então, hoje, nós vamos fazer sexo.

As sobrancelhas de Romeo arquearam tanto, que quase chegaram a raiz dos cabelos.

— Está me dizendo que quer fazer sexo anal?

— Isso mesmo!

O sorriso dele se alargou muito, mas depois ele ficou sério.

— Tem certeza disso, Julie?

Na verdade, eu estava me pelando de medo, mas queria sentir o pau de Romeo em mim, não importava o orifício. Sabia que aquilo chegava a ser meio absurdo, mas só quem via aquele homem ao vivo em cores, poderia entender, e tinha certeza de que também se transformaria na louca do sexo.

— Tenho! Você curte esse tipo de sexo? — perguntei, curiosa.

— Curto e muito! Mas não são todas as mulheres que gostam.

Sim, mas muitas gostavam, por isso queria pelo menos tentar e julgar por mim mesma. Se eu não gostasse, paciência. Mas alguma coisa me dizia que, assim como tudo o mais, Romeo também era especialista naquilo, e eu não sentiria nada além de prazer.

— Mas eu quero, e quero com você.

Ele tocou meu rosto de um jeito carinhoso.

— Certo! Deite-se na cama, relaxe e me espere, eu já volto — deixou um beijo leve nos meus lábios e se levantou.

Fiz como me foi pedido, enquanto ele ia até o banheiro e voltava minutos depois. Romeo se arrastou para perto de mim, colocou cada um dos joelhos ao redor dos meus quadris e me beijou enquanto uma mão massageava um seio e a outra manipulava meu clitóris com leveza.

Uns cinco minutos depois, talvez, ele pediu que eu me deitasse com a barriga para baixo. Senti um princípio de medo, mas me virei. Na mesma hora ele se inclinou sobre o meu corpo e eu senti os pelos do peito dele nas minhas costas e seus lábios circulando minha orelha.

— Vai ser assim, a queima roupa? — perguntei, ansiosa demais, fazendo-o soltar uma gargalhada gostosa.

— Relaxe, Julie, eu vou cuidar de você agora — falou no meu ouvido, fazendo todos os pelinhos da nuca se arrepiarem e minha intimidade pulsar. Então começou a descer pelo meu corpo, distribuindo beijos nas minhas costas até chegar à minha bunda, onde cravou os dentes, fazendo-me gemer. Logo em

seguida passou a língua no local deixando-me dividida entre o medo do novo e a paixão que ele despertava em mim.

Será que ele me julgaria por ser assim, tão devassa?, pensei, sentindo-me duvidosa da decisão irrefletida. *Bom, eu deveria ter pensado nisso antes. Além disso, foda-se o julgamento dele; eu queria, precisava daquilo, então, se não fosse de um jeito, que fosse de outro*.

Romeo continuou alisando meu corpo, reconhecendo cada curva, deixando beijos, lambidas e mordidas. De repente, suas mãos abriram as bandas da minha bunda e senti algo quente, molhado e meio áspero no meu ânus. Era a boca dele.

Corei só de imaginar a cena, de imaginar o que *ele* estava vendo. Graças a Deus eu tinha tomado um senhor banho, ou não tinha certeza de que estaria tão tranquila sentindo Romeo passar a língua com tanta vontade, que meu corpo chegava a se contorcer.

Ele parou, puxou um de seus travesseiros e o encaixou embaixo da minha barriga. Depois puxou meu quadril para trás, colocando-me de quatro com a bunda praticamente na cara dele. Olhei para trás, embaraçada e ele parecia hipnotizado.

Então, para aumentar meu embaraço, ele voltou a passar a língua, e eu fechei os olhos, porque era estranho, mas também delicioso.

Romeo começava na minha boceta e terminava no meu ânus. Ele apertava as mãos nas minhas coxas e afundava aquela língua gostosa em mim, fazendo meu corpo tremer. Os gemidos de satisfação dele só não eram maiores que os meus. Com certeza nunca havia sentido tanto prazer. Quando estava chegando ao clímax, senti um dedo substituindo a língua e aquilo acabou me travando. Respirei fundo para tentar relaxar e voltei a prestar atenção ao que ele estava fazendo. A introdução começou tímida, com o intuito de fazer com que eu me acostumasse. Algum tempo depois, ao invés de um, havia dois dedos, o que me fez gemer e contorcer desavergonhadamente.

— Eu vou colocar uma coisinha aqui, vai te distender um pouco e facilitar a entrada do meu pau, não quero te machucar.

Concordei com a cabeça e senti algo escorregadio e gelado, gel lubrificante, provavelmente. Logo depois, ele empurrou um negócio duro que deslizou com muita facilidade e me dilatou um pouco.

— O que é isso? — perguntei, com certa dificuldade, os olhos fechados.

— Um plug anal — disse.

Depois de alguns minutos, quando sentiu que eu estava relaxada o suficiente, começou a manipular de leve o tal plug e foi aumentando o ritmo até estar colocando e tirando de dentro de mim.

Comecei a gemer baixinho, era muito gostoso sentir aquela coisa desconhecida me preenchendo. Acima de mim, ouvi a respiração de Romeo ficar mais acelerada. Devia ser muito excitante ver aquilo.

Ele se inclinou e numa voz quase irreconhecível, falou, bem perto do meu ouvido:

— Como se sente?

— Muito excitada — confessei, mordendo o lábio para não gemer alto.

Romeo rosnou e tirou o plug, fazendo me saber que tinha chegado a hora. Evitei olhar para o pau dele; aquilo era grande demais e eu não queria ficar com medo.

Ele me colocou sobre o travesseiro novamente, tirou os cabelos das minhas costas e se deitou sobre mim, equilibrando o peso do corpo. Então encaixou nossos lábios e começou a explorar minha boca com sua língua gostosa e pecaminosa. Uma de suas mãos desceu pela minha barriga, até encontrar minha boceta, que estava incrivelmente molhada, e dois dedos se afundaram em mim, enquanto o dedão circulava o meu clitóris.

— Nossa! — arfei entre seus lábios, aquilo era incrível.

Romeo tirou a mão do meio das minhas pernas, pegou seu pau e ficou deslizando a ponta entre a boceta e o ânus. Tinha certeza de que poderia gozar só de senti-lo me tocando daquele jeito. A tortura durou pouco. Logo o senti posicionando o membro e forçando um pouquinho até a pontinha entrar. Fiquei tensa!

— Relaxe, senão vai doer bastante — aconselhou. — Vou colocando aos poucos, mas avise se estiver muito desconfortável e eu paro. Não me deixe continuar se estiver sentindo dor.

Respirei fundo, tentando relaxar. Queria aquilo mais que tudo e não iria voltar atrás agora.

— Julie?

— Tudo bem — afirmei.

Romeo voltou a me beijar, enfiando a língua bem fundo na minha boca e, inconscientemente, fui relaxando à medida que seu pau entrava mais um pouquinho. Agarrei-me firme no lençol e gemi quando Romeo forçou pela segunda vez e a cabeça enorme me invadiu. Doeu um pouco, mas ao mesmo tempo, senti prazer em ser dilatada, foi estranho.

— Nossa, eu poderia gozar agora — sussurrou, entre os meus lábios, e voltou a me beijar, enlouquecido, mas não se afundou mais. Quando me acostumei com os poucos centímetros que já estavam dentro, empinei um pouco a bunda e seu membro entrou quase até a metade.

— Hum — gemi alto, doeu pra caralho.

— Shhhh, calma, já vai passar — ele disse, tentando me acalmar, e voltou a afundar os dedos na minha boceta enquanto tomava a minha boca, chupando minha língua. Mais uma vez meu corpo relaxou e seu membro ganhou mais alguns centímetros. — Estou quase todo dentro — falou, com dificuldade.

A essa altura, a ardência e o prazer se misturavam de forma assustadora; mesmo incomodando eu sentia vontade de tê-lo todo dentro de mim.

— Eu quero mais, Romeo eu quero tudo.

Ele soltou o ar com força e engoliu a minha boca no instante em que seu pau me tomou por inteiro, indo até o fundo, fazendo suas bolas baterem na minha boceta. Gritei, sentindo um misto de dor e prazer. Não sabia que aquilo era possível.

Romeo ficou parado e voltou a me beijar com sofreguidão, enquanto seus dedos deslizavam pela minha boceta molhada e inchada.

Nunca me senti tão plena, tão preenchida com seu pau inteiro no meu ânus, seus dedos na minha boceta e sua língua invadindo minha boca.

— Isso aqui é o céu — sussurrou e se moveu um pouquinho, como se estivesse testando.

O desconforto inicial já tinha passado e comecei a me remexer, sentindo uma coisa maravilhosa e desconhecida tomando o meu corpo.

— Isso, inglesinha, rebola essa bunda no meu pau.

Ele continuou falando e suas palavras sujas foram me incentivando, enquanto seu pau enorme deslizava dentro de mim, entrando e saindo vagarosamente. Jamais imaginei que poderia sentir um prazer tão abissal. Tinha certeza de que parte daquilo se devia ao fato de saber que era o corpo, o cheiro e o pau do meu homem que estavam ali.

— Ah, Romeo… — arfei quando uma sensação extraordinária começou a crescer no meu ventre. Vendo que eu estava na borda, ele trabalhou de forma incansável no meu clitóris e continuou estocando, com cuidado, para não me machucar.

Comecei a tremer e gemer, descontroladamente quando um orgasmo sobrenatural me atingiu. Eu não sabia se estava gozando pelo ânus ou pela boceta, mas quase desmaiei de tanto prazer, agarrando-me aos lençóis, rebolando e gemendo feito uma gata no cio.

— Ah, minha menina gostosa… — Ouvi Romeo dizer. Ele parecia tão

descontrolado quanto eu e deu apenas duas estocadas, antes de despejar seus jatos quentes dentro de mim, desabando em seguida e colando seu peito às minhas costas, misturando nosso suor.

Segundos depois ele arrastou a boca pelo meu pescoço e ombro, parecendo tão saciado e satisfeito quanto eu. Então saiu lentamente de dentro de mim, fazendo-me sentir vazia e se deitou na cama, mantendo nossos corpos colados. Fitei seus olhos que exibiam um brilho luxurioso.

— O que foi? — perguntei e mordi o lábio dele.

— Você é o sonho de qualquer homem — afirmou e eu quase enfartei, mas me contive.

— Eu quero ser o seu sonho — falei, manhosa, e comecei a beijá-lo.

Romeo se afastou e voltou a me encarar com aqueles olhos claros, bonitos e misteriosos.

— Você já é, Julie! Você já é… — confessou e me puxou para seu peito.

CAPÍTULO 9

Julie

As palavras de Romeo ficaram ecoando na minha cabeça e demorei a pegar no sono. Alguma coisa me dizia que eu estava no caminho certo para chegar ao seu coração.

Quando acordei, ele não estava na cama. Decidi tomar um banho antes de ir procurá-lo. Ao me levantar para ir ao banheiro, senti um leve desconforto. Era o nosso delicioso sexo anal cobrando seu preço.

Tomei um banho demorado e coloquei uma camiseta dele antes de sair pela cobertura à sua procura, encontrando-o na cozinha, preparando o café da manhã.

— Sério que você cozinha?

Ele se virou, sorrindo.

— Sim, e muito bem, por sinal.

— Hum! — reclamei ao me sentar na banqueta, sentindo um desconforto daqueles.

Ele parou o que estava fazendo e deu a volta na bancada, ficando bem na minha frente.

— Deve estar sentindo um incômodo agora, e sei que deveria me desculpar por ter deflorado a bunda da minha vizinha gostosa e virgem, mas não me sinto culpado, pelo contrário, sinto-me ótimo.

Revirei os olhos e recebi um beijo gostoso.

— Estou com fome — declarei e ele voltou ao fogão.

— Café ou suco? Infelizmente não tenho chá.

— Suco está ótimo — garanti. Como boa inglesa, eu gostava de chá, mas não tinha o hábito de tomá-lo no café da manhã. Minha mãe, por outro lado, gostava muito mais de café, por isso aprendi a apreciá-lo também, entretanto, preferia um suco de fruta pela manhã.

Romeo me serviu um típico café da manhã americano: torrada, ovos, bacon e um suco de laranja delicioso. Eu até diria que ele já poderia casar, mas me contive ao me lembrar de seu trauma com virgens, casamento e responsabilidades. Terminamos nosso café e fui para o quarto trocar de roupa.

— Aonde pensa que vai? — quis saber enquanto eu procurava meus sapatos.

— Para casa curtir a minha ressaca e minha bunda dolorida.

Ele sorriu e se desencostou do batente da porta.

— Passe o dia comigo — pediu, segurando-me pela cintura.

Eu sabia que deveria negar, mas porque passaria o dia sozinha, se poderia ficar com ele.

— Posso buscar uma roupa?

— Não, não pode.

— Tudo bem, então, você manda.

Deixei minhas coisas em uma poltrona e me joguei na cama. Romeo foi até o banheiro e voltou com uma pomada nas mãos.

— Deite-se de bruços, vou dar um jeito no seu dodói.

Gargalhei com seu jeito de falar e fiz como ele pediu. Assim que me deitei, Romeo subiu a camiseta, deu um beijo em cada uma de minhas nádegas e começou a passar uma pomada gelada no meu orifício dolorido. Não sabia o que era, mas aliviou bastante.

— Melhorou? — questionou depois de terminar, mas eu estava letárgica de sono.

— Uhum! — foi tudo o que respondi e em seguida senti seu corpo colado ao meu em uma legítima e respeitosa conchinha. Soltei um longo suspiro de satisfação e fui vencida pelo sono.

Eu e Romeo passamos nosso primeiro fim de semana juntos, trancados na cobertura, e eu simplesmente amei. Ele respeitou as minhas dores incômodas e não forçou absolutamente nada. Nós simplesmente fizemos companhia um ao outro, com muitos beijos, abraços e sussurros. Por várias vezes o peguei me olhando de um jeito carinhoso, como se estivesse realmente feliz, e eu não me lembrava de já ter me sentido tão bem.



— O representante de uma indústria do sul do país, entrou em contato querendo falar diretamente com você. Eles estão querendo fazer um empréstimo milionário. A pessoa disse que era amigo de vocês — minha assistente informou e suspirei cansada.

O lado ruim de trabalhar na rede de bancos da família, era ter que aturar pessoas sem noção, que pediam empréstimos milionários e achavam que, por ser “apenas” a herdeira, eu simplesmente liberaria.

— Passe o caso para a matriz em Londres, os executivos do meu pai que se virem com isso.

Lisa sorriu e fechou a tela do computador.

— Bem, por hoje é só. Está liberada, Srta. Collins.

Nós duas rimos. Lisa era uma garota incrível e uma das poucas funcionárias com quem me permiti ter um contato mais direto e menos profissional. Sua competência e agilidade para resolver tudo eram impressionantes.

— Ótimo! Até amanhã, então.

Nós nos despedimos e no caminho até meu apartamento fiquei pensando se deveria mandar alguma mensagem para Romeo. Acabamos trocando telefones no fim de semana e seria mais fácil localizá-lo. Ou não. Estava naquela fase em que não sabia que atitude tomar, se corria atrás ou esperava que ele fizesse isso. Então tomei por experiência a festa de Tony Osborne.

Poderia até ser arcaico, mas apesar de saber o que queria, e ter dado o primeiro passo, ainda achava que os homens é que deveriam ir mais atrás de nós. Romeo sabia meu telefone e onde eu morava, então, só não me procuraria se não quisesse.

Motivada por aquele pensamento, passei a segunda, a terça e a quarta-feira sozinha. Mas, quando a quinta-feira chegou, minha ansiedade já beirava o desespero. O filho da puta tinha sumido de novo. Nem um oi por mensagem ele se dignou a enviar. Eu estava me sentindo a escória da humanidade; como alguém podia ser tão cuidadoso e carinhoso durante todo o fim de semana e depois sumir assim?

Tentei manter a calma; eu queria Romeo Stone e o teria, nem que fosse para dar um pé na bunda idiota dele depois.

— Lisa, se você fosse um homem lindo, solteiro e milionário, para onde iria no próximo fim de semana? — arrisquei perguntar quando acabávamos de redigir uma planilha

Minha assistente elevou o olhar da tela do computador e me fitou.

— Mônaco.

— E o que tem lá?

— Fórmula 1. Todos os figurões de Nova York já se mandaram para lá. Se eu fosse solteiro, rico e bonito, também estaria a caminho.

Será que Romeo iria à Mônaco? Só tinha um jeito de saber e seria perguntando a ele, porém, eu jamais faria aquilo.

Minhas engrenagens começaram a girar e, de repente, Mônaco me pareceu o destino perfeito. Se Romeo estivesse lá, beleza! Se não, seria uma ótima oportunidade de mostrar a ele que não ficaria em casa esperando, caso ele entrasse em contato. E se isso não acontecesse, haveria centenas de potenciais substitutos à disposição.

— Ligue para o meu pai, Lisa, por favor.

Ela fez como pedi e passou a ligação.

— Oi, querida. Como vai?

— Tudo bem, papai, e vocês? Onde estão agora?

— Na suíça. Mas me diga, está precisando de alguma coisa?

— Bom, na verdade, sim. Mamãe me disse que vocês estiveram em Mônaco na semana passada, mas que ficaram em um hotel, por isso, queria saber se o iate que o senhor mantém ancorado está alugado.

Lisa me olhou e sorriu, capturando no ar o que eu pretendia.

— Está disponível. Ficamos em um hotel porque ele estava em manutenção. Mas qual o motivo da pergunta?

— Quero ir à corrida com minhas amigas; acha que consegue algumas credenciais?

Meus pais eram milionários, mas como desde nova me foquei apenas em ser a filha perfeita, jamais usufruí de nada, a não ser quando viajávamos em família. Já estava na hora de aproveitar um pouco.

— Você querendo assistir à Fórmula 1? Quem é o sortudo, filha?

Soltei uma risada nervosa.

— Não é nada disso, só estou querendo curtir um fim de semana com meus novos amigos. Mas se for complicado, fico por aqui mesmo.

— Estou brincando, Julie. Fico muito feliz que tenha decidido viver como uma garota de sua idade. Não se preocupe, consigo as credenciais com acesso

aos boxes e tudo o que quiser.

Quase não consegui me conter de tanta animação.

— Obrigada, papai, você é demais!

Ele riu e perguntou algumas coisas sobre a empresa. Já no final da ligação, lembrei-me de mais um detalhe.

— Pai, queria pedir mais uma coisa — falei, sem jeito.

— Qualquer coisa, querida. — Já tinha me esquecido como meu pai se derretia por mim ao telefone.

— Daria para liberar seu jato particular? Queria ir direto para Mônaco, assim que saísse do trabalho, na sexta.

— Querida, tudo que temos é seu também, pode usar o que quiser. Peça para a sua secretária entrar em contato com o hangar informando a hora. Vou deixar tudo liberado e o piloto avisado.

— Obrigada, papai, amo você. Dê um beijo na mamãe por mim.

Desliguei o telefone saltitante enquanto Lisa me olhava como se eu fosse uma louca, afinal, mesmo sendo um pouco mais informal com ela, sempre fui muito composta.

— Lisa, preciso que ligue para o hangar onde fica o jato do meu pai e informe ao piloto o itinerário. Quero sair de Nova York amanhã, no final da tarde. Além disso, faça… — parei por um instante. Desde que Sandy me deixara ir embora “sozinha”, mesmo depois de saber que eu estava passando mal, fiquei um pouco chateada. Entretanto, cada pessoa tinha sua maneira de ser e eu não poderia culpá-la por ser superficial e egoísta. Além disso, se ela soubesse que tinha ido para Mônaco e não a convidei, eu ouviria muito e por vários dias, então, era melhor evitar o estresse. — Faça três reservas no melhor hotel de Mônaco, por favor.

— Tudo bem, e no nome de quem eu faço as reservas? — ela perguntou com uma caneta e bloco de papel na mão.

— Julie Collins, Sandy Atkins, Lisa Hatch.

Minha assistente arregalou os olhos.

— Está de brincadeira comigo, Julie?

— De jeito nenhum! Faça as malas, pequena Lisa, vamos para Mônaco amanhã à tarde.

Lisa deu a volta na mesa e me abraçou.

— Você é a melhor chefe do mundo e eu amo esse trabalho.

Retribuí seu abraço e rimos animadas.

Depois que ela saiu, sentei-me na minha cadeira e suspirei profundamente. Passaria dois dias incríveis com as minhas amigas e, mesmo que Romeo não estivesse lá, eu me esforçaria para aproveitar ao máximo e seguiria o velho ditado: enquanto não encontro o homem certo, vou me divertindo com os errados.

Claro que na prática, não conseguiria seguir aquilo ao pé da letra, mas não era do meu feitio ficar em casa lambendo as feridas. Se Romeo queria aproveitar a vida enquanto decidia se ficava comigo ou não, eu poderia fazer o mesmo.



Chegamos a Mônaco de madrugada e fomos direto para o hotel. Lisa e Sandy se deram bem logo de cara e fiquei feliz por isso.

Quanto a Romeo, ainda não tinha dado as caras. Diante disso, só aceitaria uma desculpa da parte dele: se alguém da família tivesse falecido.

E teria que ser um parente de 1º grau, pensei, antes de me jogar na cama e cair no sono.

Acordei horas depois com Sandy e Lisa quase derrubando a porta da

minha suíte.

— Meu Deus, Julie, não acredito que ainda está assim — Sandy me repreendeu assim que abri a porta. As duas já estavam com camisetas vermelhas da Ferrari e bermudas brancas de alfaiataria. Pareciam um par de vasos.

— A corrida é só amanhã, meninas — disse e voltei para a cama.

— Sim, mas hoje tem o treino classificatório, precisamos desfilar pelos boxes, conhecer os pilotos.

Eu sabia que Sandy seria a mais animada, louca para arrumar um bom partido e, mesmo que não fosse certo, teria que incentivá-la. Só assim ela tiraria Romeo da cabeça.

— Você venceu, vou para o banho.

As duas sorriram e foram para a sacada do meu quarto. Eu não tinha pensado na roupa que iria usar, mas, apesar de estar calor, eu queria chamar a atenção. Então, durante o banho, pensei em um look arrasador, e não apenas para mim.

Assim que terminei, coloquei meu robe e fui para o closet. Arrastei minha mala para fora e, com alguma dificuldade, a coloquei em cima da cama.

— Regra número um. Se quiserem arrumar um bonitão milionário, neste fim de semana — disse e minhas amigas me olharam esperançosas —, tirem essas camisetas da Ferrari.

As duas ficaram sem entender o motivo.

— Os magnatas que circulam por aí, já têm suas equipes do coração, a maioria até patrocina algumas delas. Vão queimar o próprio filme se eles não estiverem com a Ferrari.

Elas tiraram as camisetas em tempo recorde e jogaram em uma poltrona, como se o tecido pegasse fogo.

— E o que sugere? — Sandy perguntou.

— Nada de sair como se estivessem de uniforme, eles têm que olhar para

nós e ficar em dúvida sobre qual escolher.

Todas rimos.

— Meu Deus, Julie, por isso é minha melhor amiga. Você me mata de orgulho, que mulher inteligente!

Sorri para Sandy e comecei a procurar uma roupa para mim, enquanto pensava no que elas poderiam usar.

No final das contas, todas usamos bermuda e blusinha em estilos, cores e texturas diferentes.

— Nossa, bem melhor. — Lisa se olhou no espelho e sorriu.

Depois que ela liberou o espelho, arrisquei uma olhadinha.

Havia colocado uma bermuda soltinha, com cinto preto fino, um body escuro e uma camisa de musseline de seda estampada, sobrepondo. Daria um ar elegante, sexy e despojado ao mesmo tempo. Deixei o cabelo solto e no rosto, apenas protetor e óculos.

— Julie, trouxe a bolsa que eu te pedi?

Apontei para a minha mala e Sandy pegou uma de minhas bolsas da Chanel.

— Nossa, que maravilhosa. — Lisa elogiou, olhando para minha amiga que se exibia em frente ao espelho.

— Se quiser, tem mais aí na mala, pode pegar.

Minha assistente ficou receosa. Até nisso ela era um exemplo de noção e bom senso.

— Pega logo, Lisa, homens ricos a gente reconhece pelos sapatos, e as mulheres, pela bolsa — expliquei.

Nós três rimos e ela pegou a bolsa.

— Tudo bem que eu não sou rica, mas não custa esquecer isso por um fim de semana — Lisa concluiu, sabiamente.

Depois de pegarmos biquínis e protetor solar, fomos para o restaurante do hotel tomar o café da manhã e, de lá, saímos pelas ruas de Mônaco. O sol estava escaldante e eu estava a ponto de tirar minha camisa, mesmo o tecido sendo tão fino.

— Acho que nunca vi tanto homem bonito na vida — Sandy disse ao visualizar os rapazes que circulavam pelo local. As ruas estavam movimentadas e meu estômago se revirava de ansiedade, sempre que via um grupo de homens lindos e ricos, imaginando que Romeo pudesse estar entre eles.

— Precisamos ir até a marina, mas, antes, vamos dar uma voltinha nos boxes.

Elas sorriram e deram pulinhos. A entrada dos boxes ficava próxima à marina, por isso, muitos figurões assistiam aos treinos e corridas direto de seus barcos, contando com uma vista privilegiada.

Depois de passar pelo sistema de segurança e já com nossas credenciais no pescoço, resolvemos circular pelo local. O barulho ensurdecedor dos motores fazia meu corpo arrepiar.

— Ah, meu Deus, Julie, isso aqui é o paraíso — Sandy falou, eufórica, enquanto eu passava os olhos por todos os lugares, analisando a correria das equipes e pilotos.

— Ai, Jesus; é o Lewis Hamilton naquele carro ali? — Lisa perguntou com as mãos na boca, feito uma criança que ia à Disney pela primeira vez.

— É, sim — confirmei.

— Sou louca por ele.

Gargalhamos com o jeito dela e continuamos andando pelos boxes, arrancando olhares e cantadas baratas que deixavam minhas duas amigas, muito mais empolgadas do que eu.

— Julie, é você?

Virei-me e vi Alyssa Stone indo em minha direção.

— Alyssa, nossa, que surpresa! — Deus do céu, o que ela faz aqui?

E, pior, como eu explicaria isso para Sandy? Olhei para o lado e vi que nenhuma das duas percebeu que eu havia parado, elas continuaram desfilando, vidradas nos pilotos.

Graças a Deus.

— Que bom encontrá-la por aqui. — Falou quando me alcançou e nos abraçamos. Ela usava um macacão azul-marinho curto e moderadamente decotado. Aquela mulher era impressionantemente bonita e parecia mais irmã, do que mãe de Romeo.

— Digo o mesmo, não sabia que gostava de Fórmula 1 — falei, para puxar assunto.

— Na verdade, não gosto muito, mas as indústrias Stone patrocinam uma equipe. Esse é um dos eventos em que Harvey e Romeo participam juntos todos os anos. Então, estou acompanhando os homens da minha vida — disse, simpática, dando de ombros.

— Eu estou com duas amigas, é a minha primeira vez aqui.

Olhei para o lado e agradeci novamente ao ver que Sandy e Lisa já estavam vários metros à frente.

— E como vão as coisas com Romeo? — Alyssa quis saber.

Pelo calor que senti no rosto, devo ter ficado da cor de um pimentão.

— Péssimas, passamos o fim de semana juntos e depois ele sumiu.

Ela suspirou, parecendo triste.

— É típico dos Stones fugirem de seus próprios sentimentos. Eu sabia que isso ia acontecer, por isso a precavi.

Uma pontada atravessou o meu peito. E só quem já conversou com a mãe do cara por quem está interessada, sabe do que eu estou falando.

— Pois é, Alyssa, por esse motivo, vim para cá, quem sabe eu conheça

alguém legal. Estou chegando à conclusão de que Romeo não é para mim.

— Não desista, querida. Eu também passei por poucas e boas, mas garanto a você que valeu a pena.

Sorrimos, solidárias, e ela tirou alguma coisa de sua bolsa.

— Tome, aqui estão convites exclusivos para o jantar de gala com os pilotos hoje à noite. Romeo estará lá com os amigos. Apareça, prometo que não vou falar que a vi por aqui.

Com uma sogra dessas, quem precisa de fada madrinha?

— Obrigada por me ajudar. Vou sair de barco com minhas amigas hoje à tarde, mas se chegar a tempo, com certeza, iremos — disse, sincera, ao pegar os convites da mão de Alyssa.

— Não precisa agradecer, mas me dê o número do seu telefone, vamos manter contato.

Passei meu número e, rapidamente, ela digitou e salvou em seu celular.

— Prontinho, se precisar de qualquer coisa, é só me ligar. Quero ver o meu filho no altar ainda nessa vida.

Mais um arrepio percorreu o meu corpo, só de me imaginar casada com Romeo Stone.

Meu encontro com Alyssa Stone me deixou animada e furiosa ao mesmo tempo. Quer dizer então que o idiota do Romeo estava mesmo em Mônaco. Para mim, o fato de ele ter ido com seus pais, não diminuía a gravidade do seu sumiço.

— Onde você estava e que cara diabólica é essa? — Lisa perguntou, quando as alcancei. Sandy, por sorte, estava entretida com alguns rapazes e, provavelmente, sequer notou minha demora.

— Nada, Lisa! Deixa *pra* lá.

Ela me olhou com uma cara divertida, mas fez como pedi.

Almoçamos no restaurante da marina e depois um rapaz simpático nos guiou até o iate dos meus pais.

— É muita gente rica por metro quadrado, olhe o tamanho desses barcos. — Sandy baixou os óculos e ficou olhando, admirada.

— É esse aqui, Srta. Collins.

Lisa soltou um assovio engraçado e Sandy bateu palminhas.

— Vamos, meninas! — chamei, subindo no barco.

Fomos direto para uma cabine e colocamos nossos biquínis, depois nos dirigimos para a frente do iate onde cada uma se deitou em uma espreguiçadeira para pegar sol. Sentimos o barco se movendo e, lentamente, ele começou a se afastar da marina.

— Aqui estão nossas bebidas e, Julie, mande um beijo para o seu pai. Ele providenciou tudo, o estoque de bebidas do barco está super abastecido.

Sandy entregou nossos copos cheios de gim-tônica com rodelas de limão. Peguei o meu e conectei o meu celular ao sistema de som do iate. Escolhi um DJ brasileiro e super gato que estava em ascensão no momento e as meninas aprovaram.

— Nossa, que delícia — disse minha assistente.

— Gostou da bebida, Lisa?

— Sim, muito, mas não estou falando da bebida e sim daquele iate preto, cheio de homens maravilhosos.

Virei o rosto e quase enfartei ao ver um iate gigantesco com o nome Indústrias Stone em sua lateral. Puxei o ar com força e levei o copo aos lábios. Como se houvesse uma conexão, no mesmo instante vi Romeo Stone em pé, ao lado de um moreno muito bonito. Nossos olhares se encontraram e, mesmo através dos meus óculos escuros, vi sua boca se abrir lentamente, numa clara demonstração de surpresa. Enquanto isso, seus amigos assobiavam e acenavam, pedindo que nos juntássemos a eles. A cena foi impagável.

— Ai, meu Deus, é Romeo Stone com os amigos.

— Não começa, Sandy — pedi, de péssimo humor.

— Qual é, Julie? Sabe que sou louca por ele.

Puxei o ar com força, tinha chegado a hora de começar minha encenação.

— E quem não é? — falei desdenhosa. — Acho que, finalmente, vou ter que concordar com você em alguma coisa, ele é um gato.

Minha amiga fechou a cara na hora.

— Mas você nunca se interessou por ele — afirmou, com ar irritado.

— Depois da festa de Tony, comecei a simpatizar com ele.

Sandy não respondeu e saiu, dizendo que ia buscar mais bebidas.

— Vocês gostam do mesmo cara? — Lisa perguntou e, apesar de não a conhecer assim tão bem, simplesmente senti que poderia confiar nela.

— Promete que não fala para ninguém?

— Juro! — disse, beijando os dedos cruzados.

— Eu estou ficando com Romeo, mas Sandy não sabe. Não consigo falar para ela e me sinto horrível por isso. Então, dei a entender que também estou a fim dele, para as coisas não ficarem tão feias quando ela descobrir.

— Isso já aconteceu comigo, mas, se ele nunca teve nada com ela e nem deu qualquer esperança de que isso fosse acontecer, acho que não tem problema.

— Queria que fosse fácil assim.

Lisa não conhecia Sandy, então não entendia que minha amiga não enxergaria dessa maneira. Ela ia jogar na minha cara que não dei oportunidade para que ele a conhecesse primeiro e, quem sabe, se apaixonar por ela. Bom, não estragaria o meu fim de semana pensando naquilo, deixaria para quando fosse inevitável.

— Deixe para lá. Vamos aproveitar o sol. Quando chegar a hora certa, eu abro o jogo com ela e seja o que Deus quiser.

Quando uma música mais agitada começou a tocar, levantei-me para dançar e puxei Lisa para me acompanhar. Ficamos vários minutos sentindo o sol queimar nossa pele e o vento bagunçar nosso cabelo.

— Julie, não olhe agora, mas o barco do seu gato está seguindo o nosso.

Olhei discretamente através das lentes escuras e confirmei a informação. Nessa hora, Sandy se aproximou com mais três copos de bebida para substituir os nossos, que já estavam vazios e a puxei para junto de nós.

Continuamos dançando e bebendo, mas permaneci o tempo todo de costas para o iate de Romeo. Depois de um tempo, fiz sinal para o marinheiro e falei que queria parar perto da costa para que pudéssemos tomar sol. Quando paramos, senti meu coração acelerar ao perceber que o bendito havia feito o mesmo e parado a uma distância segura do nosso.

— Está cheio de mulher naquele barco, acho que elas estavam na parte da frente, por isso não as vimos — Sandy disse desanimada.

Segui seu olhar e confirmei por mim mesma. Havia, pelo menos, dez garotas com corpos sarados e bronzeados, usando biquínis minúsculos. O que aliviava era ver que, mesmo assim, os amigos dele destinavam toda sua atenção ao nosso barco. Olhei para eles e meu alívio foi por água abaixo, quando percebi que Romeo não estava mais entre os rapazes.

— Senhoritas, precisam de alguma coisa? — nosso gentil marinheiro perguntou.

— Sim, gostaria de andar de *jet ski*, por favor — pedi. Precisava me distrair, antes que fizesse alguma besteira.

— Vou preparar agora mesmo.

Segui o rapaz até a parte traseira do barco e esperei que ele colocasse o enorme *jet ski* no mar.

— Tome cuidado, sua louca — Sandy berrou da ponta do barco, pendurando-se na grade de proteção, quando acelerei.

Sorri e dei tchauzinho para elas. Andava de *jet ski* desde pequena, e até sabia fazer algumas gracinhas, mas me contive. Circulei nosso barco e saí em direção a uma ilha próxima. Dei algumas voltas e, de longe, percebi que Sandy e Lisa conversavam com os amigos de Romeo.

Não ia demorar para elas se engraçarem com eles. E eu ficaria chupando o dedo.

Dei mais algumas voltas e decidi retornar. Foi quando vi Romeo indo em minha direção, pilotando um *jet ski* em alta velocidade. Eu não queria falar com ele, estava com raiva, então, acelerei novamente em direção a ilha e, conforme eu circulava a costa, os barcos iam ficando para trás. Cheguei na faixa de areia e desci na praia deserta, Romeo fez o mesmo. Eu estava fugindo dele, mas ele não me deixava em paz.

— Julie, espere.

Senti meu corpo pulsar de ódio e me virei.

— Some da minha frente, Romeo.

Ele usava uma sunga preta, óculos de sol e mais nada. Visualizar aquele homem, grande, forte e seminu indo na minha direção, *me* deixou desconcertada. Mas logo me recompus. Minha atração por ele tinha que ficar guardada no quinto dos infernos, porque naquele momento, meu ódio precisava estar inteiro.

— O que está fazendo aqui? — perguntou, ríspido.

— Não parece óbvio? Fórmula 1, amigas, diversão — respondi sem entender por que ele estava tão furioso.

Romeo segurou firme no meu braço e me encarou com raiva.

— Quem é o cara que está com vocês? Quem é o dono do iate? Qual de vocês está ficando com ele?

Abri a boca e fechei, até me dar conta do que ele estava pensando.

— Escute aqui, Romeo Stone, sei que você está acostumado demais com

as vadias que estão sempre ao seu redor, para poder usufruir desse tipo de passeio, mas não me tire por elas. Eu não estou com ninguém, o iate é do meu pai e quero que solte o meu braço.

Esquivei-me dele e caminhei de volta ao *jet ski*.

— Desculpe-me, eu achei que estivesse em Nova York. Não acreditei quando a vi.

Era exatamente impressão que eu queria causar. Mesmo assim, o ódio borbulhava dentro de mim.

— Diga-me uma coisa. Você achou mesmo que eu ficaria trancada no meu apartamento, feito uma idiota apaixonada, esperando você dar sinal de vida, e então, daria Graças a Deus, quando você fizesse a gentileza de aparecer, uma semana depois, só porque você comeu a minha bunda? — perguntei, séria e quando o vi corar, não acreditei. — Foi isso mesmo que você achou, não foi seu… seu…

Eu estava tão decepcionada que apenas mostrei o dedo do meio para ele, subi no *jet* e acelerei. Aquele filho da puta ia me pagar. Dei a volta na costa, mas quando avistei os barcos, quase tive um treco. Eles estavam colados, separados apenas por grandes boias náuticas, estrategicamente posicionas para impedir que se tocassem. Três amigos de Romeo estavam sentados com Sandy e Lisa na parte da frente do nosso iate enquanto o restante do pessoal continuava bebendo e dançando no iate de Romeo.

Droga!

Parei o *jet* e o marinheiro me ajudou a subir. Ele devia ter percebido minha cara de desgosto, pois foi logo se justificando:

— Desculpe por amarrar os barcos sem sua permissão, mas suas amigas me falaram que não teria problema.

Não seria injusta e descontar minha raiva nele.

— Tudo bem, não se preocupe. — Dei um sorriso amarelo e passei por ele.

Quando cheguei à ponta do barco, minhas amigas olharam para mim e os amigos de Romeo fizeram o mesmo.

— Julie, estes são Ash, Brian e Connor — Sandy apresentou.

Os três se levantaram e me deram o tradicional beijo no rosto, enquanto isso, fui fazendo minha análise crítica. Ash era alto, moreno e tinha a cabeça raspada. O charme especial ficava por conta do belo corpo bronzeado e dos olhos verdes. Ele era realmente atraente.

Brian, alto, loiro e de sorriso aberto. Lembrava muito o Capitão América e quase gargalhei com a comparação.

E, finalmente, o melhor deles: Connor. Nossa, aquele era de babar. Mesmo estilo de Romeo, só que com um ar mais selvagem. Ele me comia com os olhos e era aquele tipo de cara que te deixa com tesão só com o olhar.

— Suas amigas não fizeram jus a sua beleza, Julie — Connor disse, galante, e me senti a última Coca-Cola do deserto.

Sandy imediatamente me olhou com aquele jeito julgador de quem diz: eles sempre preferem você!

Apenas revirei os olhos, não estava com saco de aguentar suas neuroses.

— Obrigada, Connor. — Encostei o quadril na grade protetora do barco e peguei um copo de bebida que Lisa me ofereceu.

Connor saiu de onde estava e se encostou ao meu lado. Ao virar-me para encará-lo, encontrei o olhar de Romeo me fuzilando, ele soltava raios e tinha certeza de que estava se segurando para não me colocar nos ombros e ir para bem longe dali.

Que se dane, ele me deixou na geladeira a semana toda, que aguente agora!

— E então, meninas, o que vão fazer hoje à noite? — Brian perguntou.

— Se sobrevivermos a essa tarde, vamos ao jantar de gala com os pilotos

— falei e todos riram.

— Então, sobrevivam, porque também estaremos lá.

Engatamos uma conversa sobre Fórmula 1 e, de vez em quando, eu arriscava olhar para o barco vizinho. Era incrível como as garotas tentavam chamar a atenção de Romeo, mas eram completamente ignoradas.

Não demorou para Sandy e Ash sumirem dentro do iate e nem queria pensar no que eles iriam aprontar. Logo depois, Lisa e Brian saíram de *jet*, e eu fiquei sem saber o que fazer com Connor.

Enquanto isso, o barco ao lado estava animado, música alta, mulherada bebendo e dançando até o chão, já seu dono, não disfarçava o descontentamento em me ver com seu amigo.

— Fale-me mais de você, Julie — Connor pediu e resolvi dar uma chance para conhecê-lo melhor.

— Bom, estou morando em Nova York há pouco tempo, não gosto muito de badalação, mas, às vezes, tenho que fazer as vontades das minhas amigas e sair um pouco. — Não era uma mentira absoluta, mas era isso que eu queria que ele passasse adiante.

— Legal, e trabalha com o quê?

Aquilo estava parecendo uma entrevista, mas resolvi satisfazer a curiosidade do bonitão.

— Minha família tem uma rede de bancos na Europa e nos Estados Unidos e eu ajudo meu pai a administrar nossos negócios. — Eu sabia o tipo de impressão que aquilo causava em um homem que não tinha o dinheiro de Romeo Stone. Apenas ele não enxergava a joia de mulher que eu era.

Menos, Julie, bem menos!, minha consciência alertou e eu quase gargalhei.

— E você, Connor, trabalha? Ou vive um estilo de vida a lá Romeo Stone?

Connor riu da minha pergunta. A bebida já devia estar fazendo efeito, ou

jamais teria coragem de soltar uma daquelas.

— Tenho uma empresa de tecnologia em software e trabalho bastante. O único que pode se dar ao luxo de viver viajando e aproveitando a vida é Romeo.

Ri um pouco e continuamos conversando até Lisa e Brian voltarem, quando pedi licença para ir ao banheiro e entrei.

Aproveitei para beber uma água e, ao voltar para a proa, nenhum deles estava mais lá. Dei de ombros e me deitei de novo na espreguiçadeira. O sol já estava se pondo então resolvi ficar curtindo música e olhando as nuvens. Não queria pensar em Romeo, não valia a pena.

Fechei os olhos, mas minutos depois, percebi que havia alguém em pé ao meu lado. Ao erguer as pálpebras, quem eu encontro?

Na mesma hora comecei a me levantar, mas ele me segurou e se sentou ao meu lado.

— O que você quer, Romeo? — perguntei.

— Quero falar com você.

Eu podia bancar a louca e não o deixar falar, mas, no fundo, estava curiosa.

— Ok, você tem cinco minutos, depois eu vou entrar e pedir para o capitão nos levar de volta.

Seus olhos azuis ficaram me encarando. Ao olhar para o outro barco, vi as vadias cochichando e só podia imaginar as especulações que estavam fazendo.

— Eu sei que errei por ter sumido, sei que deveria ter adotado outra postura, mas o problema é que ainda me sinto dividido, confuso… Contudo, quando eu te vejo…

Seria uma mentirosa se falasse que não tinha gostado de saber daquilo, mas não podia me apegar àquelas migalhas.

— Olha, Romeo, a gente mal começou e eu já estou cansada. Eu entendo

você, de verdade, por isso eu desisto.

Romeo ficou surpreso.

— Como assim, desiste?

— Você tinha razão quando disse que não era homem para mim. Eu deveria sentir vergonha de ficar me oferecendo tanto para você. Não sei onde estava o meu amor próprio nessas últimas semanas. Mas, por outro lado, não posso culpar meu corpo por desejar descobrir os prazeres do sexo. Quer dizer, olhe para você! Tipo, é impossível não ter pensamentos inapropriados.

Ele sorriu de um jeito carinhoso que quase me fez perder o raciocínio.

— Por esse motivo eu vim para cá, porque desisti de esperar por você. A verdade é que, no fundo, eu quero um cara que não sinta medo ou vergonha de estar comigo. Sei que não temos nada oficialmente, mas sinto que há uma ligação entre nós, entretanto, preciso de muito mais do que você pode me oferecer. E, para que não haja cobranças e problemas futuros, quero que saiba que não vou mais insistir na ideia maluca de que tire minha virgindade. Por mais que seja uma coisa física, que não precisa, necessariamente de envolvimento emocional, após o que você fez, dei-me conta de que quero fazer isso com alguém que goste e se importe comigo de verdade.

O silêncio se estendeu ao ponto de se tornar constrangedor. Digo, silêncio entre nós, porque o iate dele, continuava pegando fogo.

— Não sei se estou preparado para isso — falou, depois de um tempo.

— Preparado para quê? — questionei.

— Para abrir mão de você e das poucas coisas que já vivemos juntos.

Seria cômico se não fosse trágico. Romeo Stone era frustrante.

— Sinto muito, mas terá que abrir.

Romeo não respondeu, mas logo em seguida, rolou por cima de mim, se encaixou entre as minhas pernas, segurou meu rosto entre as mãos e atacou

minha boca. O mundo parou de girar naqueles poucos segundos em que meu corpo sentiu o gosto e o cheiro dele. Era inegável a montanha de sentimentos que ele me fazia sentir. Romeo estava naquela de não querer ficar comigo, mas não conseguia abrir mão para outra pessoa, uma postura típica de homens dominadores, mas que já havia me cansado.

Depois do que pareceu bastante tempo, ele separou nossas bocas e ficou me olhando.

— Ainda que você me enlouqueça com seus beijos, será necessário mais que isso para me fazer mudar de ideia — falei e ele sorriu fazendo meu coração se apertar; eu jamais me acostumaria com o sorriso dele.

— Quer ir ao baile dos pilotos comigo?

Fechei os olhos me sentindo uma idiota. Após ter falado tudo aquilo, estava permitindo que ele contornasse a situação.

— Tipo, um encontro? Eu coloco um vestido bonito, você me busca no hotel, chegamos de mãos dadas e toda aquela parafernália?

— Isso mesmo, um encontro com direito a tudo.

Sabe quando você deseja muito uma coisa e aí, quando ela acontece, não sabe o que fazer? Bom, aparecer em público com Romeo Stone seria um sonho, mas muitas coisas estavam em jogo e a primeira delas, era minha amizade com Sandy. Além disso, ainda havia a dúvida de aparecer com ele naquela noite e correr o risco de ser substituída na semana seguinte.

Eu, sinceramente, não sabia o que responder.

No fim, contrariando todas as células sensatas do meu corpo, acabei aceitando o convite de Romeo. Eu sabia que teria que enfrentar o mundo no outro dia, sendo Sandy a primeira delas, já que minha amiga estava desmaiada em sua suíte, enquanto eu e Lisa nos arrumávamos para o tal baile.

Sandy estava bem alta quando atracamos de volta na marina. Com alguma dificuldade a levamos para seu quarto e chegamos a carregá-la para o banheiro,

pretendendo lhe dar um banho para que ela melhorasse, mas ela caiu na cama e lá ficou.

Nós até tentamos acordá-la, cerca de uma hora depois, após termos tomado banho, mas foi impossível. Então, deixamos um bilhete explicando tudo e rezamos para que ela entendesse.

— Você está linda, Julie, linda mesmo.

Sorri para Lisa, que usava um longo vestido preto, bonito e discreto como ela. Já eu, que tinha saído de casa com a intenção de impressionar, escolhi um modelo glamoroso. Ele era longo, num tom azul-petróleo, todo trabalhado em pedraria, que brilhava conforme eu caminhava. Deixei os cabelos soltos e lisos e fiz uma maquiagem bonita decidindo por um batom vermelho, que destacou meus lábios volumosos.

Lisa se despediu, pois iria com o Brian. Eu tinha perguntado a Romeo se era seguro e ele afirmou, dizendo que Brian era um de seus amigos de confiança e que Lisa poderia ir sem medo. Depois que ela saiu, passei meu perfume e não demorou para o meu telefone indicar que eu havia recebido uma mensagem dele.

Estou te esperando no saguão.

Saí do quarto e ao passar em frente à porta de Sandy, senti uma coisa estranha, um pressentimento de que as coisas nunca mais seriam as mesmas.

Peguei o elevador e tentei me concentrar apenas na noite incrível que teria com ele, sem pressão para perder a virgindade ou nada do tipo. Aquilo tinha que acontecer de forma natural para ambas as partes.

Dei de cara com ele ao sair do elevador. Estava usando um smoking sob medida e nem preciso dizer o quanto ele ficou comestível naquela roupa.

— Linda — disse assim que fiquei de frente para ele.

— Obrigada.

Romeo ficou analisando meu rosto e sorrindo de um jeito bobo. Eu queria acreditar que significava alguma coisa, mas me contive. Ele já tinha sorrido assim antes e depois sumido.

— Vamos?

Concordei e saímos de mãos dadas enquanto alguns funcionários nos olhavam e sorriam. Formávamos um casal bonito, eu tinha que admitir.

CAPÍTULO 10

Julie

Do lado de fora do hotel, um motorista da família Stone estava à espera com a porta do carro aberta. Durante o percurso, uma música suave tocava e Romeo não tirava os olhos do meu rosto, mas logo seu pai lhe telefonou e eles ficaram conversando, de forma que acabamos não interagindo, exceto pela mão dele, que permaneceu na minha o tempo todo.

Em frente ao local do evento, jornalistas de todo o mundo se empoleiravam para fazer perguntas ou tirar fotos do próximo magnata ou celebridade que sairia do carro, e quando Romeo desceu e estendeu a mão para mim, eles quase foram ao delírio.

Ao sair do veículo, os flashes quase me cegaram, mesmo assim, sorri, como era o esperado.

É sua namorada?

Há quanto tempo estão juntos?

Essas e outras perguntas ficaram sem respostas, à medida que nos dirigíamos ao mural que ostentava o nome de todos os patrocinadores e equipes. Paramos em frente à logomarca das Indústrias Stone e enquanto tirávamos a tradicional foto no tapete vermelho, meu coração pulsava nos ouvidos tamanho o meu nervosismo; eu sentia que poderia desmaiar a qualquer momento.

Depois que tiramos algumas fotos, Romeo me guiou para dentro. Apesar de ter permanecido com a mão em minha cintura o tempo todo, ele parecia incomodado com o assédio dos jornalistas. Resolvi não falar nada para não estragar a nossa noite, veria primeiro como ele se comportaria.

Ao entrarmos no salão, fiquei perplexa com a luxuosidade do local.

Grandes lustres de cristal desciam do teto, as mesas estavam decoradas com arranjos de flores brancas e verdes, a iluminação pontual deixava tudo ainda mais incrível e pessoas extremamente bem vestidas já circulavam pelo local.

— Ei, estamos aqui — Alyssa disse e nós dois nos viramos em direção à sua voz. Ela usava um vestido vermelho esvoaçante e estava maravilhosa, como sempre.

— Oh, querida, você está deslumbrante — disse ao me abraçar.

— Você também, Alyssa, lindo vestido.

Ela sorriu simpática e beijou a bochecha de Romeo.

A mesa dos Stone já estava toda ocupada com os pais e os amigos de Romeo, que conversavam animadamente. Já Lisa, parecia um peixe fora d'água, e seu rosto se iluminou ao me ver. Cumprimentei e sorri para todos, era muita gente para beijar e abraçar. Sentei-me entre Romeo e Alyssa enquanto Harvey Stone me observava com seus olhos astutos.

— Quer beber alguma coisa? — Romeo quis saber.

— Champanhe.

Ele pediu a minha bebida, passou o braço por trás da minha cadeira e ficou roçando os dedos de leve no meu ombro, num carinho tão sutil quanto delicioso. Ficamos conversando e rindo de seus amigos, que davam em cima de todas as mulheres que passavam, tudo sob os olhares dos pais dele, que pareciam um casal de adolescentes apaixonados. À certa altura, Lisa e Brian sumiram e nem me dei ao trabalho de me preocupar, ela já era uma menina crescida e bem responsável.

— Quer dançar? — Romeo perguntou e eu fiquei surpresa.

— Claro.

Ele se levantou, estendeu a mão para mim e caminhamos até a pista de dança onde ele me puxou contra si, encaixando nossos corpos.

— Você a mulher mais linda da festa — sussurrou no meu ouvido, fazendo meu sorriso aumentar.

— Pare com isso, não quero ficar mais envolvida do que eu já estou.

Na verdade, eu quase disse ‘apaixonada’, mas substituí a palavra na hora. Ele apenas sorriu, sem fazer comentário e voltou a me abraçar.

Depois de dançarmos algumas músicas, retornamos para a mesa. Na mesma hora Harvey pediu que Romeo o acompanhasse, pois precisavam cumprimentar algumas pessoas, deixando-me apenas com Alyssa, já que Ash e Connor também haviam desaparecido.

— E aí, como estão as coisas? — ela perguntou.

— Estranhas. Eu disse a Romeo que não queria mais nada e aí ele me convidou para o baile. Estou aqui apenas porque seu filho tem medo de me perder, mas já estou achando que foi uma péssima ideia ter aceitado.

— Eu sei como é complicado lidar com os homens da família Stone, então certifique-se de que é isso o que realmente quer. Romeo é muito mais difícil de lidar que Harvey e sei o quanto pode ser desgastante esse início de relacionamento.

Alyssa estava me dando a opção de seguir em frente ou desistir. Eu sabia que o certo seria desistir, mas quando olhava para ele, quando via seu sorriso se abrir naquele rosto perfeito, meu coração se apertava. Eu já era dele, inegavelmente dele, e temia que ainda fosse sofrer muito por causa disso.

— O que foi Julie? — ela perguntou ao me ver desanimada.

— Não sei o que fazer, Alyssa. Às vezes acho que pode dar certo, mas, na maioria das vezes, tenho certeza de que Romeo vai continuar me cozinhando em banho maria. E não é isso que eu quero.

— Se serve de consolo, você foi a única garota que ele nos apresentou desde o primeiro ano de universidade.

Era bom ouvir aquilo, mas não era o suficiente.

Meu celular tocou na bolsa e estranhei ao ver o nome do meu pai. Como a música estava amena, resolvi atender.

— Oi, papai.

— Diga para mim que não é você ao lado do filho de Harvey Stone em todos os sites de fofoca da Europa?

Senti meu rosto empalidecer com o tom de voz que meu pai usou. Alyssa me olhou, preocupada, ao ver meus olhos ficarem marejados.

— Foi só uma foto, pai.

Ele bufou do outro lado da linha.

— Escute bem uma coisa, Julie. Você é minha única filha, o meu maior orgulho e eu a amo mais que minha própria vida. Mas apesar de sempre ter respeitado suas escolhas, que sempre foram muito sensatas, quero que saiba que jamais aceitarei um relacionamento entre você e um cara que não quer nada com a vida.

As lágrimas escorreram assim que meu pai terminou de falar.

— Não se preocupe, porque não há nada entre mim e Romeo, foi só uma foto.

Alyssa ergueu as sobrancelhas, se dando conta do que estava acontecendo.

— Ótimo, porque, se eu sonhar que está saindo com esse playboy desocupado, você volta para Londres no mesmo instante.

Fechei os olhos, sentindo um nó se formar na minha garganta.

— Tudo bem, papai, fique tranquilo.

— Que bom ouvir isso, filha, então estamos conversados — falou e desligou, sem nem se dar ao trabalho de escutar se eu tinha mais alguma coisa a dizer.

Depois de engolir o nó que se formara, enxuguei as lágrimas e olhei para Alyssa.

— Sinto muito, mas eu tenho que ir. Acho que você entendeu a situação e, mesmo sendo maior de idade, ainda prezo muito a opinião dos meus pais e não quero desrespeitá-los.

— Claro, querida, eu entendo, mas espere Romeo voltar e converse com ele. Explique a situação.

Neguei com a cabeça.

— Esse era o sinal que faltava. Meu pai deixou claro que jamais permitirá que eu me envolva com um playboy desocupado — expliquei e, qualquer mãe teria ficado chateada por ouvir aquilo, mas pelo que Romeo havia me falado, Harvey já queria que ele estivesse trabalhando na empresa há muito tempo, então, acredito que eles concordariam com meu pai.

Por isso, o olhar que ela me dirigiu enquanto eu me levantava, só continha pesar por aquilo estar acontecendo. Dei um beijo em seu rosto e comecei a caminhar em direção à saída, engolindo meu choro e sentindo uma dor estranha tomar conta do meu peito. Eu jamais ficaria com alguém que meus pais não aprovassem. Tinha sido criada para agradá-los, não por obrigação, mas porque tudo o que recebera deles foi amor, carinho, respeito, além de inúmeras coisas físicas que apenas me fizeram feliz enquanto eu crescia. Como poderia, agora, voltar-me contra eles e lutar por um cara que eu nem sabia se valeria a pena?

Que Deus me ajudasse a seguir adiante e a sufocar aquele sentimento que aumentava desenfreadamente dentro de mim, pedi, quando ouvi meu nome ser chamado ao longe.

— Julie, espere! — Romeo agarrou meu braço quando eu estava prestes a cruzar as portas que levavam à área externa e me arrastou para uma área aberta, com vista para a marina. Uma suave brisa tocava meu rosto enquanto eu tentava reprimir a vontade de chorar. — O que houve? — perguntou, passando o dedo sob meu olho, para impedir que uma lágrima caísse.

— Meu pai viu nossas fotos em sites de fofoca e ficou furioso.

A cara de surpresa dele foi impagável. Imaginava que qualquer pai ficaria feliz que sua filha se envolvesse com um cara como Romeo, com uma herança bilionária garantida. Mas não o meu.

— Furioso por quê?

Fechei os olhos, tentando escolher as palavras, mas não tinha como ser sutil. Romeo precisava saber a opinião de Robert Collins a seu respeito.

— Ele o considera um playboy desocupado e disse que jamais irá permitir que eu tenha qualquer coisa com você.

A boca dele se abriu.

— Não me diga que seu pai é assim!

— É, Romeo, meu pai é assim! E eu jamais desobedeceria a uma ordem dele. Demorei muito para conseguir minha liberdade, para conseguir sair daquela maldita Inglaterra, mas vou ter que voltar para lá, caso ele desconfie de que estamos juntos. Então, é melhor ficarmos longe.

Ele ficou me olhando, de certo imaginando como seriam nossas vidas dali para frente e vi um certo desespero atravessar o seu olhar, antes de ele menear a cabeça.

— Não! Seu pai não vai afastá-la de mim.

— Romeo, você não conhece Robert Collins.

— E ele não conhece Romeo Stone quando quer alguma coisa.

Suas palavras me deixaram apreensiva.

— Não tome isso como um desafio, só porque meu pai não gosta de você.

Ele ficou irritado com a minha resposta.

— Acha mesmo que levaria qualquer uma em um evento sabendo que meus pais estariam presentes?

— Sinceramente, não sei, Romeo, a única coisa que não quero é deixar meu pai furioso. Não quero voltar pra Inglaterra — concluí, chorosa.

Ele deu um passo à frente e me fez encostar a cabeça em seu peito.

— Você não vai voltar.

Eu não sabia o que ele queria dizer com aquilo e estava exausta demais para discutir.

— De qualquer forma, quero ir embora, meu pai conseguiu acabar com a minha noite.

— Venha comigo, encrenca, vou cuidar de você.

Adorava quando ele me chamava de encrenca, ainda mais porque eu tinha acabado de nos colocar em uma das grandes.

Entramos no carro e fui puxada para o colo de Romeo, que deitou minha cabeça em seu ombro e ficou acariciando meus cabelos durante o caminho. Somente quando paramos foi que percebi que não tínhamos ido para o hotel.

— Onde estamos? — perguntei ao descer do veículo.

— Na nossa casa, aqui em Mônaco.

Não deveria ter me surpreendido ao saber que os Stone tinham uma casa no metro quadrado mais caro do mundo.

— E o que viemos fazer aqui? Achei que me levaria para o hotel.

— Vai passar a noite comigo.

Fechei os olhos por alguns segundos, refletindo sobre suas palavras, e me dei por vencida. Já que teria que me afastar dele, que pelo menos tivéssemos uma despedida decente.

— Tudo bem.

Caminhamos pela lateral da casa, subimos um lance de escada com degraus iluminados e entramos em uma grande sala. Praticamente todas as luzes estavam apagadas, então não pude notar a decoração, mas tinha certeza de que era bonita. Subimos novamente, dessa vez dentro da casa, e entramos em um quarto gigantesco, com uma sacada incrível que tinha uma vista privilegiada da

marina e dos barcos iluminados.

Sentei-me na cama enquanto Romeo tirava seu elegante smoking, ficando apenas de boxer preta. Depois, abaixou-se na minha frente e tirou minhas sandálias. Ele parecia preocupado em me fazer sentir bem, talvez porque soubesse, como ninguém, sobre a pressão de ter que agradar aos pais.

— Pare de pensar nisso.

Sorri por ele sempre saber, exatamente, no que eu estava pensando.

Depois de colocar minhas sandálias ao lado da cama, desceu o zíper do meu vestido em com minha ajuda, tirou a peça do meu corpo deixando-me apenas de calcinha.

Romeo ligou o ar condicionado, puxou as cobertas e nos deitamos de conchinha. No fundo, aquilo era tudo o que eu queria e precisava.

Algum tempo depois, ele me virou de frente e passou os dedos pelo meu rosto.

— Linda.

Fechei os olhos e sorri, deliciada. Então senti seus lábios tocando os meus. Tinha esperado por aquele beijo a semana toda e jamais imaginei que iria ganhá-lo em Mônaco, muito menos na casa dele, no quarto dele. Sua mão deslizou para dentro da minha calcinha e escutei seu gemido ao notar que eu já estava molhada. Mas com um homem daqueles me beijando, não tinha como ser diferente.

— Essa bocetinha está sempre pronta — sussurrou entre meus lábios e continuou afundando os dedos dentro de mim, indo até o limite do meu hímen e voltando.

— Ah, Romeo, não me torture assim. — Como sempre, a boca e os dedos dele estavam me enlouquecendo.

Mas, de repente, ele parou e ficou olhando para mim.

— O que foi? — perguntei.

— Eu… — Ele parou e pareceu analisar as palavras que diria. — Eu ouvi o que você me falou mais cedo e preciso saber se quer que eu tire sua virgindade? Se ainda quer que seja eu.

Puxei o ar com força sem acreditar que Romeo tinha se decidido e que o momento finalmente havia chegado. Mesmo querendo muito aquilo, não deixei a emoção me cegar.

— Depende, Romeo.

— Depende do quê? — ele rebateu, o cenho franzido.

— Se for para ter a melhor noite da minha vida hoje e ser abandonada por você na semana seguinte, então, a resposta é não. Só vá em frente se for homem o suficiente para enfrentar o meu pai ou qualquer pessoa que queira nos separar.

Ele sorriu e passou o polegar pela minha sobrancelha, mapeando meu rosto. Depois começou a distribuir beijos pelo meu pescoço e colo, até chegar aos meus seios, que já estavam arrepiados e ansiosos por seu toque. Gemi quando a língua dele tocou meu mamilo; era delicioso sentir as mãos e a boca dele pelo meu corpo, que se contorcia ao toque de seu dono. Após um bom tempo, ele desceu a boca pela minha barriga, ao mesmo tempo em que deslizava minha calcinha pelas pernas.

Após me deixar nua, ele se colocou de joelhos e ficou me observando. Eu, claro, fiz o mesmo. Apesar de o quarto estar iluminado apenas com as luzes que vinham de fora, foi possível ver todos os detalhes do seu corpo perfeito.

Ele se abaixou, indo direto para o meio das minhas pernas, abrindo minha boceta com os dedos e passando a língua nela. Logo meu corpo estava se contorcendo e não demorou para sua boca grande e gulosa começar a me sugar com mais força. Entretanto, assim que eu chegava ao ápice, ele diminuía o ritmo e a força com que me chupava até eu me acalmar e começar tudo outra vez. Fez isso umas duas vezes e finalmente me deixou gozar.

— Ah, meu Deus, Romeo.

Enquanto eu delirava e me contorcia, minha mente ansiava por saber, se mais uma vez, ele ficaria apenas naquilo ou se, realmente, tiraria a minha virgindade.

Minha pergunta foi respondida quando, minutos depois, ele saiu do meio das minhas pernas, caminhou até a poltrona, pegou a calça do smoking e tirou um preservativo da carteira. De onde estava, Romeo abriu a embalagem com os dentes e começou a rolar o preservativo por toda extensão do seu membro, sem tirar os olhos de mim. Então voltou para a cama e cobriu meu corpo com o seu.

— Não tenha medo, serei cuidadoso com você.

Sorri de nervoso e ele tocou meus lábios com carinho, *me* beijando, *me* envolvendo, fazendo sua língua ir fundo na minha boca, até eu relaxar. Lentamente, senti seu pau deslizando pela minha entrada extremamente molhada, numa brincadeira provocativa.

— Eu quero você, Romeo, não aguento mais esperar — sussurrei nos lábios dele quando não aguentava mais.

Depois de olhar para mim por alguns segundos, ele finalmente transpassou a entrada da minha boceta com a cabeça de seu membro. Fechei os olhos e abri um pouco mais as pernas, ao sentir uma pressão desconhecida. Enquanto isso, Romeo fazia um vai e vem lento, para que eu me acostumasse com seu tamanho. Abri os olhos e vi o quanto seu rosto estava tenso; só podia imaginar o quanto era difícil para ele se segurar.

— Continue — incentivei, excitada e ansiosa ao mesmo tempo.

Ele forçou mais um pouquinho e parou. Sua língua voltou a entrar fundo na minha boca e seu membro fez o mesmo dentro da minha boceta entrando um pouquinho mais, fazendo a pressão se espalhar pelo meu canal.

— Tão apertada, Julie, que delícia!

Minhas mãos arranhavam as costas dele pedindo mais e Romeo me

atendia, tomando cuidado para não avançar demais e me machucar.

Comecei a rebolar devagar, a fim de incentivá-lo a continuar, e percebi que ele trincou os dentes quando seu pau entrou até a metade. Nessa hora, senti uma dor descomunal tomar conta de mim.

— Está doendo — falei e ele congelou no mesmo instante.

— Seu hímen se rompeu, relaxe que já vai passar.

Apesar de saber que ele estava certo, tive vontade de pedir que saísse. Mas, foi uma vontade que chegou e passou com a mesma velocidade. Eu estava ali, exatamente onde queria estar, com o homem dos meus sonhos fazendo aquilo e iria até o final.

Romeo voltou a me beijar e acariciar meus seios. Conforme sua língua ia entrando sensualmente em minha boca, minhas pernas iam relaxando e o pau dele deslizando; quando percebi, já estava todo enfiado dentro de mim e a pressão em meu ventre era gigantesca.

— Encontrei meu lugar no mundo — sussurrou no meu ouvido e começou a se mexer lentamente. Uma leve ardência se fez presente, mas também havia prazer. — Você é o paraíso, Julie.

As palavras dele aqueciam meu coração; era exatamente o que eu queria ouvir de um homem na primeira vez que me entregasse. Romeo tirou seu membro completamente e voltou a me penetrar, lentamente, trincando os dentes a cada centímetro conquistado.

Eu sentia uma mistura de comoção e desejo. Estava me tornando mulher pelo homem por quem era apaixonada e aquele sentimento potencializou todas as emoções que eu sentia. Romeo continuou deslizando sem pressa, fazendo meu corpo reconhecê-lo e aceitá-lo. Ao mesmo tempo, ele beijava minha boca, meu pescoço, mordiscava minha orelha em pontos estratégicos para me deixar mais excitada e relaxada. Conforme aquilo foi acontecendo, o prazer foi me invadindo e me deixando plena, até aquela coisa monstruosa se acomodar completamente

dentro de mim.

— Continue, Romeo, isso… — comecei a delirar com aquele mastro quente e macio me invadindo. Ele aumentou um pouco a velocidade e senti que entrou bem fundo.

— Gostosa, linda, minha.

Sim, eu era, inegavelmente, dele!

Tomei sua boca com loucura, levada pela emoção de estar sendo possuída por inteiro pela primeira vez. O desconforto inicial já tinha passado e eu só queria sentir nossos corpos colados, suados, se fundindo e se entregando ao prazer. Eu sentia meus lábios inchados por causa da barba dele e, mesmo assim, o beijava com toda a paixão do meu ser, enquanto seu membro entrava e saía com uma facilidade inexplicável.

— Olha como ele desliza nessa bocetinha. Ela foi feita para mim — disse orgulhoso, e voltou a me penetrar fundo, fazendo meu corpo se arquear e uma grande onda de prazer crescer no meu interior, e levar tudo o que via pela frente.

— Ah, Romeo…

— Isso, goze para mim, inglesinha.

Gritei ao sentir o orgasmo me atingir e comecei a rebolar no pau dele para aumentar a intensidade daquela sensação deliciosa. Romeo me segurou pelos ombros e me invadiu uma última vez, antes de gemer alto ao gozar entre espasmos que faziam meu canal se alargar. Eu estava cansada, suada e, quando ele tirasse o membro de dentro de mim, era bem provável que ficasse dolorida, mesmo assim, sentia-me diferente, realizada e, acima de tudo, feliz.

— Obrigada, Romeo.

Ele levantou a cabeça e ficou me encarando.

— Esse tipo de coisa não se agradece, menina — disse e mordeu meu lábio, ainda com o membro enfiado dentro de mim.

— Eu sei, mesmo assim, obrigada por ser cuidadoso, foi do jeito que eu imaginei.

Um sorriso se abriu em seu rosto e ele me beijou lentamente, *me* saboreando sem pressa. Eu adorava o gosto dele e o jeito como seus beijos me excitavam.

Romeo se afastou e, lentamente, saiu de dentro de mim. Senti um leve incômodo no meu canal, mas nada que pudesse estragar a noite mais incrível da minha vida.

Ele voltou do banheiro já sem o preservativo e se deitou ao meu lado. Ficamos nos olhando, como sempre fazíamos, mas daquela vez era diferente, estávamos apaixonados e, mesmo que ele não falasse, eu conseguia sentir porque era o que ele me transmitia.

— O que acontece agora? — perguntei.

— Agora, vamos dormir, mas amanhã, passaremos o dia juntos e segunda-feira, pensamos no que fazer sobre o seu pai.

Antes de me entregar a Romeo, com certeza não aceitaria aquela opção dele. Mas, depois do que aconteceu, alguma coisa na minha cabeça mudou. Talvez eu tenha deixado de ser a filhinha do papai para me tornar a mulher de Romeo Stone. Só esperava que fosse mesmo verdade, pois não conseguia mais imaginar uma vida sem ele.

Antes de dormimos abraçados em um emaranhado de braços e pernas, pensei em uma frase de Shakespeare: *“A paixão aumenta devido aos obstáculos que se lhe opõe”*. E era exatamente aquilo que tinha acontecido, saber que poderíamos ser separados, fez com que quiséssemos ficar juntos, contra tudo e todos. A última coisa que pensei antes de ser engolida pelo sono, foi que se Romeo estivesse comigo, eu conseguiria vencer todos os obstáculos.



Acordei com a sensação de estar sendo observada. Abri os olhos vagarosamente e dei de cara com Romeo olhando para mim.

Ele sorriu e só então reparei que já estava de banho tomado, usando uma camiseta branca e uma bermuda escura.

Ao me sentar, vi a pequena mancha de sangue no lençol e corei de vergonha.

Ele, por outro lado, parecia encantado, abobado, e não era para menos, encontrar uma virgem não era uma coisa muito fácil nos dias atuais.

— Não me faça lavar os lençóis, não sou muito boa com serviços domésticos.

Seu sorriso se alargou, divertido.

— Não se preocupe com isso. Tome um banho, vamos sair de barco.

— E a corrida? E minhas amigas?

— Os rapazes vão cuidar delas e levá-las à corrida, não se preocupe.

— Ok, mas depois tenho que enfrentar minha amiga, aquela que é apaixonada por você.

Romeo ficou sério.

— Julie, eu nunca dei qualquer indício de que teria algo com ela. Desde Ibiza, *me* interessei por você, então seria ridículo ela cobrar algo.

Todos falavam a mesma coisa, mas eu conhecia Sandy há anos.

— Depois eu penso nisso — falei enquanto me levantava com o lençol em volta do corpo. — Preciso ir ao hotel antes de sairmos, não tenho roupa aqui.

— Só vai precisar de um biquíni e minha mãe já o providenciou.

Corei mais uma vez.

— Ela sabe que eu estou aqui?

— Sabe.

A confirmação me deixou envergonhada. Mas Alyssa sabia como era difícil resistir há um Stone, então, com certeza, não estaria me julgando.

Tomei banho, coloquei o biquíni que ele deixou em cima da cama e saí do quarto. Não deixei de notar que o lençol manchado já tinha sido substituído por outro, limpo.

Romeo e eu fomos direto para a marina e ele mesmo foi pilotando o iate, pois queria ficar sozinho comigo. Paramos próximo à mesma ilha em que brigamos no dia anterior.

— Venha, vamos comer.

Voltamos para a parte traseira do gigantesco barco e já havia uma mesa montada com um café da manhã de hotel cinco estrelas. Passamos o dia navegando, namorando e não tocamos em assuntos desagradáveis; Romeo sabia que eu estava preocupada e tentou fazer com que eu relaxasse. No final do dia ele me deixou no hotel e insistiu para que voltasse no avião deles, mas se fizesse aquilo, meu pai ficaria desconfiado, então achei melhor não provocar a fera.

Apenas quando cheguei ao quarto foi que verifiquei meu celular. Havia várias mensagens, mas nenhuma de Sandy.

Abri a de Lisa que dizia estar com tudo pronto para ir embora, mas que Sandy não iria conosco. Ela tinha saído para jantar com Ash e os dois ficariam em Mônaco por mais dois dias. Dei graças a Deus por não ter que enfrentá-la tão cedo. Minha amiga já devia ter visto as fotos e nossa conversa poderia ser melhor se ela tivesse mais tempo para digerir tudo.

Arrumei minha mala e partimos para Nova York.

Durante a viagem, Lisa disse que Sandy não comentou nada sobre meu envolvimento com Romeo e que até parecia bem envolvida com Ash. Disse também que Brian era um cara legal, entretanto, ela tinha se interessado mesmo

por Connor.

— Mas chegou a ficar com o Brian? — questionei.

Ela negou.

— Não consegui, se ficasse com ele, todas as minhas chances com Connor estariam arruinadas. Ficamos apenas na amizade e ele entendeu.

— Vou conversar com Romeo e ver o que eu descubro sobre Connor, para saber se vale a pena. Não quero que entre em uma furada.

Lisa sorriu, agradeceu e me abraçou.

Continuamos conversando durante a viagem, e embora tenha chegado à Nova York de madrugada, acordei cedo para trabalhar no dia seguinte. Estava terminando de me arrumar quando escutei a campainha tocando. Sandy ainda estava em Mônaco então só podia ser ele, apesar de estar achando bastante estranho, devido ao horário.

Peguei minha bolsa e quando abri a porta, estaquei ao ver Romeo usando um terno completo e segurando uma valise. Seus cabelos estavam penteados para trás e a barba estava feita.

— Quem é você e o que fizeram com Romeo? — brinquei e ele sorriu.

— Vim te buscar, já que trabalhamos no mesmo edifício, resolvi te dar uma carona.

Ergui as sobrancelhas sem acreditar no que estava ouvindo.

— Você, trabalhando?

Ele confirmou.

— Como eu te falei uma vez, não poderia fugir disso por muito mais tempo. Meu pai já tinha me dado um ultimato, por isso, quando me falou o que seu pai achava de mim, não me preocupei tanto, pois sabia que isso era algo que eu teria que fazer. Vamos dizer apenas que a atitude dele antecipou um pouco minha decisão. À partir de hoje, esse playboy desocupado vai comandar um

império durante o dia e dormir com a filha de Robert Collins à noite.

Sorri e me pendurei nele para lhe dar m beijo e um abraço apertado.

Naquele dia o tempo passou voando e estava curiosa para saber sobre o dia de Romeo. Não tive tempo de falar com ele, mas no final do expediente, recebi uma mensagem sua dizendo que me esperaria no estacionamento subterrâneo. Despedi-me de Lisa e fui direto para lá.

— Achei que CEOs milionários tinham motorista e preferissem carros mais sérios — zombei e me pendurei no pescoço dele.

Ele me abraçou de volta e deu um beijo leve na minha boca.

— Sou o CEO milionário que dirige o próprio carro e, no caso, um esportivo.

Nós dois rimos e me afastei. Romeo abriu a porta para mim e fomos para casa. Durante o caminho ele disse que teve algumas reuniões no decorrer do dia. Depois confessou que, embora tenha mantido distância por muito tempo, achava o mundo corporativo fascinante e aquilo me animou, significava que ele não desistiria daqui a alguns dias, quando tivesse se cansado de bancar o executivo.

Nos despedimos no elevador e cada um foi para o seu apartamento, mas combinamos que eu subiria depois de tomar banho e jantaríamos juntos.

Estava entrando no banheiro quando minha mãe ligou. Ela disse que me achou linda nas fotos, e que meu pai ainda parecia furioso, mas que estava tentando amansar a fera. Fiquei mais aliviada com a ligação dela e pensei que só faltava esperar Sandy voltar para que tudo ficasse em ordem. Ou não.

Tomei um banho e vesti algo especial, queria fazer uma surpresinha antes do jantar. Coloquei um robe preto por cima e subi para a cobertura do meu gato. Digitei a senha que ele tinha me passado e ao entrar, Kenny G me recebeu através do som ambiente. Saí à procura de Romeo e o encontrei na sala de TV.

— Estava te esperando — falou quando me viu e eu sorri.

Ele estava acomodado confortavelmente em uma grande e aconchegante

poltrona reclinada, dessas próprias para ver TV. Usava apenas uma bermuda de moletom, dando-me uma bela visão de seu peitoral delicioso.

— Continue olhando com essa cara de tesão e vai ver o que acontece — Romeo me repreendeu e ajeitou seu pau, que já dava sinais de estar ficando excitado dentro do moletom.

Será que era normal ficar com vontade de transar toda vez que eu olhava para ele?

— Vai me achar um monstro sexual se eu falar que quero… bem, você sabe…

Romeo gargalhou e depois me olhou de um jeito carinhoso.

— Pelo visto, vou ter trabalho para manter essa bocetinha satisfeita.

Sorri, desfiz o laço do meu robe e o deixei cair aos meus pés, exibindo um vestido estilo dominatrix preto, todo recortado, que não cobria quase nada.

A boca de Romeu se abriu e seu olhar condizia com o de um lobo faminto. Ele deslizou um pouco na poltrona e colocou a mão sobre o seu pau, enquanto babava no meu corpo.

— É isso aqui que você quer? — perguntou, rouco e eu balancei a cabeça, mordendo o lábio de tanto desejo. — Então, vem pegar.

Romeo entrava completamente no meu jogo de sedução, *me* transformava em uma devassa e me incentivava a realizar todas as minhas fantasias com ele.

Bati o dedo no interruptor de luz e deixei a sala iluminada apenas pela claridade que vinha da TV.

Parei por um momento e fiquei imaginando: se eu fosse um homem, o que gostaria que uma mulher fizesse naquela situação? Então, movida pelo demônio sexual que gritava dentro de mim, ajoelhei-me a poucos metros dele e fiquei de quatro. Lentamente engatinhei em sua direção, olhando dentro de seus olhos enquanto ele massageava seu pau por cima do moletom.

Estava tudo em silêncio e a energia sexual estalava pelo ar quando parei de joelhos no meio das pernas dele. Subi minhas mãos por suas coxas até chegar ao cós da bermuda, puxando-a para baixo, com a ajuda dele, e vi que estava sem cueca. Pelo visto, não era a única com más intenções para antes do jantar. Livrei-me da peça e segurei aquele mastro duro e quente entre as mãos. Dei um beijo na ponta e depois passei a língua pela cabeça, arrancando gemidos do meu bonitão, que me olhava como se eu fosse a oitava maravilha do mundo.

Tinha lido em algum lugar que os homens gostavam de contato visual durante o sexo oral, por isso mantive meus olhos grudados nos dele quando o engoli até onde consegui e depois voltei, usando os lábios e a língua. Abocanhei novamente, sentindo-o no fundo da minha garganta e adorando os sons e gemidos que saiam de sua boca.

— Isso, assim mesmo, gostosa. — Ele levou uma mão até a minha cabeça e foi ditando o ritmo, levantando os quadris e enfiando aquela monstruosidade na minha boca. Fiquei em um empasse, pois não queria que ele gozasse logo, mas também não queria cortar seu barato. Como se adivinhasse meus pensamentos, Romeo se retirou da minha boca e me puxou, colocando-me montada em seu colo, quase enlouquecendo quando nossos sexos se roçaram e ele percebeu que eu estava sem calcinha.

— Ahhh! — gritei com estalo de sua mão em minha bunda. O tapa acertou uma parte que o vestido não cobria e minha boceta palpitou.

— Você me deixa louco — Romeo puxou o fino tecido entre o decote e rasgou a peça, fazendo meus seios pularem para fora. — Deliciosa — disse, abocanhando e passando a língua em uma das aréolas. Enquanto isso eu me esfregava desavergonhadamente nele, sentindo as mãos grandes passeando pelo meu corpo e me segurando com força. Romeo estava muito excitado. — Senta no meu pau, vai.

Fechei os olhos, deliciando-me com aquela voz máscula me pedindo uma coisa pela qual eu ansiava tanto.

Levantei os quadris e segurei o membro dele, guiando e o encaixando na minha boceta, que latejava de tanto tesão. Romeo abandonou meus seios e atacou minha boca na medida em que descia o corpo, deslizando naquele pau enorme. Arfei entre seus lábios, sentindo a dor e o prazer de ser invadida.

— Ah, Julie — disse quando o recebi por inteiro, até sentir suas bolas na minha bunda. Uma pressão enorme tomou conta do meu ventre e, conforme ele foi me beijando, meu corpo foi relaxando e ganhando ritmo. Comecei a subir e descer com a ajuda dele, que segurava em ambos os lados do meu quadril.

— Você me deixa louca, Romeo, quero fazer isso todos os dias.

Ele sorriu entre os meus lábios e murmurou:

— Eu sou seu, inglesinha, pode fazer tudo o que quiser.

Senti uma pontada atravessar meu peito. Para não falar o que não devia, concentrei-me em cavalgar aquele pau maravilhoso, que entrava fundo e depois saía, incansavelmente.

— Romeo, o preservativo — falei, assustada, quando me dei conta de que tínhamos esquecido daquele detalhe.

— Você usa anticoncepcional?

— Uso, por questões hormonais.

Ele se enterrou em mim e segurou meu rosto entre as mãos.

— Eu não costumo fazer sexo sem preservativo, mas você tira todo o meu juízo.

Voltei a atacar a boca dele com paixão. Suas mãos me apertavam com força e eu o cavalguei com vontade, enquanto uma sensação gostosa se formava no meu ventre. Romeo desceu a mão até o meu clitóris e o estimulou. Fiquei enlouquecida e me movi o mais rápido que consegui, em busca do clímax. As coxas musculosas batiam de encontro às minhas, uma, duas, dez, vinte vezes, até o meu interior começar a se contrair e eu me desmanchar num orgasmo arrasador, gritando o nome dele. No mesmo instante Romeo me apertou forte e

estocou mais três vezes, antes de lançar jatos espessos dentro de mim.

Passei a língua pelos lábios dele, sentindo seu rosto suado e a respiração irregular.

— Vamos acabar morrendo de tanto transar — falou e prendeu meu lábio entre os dentes.

— E tem jeito melhor de morrer? — rebati e gargalhamos.

Depois do nosso delicioso sexo, tomamos banho e pedimos comida. Eu queria saber cozinhar alguma coisa para impressioná-lo, mas não era a minha praia.

— Quer ajuda com isso aí? — perguntei e Romeo negou com a cabeça. Ele estava sentado na cama, com o notebook no colo, enquanto eu assistia a um documentário sobre a indústria alimentícia.

— Achei que garotas da sua idade assistissem séries.

— Quem ouve você falando acha que eu tenho quinze anos.

Ele sorriu e voltou a atenção para a tela. Depois que parou de trabalhar, nos deitamos e ficamos conversando, rindo e namorando.

— Você me acha muito safada por fazer essas coisas… você sabe…

Romeo sorriu daquele jeito carinhoso que eu adorava.

— Não. Todo homem gosta dessas coisas. Desde que você faça só comigo, não vejo problema, pode me surpreender sempre! Eu vou adorar.

Eu jamais teria coragem de fazer aquilo com outro homem, mas ele não precisava saber.

Dormimos agarradinhos e, no dia seguinte, fomos juntos ao trabalho. Aquela rotina se seguiu durante toda a semana e só consegui dormir um dia no meu apartamento. Romeo era do tipo possessivo, que gostava de saber todos os meus passos e estaria mentindo se dissesse que aquilo me incomodava. Eu adorava saber que ele me queria por perto. Sem contar que estar em sua cobertura me garantia um sexo maravilhoso. Não fiquei nem um dia sem sentir o

pau de Romeo dentro de mim.

E quem poderia me culpar por ser tão safada? Ele era gostoso demais. E nunca tive dificuldade em me acostumar com o que era bom.

CAPÍTULO 11

Julie

DIAS DEPOIS

— E aí, como estão as coisas com Romeo? — Lisa perguntou. Após o sumiço de Sandy, estávamos mais amigas que nunca.

— Ótimas. Esse período de transição tem sido bem intenso, claro, e não tivemos muito tempo para fazer nada. — Já fazia quase um mês que Romeo tinha começado a trabalhar e desde então, nunca mais o vi, a não ser à noite, quando ele fazia questão de que eu fosse para sua cobertura, onde conversávamos sobre nosso dia, transávamos e dormíamos juntos. — Para mim isso foi ótimo, você sabe que não posso ser vista por aí com Romeo, ou meu pai vai surtar, então essa reclusão evitou que discutíssemos sobre isso. Mas os dias agitados passaram e algo me diz que ele vai querer sair para se distrair um pouco, por isso acho que não poderei mais evitar o assunto. Vamos ver como ele vai se comportar — concluí, dando de ombros.

— Boa sorte, então — ela desejou. — Se precisar de alguém para conversar, caso a conversa saia mal, *me* liga — falou e ambas sorrimos.

Despedi-me de Lisa e fui para casa. Como Romeo tinha uma reunião fora das Indústrias Stone, combinamos de nos encontrarmos mais tarde. Depois de tomar banho, subi até a cobertura dele, sentindo uma leve ansiedade tomar conta de mim. Mas na mesma hora senti alívio, ao vê-lo deitado na cama com o notebook no colo, pelo jeito, ele ficaria em casa.

E foi o que aconteceu, pedimos alguma coisa para comer e seguimos a rotina de sempre.

No sábado Romeo disse que teria uma reunião com o pai pela manhã e eu aproveitei para fazer algumas coisas que ficaram pendentes por todos aqueles dias. Ele ficou de me ligar quando chegasse, mas quando isso aconteceu, já era quase final de tarde e eu estava no mercado comprando algumas coisas que estavam faltando. Por isso combinei de ir para a cobertura depois que voltasse para casa.

Quando finalmente cheguei, guardei tudo no lugar, tomei um banho, coloquei uma roupa confortável e subi. Fui direto para o quarto de Romeo e o encontrei no closet, escolhendo uma roupa; pelo visto, ele iria sair.

— Oi — falei e lhe dei um beijo.

— Ia mesmo te ligar.

— Ah é? E posso saber por quê?

Ele entrelaçou as mãos na minha cintura e mordiscou minha orelha.

— Pode, sim, vamos sair para jantar. Vá se trocar, eu a espero aqui.

Duas sensações me invadiram. Uma, de alívio, por ele ter me convidado para sair; a outra, de desespero; se fôssemos fotografados novamente, meu pai ficaria sabendo do nosso relacionamento. O Sr. Collins ainda estava digerindo a história da foto, se surgisse mais alguma coisa na internet, ele surtaria.

— O que foi, Julie?

— Meu pai, Romeo, você sabe que…

Ele me interrompeu, colocando os dedos na minha boca.

— Você é maior de idade, dona das próprias vontades. Ele vai ter que entender.

Eu estava adiando aquela conversa durante a semana toda, mas naquele dia não teria como escapar.

— Não quero contrariá-lo.

Romeo soltou o ar com força, suas feições mostrando irritação.

— Pode parecer cruel o que vou te falar, mas terá que decidir logo se quer ter alguma coisa comigo ou se vai continuar se comportando como a filhinha que faz tudo que o pai manda. As duas coisas, não vai dar.

As palavras de Romeo me tocaram profundamente. Ainda que nosso relacionamento não tivesse sido rotulado, aquela não era a primeira vez que ele me chamava de sua mulher. Gostava tanto daquela possessividade, mais do que podia explicar. Eu me sentia mulher dele. Mas também era a filha de Robert Collins e teria que resolver aquela situação o quanto antes.

— Desculpe, Julie, não quis magoá-la; eu sei exatamente o que está passando. — O jeito carinhoso com que falou, fez-me esquecer as palavras duras.

— Mas você tem razão, Romeo, tenho que resolver as coisas com meu pai.

Ele me abraçou e beijou o topo da minha cabeça.

— Vamos ficar em casa, não tem problema — ele garantiu, mas fiquei pensando num modo de resolver aquele impasse. Ele era bicho solto, acostumado a sair praticamente todos os finais de semana com seus amigos. Se ficássemos demais em casa, logo ele enjoaria de mim ou, pior, sairia sozinho, e eu não poderia nem reclamar.

— Que tal irmos naquele bar que você me levou na primeira vez que saímos. Eu gostei e, com certeza, não terá fotógrafos por lá.

Ele sorriu e me beijou.

— Ótima ideia.

Ufa, pelo menos por hoje as coisas estavam resolvidas.

Troquei de roupa e saímos. Em poucos minutos, estávamos entrando no bar de rock antigo. Bebemos cerveja, dançamos. Era fácil conviver com Romeo e eu me sentia leve e feliz, até sair do banheiro e dar de cara com Sandy.

— Julie? — falou, assustada e eu também estranhei a presença dela ali.

— Oi — disse e dei um beijo em seu rosto, tentando deixar as coisas entre nós o mais normal possível.

— Oi, que surpresa te ver aqui — disse e se afastou.

— Pois é, eu… — calei-me quando Ash apareceu no meu campo de visão. Só então entendi. Romeo e ele eram amigos e deveriam frequentar os mesmos lugares. Mas Romeo, com certeza, não sabia que eles estariam ali ou jamais teríamos ido.

— Você demorou, gata — falou, abraçando Sandy por trás.

— Estou conversando com Julie, lembra dela?

Ash mordeu a orelha da minha amiga e nossos olhares se cruzaram.

— E como esquecer a garota que fisgou Romeo Stone?

Puxei uma grande lufada de ar e dei um sorriso sem graça. Já Sandy fixou o olhar em mim, e aí, para completar meu desespero, Romeo apareceu.

— Ash, Sandy — ele disse, dando um tapinha nas costas do amigo.

Sandy sorriu, mas era nítido o quanto ficou incomodada ao ver que eu estava com Romeo. Por outro lado, ela sabia que não tinha o direito de cobrar nada, pois estava com o amigo dele e seria bizarro questionar alguma coisa.

Voltamos para a área com mesas de sinuca e jogamos algumas partidas. Ash era engraçado e monopolizava nossa atenção com brincadeiras e piadas. Se não fosse o desconforto de Sandy, a noite, com certeza, teria sido perfeita. Apesar de não dizer nada, eu a conhecia há bastante tempo e sabia que as coisas não seriam mais como antes.



Chegamos à cobertura de madrugada e, por mais cansada que estivesse,

obriguei-me a dormir com o pau de Romeo enfiado em mim. O meu monstro sexual jamais ficava satisfeito.

— Acorde, dorminhoca, estamos atrasados.

Abri um olho só.

— Atrasados para quê?

— Surpresa. Tome um banho e coloque um jeans. Espero você no meu escritório.

Desde que assumira a presidência, durante os intervalos das nossas transas intensas, Romeo sempre dava um jeito de se enfiar no escritório e trabalhar um pouco. Eu estava gostando muito daquele lado responsável. No fundo, Romeo amava o mundo corporativo tanto quanto eu, aquilo era visível na forma como se dedicava. Mas as tentações de poder curtir a vida sempre o rondavam.

Fui até o meu apartamento para tomar banho e trocar de roupa.

Depois que saímos, por mais que eu tenha perguntado, ele continuou fazendo suspense sobre o que faríamos naquela manhã ensolarada de domingo. Só fui saber quando chegamos numa área afastada de Nova York e vi o que rolava ali.

— Você está de brincadeira comigo? — falei, sentindo a adrenalina correndo solta pelo meu corpo.

— Sempre faço isso aos domingos. Não vim nos últimos, porque não tive muito tempo, como você sabe, e nem ânimo, para dizer a verdade, mas queria te trazer. Você pode só olhar se não tiver coragem de saltar.

Estávamos em nada mais nada menos que um campo de paraquedismo. E as palavras dele foram uma clara provocação.

— Eu *quero* saltar — afirmei, decidida. Romeo tirou os olhos da direção e me olhou com ar divertido.

— Não precisa fazer se não quiser.

Sorri maliciosa e coloquei minha mão em cima do pau dele. Romeo olhou para o meio de suas pernas, depois para o galpão onde ficavam os aviões e, finalmente, seus olhos estavam em mim.

— Eu quero saltar e então quero você, assim que pisar em terra firme. Será minha recompensa por ter sido tão corajosa.

Romeo deu uma gargalhada.

— Criei um monstrinho que só pensa em sexo. — Nós dois rimos e ele estacionou o carro.

Fui apresentada aos instrutores de paraquedismo e durante a hora seguinte eles me explicaram como seria o salto e o que eu deveria fazer. Como nunca havia feito aquilo na vida, decidi que faria um salto duplo, junto com Romeo, que tinha mais experiência que eu. Daquele jeito eu me sentiria mais confiante.

— Pronta? — perguntou, antes de subirmos no avião.

Eu não estava pronta, muito pelo contrário, estava me pelando de medo, mas nunca fui mulher de amarelar no último minuto.

— Vamos lá.

O avião ganhou velocidade e começou a subir. Ao meu lado, Mason, nosso instrutor, estava tranquilo, Romeo também. Eles conversavam com mais dois rapazes que saltariam. Eu era a única pessoa tensa ali. A vista foi ficando deslumbrante conforme ganhamos altitude. E por dois segundos me esqueci de que faria um salto em queda livre. Aquele era o efeito de Romeo Stone na minha vida.

Mason conferiu tudo pela última vez e conectou meu equipamento ao de Romeo. Nem preciso dizer que meu coração galopava no peito. O medo e a adrenalina se misturavam assustadoramente dentro de mim e, ainda assim, a coragem conseguia emergir do fundo da minha alma e me impulsionava.

— Está tudo certo, podem saltar quando estiverem prontos — o instrutor disse e vi que a hora tinha chegado. Romeo deu um passo à frente e fiz o mesmo.

— Pronta, Julie?

Percebi naquele momento que nunca estaria. Se dependesse de mim, ficaria olhando pela porta do avião e jamais faria aquilo. Mas, mais uma vez, uma coragem desconhecida simplesmente me fez confirmar.

— Sim, vamos logo — pedi e Romeo riu, antes de se inclinar na porta do avião, levando meu corpo junto.

Milésimos de segundos depois, senti nossos corpos caindo em uma queda livre que me despertou todos os tipos de medo. Sabe aqueles sonhos em que você está caindo e nunca consegue acordar? Bom, era assim que eu me sentia. Mas eis que a sensação de liberdade me fez sorrir em meio a todo aquele pavor e um grito esganiçado saiu da minha garganta. Eu me sentia livre, poderosa, capaz de conquistar o mundo. E quando meu corpo se acostumou ao medo, à adrenalina e outras sensações desconhecidas, senti Romeo acionando os paraquedas, e aquilo fez meu corpo relaxar e curtir a vista.

— Isso é demais! — falei alto, no ouvido dele.

— Sim, é incrível.

Enquanto Romeo guiava o paraquedas para o local onde iríamos aterrissar, perdi-me na paz e na euforia que tomavam conta de mim. Eu jamais poderia agradecer o bastante por todas as experiências maravilhosas que estava tendo com ele. Romeo me desafiava e me fazia superar todos os meus medos, e em contrapartida, desafiar meus próprios limites.

Quando finalmente chegamos em terra firme, todo meu corpo tremia e meu coração parecia que iria explodir. Ele me soltou do equipamento e finalmente pude abraçá-lo.

— Foi a coisa mais incrível e radical que já fiz na vida, obrigada.

Romeo retribuiu meu abraço com um sorriso enorme no rosto.

— Eu sabia que ia gostar, agora vamos, porque se eu não me engano, *me* deve um sexo de comemoração.

Gargalhei, sentindo minhas pernas bambas. Não sabia se conseguiria fazer alguma coisa, mas, com certeza, tentaria.



A segunda-feira começou cheia de problemas e mal tive tempo de falar com Romeo. Sandy me enviou mensagem pedindo para almoçar comigo. Eu não teria tempo para encontrar com ela, mas para não negar os eu convite, pedi que me encontrasse na empresa e almoçasse comigo na sala de reuniões, anexa ao meu escritório. Ela aceitou e, naquele momento, passava pela minha porta, seguida por Lisa, que equilibrava nossos almoços em uma grande bandeja.

— Obrigada, Lisa.

Minha assistente deixou tudo organizado na mesa e saiu. Sandy apenas sorriu e se sentou.

— Julie eu sei que as coisas estão estranhas entre nós, mas acho que isso tem que parar. Sempre fomos ótimas amigas. E não quero que o seu caso com Romeo atrapalhe as coisas entre nós. — Estávamos quase finalizando nossa refeição e depois de conversarmos sobre coisas aleatórias, ela resolveu tocar no assunto que a tinha levado ali.

Eu sempre quis ouvir algo maduro e sincero da minha melhor amiga. Mas todo aquele mal-estar por causa de Romeo, fez-me reavaliar a nossa amizade e alguma coisa em mim não estava acreditando naquela mudança repentina. Não fazia parte de sua personalidade ser tão compreensiva.

— Que bom que pensa assim, eu concordo com você. — Tentei passar a maior sinceridade possível.

— Ótimo, que bom que resolvemos isso.

Sorri e comecei a servir suco nos nossos copos.

— E como estão as coisas com Ash?

Ela pegou o copo da minha mão e passou os minutos seguintes falando do seu novo ficante. Parecia empolgada, mas, ainda assim, não me convenceu. Eu sabia que o sonho dela era Romeo e ficaria com os olhos bem abertos.

Depois que Sandy saiu, trabalhei focada em resolver vários problemas e encerrei meu expediente tarde. Romeo foi para casa sozinho e eu voltei de táxi.

Entrei no meu apartamento e um cheiro delicioso de comida invadiu as minhas narinas. Sorri animada, achando que Romeo estava inventando alguma coisa para o nosso jantar. Deixei minha bolsa em uma poltrona na sala e caminhei até a cozinha. Estaquei no mesmo lugar quando vi meu pai e minha mãe com taças de vinho nas mãos, preparando o jantar.

— Filha, que bom que chegou!

Minha mãe deixou sua taça sobre a bancada e foi me abraçar.

— Mãe, pai. Que surpresa!

Meu pai sorriu e também me abraçou.

— Espero que uma surpresa boa — minha mãe disse, sorridente.

Eu ficaria mais que feliz em vê-los, se não fosse a minha situação amorosa atual.

— Claro que sim, estava morrendo de saudade de vocês — afirmei.

— Ótimo, então venha se sentar porque o jantar está pronto.

Fiz o que ela pediu e meu pai serviu uma taça de vinho. Durante a refeição, conversamos animadamente, sem tocar em nenhum assunto desagradável.

— Pretendem ficar quanto tempo? Tenho que ir ao supermercado, minha despensa está quase vazia — perguntei quando terminamos.

Meu pai ficou me encarando e depois se esticou na cadeira.

— Melhor caprichar nas compras, pretendemos passar uma temporada em Nova York.

Senti a bile subir e minha mãe me olhou como se pedisse desculpas pelo meu pai. Eu sabia exatamente o que ele estava tentando fazer: atrapalhar meu romance com Romeo.

— Ótimo, vou adorar tê-los por perto.

Os dois sorriram, e os acompanhei. Eu amava os meus pais, mas aquele não era o momento certo para eles darem as caras.

Fiquei pensando em como seria difícil encontrar com Romeo tendo eles dois na minha cola o tempo todo. O mais provável era que ele desistisse de mim e voltasse para a sua vida de badalação. Meu coração se afundou no peito só de pensar em perdê-lo.

Pedi licença dizendo que precisava tomar um banho, mas meus pais também se levantaram e me acompanharam até a área íntima, pois estavam cansados da viagem. Desejamos boa noite e eles seguiram para sua suíte e eu, para a minha.

Estava tirando a roupa quando meu celular começou a tocar em cima da cama e nem precisei olhar para saber que era ele.

— Oi, Romeo.

— Você sobe ou eu desço?

Soltei uma respiração pesada.

— Nenhuma das duas coisas, meus pais estão aqui. Vieram de surpresa e eu nem sei o que fazer.

— Ótimo, vou falar com seu pai e resolver as coisas.

— Romeo, você não o conhece, não pode ser assim, à queima roupa. Eu sei que está mudando, mas ainda não é o momento de vocês se conhecerem.

— Ok, Julie, nos falamos amanhã. — Sem esperar que eu respondesse,

desligou. Eu sabia que ele tinha ficado chateado. Mas seria pior se os dois se conhecessem imediatamente.

Tomei um longo banho e depois, inquieta, perambulei pelo apartamento. Servi-me de mais um pouco de vinho e fui para a sacada, com a esperança de ter algum vislumbre dele, estava morrendo de saudade. Quando terminei minha bebida, verifiquei o relógio e, pelo horário, meus pais já deveriam estar dormindo. Então, arrisquei ir até a cobertura de Romeo, dar boa noite a ele e acalmar um pouco as coisas.

Mesmo de camisola e descalça, segui apressadamente até o elevador, e ao chegar no andar da cobertura, quase corri até sua porta onde digitei a senha e entrei. Como o apartamento estava todo escuro, ascendi uma das luzes, fui em direção ao quarto dele, mas não o encontrei. Um certo desespero tomou conta de mim, só de imaginar que ele poderia ter saído, ou pior, que estivesse com outra pessoa. Eu não sabia se estávamos apenas ficando ou namorando e não tinha ideia de como ele reagiria numa situação daquelas.

Fechei os olhos e respirei com força, puxando bastante ar e tentando me acalmar. Eu nunca fui o tipo de pessoa que fantasiava coisas que não existiam; minha marca registrada sempre foi ser pé no chão, mas Romeo Stone tinha o poder de me tirar dos trilhos.

Saí da cobertura e voltei para casa sentindo-me triste e impotente. Ele tinha saído e nem falou comigo direito. Mal meu pai tinha chegado, e as coisas já começavam a desandar.

No dia seguinte, acordei cedo e fui para empresa. Recusei o café da minha mãe antes de sair e por sua expressão, ela com certeza já tinha percebido que eu não estava à vontade com a presença deles. Por volta das dez da manhã, para surpresa de todos, inclusive minha, meu pai apareceu no escritório. Ele passou por todos os setores e foi bajulado até a exaustão.

Durante todo o tempo, mantive minha postura de sempre, se meu pai

sonhasse que eu estava escondendo alguma coisa, seria capaz de se mudar para Nova York.

Depois do almoço preferi voltar para o escritório andando. Papai havia ido visitar alguns amigos e empresários da cidade, e aproveitei a chance para ir até a sala de Romeo tentar falar com ele.

Entrei no hall do edifício e um dos seguranças me chamou para entregar um envelope contendo os novos crachás de acesso dos funcionários. Estava assinando o recebimento, quando escutei a risada de Romeo. Virei-me com um sorriso no rosto, que sumiu ao ver que junto a ele estava uma mulher de parar o trânsito. Enquanto os dois se dirigiam aos elevadores, a loira, com longos cabelos em tom perolado, rosto angelical e sorriso perfeito, falava e gesticulava.

Será que era com ela que ele estava ontem à noite?

Balancei a cabeça e tentei não dar ouvidos ao meu subconsciente. Aquele tipo de pensamento destrutivo não fazia parte do meu repertório.

Peguei os crachás e marchei em direção a eles, que estavam esperando as pessoas saírem do elevador para poderem entrar.

Sem que percebessem, entrei atrás deles e Romeo pareceu surpreso ao me ver.

— Julie? — falou assim que as portas do elevador se fecharam, e a loira me olhou dos pés à cabeça.

Apertei o número do meu andar antes de responder e agi como Julie Collins normalmente agiria e não como a Julie Collins apaixonada e louca de ciúmes queria agir.

— Romeo — falei, sorrindo. — Não vai me apresentar sua amiga? — perguntei e ele olhou para a loira.

— Ah, claro. Esta é Luna Moran, nossa nova advogada. Luna, esta é Julie Collins, ela trabalha aqui no edifício.

Mas o quê? Só isso? Trabalho aqui e mais nada? E há quanto tempo essa

advogada estava trabalhando com ele? É isso que dá não ficar de olho.

— Prazer, Julie — a loira estendeu a mão e sorriu, fazendo duas covinhas aparecerem, iluminando aquele rosto incrivelmente bonito.

— O prazer é todo meu. — Tentei parecer normal e não abalada pelo fato de o meu… sei lá o quê, estar com uma mulher tão bonita.

As portas do elevador se abriram no meu andar e o diabinho dentro de mim queria ir até a sala dele fazer o maior barraco. Mas ele já devia estar acostumado àquele tipo de comportamento, além disso, que direito eu tinha? Então apenas sorri para os dois, virei as costas e saí, sentindo-me a idiota que se iludiu achando que o vizinho gato havia se apaixonado.

Ledo engano. Romeo não era o tipo de homem que precisava firmar um compromisso para levar uma mulher para a cama. Ele havia feito aquilo comigo, e, se quisesse dormir com a advogada, ele apenas o faria e pronto.

Ao me aproximar da minha sala, Lisa veio em meu encalço falando sobre reuniões e coisas que teríamos que fazer na parte da tarde. Não estava prestando muita atenção, até escutá-la dizer que tínhamos uma reunião com o CEO das indústrias Stone, juntamente com seu corpo jurídico. Sério que eu teria que encontrar com aqueles dois de novo?

— E qual o motivo da reunião?

— Parece que seu pai e Harvey Stone tinham negócios pendentes e agora você e Romeo terão que dar continuidade.

Ótimo era tudo que eu precisava.

— E tem outra coisa, o Diretor Comercial contratado por seu pai a está aguardando. Pelo que fiquei sabendo, ele é tipo o em sua área de atuação e cobra de forma compatível, já que o salário dele é astronômico.

Gargalhei pelo jeito como Lisa falou.

— Ótimo, vamos conhecer o coroa.

Lisa balançou a cabeça e sorriu, então a segui até a sala de reuniões. Assim que ultrapassei a porta, engasguei com a visão a minha frente.

— Srta. Collins, este é o Sr. Richard Cooper, nosso novo Diretor Comercial — Lisa falou e eu fiquei apenas rindo por dentro. O homem parecia ter saído da capa de uma revista. Na mesma hora uma ideia maléfica passou feito um raio pela minha cabeça.

— Boa tarde, Srta. Collins.

— Como vai, Sr. Cooper?

— Muito bem. E pode me chamar de Richard, por favor.

— Ah, claro, seja bem-vindo, Richard.

Sorri e avaliei o gato à minha frente, enquanto nos encaminhávamos para a mesa.

Ele estava usando um terno preto, que destacava seus olhos castanho-esverdeados. Seu olhar era intenso e misterioso e os cabelos milimetricamente penteados para trás.

Assim que nos sentamos, Lisa se retirou e ele falou sobre seus trabalhos anteriores. Richard na verdade, era um auditor, e já havia prestado serviço a inúmeros bancos e empresas renomadas. Por isso Lisa se assustara com seu salário astronômico. Para os funcionários, era exatamente aquilo que ele seria, afinal, seu trabalho seria cuidar pessoalmente de todas as transações realizadas entre os funcionários, e isso incluía, qualquer suspeita de desvio de dinheiro no banco da nossa família. Por esse motivo, agiria como se fosse um empregado da empresa, dessa forma, conquistaria a confiança de todos os colegas.

— E quando posso começar? — ele perguntou depois de quase uma hora de conversa.

Olhei para o relógio e me dei conta de que já estava na hora de subir ao último andar para a reunião agendada.

— Se importa de nos acompanhar em uma importante reunião dentro de

alguns minutos?

— Estou aqui para isso — disse, charmoso e solícito.

Quando nos levantamos, ele se adiantou para abrir a porta e pude sentir seu perfume. Deus do céu, que homem cheiroso!

Ele me seguiu até a mesa de Lisa, onde peguei os documentos referentes ao contrato com as Indústrias Stone e nos dirigimos ao elevador. Enquanto ele falava sobre seus planos de consultoria, eu só conseguia imaginar a cara que Romeo faria ao ver minha nova contratação.

Já que ele queria andar com a advogada à tiracolo, eu poderia fazer o mesmo com meu “Diretor Comercial”, e não me sentiria mal por isso, ficar chorando por homem nunca foi a minha praia e seria o meu fim se começasse a me desesperar por causa de Romeo.

Era a primeira vez que eu pisava no andar da presidência das Indústrias Stone e a impressão não poderia ser melhor, tudo era impecavelmente organizado e limpo, e a cortina d’água que separava a presidência dos demais diretores, era um show à parte. A secretária de Romeo, Josie Rice, aparentava ter uns quarenta anos e era extremamente simpática. Ela nos guiou à sala de reuniões, onde alguns executivos já nos aguardavam.

Fiquei próxima às janelas, conversando com Richard e, minutos depois, Romeo apareceu com a tal Luna ao seu lado. Nem preciso dizer que meu sangue ferveu e o ciúme rugiu alto dentro.

— Boa tarde a todos — Romeo disse e passou os olhos pela sala até parar em mim.

Sem lhe dar atenção, aproximei-me da mesa de reuniões e me sentei na cadeira que Richard puxou. Quando me acomodei e olhei para frente, Romeo tinha um olhar duro que eu só podia associar ao gesto educado de Richard para comigo, pelo jeito, ele não tinha gostado. Ótimo!

— Acredito que todos estão cientes de que Harvey Stone e Robert Collins,

estavam engajados nesse projeto que agora daremos continuidade — falou Romeo, dando início à reunião. Depois de explicar o projeto, discutimos pontos importantes de um empréstimo milionário que nosso banco faria para que as Indústrias Stone iniciassem um empreendimento novo e extraordinário. Apesar de a soma ser exorbitante, ainda não tinha entendido por que diabos eles precisavam de empréstimo, uma vez que eram tão ricos. Depois de pensar um pouco, cheguei à conclusão de que meu pai devia ter feito algum tipo de sociedade e aquela foi sua forma de contribuir. Bom, meu trabalho ali não era questionar e sim dar andamento às negociações e foi o que fiz com maestria.

— A próxima reunião ficará agendada para a semana que vem, até lá já vamos ter lido e discutido o contrato. Estando tudo de acordo, faltarão apenas as assinaturas — Luna Moran disse, cheia de si, enquanto metade da sala babava em cima dela.

— Muito bem! Até a semana que vem, senhores — falei, levantando-me e Richard fez o mesmo, assim como outros executivos e todos começamos a seguir em direção à saída.

— Srta. Collins, tem cinco minutos?

Romeo perguntou e eu parei. Então pensei, pensei e pensei. Se eu dissesse não, a crise entre nós se agravaria, por isso decidi atender seu pedido.

— Claro — respondi, de forma impessoal e olhei para Richard. — Por favor, volte para o escritório e converse com Lisa, ela lhe indicará sua sala e poderá providenciar tudo que precisar.

Ele concordou e se foi, enquanto eu voltava à mesa de reuniões. Como Romeo estava em pé, fiz o mesmo, e apenas encostei os quadris no tampo de mogno, cruzando os braços no peito em uma pose claramente defensiva.

— O que está acontecendo conosco? — falou, por fim.

— Eu é que pergunto. Depois que te falei que meus pais estavam aqui, e pedi que aguardasse um pouco para falar com papai, você simplesmente desligou

o telefone sem nem esperar para saber se eu queria falar mais alguma coisa. Aí, quando fui ao seu apartamento mais tarde, você não estava. Então hoje, o vejo sorridente e completamente à vontade com sua nova advogada. — Pronto, falei. Quem estava ali naquela hora não era Julie normal e sim a Julie loucamente apaixonada! E aquela era igual a qualquer outra mulher.

— Está insinuando que eu tenho alguma coisa com Luna?

A declaração enfática e irritada me deixou apreensiva, mas eu não poderia recuar.

— Romeo, eu não sei o que temos, se estamos ficando, namorando ou apenas passando o tempo juntos. Meu pai o odeia e com certeza veio para Nova York com o intuito de me vigiar. E, para piorar as coisas, não estou sabendo lidar com tudo isso.

Romeo soltou o ar com força e aquela atitude dizia que o nosso relacionamento estava se tornando um problema estressante.

— Não gosto de rótulos, estamos juntos e isso basta.

Baixei os olhos pensando em suas palavras. Era típico de homens galinhas ter aquele discurso na ponta da língua. Eu tinha duas opções a seguir: ou dava uma de ofendida e pressionava para que ele decidisse o que queria e *rotulasse* o nosso relacionamento, ou engolia minha raiva e dava mais um tempo, até que as coisas com o meu pai se resolvessem. Só que nenhuma das duas me deixava satisfeita.

Romeo diminuiu o espaço entre nós e me puxou de encontro ao seu peito. O cheiro dele me invadiu e meu coração ficou apertado.

— Não quero brigar, Julie. Depois que você me falou que não poderíamos nos ver, resolvi ir à casa dos meus pais. Já Luna, é apenas uma funcionária.

Em poucas palavras ele me desarmou, mas aquilo não mudava o fato de ele ter me apresentado apenas como alguém que trabalhava no prédio. Mas como poderia ser diferente, se a verdade era que, para todos os efeitos, não tínhamos

nada. Mais uma vez, duas opções surgiram: dar uma de mulher carente e falar o quanto fiquei magoada ou ganhar mais espaço em seu coração e fazê-lo mudar aos poucos.

Eu já tinha avançado muito, e Romeo estava se esforçando, eu tinha que assumir.

— Ok, não vamos brigar.

Ele segurou meu queixo com a ponta dos dedos e me beijou, tão leve e calmo que eu poderia flutuar.

— Quero você essa noite — sussurrou em meus lábios e senti uma fisgada no meio das pernas. Eu sabia exatamente o que aquilo significava: sexo quente, de rasgar os lençóis.

— Vou dar um jeito — afirmei, segurando a lapela do seu terno e tocando seus lábios mais uma vez.

— Vou te esperar.

Sorri e me afastei, caminhando até a porta.

— Pode esperar — garanti e saí da sala.

Apesar de Romeo não tocar no nome de Richard e só explicar as coisas que estavam me incomodando, por hora, eu estava satisfeita.

CAPÍTULO 12

Romeo

Já passava das nove da noite e Julie ainda não tinha aparecido.

Era provável que Robert Collins estivesse mantendo a filha ocupada. Ele sabia que trabalhávamos no mesmo prédio e tinha certeza de que também já soubesse que eu era seu vizinho. Caso contrário, não teria tido o trabalho de se deslocar até Nova York.

Resolvi ligar para saber o que estava acontecendo, e, para variar, ela não atendeu. Isso queria dizer que minhas suspeitas estavam certas.

Em toda a minha vida, nunca imaginei que passaria por uma situação daquelas. Todas as famílias das mulheres com quem me relacionei se mostravam extremamente felizes por ver suas filhas com o herdeiro Stone. Mesmo que na minha cabeça não houvesse nada sério com nenhuma delas. Mas não Robert Collins. Ele era tão rico quanto minha família e havia criado a filha em berço de ouro, provavelmente com planos traçados de que ela se casasse com alguém da realeza.

Apenas a ideia de ver a minha inglesinha se casando com outro homem me deixava puto.

Desde que Julie Collins entrou na minha vida, as coisas começaram a tomar rumos que eu nunca pensei serem possíveis. Eu havia mudado bastante e o mais incrível era que as coisas estavam acontecendo naturalmente; eu não me sentia forçado a nada. Já estava cansado de escutar os apelos do meu pai para assumir a presidência do grupo Stone e ela foi aquele empurrãozinho que eu precisava para tomar algumas decisões importantes na minha vida, e me sentia bem com os rumos que ela estava tomando.

Quando estava com Julie, não sentia falta de nada. Ela preenchia grandes espaços vagos e desconhecidos, ainda assim, não via necessidade de nomear as coisas entre nós, mas estava ciente de que para ela era importante saber o que tínhamos de verdade, que papel ela tinha em minha vida e, talvez o mais importante, o que eu queria mostrar às outras mulheres e ao mundo.

E eu entendia, dado o ciúme doentio que sentia por ela. Talvez o fato de ter sido seu primeiro homem causasse toda aquela insegurança, já que eu não conseguia sequer imaginá-la nos braços de outra pessoa. Claro que toda aquela possessividade era bem típica dos Stone; meu pai era assim até hoje; e agora eu sabia o que ele sentia.

Naquele dia mesmo, durante a reunião, fiquei furioso com a presença de Richard Cooper, o novo Diretor Comercial do banco. Não tinha como ter certeza, mas alguma coisa me dizia que aquela contratação tinha sido feita especialmente para melar meu lance com Julie. O cara parecia mais a porra de um modelo do que um executivo e aquilo me incomodou, *muito*. Saber que ela passaria tanto tempo com aquele idiota, deixou-me desconfortável.

Coloquei uma música qualquer e fui para a área externa da minha cobertura. Ao me aproximar da contenção de metal e vidro, escutei risadas e conversas vindo do apartamento dos Collins. Aproximei-me mais e senti um ódio mortal borbulhar em meu sangue ao me dar conta de que o maldito Richard Cooper estava na enorme sacada do apartamento, conversando com Julie na maior intimidade.

Então foi por isso que ela não me atendeu. Dei um murro no metal e saí dali feito um touro bravo.



Meus planos de passar algumas horas com Romeo foram por água abaixo quando papai informou que teríamos visita para o jantar.

Minha mãe, como sempre, estava enfiada na cozinha, fazendo alguns de seus pratos maravilhosos, ela sempre fazia de tudo para agradar.

Resolvi colocar uma roupa um pouco mais sofisticada e fiquei na sala, bebericando um vinho e conversando sobre negócios com meu pai. Quando a campainha tocou, imaginei que fosse algum casal de amigos deles, mas para minha surpresa, era Richard Cooper.

Daquela vez ele estava usando uma camisa branca e um jeans claro, sério e informal ao mesmo tempo. Seus cabelos estavam meio bagunçados, demonstrando que ele só usava os fios penteados em horário comercial. Apesar de parecer estar um tanto incomodado com o convite inesperado, se saiu bem durante todo o jantar.

Enquanto meu pai foi escolher mais uma garrafa de vinho e minha mãe quis logo recolher as louças, eu e Richard fomos nos sentar na sacada.

— Desculpe ter vindo sem avisar — falou, encostando-se no parapeito da sacada.

— Não se desculpe, meu pai é bem convincente quando quer.

Ele sorriu e fiz o mesmo.

— Quero deixar claro que não compactuo com o que ele está tentando fazer.

Mesmo sem dar nome aos bois, Richard já devia estar por dentro da minha situação amorosa. As fotos com Romeo se espalharam feito erva daninha pela

internet e muitos sites ainda apostavam no nosso namoro. De minha parte, queria muito que eles estivessem certos.

— Que bom — disse, convicta de que meu pai estava tentando arrumar um pretendente à altura de Romeo Stone. E aquilo parecia tão absurdo quanto arcaico.

— Até porque acabei de sair de um relacionamento conturbado — ele continuou. — Na verdade, acabei de ser abandonado. Ainda estou me recuperando.

Estranhei ele se abrir comigo daquele jeito, mas fiquei curiosa.

— Como assim, abandonado?

Ele bebeu o último gole de vinho que havia em sua taça e ficou com o olhar perdido.

— Abandonado no altar, acredita? — revelou e deu uma risada triste.

Não consegui imaginar que tipo de mulher abandonaria um homem como ele no altar.

— Sinto muito, não deve ser fácil.

— E não é mesmo

— Há quanto tempo isso aconteceu?

— Faz um mês, mais ou menos. Foi horrível nos primeiros dias, eu realmente gostava dela. Mas hoje em dia vejo que foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.

— Fico feliz que tenha se recuperado e espero que encontre alguém que o mereça, você parece ser um cara legal.

Ele deu uma risada triste.

— Talvez esse tenha sido meu pior erro, acho que as mulheres não gostam de caras legais.

Era aí que ele se enganava, um feio legal talvez não tivesse tanto sucesso,

mas um gato igual a ele, e tão bacana, certamente despertava muito interesse.

Um silêncio incômodo nos atingiu.

— Aos problemas, o que seríamos sem eles? — falei e ergui minha taça em um brinde solitário, fazendo-nos rir, divertidos.

Na mesma hora um som estrondoso vindo da cobertura interrompeu nossa interação. Olhei para cima e vi Romeo dando as costas para nós.

Fechei os olhos, sentindo uma agonia imensa. Ele devia ter me visto com Richard e ficado furioso.

É, Julie, agora, sim, você está encrencada e deve isso aí ao seu pai!

— Com licença, Richard, eu preciso ir. — Deixei minha taça em cima de uma mesa e saí, apressada, quase esbarrando em meus pais no meio da sala.

— Aonde vai, Julie? — meu pai inquiriu e o olhei com fúria.

— Vou consertar a merda que você fez. — Sem esperar mais nem um minuto, passei por eles e bati a porta.

Cheguei em frente ao elevador e comecei a apertar o botão freneticamente. Precisava falar com Romeo o mais rápido possível, ele, com certeza, estava pensando o pior de mim. O tempo que levei para entrar no elevador e sair dele pareceu eterno. Corri até a porta e digitei a senha errada por duas vezes; meus dedos estavam nervosos e ansiosos.

— Droga! — xinguei, mas na terceira tentativa, eu consegui acertar e entrei.

Havia alguns vidros quebrados pelo chão da sala e um rock pesado ecoava pela casa vindo da área de lazer. Segui o som e encontrei Romeo na academia batendo em um saco de areia com tanta força, que me deu até medo.

— Romeo — chamei alto para que fosse ouvida e ele congelou um soco no ar.

Quando se virou, seus olhos praticamente me fuzilaram, intensos e

acusatórios. Ele vestia uma calça jeans, mas tinha tirado a camiseta e eu conseguia enxergar as gotas de suor escorrendo por seu corpo, o peito ofegante, os cabelos bagunçados e, mesmo com a ansiedade de ter que enfrentá-lo, fiquei excitada ao vê-lo tão descontrolado.

A música cessou repentinamente e o único som que se ouvia era o de sua respiração pesada e do saco, que balançava de um lado para outro.

— Saia.

Eu sabia que ele estaria com raiva de mim e entendia, também estaria furiosa se chegasse ao apartamento dele e o encontrasse com a tal advogada. Mas Romeo tinha que me escutar.

— Você entendeu tudo errado, meu *pai* o convidou. Achei que já soubesse que eu jamais levaria um homem ao meu apartamento — falei tudo de uma vez só, com medo de que ele me interrompesse.

— Vocês pareciam bem à vontade.

Fechei os olhos e respirei com força. Meu pai e Romeo ainda me enlouqueceriam. Caminhei até ele a passos largos, sentindo-me furiosa e exausta ao mesmo tempo.

— O único homem com quem quero estar é você. E não me importa se meu pai contratou um modelo para tentar nos afastar, ele não vai conseguir, porque eu escolhi você e o meu coração também.

Eu estava sendo tão sincera que, sem perceber, lágrimas escorriam pelo meu rosto. A pressão de viver sob os olhos do meu pai estavam me levando à exaustão.

Romeo segurou meu rosto de forma brusca e invadiu minha boca furioso, fazendo um leve gosto de sangue se espalhar. Ele me ergueu e minhas pernas rodearam sua cintura, então caminhou comigo grudada em seu corpo suado, devorando-me viva, enfiando sua língua bem fundo na minha boca em uma clara demonstração de possessão e desespero.

De repente, senti minhas costas se chocando contra uma parede.

— Você é minha, Julie, minha, não ouse deixar nenhum outro homem te tocar.

Mordi o lábio dele, sentindo toda a loucura que era estar em seus braços.

— Pare de falar besteira e me coma logo. — No mesmo instante sua carranca aliviou e suas sobrancelhas subiram. — Isso mesmo, Romeo Stone, enfie logo esse pau gostoso em mim. — Minhas palavras o fizeram me apertar com mais força contra a parede e rasgar a alça do meu vestido quando ele apertou meu seio com força.

Romeo continuou me sustentando com seu corpo grande e forte, devorando minha boca ao mesmo tempo em que abria a calça e libertava seu membro.

— É isso aqui que você quer? — disse, pressionando a ponta contra a minha calcinha molhada. Naquela hora meu vestido já estava na cintura e meu juízo bem longe dali.

— Isso mesmo, quero muito.

Com o próprio pênis afastou minha calcinha para o lado e me penetrou com tudo, fazendo-me sentir a delícia de ser possuída por ele.

— Então tome — Romeo falou no meu ouvido, repetindo a palavra entre uma estocada e outra enquanto tudo o que eu conseguia fazer era gemer entre seus lábios e rebolar em seu pau.

Tanto minhas costas quanto minha cabeça batiam na parede, mas eu só conseguia me concentrar na sensação grandiosa que se formava em meu ventre.

— Isso, Romeo, assim mesmo, não pare…

E ele fez como pedi, seu corpo glorioso trabalhava como uma máquina potente, entrando fundo e saindo, num ritmo intenso, fazendo-me gritar quando o orgasmo me atingiu. Romeo veio logo atrás, gozando com força e me apertando firme entre seus braços.

— Eu já disse isso antes, mas agora sei que é verdade, ainda vamos morrer de tanto trepar — afirmou, ofegante e eu dei uma risadinha.

Ele saiu de dentro de mim e me colocou cuidadosamente no chão.

Deslizei a mão por seu peitoral e sorri, sentindo sua pele quente e suada sob minha palma. Depois descansei minha cabeça ali e ele me abraçou.

— Vamos dar uma trégua, eu não quero mais brigar. Amanhã nós vamos falar com meu pai e fazê-lo entender que estamos juntos. Ele pode até não aceitar, mas vai ter que respeitar, não vou deixá-lo mandar em minha vida.

O rosto dele se iluminou, mostrando que era isso que ele esperava ouvir desde o início.

— Só me diga o horário e estarei em seu apartamento, pronto para enfrentar o poderoso Robert Collins.

Tremi por dentro imaginando o duelo de gigantes.

— Certo. Bom, agora tenho que voltar — disse, então senti algo escorrendo pela perna. — Mas, antes, vou me limpar, se eu chegar com esse cheiro de sexo, ele me deserda.

Romeo sorriu, *me* pegou pela mão e fomos para o seu quarto. Fiz um coque no cabelo e tomei um banho rápido. Quando cheguei ao quarto, ele estava olhando para o meu vestido, todo amassado e com a alça rasgada.

— Acho melhor esperar eles dormirem.

— É, também acho — concordei, rindo.

Fiquei com Romeo até de madrugada. Nós apenas namoramos, nos beijamos, nos curtimos, matando a saudade dos dias em que meus pais não estavam por perto. Por volta das três da manhã, nos despedimos e voltei para o meu apartamento. Através do espelho do elevador, visualizei o nó que Romeo fez na alça do meu vestido. O decote ficou completamente torto, mas consegui esconder a gambiarra puxando os cabelos para frente.

Quando digitei a senha e entrei, o apartamento estava escuro, sinal de que eles já deveriam estar dormindo. Atravessei a sala e fui para o meu quarto, mas estaquei ao dar de cara com a minha mãe.

— Onde esteve, filha? Fiquei preocupada — cochichou e trancou a porta atrás de mim.

Eu poderia mentir e inventar qualquer coisa, mas precisava da minha mãe como aliada, ou meu pai me enlouqueceria.

— Eu estava com Romeo. — Apontei para cima e ela franziu a testa.

— Ele mora na cobertura?

Revirei os olhos e passei por ela, indo até o closet.

— Vai me dizer que não sabia? — perguntei enquanto colocava um pijama confortável e voltava para o quarto.

— Mas é claro que não sabia, seu pai… — As palavras dela se perderam no ar.

Soltei uma risada sem qualquer humor.

— Isso mesmo que está pensando, minha querida mãe. Papai veio a Nova York para estragar meu relacionamento com Romeo.

— Eu juro que não sabia, Julie. Na verdade, eu apoio esse namoro. Acho ele um gato.

— Mãe — falei, a repreendendo, mas depois soltei uma risada alta.

— Eu amo o seu pai, filha, mas esses homens da família Stone viram a cabeça de qualquer mulher. Apesar disso, jamais imaginei que você fosse se apaixonar por alguém como ele.

É, eu também não, pensei.

— Ele mudou muito depois que nos conhecemos, mãe. Parou de sair, assumiu as empresas da família, fica comigo nas horas vagas e ainda cozinha.

— Está apaixonada? — perguntou com um sorriso doce, daqueles que

aquecem o coração.

— Estou, mamãe, e muito! Não consigo imaginar minha vida sem ele.

Ela me abraçou e deixou um beijo na minha testa.

— Então lute por seu amor e pode contar comigo para o que precisar. Vou tentar convencer seu pai a voltar para Londres, ele tem que entender que você cresceu e deve fazer suas próprias escolhas.

Um peso saiu das minhas costas ao saber que minha mãe estava ao meu lado.

— Romeo vem falar com ele amanhã, vou precisar que me ajude.

— Pode deixar comigo.

Sorri feliz e esperançosa de que logo as coisas dariam certo e de que Romeo e eu, enfim, poderíamos ficar juntos.

CAPÍTULO 13

Julie

Acordei me sentindo a própria Elizabeth Bennet[4] ou uma de suas irmãs, ansiando pela autorização do patriarca da família para que pudesse ficar com meu escolhido. Sorri com a comparação, tentando maquiar o meu nervosismo aparente.

Combinei com Romeo que ele passaria no meu apartamento antes de ir para as indústrias Stone. Eu não aguentaria a gastura de esperar o dia todo.

— Acalme-se, filha — mamãe pediu, ajudando a fechar o zíper do meu vestido preto. Eu já estava pronta para ir trabalhar e nem sabia se teria um emprego depois que papai e Romeo se encontrassem.

— Onde ele está? — perguntei, ansiosa. Não o tinha visto desde a noite anterior, mas ele sabia que eu estava com Romeo e deveria estar furioso.

— Na cozinha, terminando de tomar café.

A campainha tocou e nós duas nos encaramos. Tinha certeza de que nunca havia sentido um nervoso tão grande.

— Vamos, mamãe, antes que meu pai abra a porta e as coisas fiquem feias.

Corri para a sala e minha mãe foi até a cozinha buscar o meu pai.

Assim que cheguei na porta, senti-me patética e envergonhada; Romeo deveria estar muito na minha para aturar tudo aquilo. Eu parecia uma adolescente que precisava da permissão dos pais.

— Uau! — falei ao abrir a porta e me deparar com ele, elegantíssimo em um terno preto. Os cabelos estavam penteados para trás e a barba aparada. Se não soubesse seu histórico, meu pai com certeza ficaria impressionado.

— Não é uma boa hora para ficar me olhando com cara de tesão.

Ele sussurrou e eu sorri.

— Então entre, a fera deve estar chegando.

Romeo passou por mim e caminhou até a sala. Meu pai apareceu no exato momento em que me virei em direção à cozinha.

— O que ele faz aqui? — perguntou, ríspido, e Romeo o encarou de frente, parecia tranquilo enquanto eu me sentia morrer por dentro.

— Deixe que eu respondo, Julie — ele me interrompeu quando abri a boca e deu dois passos na direção dos meus pais. — Romeo Stone, é um prazer — falou e estendeu a mão para meu pai, mas foi completamente ignorado. Minha mãe, por outro lado, salvou a situação, apertando a mão dele.

— Olá, Romeo, seja bem-vindo — falou, sorridente, e meu pai a fuzilou com o olhar.

— Estou aqui para descobrir por que eu o desagrado tanto e por que se opõe a que eu me relacione com sua filha.

Não sabia se era o melhor jeito de começar uma conversa, meu pai tinha milhões de argumentos contra Romeo Stone.

— Precisa mesmo perguntar? Sua vida pregressa diz muito sobre você e eu não quero que minha filha se relacione com um playboy. Apenas isso — papai disse, firme.

— Eu entendo. O meu passado realmente me condena, entretanto, eu não vivo mais lá. Talvez não acredite, mas devo a sua filha todas as mudanças que venho fazendo em minha vida e *isso* diz muito sobre mim. Não pretendo abrir mão dela.

Mordi o lábio, reprimindo um sorriso e todos ficamos olhando para o meu pai, esperando uma resposta. E, se eu bem conhecia a peça, ele não se deixaria convencer tão fácil.

— Acho louvável que esteja tomando jeito e assumindo suas responsabilidades. Mas infelizmente não acredito que isso vá durar muito tempo. Julie é o meu bem mais precioso e sei o que tipos como você podem fazer com uma garota como ela. Então, minha resposta continua sendo não. Ainda não acredito nessa mudança. Na verdade, não dou dois meses para você abandonar a presidência das Indústrias Stone e cair na noite.

No fundo, eu compartilhava daquele medo. Tinha receio de que a mudança dele não fosse permanente.

— Então peço que me dê o benefício da dúvida e não me julgue antes de eu errar. — Romeo estava apelando para um lado que meu pai apreciava e muito. Estava sendo humilde. E isso lhe daria muitos pontos.

— Eu conheço muito bem a minha filha e sei que, quanto mais obstáculos colocar, mais ela vai querer ficar com você. Mas se tem algo que aprendi nesses longos anos de vida, foi que certas coisas, nós temos que passar sozinhos, nada ensina melhor que nossos próprios erros. — Papai passou por Romeo e se aproximou de mim. — Se ficar com ele a faz feliz, então fique. Eu lavo minhas mãos. — Dizendo isso, ele deixou um beijo na minha testa e seguiu para o escritório.

Nós tínhamos conseguido o que queríamos, porém, não teve o mesmo gosto que imaginei. Meu pai não estava abençoando o nosso relacionamento e sim desistindo de lutar contra nós e havia uma diferença grandiosa, entre as duas coisas, mas era o que tínhamos.

— Nós já vamos, mamãe, converse com ele.

— As coisas vão ser resolver, logo ele vai perceber que está sendo cabeça dura, você não é mais um bebê.

Sorri e dei um beijo nela.

Romeo também se despediu e fomos para a empresa juntos. Falei pouco durante o caminho, as palavras do meu pai ecoando na minha cabeça. Será que

Romeo seria capaz de jogar tudo para o alto? Será que ele seria capaz de me magoar a esse ponto? As respostas para aquelas perguntas eu não sabia, mas já tinha embarcado naquele trem há tempo demais e seria impossível pular fora agora.

— Almoça comigo hoje? — Romeo perguntou e fiquei olhando para ele, tentando decifrar o que se passava em sua cabeça. Ele tinha falado com meu pai, mas em nenhum momento pediu para namorar comigo. Mesmo quando argumentava, usou a palavra relacionar em vez de namorar, e aquelas atitudes ainda pesavam. Romeo tinha dificuldade em rotular as coisas, ao contrário de mim, que gostava de saber exatamente onde estava me metendo.

— Almoçar onde? — perguntei, já saindo do carro no estacionamento subterrâneo.

— Na minha sala, assim economizamos tempo.

— Ótima ideia, obrigada.

Romeo entrelaçou os dedos aos meus e fomos em direção aos elevadores. No meu andar, nos despedimos com um beijo rápido.

Perto do meio-dia, fui ao toalhete e dei uma ajeitada no meu vestido e cabelos. Romeo não tinha me mandado mais nada, mas acreditava que nosso almoço ainda estivesse de pé. Peguei o elevador e subi até seu andar. A Sra. Rice não estava em sua mesa e acreditei que tivesse saído para almoçar.

Resolvi ligar para seu celular, não sabia se ele estava preso em alguma reunião e não queria atrapalhar. Ele não atendeu e aquilo confirmou minhas suspeitas de que estivesse ocupado.

Fiquei mais ou menos uns dez minutos sentada na poltrona de couro preto, batendo meu salto no mármore reluzente. Algumas risadas abafadas começaram a ecoar pelo andar e quando me virei, vi Romeo e Luna caminhando pelo enorme corredor, ainda alheios à minha presença. Levantei-me e fiquei observando enquanto ela gesticulava e falava alto, tocando o braço dele em dois

momentos.

— Mas aquele professor era muito insuportável, não sei como conseguimos passar nas provas finais… — Ela parou de falar e seu sorriso sumiu quando me viu.

Romeo olhou para a minha direção e deve ter percebido meu olhar de ódio mortal.

— Continuamos depois, Luna.

Ela acenou, meio sem jeito e se foi. Nessa hora percebi o quanto o vestido que usava era colado ao corpo, não deixando nada para a imaginação. Nada vezes nada.

— Desculpe não ter atendido, estava em reunião — falou, caminhando até mim.

— Por que não me disse que estudaram juntos? — inquiri, ríspida; o demônio do ciúme tomando conta de mim só de imaginar que ela passou anos ao lado dele, que saíram para beber juntos depois de uma aula chata e, provavelmente, já tinham transado.

Ahhhh, que raiva!

— Porque sabia que você ficaria com essa cara de assassina em série.

Tentei aplacar minha fúria

— Eu odeio todas as mulheres que te cercam, todas elas.

Ele gargalhou e me abraçou.

— Até a minha mãe?

— Não, ela não. Mas, se ela tiver uma amiga bonita, eu vou odiar do mesmo jeito.

— Minha ciumenta linda.

Não sabia se Romeo estava tentando me fazer esquecer aquele assunto ou se era apenas coisa da minha cabeça, mas ficaria de olhos bem abertos.

Apesar de tudo, nosso almoço foi descontraído, e quando voltei, fui direto para a minha sala, onde, para minha surpresa, encontrei Richard.

— Boa tarde, Julie, desculpe a invasão, precisei de algumas informações — ele disse e se levantou para me cumprimentar.

— A empresa é sua, não precisa se desculpar — falei, brincando e ele sorriu de um jeito charmoso. — Bom, do que precisa? Vamos começar? — perguntei e começamos a trabalhar.

Passamos a tarde resolvendo alguns assuntos e tinha que confessar que acabei me divertindo. Ele era inteligente, bonito e carente.

Entre uma conversa e outra, falou meio por cima sobre como era seu relacionamento com a ex-noiva e fiquei muito surpresa e bastante curiosa.

— Como assim ela não saía com você em público?

— Exatamente isso, Julie. Ela inventava umas coisas loucas e acabávamos sempre ficando em casa.

— E quanto tempo ficaram juntos?

— Dois anos. Contudo, aceito que o que aconteceu foi culpa minha. Ela sempre deixou claro que era apaixonada por outro cara, com quem havia estudado na faculdade, mas eu achei que conseguiria reverter as coisas e fazer com que se apaixonasse por mim. Depois que terminamos, tomei consciência de que ela não queria ser vista comigo em público para preservar sua imagem de boa moça para esse cara.

Nossa, pobre Richard.

— E você sabe quem ele é? Será que eles estão juntos?

— Sou bem amigo do irmão dela, mas ele nunca me revelou o nome desse cara, entretanto, na última vez que conversamos, alguns dias atrás, disse que ele a tinha convidado para trabalhar em sua empresa. Hoje, tenho certeza de que ela fez o que fez comigo com esperanças de que conseguisse conquistá-lo.

Um arrepio atravessou o meu corpo e todos os meus sentidos ficaram em alerta.

— Qual o nome dela, Richard? — perguntei com uma voz calma e despreocupada.

Ele ficou me olhando, como se estivesse decidindo, se me falava ou não e aquilo já confirmou as minhas suspeitas. Por fim, Richard soltou o ar com força, e acabou confessando:

— Luna Moran. Imagino que saiba quem ela é.

— Porra, Richard, onde quer chegar com essa história toda? Você estava na reunião comigo aquele dia e sabe que Luna é advogada de Romeo.

Ele ficou me olhando, provavelmente analisando se me contava o resto da história.

— Quando começamos a conversar, eu não tinha intenção de revelar nada, mas você descobriria de qualquer jeito, então mudei meus planos e achei melhor que soubesse logo.

Levantei-me da cadeira e comecei a andar pela sala.

— Quer dizer que sua ex-noiva é Luna Moran e, pelo que falou, ela é apaixonada por Romeo?

— Loucamente apaixonada.

Fechei os olhos me sentindo patética e enfurecida.

— Por que não me disse antes? Por que todo esse circo? — perguntei, furiosa.

— Tudo o que falei é verdade, mas não disse nada a princípio, porque não queria te deixar paranoica, revelando que Romeo Stone era o amor da vida de Luna. Mas fiquei com medo de que, depois que descobrisse, *me* acusasse de ter mentido. E não quero que sinta raiva de mim. Fui tão vítima quanto você.

Porra, eu não tinha um minuto de folga mesmo. Era uma pancada atrás

da outra e agora mais essa.

— Tudo bem, Richard, mas na reunião vocês agiram como se nunca tivessem se visto, eu jamais desconfiaria.

— Nós tínhamos um acordo silencioso que eu acabei de quebrar. Escute Julie, eu imagino como deve estar se sentindo agora, mas, por favor, tome cuidado. Luna pode ser bem perseverante quando quer alguma coisa. Fique de olho e não a subestime.

Aquela história estava meio confusa, mas me sentia agradecida por Richard ter quebrado o silêncio no último minuto e me falado a verdade.

Agora eu sabia que meu sexto sentido estava certo. Aquela lambisgoia estava louca para roubar o meu homem. Mas ela que me aguardasse. Luna Moran ainda não conhecia Julie Collins, mas iria conhecer.

CAPÍTULO 14

Julie

Naquela noite, voltei para casa tarde sentindo-me completamente atormentada. As coisas que Richard havia me falado ficavam martelando na minha cabeça.

Mais do que nunca eu precisava usar toda a minha esperteza para afastar aquela vaca de perto do meu Romeo. Se eu atacasse a vadia sem provas, ou a acusasse de estar planejando seduzi-lo, era provável que ele não acreditasse em mim e ainda ficasse do lado dela, o que seria um tremendo tiro no pé. Até porque ele parecia tratá-la como uma simples amiga. Todas as interações eram sempre mais exageradas da parte dela. Além disso, Romeo não era o tipo de homem que precisava ficar com alguém que não queria. Decidi que focaria naquilo, ou surtaria.

— No que está pensando? — A voz de Romeo me tirou dos meus pensamentos assassinos.

Meus pais tinham saído para jantar e eu subi para ficar com ele. Naquele momento, estávamos na sala de cinema vendo um filme de terror.

— Pensando que estamos perdendo tempo com esse filme idiota, ao invés de estarmos transando loucamente.

Romeo gargalhou, ele adorava quando eu dava uma de ninfomaníaca.

— Essa bocetinha não sossega nunca?

— Nunquinha — falei, mordendo os lábios e montando nele.

— Então eu vou dar um jeito de saciá-la.



— Posso entrar? — Richard perguntou, após bater em minha porta, que já estava aberta.

— Claro.

Ele se aproximou e deixou algumas pastas sobre a minha mesa.

— Aqui estão os primeiros relatórios. Não encontrei nenhuma irregularidade, o que é um bom sinal — falou, sorrindo.

Fiquei aliviada, meu pai tratava seus funcionários como filhos, seria um grande desgosto se descobrisse alguma coisa grave.

— Ótimo e no mais, tudo certo? — E lá estava meu lado que gostava de sofrer, em busca de informações.

— Ela me ligou ontem.

Senti um friozinho na barriga, mesmo sem citar nomes eu sabia que ela era *ela*!

— Ah, é? Pediu para voltar?

Diz que sim, pelo amor de Deus!

— Muito pelo contrário, implorou, mais uma vez, para que eu não fale nada. Eu lhe disse que, apesar do que ela havia feito, não tinha qualquer intenção de a embaraçar. E é verdade. Só abri o jogo, porque sinto muita simpatia por você, Julie e jamais deixaria que Luna fizesse qualquer coisa para prejudicar alguém. Eu achei que poderia levar essa consultoria adiante, sem ter que revelar nada. Mas não consegui.

— Confesso que fiquei confusa quando me contou, mas agora entendo seus motivos.

— Que bom. E como estão as coisas com o Stone?

Eu não me sentia à vontade para falar sobre a minha vida pessoal com qualquer pessoa. Mas Richard já havia me contado bastante coisa sobre si, então não vi mal algum em falar.

— Estão bem, ele ainda está alheio às tentativas de sedução da sua ex-noiva piranha.

Ele soltou uma gargalhada e eu tapei a boca com os dedos, feito criança que fala besteira.

— Desculpe, Richard.

— Não se desculpe, não falou nenhuma mentira.

— Eu não entendo como esse assunto não saiu em nenhuma revista ou jornal, essas coisas viram notícia logo. Sem contar que é uma grande coincidência vocês estarem trabalhando no mesmo edifício.

— A família dela é de uma cidade no interior do Texas, e ela insistiu para que nos casássemos lá. Na época, não gostei da ideia, mas, como o idiota apaixonado que era, acabei cedendo. E quanto ao fato de trabalharmos no mesmo edifício, tanto eu quanto ela estudamos muito para trabalhar nas melhores empresas, que no caso, estão sediadas aqui.

— Ah! Verdade. E não se interessou por mais ninguém desde então?

Ele negou, dirigindo-se à porta.

— Não e nem quero, vocês mulheres, são más, quero distância.

Sorri com o jeito que ele falou. Richard era a prova viva de que amor não matava. Ele podia não estar cem por cento, mas já demonstrava maturidade para lidar com uma tristeza tão grande e isso era louvável.

Antes de encerrar meu expediente, liguei para as Indústrias Stone para falar com Romeo, mas tive uma enorme surpresa ao saber que ele havia deixado recado com a secretária, pedindo para me avisar que ficaria até mais tarde com o pessoal do jurídico. Ou seja, com a vaca chamada Luna.

Ah, que ódio! Aquela filha da puta já estava colocando as manguinhas de fora.

Minha vontade era subir até o último andar e participar daquela reunião. Mas, obviamente, um homem como ele, não aceitaria aquele tipo de comportamento. Ainda mais sabendo meu histórico de louca ciumenta.

Pense, Julie. Pense!, falei comigo mesma, mas nenhuma ideia me ocorreu. Talvez toda aquela pressão estivesse fritando meus neurônios. Mesmo assim, eu precisava saber se aquela reunião era com o jurídico ou apenas com Luna e seu vestido colado.

Subi até as Indústrias Stone e quando não encontrei a secretária, supus que ela já deveria ter ido embora. As coisas estavam bem silenciosas por ali, então segui com calma até a porta do escritório. Eu estava prestes a entrar na sala dele sem ser anunciada e meu coração parecia uma escola de samba no peito. Girei a maçaneta e empurrei a porta com calma.

Romeo estava sentado e Luna debruçada sobre a mesa dele, quase esfregando aqueles peitos falsos na cara do meu homem.

Deus me ajude a não avançar nessa vadia!

— Julie?

Meus olhos saíram da vaca e foram direto para ele.

— Oi, Romeo, desculpe interromper, mas a Sra. Rice não estava, por isso entrei — falei, contida, mas ele sorriu, se levantou e foi até mim. Luna, por sua vez, se ajeitou e estava na cara que havia ficado sem graça.

— Não se desculpe, pode entrar quando quiser, precisa de alguma coisa?

Saia dessa agora, Julie! Que desculpa vai dar?

— Na verdade, sim.

Fiquei alisando a lapela do terno dele.

— Pois diga.

— Preciso de dinheiro ou de um cartão emprestado.

Romeo arqueou as sobrancelhas, certamente, sem entender por que uma pessoa rica como eu, precisaria do dinheiro dele.

— Com toda a confusão de hoje de manhã, acabei pegando a bolsa errada e vim para cá sem nada. Como não vou direto para casa, vim pedir socorro a você, amanhã eu devolvo.

— Ah, claro — Pegou a carteira, tirou um cartão preto e me entregou. — E onde vai? Não me disse que iria sair.

É, Julie, onde você vai?

Minha mente perturbada ficava me desafiando o tempo todo.

— Já que você vai trabalhar, vou a um *happy hour* com algumas pessoas da empresa — menti, descaradamente.

Pela cara que fez, minha notícia o deixou incomodado. Romeo era do tipo possessivo, que gostava de manter o controle até quando estava longe. E aquilo seria impossível de acontecer, se eu estivesse solta por aí.

— Vou estar em casa dentro de uma hora — ele disse, olhando para o relógio, mas soou mais como um alerta do tipo: esteja em casa dentro de uma hora.

— Ótimo, se eu chegar mais cedo, te aviso — falei, despreocupada e já ia me virando, quando me lembrei: — Ah, e qual é a senha?

Ele ficou me olhando como se eu tivesse duas cabeças, e não era para menos. Eu sairia com os meus funcionários, o que muito possivelmente incluía Richard, munida do cartão de crédito dele, que dava para comprar a cidade de Nova York.

— Eu te ligo quando sair daqui e passo para pegar você.

Lancei um olhar em direção a Luna. Nós duas estávamos cientes de que uma batalha silenciosa havia se formado entre nós e eu estava mais do que

disposta a vencê-la.

— Ótimo então, até depois.

Guardei o cartão dele na minha bolsa e dei um selinho em seus lábios. Quando fui me afastar, Romeo me puxou com força e invadiu a minha boca, possessivo, do jeito que eu adorava e com direito a plateia.

Ótimo!

— Nossa — falei baixinho quando nos afastamos. Os olhos de Romeo estavam em chamas. Ele me via como algo precioso e intocável; devia ficar no limite só de imaginar o que poderia acontecer, se eu conhecesse ou me apaixonasse por outra pessoa.

— Nos vemos daqui a pouco, certo?

— Certo. Quanto mais cedo… — deixei a frase em aberto e ergui uma sobrancelha, de modo sugestivo. Depois voltei a olhar para a vaca, que fitava o chão, em um claro protesto, por ter presenciado uma cena tão *caliente*!

Toma essa, vadia.

— A senha é 2807 e não vá beber muito, sabe que é fraca para bebidas.

— Relaxe, bonitão, só vou beber o suficiente, obrigada pelo cartão.

Ele sorriu e me deu mais um beijo rápido.

Eu poderia estar enganada, mas achava que aquela reunião que ela havia armado, não duraria mais meia hora. Romeo estava dividido entre cuidar dos negócios e da pequena Julie, que sairia para beber com os amigos e, provavelmente, ficaria bem alta, o que nunca era uma coisa boa, dado meu histórico. Vai que eu acabasse desmaiada em algum canto da cidade!

Sem fazer muito esforço eu havia gorado a reunião deles e ainda deixado meu homem, com a pulga atrás da orelha.

Um ponto para mim!

Claro que eu havia vencido apenas uma batalha, precisava agora de um

plano para tirar Luna de perto de Romeo e sabia exatamente quem poderia me ajudar.

Perambulei pelo shopping e exatamente trinta e cinco minutos depois de ter saído, meu celular tocou, e adivinhem quem era!

Romeo passou para me buscar e naquele momento estava preparando um jantar para nós dois. Enquanto ele cortava os legumes com a habilidade de um cozinheiro talentoso, eu bebia uma taça de vinho branco e analisava de que forma conseguiria ganhar o jogo silencioso contra Luna.

— Você já foi a fim da Luna?

Ele parou de cortar e levantou a cabeça, então abaixou novamente e respondeu:

— Não, Julie.

— Então vocês nunca tiveram nada?

— Luna não é esse tipo de mulher.

Remexi-me, desconfortavelmente, na cadeira.

— Como assim? — fingi não entender para saber o que ele iria falar.

— Luna nunca deu bola para nenhum dos caras da sala, e não foi por falta de tentativa. Mas sua resposta era sempre a mesma. Acredita que ela nunca namorou na vida?

Ahn? Aquela ariranha não falou sobre o noivo abandonado no altar?

— Sério, Romeo?

Fiz cara de surpresa.

— Se bobear, ainda é virgem. Vocês duas se parecem nesse sentido, não saem por aí dormindo com qualquer um. Acho isso admirável.

Dei um gole na minha bebida, que desceu rasgando.

Acorde, seu idiota, ela foi noiva por dois anos, acha que eles ficaram só beijando na boca esse tempo todo?

Era uma droga que eu não pudesse falar nada, pois estava cada vez mais irritada. A vaca estava se fingindo de boa moça e não seria eu que mancharia sua reputação. Mas aquilo não ficaria assim. Não mesmo!

— Imagino que ela deve ser bem inteligente, ou não a teria contratado.

— É, sim, sempre foi a melhor da turma, por isso está trabalhando comigo e tem se saído brilhantemente.

Ela queria brilhar na sua cama também, meu amor. Ahhhh, que ódio.

Eu não sabia de onde vinha tanto controle, mas precisava dar um jeito naquela vadia.

O celular dele tocou e ele se apressou em atender.

— Oi, posso falar, sim. — Ele deu um sorriso e um soco no ar. — Eu sabia que ia achar uma brecha. Você é a melhor, nos falamos amanhã.

Fechei os olhos, sentindo o ódio crepitar dentro de mim. Alguém tinha dúvidas de que era ela? No mínimo, a advogada brilhante, tinha conseguido alguma coisa impossível e Romeo parecia extremamente agradecido.

— Boas notícias? — perguntei e servi mais vinho em nossas taças.

— Ótimas, mas não quero falar de negócios. — Ele agarrou minha cintura, e me colocou sobre a bancada de mármore. Estremeci ao sentir a pedra gelada em contato com as minhas pernas através do tecido fino do vestido, por onde suas mãos se esgueiravam.

— E a comida? — perguntei, mordendo o lábio dele.

— Já está no forno, mas vamos começar pela sobremesa.

Dei um gritinho quando ele me jogou nas costas e caminhou em direção ao quarto.

A semana passou voando e meus pais, finalmente, voltaram para Londres. Apesar de ainda não ter aceitado o fato de eu estar com Romeo, meu pai parecia mais conformado. O bom era que agora já poderíamos sair em público sem problema.

Infelizmente Romeo teve que ficar em reunião com a vagabunda da Luna, mais uma vez. A única coisa que me mantinha calma, era que ele falava dela como se fosse uma amiga.

Claro que o fato de estarmos cada dia mais ligados também me tranquilizava. Nós havíamos dormido juntos todos os dias, ou no meu apartamento, ou no dele e eu tinha certeza de que Romeo estava apaixonado por mim. O problema era que eu sentia que ele não estava pronto para falar isso e dar um fim, definitivo, à sua solteirice.

Mas o grande problema era que o idiota não enxergava o que aquela filha da puta estava fazendo e isso estava me enervando.

Mas eu daria um jeito de abrir seus olhos ou não me chamava Julie Collins.

CAPÍTULO 15

Romeo

Mesmo exausto, prolonguei meu expediente para conseguir resolver os problemas de um contrato milionário.

Luna ficou comigo até às nove, quando decidi encerrar o expediente e ir para casa.

— Pode me dar uma carona? — ela pediu, colocando o blazer.

— Claro, vamos lá.

Durante o caminho, conversamos sobre coisas banais e rapidamente chegamos a um prédio próximo ao centro. Apesar de o edifício ser simples e não ter porteiro, era bonito, todo em tijolo aparente e muito bem localizado.

Nos despedimos e já estava a algumas quadras de distância, quando percebi que ela havia esquecido o processo que estudaria durante o fim de semana, então decidi voltar.

Quando liguei avisando que estava retornando para devolver o documento, Luna me passou o número do seu apartamento e pediu que eu subisse, pois estava exausta. Eu a entendia, a empresa estava exigindo bastante dela.

Estacionei o carro em uma rua próxima, entrei no pequeno edifício e subi um lance de escadas, parando em frente ao apartamento indicado. Apertei a campainha e, segundos depois, ela abriu a porta. Estava com os cabelos loiros presos em um coque, uma camisola preta decotada, que deixava os seios fartos à mostra e uma taça de vinho na mão.

— Desculpe-me por recebê-lo assim, mas quando me ligou, eu já tinha entrado no chuveiro, e não quis me vestir novamente.

— Não se desculpe, você está na sua casa.

— Entre, Romeo, e tome uma taça de vinho comigo. É a única coisa que me faz relaxar depois do trabalho.

Eu sabia que Julie devia estar me esperando, mas também estava tão cansado que resolvi aceitar seu convite.

— Meia taça — falei e antes de me sentar no sofá em ‘L’, observei sua sala. Apesar da fachada modesta, o apartamento era bonito, amplo e muito confortável.

Ela sorriu e foi até um pequeno bar no canto da sala, servir minha taça. Foi impossível não olhar para seu corpo através daquela camisola transparente. Luna tinha virado a cabeça de toda a nossa turma de direito e, nem mesmo com todo o meu dinheiro e fama, consegui levá-la para a cama. E olha que tentei bastante, mas Julie não precisava saber daquilo.

Ela me entregou a taça e se sentou ao meu lado no sofá.

— E ao que vamos brindar? — perguntei.

— Que tal às velhas amizades?

Sorri e encostei minha taça na dela.

— Às velhas amizades — repeti e tomei um gole.

Luna tinha um papo agradável e me fazia rir com frequência. Ficamos bebendo e lembrando dos tempos de universidade e, quando dei por mim, já era quase meia-noite. Eu tinha que ir embora.

Em certo momento da conversa ela disse que tinha feito uma tattoo nova, fiz a besteira de perguntar onde, então, ficou de pé e se colocou na minha frente, depois segurou a barra da camisola preta e subiu o tecido pelo corpo, ficando completamente nua. Meus olhos, imediatamente, se fixaram nos seios grandes e firmes que, provavelmente, nem eram naturais, de tão perfeitos. Desci o olhar pela barriga lisa e parei na boceta, completamente depilada. O corpo dela era incrível, um mulherão tipo capa da *Playboy*, que deixaria qualquer homem louco, e era exatamente o que estava acontecendo comigo naquele momento.

Ela se virou e me mostrou a tal tatuagem, uma pequena borboleta sobre o cóccix, logo acima de uma bunda redonda e perfeita.

— Luna… — tentei falar, mas ela se virou de frente, deu dois passos e montou no meu colo, entrelaçando os braços no meu pescoço, o que fez os bicos dos seios roçarem na minha camisa.

— Eu preciso de uma noite com você — falou num sussurro e tentou me beijar, mas afastei a cabeça e ela mordiscou meu queixo, encostando o corpo ainda mais no meu.

Sua pele estava quente, os lábios macios percorriam meu pescoço e queixo, numa verdadeira tortura. De repente, uma de suas mãos desceu através do meu peito e parou sobre meu membro, que já estava duro, louco para se libertar. Ela o massageou, gemendo e me fazendo gemer inconscientemente.

— Eu quero saber como é ser fodida por você. Não, eu preciso, Romeo, preciso sentir seu pau dentro de mim — murmurou, completamente rouca, e a boca sequiosa começou a chupar a ponta da minha orelha com delicadeza.

Puxei o ar com força, sentindo-me dividido pela primeira vez na vida. No passado, eu jamais recusaria uma mulher nua me pedindo para ser fodida, mas, naquela noite, Julie aparecia a todo momento nos meus pensamentos. Ela era tão perfeita e desde que entrou na minha vida, não senti a menor vontade de me envolver com outra mulher. Entretanto, eu tinha bebido um pouco e por mais que minha consciência gritasse, dizendo que aquilo era errado, meus sentidos estavam entorpecidos, ouvindo apenas uma parte do meu subconsciente, que afirmava que eu e Julie não tínhamos nenhum compromisso firmado, então, não teria problema algum. Ainda assim...

Meu dilema interno foi interrompido quando Luna pegou minha mão e a levou até o meio de suas pernas, onde encontrei sua boceta molhada, pronta para receber meu pau. Ela estava louca para ser possuída.

Sem conseguir me conter, massageei seu clitóris, o que a fez gemer ainda

mais, deixando-me completamente doido. Quando vi, minha outra mão apertava um dos seios macios e fartos, e ela se contorcia em cima de mim. Tirei a mão de sua boceta, afastei seu tronco um pouco para trás, apertei os dois seios, que definitivamente não eram naturais, e os abocanhei, um depois do outro, mamando e mordendo os bicos duros de tesão.

— Isso, Romeo, quero que faça comigo exatamente como fazia com as garotas da nossa sala. Quero que me foda com força, que me amarre e faça o que quiser, como eu sempre desejei, desde que estudávamos juntos.

Suas palavras fizeram o animal dentro de mim tomar conta do meu corpo e sem esperar mais nem um segundo, coloquei-a no acento ao lado e me levantei, já tirando minha gravata. Luna colocou as mãos para trás e eu, rapidamente, amarrei seus punhos às costas. Ela encostou o rosto no estofado e empinou a bunda para mim.

— Vem, Romeo, vem me foder.

Tirei a roupa imediatamente, peguei um preservativo na carteira, rolei pelo meu pau e agarrei seus quadris.

— Então é isso que você quer? Quem diria que a nossa advogada brilhante, gosta mesmo é de ser fodida. — Coloquei a cabeça do meu pau em sua boceta e o empurrei sem dó. Ele deslizou fácil e na mesma hora eu agradeci por ela não ser virgem.

— Hum, que delícia! — ela gritou quando a atingi bem no fundo. Sua boceta era quente e levemente apertada, mas não como a de Julie, acreditava que nenhuma boceta fosse igual a da minha inglesinha.

Lembrar dela fez um sentimento estranho invadir meu peito. Olhei para o que estava fazendo e na mesma hora, pensei que deveria parar com aquilo, quando ouvi Luna dizer:

— Bata em mim, Romeo. Mete seu pau enorme até o fundo da minha boceta e me xinga.

Aquilo me deixou maluco. Pelo jeito, minha advogada toda certinha gostava de um sexo mais selvagem. Estiquei o braço, agarrei uma mexa grande de cabelo e puxei com força, depois comecei a deferir tapas em sua bunda enquanto ela gemia, fora de si.

— Gosta de ser xingada, é, vadia? — Empurrei meu pau com força e ela gemeu alto.

— Sim, faça o que quiser de mim, eu sou sua.

A submissão de uma mulher, deixava qualquer homem louco.

— Vou foder essa boceta e depois esse cu e você só vai gemer, entendeu bem?

Ela balançou a cabeça enquanto eu socava dentro dela sem piedade, fazendo seu corpo chacoalhar com a intensidade das minhas investidas.

Eu estava louco e pela meia hora seguinte, a fodi de todos os jeitos que desejei. Na hora de comer seu cuzinho, nem sequer precisei de lubrificante, uma vez que a vadia estava completamente encharcada.

Dei apenas algumas estocadas e não demorou para ela se desmanchar em um orgasmo vigoroso.

— Gozou, vadia? — perguntei e continuei metendo, sem dó por mais alguns minutos. — Agora, venha aqui! — saí de dentro dela e tirei o preservativo, depois a puxei, colocando-a de joelhos na minha frente. Seu rosto estava vermelho e suado, os cabelos grudando na pele. — Vai me chupar até eu gozar e vai engolir tudo.

Ela passou a língua pelos lábios e se inclinou em direção ao meu pau, abocanhando a cabeça com vontade, sugando-o até o fim. Segurei firme em ambos os lados de sua cabeça e comecei a socar até a sua garganta, se Luna queria ser fodida, eu lhe daria o tratamento completo. Podia ver seus olhos lacrimejando, mas, ao contrário de Julie, dela eu não sentia pena, queria foder sua boca sem dó nem piedade e foi o que eu fiz, até não aguentar mais e rugir

alto, enchendo sua garganta com jatos potentes. Ela continuou me mamando até deixar meu pau completamente limpo e eu, exausto.

Afastei-me dela e caí no sofá, completamente esgotado. Coloquei a cabeça para trás e fechei os olhos para me recuperar.

Quando o êxtase pós-gozo se foi, olhei para a mulher ainda amarrada à minha frente, com os cantos da boca sujos do meu gozo e só então, realmente, dei-me conta da merda que eu tinha acabado de fazer!



Eu estava meio letárgica pelo sono quando senti o corpo de Romeo se aconchegando ao meu, a pele dele estava gelada e imaginei que devia ter tomado banho recentemente.

— Que horas são? — perguntei, sonolenta e senti seus lábios no meu pescoço.

— É tarde, volte a dormir — pediu e me abraçou.

Eu queria muito questionar por que ele tinha voltado àquela hora, mas acabei dormindo e só acordei de manhã, com Romeo distribuindo beijos pelo meu rosto.

— Acorde, meu anjo.

Sorri pelo jeito carinhoso com que me chamou. Ao abrir os olhos, dei de cara com um rosto lindo e sorridente. Ele me beijou de leve e perguntou:

— Com fome?

— Muita — falei, e no mesmo instante ele se afastou, pegou uma enorme

bandeja de café da manhã e a colocou na minha frente. — Tudo isso é por ter chegado tão tarde ontem?

Seu sorriso morreu e ele puxou minha cabeça para dar um beijo de molhar a calcinha.

— Me desculpe por ontem, eu não queria ter te deixado sozinha, mas quando vi…

Romeo parecia tão chateado que nem tive coragem de brigar.

— Está tudo bem, você me falou o quanto aquele contrato estava complicado. Espero que tenha resolvido.

Ele apenas balançou a cabeça e me beijou novamente. Então se sentou bem perto de mim, puxou a bandeja para que ficasse entre nós dois e tomamos café juntos. Romeo estava tão carinhoso e atencioso comigo, que até esqueci da piranha da Luna.

— E o que vamos fazer hoje? — perguntei quando estava terminando de secar meu cabelo. Ele me abraçou por trás assim que desliguei o secador.

— Vamos almoçar na casa dos meus pais.

Quase tive um mini infarto. Romeo iria me levar na casa de Alyssa e Harvey Stone? Aquilo só podia ser um sonho.

— Está de brincadeira comigo? — Virei-me de frente e abri um sorriso do tamanho do mundo.

— De jeito nenhum. Se arrume, eu a espero na sala.

Só Deus sabia o quanto eu estava eufórica. Romeo nunca tinha levado nenhuma mulher até a casa de seus pais e, se decidiu fazer aquilo, era porque as coisas estavam ficando mais sérias entre nós.

Escolhi um macacão branco de corte sofisticado e reto. Fiz uma maquiagem leve e prendi o cabelo em um coque, adorando o resultado final.

Romeo estava me olhando de um jeito diferente e durante o trajeto ficou

segurando minha mão o tempo inteiro.

— Nervosa, inglesinha? — perguntou, carinhoso, assim que paramos em frente à enorme porta da cobertura de Harvey Stone.

— Muito — fui sincera, estava sentindo uma ansiedade desconhecida me corroendo por dentro.

A porta se abriu e Alyssa surgiu sorridente.

— Não acredito que vocês vieram mesmo — ela disse, abraçando o filho.

— Sou um homem de palavra — ele rebateu de bom humor e Alyssa me abraçou.

— Podem entrar, Harvey está no escritório, mas daqui a pouco se juntará a nós. Vamos para a área externa.

Alyssa usava um vestido violeta na altura dos joelhos, com decote quadrado e, como sempre, estava linda e elegante.

— E a Louise? — Romeo perguntou assim que nos acomodamos.

— Está em Las Vegas com as amigas.

Ele lançou um olhar reprovador para mãe, como se falasse: enquanto eu trabalho, ela se diverte, e ninguém fala nada.

— Julie, Harvey disse que seus pais estão na cidade. E aí, resolveram as coisas?

Romeo se mexeu, desconfortavelmente, na cadeira e fiquei sem entender o porquê daquilo. Tudo bem que meu pai não era seu maior fã, mas as coisas estavam estáveis entre nós.

— Resolvemos, sim, ele acabou aceitando — limitei-me a dizer e arranquei um doce sorriso da mãe dele.

— Eu vou atrás do coroa. — Romeo se levantou, deu-me um beijo e entrou.

Alyssa esperou que ele sumisse dentro da cobertura e sentou ao meu lado.

— E então, como estão as coisas? Pelo jeito, ótimas, nem acredito que ele a trouxe aqui.

— Não sei, Alyssa, está tudo bom demais, que fico até desconfiada.

O sorriso dela sumiu, como se soubesse exatamente o que eu estava passando.

— Julie, eu sei que os homens Stone são difíceis de lidar, são possessivos e ainda há o kit piranha que vem junto com eles.

Gargalhei com suas últimas palavras e ela continuou:

— Tive as mesmas inseguranças que você, comi o pão que o diabo amassou nas mãos de um Stone, mas no final, valeu a pena. Entretanto, se pudesse voltar no tempo, não teria sido tão submissa. Harvey Stone era o meu sonho se tornando realidade, então, ele fazia o que queria comigo e eu aceitava. Acredita que o sacana me trocou por um amor de adolescência? — ela falou em tom de brincadeira, mas dava para perceber que a tinha magoado muito. — Eu fiquei muito mal, achei que fosse morrer de tristeza. Mas aquilo me fez acordar e, em vez de me entregar, larguei tudo e fugi, deixando Harvey quase louco atrás de mim.

Ela riu ao se lembrar daquilo, e havia uma certa perversidade em seu olhar.

— Quando finalmente me encontrou, eu já tinha amadurecido muito e não aceitaria mais ser subestimada. Concordei em voltar com ele, mas deixei bem claro que era eu quem daria as cartas. Porém, para chegar a esse ponto, tive que passar por poucas e boas.

Senti um nó se formar na garganta só de imaginar que eu poderia passar o mesmo. Não sabia o que iria fazer se Romeo aprontasse comigo e esperava que aquilo não passasse de pai para filho. Alyssa percebeu minha tensão, pois falou:

— Não fique assim, querida, Romeo já a escolheu, só não se deu conta ainda.

Sorri, esperançosa, eu gostava muito de Alyssa e pedia a Deus que as

coisas entre mim e Romeo continuassem indo bem.

Vários minutos depois, Harvey e Romeo apareceram e fiquei meio que babando. Eles se pareciam muito, eram dois homens lindos. Mesmo com uma faixa etária tão diferente, era perturbador vê-los juntos.

— Lindos, *né*? — Alyssa cochichou enquanto eles estavam distraídos, falando sobre negócios.

— Muito — confirmei, já que fui pega em flagrante.

Logo os homens se juntaram a nós e o dia não poderia ter sido melhor. Os pais dele eram tão divertidos que nem vi o tempo passar. Era uma pena que Louise nunca estivesse em Nova York, gostaria muito de conhecê-la.

— E aí, gostou deles? — Romeo perguntou quando entramos no carro para ir embora.

— Sim, Alyssa é um amor e o seu pai, um gato.

Ele gargalhou.

— Devo me preocupar?

— Não, eu só tenho olhos para você.

Como os prédios eram bem perto um do outro, em poucos minutos estávamos na cobertura de Romeo. Ao entrarmos, em vez de nos dirigirmos ao quarto, Romeo me puxou para a área externa. Ele ficou me encarando com olhos brilhantes e me beijou de forma intensa e apaixonada. Depois me virou e se posicionou atrás de mim, apertando-me em seus braços, e ficamos contemplando a maravilhosa vista de Nova York.

— Venha comigo — falou depois de algum tempo e se sentou em um dos sofás que ficavam na varanda, colocando-me em seu colo. O sol estava se pondo e alguns raios atingiam nossos rostos, o clima estava gostoso e eu me sentia extremamente feliz.

— Fale, meu Romeo.

Ele deu um sorriso que alcançou os olhos, fazendo meu coração ficar apertadinho.

— Sei que estamos há pouco tempo juntos e que as coisas aconteceram rápido demais, mas, bem, eu sei que isso é importante para você.

— Sem rodeios, Romeo! Vá direto ao ponto.

Ele desviou o olhar e o fixou no Central Park à nossa frente. Quando voltou a me encarar, falou à queima roupa:

— Julie, você quer namorar comigo?

Sentia como se meus olhos tivessem saltado do rosto e rolado pelo piso de mármore.

— Quê? — falei, ainda desconfiada e ele sorriu.

— Isso mesmo que ouviu, quero que seja minha namorada. Eu me sinto diferente quando estou com você, sinto-me feliz e quero me sentir assim sempre. Demorou, mas percebi que quero você na minha vida. E então, o que me diz?

Namorar Romeo Stone deixou de ser uma simples pretensão para se tornar um sonho que estava se realizando naquele exato momento.

— Você demorou todos esses dias para oficializar o nosso relacionamento e ainda acha que eu vou recusar? — questionei e o rosto dele se iluminou com aquele sorriso que eu amava.

A sensação de felicidade que eu sentia naquele momento, era indescritível. Eu estava inegavelmente apaixonada por Romeo e tinha acabado de ser pedida em namoro.

Passamos o resto do fim de semana juntos, fazendo o típico programa de casais com filmes, séries e *muito* sexo, evidentemente, e eu não poderia estar mais feliz.



— Quer dizer que você e Romeo estão namorando? — Lisa perguntou enquanto trabalhávamos na sala de reuniões.

— Sim. Eu fiquei tão surpresa, jurava que isso não aconteceria tão cedo.

— Nossa, ainda bem que aconteceu, vocês combinam demais. Estou feliz por você.

Sorri para ela. Conseguia sentir verdade em todas as coisas que ela me falava.

— E Connor? — perguntei para mudar de assunto e Lisa fez uma careta estranha.

— Já abandonei essa ideia maluca de querer ficar com ele.

— Tem certeza? — Não tinha sentido muito entusiasmo da parte dela.

— Tenho, sim. Ele não é homem para mim e estou feliz por ter entendido isso logo.

Eu sabia que Lisa comparava o status social dos dois, achando que seria impossível dar certo e eu ficava numa situação difícil. Tinha medo de incentivá-la a ir atrás e ela acabasse sendo magoada por ele, então, resolvi que, por hora, não falaria nada.

Mais um dia de trabalho se foi, e no final do expediente, subi até as Indústrias Stone para buscar Romeo. Daquela vez, a Sra. Rice estava por lá e pediu que eu aguardasse alguns minutos. Sentei-me em uma das poltronas, mas não demorou muito para a porta do escritório se abrir e Luna sair de lá com cara de choro. Ela passou voando por mim e eu nem me dei ao trabalho de abrir a boca para falar alguma coisa.

— Pode entrar, querida — disse a secretária em tom simpático.

Sorri, peguei minha bolsa e entrei. Romeo estava em pé, de costas para mim, admirando a vista de Nova York.

— Oi — falei e ele se virou, seu semblante estava sério e preocupado, mas se suavizou ao me ver.

Ele tirou as mãos dos bolsos e caminhou até mim.

— Que bom te ver, minha princesa.

Eu, princesa? Sorri, achando fofo, e ele roçou nossos lábios.

— Já estava com saudades — externou e me abraçou.

Eu não sabia explicar o quanto aquela nova fase me agradava. Romeo estava tão amoroso e cuidadoso comigo, e eu só queria que as coisas continuassem assim.

— Também senti sua falta. Você já está livre? — perguntei.

— Estou, sim, vamos embora — ele pegou sua valise, entrelaçou os dedos aos meus e me guiou para fora. Nos despedimos da Sra. Rice e fomos em direção ao elevador.

— O que houve com a Luna? Ela passou por mim na recepção, parecia furiosa.

Ele voltou a exibir uma carranca.

— Ela foi transferida e acho que não gostou muito disso.

Eu fiquei boquiaberta. Era como se tudo o que eu pedi ao universo estivesse acontecendo em dobro.

— Mas ela parecia tão competente — comentei e olhei para ele.

— E é, mas precisamos dela em outra filial, espero que ela entenda.

Eu ainda não conseguia acreditar que a única coisa que ameaçava o meu romance com Romeo estava indo embora. Mas ainda que estivesse feliz, alguma coisa me dizia que havia algo errado. Entretanto, preferi não me preocupar, se começasse a colocar caraminholas na cabeça, acabaria estragando a minha

própria felicidade. Mesmo assim, rezei para que meu sexto sentido estivesse errado.



Eu estava inegavelmente apaixonado.

Nunca havia conhecido uma mulher tão inteligente, doce, divertida e que me completasse de tantas formas diferentes. Julie era tudo o que sempre sonhei, reunida em uma pessoa só. Eu sentia um vazio estranho quando ela não estava por perto e não queria, na verdade, não conseguia ficar longe.

E depois da merda que fiz com Luna, aquela sensação aumentou consideravelmente.

Eu tinha agido por impulso e pensado apenas com a cabeça do meu pau, como acontecia com tantos machos traidores por aí. Luna me seduziu e pela forma como falou, achei que só queria realizar uma fantasia antiga e que tudo aquilo ficaria esquecido, mas ainda me lembrava de seu olhar apaixonado quando estava saindo de seu apartamento.

Depois que tudo aconteceu e pude esfriar a cabeça, tive certeza de que ela havia esquecido o documento no carro exatamente para que eu voltasse. Por isso também me recebera apenas de camisola e o imbecil aqui, caiu direitinho.

No dia seguinte, ela me mandou várias mensagens dando a entender que queria continuar comigo, mesmo eu estando com Julie. Se fosse em outra época eu certamente aceitaria. Mas não conseguia continuar me enganando, eu não queria estar com mais ninguém além de Julie Collins, queria ser dela por inteiro.

Aquela garota me pegou de um jeito que eu não conseguia me ver com outra mulher. Mas como sempre acontecia, precisei provar do fruto proibido para me dar conta do que era importante. Por essa razão, desliguei meu telefone no fim de semana, não deixaria que Luna estragasse a nossa felicidade.

Porque os homens eram tão idiotas? E como eu não havia percebido que a mulher estava tão na minha? Será que todos os foras que ela me deu na universidade tinham me deixado disperso de todas as coisas que estavam tão óbvias?

Essas e outras questões eu não sabia responder, tudo o que sabia era que, tomado pelo pavor de ser descoberto, acabei transferindo Luna para outra filial. Eu não queria fazer aquilo, e, certamente, não teria feito se ela não tivesse aparecido na minha sala logo cedo, na segunda, se pendurando no meu pescoço e dizendo coisas totalmente infundadas.

Depois que consegui que ela saísse, passei o dia cuidando de sua transferência e a chamei em meu escritório no final da tarde para lhe falar a minha decisão.

Como era de esperar, ela ficou inconformada, chegou a prometer que esqueceria nossa noite de sexo, e que começaríamos do zero, mas dava para ver o desespero estampado em seu rosto, ela não desistiria. Luna estava apaixonada e se Julie não existisse, eu provavelmente ficaria com ela por algum tempo, mas não agora, não havia lugar para outra mulher em minha vida.

Por isso, a sensação de culpa e o medo avassalador que senti logo após aquela foda sem sentido, continuavam me corroendo. Eu estava morrendo de medo que Julie descobrisse, porque se isso acontecesse, eu perderia a única coisa importante que eu tinha na minha vida.

Minha garota podia estar perdidamente apaixonada por mim, mas tinha personalidade forte e jamais perdoaria uma traição, e se ela me abandonasse, eu não saberia como reagir.

Mas, mais do que isso, apesar da merda que eu fiz, eu não queria magoá-la, não sabia como lidaria se fosse eu a causar algum sofrimento à mulher por quem estava apaixonado, razão pela qual, estava rezando para que ela não descobrisse, para o bem de nós dois.

CAPÍTULO 16

Julie

Durante as semanas que se seguiram, Romeo se mostrou o homem mais intenso e carinhoso que já conheci na vida. Nossa rotina continuava a mesma, e até saímos algumas vezes com os amigos dele, os que também tinham namorada, é claro.

Romeo agora vivia para as Indústrias Stone e para mim. Até mesmo meu pai, em nossa última conversa, admitiu estar impressionado com a transformação dele, mas que ainda não estava convencido que essa mudança milagrosa duraria para sempre.

Richard continuava trabalhando na auditoria dos nossos bancos e, sempre que dava, almoçávamos juntos. Ele não tocou mais no nome de Luna, e eu, não perguntei.

Tudo estava perfeito, e não me lembrava de já ter sido tão feliz.

— Romeo, Connor está saindo com alguém? — perguntei enquanto ele guiava o carro pelas ruas de Nova York.

— Claro que sim, toda semana tem uma diferente — falou e eu revirei os olhos.

— Tipo você, antes de me conhecer.

Ele sorriu e confirmou:

— Isso, tipo eu.

— Acho que Lisa é meio a fim dele, mas não tem coragem de ir atrás, sabe. Pensei que pudéssemos dar uma forcinha.

— Claro; o que sugere?

Desafivelei o cinto e desci do carro assim que Romeo estacionou na garagem do nosso prédio.

— Uma viagem entre amigos, só nós quatro, você acha que ele toparia?

— Acho que sim, vou providenciar isso.

Subimos abraçados e felizes. Se tudo saísse conforme o combinado, logo minha amiga estaria com Connor.

Durante a semana Romeo fez os arranjos para que pudéssemos viajar, então minha assistente estava muito ansiosa e me pediu vários conselhos.

Obvio que a ajudei, pois já a considerava uma amiga, além de facilitar minha vida no trabalho, Liza era uma pessoa adorável.

Na sexta-feira ela já foi de mala e cuia para a empresa e de lá seguimos direto para o hangar onde estava o avião de Connor.

Ele queria nos levar para conhecer uma das fazendas da sua família.

— Meu Deus, Julie, eu não sei o que falar nem o que fazer — Lisa cochichou, enquanto Romeo e Connor conversavam. Ash também tinha ido, mas não estava com Sandy e sim com outra garota, uma ruiva de olhos verdes, muito bonita. Eles ficavam o tempo todo se agarrando, pareciam cachorros no cio.

Ver Ash me fez lembrar de Sandy, imaginei se ela iria atrás de mim para se lamuriar.

— Lisa, apenas seja você mesma, não tente ser outra pessoa para conquistá-lo.

Ela segurou minha mão e sorriu de nervoso. Desde que chegamos ao aeroporto, percebi que Connor a olhava de um jeito diferente. Para dizer a verdade, parecia que ele nem lembrava de que ela estivera em Mônaco comigo, mas tinha gostado do que via, pois foi bem atencioso. Graças a Deus ele foi super respeitoso comigo e entendi que os amigos tinham algum código de honra: um não dava em cima da namorada do outro.

Chegamos à fazenda no final do dia e pelo pouco que consegui ver, o lugar parecia incrível. Fomos direto para os nossos quartos e mal tinha passado pela porta, quando Romeo me prensou contra ela.

— Ei!

— Nada de ei, eu quero você — sussurrou no meu ouvido.

— Mas nós já transamos hoje de manhã *e* antes de ir para o aeroporto.

— Sim, mas quero de novo; não me canso desse corpinho gostoso.

Sorri e fui ficando excitada com a forma como ele se esfregava em mim.

— Está bem, garanhão, você venceu.

— Como se fosse muito difícil de convencê-la. Sua bocetinha está sempre me querendo.

Nós dois rimos e ele me jogou na cama.

— Ei, Romeo, o pessoal está descendo para beber um vinho e curtir uma lareira. Estão dentro? — Connor perguntou, do lado de fora da porta.

Romeo fechou os olhos e disse um palavrão baixinho.

— Claro, descemos em dez minutos.

— Salva pelo Connor — sussurrei nos lábios dele.

— Quem disse que você foi salva?

Senti a mão dele alisando minha coxa e subindo meu vestido.

— Vai conseguir me fazer gozar em dez minutos? — perguntei desdenhosa e gemi quando os dedos dele ultrapassaram o limite da minha calcinha.

— Em cinco, talvez.

Comecei a rebolar em seus dedos e gemi baixinho entre seus lábios, que me devoravam viva.

Ele tirou o membro da boxer com uma habilidade de mestre e, dois segundos depois, eu já estava completamente preenchida por aquele mastro

quente e macio.

— Eu não me canso disso — ele falou entre meus lábios e empurrou até o fundo.

— Isso, assim — estimulei, delirando, enquanto Romeo chupava meus seios com vontade, deixando-os vermelhos e pesados.

— Vou foder essa bocetinha o fim de semana inteiro, entendeu bem, Julie?

Senti seus dedos se infiltrando em meus cabelos e segurando firme.

— Sim, meu Romeo.

Ele sorriu safado e voltou a me penetrar com estocadas fortes, que faziam meu corpo se arquear em busca de mais prazer. Chegamos ao orgasmo juntos e ficamos na cama, exaustos e satisfeitos, até Lisa bater à porta e dizer que todos estavam à espera.

Tomamos um banho rápido e quando descemos, fomos recebidos por gargalhadas e piadinhas; todos sabiam exatamente o que estávamos fazendo.



Acordamos cedo no dia seguinte e as empregadas de Connor nos serviram um típico café da manhã da fazenda. Depois do desjejum, os rapazes decidiram caminhar pela propriedade, enquanto eu e Lisa fomos para a piscina.

— Meu Deus, Lisa, olha aquilo!

Nós duas rimos quando a tal Sarah apareceu na área da piscina. Ela usava um biquíni vermelho que mal cobria os bicos dos seios enormes.

— Porque será que Ash e Sandy terminaram? — Lisa perguntou.

— Sandy não é uma pessoa fácil de lidar e, pelo visto, Ash não tem muita paciência; ele só quer alguém para transar e Sarah parece gostar bastante disso.

Lisa gargalhou.

— Você é má, Julie.

Sarah ficou do lado oposto ao nosso na piscina, demonstrando, claramente, que não queria se misturar.

Romeo, Ash e Connor apareceram um tempo depois, todos usando sunga preta. A visão era bem perturbadora.

— Você aceitaria sair com mais de um homem? — Lisa perguntou, fazendo-me franzir a testa em dúvida.

— Como assim, tipo Romeo e mais um cara? Transar com os dois?

— Isso mesmo.

— Jamais! Não que eu desaprove a ideia de transar com dois caras, acho super excitante, mas porque daria a Romeo o direito de transar com duas mulheres e isso eu não aceitaria.

Ela sorriu e paramos de falar quando Romeo se inclinou para me dar um beijo.

— Vou pegar uma bebida, querem alguma coisa?

— Suco para mim e cerveja para Lisa — falei e ele se foi.

— Então, se você não tivesse o Romeo, você até faria algo assim.

— Se tivesse a motivação certa, sim — falei, achando aquela conversa meio louca. — Mas por que está perguntando isso?

Lisa olhou para os lados e voltou a me encarar.

— A ruiva transou com os dois ontem, Ash e Connor. Eu desci para beber água e estaquei quando a vi sendo comida pelos dois e, Julie, minha amiga, eu nunca tinha ficado tão excitada na vida.

Minha boca foi ao chão.

— Está de brincadeira comigo! Achei que vocês dois iam passar a noite juntos, ficaram conversando quando nós subimos.

— Sim, ficamos, mas eu estava muito nervosa e ele não forçou, então logo nos despedimos. Depois, quando voltei para beber água, vi a cena mais perturbadora da minha vida.

As palavras de Lisa me fizeram pensar em como seria um sexo a três e a ideia de dois homens me tocando foi bem excitante, mas logo tirei aquilo da cabeça, pois jamais dividiria o meu Romeo com outra mulher.

— Mas e aí, você teria coragem? — perguntei, pois ela parecia fascinada com a ideia.

Lisa deu de ombros, depois olhou para Connor e Ash, que a olhavam de volta, como se ela fosse uma deliciosa torta de morangos com Chantilly. A ruiva já tinha ido para o espeto no dia anterior e parecia que Lisa seria o alvo deles naquela noite.

— Sempre achei que não, mas depois de ontem, não posso negar que fiquei curiosa.

Nós duas rimos.

— Ei, seu telefone está tocando — Lisa apontou para o celular que eu tinha colocado no chão, em cima da saída de praia.

Olhei na tela, mas não reconheci o número, ainda assim, atendi.

— Alô.

— Oi, Julie, é Luna Moran, tudo bem?

Olhei para Lisa e fiz cara de surpresa.

— Oi, Luna, tudo. Precisa de alguma coisa?

Eu não sabia como ela havia conseguido o meu número, mas estava mais curiosa para saber o que ela queria.

— Na verdade, sim. Estou trabalhando dia e noite em um contrato bem importante das Indústrias Stone e não consigo falar com Romeo, imagino que ele deva estar com você.

Então era isso, a piranha queria falar com Romeo. Eu nunca mais havia tido notícias dela, então imaginava que devia ser muito importante ou ela jamais ligaria para o meu celular.

— Estamos juntos, sim, vou passar para ele.

Levantei-me e dei de cara com Romeo, que vinha com nossas bebidas nas mãos e um sorriso no rosto.

— Ligação para você, é Luna Moran.

O sorriso dele sumiu no mesmo instante.

— Mas o que ela quer? — perguntou, irritado.

— Falou algo sobre um contrato importante e que não está conseguindo falar com você.

Peguei a cerveja e o suco das mãos dele e lhe entreguei o celular.

Romeo atendeu e se afastou alguns metros. De onde estava, conseguia ver em suas feições o quanto ele ficou tenso com a ligação.

Alguma coisa estava acontecendo e eu teria que descobrir o que era, nem que procurasse a própria Luna para saber.

Após a ligação da advogada, Romeo ficou estranho por algum tempo, mas depois voltou ao normal e entrou no clima da fazenda. Passamos a tarde na piscina, bebendo e conversando animadamente, exceto pela tal da Sarah, que já estava ficando visivelmente incomodada com os olhares que Ash e Connor lançavam para cima da minha amiga.

— Você sabia que houve sexo a três ontem à noite?

Cochichei no ouvido de Romeo e ele engasgou com o gole de cerveja.

— Como você soube? — Então o filho da mãe já estava por dentro da orgia e não me disse nada. — Ai, Julie — ele reclamou do tapa estalado que dei em seu braço.

— Vai me dizer que também desceu para beber água e viu seus amigos

fodendo a ruiva do sexo?

Romeo gargalhou e me abraçou dentro da água.

— Eles me falaram hoje de manhã. Ela participa do mesmo clube de sexo que eles. Ash e Connor vivem nessas orgias.

Estreitei meus olhos.

— E você, Romeo?

— O que tem eu?

— Já participou de alguma festinha com eles?

— Na verdade, sim, mas só na universidade e com desconhecidas.

— Hum, acho bom mesmo.

— E você, Julie, teria coragem? — perguntou e ficou me encarando, como se imaginasse como seria me dividir com outro homem. E o jeito que ele me apertou junto ao seu corpo demonstrou que não tinha gostado nada da ideia.

Engoli em seco e senti ao pau dele nas minhas coxas.

— Não, é evidente que não — respondi, de imediato.

— Acho bom mesmo — me imitou —, eu enlouqueceria se você fizesse isso. Jamais aceitaria dividir você com outro cara.

Eu o beijei, amando sua resposta.

Enquanto continuávamos conversando em um canto da piscina, Ash, Lisa e Connor estavam do lado oposto. Eles começaram bebendo cerveja, mas já estavam no gim e eu tinha certeza de que aquela brincadeira, muito provavelmente, terminaria na orgia que os três tanto queriam.

Eu havia falado a verdade a Romeo, mas apenas em partes. Na circunstância em que me encontrava, aquilo era impensável, mas se estivesse solteira e uma proposta daquele tipo aparecesse, eu ficaria muito tentada. Toda aquela conversa me deixou morrendo de curiosidade para saber como seria um sexo a três; com dois homens, porque de mulher, eu queria distância.

De repente, Sarah se levantou e saiu bufando; imaginei que havia se cansado de ser ignorada pelos dois.

— Vamos sair da água, já está meio frio. Além disso, estou com fome — falei para o meu namorado alguns minutos depois, já estava anoitecendo e eu precisava de um banho quente.

Seguimos para dentro e Romeo falou para eu ir tomar banho, enquanto ele preparava algo para comermos. Quando desci, havia dois sanduíches enormes, além de suco e café em cima da mesa.

Após terminarmos, foi minha vez de falar para ele ir tomar banho, enquanto eu avisava a Lisa que ficaríamos no quarto aquela noite. Para minha surpresa, quando voltei à piscina, ela, Ash e Connor haviam sumido. Pelo jeito, os rapazes a tinham convencido de fazer alguma coisa. Como não estavam dentro de casa, saí à procura deles.

Fui até uma sala de jogos que ficava perto da área de lazer. O lugar era todo em vidro fumê e através de uma pequena fresta na janela, eu os vi. Connor estava sentado em um sofá com Lisa em seu colo, meio de lado e os dois se beijavam enlouquecidos. Então um Ash completamente nu e excitado se aproximou, desamarrou a parte de cima do biquíni dela e abocanhou um de seus seios, ao mesmo tempo em que se masturbava.

Lisa se retorceu e gemeu na boca de Connor, e quando desci o olhar, vi que a mão dele estava dentro de sua calcinha.

Nossa, nunca tinha me sentido tão excitada na vida. Eu amava Romeo, mas conseguia me imaginar no lugar dela, não com dois amigos dele, mas com dois estranhos, talvez.

Minha vontade era de ficar ali, a noite toda, deliciando-me com aquela imagem, mas logo Romeo sentiria minha falta e sairia à minha procura. Não seria nada legal ele me pegar espiando seus amigos fazendo uma orgia com a minha amiga.

Lisa, sortuda, dando para dois gatos!

Voltei para o quarto morrendo de tesão e doidinha para dar. Romeo estava saindo do banho e percebeu logo.

— O que houve, anjo, por que essa carinha de sapeca?

Passei a língua pelos lábios.

— Preciso de sexo — falei, tirando a toalha da cintura dele e jogando longe.

— Ah, é? — Ele me puxou para si e arrastou os dedos pela minha coluna.

— Sim, sexo bem selvagem.

— É só falar como você quer; sou seu escravo.

Ri de nervoso.

— Tipo o sexo do Sr. Grey com a Anastácia.

Ele gargalhou e me apertou.

— Eu sei quem são, mas estou em desvantagem, não costumo ler romance erótico.

Revirei os olhos.

— Qual é, Romeo, qualquer cara sabe amarrar uma mulher e dar umas palmadas.

Seu olhar, de repente, ficou perdido, como se estivesse lembrando de alguma coisa.

— O que foi, falei alguma coisa errada? Você não gosta?

Ele negou.

— Não, nada de errado, e com você, eu gosto de tudo. Venha, minha Anastácia inglesa, vou realizar seus desejos essa noite, mas não reclame da bunda ardida amanhã.

Sorri e me pendurei no pescoço dele. Pelo visto, aquela noite seria bem

divertida.

CAPÍTULO 17

Julie

Depois da noite completamente insana que tive com Romeo, estava doida para encontrar com Lisa e saber detalhes do que havia rolado com ela e os amigos do meu gato.

Desci e encontrei Connor na cozinha, mas pela cara dele, a noite não tinha sido tão boa assim.

— Bom dia, Connor, você viu a Lisa? — perguntei e me sentei em um dos lugares vagos.

Ele apontou o dedo para cima.

— No quarto de Ash.

Arregalei os olhos e fiquei sem chão. Se Lisa era a fim de Connor, por que diabos foi para o quarto de Ash?

— Ah, tá — falei, sem jeito, e me servi.

Minutos depois, Romeo e Ash apareceram, eles estavam conversando animadamente, mas ficaram em silêncio quando chegaram à cozinha.

Romeo pegou o sanduíche do meu prato e me olhou com o semblante divertido, antes de dar uma mordida. Estava sabendo de alguma coisa e eu tinha certeza de que tinha a ver com o trio da orgia.

Tomamos café em um silêncio constrangedor e dei graças a Deus quando Ash e Connor subiram para seus quartos.

— Pelo amor de Deus, *me* fale o que está acontecendo — implorei a ele.

— Sua amiga arrematou o coração dos dois; nunca os vi brigar por mulher. E olha que eles compartilham há muito tempo.

Arregalei os olhos e depois soltei uma gargalhada.

— Está de brincadeira comigo?

Ele negou.

— E ela ainda preferiu passar a noite com Ash. Pensa como Connor ficou. Elas sempre o preferem, e quando Lisa fez o oposto e escolheu Ash, de certa forma, ganhou os dois.

Gargalhei mais uma vez. Ou Lisa foi muito esperta, ou escolheu Ash sem saber que daria um nó na cabeça deles.

Voltamos para Nova York no final do domingo e o clima não poderia ser mais estranho. Lisa ficou conosco o tempo todo. Mas talvez tenha se arrependido, já que Romeo ficou fazendo brincadeiras idiotas, coisas que a deixavam sem graça e despertavam a fúria de Sarah, que dessa vez, ficou completamente esquecida.

Quando chegamos ao aeroporto, Ash e Connor se desentenderam mais uma vez, pois os dois queriam levar Lisa em casa, então, para acabar com a briga, eu e Romeo nos encarregamos disso.

— E aí, ela revelou o segredo? — Romeo perguntou assim que entramos na cobertura e eu revirei os olhos.

— Disse que não fez nada de mais, apenas transou com Connor e, depois, passou o resto da noite com Ash. Confessou que adorou a putaria e irá em um clube de sexo no sábado que vem.

Romeo pareceu surpreso.

— Nossa! — ele disse e carregou nossas malas para o quarto.

— E então, Romeo, gostou da brincadeira deles? Quer fazer também?

Ele ficou sério e me fuzilou com olhar.

— Não, eu não gostei — falou, enfático e voltou a caminhar, deixando nossas coisas no closet.

Dormimos de mal aquela noite, pois ele não gostou do meu comentário.

Achou que eu fiquei empolgada com a ideia de transar com dois homens. Bom, eu realmente fiquei, mas negaria até a morte.



A segunda-feira começou cedo e com uma Lisa sorridente entrando na minha sala.

— Posso saber o motivo desse sorrisinho maroto?

— Pode, sim — ela disse e se sentou na cadeira à minha frente. — Acredita que Connor e Ash não pararam de ligar no meu celular ontem à noite?

— E o que você fez?

— Simples, ignorei os dois. Agora que descobri o mundo da putaria, não vou me apegar a eles.

Gargalhei alto, jogando o corpo para trás.

— Acho que eles criaram um monstro — falei e ela concordou.

O dia foi bem corrido e, no final da tarde, Richard apareceu com o semblante preocupado.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei, assim que ele se sentou à minha frente.

— Luna me ligou no fim de semana, disse que estava mal e que queria conversar.

— Sério, isso pode ser bom para você, quem sabe ela se arrependeu e quer voltar.

Ele negou.

— Acho que não, mas só saberei na sexta, já que o Stone a transferiu para

outra cidade.

Não vou negar que fiquei mega curiosa para saber sobre a lambisgoia, mas me contive.

— Bom, espero que não seja nada grave.

Ele assentiu e ficou me observando de um jeito estranho. Aliás, Richard era estranho, às vezes, parecia tão amigo e outras vezes, tão distante. Esquisito demais.



Enfim a sexta-feira chegou, porém, fiquei presa em uma reunião importante até mais tarde, e quando acabou, eram quase 22h. Enquanto isso, Romeo ficou fritando o meu celular. Assim que saí do escritório, mandei uma mensagem para ele dizendo que passaria em algum lugar para comprar um vinho e depois iria direto para casa.

Quando o táxi parou em frente à loja, pedi que me aguardasse, pois não iria demorar e me dirigi para dentro da famosa casa de bebidas que tinha, em anexo, um restaurante chique. Estava terminando de pagar minhas duas garrafas de vinho, quando avistei Richard e Luna sentados em uma mesa, no fundo do restaurante. Eles estavam bem próximos um do outro, e pareciam estar conversando algo íntimo, dada a forma como se fitavam. Pelo visto, eles estavam se reconciliando. Ou, pelo menos, era o que eu queria acreditar que estivesse acontecendo.

Peguei a sacola com minhas bebidas e caminhei em direção à saída, mas como estava distraída, acabei esbarrando em alguém. Quando olhei para cima, deparei-me com um homem alto e forte, vestindo um suéter preto que delineava o corpo bem trabalhado; mas o que chamava a atenção eram seus cabelos loiros,

que estavam presos em um coque de samurai. Ele era extremamente exótico e sorria, divertido, por me ver toda atrapalhada.

— Desculpe — falei, sem jeito, tentando passar pela porta, mas o rapaz abriu mais um lindo sorriso. Era incrível como aquilo suavizava a aparência selvagem que ele exibia, devido a barba e os cabelos mais compridos que o habitual.

— Imagina, a culpa foi minha. Vou mandar colocar uma porta maior, essa não é a primeira vez que isso acontece — ele tentou se explicar e percebi que deveria ser gerente ou dono do local. — Como se chama? — perguntou.

— Ah, sou Julie Collins — falei e estendi a mão.

Ele sorriu, charmoso, e meus olhos foram guiados para o crucifixo cravejado de diamantes que ele exibia pendurado em uma fina corrente. Fosse quem fosse, era alguém que tinha muito dinheiro.

— Muito prazer, Julie, sou Zen Mayaf.

Zen Mayaf, o sobrenome não me era estranho.

— Igualmente, Zen. Bom, eu tenho que ir, com licença.

— Ah, claro — ele disse, dando-me passagem. Sorrimos um para o outro de forma gentil e seguimos nossos caminhos.

Cheguei em casa cansada, tomei um banho e subi até a cobertura, encontrando Romeo trabalhando no escritório.

— Posso entrar? — perguntei, baixinho, e ele levantou a cabeça, fixando seus olhos bonitos em mim.

— Claro, vem cá.

Caminhei até ele, sentei-me em seu colo e Romeo envolveu meu corpo em seus braços.

— Como foi a reunião? — quis saber, cheirando meu pescoço.

— Tudo bem — falei e ficamos naquela posição, apenas matando a

saudade e nos curtindo, mas, subitamente, lembrei-me da cena que tinha visto no restaurante e comentei: — Acabei de ver a Luna com o Richard no Wynn. Pela forma como estavam, acho que os dois vão voltar.

Ele levantou a cabeça e me olhou, surpreso.

— Como assim, voltar?

Eu não tinha falado nada com Romeo sobre o assunto para poupar Richard, mas agora que ela estava longe, não via problema em revelar a verdade.

— Eles namoraram por dois anos, mas ela resolveu abandoná-lo no altar para assumir o cargo que você lhe ofereceu nas Indústrias Stone.

Romeo ficou tão desconcertado quanto eu, quando fiquei sabendo.

— Que história louca! Ela nunca me disse que foi noiva.

— Pois é, também fiquei surpresa e com pena de Richard, ele parece gostar bastante dela.

Romeo ficou me encarando e digerindo as novidades sobre sua advogada perfeita. Depois pareceu dar de ombros e perguntou:

— Quer sair para jantar?

— Talvez amanhã, hoje eu só quero você e a sua cama, mais nada.

— Nem sexo? — ele questionou, charmoso.

— Sexo, sim.

Ele sorriu e se levantou comigo no colo, indo para o quarto.

Depois de nos entregarmos à paixão, Romeo se acomodou atrás de mim, para dormirmos, e fiquei pensando em como me sentia feliz e realizada com ele. Embora nunca tenha dito as três palavrinhas mágicas, Romeo se mostrava cada dia mais apaixonado, e eu sentia que não demoraria para que ele finalmente se declarasse.

No sábado acordamos por volta das nove da manhã. Depois de tomarmos café, ele foi correr no Central Park e eu fui para o meu apartamento. Assim que saí do elevador, dei de cara com Sandy, parada à minha porta.

— Oi, Julie — ela falou ao me ver e eu sorri, tinha sentido falta dela.

— Você sumiu — falei baixinho, sentindo-me a pior amiga do mundo.

— Pois é, tive meus motivos, mas estou aqui porque precisamos conversar.

Não gostei do tom que ela usou, mas enfim, eu sabia que aquela hora iria chegar.

— Claro, vamos entrar. — Digitei a senha e passamos pela porta. Sandy tinha emagrecido e parecia abatida, pelo visto, o rompimento com Ash não estava lhe fazendo bem.

Ela se sentou no sofá do jeito que uma visita normalmente faria e não do jeito que minha melhor amiga costumava fazer; parecia uma estranha e não alguém com quem convivi por tanto tempo.

— Estou ouvindo — falei ao me sentar em uma poltrona perto dela.

— Eu não sei nem como começar a te falar isso, foi tudo tão absurdo que olha…

— Comece do começo — incentivei, imaginando que ela começaria a falar o quanto eu fui uma péssima amiga por ter ficado com Romeo.

— Você sabe que, desde que nos afastamos, continuo morando no mesmo lugar e acabei fazendo outros amigos.

— Que bom, Sandy, você sempre teve facilidade para fazer amizade.

Ela sorriu de um jeito triste e ficou me olhando.

— Sim, é verdade. E já que as coisas ficaram estranhas entre nós, eu acabei indo em algumas festinhas no salão de eventos do meu prédio e conheci uma garota legal. Ela é um pouco mais velha que a gente, mas apesar de ser muito bonita, era tão sozinha, que eu pensei que pudéssemos ser amigas. Desde então

passamos bastante tempo juntas e viramos amigas, quase confidentes.

Fiquei feliz em saber que Sandy tinha feito outros amigos, nesse ínterim, mas fiquei me perguntando aonde aquela conversa nos levaria.

— Sandy eu não estou entendendo — falei, com sinceridade.

— Você já vai entender, deixe-me continuar.

Assenti e fiquei em silêncio, sentindo uma ansiedade tomar conta do meu peito.

— Ela me disse que veio a Nova York a convite de um grande empresário por quem era muito apaixonada, desde a época da universidade. Disse que, apesar de ter tentado, não tinha conseguido esquecê-lo e achou que esse convite poderia ser um sinal do destino, de que eles deveriam ficar juntos.

O aperto no peito aumentou, só poderia ser ela.

— Continue, Sandy.

— Ela falou que ele estava ficando com uma garota, mas que isso não seria problema, uma vez que sempre foi a fim dela enquanto estudavam. Disse que ano após ano, esse cara tentou, por várias vezes, convencê-la a sair com ele, mas, apesar de estar apaixonada, ela não queria ser mais uma, por isso nunca aceitou suas investidas. Entretanto, agora que tinham voltado a se encontrar, ela daria um jeito de seduzi-lo e finalmente ficar com ele, casar, essas coisas.

Filho da puta! Romeo negou na cara de pau que houvesse tido algum interesse por ela.

Ai, que raiva.

— Durante todas essas semanas, desde que nos conhecemos, ela me contou toda a sua história, mas nunca chegou a revelar o nome dele.

— Eu já sei de quem você está falando, Luna Moran, certo?

— Isso, Julie, ela mesmo. Luna é minha vizinha.

— Eu saquei que ela estava interessada em Romeo no primeiro dia em que

vi os dois juntos. Agradeço que tenha vindo abrir meus olhos, mas esse problema já foi resolvido.

Ela me olhou de um jeito estranho e depois puxou o ar com força.

— Quando fiquei sabendo, imaginei que você, provavelmente, já tinha percebido qual era a dela e só não avisei antes porque, como eu disse, até então, eu não sabia que o amor platônico dela era o Romeo.

— Agradeço de verdade, Sandy, mas já está tudo resolvido, Romeo a transferiu para outra filial.

Sandy fechou os olhos, mas antes disso, consegui enxergar um tipo de pena em seu olhar.

— É por isso que estou aqui, Julie, porque acho que você deve saber o motivo dessa transferência.

Um calafrio percorreu minha coluna. Fechei os olhos tentando me acalmar, mas todo meu corpo estava tenso. Voltei a encará-la e pedi:

— Então fale, Sandy, você me conhece bem e sabe que eu não gosto de rodeios.

— Eu estava chegando em casa em uma sexta-feira dessas, por volta das 10 da noite, e vi o carro de Romeo estacionado em uma rua próxima à que eu moro. Não dá para confundir um carro daquele, então achei que você tivesse ido me fazer uma visita, mas quando cheguei ao meu andar, não encontrei ninguém e achei estranho, mas como o carro não estava exatamente em frente ao meu prédio, pensei que vocês talvez estivessem visitando outra pessoa. Só fui entender o que havia acontecido no dia seguinte, quando ela bateu no meu apartamento, eufórica, dizendo que ele tinha ficado até de madrugada na casa dela.

Fechei os olhos e meu coração começou a pulsar nos ouvidos. Fiquei tonta e enjoada, meu corpo ficou mole de repente. Eu poderia me enganar e dizer que Sandy era uma mal-amada, que estava ali para destruir a minha felicidade, mas

eu sabia exatamente de qual sexta-feira ela estava falando.

— O que mais ela te disse?

Levantei-me e fui até as janelas panorâmicas que cortavam a minha sala. Visualizei o Central Park e fiquei imaginando em que parte, de todo aquele verde, estaria o homem que despedaçou meu coração.

— Disse que eles beberam algumas taças de vinho e que em dado momento, ficou nua na frente dele, sentou em seu colo e o provocou, até que ele não resistiu e acabou transando com ela. Ela me contou que eles fizeram de tudo que você pode imaginar e depois ele foi embora. Então, quando foi no dia seguinte, ele não a atendeu e na segunda-feira, a transferiu para outra filial, deixando a garota completamente desolada. Não me entenda mal, não estou aqui para defendê-la, pois ela sabia que ele estava com alguém e ainda assim fez de tudo para seduzi-lo, mas Julie, Romeo também foi errado.

Virei-me bruscamente, sentindo o ódio fervendo dentro de mim.

— Para que veio, Sandy?

— Julie, eu sei que está apaixonada por ele e ponderei muito, vários dias, na verdade, antes de vir falar com você, afinal, quem dá a notícia, acaba sendo o culpado da merda toda, aos olhos de quem recebe, mas eu jamais a deixaria no escuro. Entre você e ela, eu sempre vou preferir você, e pode me odiar por isso, por ter vindo aqui e falado tudo, mas foi mais forte do que eu. E apesar de estarmos afastadas, sei que faria o mesmo por mim se eu tivesse sido enganada.

Eu a ouvia, mas só conseguia pensar naquela sexta-feira, em que ele chegou de madrugada no meu apartamento, do corpo gelado encostando no meu. Devia ter transado com aquela vagabunda a noite toda e ainda teve a desfaçatez de ir dormir comigo.

Muitas coisas começaram a fazer sentido: o café da manhã na cama, a visita à casa dos pais dele e… Meu Deus, Romeo se sentiu tão culpado por ter transado com sua ex-colega de faculdade, que até mesmo me pediu em namoro.

Comecei a sentir uma dor estranha que vinha do fundo das minhas entranhas e ia se levantando feito uma onda poderosa, levando tudo que via pela frente. Todas as flores e corações que habitavam a minha alma foram devastados, restando apenas um lugar frio, sombrio, arenoso. E, mesmo naquele ambiente feio e escuro, o sorriso dele surgiu, como um castigo por eu ter sido tão burra.

— Vá embora, Sandy.

— Mas Julie…

— Vá embora! — gritei, descontrolada, fazendo Sandy se assustar. Peguei um vaso e joguei contra uma parede, sentindo-me mortificada, inconsolável, com vontade de morrer de tanta revolta e tristeza.

CAPÍTULO 18

Romeo

Voltei da minha corrida no Central Park e não encontrei Julie na cobertura, então imaginei que estivesse em seu apartamento. Assim que cheguei ao corredor, ouvi vozes alteradas vindo lá de dentro. Digitei a senha e entrei no exato momento em que Julie, com o rosto banhado de lágrimas, jogava um grande vaso de cristal na parede, fazendo a peça se despedaçar em mil pedaços. Olhei para o lado e vi Sandy encolhida em um canto da sala.

— O que está havendo aqui? — perguntei, confuso, querendo entender por que tamanha confusão. Eu sabia que elas tinham suas diferenças, mas não sabia que as coisas estavam tão feias.

Julie me encarou ao ouvir minha voz. Seus olhos estavam tão raivosos, que ela não conseguia nem falar, tamanha a fúria. Uma fúria que não era dirigida a Sandy, mas a mim, e então eu soube: ela descobriu tudo.

— Você tem três segundos para sumir da minha frente, Romeo — disse, entredentes, as mãos cerradas ao lado do corpo. Tudo o que tentei evitar durante todos esses dias, estava acontecendo. A última coisa que eu queria era presenciar aquele rosto lindo banhado em lágrimas.

— Julie, vamos conversar — tentei falar, mas ela arrancou o telefone da base e jogou com tudo na minha direção. Foi tão rápida e certeira, que senti minha cabeça balançar e uma enorme ardência tomar conta da minha testa.

— Romeo, é melhor você voltar depois, ela está descontrolada.

Estava meio atordoado pela pancada, mas senti Sandy tentando me arrastar do apartamento.

Foquei meus olhos em Julie, ela pareceu ficar ainda mais furiosa.

— Fora, vocês dois, sumam da minha frente ou vou chamar a segurança — gritou, mas não lhe dei ouvidos. Avancei em sua direção e a segurei firme. Nossos olhares se cruzaram e o medo que eu carregava desde aquela noite, *me* assolou, acompanhado da culpa que não cabia dentro de mim.

Julie não era como as outras, ela jamais aceitaria uma traição e eu só conseguia pensar em como fui idiota, burro, fraco.

Naquela hora, todos os momentos que passamos juntos, começaram a surgir na minha cabeça, como um filme: o primeiro porre no bar de rock antigo, todas as suas tentativas frustradas de perder a virgindade comigo, os olhares apaixonados, o jeito como sorria quando me encontrava esperando por ela no estacionamento da empresa…

As lembranças foram fazendo meu peito se apertar e eu tinha certeza de que nunca havia me sentido tão desolado na minha vida.

O aperto que Romeo dava nos meus pulsos só fazia meu ódio aumentar, feito labaredas em um incêndio potente. Seus olhos azuis emanavam todo o desespero que ele sentia por ter sido descoberto.

Puxei toda a saliva que consegui, afastei a cabeça e cuspi na cara dele, que apenas fechou os olhos, continuando ali.

— Lixoooo, é isso que você é, Romeo Stone, um lixo que não consegue ficar com uma mulher só! Eu não preciso de você, não preciso do seu dinheiro. Eu quero que você morraaaaaaa — gritei, enlouquecida, e tentei me soltar, mas ele continuou me segurando, tentando, inutilmente, *me* acalmar.

— Ei, você tem todo o direito de estar magoada, o que eu fiz não tem perdão, mas…

Empurrei seu peito com força e me afastei.

— Que bom que você sabe que não tem perdão, porque essa é uma das poucas coisas que eu jamais vou aceitar de qualquer homem! Seja ele um simples mortal ou alguém que se ache um deus, como você.

— Julie, por favor, *me* perdoe, eu juro que nunca mais vou errar, eu sou louco por você.

Soltei uma gargalhada diabólica e passei os olhos pelo apartamento. Sandy já tinha ido embora, mas nem me espantei, era típico dela soltar a bomba e sair correndo.

Fitei o homem à minha frente, aquele a quem entreguei minha inocência, minha confiança, meu amor. Por ele eu fiquei contra o meu pai; por ele eu fiz as maiores loucuras da minha vida. E agora, por causa dele, eu me sentia um lixo, a escória da humanidade. Mas não me sentiria assim sozinha, queria que ele se sentisse da mesma forma.

— Você imagina o que vai acontecer daqui para a frente, Romeo?

Ele negou, cauteloso. Passei a mão pelo rosto e limpei as malditas lágrimas.

— Eu não vou perdoá-lo, nem nessa vida e nem na outra. A partir de hoje, você será apenas um estranho. — Seus olhos ficaram tristes e marejados, exatamente como eu queria. — Mas, por uma coisa eu tenho que lhe agradecer, você me ensinou as loucuras do sexo e eu não me imagino mais sem isso. Então, agora que eu estou livre e já sei qual o gosto do pecado original, é melhor se preparar, porque eu vou transar com metade de Nova York.

Seus dentes cerraram e seu maxilar endureceu, logo depois vi suas mãos se fecharem ao lado do corpo.

— Eu sei que errei, Julie, mas você *é* minha mulher, nós vamos superar isso.

Soltei outra gargalhada.

— E se fosse eu, Romeo? E se eu tivesse te traído com Richard, ou, quem sabe, com algum de seus amigos, você perdoaria? Não precisa nem responder, porque eu já sei a resposta. Então, suma da minha frente.

— Por Deus, Julie, não vamos jogar tudo fora, eu me tornei outra pessoa

por você.

Peguei minha bolsa que estava em cima do sofá e comecei a atravessar a sala, pisando nos cristais quebrados. O barulho era irritante, ainda assim, era menos barulhento que o meu coração, que parecia querer pular fora do peito.

Cheguei à porta e me virei para ele, que continuava parado no meio da minha sala.

— Eu também vou me transformar em outra pessoa e graças a você — garanti e virei as costas.

— Julie, por favor, eu te amo! — ele gritou.

Fechei os olhos e parei, absorvendo o impacto daquelas palavras no meu coração, das palavras que eu tanto ansiei ouvir.

Depois de reunir o resto de força que me restava, voltei a caminhar. Romeo Stone ia me pagar com juros e correções toda a dor que eu estava carregando no meu peito. E um simples eu te amo, não ia mudar isso, não naquela altura do campeonato, não depois de ter sido traída.



Caminhei pelo Central Park feito uma alma penada. Eu não sabia para onde ir e nem o que fazer. Meu coração pesava tanto no peito, que eu tinha vontade de arrancá-lo e jogá-lo longe, talvez assim, aquela dor que me dominava de forma tão assustadora, melhorasse.

Por que ele fez isso comigo? Será que eu não era boa o suficiente?

As perguntas surgiam feito erva daninha na minha cabeça. E eu só conseguia me lembrar de todos os conselhos que dei às minhas amigas quando passaram por situações parecidas. Apenas agora eu entendia como funcionava

esse negócio de relacionamento e não havia palavras ou consolo que confortasse um coração despedaçado.

As dores da alma eram como as dores físicas, precisavam de tempo para serem curadas.

Sentei-me em um dos bancos e fiquei olhando casais felizes, deitados em suas toalhas de piquenique. Eu estava tão revoltada com a minha situação, que tinha vontade de sair berrando aos quatro ventos, a grande besteira que era se apaixonar.

Já era quase final de tarde, quando me levantei e saí andando sem rumo mais uma vez. Por fim, o cansaço e a fome me venceram. Peguei um táxi, pedi que o motorista me deixasse em algum restaurante, e quando vi, estava no Wynn.

Ri, sem nenhum humor. As lembranças daquele restaurante, não eram as melhores, mas não faria aquilo comigo. Teria lembranças ruins em quase todos os lugares, e se começasse a evitá-los, ficaria trancada em casa. Além disso, talvez uma taça de vinho me fizesse melhorar, ou me desse sono e coragem para voltar para casa.

O restaurante tinha acabado de abrir e me dirigi para o bar, que ficava em um dos cantos do salão, em frente à porta.

— Boa noite, senhorita, o que deseja beber? — o *barman* perguntou.

— Tem veneno?

O rapaz arregalou os olhos em surpresa, mas logo se recompôs.

— Acredito que não, senhorita, mas posso sugerir um bom vinho.

Dei uma risada triste e um leve aceno de cabeça.

— Pode ser.

Ele sorriu e se foi.

Mesmo sentada naquele restaurante chique, usando minhas roupas bonitas e caras, eu me sentia a pior pessoa do mundo; acreditava que o mendigo que estava sentado na calçada do lado de fora, acariciando seu cachorro, fosse mais

feliz que eu.

— Dia difícil?

Levantei o olhar e dei de cara com o exótico Zen. Se fosse em outro momento, teria mandado ele sair andando, era da minha natureza ser grossinha com desconhecidos, mas naquele dia, eu não tinha forças para nada.

— Incrivelmente difícil.

Ele sorriu e apontou para a cadeira ao meu lado, se convidando para sentar.

— À vontade, Sr. Mayaf.

Ele se acomodou e colocou um dos cotovelos no balcão, apoiando a cabeça na mão para poder olhar para mim. Dessa vez, usava uma camiseta preta com gola ‘V’ e um jeans escuro. A cabeleira, entretanto, estava presa no mesmo tipo de coque.

— E então, Julie, vai me falar o motivo desses olhos vermelhos e tristes?

Fitei o mendigo na calçada para não olhar diretamente para Zen.

— Acabei me decepcionando pelo homem por quem estava loucamente apaixonada e não quero falar sobre o assunto.

Ele ficou em silêncio e quando me virei para olhá-lo, suas sobrancelhas estavam arqueadas, e seu rosto, sério.

— Ok, se quiser, eu a deixo sozinha, não ficamos muito sociáveis em situações como essas.

Por mais que eu quisesse ficar sozinha, ou morrer, era melhor ter uma companhia por perto, e Zen, mesmo com toda aquela barba e cabelo selvagem, tinha o sorriso doce e suave. Ele parecia ser uma boa companhia.

— Fique, preciso de alguém para pagar a conta, caso eu não lembre a senha do cartão.

Zen soltou uma gargalhada e se inclinou para perto, mas não demais.

— Porque não vamos para uma mesa. Você pode pendurar o jantar

comigo, sou o dono.

Sorri para ele e concordei. Nos sentamos em uma mesa perto do bar e pedimos o jantar.

Eu brinquei com a comida, enquanto Zen me contava um pouco de sua história. Ele tinha uma rede de restaurantes e joalherias em Chicago e resolveu abrir filiais em Nova York, depois que a mulher por quem estava apaixonado se casou.

— Nossa, você deveria gostar bastante dela — falei, após seu relato.

— Gostava, sim; mas aprendi que podemos gostar mais de uma vez. Todavia, não foi apenas por esse motivo que me mudei para Nova York, alguns problemas familiares também me incentivaram a ir para longe.

Os problemas estavam em todos os lugares, só mudavam de nome e endereço.

— Entendo.

— E você, Julie, o que pretende fazer daqui para frente?

— Talvez contratar um assassino de aluguel e encomendar a morte dele; pode ser que eu me sinta melhor.

Zen gargalhou mais uma vez e fiquei feliz que pelo menos alguém estivesse sorrindo naquela mesa.

— Adoro seu senso de humor. Mas acho que não vai se sentir melhor. Se quer um conselho, não faça nada, apenas o ignore. Nós, homens, odiamos ser ignorados.

Isso eu faria de qualquer jeito, não tinha como manter qualquer tipo de contato com aquele traidor.

— Obrigada pelo conselho e pela companhia.

— Já vai me dispensar? — disse, com carinha de cachorro abandonado.

— Preciso voltar para casa e me preparar para curtir meu primeiro

domingo de dor de cotovelo.

— Queria te dizer que não é bem assim, mas vai ser, vai doer, você vai sofrer e então, do nada, vai começar a doer menos. E aí, você reagirá e seguirá em frente.

Achei legal a sinceridade dele, mas eu não tinha tanta certeza de que seria assim.

— Não sei se comigo vai ser dessa forma, eu moro no penúltimo andar e ele, na cobertura, além disso, trabalhamos no mesmo prédio. Então, vai ser uma batalha diária.

— Mesmo assim, tente. E o jantar é por minha conta.

Sorri e me levantei.

— Obrigada, Zen.

Ele se levantou e me acompanhou até a saída.

— Pegaria mal se eu pedisse o seu telefone, inglesinha? — ele perguntou charmoso.

Na mesma hora fiquei tensa ao ouvi o apelido de Romeo.

— Pegaria mal se não pedisse, só não me chame mais assim, ok.

Ele ficou olhando para mim, mas logo sua expressão mostrou que ele tinha sacado o porquê daquilo. Zen simplesmente assentiu e trocamos telefone.

Embora eu estivesse triste com todas as coisas que me aconteceram, ser forte em momentos difíceis sempre foi uma boa qualidade minha. Eu não sabia como seria o dia e nem a semana seguinte, mas faria de tudo para seguir em frente e de cabeça erguida. Não deixaria que Romeo me destruísse assim. Não me deixaria abalar por toda a tristeza que enchia meu coração. E ainda que a minha vontade fosse me vingar, saindo com outros caras, no fundo, eu sabia que não seria assim. Mas ele não precisava saber daquilo.

CAPÍTULO 19

Romeo

Não sei por quanto tempo fiquei no apartamento de Julie, esperando que ela voltasse, até me dar por vencido. Em todos esses anos de existência, eu nunca me senti assim, tão triste e impotente. Se fosse qualquer outra mulher, eu com certeza reverteria a situação, mas com Julie, não. Com ela nenhuma das minhas táticas de sedução daria certo. E saber daquilo me desesperava a cada minuto.

Saí de lá e fui à sala de segurança que havia na minha cobertura. Nunca fiquei tão agradecido por tê-la construído na época em que projetei o edifício, mas jamais imaginei que teria que usá-la para vigiar minha namorada. Contudo, eu precisava falar com Julie, ela tinha que me escutar, por isso, mesmo sabendo que seria ignorado, passei a tarde toda ligando para seu celular e deixando mensagens, enquanto acompanhava a movimentação através dos monitores.

Ela chegou quase nove da noite, e pelo seu estado, devia estar tão desamparada quanto eu. Vê-la daquele jeito acabou comigo e tudo o que queria era poder abraçá-la e confortá-la. Mas de que jeito? Eu era o principal causador de seu sofrimento.

Esperei até que ela entrasse em seu apartamento e desci, com coração acelerado no peito, preparado para implorar. Eu faria qualquer coisa que ela quisesse, só não aceitaria ficar longe.

Parei em frente à porta e digitei a senha, mas, para a minha surpresa, o aparelho mostrou uma luz vermelha, indicando que ela já havia alterado a senha. Droga!

— Julie, eu sei que está em casa, abra a porta, precisamos conversar!

Fiquei batendo e implorando, mas ela não abriu, nem me mandou embora, apenas me ignorou. Minutos depois, as portas do elevador se abriram e dois homens saíram de lá. Um negro, com a cabeça raspada e outro loiro, com feições austríacas, e cada um dava dois de mim. Eles pareciam seguranças, mas, com certeza, não eram os que trabalhavam do prédio.

— Quem são vocês? — perguntei, ríspido, sem qualquer intenção de ser simpático.

— Somos os novos seguranças da Srta. Collins, se nos der licença.

Os dois passaram por mim e se posicionaram em frente à porta. Ficamos nos encarando como verdadeiros inimigos, mas não havia nada que eu pudesse fazer.

Nunca na vida imaginei que uma mulher pudesse contratar seguranças particulares para garantir que eu ficasse longe dela. E a dor não poderia ser maior.



Assim que saí do restaurante de Zen, liguei para uma empresa de segurança que prestava serviço para o nosso banco e solicitei que enviasse dois de seus melhores homens para o meu endereço. Foi a forma que encontrei de manter Romeo Stone longe de mim. E graças a Deus que fiz isso, pois foi só eu chegar em casa e lá estava ele, batendo na minha porta.

Passei o domingo trancada em casa, enquanto meus novos seguranças se revezavam em mandar Romeo embora. Ele bateu na minha porta de hora em hora, durante todo o domingo, e cheguei a ficar dividida entre escutá-lo descarregar todas as desculpas que quisesse, para que ele, enfim, se desse conta de que não teria mais volta, ou deixá-lo se remoendo e correndo atrás de mim

feito um cachorro sem dono. E a segunda opção me pareceu muito melhor.

Na segunda-feira acordei mais cedo que o habitual e liguei para o meu pai.

— Oi, filha, você ligando nesse horário, precisa de alguma coisa?

— Oi, papai, bom dia, preciso, sim. Posso usar uma grande quantia em dinheiro para comprar uma coisa pessoal para mim?

— Claro que pode, mas não consigo pensar em nada que ainda não tenha.

— Quero comprar um carro.

— Um carro? — ele questionou.

— Sim, pai, mas não qualquer carro, quero um carrão.

Ele soltou uma gargalhada gostosa.

— E por que isso, filha? Você nunca se interessou por esse tipo de coisa.

Eu preferiria não falar nada, mas não demoraria para Romeo se dar conta de que não iríamos reatar e logo começaria a sair e aparecer com outras mulheres em revistas e jornais, então, era melhor abrir o jogo.

— Eu e Romeo terminamos, por isso quero um carro para sair com as minhas amigas.

— E você está bem? — ele perguntou cauteloso, decerto, contendo sua euforia.

— Estou ótima, pai, apenas percebi que somos muito diferentes e quero aproveitar mais a vida, antes de me relacionar seriamente com alguém — menti.

— Isso, filha, eu sabia que logo você se daria conta da besteira que estava fazendo. E compre o carro, sim, o modelo que quiser.

— Obrigada, papai, agora tenho que ir. Dê um beijo na mamãe por mim.

— Dou, sim, e me mande fotos do carro novo.

Sorri, despedi-me dele e saí. Por enquanto, usaria um de nossos automóveis que ficava na garagem, mas naquela semana compraria meu próprio

carro e daria novos rumos à minha vida.

Seguimos para o meu trabalho e quando Ben estacionou em frente ao edifício, meu coração se apertou; eu teria que ser desumanamente forte, já que esbarrar com ele seria inevitável. Pete, meu segurança negro, alto e forte, era a simpatia em pessoa e abriu a porta do carro para mim.

Caminhei para dentro com os dois na minha cola, sentindo-me uma estrela de cinema, daquelas bem dramáticas, com o coração despedaçado, que acelerou e se apertou ao ver Romeo parado em frente a um dos elevadores. Ele usava uma camiseta amassada e os olhos estavam vermelhos indicando que havia chorado. Era nítido que estava sofrendo e, pelo visto, não era pouco.

Eu não sabia o que era mais patético, andar com dois seguranças para afastar o homem que eu amava ou vê-lo tão derrotado, apenas a sombra de tudo o que sempre admirei.

Fui até ele, o encarando de frente, séria e centrada, bem diferente daquela louca de sábado.

— Julie eu…

Levantei o dedo e ele parou de falar.

— Eu sei o que você quer, Romeo. Quer ter a chance de falar.

Um alívio momentâneo passou pelo rosto dele que, mesmo abatido e triste, era o homem mais lindo que já tinha visto na vida.

— Podemos conversar?

— Claro.

Olhei para os meus seguranças e os dispensei.

— Pode ser no café aqui do lado? — perguntei e Romeo pareceu surpreso.

— Onde quiser, Julie, contanto que me escute.

Saímos lado a lado e caminhamos até o café que ficava na galeria anexa ao edifício. O lugar estava vazio e nos sentamos em uma mesa bem no canto,

pedindo dois cafés.

— Pronto, Romeo, pode falar — pedi enquanto soprava a fumaça da minha xícara. Ele ficou olhando para o gesto e depois voltou a me encarar.

— Eu fiquei ensaiando vários discursos para quando chegasse esse momento e, agora, só consigo pensar que eu não posso perdê-la. Eu sei que errei, assumo, mas tudo o que vivemos foi sincero. Você me mudou, Julie, *me* moldou do seu jeito, e me desespero só de pensar que nada mais será como antes.

Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo e acreditava que gostasse de mim. Mas os homens tinham essa habilidade de amar uma mulher e, mesmo assim, conseguir dormir com várias.

— E o que propõe, Romeo? Que eu esqueça que você transou com Luna, coloque uma pedra no assunto e saia desse café de mãos dadas com você?

Ele fechou os olhos, dando-se conta de que não seria fácil me convencer, aliás, seria impossível.

— Eu quero apenas que reconsidere, não precisa voltar comigo agora, mas diga apenas que vai pensar, *me* dê alguma esperança.

Se alguém me falasse, três meses atrás, que em tão pouco tempo eu e Romeo estaríamos tão envolvidos, certamente não acreditaria. E ali estávamos nós, com os corações despedaçados, discutindo uma relação que fracassou graças à traição dele.

— Eu não sei o que vai acontecer amanhã, aliás, não sei o que vai acontecer daqui a um minuto, mas vou ser sincera com você! Eu entreguei tudo o que tinha de mais valioso a você, meu corpo, minha confiança, minha alegria de viver. E posso garantir que não pensou em nada disso enquanto estava fodendo com aquela filha da puta da Luna. Então, não, Romeo, eu não posso e não quero dar nenhuma esperança. E não é por não gostar de você, nós dois sabemos que não se esquece alguém assim. Mas o meu orgulho e a humilhação que estou sentindo, são muito maiores. Então, se eu fosse você, ficava com

Luna, ou com Sandy, ou melhor ainda, que tal as duas? Por que em mim, você não toca mais.

— Você está com raiva agora, é normal que se sinta assim, mas com o tempo…

— Com o tempo eu vou continuar lembrando que me traiu e vou continuar achando que meu pai tinha razão, quando dizia que você não servia para mim. Meu Deus, como me arrependo de tê-lo enfrentado.

— Eu mereço tudo isso que está falando, mas nem por um momento duvide do que eu sinto. Eu vou esperar essa raiva passar e nós vamos ficar juntos de novo.

Se tinha uma coisa que me deixava mais irritada do que ser traída, era ver um homem se arrastando atrás de uma mulher feito um coitado. Minha vontade era dar dois tapas na cara dele e falar: acorde para a vida, meu bem!

— Romeo, vou falar pela última vez e espero que entenda: pare de correr atrás de mim, pare de ir ao meu apartamento. Eu vou continuar a minha vida de onde parei, antes de conhecê-lo. Vou sair, vou beber, vou beijar outros caras e, se me der vontade, vou transar com eles. Eu sou livre e não vou estar fazendo nada de errado, sabe por quê? Porque quando as pessoas querem aproveitar a vida, é isso que elas fazem, ficam solteiras. Você pode até tentar me seduzir um dia qualquer em que me encontrar por aí, talvez eu até caia no seu papo, mas, no dia seguinte, vou ignorá-lo e vai ser sempre assim, até que se convença de que nunca mais ficaremos juntos.

Romeo soltou uma respiração pesada e afastou a cadeira.

— Eu não vou desistir de você.

Será que ele não tinha escutado nada do que eu falei? Abri a boca para argumentar, mas a fechei quando Romeo se levantou, bruscamente, deixou uma nota sobre o balcão e saiu.

Terminei de tomar meu café e também saí. Pelo visto, ia demorar para

Romeo entender que nas minhas veias corria o sangue orgulhoso dos Collins e, por mais que meu coração estivesse sangrando, meu orgulho me manteria de pé.

Trabalhei o dia todo e voltei para casa com a minha escolta, que foi liberada durante a noite. Eu já tinha trocado a senha do apartamento e Romeo não conseguiria entrar, então pedi que Pete voltasse no dia seguinte para me levar ao trabalho, mas dispensei os serviços do Ben, não me acostumei com aqueles dois armários me seguindo e como simpatizei mais com o Pete, decidi ficar com ele para ser meu motorista e segurança particular, já que não poderia mais contar com as caronas de Romeo.

Após tomar um banho demorado, abri uma garrafa de vinho enquanto escolhia um restaurante na lista colada na geladeira. Seria difícil me acostumar com aquela rotina. Eu e o falecido vivíamos como se estivéssemos casados e agora eu estava por minha conta.

Meu celular tocou em cima da bancada com uma mensagem dele. Não vou negar que meu coração ficou acelerado, ele mexia demais comigo, por isso, abri para ler:

Estava me lembrando do dia em que te vi pela primeira vez, tão linda, naquele restaurante em Ibiza. Desde lá eu já sabia que aquela inglesinha mal-humorada seria minha e ainda será!

Te amo!

Sempre seu, Romeo Stone!

Duas lágrimas solitárias escorreram pelo meu rosto e viajei para o dia em

que o vira pela primeira vez, totalmente alheia sobre quem ele era ou o que causaria na minha vida. Peguei a taça e arremessei longe, sentindo ódio por desejá-lo tanto.

CAPÍTULO 20

Julie

Um mês havia se passado e não foram poucas as noites em que sonhei com Romeo e acordei chorando, desesperada, para subir e me entregar a ele de corpo e alma. Mas então meu lado orgulhoso me lembrava de todo o mal que ele me fizera e eu me obrigava a pegar no sono novamente, e à medida que os dias passavam, fui sufocando todos os meus sentimentos, tentando sempre passar a imagem de uma pessoa forte e conformada.

Romeo havia parado de me cercar na empresa e de bater à minha porta, mas continuou me mandando mensagem todos os dias antes de dormir. Eu visualizava todas elas e até relia algumas, era uma forma de matar a saudade. Cada célula do meu corpo gritava por ele e eu me sentia como se estivesse passando por uma fase de abstinência profunda, mas continuei firme, vivendo um dia de cada vez.

— Terra chamando Julie!

Voltei para o planeta Terra. Estava mais uma vez no bar do restaurante Wynn, e fitei Zen, que tinha ficado me fazendo companhia, enquanto Lisa ia ao banheiro.

— Desculpe, Zen.

— Só desculpo se me responder uma coisa.

— O que quiser.

Sorri e bebi um longo gole de vinho.

— Você gosta mais de um beijo calmo ou daqueles selvagem, que fazem até faltar o ar dos pulmões?

Engoli em seco.

— Com certeza, a segunda opção — falei, meio desnorteada.

Zen sorriu de um jeito charmoso e deslizou os dedos pelo meu rosto. Depois os desceu pelo meu pescoço e tocou levemente a minha nuca. Ficamos hipnotizados, olhando um para o outro, enquanto uma energia sensual se espalhava pelo ar. Estava tão absorta, que nem o vi se aproximar, apenas senti seus lábios tocando os meus, de forma suave, a barba roçando a minha pele e, junto com isso, o aroma masculino e amadeirado do seu perfume. Nossas línguas se tocaram e fechei os olhos, entregando-me totalmente àquele beijo que começou calmo, mas que, de repente, tornou-se erótico, entorpecendo os meus sentidos.

— Romeo, não!

Escutei o grito de Lisa e senti os lábios de Zen sendo afastados dos meus com brutalidade. Ao abrir os olhos, ainda meio atordoada, visualizei Romeo segurando Zen pela gola da camisa, com a mão em punho, pronto para socá-lo.

— Não se atreva, Romeo — ordenei, o mais alto que consegui, e ele congelou a mão no ar. Zen, por outro lado, não se conteve e acertou o queixo de Romeo, depois suas costelas. — Não! — lamentei, ao ver Romeo caído no chão. — O que você fez?

Zen parecia um leão enfurecido, e se Connor não o estivesse segurando, ele teria continuado a bater em Romeo, até deixá-lo desacordado. Àquela altura, o restaurante todo estava espantado com a cena que se desenrolava, algo completamente inadmissível em um estabelecimento como aquele.

Ajudei Romeo a se levantar e fui com ele para fora. Sabia que não deveria, mas foi mais forte do que eu. Enquanto caminhávamos até a calçada, seu perfume me invadiu e meu corpo todo reconheceu seu dono. Senti-lo tão perto, deixou-me fraca, eu queria ser dele ali mesmo.

Exatamente por isso, disse as próximas palavras:

— Romeo, você tem que entender que não temos mais nada. Precisa seguir

com sua vida! — falei em tom amigável quando ele se encostou na lateral de seu carro, levando a mão ao local atingido por Zen.

— Não existe uma vida sem você — proferiu, fitando-me com olhos tristes.

Tantos dias haviam se passado desde que terminamos, mas ele continuava com o mesmo semblante triste de sempre. Durante esse período, nos encontramos poucas vezes, no elevador ou no estacionamento, e mesmo assim, ele nunca demonstrou qualquer resquício de felicidade. Romeo andava como uma alma penada pelas ruas de Nova York, e eu seria cínica se falasse que a tristeza dele não me consolava e comovia ao mesmo tempo.

— Eu sei que é difícil, mas você precisa tentar. Saia com seus amigos, viaje, conheça outras mulheres. Seja feliz e deixe alguém te fazer feliz.

Os olhos dele ficaram marejados e, quando percebi, os meus estavam do mesmo jeito. Não sabia de onde havia tirado forças para dizer tudo aquilo.

— Eu não vou desistir de você.

Ele passou os dedos pelo meu rosto da mesma forma que Zen havia feito e se afastou, com a mão sobre as costelas. Eu me senti tão mal, não sabia se ia atrás dele, ou o deixava ir.

Romeo entrou em seu Bugatti e meus ouvidos doeram com o ronco estrondoso do motor. Ele estava nervoso, triste e irritado e descontava no carro, toda a sua fúria. Romeo acelerou e saiu, cantando pneus, e eu fiquei ali, na calçada, rezando para que ele fosse direto para casa cuidar de seus ferimentos.

— Sabe aonde ele foi? — Connor perguntou com Lisa ao seu lado.

— Não, Connor.

Minha amiga me olhou de um jeito terno, como se falasse que a culpa não era minha. E realmente não era. Eu não sabia que Romeo estava ali, não foi uma provocação.

— Eu levo vocês para casa — ele disse, mas eu neguei.

— Leve Lisa, eu estou com meu motorista.

Connor assentiu e os dois se despediram de mim.

Liguei para Pete pedindo que ele fosse me buscar. Em menos de dez minutos estávamos entrando na garagem subterrânea do meu prédio, e senti um alívio imenso ao ver o carro de Romeo estacionado em uma das vagas destinadas à cobertura. Uma ansiedade tomou conta de mim, eu queria saber se ele estava bem, jamais me perdoaria se algo lhe acontecesse.

Peguei o elevador e subi até o meu andar, mas quando as portas se abriram, tive que fazer um esforço enorme para sair e ir direto para o meu apartamento. Ao entrar, a primeira coisa que fiz foi me servir uma taça de vinho, que finalizei antes mesmo de chegar ao quarto. Tirei a roupa, tomei um banho, mas quando fui me vestir, uma força maior me fez pegar um vestido, em vez de uma camisola e quando dei por mim, já estava no elevador, apertando o andar da cobertura.

Você não vai entrar, Julie, só vai até lá para ver se ele também mudou a senha.

Sim! Era exatamente o que eu faria. Só checaria a senha e iria embora. Puxei uma lufada de ar e parei em frente à porta, ficando quase cinco minutos decidindo se digitava a senha ou não. Como nunca fui do tipo covarde, decidi digitar. Seis números depois, a luz do pequeno painel ficou verde e um alívio atravessou meu coração.

Pronto, Julie, já pode ir embora!, disse meu lado racional.

E se ele estiver desmaiado, agonizando, precisando de ajuda?, disse o lado apaixonado que estava louco para vê-lo. Empurrei a porta e entrei.

O apartamento estava claro e silencioso. Passei pela sala sentindo meu coração se apertar, a cobertura de Romeo me trazia tantas lembranças… Atravessei o amplo corredor e parei em frente à suíte dele. A porta estava entreaberta e eu a empurrei com cuidado. Apenas a luz da TV iluminava o

quarto, ainda assim vi Romeo deitado em sua cama, apenas de boxer, com uma mão sobre o lugar onde Zen o havia atingido, e a outra esticada ao lado do corpo. Não sabia se ele estava dormindo ou apenas descansando, mas já que tinha entrado, *me* certificaria de que ele estivesse bem.

Sentei-me na cama e fiquei olhando para aquele homem, tão lindo, forte, todo machucado por culpa daquele idiota. Levei a mão ao seu rosto, sentindo a aspereza da barba por fazer e meu corpo se ascendeu só por eu estar tocando sua pele.

Só Deus sabe como o amo e o quanto sinto falta de tudo o que vivemos.

— Julie? — ele falou ao abrir os olhos, com certa dificuldade, já que um deles estava inchado e roxo.

— Sim, como você está?

Ele tentou levantar o tronco e fez uma careta, então o empurrei de volta.

— Péssimo — falou, por fim, e eu sabia que não se referia apenas à dor física.

— Quer ir ao médico? Eu levo você ou ligo para Alyssa.

— Vai ficar tudo bem, não se preocupe.

Apenas assenti e ficamos nos olhando. Meu coração doendo e transbordando com milhares de sentimentos.

— Eu preciso ir, mas caso se sinta mal, mande uma mensagem — pedi, levantando-me, porém, ele segurou minha mão.

— Fique.

Fechei os olhos e tentei me concentrar no que ele tinha me feito, mas parecia não surtir tanto efeito dado o estado em que se encontrava. Eu estava acabando com a vida de Romeo e tinha consciência disso.

— Eu não posso. — Desviei o olhar para não ter que encará-lo.

Romeo ficou de lado e me puxou, fazendo-me desequilibrar. Ficamos

deitados no colchão, um de frente para o outro. O olhar dele demonstrava tantas coisas, dor, arrependimento, saudade, ou talvez fosse apenas o reflexo do que ele enxergava nos meus.

— Eu te amo — sussurrou, bem pertinho do meu rosto, e senti meus olhos ficarem marejados.

— Pare com isso. — Tentei desviar o olhar, mas ele segurou o meu queixo com a ponta dos dedos.

— Eu te amo — voltou a falar e roçou nossos lábios.

Na mesma hora meu corpo ficou tenso e ansioso. Fechei os olhos ao sentir sua língua pedindo passagem e entrando na minha boca. Deus, como havia sentido falta daquele gosto, daquele toque. Romeo soltou um gemido quando comecei a corresponder ao beijo e com alguma dificuldade, rolou para cima de mim. Eu sabia que não deveria ceder, mas quem estava ali não era Julie movida pela razão e sim uma mulher que não aguentava ver o homem que amava sofrer, mesmo tendo sido magoada por ele.

— Minha, você é minha — sussurrou entre meus lábios —, e eu te amo — repetiu voltando a me beijar e passar as mãos pelo meu corpo. Meu vestido já estava embolado na cintura e Romeo esfregava aquele corpo grande e forte contra o meu. — Eu quero fazer amor com você, Julie, mas tem que ser com o seu consentimento.

Jamais imaginei que escutaria aquelas palavras dele. Romeo estava tão intenso e decidido, parecia que tudo o que estávamos passando o fazia me amar e desejar cada vez mais.

Não respondi, não queria me comprometer, mas deixei que continuasse me alisando e beijando, e ele entendeu aquilo com um sim, pois, quando percebi, estava completamente nua, assim como ele. Romeo começou a descer pelo meu corpo, beijando e lambendo minha pele pelo caminho e arfei quando senti sua boca chupando meu clitóris com força.

— Ah, Romeo — gemi, extasiada com a sensação de tê-lo ali novamente.

Depois de alguns minutos ele abandonou meu sexo e voltou a subir, venerando o meu corpo, até chegar na minha boca. Seu membro pressionou a minha entrada e depois deslizou para dentro, centímetro por centímetro, preenchendo-me até o fundo. Meus lábios se abriram e ele engoliu mais um gemido.

— Como eu consegui ficar tantos dias sem você? — ele disse, baixinho, e mordiscou minha orelha. Eu estava louca de tesão e fiquei ainda mais excitada quando ele começou a falar coisas lindas no meu ouvido sobre o quanto eu era linda e gostosa, perfeita para ele. — Eu vou te amar do jeito que você merece, só preciso de uma chance — falou e saiu completamente do meu interior, apenas para voltar a me penetrar até o fundo.

Gritei, enlouquecida, com aquele mastro grande e duro me invadindo repetidas vezes. Romeo podia até estar abatido pelo nosso rompimento, mas, na cama, continuava uma máquina. Todas as coisas que ele me falava faziam meu corpo vibrar e potencializavam todas as sensações de estar sendo amada por ele daquela forma.

Meu corpo ondulou e senti o prazer tomando conta de mim, forte como nunca. Romeo chegou ao clímax segundos depois e se despejou em meu interior, apertando-me com força, como se não quisesse desgrudar nunca mais.

— Eu te amo, minha princesa.

Deslizei as mãos por suas costas suadas e voltei a beijá-lo com volúpia. Romeo revirava minha boca e me fazia suspirar de tanta paixão.

— Eu sei que ama e me odeio por ser tão fraca.

Ele sorriu e passou os polegares pelas minhas sobrancelhas.

— Você é a pessoa mais forte que já conheci. Se não fosse, eu não estaria de joelhos esperando o seu perdão.

Eu ainda não estava preparada para perdoá-lo, a traição ainda tinha um

gosto muito amargo, além disso, tinha consciência de que Romeo Stone não mudaria do dia para noite.

— Você foi um tremendo canalha, Romeo, mas não quero mais te ver se arrastando atrás de mim, pare de agir assim.

— Então volte comigo e eu paro.

Fechei os olhos, cansada demais para brigar com ele. Nunca conheci alguém tão teimoso.

— Nós não vamos voltar, eu estou muito magoada. Por isso não queria ter feito isso, não quero iludi-lo.

Os olhos bonitos ficaram imediatamente tristes e eu me senti um monstro novamente.

— Eu não vou desistir de você, Julie, nem que tenha que correr atrás o resto da vida.

Eu queria saber em que parte do nosso relacionamento ele deixou de ser o Romeo Stone que vivia cercado por mulheres, para se tornar aquele cara loucamente apaixonado por mim.

— Acho comovente todo esse sentimento, mas você só está assim porque errou feio comigo. Não pode me garantir que não fará isso novamente.

Romeo ficou sério.

— Não suportaria passar por tudo de novo. Além do mais, fui seu primeiro homem, eu a ensinei tudo e enlouqueço só de imaginar que outro possa estar no meu lugar.

— Isso não é amor e sim sentimento de posse.

Ele soltou uma respiração pesada.

— É tudo junto. Eu nunca me senti assim antes, nem mesmo quando era adolescente. O que quer que eu faça para que acredite que estou arrependido e que jamais faria isso de novo?

— Romeo, as coisas não são assim. Não existe uma receita de bolo para que eu consiga perdoá-lo. Eu não sei quanto tempo vai demorar para essa mágoa passar. Um coração ferido leva tempo para se curar. Não espere que eu o aceite de volta do dia para a noite.

— Quer dizer que existe uma chance de me perdoar? — perguntou, com o sorriso mais lindo do mundo em seu rosto perfeito.

— Não sei, Romeo, não me pressione.

— Ok, não vamos falar disso hoje, estou tão feliz que está aqui, não me sinto assim há dias.

E como não ficar tocada com todo aquele sentimento que ele escancarava de forma assustadora?

— Não foi certo ter vindo aqui, muito menos ter feito o que fiz, é melhor eu ir.

Romeo saiu de dentro de mim e só então percebi que ainda estávamos unidos.

— Vamos tomar um banho juntos, depois eu deixo você ir.

Eu podia muito bem tomar um banho em casa, mas com ele, era bem mais tentador.

— Ok.

— Fique aqui — pediu e saiu da cama voando, entrou no banheiro, colocou a enorme banheira para encher e depois de alguns minutos, voltou e me pegou nos braços, entrando comigo na água quentinha. Fiquei de costas entre suas pernas, enquanto ele passava espuma nos meus seios. A respiração dele na minha orelha, aqueles carinhos e toda a saudade que eu sentia, fazia meu coração doer. Eu estava tão dividida e, ainda assim, não conseguia perdoá-lo, mesmo sabendo que aquela distância acabaria conosco.

CAPÍTULO 21

Julie

Desde a minha recaída com Romeo, há alguns dias, ele manteve distância, entendendo que eu ainda não estava preparada para perdoá-lo. Com isso, minha vida continuava o mesmo marasmo de sempre, trabalhando e pensando nele.

Após o episódio com Zen, parei de frequentar o Wynn. Tinha analisado a situação e achei que, ou ele foi precipitado, ou agiu de caso pensado, para provocar Romeo, e não gostei de nenhuma das hipóteses.

Naquela noite sairia com Lisa, seria uma forma de distrair a minha cabeça.

— Chegamos, Julie — ela falou, assim que o táxi parou em frente a grandes portões de ferro. Havia seguranças espalhados pelo local e ela estava animadíssima.

— Vamos entrar antes que eu desista — falei, ajeitando minha peruca loira.

Saímos do táxi e quando chegamos em frente aos seguranças, entregamos nossos convites e entramos. Do outro lado, havia uma grande mansão com um jardim todo iluminado. Ao passarmos pela porta de entrada, fomos recebidas por um salão luxuoso, parcamente iluminado, com sofás de couro preto espalhados por todo o ambiente. Mais à frente, algumas pessoas dançavam e bebiam, mas a pouca claridade dificultava distinguir seus rostos.

— O que fazemos agora? — perguntei a Lisa, sentando-me em um sofá bem no canto.

— Depende do que vai querer fazer.

Lisa me convenceu a conhecer um clube de sexo, mas não qualquer clube, um bem seleto onde ela conseguia entrar por ter se tornado submissa de um

figurão da cidade. Minha amiga estava me surpreendendo cada dia mais.

— Na real, eu não sei se vou chegar a fazer alguma coisa.

Ela revirou os olhos e chamou o garçom que anotou nossos pedidos e se afastou.

— Não precisa chegar a transar, use alguma sala apenas para deixá-los tocarem em você, garanto que vai gostar.

— Tem essa opção?

— Sim. Tem até uns caras que trabalham aqui no clube e você pode escolher qual deles vai poder entrar na brincadeira.

Minha cabeça estava dando um nó desde o dia em que vi Ash, Lisa e Connor transando. Aquela ideia de ser tocada por mais de um homem, deixou-me excitada demais. Eu queria experimentar, mas tinha receio.

— E nunca ninguém saberá, certo? — questionei e ela sorriu.

— Nunca; eles são super profissionais e a sala é meio escurinha, você só vai sentir, não vai ver muita coisa. E aí, vamos reservar uma sala para você?

Respirei fundo, imaginando o que Romeo pensaria se descobrisse que outro homem — ou homens — colocou as mãos em mim. Mas acho que aquele era um segredo que eu levaria para o túmulo.

— Vamos — falei, decidida.

Lisa sorriu e se encaminhou a uma porta lateral, onde ficou por cinco minutos e depois voltou com uma chave.

— Do outro lado do salão, no final do corredor, suba um lance de escada e entre no quarto, eles estarão esperando por você.

Senti um frio passar pelo meu corpo.

— Eles quantos? — perguntei, temerosa.

— Dois, não é essa a sua fantasia?

Balancei a cabeça, esboçando um sorriso inquieto.

— Isso, e como vou ter certeza de que eles não vão avançar o sinal e fazer coisas que eu não quero?

— Eles são profissionais, só vão fazer o que você pedir.

Passei a língua pelos lábios.

— Certo, mas assim que terminar, vou para casa, acho que não vamos nos encontrar quando eu voltar.

Ela sorriu e concordou comigo.

— Divirta-se.

Na medida em que percorria o salão, passando entre as mesas, consegui ver vários casais, ou trios, se pegando por todos os lugares.

Observei um casal sentado no canto de um sofá. Ele estava com a boca em seu pescoço, a língua subindo e descendo, como se estivesse lambendo um sorvete, além disso, uma de suas mãos estava no meio das pernas dela. Era extremamente erótico vê-lo fazendo aquilo na frente de todos, enquanto ela delirava de tanto tesão.

Saí do salão principal e após mais alguns passos, cheguei às escadas. Subi cautelosa, olhando para todos os lados e mapeando tudo ao meu redor, até parar em frente à porta correspondente.

Antes de entrar, respirei fundo e só então girei a maçaneta.

Havia uma grande cama no centro do quarto, com lençóis brancos que pareciam ainda mais claros, devido à iluminação de neon.

Eu não sabia o que aconteceria e meu coração quase parou, quando dois homens saíram de uma porta lateral e se posicionaram ao lado da cama. Eles eram grandes, pareciam aqueles caras que dançavam em clubes de mulheres. Cada um usava uma boxer branca e máscara nos rostos, tornando quase impossível reconhecê-los.

Quando entrei mais um pouco, os dois caminharam até mim, um deles

pegou minha mão e me guiou até a cama, já o outro, colocou uma música sensual para tocar. O que havia colocado a música, foi até uma mesa, que eu não tinha visto, e tirou uma garrafa de champanhe de dentro de um balde com gelo. Depois de a abrir, serviu uma taça e a ofereceu a mim, que aceitei e bebi tudo em três longos goles, esperando que a bebida me ajudasse a relaxar.

Sentei-me na cama e esperei o próximo passo. Mais uma vez os dois se aproximaram, e senti as mãos de um deles deslizando a alça do meu vestido, enquanto o outro, alisava minhas coxas. Fiquei esperando alguma reação do meu corpo, mas diferente do que pensei, aquilo não estava me excitando, meu corpo não estava reagindo da forma esperada, pelo contrário, estava me deixando tensa.

Para piorar, lembrei-me de Romeo. O que mais amava em mim era o fato de apenas ele ter me tocado, tinha certeza de que se ele sonhasse que estava ali, com outros homens, nunca mais me veria do mesmo jeito. De repente, uma onda de pânico começou a se formar no meu peito.



Na semana seguinte a que Julie e eu ficamos juntos, aceitei viajar com meus pais para Aspen. Na verdade, estava passando bastante tempo com eles desde o meu rompimento, e como Julie me colocou, literalmente, na geladeira, preferi me afastar. Eu tinha entendido o recado e tentei dar um pouco de espaço a ela, talvez, daquela forma, ela sentisse minha falta e me perdoasse mais rápido.

— Filho, vai por mim, enquanto ficar se arrastando e implorando que ela

volte, as coisas não vão mudar. Mulheres gostam de correr atrás.

— Harvey… — minha mãe o repreendeu e eu tive que gargalhar.

— O que sugere? — Dei corda para as loucuras dele.

— Volte para sua rotina normal, saia, vá a festas, pare com esse luto. Se Julie realmente gostar de você, vai perdoá-lo e reatarão.

— Você me incentivando a sair? — perguntei com uma sobrancelha arqueada.

Ele me lançou um olhar terno.

— Prefiro qualquer coisa, a ver você nessa situação, por uma mulher sem coração. Você errou, droga, mas se arrependeu e está fazendo tudo certo. Se ela não se der conta disso logo, vai acabar te perdendo.

Conforme os dias foram se passando, as palavras de meu pai foram fazendo sentido, quanto mais eu corria atrás de Julie, mais ela me ignorava, e como ela mesma havia falado, não era legal ficar me arrastando atrás dela, mas aquilo não significava que não estava de olho.

Através das câmeras de segurança, eu a via saindo e voltando todos os dias. Nos finais de semana, ela geralmente chegava de madrugada, várias vezes acompanhada de Lisa, sua assistente, mas, graças a Deus, nunca a vi com nenhum homem. Tinha certeza de que se acontecesse, minha resolução de ficar longe cairia por terra na mesma hora.

Por todos aqueles dias, vendo como estava sua rotina, comecei a aceitar que Julie talvez nunca me perdoasse; ela estava tocando sua vida e parecia ter se esquecido completamente de mim.

Então, aos poucos, parei de mandar mensagens e de insistir na ideia de fazê-la se lembrar do quanto era importante para mim. Ela sabia o que significava em minha vida, mas preferiu ignorar todo o meu arrependimento e pedidos de desculpa, e, aos poucos, uma parte minha estava desistindo de lutar por nós dois, coisa que eu nunca imaginei que fosse acontecer. Mas a verdade

era que não tinha graça fazer aquilo sozinho, eu a queria, mas ela também tinha que me querer.



Já fazia mais de dois meses que eu e Romeo havíamos terminado e, depois daquela recaída, nos afastamos completamente. Durante um tempo, senti-me segura de seus sentimentos, já que ele não me deixava esquecer, enviando mensagens todos os dias, algumas apenas com um bom dia, ou boa noite, tenha um bom fim de semana, e outras citando alguma coisa ou momento que vivemos juntos.

Entretanto, as mensagens foram ficando cada vez mais dispersas, até que simplesmente pararam de chegar. Só Deus sabia o pavor que senti quando aquilo aconteceu. Parecia que eu estava em uma espécie de desespero constante, sem entender por que ele havia se afastado, se sempre havia dito que nunca desistiria de mim.

Acorde, Julie, ele é Romeo Stone! Acha que ficaria quanto tempo sozinho?

Eu sabia que não era uma pessoa fácil de lidar, mas, porra, ele tinha me traído, o que achou que eu faria? Que o perdoaria assim, do dia para a noite?

— Posso entrar? — Richard perguntou após bater à minha porta.

— Claro.

— Vim me despedir.

Espantei-me com aquilo.

— Como assim?

Ele se sentou à minha frente e ficou me encarando, bem sério.

— Eu e Luna voltamos. Ela se deu conta de que sou a melhor opção e que Stone é louco por você. Então, decidimos que ela vai trabalhar comigo e, como já terminei a auditoria, acho que não vamos voltar a nos ver.

Não entendia como um homem poderia aceitar aquela mulher de volta depois de tudo que ela fez, mas, pelo jeito, ele era muito apaixonado. E por mais que eu não quisesse escutar o nome dela, um certo alívio me invadiu ao saber daquilo, pois significava que não estava com Romeo. Não que fosse doer menos vê-lo com outra mulher, mas se ele ficasse com Luna, seria humilhante demais.

— Bom, só posso te desejar felicidades. — Não acreditava que aquilo fosse acontecer, e, sinceramente, depois daquela vaca ter transado com Romeo, não tinha o menor interesse em sua felicidade, mas sentia por Richard, ele não merecia aquilo.

— Obrigado, Julie, acho que, dessa vez, ela está decidida a fazer dar certo, então, você não terá mais problemas.

— Eu e Romeo não estamos mais juntos, então, para mim, é indiferente — menti, já que morreria se Romeo ficasse com ela.

— Estou indo nessa.

Ele se levantou, deu-me um beijo no rosto e saiu.

Por mais que não quisesse, passei o dia pensando em Romeo, seu sumiço estava me deixando paranoica, e como não estava conseguindo produzir muita coisa, quando deu 16h30, resolvi ir embora; ficar em casa sempre me tranquilizava, era uma forma de estar perto dele.

Cheguei em casa dez minutos depois, tomei banho e acabei adormecendo no sofá, enquanto assistia a um filme; minha mente tinha me deixado exausta de tanto me torturar.

Acordei subitamente com o barulho de um som alto vindo da cobertura. Olhei o relógio do celular: 22h. Meu coração se apertou, Romeo devia estar dando uma festa. Naquela hora eu, realmente, acreditei que ele havia mesmo desistido de nós.

Mas não era isso que você queria, Julie? Que ele seguisse em frente? Então!

Eu sabia que perderia completamente a razão se subisse lá, porém, uma fúria enorme crescia dentro de mim. Dois meses e meio e ele já estava pronto para seguir em frente? Eu sabia que era egoísta pensar daquela forma, mas era mais forte que eu.

Que amor era aquele que ele dizia sentir por mim?

Coloquei uma regata e um shorts e subi, queria ver com meus próprios olhos a festa que ele estava dando.

Digitei a senha e empurrei a porta, mas, para minha total surpresa, a música ecoava por todos os cantos, no entanto, o apartamento estava completamente vazio. Dei mais alguns passos e congelei quando me vi de frente a ele, que vinha da academia, todo suado e usando apenas uma bermuda de moletom.

Droga, Julie!

Romeo tirou as luvas de boxe e caminhou na minha direção, pegou um controle em uma das mesinhas e abaixou o volume do som, até silenciar quase que completamente a música.

— Julie?

— Ah, oi — falei, sentindo-me a pessoa mais patética do mundo.

— Precisa de alguma coisa?

Eu não tinha uma desculpa decente para dar e jamais falaria o que tinha se passado pela minha cabeça, então falei a única coisa que pareceria plausível.

— Na verdade, ia pedir para abaixar o volume da música.

— Problema resolvido — falou, mostrando-me o pequeno controle.

— Certo, obrigada! — Virei-me para sair, com seus olhos ainda em mim. Esperei que ele dissesse alguma coisa, mas nada, ele permaneceu calado. Então eu parei de andar e voltei a encará-lo. — Por que mentiu para mim, Romeo?

Ele arqueou as sobrancelhas e se sentou no braço de uma das poltronas.

— Como assim, menti para você?

— Que amor é esse? Cadê aquele papo de que nunca desistiria?

Sua boca se abriu e ele finalmente se deu conta do que eu estava falando.

— Julie, eu não desisti. No dia em que quiser voltar para mim, estarei aqui. Contudo, *me* cansei de ficar atrás de você e ser rejeitado, ignorado… Nunca corri tanto atrás de uma mulher, como fiz com você, mas não adiantou. Não sou mais um moleque, embora tenha agido como um. Eu reconheci meu erro, pedi perdão, implorei para que me desse, pelo menos, alguma esperança, e o que você fez? — ele perguntou e deu de ombros. — Eu não sabia mais o que fazer. Tudo o que faltava era ameaçar pular de uma ponte e isso eu não faria, não sou tão patético assim. Então resolvi ficar na minha e esperar, não queria te chatear.

Eu sabia que ele não estava completamente errado, mas, poxa, ele me traiu.

— Desculpe, Romeo, essa conversa não faz sentido, e só mostra o quanto eu estou perturbada. Mando você embora da minha vida e depois fico cobrando explicações quando decide seguir em frente.

— Eu *não* estou seguindo em frente da forma que imagina. Apenas parei de perturbá-la, mas não estou com ninguém nem pretendo estar. Somente decidi que passar a vida me humilhando não combina comigo. Eu errei, sim, afinal, sou um ser humano que vivia de uma forma totalmente descontrolada antes de conhecê-la e, infelizmente, não sou perfeito, mas me arrependi e se pudesse voltar atrás, não teria feito aquilo. Eu já reconheci, já me desculpei, já implorei e

não há mais nada que eu possa fazer, tudo depende de você agora.

O desabafo de Romeo me fez perceber que, nem eu mesma, imaginava que ele pudesse evoluir tanto. Ainda assim, a traição pesava demais e eu não sabia o que fazer.

— Desculpe, Romeo eu não deveria ter vindo.

— Não se desculpe e pode vir quando quiser.

— Não, eu não vou fazer isso de novo — falei, mas nós dois sabíamos que eu iria quantas vezes achasse necessário.

— Julie, vem cá.

Neguei com a cabeça e ele sorriu, um sorriso tão lindo e charmoso, que me obriguei a caminhar até ele.

— Fale.

— Daqui a duas semanas é meu aniversário e queria te pedir um presente.

Tinha me esquecido completamente do aniversário dele.

— Que presente? — perguntei, com o cenho franzido.

— Quero que sejamos amigos, que deixe eu me aproximar novamente de você, que me deixe mostrar o quanto mudei. Quero voltar a frequentar o seu apartamento e prometo que vou me comportar, só quero estar perto, cuidar de você.

Fechei meus olhos e respirei pesadamente, eu sabia que aquilo nunca daria certo.

— Romeo, não acho que seja uma boa ideia.

— Acha que não consegue resistir? — falou em tom de brincadeira.

— Está brincando comigo? — zombei, mesmo sabendo que ele estava certo.

— Então me deixe entrar aos poucos na sua vida. Estamos amarrados um ao outro, e já que não consegue me perdoar agora, vamos ser amigos até que

esse dia chegue.

Eu sabia que deveria negar e sair batendo a porta, mas era aniversário dele e Romeo não estava pedindo nada de mais; o problema era *eu* conseguir resistir a ele.

— Tudo bem.

Ele sorriu e me abraçou.

— Abraço de amigos, relaxa.

Senti sua pele quente me envolvendo e meu coração transbordou no peito. Afastei-me antes que meu corpo traidor me denunciasse.

— E o que amigos que já foram namorados fazem? — perguntei para mudar de assunto.

— O que quiserem. Não vou sair hoje e você?

Eu tinha combinado de conhecer uma boate nova com Lisa e os novos amigos dela, mas tinha que confessar que andava cansada da vida noturna.

— Ainda não sei, Lisa quer sair, mas não estou muito animada.

— Então fique comigo e vamos fazer alguma coisa juntos. Que tal um jantar? Posso cozinhar para nós.

Porra, ele não colaborava e eu sabia onde aquele jantar acabaria.

Comigo nua em sua cama.

— Realmente não sei se é uma boa ideia.

— É só um jantar, Julie, somos amigos agora, certo?

Eu sabia que aquilo era uma estratégia dele para se aproximar de mim e ganhar o meu coração. Mas a quem estava querendo enganar, eu amava Romeo e que mal teria em ser amiga dele? Eu não precisaria perdoá-lo e ainda ficaria por perto, de olho em tudo e todas.

— Ok, mas mantenha suas mãos longe de mim.

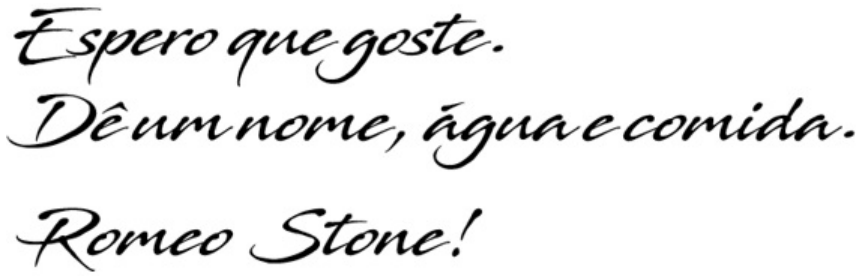
Enquanto ele tomava um banho rápido, fui ao meu apartamento e peguei meu celular, depois, nos encontramos em sua cozinha.

Acabou que ele realmente fez o que prometeu, cozinhou enquanto falávamos sobre negócios, as empresas de nossas famílias e coisas do tipo. Bebemos uma garrafa de vinho e voltei para casa sã e salva.

Foi estranho e agradável ao mesmo tempo, havia um clima diferente no ar. Estávamos loucos de desejo um pelo outro, mas nos comportamos. Não tocamos em assuntos desagradáveis ou que pudessem nos deixar em uma situação delicada e achei que aquele arranjo poderia dar certo.

Acordei no sábado de manhã com a minha campainha tocando. Saí descalça pelo apartamento e abri a porta, mas, para a minha surpresa, não havia ninguém. Quando pensei em fechar, um latido me fez olhar para baixo e levei as mãos à boca com a bolinha de pelos que estava dentro de uma caixinha, em frente à minha porta. Abaixei-me e o peguei com cuidado.

— Oi, pequenino. — O filhotinho tinha um laço vermelho pendurado em uma coleira, assim como um bilhete. Abri o envelope com cuidado e li:



Sorri com o teor da mensagem e peguei a caixa, havia um pequeno pacote de ração e dois potes dourados. Romeo sabia que eu amava animais e que sentia muita falta dos meus cachorros que ficaram em Londres e eu achei aquilo de uma delicadeza enorme.

CAPÍTULO 22

Romeo

Julie e eu estávamos nos entendendo bem como amigos, mas a tensão sexual que existia entre nós, estalava pelo ar. Mesmo assim mantive minha promessa de não forçar a barra, e só eu sabia o quanto estava sendo difícil.

As coisas melhoraram depois que eu a presenteei com *Astor*[5]. Sim, apenas alguém ligado a dinheiro daria esse nome ao seu cachorro. Mas o que interessa é que desde então, ela me mandava mensagens e fotos das travessuras que a bolinha de pelos fazia em seu apartamento.

Não havia nada resolvido entre nós, mas eu gostei de voltar a vê-la sorrindo por qualquer besteira que eu falava; o clima estava, consideravelmente, melhor.

— Sr. Stone, posso entrar? — a Sra. Rice perguntou, com metade do corpo para dentro do meu escritório.

— Claro.

Ela sorriu e caminhou até a minha mesa.

— Como o senhor sabe, amanhã eu saio de licença, mas já treinei uma pessoa para ficar no meu lugar. O senhor gostaria de conhecê-la?

Tinha me esquecido de que minha secretária se ausentaria por dois meses e esperava que sua substituta fosse tão competente quanto ela.

— Claro — falei novamente.

Ela pediu um segundo e caminhou até a porta, sorriu para alguém que estava na recepção e solicitou que a pessoa entrasse. Peguei meu celular para responder a uma mensagem de Julie, e quando levantei o olhar, dei de cara com

uma mulher deslumbrante.

— Esta é Bertha Stout, a secretária que ficará no meu lugar, Sr. Stone.

Bertha devia ter uns vinte e seis anos, era alta, possuía o corpo bem delineado e cabelos lisos cor de chocolate. Tinha uma beleza exótica e aquilo não me agradou em nada, eu andava fugindo de mulheres bonitas e atraentes como minha nova secretária. Meu foco era reconquistar Julie, então teria que ficar duplamente atento.



Eu estava animada. Ser amiga de Romeo não era tão ruim, pelo contrário, era uma forma de estarmos juntos, mas sem aquela pressão para voltar. Naquele dia, tínhamos combinado de almoçar na sala dele e eu estava eufórica. Ajeitei o meu vestido mais uma vez antes de sair do elevador, apenas para dar de cara com uma super morena, sentada na mesa da secretária.

Romeo havia comentado comigo que a Sra. Rice havia saído de licença, mas não falou nada sobre a aparência de sua substituta e não gostei nada do fato de ela ser tão nova e bonita.

— Bom dia, sou Julie Collins, o Sr. Stone está me aguardando.

— Bom dia, Srta. Collins, pode entrar.

Ela deu um sorriso simpático e eu entrei. Romeo estava em uma ligação e pediu um minuto, o que foi bom, pois minha mente diabólica estava trabalhando a todo vapor. Se tudo o que me disse fosse verdade, ele estava há um bom tempo

sem sexo, e ter uma secretária tão bonita não ia ajudar muito. Pelo visto, eu teria que tomar providências.

— Era minha mãe, ela te mandou um beijo — disse quando desligou.

Sorri para ele, ainda com o rosto da maldita secretária na cabeça.

— Não sabia que estava escolhendo suas assistentes em catálogos de moda.

Ele soltou uma gargalhada e se aproximou de mim. Estava elegante em um terno escuro que fazia seus olhos ficarem em destaque.

— Está com ciúmes? — perguntou charmoso.

— E se estiver? — provoquei e ele me puxou pela cintura.

— Se estiver, vai me deixar muito feliz por saber que ainda desperto alguma coisa em você — falou me dando um de seus sorrisos maravilhosos. — Mas pode ficar tranquila, eu aprendi a lição.

Minhas mãos estavam espalmadas em seu peito e se eu me inclinasse mais alguns centímetros, nossas bocas ficariam praticamente coladas… Eu queria tanto beijá-lo e me entregar a ele, por isso, *me* afastei.

— Que bom que aprendeu.

Fui até a mesa de reuniões e ele me seguiu.

— E aí, já comprou meu presente de aniversário? — perguntou e bebeu um gole de suco.

Nossos pratos estavam sobre pedras aquecidas e cobertos com uma cloche, para manter a temperatura da comida.

— Você já tem tudo — afirmei.

Ele sorriu, triste, e balançou a cabeça em negação.

— Não tenho você.

Engoli em seco, peguei o copo de suco da mão dele e bebi um gole.

— Isso é uma indireta?

— Na verdade, não poderia ser mais direto — respondeu e puxou a cadeira para eu me sentar. Imediatamente retirei a cloche e comecei a comer, para não ter que responder ao comentário dele.

No final do almoço, usamos o banheiro dele para escovar os dentes, parecendo um casal feliz, não fosse o fato de estarmos fingindo uma amizade.

— Vai fazer alguma coisa no seu aniversário? — perguntei assim que saí do banheiro.

— Pensei em fazer uma viagem.

Fiz uma expressão de surpresa, mas, no fundo, estava chateada.

— Achei que fôssemos comemorar juntos — confessei, depois de alguns segundos, soando desapontada.

— E vamos, se você aceitar ir comigo nessa viagem.

— Mesmo? E qual é o destino?

— Costa Amalfi, na Itália.

— Nossa, esse lugar é incrível, vi algumas fotos, mas nunca estive lá.

— Então será sua chance. E o melhor é que irá conhecer comigo.

Eu e Romeo em uma viagem juntos? Eu sabia que ele queria ficar sozinho comigo e, no fundo, eu também queria. Além disso, minha mente perturbada, volta e meia, *me* pressionava.

Acha que vão ser amiguinhos até quando? Romeo Stone é um homem carnal, gosta de sexo. Lembra da secretária dele? Pare de ser idiota!

— Ok, eu vou com você, mas com uma condição.

Romeo se aproximou e me puxou pela cintura, adorava quando ele fazia aquilo.

— Qualquer coisa, é só pedir.

— Quero que se livre dessa secretária.

Romeo sorriu de um jeito encantador. Era ridículo o que eu estava pedindo, mas não correria nenhum risco, não quando estávamos nos entendendo tão bem.

— Eu me livro com uma condição.

Senti o gosto da vitória e mordi o lábio para esconder um sorriso.

— Que condição?

— Vai passar uma noite comigo. Estou louco para fazer amor com você. E *tem* que ser você.

Romeo não imaginava o quanto desejava a mesma coisa. Mas eu sabia tudo o que uma noite com ele implicaria, e talvez quisesse aquilo.

— Uma noite e nada mais?

Ele sorriu e demorou para confirmar, mas acabou dando um leve aceno.

— Isso. E então, o que me diz?

Desviei olhar e me senti dividida. Romeo Stone não era um cara normal, ele era desejado por praticamente todas as mulheres de Nova York e estava fazendo de tudo para me reconquistar. Eu sabia que aquilo não daria certo. Éramos dois viciados em sexo e estávamos em abstinência por bastante tempo, de forma que uma noite juntos, seria como abrir as portas do inferno e libertar o demônio que habitava dentro de mim. Ainda mais depois das loucuras que andei fazendo.

— Tudo bem, Romeo, eu aceito.

Aquele sorriso de um milhão de dólares, que sempre fazia uma babinha escorrer pelo canto da minha boca, surgiu no rosto dele.

— Que tal hoje? — ele sugeriu.

— Que tal daqui a dois dias, no dia do seu aniversário?

Ele me puxou e colou os nossos corpos.

— Tipo um presente de aniversário?

— Tipo isso — respondi, inebriada com o perfume dele.

— Vão ser os dois dias mais longos da minha vida.

Sorri com o desespero dele e me afastei.

— Tenho que voltar agora, mas não esqueça de se livrar da secretária.

— Preciso de pelo menos uma semana para arrumar alguém; me dá esse tempo?

Eu sabia que um homem na posição dele não poderia ficar sem secretária, então daria aquela chance a ele, já que havia aceitado se desfazer dela prontamente.

— Uma semana e nada mais.

Joguei um beijo no ar e saí. Quando passei pela porta, a secretária bonitona ficou me analisando, com um sorriso ensaiado nos lábios. Sorri de volta. Mal sabia ela que estava com os dias contados.



A sexta-feira havia chegado. Romeo e eu tínhamos combinado de não trabalhar, para podermos viajar logo pela manhã e, assim, aproveitarmos bastante o fim de semana.

Ele havia pedido a Alyssa que ficasse com *Astor* e o pequeno estava lá desde a noite anterior. Minha mala também já estava pronta, mas me lembrava de que e a cada peça de roupa que eu colocava lá dentro, tudo no que conseguia pensar era em como seria a nossa noite.

Eu gostava tanto de Romeo, que não sabia explicar como havia conseguido

ficar todo aquele tempo longe dele. Por isso mesmo evitei vê-lo nos dois últimos dias; sabia que não aguentaria e acabaria entregando o presente antes dos parabéns, se é que vocês me entendem.

— Pensando em mim?

Levantei o olhar e dei de cara com ele.

— Pensando em muitas coisas — menti.

— Chegaremos em dez minutos e vamos jantar.

Graças a um atraso de Romeo, que insistiu em passar na empresa para assinar alguns papéis, só chegaríamos no final da tarde. Fui junto com ele, já que de lá, iríamos direto para o aeroporto. Enquanto esperava na recepção, percebi que a secretária pareceu meio incomodada com a minha presença. Aquilo só me fez ter certeza de que ela tinha que ir embora

— Posso tomar um banho e colocar uma roupa bonita?

— Claro que sim.

Romeo usava um jeans azul-escuro e uma camiseta cinza, a barba estava por fazer e seus olhos bonitos tinham um brilho especial. Resumindo, estávamos felizes por estarmos juntos. Quando o jato baixou a altitude e pudemos ter um vislumbre da Costa Amalfi, meu coração se encheu de alegria, o lugar era incrível.

Quando chegamos em Salerno, um motorista nos levou até o local onde ficaríamos hospedados até domingo.

— Nossa, Romeo, que casa incrível!

— Agradeça à minha mãe, foi ela quem encontrou esse lugar, já que os hotéis daqui estão sempre cheios.

Alyssa era a torcedora número um para que eu voltasse com Romeo.

— Eu amei — tive que dizer, quando entramos.

A casa era enorme e todos os cômodos tinham uma vista espetacular, mas

nada se comparava à cara de bobo de Romeo, por eu estar ali com ele.

— Onde fica o meu quarto? — perguntei.

— Nosso quarto, você quis dizer — falou, depois de me encarar por alguns segundos.

Mordi o lábio me sentindo idiota. Eu tinha concordado em passar uma noite com ele e esperava que aquilo acontecesse em camas separadas?

— Ah, tá, claro! Nosso quarto.

Ele sorriu, pegou minha mão e me guiou pelos amplos corredores, até pararmos em frente a uma porta dupla. Assim que ele as abriu, minha boca foi ao chão; a suíte era a coisa mais maravilhosa que eu já tinha visto na vida. Ela era toda aberta, com cortinas brancas e esvoaçantes, que dançavam conforme o vento passava pelas enormes janelas, que iam do chão ao teto. Caminhei pelo quarto, admirando os detalhes da grande cama com dossel, depois saí para a enorme área varanda e me deparei com um espaço muito bem decorado, com mesa, sofás e poltronas confortáveis, tudo branco, com almofadas lilases. Fora a vista, que era de tirar o fôlego.

— E o que a gente faz agora? — perguntei, animada.

— Que tal antecipar o meu presente? — ele propôs, sedutoramente, e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

— Romeo, Romeo…

— Estou brincando, vá se arrumar; dentro de uma hora, iremos jantar.

Dei um beijo no rosto dele e saí saltitando para dentro. Tomei um banho rápido e, quando saí, Romeo não estava mais no quarto. Como o clima estava agradável, coloquei um vestido fluido e sandálias confortáveis. Deixei os cabelos soltos e fiz uma maquiagem bem leve, apenas rímel e brilho nos lábios.

Saí pela casa e o encontrei na sala, bebendo uma dose de uísque, distraidamente. Também vestia uma roupa informal, bermuda, camiseta e mocassim da Louis Vuitton.

— Estou pronta — falei para chamar sua atenção.

— E linda — completou ao se virar para mim.

— Obrigada.

Fui até ele e peguei o copo da sua mão, então tomei um gole, sentindo a bebida queimar a minha garganta.

— Vamos? — perguntou, estendendo-me a mão.

Concordei, aceitando a mão dele. Saímos para outra área externa e subimos por uma enorme escada lateral, que acompanhava a casa.

— Achei que iríamos jantar fora — disse, ainda o seguindo escada acima.

— E vamos, mas do lado de fora de casa, mais precisamente no terraço.

Revirei os olhos para ele e chegamos ao tal terraço, onde havia uma mesa para dois.

— Nossa, que vista!

As casas que subiam o morro, estavam todas iluminadas, não tinha como se sentir indiferente a toda beleza daquele lugar.

Romeo puxou a cadeira para mim e depois se sentou à minha frente. Só então percebi a presença de um rapaz uniformizado, pronto para nos servir.

— Nota dez em tudo até agora, Sr. Stone — zombei e ele me deu aquele sorriso que alcançava os olhos e me deixava fascinada. Além de todo o charme e inteligência de um homem bem-nascido, Romeo ainda sabia exatamente o que fazer para enlouquecer uma mulher.

— A intenção é agradar sempre.

— Que cantada barata — falei, desdenhosa, e ele gargalhou.

— Você não deixa passar uma, hein.

— Não mesmo.

O rapaz nos serviu um vinho branco, enquanto Romeo falava sobre o

lugar. Disse que já tinha ido ali com alguns amigos, mas que era a primeira vez que fazia uma viagem a dois.

— Já fez todas essas coisas com outra mulher? E, quando eu digo coisas, refiro-me a tudo mesmo.

Ele ficou me encarando, decerto pensando no por que eu estava tentando estragar a nossa noite, com perguntas inconvenientes.

— Algumas, mas a maioria delas só fiz com você, principalmente, as românticas. Isso não fazia parte do meu repertório.

Bebi o vinho enquanto o rapaz servia nossos pratos.

— Entendi — falei e comecei a comer. Se eu ficasse fazendo muitas perguntas, acabaria dando a ele o direito de fazer o mesmo e, com certeza, não conseguiria ser tão sincera. — Uau, isso aqui está divino.

— Já disse que a intenção é agradar em todos os sentidos.

Minha vez de sorrir.

Depois do jantar, o rapaz retirou os pratos e abriu mais uma garrafa de vinho, deixando-nos a sós em seguida. Romeo se levantou, estendeu a mão e me guiou até um confortável sofá, que havia no lado oposto à mesa. Permanecemos vários minutos ali, bebendo e conversando, mas só Deus sabia como eu estava louca para fazer amor com ele.

— Julie, eu não a trouxe aqui apenas para comemorar o meu aniversário, que será daqui a uma hora. Eu quis te trazer aqui, porque precisamos ter uma conversa séria.

Senti a bile subir, será que ele tinha descoberto alguma coisa?

— Sou toda ouvidos, não me deixe curiosa.

Ele passou os dedos pelo meu rosto e ficou me olhando ternamente. Eu conseguia sentir o quanto Romeo me amava, pois me olhava como se eu fosse algo raro e precioso.

— Eu sei que pode parecer precipitado para você, mas, desde que a conheci, eu mudei bastante. Posso ter errado, algumas vezes, claro, entretanto, minhas convicções mudaram. Foi como se meu relógio biológico acordasse e desejasse coisas impensadas até então. Tudo do que sempre fugi, começou a rondar os meus pensamentos com mais frequência do que eu podia acreditar, e eu comecei a me ver em situações que… — As palavras dele se perderam.

— Continue — incentivei e toquei a mão dele. Meu coração estava na boca.

— Eu imagino uma vida com você, Julie. Imagino uma casa feliz, filhos e tudo o mais que pudermos construir juntos.

— Você está falando sério? — perguntei e ele passou o dedo pelo meu rosto, limpando uma lágrima.

— Nunca falei tão sério na minha vida. Esse tempo que fiquei longe, *me* fez perceber que não quero mais a vida de antes, eu gostei de ter alguém. E, mais que isso, quero voltar para casa e saber que terá alguém me esperando e, do fundo do coração, quero que esse alguém seja você.

Toquei o rosto dele e sorri, meio abobalhada com tudo o que ouvi.

— O que quer dizer com tudo isso?

Ele virou o rosto e beijou a palma da minha mão.

— Quero que volte comigo e, quando se sentir segura ao meu lado, que fiquemos noivos e que depois, nos casemos. Eu prometo que você vai se orgulhar de mim, que seu pai também vai, porque eu vou fazer de você a mulher mais feliz desse mundo.

Tudo aquilo parecia um sonho. Jamais imaginei que Romeo estivesse tão envolvido a ponto de me propor casamento. Minha mãe sempre falava que, quando encontrávamos nossa alma gêmea, as coisas se encaixavam e tudo fazia sentido.

— Você disse as coisas mais lindas que já ouvi na vida e, sim, Romeo, eu

quero voltar com você, quero voltar para a nossa rotina, quero noivar e me casar com você e lhe dar um monte de filhos.

Ele sorriu e se inclinou sobre mim, segurando-me firme e invadindo a minha boca.

Deus, como eu senti falta de tudo isso.

Ele se afastou e me pegou pela mão.

— Aonde vamos? — perguntei quando ele me pegou nos braços e caminhou comigo em direção às escadas.

— Está na hora de desfrutar do meu presente.

Gargalhei, feliz e ansiosa, só Deus sabia como eu estava louca para ser tomada por ele.

Entramos na suíte em uma verdadeira confusão de braços, mãos e bocas. Romeo me apertava e beijava com tanta fome e paixão que, com certeza, haveria marcas no meu corpo no dia seguinte. Mas quem se importava com aquilo?

— Eu vou acabar com você esta noite, Julie.

O centro das minhas pernas latejava com a promessa dele.

Romeo me jogou na cama e avançou sobre mim feito um leão faminto que, enfim, tinha conseguido capturar sua presa.

— Não sabe quanta saudade eu senti — sussurrou entre meus lábios e desceu, arrastando a boca pelo meu corpo, que estava em brasas.

— Eu também, Romeo, quase morri longe de você.

Palavras não seriam suficientes para expressar toda a falta que havíamos feito um ao outro. E, por mais que a traição ainda me doesse, ficar longe dele doía ainda mais. Eu não conseguia mensurar o tamanho dos meus sentimentos por Romeo e aquilo me assustava; não era saudável gostar de alguém tanto assim.

— Hum! — gemi quando os dedos dele entraram em mim.

— Senti tanta saudade dessa bocetinha gulosa.

Ele trocou os dedos pela língua, fazendo-me gemer ainda mais quando chupou meu clitóris com força. Seus lábios me devoravam como se eu fosse uma fruta saborosa, enquanto sua barba por fazer, roçava na minha pele sensível.

— Ah, meu Deus, Romeu — gritei ao sentir sua língua entrando fundo no meu canal e fazendo movimentos que me deixaram enlouquecida. Segurei sua cabeça e rebolei, sentindo todo aquele contato delicioso. Não acreditava que houvesse no mundo, um homem que fizesse um sexo oral melhor que Romeo Stone.

Quando eu estava prestes a ter um orgasmo daqueles, ele saiu do meio das minhas pernas e arrancou suas roupas com uma rapidez admirável. Meus olhos brilharam ao venerar aquele corpo esculpido, aquele membro grande e duro que me dava tanto prazer. Cheguei a salivar.

— Nem pense nisso.

Ele voltou para a cama e se acomodou entre minhas pernas.

— Não aguento esperar nem mais um segundo.

Então meu coração se apertou, senti ele deslizando para dentro, minhas paredes foram acomodando cada centímetro, mesmo que com um pouco de dificuldade. Romeo era um homem grande e, nessas horas, sentia-me uma formiguinha embaixo dele.

— Eu te amo, Julie, tanto, que até dói.

Fechei os olhos e absorvi a deliciosa sensação de felicidade plena. Não existia outra palavra para me definir naquele momento. Eu estava na cama com o homem da minha vida e escutando as coisas mais incríveis que eu poderia imaginar.

— Eu também, meu amor — disse emocionada enquanto Romeo entrava com calma, indo até o fundo, preenchendo cada espaço e depois saía. Toda aquela loucura do início se transformou em uma adoração de corpos. Estávamos

nos amando, aquela era a definição certa. Nossa separação serviu para nos deixar cientes da importância que tínhamos na vida um do outro.

Durante aquela noite, que nos entregamos de corpo e alma, eu jurei lutar por aquele amor. Jurei, silenciosamente, fazer dar certo e só esperava que o destino cooperasse comigo, pois estava determinada a me tornar a Sra. Julie Collins Stone muito em breve.

Acordei com o corpo todo dolorido e me assustei com as marcas de mordidas e chupões. Romeo realmente cumprira sua promessa de acabar comigo. Tomei um banho e o encontrei na cozinha, terminando de arrumar uma bandeja de café da manhã.

— Estraguei a surpresa? — perguntei e fiquei na ponta dos pés para beijá-lo.

— Estragou, mas não tem problema, podemos comer aqui.

Sorri e me sentei no balcão, admirando a paisagem à minha frente. Romeo estava apenas de boxer e avental branco de cozinheiro. Uma delícia, sério.

— Julie, eu estive pensando em uma coisa. — Despejou suco de laranja no meu copo e entregou-me um prato com ovos e torrada.

— Pensando em quê?

Romeo ficou me encarando, com olhos ansiosos. Ele vinha fazendo aquilo com uma frequência maior do que o normal.

— Queria que passasse mais tempo comigo.

— Nós vamos passar, vai ser tudo como antes. Iremos e voltaremos do trabalho juntos todos os dias. Depois que chegarmos em casa, vamos transar até não aguentarmos mais e dormiremos agarradinhos.

Ele sorriu e limpou um farelo da torrada que ficou no canto da minha boca.

— Eu sei que será assim, mas eu quero mais.

Quase me engasguei com a comida.

— Mais que isso, só se a gente morasse junto — falei, sem pensar, e só então me dei conta de que era o que ele queria.

— Seria nosso próximo assunto — ele admitiu, se enfiando no meio das minhas pernas e me prendendo contra o mármore da bancada. — Quero que se mude para o meu apartamento, quero cuidar de você do jeito que merece. Aposto que nem deve estar se alimentando direito. Você precisa de mim.

Meu Deus, parecia que, do dia para a noite, Romeo descobriu que eu era o grande amor de sua vida e me queria nela de qualquer jeito, de todos os jeitos.

— E como eu vou explicar isso para os meus pais?

— Eles não precisam saber, você volta para o seu apartamento quando eles vierem visitar. Será um segredo nosso.

Analisei a proposta dele. No fundo, eu tinha medo de enfiar os pés pelas mãos. Romeo estava intenso demais. E se estivesse apenas entusiasmado com nossa volta? E se nossa convivência estragasse tudo e acabasse com as nossas chances de chegar ao altar?

— Julie, eu sei que está pensando que é só empolgação, mas não é isso. Eu quero mesmo ficar com você, casar, ter filhos e tudo o mais que uma vida puder oferecer, mas tem que ser com você.

Gente, como eu negaria aquilo a ele depois de tantos argumentos? Não fazia seis meses que eu estava em Nova York e minha vida já tinha mudado completamente.

— Vamos fazer um teste, pode ser?

Ele sorriu e me beijou.

— Pode, vou te deixar tão mal-acostumada, que nunca mais vai querer ficar longe.

Aquela era a intenção, grudar nele e não desgrudar nunca mais.

CAPÍTULO 23

Romeo

Minha viagem com Julie foi maravilhosa, meu coração estava feliz de um jeito que não dava para explicar. Meu amor por ela era tão grande, que eu sentia um aperto no peito só de me lembrar de seu sorriso.

Quando foi que tudo ficou tão intenso?, refleti.

Eu não tinha mais dúvidas sobre os meus sentimentos, eu queria sossegar, queria ficar com ela. Por mais louco que fosse, o cupido tinha acertado uma flecha bem no meio do meu peito, e tudo o que eu queria, era construir uma vida ao lado daquela mulher.

Combinamos que ela levaria suas coisas aos poucos, mas que já dormiria na minha cobertura naquela noite. Saber daquilo me deixou muito ansioso durante todo o dia, não me cansava de amá-la e declarar todos os meus sentimentos.

— Sr. Stone, o pessoal da recepção trouxe a correspondência.

Bertha entrou na minha sala com alguns envelopes na mão e só então me lembrei da promessa que havia feito para Julie, então fiz uma anotação mental, para solicitar uma nova secretária ao setor de recursos humanos.

— Pode deixar sobre a minha mesa.

Ela se aproximou, cautelosa, e deixou os envelopes.

— Sr. Stone, eu sei que comecei há pouco tempo, mas gostaria de pedir permissão para sair mais cedo amanhã, pelo menos, uma meia hora antes de encerrar o expediente.

Mesmo que ela não fosse ser efetivada, teria o direito de sair mais cedo caso precisasse.

— Claro, deixe tudo organizado e pode sair.

Ela me olhou com aqueles olhos grandes e amendoados e sorriu.

— Obrigada, minha mãe vai fazer uma cirurgia delicada, é só por isso, jamais me ausentaria por outro motivo.

Apenas dei um leve aceno com a cabeça, mas ela entendeu que eu não queria estender a conversa e saiu, fechando a porta. Peguei os envelopes endereçados a mim e a maioria era de coisas relacionadas à empresa. Na verdade, minha antiga assistente fazia aquele trabalho de verificar tudo. Pelo visto, Bertha não tinha pegado o jeito ainda.

Estava quase desistindo de abrir as correspondências quando um envelope preto me chamou a atenção. Curioso, o abri antes dos outros e vi que havia algumas fotos. Joguei todas em cima da minha mesa e a cada uma que eu olhava, mais indignado eu ficava.

Minhas mãos tremiam, um nó foi se formando na minha garganta e eu poderia jurar que nunca havia me sentido tão nauseado na vida. Era Julie, a minha Julie, em situações tão absurdas que, se alguém me falasse, eu jamais acreditaria.

Peguei uma das fotos onde ela estava sentada em um sofá, com cigarro na mão, enquanto olhava para sua amiga Lisa sendo fodida por dois caras. Era perceptível, pela foto, o quanto ela estava excitada com a cena. Joguei aquela para o lado e peguei outra. A imagem era meio turva e qualquer outra pessoa dificilmente a reconheceria, mas eu a conhecia bem demais e, mesmo com uma peruca ruiva, consegui reconhecê-la, era ela. Mais uma vez, apareceu com um cigarro na mão e eu nem sabia que ela fumava. Naquela foto, Lisa também estava com mais de um homem e Julie conversava com um cara completamente nu. E pior de tudo, parecia à vontade com a situação. Com certeza, não era a primeira vez que fazia aquilo, pois em todas as fotos, ela aparecia com roupa ou peruca diferentes.

Espalhei as dezenas de fotos sobre a mesa, até achar alguma mais comprometedora e meus olhos ficaram turvos, quando encontrei uma imagem em que ela estava apenas de lingerie, com dois homens alisando seu corpo.

Dei um murro na mesa, sentindo-me o cara mais idiota da face da terra. Então era aquilo que ela fazia, enquanto eu me desdobrava para reconquistá-la? Em toda a minha vida, nunca senti uma decepção e tristeza tão grandes. Por mais que eu a tivesse traído, por mais que ela estivesse solteira, nada justificava aquelas fotos bizarras. Acabei me questionando que outras coisas Julie estaria escondendo e por que diabos eu tinha a sensação, de ter construído um castelo, para uma mulher que era pior que areia movediça.

Eu acreditava que tinha sido o único homem a tocá-la, e então descubro que ela participava de orgias com uma amiga. A mulher com quem eu queria me casar e ter filhos, a mulher a quem declarei todo o meu amor no fim de semana.

Dei mais um murro na mesa e saí. Eu jamais a perdoaria. Jamais!



Terminei de arrumar minha primeira mala de roupas e subi até a cobertura de Romeo, estranhando o fato de ele ainda não estar em casa. Deixei a mala no closet e liguei em seu celular, mas caiu na caixa de mensagens, o que era mais estranho ainda, já que ele sempre atendia. Liguei para a empresa, e a tal Bertha disse que ele já havia saído.

Uma sensação estranha começou a tomar conta de mim, um pressentimento ruim, que logo tratei de dissipar. Estava tudo certo. Nós estávamos juntos e felizes, e nada mais poderia abalar o nosso relacionamento.

No entanto, eu comecei a duvidar das minhas próprias convicções, quando percebi que já era quase meia-noite e eu ainda não tinha qualquer notícia de Romeo. Durante aquelas horas de espera, todo tipo de merda passou pela minha cabeça e a maior delas, era que eu estava sendo traída. A imagem dele com Luna aparecia com frequência na minha mente e, quando aquela imagem se dissipava, outras surgiam. Imagens dele com a secretária, ou com Sandy…

Santo Deus, eu já estava enlouquecendo. Onde aquele miserável havia se metido?

Antes de fazer qualquer coisa ou mandá-lo à puta que pariu, decidi falar com Alyssa, se tivesse acontecido alguma coisa, ela saberia. O telefone tocou várias vezes antes que ela atendesse.

— Oi, Julie — atendeu, com uma voz triste. Ela era sempre tão alegre que estranhei aquilo.

— Oi, Alyssa, desculpe ligar esse horário, mas estou preocupada com Romeo.

O silêncio dela fez meu coração se apertar no peito.

— Você sabe dele? Sabe onde ele está? — minha voz não passava de um sussurro. — Por favor, Alyssa, diga alguma coisa pedi quando ela permaneceu calada.

— Romeo sofreu um acidente, Julie, estamos no hospital com ele.

Minhas pernas fraquejaram e só percebi, quando meus joelhos bateram no chão e eu senti uma dor irradiar para as minhas coxas.

— Por Deus, diga que ele está bem.

— Ele está em observação. Tem algumas escoriações pelo corpo, mas, graças a Deus, está fora de perigo.

O alívio que me invadiu, só não foi maior que a culpa de ter pensado que ele estava me traindo.

— Em qual hospital ele está? — Anotei o endereço e tinha a impressão de ter desligado o telefone na cara de Alyssa, tamanho era o meu desespero para vê-lo. Coloquei uma roupa qualquer e saí correndo do meu apartamento.

O caminho até o hospital foi um borrão e eu só conseguia pensar em como seria a minha vida, se algo de ruim acontecesse a ele. Aquele homem era o meu mundo e eu nunca poderia agradecer a Deus o suficiente por Romeo estar fora de perigo.

Pedi informações na recepção e segui até o quarto onde ele estava. Não foi difícil encontrar, pois logo avistei Harvey falando com um médico. Os dois caminharam até o final do corredor e sumiram da minha vista, então me dirigi aos seguranças que guardavam sua porta.

— Oi, sou Julie Collins, namorada de Romeo — falei ao chegar perto dos dois armários. Eles se olharam, mas ao invés de se afastarem, se aproximaram ainda mais, bloqueando a porta.

— Desculpe, senhorita, mas temos ordens para não a deixar entrar.

Abri a boca e depois fechei, sem entender que merda estava acontecendo ali.

— Como assim, eu não posso entrar?

Perguntei, já meio descontrolada e recebi olhares de enfermeiras me recriminando, afinal, não era o comportamento adequado para um hospital.

— Eu não sei quem deu essa ordem idiota a vocês, mas eu vou ver o meu namorado, vocês querendo ou não.

Eles nem piscaram com a minha ameaça, apenas continuaram em frente à porta e tive certeza de que não me deixariam entrar. Saquei o celular da bolsa e liguei insistentemente para Alyssa, mas ela não atendeu. No entanto, segundos depois, a porta se abriu e ela passou pelos brutamontes.

— Alyssa, pelo amor de Deus, diga-me que está havendo algum engano? Por que eles não me deixam entrar?

Ela me encarou com os olhos marejados e depois me abraçou.

— O próprio Romeo proibiu a sua entrada.

— Ele o quê? — falei mais alto que o necessário, totalmente atônita.

— Venha comigo, querida. — Alyssa me levou até uma sala vazia, mas eu estava furiosa e inconformada com a atitude dele.

— Eu não entendo, nós estávamos tão bem. Por que Romeo faria isso? — perguntei, com lágrimas rolando pelo meu rosto.

— Ele recebeu um envelope com fotos suas em um clube de sexo e perdeu a cabeça.

Fechei os olhos, sentindo meu mundo desabar; tudo o que eu temia, estava acontecendo. Romeo jamais me perdoaria.

— Alyssa eu… eu…

— Ei, você não me deve explicações de nada, *nem* a ele. Vocês estavam separados, então ele vai ter que entender.

Balancei a cabeça, sentindo uma pontada forte no peito.

— Ele não vai entender. Ele me via como algo intocável, quase uma santa. Imagina o que deve estar pensando de mim.

Ela me deu um sorriso doce e me abraçou novamente.

— Vou confessar uma coisa, mas tem que ficar entre nós.

Balancei a cabeça e dei um sorriso triste.

— Eu também fui a um clube desses, quando estava em pé de guerra com Harvey, não apenas para provocá-lo, mas por curiosidade. Dê um tempo a ele, vocês se amam e logo meu filho vai perceber, que está fazendo tempestade em copo d'água.

Continuei abraçada a ela, tentando achar consolo em suas palavras, porque estar separada de Romeo, sabendo que ele me queria, era uma coisa, mas estar separada dele, sabendo que não significava mais nada, era outra totalmente

diferente e doloroso demais.

— Como ele está?

— Está sedado e só vai acordar amanhã. Faça o que eu pedi, dê alguns dias para ele digerir tudo e pensar com calma. Depois, se quiser conversar, eu a ajudo a falar com ele.

Nunca tinha me sentido tão impotente na vida, mas aí me lembrei do dia em que Sandy esteve no meu apartamento, revelando a traição de Romeo. Naquele dia eu também não quis vê-lo.

Mas aquele caso era diferente. Mesmo que tivesse me traído, ele ainda me pintava como uma santa, por isso eu conseguia imaginar o tamanho de sua decepção ao ver minhas fotos em um clube de sexo. Ainda assim, sentia uma revolta enorme por sua atitude machista, além de raiva por ter ido na onda de Lisa e estragado tudo. Sim, *eu* tinha estragado tudo daquela vez.



Eu estava me sentindo triste e vazia, desanimada com tudo. Parecia que meu romance com Romeo estava fadado ao fracasso. A gente nadava, nadava e morria na praia. Sabia que ele deveria estar chateado, mas queria poder falar. Eu havia lhe dado uma chance, tinha deixado que se explicasse e se arrastasse atrás de mim. Eu até fui maleável em algumas situações, mas sabia que comigo não seria daquela forma. Romeo me amava, mas, naquele momento, seu ódio era proporcional ao amor e ele me magoaria de todas as formas possíveis; talvez por puro prazer, ou apenas para tentar se sentir melhor.

Balancei a cabeça e fui para o meu quarto. Eu faria exatamente o que

Alyssa havia pedido, daria um tempo para que as coisas se ajeitassem, para que ele se desse conta de que estava sendo injusto comigo.

Eu sentia que estava enlouquecendo. Romeo não voltou para a cobertura, preferindo ficar na casa dos pais. Alyssa me mantinha informada sobre tudo, mas eu sentia uma necessidade absurda de vê-lo e só me mantive quieta, por causa dos conselhos que ela me deu.

Em nossas conversas, ela me falou que ele ainda estava revoltado com a situação e que seria melhor eu esperar. Então, tudo o que eu fazia era trabalhar, pois era uma forma de tentar seguir em frente.

Ficara sabendo através de Lisa, que ele havia aparecido nas Indústrias Stone apenas dois dias e estava certa de que tinha evitado me encontrar. Aquilo começou a me soar tão absurdo, era como se eu tivesse alguma doença contagiosa. Quando percebi aquele padrão, liguei e mandei mensagens, mas ele não respondeu e eu me senti patética. Nunca me imaginei em uma situação como aquela. Justo eu, a rainha dos conselhos, que falava aos quatro ventos que ignorar era o melhor caminho sempre.

— Julie, tem uma pessoa querendo falar com você — Lisa interrompeu meus pensamentos dramáticos.

— Pode passar a ligação.

— Não é por telefone, e a pessoa não tem horário marcado.

— Então marque um horário e peça para vir outro dia.

Minha assistente mordeu o lábio, parecia indecisa.

— É o Romeo.

Senti uma pontada no peito, será que Alyssa estava certa? Será que ele havia percebido que eu não estava tão errada assim? Que ele é que estava errado?

— Pelo amor de Deus, Lisa, diga que eu estou bem?

Ela sorriu e confirmou com a cabeça.

— Posso deixá-lo entrar?

— Deve — falei, passando as mãos pelo cabelo e sentindo meu coração pulsando nos ouvidos, ansiosa como nunca.

Quando ele surgiu na minha porta, com os cabelos penteados para trás, um olhar determinado e uma expressão séria, meu peito se apertou. O jeans rasgado com a camiseta cinza, mostravam que ele não tinha ido trabalhar naquele dia e minha mente ficou em alerta, será que havia decidido abandonar o cargo de CEO e voltar para a vida de antes?

— Oi — falei para quebrar o silêncio.

Romeo ficou parado, apenas me olhando por alguns segundos intermináveis. Mesmo com aquela dureza no olhar, conseguia enxergar o quanto me amava, todavia, ele manteve a fachada impenetrável.

— Precisamos conversar — falou e fechou a porta.

— É, precisamos, sim. — Apontei para a cadeira à minha frente, mas ele negou.

— Desculpe não ter te recebido no hospital, eu estava abalado com tudo que aconteceu e achei melhor dar um tempo para a minha cabeça.

— Tudo bem, eu entendo. — Não entendia merda nenhuma, mas, por via das dúvidas, tentei fazer o papel de garota compreensiva.

— Julie, nós dois erramos e erramos feio, nos machucamos e colocamos tudo a perder. Eu sei que minha traição ainda dói em você, e as imagens daquelas fotos, não saem da minha cabeça…

— Sim, Romeo eu concordo.

— Depois de pensar muito, decidi que não dá para continuar uma coisa que começou completamente errada. Nós estamos machucados e, talvez, um tempo separados, amenize essas feridas.

Puxei uma grande quantidade de ar, tentando aplacar o desespero que crescia dentro do meu peito.

— Você está terminando comigo?

Ele desviou olhar das janelas atrás de mim e me encarou.

— Estou pedindo um tempo. As coisas não vão voltar a ser como antes de uma hora para outra. Você demorou três meses para conseguir voltar comigo, então não pense que está sendo fácil para mim.

Eu queria xingá-lo de tantas coisas, queria jogar todas as minhas pastas na cara dele e dizer o quanto ele estava sendo machista e presunçoso, mas não faria aquilo. Eu sempre agi com inteligência e, daquela vez, não seria diferente.

— Ok, Romeo, se foi só isso que veio dizer, pode ir embora.

A boca dele se abriu, espantado, sem entender a minha atitude. Talvez esperasse que eu me arrastasse, como ele havia feito, mas aquilo não aconteceria. Enquanto minha cabeça estivesse sã, eu lutaria do meu jeito, sem me afobar e colocar os pés pelas mãos. Eu iria fazê-lo entender que não era como as mulheres com quem ele ficava por aí; eu tinha meus desejos e vontades e, quando decidi ir naquele maldito clube de sexo, eu era livre e desimpedida. Além disso, se cheguei a ir, foi movida pelo ódio e revolta que sentia dele.

Eu poderia jogar tudo aquilo em sua cara, mas não adiantaria. Quanto mais eu me desculpasse, mais ele pisaria em mim e transformaria a minha ida ao clube de sexo, em um pecado apocalíptico. Romeo estava crente em suas convicções e talvez um pouco de distância, fizesse bem a nós dois; talvez o fizesse enxergar que eu não me rastejaria, não mesmo.

— É só isso que tem a dizer? — ele perguntou, perplexo.

— Romeo, o que quer que eu faça? Que eu rasteje? Que eu peça desculpas por ter feito algo enquanto estávamos separados? Se você acha isso tão errado e quer terminar, tudo bem, eu aceito. Mas não espere que eu fique atrás de você. Nunca fiz isso por ninguém e não vou fazer agora. Sou adepta daquele velho

ditado: “Deixe ir, se voltar, é seu.”

Ele ficou me encarando como se eu tivesse duas cabeças, depois me olhou com desdém.

— Ok, boa sorte daqui para frente, só cuidado para não ser fotografada.

— Suma daqui — gritei com ele, que ficou me olhando num misto de ódio e amor, mas depois virou as costas e se foi.

Alguns minutos depois, já mais calma, pensei em suas últimas palavras. Como aquelas fotos foram tiradas? E como chegaram às mãos dele. Quem teria interesse em nos ver separados, fora o meu pai, claro. Robert Collins estava descartado, se ele soubesse das minhas últimas estripulias, com certeza, já teria ido me buscar. Então sobrava a filha da puta da Luna, mas como ela teria acesso a um clube tão exclusivo?

Eu não sabia aquelas respostas, mas meu dinheiro descobriria por mim, e que Deus tivesse piedade dela, porque eu, com certeza, não teria.

Durante a tarde, eu e Lisa fizemos uma seleção dos melhores detetives de Nova York, até finalmente escolhermos um. Marcamos uma reunião com ele para o final do dia e quando conversamos, disse a ele, em detalhes, o que deveria fazer.

Se aquela puta estivesse sabotando meu relacionamento, em breve eu saberia e acabaria com a raça dela.



Os dias foram se passando e eu não encontrei mais com Romeo. Ainda me comunicava com Alyssa através de mensagens, mas chegou uma hora em que decidi que era melhor parar de bisbilhotar. Nenhuma foto dele havia surgido na

mídia, o que significava, que ele não andava saindo, ou, se estivesse, com certeza era longe dos olhos da imprensa, pois não cheguei a ver nenhuma nota sobre suas noitadas. No fundo, sentia alívio. Ele sabia o quanto eu detestei aquela sua fase.

— E aí, vai sair hoje? — Lisa perguntou assim que passei pela recepção.

— Sem ânimo — respondi e dei um tchau, desanimado.

Peguei o elevador e desci até o estacionamento subterrâneo, onde Pete me esperava com a porta aberta. Agradeci, entrei e peguei meu celular para procurar o número da minha mãe, mas então escutei a voz dele. Romeo estava saindo do elevador acompanhado da secretária, a tal de Bertha que, pelo visto, ele não havia demitido. Que ódio!

Pedi para Pete esperar e fiquei observando tudo. Os dois continuaram caminhando e conversando, até ela parar ao lado de um carro popular. Romeo falou alguma coisa, os dois sorriram e se despediram. Eu senti tanto ódio que não sabia explicar de onde vinha tanta revolta. Ele caminhou até seu carro e entrou, saindo vagarosamente do estacionamento. Já a vaca da secretária, pegou o celular e fez uma ligação que durou alguns minutos. Ela sorriu abertamente, parecendo comemorar alguma coisa, depois entrou no carro e foi embora.

O que será que aquelazinha está aprontando?

Talvez incluísse o nome dela no dossiê que o detetive estava preparando para mim. Mas, depois eu pensaria naquilo, no momento, eu só queria ir para casa.

Ao chegar no meu apartamento, senti-me extremamente só. De que adiantava ter tanto dinheiro, se não tinha amigos e nem um namorado que me amasse? Claro que havia a Lisa, mas ela só queria saber de putaria, e eu já tinha me ferrado por ter ido na onda dela, então, estava fora de cogitação.

Para ver o quanto eu estava mal, até mesmo senti falta de Sandy. Mas depois de tudo que havia acontecido, seria impossível mantermos uma amizade.

Entretanto, mesmo cansada e desanimada, eu não queria ficar em casa, aquilo parecia tão deprimente, exatamente o tipo de coisa que Romeo esperava de mim.

Comecei a olhar a minha lista de contatos e não encontrei ninguém que me animasse a sair, por isso peguei meu computador e entrei em algumas redes sociais e sites para ver o que estava rolando de bom em Nova York e, para a minha surpresa, havia uma festa de Tony Osborne em uma das boates mais quentes da cidade. O problema era que para conseguir um convite, eu teria que ligar diretamente para ele, pois estava muito em cima da hora para conseguir entrar de outra forma.

Movida pelo ódio de ter visto Romeo com a secretária, peguei meu telefone e procurei pelo contato de Tony, que, inacreditavelmente, atendeu no segundo toque.

— Oi, Tony, é Julie Collins — falei, sem jeito, e fiz uma careta para mim mesma.

— Julie Collins, a que devo a honra dessa ligação?

Puta merda, eu odiava pedir coisas para as pessoas, mas, se fosse para estar em algum lugar aquela noite, que fosse na festa dele.

— Bom, é que fiquei sabendo da sua festa há pouco tempo e gostaria de saber se ainda tem convites.

Fechei os olhos, sentindo-me uma maria baladeira.

— Quantos você precisa?

Droga, como eu falaria que não tinha nenhuma amiga para me acompanhar na maldita festa?

— Dois — pedi um a mais, vai que Lisa resolvia desistir de sua orgia para fazer uma boa ação naquela noite.

— Está reservado, vou deixá-los, junto com seu nome, com os seguranças da recepção.

Sorri por dentro, foi fácil demais.

— Ótimo, obrigada. E desculpe incomodá-lo com isso.

— Não é incômodo nenhum, se quiser, posso te pegar em casa e vamos juntos.

Sua imagem apareceu nítida na minha cabeça e senti um enorme frio na barriga só de pensar em ficar sozinha com aquele homem. Ele exalava sexo por todos os poros e, com certeza, se tivesse topado com ele na minha fase rebelde, teria sido um forte candidato a esquentar os meus lençóis. Tony era quente, tinha cara de mau e um sorriso de príncipe. Sem contar aquele corpo e o monte de tatuagens. Não, definitivamente, não!

— Obrigada, Tony, mas meu motorista nos leva, mesmo assim, eu agradeço.

— Espero por vocês, e se mudar de ideia, *me* ligue.

— Ok! — Despedi-me dele e fui para o quarto.

Tomei um banho bem demorado e escolhi um vestido para causar. Não sabia se encontraria Romeo por lá, mas caso acontecesse, eu estaria linda e poderosa, e não me arrastando atrás dele feito uma alma penada.

Demorei umas três horas no meu cabelo e na maquiagem, mas, quando terminei, tive que me parabenizar. Eu estava linda.

Antes de iniciar minha superprodução, liguei para Lisa e a convenci de ir comigo, pelo menos até eu me enturmar, depois ela poderia ir servir de submissa, ou seja lá o que ela estivesse disposta a fazer naquela noite.

Passei um perfume e me assustei quando olhei para o relógio, já era quase meia-noite. Nessa hora, meu telefone começou a tocar desesperadamente e eu corri até minha bolsa para atender, era Lisa.

— Já estou saindo de casa — justifiquei ao atender.

— Julie, acho melhor você não vir.

Senti um friozinho na barriga com o tom que ela usou.

— Como assim, é melhor não ir? Eu já estou pronta.

— Cara, não tem um jeito legal de falar uma coisa dessas para você, então lá vai…

— Do que você está falando?

— Adivinha quem acabou de chegar na festa, de mãos dadas com a secretária?

Sabe aquele friozinho na barriga? Então, ele foi se abrindo, e virou um buraco negro que quase me engoliu.

— Diz para mim que não é ele? — falei, baixinho.

— Isso mesmo, Julie, e estão no maior romance. É melhor nem aparecer, não sirva de plateia para ele.

Fechei meus olhos e respirei com calma. A melhor defesa era o ataque. E já que Romeo estava com a secretária dele, que aguentasse as consequências.

— Não deixe que Romeo a veja, chego em meia-hora.

Lisa apenas suspirou, ela me conhecia bem e sabia que não adiantava tentar me convencer do contrário. Desliguei e liguei para outro número.

— Oi, Julie.

— Oi, Tony, já saiu de casa?

— Estou saindo agora, quer que eu passe para buscá-la?

— Quero, sim, se não for incômodo. Acabei demorando e minha amiga desistiu de me esperar; não quero chegar sozinha.

Ele deu uma risada gostosa.

— Passo aí em dez minutos.

— Espero você lá em baixo, beijos.

Coloquei o telefone contra o peito, sentindo tantas coisas, mas a maior

delas era revolta. Eu não queria acreditar que ele estava saindo com a secretária. Foi impossível não me lembrar dos pais dele. Harvey Stone havia se apaixonado perdidamente pela mãe de Romeo, na época em que ela era sua assistente. O medo me assolou; eu tinha medo de perdê-lo para sempre, mas não ia engolir seu romance com a secretária calada. Ele sabia que eu a odiava gratuitamente e só queria ver sua cara, quando me visse entrando de mãos dadas com seu desafeto que era, ainda por cima, o dono da festa!

Quando Tony Osborne parou seu carrão de luxo em frente ao meu prédio e desceu todo galante em suas roupas caras e bem cortadas, fiquei pensando por que Deus não fazia eu me apaixonar por alguém assim? Minha história com Romeo estava complicada demais, estávamos literalmente em guerra, talvez aquilo fosse um sinal para que eu partisse para outra.

— Linda — ele disse e beijou a minha mão.

Sorri em agradecimento e senti sua mão na base da minha coluna. Tony era três anos mais velho que Romeo. Era notável no modo como agia, no charme despretensioso, na sutileza de seus gestos e na confiança que exalava, que esses poucos anos a mais haviam lhe dado bastante experiência de vida.

Durante o caminho até a boate, ele falou sobre como conhecera meu pai, falou também que os dois tinham uma boa relação, o que já dava um ponto a mais para ele.

— Entre por trás — ele ordenou ao motorista e seguimos para um estacionamento exclusivo. A fila em frente à boate estava quilométrica, era bem provável que metade daquelas pessoas ficasse de fora ou desistisse de esperar.

Assim que o carro parou e Tony abriu a porta para mim, senti o ventinho gelado tocando minhas costas nuas. Sorri para ele, que estendeu a mão para que eu a segurasse.

Agora não tinha mais volta. Eu teria que entrar com ele e esfregar minha felicidade inventada na cara de Romeo, pensei, ao aceitar sua mão.

Enquanto atravessávamos um longo corredor, ele cumprimentou algumas pessoas, já eu, apenas sorri, gentilmente. Um segurança abriu caminho para que pudéssemos atravessar a pista de dança, e alcançar a área dos reservados. Tony tirou uma fita dourada do bolso e a colocou no meu pulso. Sorri e agradeci, percebendo que muitas mulheres chamavam seu nome. Ele, no entanto, parecia focado em me fazer sentir bem e ignorou todas elas. Subimos um lance de escadas e, finalmente, chegamos na entrada da área mais seleta da festa, com vista privilegiada para praticamente todos os lugares.

Conforme caminhávamos, as luzes passavam pelos corpos e rostos de quem estava ali. Eu não consegui identificar ninguém com exatidão, mas percebi que muitas mulheres me olhavam de cara feia. Romeo Stone e Tony Osborne eram os solteiros do momento e, no final das contas eu já tinha saído com os dois; quer dizer, quase.

Enquanto ele falava com seu segurança, meus olhos foram puxados para o reservado ao lado, onde duas esferas azuis estavam fixas em mim. Tinha certeza de que nunca vira Romeo com tanto ódio na vida. Ele desceu o olhar para nossas mãos entrelaçadas e quase pude ouvir alguma coisa rugir dentro dele. Olhei para o seu lado e vi a tal Bertha, ela usava um vestido vinho e colado, típico de alguém que queria chamar a atenção.

— Se importa se alguns amigos ficarem conosco? — Tony perguntou e voltei minha atenção a ele.

— Claro que não, a festa é sua, vou adorar conhecer seus amigos.

Ele sorriu e entregou algumas fitas douradas ao seu segurança. Mantive os olhos na pista de dança, enquanto um garçom preparava nossas bebidas em um canto do reservado, mas podia sentir o olhar impiedoso de Romeo em mim. Sabia que ele ainda não acreditava que eu havia chegado de mãos dadas com seu ‘arqui-inimigo’. Bom, eu também não acreditei quando Lisa me disse que ele estava lá, de mãos dadas com a secretária.

— Aqui está seu gim. — Tony me entregou uma taça generosa e seu olhar foi guiado até Romeo, que ergueu seu copo de uísque e fez um brinde solitário, uma típica provocação que eu nem me dei ao trabalho de revidar. Já sabia que ele me fuzilaria com o olhar.

Tony se posicionou ao meu lado e começou a falar sobre a festa e a boate, recebendo de mim sorrisos e comentários sobre uma coisa ou outra. Não estava me sentindo confortável e dei graças a Deus quando o segurança apareceu com os amigos dele, mais precisamente, três homens e duas mulheres que me cumprimentaram ao passarem por mim. Eu estava tão tensa, que não consegui prestar atenção em nenhum rosto, se os encontrasse no dia seguinte, com certeza, não os reconheceria.

Mandei uma mensagem para Lisa e ela me disse que estava no banheiro. Decidi ir me encontrar com ela, precisava olhar um rosto amigo.

— Tony, eu vou à toalete, já volto.

— Espero que volte mesmo.

Sorri sem jeito.

— Claro que sim.

Desci e caminhei entre as pessoas, que se balançavam ao som da música alta. Quando cheguei ao corredor que dava acesso aos banheiros, senti meu corpo sendo puxado e soube que era Romeo antes mesmo de me virar.

— Diga para mim que meus olhos não viram você com Tony Osborne — gritou, furioso, segurando meu braço com força.

Romeo suspirava feito um animal raivoso e, por milésimos de segundos, tive medo da reação dele.

— Ah, tá, você pode ter um caso com a secretária e eu não posso sair com um amigo?

Ele deu uma risada sarcástica e soltou o meu braço.

— Eu não estou saindo com ela, encontrei-a aqui.

— E daí decidiram ficar de mãos dadas?

— Não sei se você lembra, mas, na primeira vez que saímos, também éramos amigos e eu também peguei na sua mão.

Romeo estava tentando me confundir.

— Você está mesmo me comparando a ela? — inquiri, morrendo de raiva. — Você sabe que eu odeio aquela mulher, mas parece que gosta de provocar. Quer saber, dane-se, Romeo, você já disse que não vamos voltar e eu também não quero mais isso. Nesses últimos dias, depois de tanta confusão, acabei me convencendo de que somos um caso perdido, por isso, essa conversa, é pura perda de tempo.

— Você tem razão — ele falou, olhando para a minha boca.

— É, tenho, sim — afirmei, também olhando para a boca dele.

Deus, como era difícil ficar perto desse homem.

Balancei a cabeça, lembrando-me que Tony estava esperando por mim e tentei passar, mas Romeo me impediu.

— O que foi agora? — quis saber, irritada.

Ele não respondeu, apenas invadiu minha boca, com tanta volúpia, que nossos dentes se bateram. Sentir o gosto da saliva dele, foi o mesmo que usar uma droga potente, todos os meus sentidos ficaram aguçados e pedindo por mais. Encostei meu corpo ao dele, entrelacei minhas mãos em seu pescoço e fui beijada, como se o mundo fosse acabar. Só descolamos as bocas quando estávamos sem oxigênio nos pulmões.

— Por que você fez isso? — perguntei bem pertinho da boca dele, sentindo sua respiração pesada tocando minha pele.

— Porque eu sou louco por você, até quando faz merda. Porque minha cabeça quer esquecer você, mas meu coração se nega a obedecer.

E, mesmo com toda a merda que nossa vida havia se transformado, eu não era imune a uma declaração daquela. Só que Romeo já havia se declarado outras vezes e depois me magoou com força. Eu não podia mais me dar ao luxo de fazer as vontades do meu coração. Precisava dar novos rumos para a minha vida.

— Volte para Bertha, eu vou ficar com Tony.

— Mas, Julie…

— Não, Romeo. Vamos tocar nossas vidas, nós estamos fazendo mal um ao outro. Não conseguimos nos perdoar pelas merdas que o outro fez e, não sei se você percebeu, mas eu não sirvo para ser a outra. Eu quero um homem só para mim, Romeo, um que não me traia e que não saia correndo por eu ter ido a um clube de sexo, como se ele nunca tivesse feito nada daquilo na vida. Eu te amo e você sabe, mas me recuso a ficar com um homem machista, então eu o libero, pode ficar com Bertha ou com a faxineira das Indústrias Stone, mas não me julgue e nem atrapalhe a minha vida, porque eu não farei isso com você.

Saí de perto dele e voltei para o reservado de Tony. Ele estava distraído, falando com as pessoas, mas sorriu quando me viu chegar.

— Você voltou para mim. — Aquilo foi tão íntimo, parecia que ele sabia que Romeo tinha ido atrás de mim. Apenas sorri e agradeci aos céus quando vi Lisa entrando no reservado.

— O que foi aquilo no corredor dos banheiros? — ela sussurrou assim que me abraçou.

— Nem me fale, Lisa, Romeo é louco.

— É e não para de olhar para cá. A sirigaita não sabe mais o que fazer para chamar a atenção dele.

Não fiz questão de checar. Sentia-me tão confusa com os rumos que minha vida tinha tomado. Por que eu e Romeo não conseguíamos ser felizes, será que era algum carma que eu teria que carregar?

Tentei não ficar pensando em nós e foquei em curtir a festa. Lisa, como

sempre estava animada e tentou me colocar para cima, mas só foi ver Connor chegando, que ela murchou.

— Qual é, Lisa, você mesma dispensou o cara e agora fica desse jeito?

— Julie, ele nunca ia querer nada sério comigo, olha as coisas que eu faço. Nenhum homem seria louco.

— Vai ver é justamente isso que o deixa atraído por você.

Ela ficou me encarando e sorriu de um jeito safado, como se ainda não tivesse se dado conta daquele detalhe.

— Pode ser que tenha razão, mas ele que venha atrás, porque eu, não vou.

Gargalhei com o jeito dela. Estávamos passando tanto tempo juntas, que ela estava parecida comigo.

Dançamos, bebemos e cantamos, tudo sob o olhar atento de Romeo Stone, que ficou parecendo um guarda-costas, olhando fixamente para mim, sem se importar com o que a sirigaita falava. Ela, por fim, resolveu ir embora, e tive que me segurar para não rir, quando a imbecil se despediu de Romeo e ele sequer olhou para ela.

Aproveitei que Lisa e Connor estavam se entendendo e que Tony estava com alguns amigos e decidi encerrar a noite também. Eu tinha saído, bebido, dançado, provocado Romeo e mandado aquela oferecida embora sem fazer muito esforço, então, poderia me dar ao luxo de ir para casa e dormir o sono dos justos.

Esperei até que aquela praga fosse ao banheiro e me despedi de Tony, alegando estar com dor de cabeça. Ele, claro, insistiu para que eu ficasse, mas por mais atraente que fosse, eu não seria uma boa companhia, não depois de ter beijado o meu ex e ainda sentindo seu cheiro e gosto, impregnados em mim.

Andei em direção à saída e parei na metade dos degraus. Liguei para o serviço de táxi que sempre utilizava e pedi que enviassem um carro para mim. Ainda estava mexendo no celular, quando levantei o olhar e vi Bertha entrando

em um carro preto. Até aí, tudo bem, a grande surpresa foi perceber a presença de Richard no volante e de Luna ao lado dele, mascando chiclete feito uma vaca.

Virei-me de costas quando o carro deu a partida e depois voltei a atenção para eles, que já se misturavam aos outros carros. Eu jamais teria sonhado que aqueles três se conheciam, mas era esperta o bastante para saber que tinha alguma coisa errada naquela amizade.

Desci os últimos degraus e fiquei parada na calçada. Precisava falar com o meu detetive, ele teria que descobrir o que aqueles três estavam armando.

— Ele não vai levá-la em casa?

Escutei a voz de Romeo bem pertinho do meu ouvido e todos os pelos do meu corpo se arrepiaram.

— Não, Romeo, decidi encerrar a minha noite antes.

Ele me virou de frente para si e ficou me encarando.

— Eu levo você.

— Já chamei um táxi, obrigada.

Passei as mãos pelos braços, sentindo o sereno frio da madrugada.

— Está para existir mulher mais teimosa que você.

— Olha quem fala. Mas agora é sério, Romeo, pare de me cercar. Você decidiu assim, não é justo comigo, não é justo com a gente, vamos tentar seguir em frente.

— Eu até consigo, quando estou longe de você, mas quando estou perto, é inútil tentar.

— Mas tente, vamos acabar nos destruindo desse jeito, se você não mantiver distância, eu vou acabar voltando para Londres, é a única forma de pararmos de nos magoar.

— Não faça isso. Saber que você está por perto é a única coisa que me mantém lúcido.

Caminhei até a vitrine de uma loja e me sentei no pequeno espaço entre o vidro e o concreto, Romeo fez o mesmo.

— Achei que ia mandá-la embora — apontei.

— E ia, mas a garota é cheia de problemas, a mãe vive doente, acabei tendo pena, mas juro que não fiquei com Bertha. Eu a encontrei na entrada e ela perguntou se poderia se juntar aos meus amigos, pois os dela não haviam aparecido. Então, quando fomos subir as escadas, ela pegou na minha mão, mas em nenhum momento eu dei a entender que ficaria com ela.

Patética, era assim que me sentia.

— Quer dizer que não ficaram?

— Não, não ficamos, e você e Tony?

— Apenas amigos.

Ele pegou minha mão e ficou fazendo carinho no meu dedo anelar.

— Já não sinto tanta raiva pelas fotos, não estávamos juntos, mas ainda é difícil aceitar, foi horrível ver um homem tocando você.

— Me tocando? Romeo, na primeira vez que fui lá, eu apenas entrei naquele maldito quarto, fiquei dois minutos e saí. Na outra vez, acabei passando mal quando Lisa começou a se pegar com dois caras perto de mim, e também fui embora. Esse negócio não é a minha praia.

— Quantas vezes você foi lá?

— Só fui lá duas vezes e não fiz nada, ninguém me viu nua ou tocou em partes íntimas, por isso eu não entendo essa revolta toda.

Ele ficou me olhando de um jeito estranho, como se estivesse testando a veracidade das minhas palavras.

— Mas nas fotos você estava de lingerie e com aquele cigarro na mão, eu fiquei maluco.

— Cigarro? Está ficando louco? Eu tive asma a minha infância inteira,

jamais colocaria a merda de um cigarro na boca.

Romeo parecia completamente desconcertado, e eu, muito mais.

— Quer dizer que nunca chegou a tirar a roupa e nem ficou de lingerie?

— Juro pela vida dos meus pais; onde estão essas fotos?

Ele me pegou pela mão e demos a volta na quadra.

— Onde estamos indo?

— Pegar as fotos — ele disse, sério, e entrou no estacionamento da boate. Abriu a porta de seu carro, depois o porta-luvas e tirou um envelope preto de dentro.

Sentei-me no banco do carona e acendi a luz, Romeo me entregou o envelope e o abri com cuidado, havia dezenas de fotos e meus olhos foram se arregalando a cada imagem que eu via.

— Olha, Romeo, eu sei que contra fatos não há argumentos, mas só tem duas fotos verdadeiras aqui. Essa em que eu estou vestida, com esses dois caras perto de mim e essa outra, em que estou ao lado de Lisa. Eu não fumo e nunca fiquei de lingerie na frente de outro homem que não fosse você. Eu não entendo quem forjou tudo isso aqui.

Ele estava inclinado na porta e deve ter percebido o quanto eu estava assustada com tudo o que via.

— Você quer dizer que são montagens?

— Eu tenho certeza de que são. As fotos estão escuras e a qualidade é horrível, mas… Olha essa daqui, só mudaram a cor do meu vestido e da peruca, qualquer aplicativo bobo faz isso, e recortar a minha imagem e colocar junto a esses caras, também não é difícil. Agora eu entendo toda a sua revolta, eu também ficaria, se visse isso aqui.

Romeo continuou me olhando enquanto eu guardava aquelas fotos horrendas. Coloquei tudo de volta no envelope e guardei novamente no porta-

luvas.

— Vou mandar para um especialista, será fácil descobrir quais imagens foram alteradas.

Ele assentiu e me puxou para fora, encostando meu corpo na lateral do carro e segurando meu rosto entre as mãos.

— Quer dizer que ninguém tocou em você?

Eu tinha ido a muitos lugares com Lisa, mas nunca consegui chegar ao fim com ninguém; a presença de Romeo estava sempre comigo e foi impossível me entregar a outro.

— Não, Romeo, eu não dormi com ninguém, nem deixei que me tocassem, não dessa forma sexual que você pensou. Só que, como eu estava com medo do seu julgamento, acabei achando que estava furioso, simplesmente por eu ter ido naquele lugar, jamais imaginei que tinha visto coisas tão horríveis.

Ele sorriu e encostou minha testa na dele.

— Nós vamos descobrir quem está por trás disso tudo. Eu acredito em você, Julie, no fundo eu sabia que você não teria coragem.

Se eu não o tivesse conhecido, talvez fosse mais fácil me envolver no mundo de Lisa, mas depois de ter conhecido o sexo e o amor com um homem como Romeo, seria difícil me entregar a qualquer outra pessoa.

— Tenho minhas suspeitas de quem está por trás disso.

Ele se afastou e ficou esperando uma explicação.

— Quando saí da boate, Bertha estava entrando no carro de Richard, e Luna também estava junto. Não acredito que sejam amigos de longa data, suspeito que estejam envolvidos por causa disso.

— Porra, agora tudo faz sentido — Romeo disse, irritado.

— Do que você está falando?

— Foi Bertha quem me entregou esse envelope, com a desculpa de que o

pessoal da recepção havia entregado a correspondência.

Arregalei os olhos, juntando todos as pontas soltas daquela história.

— Está pensando o mesmo que eu?

Ele confirmou com a cabeça.

— Sim, Bertha foi plantada por Richard para nos separar. E Luna está junto com eles.

— Mas por que diabos Richard se envolveria com aquelas duas loucas?

Romeo soltou uma risada sarcástica.

— Não parece óbvio? Se eu ficasse com a Luna, sobraria Richard para você, mas, para isso acontecer, teríamos que estar separados.

Fiquei atônita. Será que Richard era um lobo em pele de cordeiro? Eu jamais duvidaria da índole dele, mas depois de ver a sirigaita entrando em seu carro, era difícil defendê-lo.

— Vamos para a casa, Romeo, toda essa história me deixou exausta.

Ele colou o corpo no meu e me abraçou apertado.

— Vamos para a minha cobertura, você é minha mulher, e é lá o seu lugar.

Eu não sabia quanto tempo duraria aquela paz entre nós dois, mas, pelo menos naquela noite, eu queria dormir nos braços do homem que amava.

— Tudo bem, vamos.

Ele percebeu que eu não estava muito convicta. Depois de tudo que passamos, era difícil acreditar numa trégua.

— Ei, princesa, eu juro que jamais vou deixar que alguém nos separe de novo, isso é uma promessa, Julie.

Entrei na cobertura de Romeo sentindo um misto de nostalgia e felicidade, pedindo aos céus que, finalmente, nos dessem uma trégua.

— Vem cá. — Ele se sentou no sofá e me puxou para o seu colo.

Comecei a acariciar seu rosto com uma mão, enquanto a outra acariciava sua nuca.

— Eu te amo tanto — proferi e ele sorriu, um sorriso genuinamente feliz.

— Acho que somos almas gêmeas, meio atrapalhadas, mas somos — ele disse e nós dois rimos.

— Quero fazer amor — falei, deslizando a mão por dentro da camisa dele, sentindo sua pele quente sob a palma da minha mão. Romeo ficou me olhando daquele jeito apaixonado.

— Casa comigo?

Arregalei os olhos.

— O quê?

— Isso mesmo que ouviu.

Sorri, encantada com o jeito que ele falava.

— Já conversamos sobre isso. Precisamos estabilizar as coisas antes de tudo, mas, sim, eu vou me casar com você, não agora, mas vamos nos casar um dia, sim.

Ele roçou nossos lábios e me apertou junto ao seu corpo.

— Um dia é muito longe, vou dar um jeito de convencê-la a fazer isso o quanto antes.

Sorri e o beijei com carinho e cuidado, um beijo de reconciliação, sem medo ou loucura, uma forma de curar e cicatrizar todas as nossas feridas.

— Minha, minha, minha — ele sussurrou na minha boca.

— Sim, sua.

Desci o zíper de sua calça e enfiei a mão dentro de sua boxer, encontrando meu objeto de desejo já teso. Tirei-o de dentro do tecido e comecei a passar a mão, para cima e para baixo. Achava incrível a forma como me sentia à vontade

com ele. Era como se seu corpo me pertencesse.

— Deixe-me ajudar com isso.

Eu me levantei e Romeo tirou completamente sua calça, com a boxer junto, permanecendo apenas de camisa. Aproveitei e fiz o mesmo, ficando completamente nua, recebendo dele um olhar intenso.

Voltei a me sentar sobre suas coxas e comecei a abrir os botões de sua camisa, um a um. Quando terminei, afastei o tecido, revelando seu peitoral bem trabalhado e deslizei a mão por ele, sentindo seu peito subir e descer sob a pele quente e macia.

— Você é a mulher mais linda que eu já conheci na vida. E a sua beleza só perde para sua inteligência.

— Ah, é? Sou mais inteligente, então? — Sorri encantada.

— É, sim. — Puxou-me para perto e senti meus seios roçando no peito dele, o membro extremamente duro tocando minha bunda.

Romeo voltou a me beijar com vontade, nossos corpos estavam quentes e excitados e eu só queria ficar com ele para o resto da minha vida. Segurei-me em seus ombros e ergui o quadril para que ele colocasse aquele pau gostoso dentro de mim. Assim que o posicionou, desci, deslizando com cuidado e aproveitando cada segundo, enquanto era preenchida por ele.

— Nossa! — ele sussurrou nos meus lábios e apertou minha cintura.

— Eu sei… — Voltei a subir e descer inúmeras vezes, deixando meu homem louco. Sabia exatamente do que Romeo gostava no sexo e ele também, talvez, por isso, fosse tão bom fazer amor com ele.

CAPÍTULO 24

Romeo

O alívio que senti, ao saber que aquelas fotos haviam sido modificadas, era inigualável. Nós ainda não tínhamos o parecer técnico, mas confiava na minha mulher, ela jamais mentiria sobre aquilo, por isso, estava mais do que arrependido por tê-la magoado.

Acabamos passando o fim de semana juntos, transando em cada canto do meu apartamento, a fim de matar a saudade que sentíamos. Julie me surpreendia em todos os sentidos, ela era diferente, forte e decidida, e me completava de todas as maneiras possíveis.

Marcamos uma reunião com o detetive que ela havia contratado. Apesar de estarmos certos de que Richard, Luna e minha secretária estavam juntos em algum plano para nos separar, precisávamos de provas.

Meu Deus, aquilo parecia tão ridículo, que era difícil de acreditar. Julie mesmo, não queria acreditar nas intenções de Richard, mas eu sabia muito bem como ele pensava. Sua empresa não andava bem das pernas e Julie seria um ótimo partido para ele. Por isso, eu teria que ficar de olhos bem abertos, por nós dois.

— Chamou? — Bertha perguntou, já entrando na minha sala.

Julie e eu combinamos de não a mandar embora por enquanto, a queríamos por perto.

— Chamei, sim, sente-se.

Ela foi até a cadeira em frente à minha mesa e se sentou. Estava visivelmente tensa.

— Como está a sua mãe? — perguntei, com o olhar fixo no dela.

— Ah, melhor. Obrigada por perguntar.

Assenti e ela ficou me olhando.

— Vou me ausentar esta tarde, então, remarque meus compromissos.

Minha vontade era colocá-la contra a parede, mas, sem provas, seria inútil. Ela se levantou e saiu, já devia ter percebido que eu não lhe daria mais abertura.



Eu me sentia ótima e trabalhar nunca foi tão gostoso. Estar de bem com Romeo, refletia em todas as áreas da minha vida.

— Julie. — Levantei o olhar e dei de cara a com Lisa, escondida atrás de um gigantesco buquê de rosas vermelhas.

— Ai, meu Deus — falei, levantando-me e indo até ela.

— São para você, devem ser de Romeo.

Coloquei aquela coisa enorme em cima da minha mesa e peguei o cartão para ler.

Senti vontade de agradar a mulher da minha vida. E, se aceitar se casar comigo, dou um jeito na igreja até o final do dia.
Sempre seu, Romeo Stone.

Sorri feito uma boba e suspirei igual a uma adolescente apaixonada.

— Estou feliz por vocês, Julie, é esse o tipo de amor que toda mulher sonha.

Abracei minha amiga. Ela andava tão para baixo ultimamente, que nem os clubes de sexo estavam suprindo sua carência.

— Ei, Connor está apaixonado, só você que não percebe.

Ela deu um sorriso triste e foi até as rosas.

— Só vou acreditar no dia em que ele me enviar um desses.

Depois que Lisa saiu da minha sala, fiquei lendo e relendo o cartão de Romeo. Ultimamente, de cada dez palavras que falava, onze eram sobre casamento. Ele estava determinado a me levar para o altar e a cada dia que passava, aquela ideia me parecia cada vez mais certa. Mas, antes disso, precisávamos nos livrar de nossos desafetos e fazer com que meu pai concordasse com a ideia.

Liguei e agradeci pelas rosas. Ficamos um bom tempo ao telefone e rolou até aquele papo idiota de quem desligaria primeiro. Foi de brincadeira, mas me peguei pensando a que ponto chegava um ser humano apaixonado.

Segui para a cobertura de Romeo, quer dizer, para casa, já que, segundo ele, era ali que eu morava agora, mas resolvi passar no mercado antes. Quando eu disse que cozinharia para Romeo, Pete deu gargalhadas, e falou que ficaria atento, caso precisasse chamar os bombeiros. Mas nem as gracinhas dele me fizeram desistir, eu estava determinada a fazer um jantar decente para o meu homem, e pedia a Deus que tudo desse certo.

Coloquei todas as sacolas no balcão da cozinha, troquei meus saltos por chinelos confortáveis, peguei meu celular e entrei no deus Google. Eu já tinha em mente, mais ou menos, o que queria fazer, então coloquei uma música agradável e me concentrei na receita.

Piquei todos os temperos o máximo que pude e separei tudo em pequenos

potinhos, do jeito que tinha visto na foto da receita. Confesso que me senti patética, mas era melhor fazer daquela forma do que errar as quantidades. Depois de tudo separado, comecei a refogar alho e cebola. Parecia tão fácil cozinhar seguindo a receita, que me perguntei por que não havia tentado fazer aquilo antes. Quando o jantar estava encaminhado, decidi fazer de sobremesa, um Petit Gateau.

Aquela receita era da minha mãe, e sempre deu certo, então, achei que seria uma boa escolha.

Depois de quase uma hora e meia na cozinha, meu camarão flambado com aspargos salteados e purê de brócolis estavam lindos e apetitosos. Tinha visto Romeo pedindo aquele prato algumas vezes em restaurantes que fomos, e quis agradá-lo.

— Acho que entrei no apartamento errado — ele disse e me virei, sorrindo. Romeo estava encostado no batente da porta, com os braços cruzados em frente ao peito e, pela forma relaxada, acreditava que já estivesse me observando há um bom tempo.

— Você deveria me incentivar.

Ele sorriu e foi até mim, abraçando-me por trás.

— Estou brincando, o cheiro está ótimo.

— Já está tudo pronto, quer tomar banho primeiro?

Ele fez que não com a cabeça.

— Vamos comer primeiro e tomamos banho juntos depois.

A ideia me pareceu ótima. Tirei o avental e ele me ajudou a levar as três travessas de comida até a gigantesca mesa de jantar, que já estava posta.

Servi o prato dele primeiro e, depois, o meu. Estava ansiosa para saber se havia ficado bom ou um completo desastre.

— E aí? — perguntei, escondendo o rosto atrás das mãos.

— Muito bom, muito bom mesmo — ele disse e espetou mais um camarão com o garfo.

— Está falando isso para me agradar?

Ele sorriu e tocou minha mão por cima da mesa.

— Prove você e confirme o que eu estou falando.

Já tinha feito aquilo antes, mas, sei lá, vai que nossos paladares eram completamente diferentes. Porém, na hora em que provei, tive que concordar que estava delicioso. Não sabia se havia sido sorte de principiante ou se alguém lá de cima estava dando uma forcinha.

Terminamos o jantar e fiquei surpresa por meu namorado ter repetido, sinal de que havia gostado mesmo.

— Tem alguma coisa assando? — ele perguntou e eu saí correndo para a cozinha. Abri o forno e o bafo quente, junto com uma fumaça escura, *me* fizeram ter um ataque de tosse e riso ao mesmo tempo.

Romeo fechou a porta do forno e me levou para a sala.

— Esqueci a sobremesa — confessei, sorrindo.

Ele sorriu também, de um jeito doce e me abraçou.

— Não dá para tirar nota dez em tudo, *né*?

Nós dois rimos.

— Eu sou um desastre e, mesmo assim, você quer casar comigo.

— Quero, e muito.

Ficamos ali, curtindo um ao outro, com o cheiro de bolinho queimado dominando toda a cobertura.

— Sexta é o baile anual da ONG das Indústrias Stone, e você vai comigo.

Afastei-me e sorri. Seria nosso primeiro evento em público, ali em Nova York, e mais do que isso, quando tudo estava no seu devido lugar. Estávamos tão felizes juntos, e meu coração transbordou só de imaginar que entraria de mãos

dadas com ele em um evento de gala.

— Vai pagar um vestido bonito e joias caras para mim?

Romeo deu uma gargalhada e me apertou.

— Tudo o que você quiser, pode escolher e mande a conta depois.

— Eu estou brincando.

— E eu, falo sério, você é minha mulher e não me interessa se os Collins são donos de metade de Londres, eu quero mimá-la, então escolha o vestido e as joias que quiser.

Pendurei-me no pescoço dele, feliz e ansiosa por aquele baile. Mas, antes, teria que avisar aos meus pais que havíamos reatado, ou Robert Collins enfartaria quando me visse nas colunas sociais, ao lado de Romeo Stone.



— E aí, já escolheu o vestido? — Lisa perguntou quando terminei de assinar um contrato, já no final da tarde.

— Ele me avisou bem em cima da hora, por isso tive que pedir ajuda à minha mãe, ela adora essas coisas e facilitou a minha vida.

— Que bom que conseguiu. Connor me convidou para ir com ele.

— E você vai, certo?

— Tenho medo, Julie, medo de ele estar atrás só para tentar me conquistar e depois me abandonar, quando se der conta de como somos diferentes.

— Se ficar focada nisso, nunca irá se envolver com ninguém, dê uma chance a vocês dois, se não der certo, paciência, mas e se der?

Plantei a sementinha da dúvida na cabeça dela. Lisa sorriu e me abraçou.

— Vou pensar sobre isso. E se prepare, hein, os pais do seu gato ficaram noivos em um desses Bates das Indústrias Stone, é bem provável que o seu Romeo faça uma surpresa.

Arregalei os olhos.

— Ele não seria louco — falei, caindo sobre a minha poltrona.

— Seria, sim, e nós duas sabemos disso.

Depois que Lisa me deixou sozinha, fiquei pensando no que ela havia dito, mas duvidava que Romeo fizesse uma loucura daquelas. Ele sabia minha opinião sobre casamento.

Meneei a cabeça, sorrindo, justo eu, que nunca imaginei que pudesse, algum dia, namorar um cara como Romeo Stone, agora tinha que fugir de suas propostas de casamento.

Ao me lembrar de casamento, resolvi ligar para a minha mãe, ela era minha única arma para amolecer o coração de seu amado e intransigente marido.

— Oi, mãe, como estão as coisas por aí?

— Tensas, minha filha.

— Como assim, tensas?

— Richard esteve hoje de manhã com seu pai. Não sei o teor da conversa que tiveram, mas nunca vi Robert tão furioso.

As fotos!, foi a única coisa que me veio à cabeça. Richard, certamente, já sabia que não havia nos separado, e apelou para sua última cartada. Tudo o que pude fazer foi pedir a Deus que estivesse enganada e que ele não tivesse coragem de mostrar aquilo ao meu pai. Seria horrível demais.

— Mas você falou com ele? Descubra alguma coisa, pelo amor de Deus.

— Filha, você sabe como o seu pai é cabeça dura, mas vou tentar mantê-lo aqui, pelo menos até sábado, para que você possa ir ao baile com Romeo.

Inferno, por que aquele filho da puta do Richard tinha que ir atrás do meu

pai. Verme infeliz. Ai que ódio!

Talvez por isso houvesse uma chamada do detetive que eu contratara no meu telefone. Na segunda-feira tínhamos entrado em contato com ele e falado nossas suspeitas. Então, no dia seguinte, nós nos encontramos e Jacob nos contou que Luna e Richard passavam bastante tempo juntos, ou no apartamento dele ou no dela, e confirmou que, pelo menos três vezes por semana, Bertha se juntava a eles após sair das Indústrias Stone. Devia ser nessas horas que ela lhes passava alguma informação.

Bom, que eles estavam juntos e tramando alguma coisa, nós já sabíamos, agora precisávamos de algo mais concreto, pois não tínhamos como fazer nada, baseados em suposições. Por isso Romeo pediu que ele ficasse atrás de Richard, independentemente dos custos, o que interessava era saber o que ele estava aprontando.

Suspeitava que ele tivesse seguido Richard até Londres e tentara me avisar. Mas quando retornei, após sair da reunião em que estava, deu fora de área. Que confusão!

Ainda bem que já estava no fim do expediente, pois não teria cabeça para trabalhar. Peguei minha bolsa e fui embora, precisava conversar com Romeo sobre as coisas que estavam acontecendo. Tinha certeza de que Richard havia jogado bastante lenha na fogueira, e o ódio que meu pai já sentia pelo meu namorado, devia ter triplicado.

Ao chegar no apartamento de Romeo, fui recebida por *Astor*. Depois de fazer festa em sua cabeça, dirigi-me à cozinha, de onde vinha um cheiro maravilhoso. Romeo adorava cozinhar e aquilo me deixava encantada de uma forma inexplicável. De todas as coisas que imaginei quando o conheci, aquela era a menos provável.

— Meu anjo — disse, sorrindo, e me pegou pela cintura.

— Oi… — comecei, mas fui calada com um beijo daqueles.

— Estava me lembrando da primeira vez que a convidei para vir aqui na cobertura.

— Lembrando do quê, exatamente?

Ele sorriu e ficou me fitando com o olhar meio perdido, como se estivesse visitando o passado.

— Você entrando com aquela caixa de pizza na mão, usando jeans rasgado e tênis branco.

— Nem faz tanto tempo assim, e eu fiquei caidinha por você naquele mesmo dia — reconheci.

— Faz alguns meses, mas já vivemos tanta coisa, que parece que foi há mais tempo.

— Deu trabalho conquistar você, Sr. Stone.

— Ah, é? — ele questionou e mordi seu queixo.

— Nunca imaginei que fosse tão difícil convencer um cara a me levar para a cama.

Ele deu uma risada gostosa, provavelmente se lembrando das minhas loucuras para convencê-lo a tirar minha virgindade. O que acabei conseguindo, graças a Deus.

— Fiquei louco por você no dia em que estava com aquele vestido branco, todo molhado e transparente. Tive vontade de te foder no elevador mesmo.

Minha vez de gargalhar.

Enquanto jantávamos, continuamos nos lembrando de vários momentos que passamos no começo do nosso relacionamento conturbado. Estávamos tão felizes, que resolvi não tocar no nome do meu pai naquela noite. Não tinha porquê preocupar meu namorado, com problemas que eu poderia resolver sozinha.

Sem contar que, no dia seguinte, seria o grande baile das Indústrias Stone e

a última coisa que eu queria, era que estivéssemos pensando no meu pai e no que Richard teria falado a ele.

CAPÍTULO 25

Julie

Enfim, a tão esperada sexta-feira chegou e eu não sabia explicar o tamanho da minha ansiedade. Era como estar em uma montanha-russa constante, uma adrenalina que chegou e se instalou no meu ventre. Trabalhei durante a manhã e na hora do almoço fui a um SPA de luxo, pois queria estar linda da cabeça aos pés.

Passei a tarde fazendo todos os tratamentos que eles me sugeriram: drenagem linfática, massagem relaxante, unhas, cabelo, maquiagem… O dia foi cheio, mas no final, eu me sentia descansada e linda. Pete me levou para casa e resolvi me vestir no meu apartamento, não queria que Romeo me visse pronta antes da hora.

Meu vestido era vermelho, com decote generoso e uma saia rodada levemente bufante. Uma delicada aplicação de pedraria, dava um toque especial ao modelo exclusivo, que havia conseguido graças à minha mãe. Finalizei a produção com brincos de diamante e algumas gotas do meu perfume favorito.

Eu estava linda, porém tensa, ansiosa e aquilo só piorou quando a campainha tocou. Puxei o ar com força, coloquei o celular em uma pequena bolsa e saí. Romeo devia estar querendo fazer charme. Pelo que conhecia dele, talvez quisesse, ao menos uma vez, *me* buscar em casa para me levar a um baile, já que nunca havíamos feito nada de modo tradicional.

Fiz o trajeto do quarto à sala com o coração tão acelerado, que tive medo de que ele saltasse pela minha boca e saísse rolando pelo chão. Soava dramático, mas era como me sentia.

Quando pisei na sala, Romeo estava no bar, ainda de costas, alheio a

minha presença. Usava um smoking preto e servia uma dose de uísque.

— Oi — falei, sem jeito, e ele se virou, esbarrando o fundo da garrafa no copo e derramando um pouco do líquido.

— Nossa! — exclamou, deixando a bebida de lado e indo ao meu encontro. — Você parece uma pintura.

— Obrigada.

— De verdade, você está deslumbrante — endossou, pegando-me pela cintura e beijando minha bochecha.

Sorri e dei uma voltinha, enquanto meu namorado, literalmente, babava em cima de mim.

Durante todo o caminho até o local do evento, Romeo ficou me olhando daquele jeito que eu adorava, parecia encantado. Não sabia em que parte do nosso relacionamento conturbado o jogo havia virado a meu favor, mas jamais imaginara tê-lo tão meu e tão apaixonado.

— Pronta? — perguntou, assim que o motorista parou o carro.

— Pronta — menti. Mesmo que durante a semana, eu tivesse repassado momentos e situações que poderiam acontecer naquele baile, quando a hora chegou, senti-me deslocada. Era tão mais fácil ficar trancada com ele em sua cobertura, do que enfrentar o mundo com suas dezenas de jornalistas e paparazzi, que esperavam ansiosos uma declaração ou a foto perfeita.

Romeo saiu primeiro e estendeu a mão para me ajudar. Aceitei sua gentileza e desci do carro sorrindo, como se estivesse acostumada aos holofotes da fama. Caminhamos sob a chuva de flashes que quase nos cegava e entramos no local do evento.

A iluminação estava incrível e, com certeza, era o charme da festa, já que dava um ar moderno e colorido ao teto, sem tirar a seriedade das mesas, com suas toalhas pretas e arranjos sofisticados. O enorme salão estava praticamente lotado, e conforme adentrávamos, sentia o peso de estar ao lado de Romeo

Stone. Durante os meses que se passaram, ele ganhou o respeito do conselho das Indústrias Stone e o mercado financeiro já se arriscava a dizer que ele poderia ser tão bom quanto o pai. Eu sentia um orgulho imenso, por saber que muito daquela mudança, havia acontecido por termos nos conhecido.

— Nossa; sua mãe sabe mesmo como dar uma festa — comentei, ainda olhando impressionada para tudo.

— Eles estão ali. — Apontou para uma mesa próxima ao palco e Alyssa sorriu ao nos ver, levantando-se em seguida.

— Julie, meu Deus, você está maravilhosa!

— Obrigada, Alyssa. Que festa incrível, adorei a decoração.

Ela sorriu e agradeceu.

— Julie, como vai? — Harvey me cumprimentou, enquanto Romeo abraçava a mãe.

— Muito bem, obrigada — respondi e Romeo me guiou até uma das cadeiras. No momento em que nos sentamos, ele engatou em uma conversa de negócios com o pai. Alyssa, por sua vez, olhava para nós dois com um sorriso de orelha a orelha. Como queria que meu pai ficasse feliz com o nosso relacionamento, da mesma forma que os pais de Romeo estavam.

— E então, Julie, como estão as coisas? — Alyssa perguntou, baixinho.

Olhei para o lado e vi que meu namorado estava distraído com o pai.

— Ótimas, Alyssa. Mas fico até com medo de falar isso, porque sempre acontece alguma coisa ruim.

Ela ficou me olhando com uma expressão estranha, como se tivesse se lembrado de algo que não a agradava, depois se recompôs.

— Não pense nisso, vocês se amam, no final, tudo vai dar certo.

Sorri e confirmei com a cabeça. Nessa hora uma moça, que pela forma como estava vestida, fazia parte da organização do baile, se aproximou para falar

com Alyssa.

Enquanto elas conversavam, passei os olhos pelas outras mesas e reconheci muitos rostos, inclusive o de Tony Osborne, que me fitava descaradamente. Eu amava Romeo com todas as minhas forças, mas aquilo não me impedia de reconhecer que ele era um espetáculo de homem. Além disso, era um cara muito bacana. Se fosse outro, talvez tivesse criado caso por eu ter ido àquela festa com ele, e depois aparecido com outro, mas ele, não, Tony parecia bem tranquilo com a minha atitude. Prometi a mim mesma que não faria mais aquilo, por duas vezes eu o havia usado para fazer ciúmes a Romeo, e me senti mal, eu não era aquele tipo de pessoa e esperava que, em breve, ele encontrasse alguém que o fascinasse, assim como havia acontecido com Harvey e Romeo.

— Ai — falei baixinho ao ser interrompida dos meus pensamentos por um aperto que Romeo deu na minha mão.

Droga, ele me pegou.

— Perdeu alguma coisa na mesa do Osborne?

— Não perdi nada em lugar nenhum — afirmei, encarando seus olhos azuis furiosos.

— Acho bom! — Ele aliviou o toque e, quando olhamos para frente, Alyssa e Harvey estavam rindo da nossa cena. — Quer dançar? — perguntou depois de um tempo.

— *Tá* bom. — Eu ainda estava chateada com o comportamento dele, mas não estragaria a nossa noite ficando emburrada, por causa de uma cena de ciúme boba.

Enquanto Romeo me guiava até a pista, foi impossível não notar os olhares à nossa volta.

— Desculpe-me pelo meu comportamento, é que fico louco só de pensar que você possa se apaixonar por outra pessoa — declarou e eu fiquei olhando para ele. Tão lindo, rico, forte e, ao mesmo tempo, com suas inseguranças.

— Isso jamais irá acontecer, depois que uma mulher fica com Romeo Stone, todos os outros se tornam insignificantes.

— Falou exatamente o que eu queria ouvir, minha inglesinha linda.

Nós dois rimos e deslizamos pelo salão, trocando olhares apaixonados que não escondiam todo o sentimento que havia em nosso coração. Era tanto amor e entrega que chegava a doer.

Depois de três músicas, paramos e fui direto para o toalete. Enquanto retocava o batom, vi Bertha entrar no banheiro. Nossos olhares se cruzaram através do espelho, e tive certeza de ter visto um sorrisinho cínico em seu rosto, antes que ela entrasse em uma das cabines.

O que será que aquela vadia estava aprontando?

Terminei de retocar minha maquiagem e voltei para a festa. Estava deslumbrada com tudo e até cumprimentei algumas pessoas. Sorri, feliz, ao ver Romeo em pé ao lado da nossa mesa, *me* esperando. Mas meu sorriso sumiu ao avistar meus pais, logo atrás. Robert Collins me olhava de forma intimidadora e, pela primeira vez na vida, *me* fez sentir medo dele.

— O que eles estão fazendo aqui? — perguntei ao parar em frente a Romeo.

— Não sabemos, ele não falou nada e sequer me cumprimentou. Mas escute; você é maior de idade e eles não podem fazer nada contra a sua vontade.

Assenti e passei por ele.

— Pai, mãe?

— Filha, que saudade — minha mãe disse e me abraçou. — Não o contrarie, não hoje — ela sussurrou no meu ouvido e se afastou.

— Pai.

Ele apenas me deu um leve aceno de cabeça e aquilo me deixou ainda mais preocupada. Meu pai sempre fora muito carinhoso comigo e para ele ter ido a

Nova York, era porque alguma coisa séria havia acontecido.

— Julie, precisamos ter uma conversa. Acompanhe-me, por favor — ele falou, enfático.

— Mas, pai, estamos no meio do baile, não pode esperar até amanhã?

— Espero vocês duas no carro — foi tudo o que disse. Então virou as costas e se dirigiu à saída.

— Mãe, o que está acontecendo? Por que ele está me tratando assim?

Ela suspirou cansada e me abraçou pelos ombros.

— Ele anda estranho desde a visita de Richard. Brigamos a semana toda, pois não queria que ele estragasse a sua noite, mas foi exatamente o que ele fez. Agora, vamos, converse com ele e se posicione, não deixe que ele a manipule.

Assenti e meus olhos capturaram a figura furiosa de Romeo. Eu sabia que ele estava se segurando para não enfrentar meu pai e piorar as coisas.

— Eu preciso ir e falar com ele, nos vemos amanhã.

Romeo suspirou fundo e pegou minha mão.

— Eu a levo em casa.

— Romeo, é melhor não o provocar, deixe-me conversar com ele para saber o que está acontecendo e tentar resolver as coisas. Entro em contato com você amanhã.

Ele relutou, mas acabou aceitando e me puxou para um beijo, que durou alguns minutos. Foi um beijo sentimental, saudoso, até. Por mais que não quisesse, sentia como se fosse um beijo de despedida, e, pelo jeito como me tocava, parecia que Romeo estava sentindo o mesmo.

Quando um nó se formou em minha garganta, separei-me dele, não queria começar a chorar. Dei um tchau coletivo para os pais dele e segui minha mãe para fora do salão.

Entramos no carro e papai nem se deu ao trabalho de me olhar, deixando

meu coração tenso, nervoso, ansioso e triste demais. Onde estava o pai amoroso que havia me criado?

Ainda não podia acreditar que apenas um homem pudesse estragar a vida de tantas pessoas e o pior, eu não tinha ideia do porquê. Richard tinha que saber que, mesmo que eu não tivesse descoberto sobre sua associação com Luna e Bertha, seria impossível cogitar ter qualquer coisa com ele, depois de ter mostrado aquelas malditas fotos ao meu pai. Então só podia pensar em vingança, ele estava me punindo porque seu plano tinha dado errado. Não havia outra explicação.

Quando chegamos ao nosso apartamento, meu pai seguiu direto para o escritório, num convite silencioso para que eu o seguisse. Mamãe me lançou um olhar terno, transmitindo-me força para encarar a fera. Deixei minha bolsa em cima de uma poltrona e segui pelos corredores. Tinha chegado a hora de enfrentá-lo.

Papai estava sentado em sua poltrona de couro e me encarava com o mesmo olhar frio e julgador de minutos atrás.

— Sente-se, Julie.

Fiz como ele pediu e notei que havia um envelope preto em cima da mesa. Todo o sangue sumiu do meu rosto.

— Pai… — Tentei falar, mas ele ergueu a mão.

— Eu vou falar primeiro e depois você apenas me diz se concorda ou não com as minhas exigências.

Balancei a cabeça e ele se levantou, ainda me encarando, sem suavizar a expressão.

— Você sempre foi o meu maior orgulho. Desde que a peguei no colo pela primeira vez, prometi ser um pai cuidadoso, e tanto eu quanto sua mãe, nos dedicamos e pensamos em tudo, a fim de que não lhe faltasse nada, fosse no campo sentimental ou no material e em troca, a única coisa que queria, era sentir

orgulho do ser humano que coloquei no mundo e, de fato, foi assim. Não existe uma família em Londres que não admire a forma como conseguimos transformar nossa linda filha em uma mulher educada e responsável.

Sentia-me arrasada por suas palavras. Era típico do meu pai levantar a bola de alguém, e depois, dar o golpe de misericórdia, mas nunca pensei que ele faria aquilo comigo.

— Então, imagine a minha surpresa, ao saber que estava envolvida com Romeo Stone. Apesar de não concordar, tive que aceitar que você é livre para fazer suas escolhas. Daí, dias depois, recebo um telefonema seu dizendo que aquele relacionamento descabido havia acabado. Naquele dia, pensei que, enfim, poderia dormir tranquilo, pois minha filha tinha colocado a cabeça no lugar.

— Se vai ficar discursando a noite toda eu vou embora — falei, com lágrimas escorrendo pelo meu rosto e o estômago revirado, de tanta ansiedade.

— Calada — gritou e eu estremeci. — Acha que está em posição de exigir alguma coisa?

Resolvi ficar em silêncio, não seria uma boa ideia inflamar ainda mais aquela briga.

— Neste envelope, há um dossiê completo do que você andou fazendo nesses últimos meses. E, Julie, eu juro por Deus que tentei, de todas as formas, duvidar de tudo isso aqui, mas as provas são irrefutáveis. — Ele balançou a cabeça, parecendo desapontado. — Como pôde fazer isso comigo, Julie?

— Do que você está falando, papai? — Tentei me fazer de desentendida.

— De todas as coisas que um pai poderia imaginar, ser roubado pela própria filha, é a mais cruel delas, porque você não está roubando apenas a mim, mas a você mesma. Tudo o que temos é seu, Julie, então por que fez isso? Aliás, não precisa responder, eu sei que foi por influência do canalha inconsequente que você chama de namorado. Não duvido nada que ele esteja fazendo o mesmo nas empresas do pai.

Arregalei meus olhos e abria a boca, sem acreditar no que estava ouvindo.

— Está ficando louco, papai? Eu jamais teria coragem de roubar um centavo da empresa; de onde tirou essa ideia absurda?

Ele olhou para o envelope, indicando que eu confirmasse com meus próprios olhos.

Ao invés de fotos, o que tirei lá de dentro foi um maço de papéis. Havia contratos assinados por mim, capturas de telas e transferências; coisas que só poderiam ter sido feitas com a minha senha. Meu Deus, mas como? Eu tinha certeza de que não havia feito nada daquilo.

Richard!

Então era isso. Aquele vagabundo viu que não conseguiria nos separar e armou aquela farsa. E o pior, ele já estava com aquilo guardado na manga há muito tempo, desde que fizera aquela auditoria. Que ódio daquele filho da puta!

— O senhor deveria me conhecer o bastante, para saber que eu jamais faria algo assim. Alguém usou a minha senha para fazer tudo isso, e a única pessoa que teve acesso à ela, foi Richard Cooper.

— Poupe-me, eu já fui alertado de que você colocaria a culpa nele. É difícil acreditar que, após ter lhe proporcionado uma educação baseada em princípios éticos e morais, eu tenha que me decepcionar tanto a essa altura da vida.

— Mas eu não roubei esse dinheiro!

— Eu não ligo para a porra do dinheiro, Julie! Ligo para a confiança que tinha em você.

— Pelo amor de Deus, o senhor está tão cego de ódio e preconceito por Romeo, que prefere ouvir um desconhecido a acreditar na sua própria filha? Na filha que o senhor mesmo disse que amou e educou para ter um caráter tão ilibado quanto o seu!

— Filha, eu acredito nos motivos que a levaram a fazer isso e a perdoo, no

final, nós vamos acabar nos entendendo. Mas quanto a Romeo Stone, não há discussão. Tudo o que está acontecendo, é culpa dele e você nunca mais chegará perto daquele cafajeste.

Aquilo já tinha ido longe demais, e eu não aceitaria mais ouvir tantas injúrias, contra mim e Romeo. Joguei a pilha de papéis em cima da mesa e me levantei, furiosa.

— Veja bem, pai, eu amo o senhor e a mamãe mais do que tudo, mas ninguém, escute bem, ninguém vai me separar de Romeo. Eu o amo e nem essa farsa que Richard armou, nem você, virão me afastar dele. Entendeu? — gritei, descontrolada.

Ele ficou me encarando, impassível, e mostrou a cadeira mais uma vez, pedindo que eu me sentasse, mas meneei a cabeça, não queria saber de mais nada. Se meu pai não acreditava em mim, ele que voltasse para Londres e esquecesse que tinha uma filha, porque eu, ficaria com Romeo.

— Quem não entendeu foi você, então serei mais claro — ele disse, em tom frio e calmo. — Você deve ter participado de uma ou duas reuniões para tratar o acordo que fiz com Harvey Stone. Lá vocês discutiram apenas números e trâmites bancários, contratos e etc… O que você não sabe, é que nosso banco ficou de liberar um empréstimo astronômico para um projeto audacioso das Indústrias Stone, na área de armas nucleares. O projeto já foi aprovado pelo conselho e, posteriormente, por dezenas de acionistas, todos ansiosos pela bolada que receberão quando estiver concluído.

“Bom, as Indústrias Stone estão em alta na bolsa de valores no momento, então, vamos fazer um raciocínio rápido. Você volta com Romeo, eu cancelo o empréstimo, o projeto de Harvey Stone vai para o espaço e as ações das Indústrias Stone vão despencar drasticamente; talvez até ao ponto de fazer a empresa falir. Você ficará com o seu *amor*, mas o nome de Romeo Stone, será arrastado para a lama, como o CEO que quebrou a maior potência em armas do mundo. Ele jamais conseguirá se reerguer novamente, porque eu cuidarei

pessoalmente disso.”

— Meu Deus, quem é você? — perguntei, em meio a soluços. Estava sentindo uma dor tão grande, por causa de sua incompreensão e por toda aquela injustiça. Como ele podia ser tão cruel com a própria filha? Como ele podia acreditar em Richard e não em mim? Pela primeira vez na vida, senti ódio do meu pai.

E agora, meu Deus, o que eu faria?

— Pai, por favor, não me faça escolher — implorei.

Ele me olhou sem demonstrar qualquer emoção, parecia que meu pai tinha sido raptado e colocaram aquele monstro em seu lugar.

— Você tem até amanhã para decidir. Meu avião voltará para Londres às 8h da manhã e espero que fique do lado certo, ou todos sofrerão as consequências.

Ele saiu, mas logo escutei vozes alteradas e percebi que meus pais estavam brigando por minha causa. Se soubesse que meu envolvimento com Romeo causaria tanta discórdia na minha família, com certeza, teria pensado duas vezes. Mas era tarde demais para desistir, ele era o homem da minha vida e eu teria que dar um jeito em toda aquela merda.

CAPÍTULO 26

Romeo

Logo depois que Julie foi embora do evento, tudo perdeu a graça. Permaneci lá apenas até subir ao palco com meu pai; ele queria me apresentar, oficialmente, aos doadores e patrocinadores, como o novo diretor das Indústrias Stone, apesar de ele e minha mãe continuarem sendo os responsáveis por aquela área da empresa. Papai havia dito que não aguentaria ficar sem fazer nada, e como mamãe adorava trabalhar com a ONG, ele ficaria com ela.

Assim que fui dispensado, chamei o motorista e fui para a cobertura, com esperanças de que Julie me procurasse de madrugada, mas aquilo não aconteceu. Acordei por volta das oito da manhã, olhei o celular e não havia ligações ou mensagens dela, e quando tentei ligar, estava dando fora de área. Aquilo me intrigou e comecei a imaginar mil cenários.

Tomei um banho, coloquei uma roupa e decidi que estava na hora de ter uma conversa séria com Robert. Eu estava adiando aquele confronto, pois sabia o quanto Julie venerava o pai, mas as coisas estavam saindo dos eixos, o que não me dava outra opção.

Saí no andar do apartamento dela e toquei a campainha. Eu tinha a senha, mas não entraria sem ser convidado, seria mais um motivo para aquele homem intransigente me odiar. Quase cinco minutos se passaram e nada aconteceu. Apertei a campainha por várias vezes, mas ninguém apareceu, então fui obrigado a entrar. Quando abri a porta, tudo estava silencioso; chamei por Julie e nada, então atravessei a sala e fui até o quarto dela, mas estava vazio.

Senti um medo horrível se apoderar do meu peito quando uma suspeita começou a rondar a minha cabeça. Fui até o closet somente para constatar que estava certo. Ainda assim, levei um choque ao ver que a maioria de suas roupas

não estava lá.

Ela tinha ido embora!



Quando o carro parou em frente à propriedade dos meus pais, meu coração afundou no peito. Tudo continuava exatamente igual, a mansão imponente com seus jardins bem cuidados e seguranças para todos os lados. Eu nunca imaginei que voltaria para casa sob chantagem.

— Vou direto para o meu quarto — disse, assim que descemos do carro.

— Não quer comer nada? — minha mãe perguntou, os olhos tristes, ela sabia que eu estava sofrendo por estar ali.

— Estou sem fome — afirmei e lhes virei as costas.

Quando entrei, passei os olhos por toda a mobília e não senti nenhuma emoção. Era diferente estar na casa em que eu havia crescido, contra a vontade. Subi para o meu quarto e encontrei tudo exatamente como havia deixado. Suspirei e peguei meu celular para ligar para Romeo, ele devia estar louco atrás de mim, já que eu não tivera coragem de lhe falar, pessoalmente, que teria que voltar para Londres. Só esperava que ele entendesse que aquilo fazia parte de um plano. Eu precisava fazer a vontade do meu pai por uns dias, até encontrar uma maneira de reverter aquela situação. Porém, liguei várias vezes, mas seu telefone estava desligado.

Droga! Eu precisava falar com ele.

— Filha. — Minha mãe entrou no quarto.

— Não é uma boa hora, eu quero ficar sozinha — falei, mas ela foi até mim e me abraçou.

— Eu vou ajudá-la a resolver essa situação. Não sei o que aquele Richard fez para convencer seu pai desse absurdo, mas eu confio em você, minha princesa, e sei que jamais faria nada como aquilo.

Senti-me aliviada, pelo menos minha mãe acreditava na minha inocência.

— Estou muito magoada com o papai. Nunca imaginei que ele pudesse me julgar e condenar, sem nem ao menos me ouvir direito.

— Você o conhece, quando o arrependimento bater, virá correndo atrás de você — garantiu. Ela ficou comigo por um bom tempo, falando amenidades, para me tranquilizar. — Bom, eu vou tomar um banho, seu pai e eu vamos jantar fora, quer ir junto?

A última coisa que eu queria na vida era falar com meu pai ou olhar na cara dele.

— Obrigada, mas não tenho estômago para me sentar em uma mesa com ele. Charlotte está em Londres? Acho que vou ligar para ela e marcar alguma coisa.

Charlotte era sobrinha do meu pai, mas tínhamos sido criadas como irmãs, tanto, que ela não chamava meus pais pelo nome e sim de pai e mãe. Depois que a mãe dela começou a negligenciá-la, papai requereu sua guarda e fomos criadas juntas. Sua mãe era uma mulher muito problemática e acabou surtando, tempos depois, indo parar em uma clínica de doentes mentais. Todos acharam que melhoraria com o passar do tempo, mas ela acabou tendo uma overdose de remédios e faleceu há alguns anos. Na verdade, havia mais coisas por trás dessa história, mas meus pais não gostavam de tocar no assunto.

Meus pais sempre a trataram como filha e eu, como irmã. Por ser bem mais velha do que eu, e extremamente inteligente, Char sempre tinha ótimos conselhos para me dar, e tinha certeza de que, assim como minha mãe, não me

condenaria.

— Está, sim, faça isso. Ligue para ela e marque alguma coisa.

Depois que minha mãe se foi, eu acabei dormindo e, quando acordei, já havia anoitecido. Liguei novamente para Romeo, mas o celular continuava na caixa de mensagem e aquilo já estava me enervando. Tomei um banho, coloquei um jeans e uma blusa e decidi fazer uma surpresa para Charlotte.

Desci as escadas e encontrei meus pais na sala. Estavam bebendo vinho e conversando. Senti o olhar dele ao me ver arrumada para sair.

— Divirta-se, filha — meu pai disse, carinhoso, como se nada tivesse acontecido.

Não respondi, apenas peguei as chaves do meu carro e saí, sem nem ao menos dar tchau a eles.

Durante o trajeto até o centro de Londres, eu sentia uma tristeza enorme, tinha passado a vida toda fazendo aquele caminho e agora sentia-me estranha em estar ali, deslocada. Londres não era o meu lugar no mundo, nunca foi e depois de Romeo, tinha certeza de que nunca seria, a não ser que ele estivesse comigo.

Mas, por hora, teria que ficar ali e fazer as vontades do ditador Robert Collins.

Estacionei o carro em frente ao edifício em que Charlotte morava. Dirigi-me à rua lateral que dava acesso à entrada, mas meus passos foram interrompidos, quando alguém chegou atrás de mim, tapou minha boca e me arrastou para um canto. Como já estava escuro, todos os meus sentidos ficaram em alerta. Debati-me para que a pessoa me soltasse e quase morri quando fui virada de frente e dei de cara com Romeo.

— Você quase me matou de susto — disse, jogando-me nos braços dele.

— Achei que você nunca fosse sair de casa — falou antes de me beijar sofregamente.

— Meu Deus, Romeo, eu tentei ligar o dia todo, mas você não atendia!

— Eu estava à caminho — explicou, acariciando meu rosto. — Por que não me disse o que estava acontecendo?

— Você já sabe? — perguntei, estranhando que ele já soubesse de tudo.

— Sim. Jacob me falou. Disse que tentou te ligar, mas você não atendeu. Então, hoje de manhã, assim que chegou em Nova York, ele me ligou, depois de tentar falar com você novamente e não conseguir. Eu estava dentro do seu closet na hora, chocado, por ver que a maioria de suas roupas havia sumido.

— Me desculpe — pedi, abraçando-o novamente. — Mas o que ele falou.

— Que seguiu Richard até aqui e viu quando ele foi à casa do seu pai. À noite, eles se encontraram em um restaurante e Jacob conseguiu se sentar na mesa ao lado da que estavam. Pelo que me disse, seu pai estava bastante transtornado, e o estado dele só piorou, quando aquele canalha contou sobre a minha traição. Logo depois escutou Richard lhe dando a ideia de fazer a chantagem.

Fechei os olhos, sentindo muito ódio.

— Aquele demônio inventou tantas barbaridades para o meu pai, que ele ficou cego. Mas eu não posso ficar sem você, Romeo, e também não quero te prejudicar. Foi por isso que não falei nada ontem, fiquei com medo de você mandar o projeto do seu pai para o espaço.

Ele sorriu e me abraçou.

— Foi a primeira coisa que pensei em fazer, a segunda foi sequestrá-la e fugir com você para longe de todo esse inferno. Mas já que agora sou uma pessoa responsável, teremos que dar um jeito nessa situação, juntos, nem que eu tenha que viver dentro de um avião, mas não vamos nos separar.

Sorri e meu coração se encheu de felicidade. Eu temia que Romeo abandonasse tudo, inclusive eu. Meu pai estava dificultando as coisas, mas, com Romeo ao meu lado, ficava bem mais fácil encontrar uma saída.

— Certo e até quando vai ficar? — perguntei, sentindo o coração triste por

saber que ele teria que ir embora.

— Volto amanhã à noite, para poder trabalhar na segunda. Mas estou no Ritz e você vai para lá comigo.

Tudo que eu mais queria era me trancar em um quarto com Romeo, mas como explicaria minha ausência ao meu pai? Pense, Julie, pense.

— Espere-me aqui, vou falar com a minha prima, Charlotte, ela vai ter que nos ajudar.

Romeo não entendeu nada, mas concordou em me esperar.

Assim que Char atendeu a porta, eu desembestei a falar sem parar.

— Julie, calma, vamos por partes. Você precisa que eu minta para o tio Robert, caso ele ligue? — Assenti, percebendo que meu pedido a colocaria em uma situação delicada. Já estava dizendo para esquecer, quando ela continuou: — Por mim, tudo bem, farei o que puder para te ajudar, mas e se ele pedir para falar com você?

— Fale que eu estou dormindo e, se ele insistir, diga que eu não quero falar com ele, depois me ligue. O Ritz é aqui perto, consigo chegar em poucos minutos.

Ela revirou os olhos e me abraçou.

— Ok, vá lá com seu Romeo, mas só vou perdoá-la por me fazer mentir, se achar um igualzinho para mim.

Gargalhei com seu pedido, Charlotte era tão linda e carinhosa, merecia um amor igual ao meu. Pensei em algum dos amigos do Romeo, mas eles eram libertinos demais. Dispersei aqueles pensamentos, não dava para bancar o cupido, antes de salvar o meu namoro, mas depois…

— Eu te amo, Char, você salvou o nosso fim de semana.

Depois de me despedir dela, com um enorme sorriso no rosto, fui em busca do meu Romeo, que já estava com o carro estacionado a poucos metros do

edifício. Mas antes de me aproximar, resolvi ligar logo para a minha mãe, ela estava preocupada e aquilo a tranquilizaria e me resguardaria ao mesmo tempo.

— Em que está pensando? — Romeo perguntou quando viu que eu estava quieta demais.

— No meu pai e nessa merda toda, nunca imaginei que ele poderia se voltar contra mim.

Tínhamos acabado de fazer amor e estávamos deitados sob os lençóis, apenas nos curtindo. A saudade era tanta, que não nos desgrudamos mais. Estávamos sedentos um do outro, como se não nos víssemos há dias e não tinha ideia de quantas vezes senti Romeo dentro de mim desde que chegamos ao Ritz, na noite anterior. Mesmo as refeições, nós fizemos no quarto, não apenas porque queríamos continuar grudadinhos, mas porque Romeo era conhecido, e se meu pai sonhasse que ele estava em Londres, eu nem sabia o que poderia acontecer.

Graças a Deus, eu tinha a minha mãe. Não lhe falei que estava com Romeo, pois não queria que ela se sentisse obrigada a mentir para o marido, então, apenas disse que ficaria com Charlotte até o dia seguinte. Como quem não queria nada, perguntei o que eles pretendiam fazer no domingo e pedi que me informasse, caso papai resolvesse ir me buscar.

— Eu entendo a sua revolta, mas tenho que admitir que também entendo o lado dele, não gostaria de ver a minha filha com a antiga versão de Romeo Stone.

Sorri e toquei o rosto dele. Romeo tinha amadurecido tanto naqueles poucos meses e só o amor tinha o poder de fazer uma transformação tão grande.

— Mas você mudou e ele deveria perceber isso.

— Mas ele não me conhece e agora ainda sabe a merda que eu fiz — falou, com uma careta.

— Sinto-me a própria Julieta Capuleto — refleti e ambos rimos.

— É a minha Julieta, mas, nesse final, ninguém vai morrer — ele me puxou para os seus braços e eu me senti acolhida e feliz.

— Ah, Romeo, e o *Astor*? Com toda aquela confusão não me lembrei dele ou teria trazido comigo.

— Antes de ir para o aeroporto, pedi para minha mãe ir lá no apartamento e pegá-lo, não se preocupe.

Sorri, contente e voltei a me aninhar nele.

Quando deu seis da tarde, obriguei-me a levantar; precisava ir embora. Romeo me acompanhou no banho e, claro, fez amor comigo novamente. Nos despedimos no quarto do hotel para não sermos vistos e nem preciso dizer que voltei para casa com o coração apertado e triste, não queria me separar dele. Mais do que nunca, era como se um pedaço meu estivesse faltando.

— Como foi com a Charlotte? — minha mãe perguntou assim que entrei em casa.

— Foi tudo bem. — Dei um beijo nela e tinha subido dois degraus, quando ela soltou:

— E o Romeo, está bem? — perguntou e meu coração gelou no peito ao escutar aquilo.

— Do que está falando, mamãe?

— Lady Winter a viu entrando no Ritz com ele e me ligou para perguntar sobre o relacionamento de vocês, em outras palavras, fofocar. Meu Deus, Julie, por dois segundos, seu pai atenderia o telefone no meu lugar, já pensou a confusão que seria?

Merda, merda, merda!

— Não irei me afastar dele, mamãe. Eu amo Romeo e meu pai terá que entender.

Ela suspirou e se aproximou mais de mim.

— Parece que seu pai se esqueceu de tudo o que passamos, antes de conseguirmos ficar juntos. Eu também sofri o diabo, mas ainda tinha o agravante de ser uma sonhadora, além de excessivamente insegura com relação a ele, que era 10 anos mais velho do que eu, absurdamente lindo, charmoso, rico e poderoso. Ser apenas uma arquiteta órfã, em meio a tantas coisas desconhecidas, deixou-me cheia de neuras e aquilo dificultou muito a minha vida.

— Custo a acreditar. A senhora é linda, inteligente, criativa, gentil, sensata… Seria impossível não se apaixonar por você.

Mamãe riu e nos sentamos na escada, antes de ela começar a narrar sobre como eles tinham se apaixonado, sem ocultar o que passou nas mãos do meu pai, antes de ele, finalmente, se dar conta de que a queria.

Enquanto me contava algumas das tribulações que passou, até poder ficar com seu grande amor, dei graças a Deus por ter herdado somente as coisas boas dela. Minha mãe ainda era insegura e morria de amores pelo meu pai. Ele também a amava, incondicionalmente, e aquilo era nítido, mas usava de sua forte personalidade para dominá-la. Eu tinha herdado aquela característica do meu pai, por isso percebia o que ele fazia. Então, resolvi falar algo que já tinha vontade há alguns anos, e nunca tivera coragem por medo de magoá-la, mas que, diante de tudo o que estava acontecendo comigo, achei importante que ela ouvisse e ponderasse:

— Mãe, eu sei que estão juntos e felizes, e sei também que o papai te ama. Por muitos anos, vocês foram o meu ideal de casal; ele, o meu ideal de homem, até eu crescer um pouco mais e perceber como as coisas realmente eram. A senhora é tudo aquilo que citei, porém, também é passiva e amena demais. Age como se tivesse que dar graças a Deus, todos os dias, por papai tê-la escolhido. Já ele, usa esse amor que sente, para manipular e anular suas vontades e só a senhora não percebe isso. Eu não sei se foi sempre assim, ou se as principais características de ambos, apenas se expandiram no correr dos anos, mas é assim

que vocês são hoje.

“Talvez por isso eu tenha me apaixonado por Romeo. Eu tive que moldá-lo, para que ele se adequasse perfeitamente ao que eu queria, mas ainda assim, sua personalidade é tão forte quanto a minha e suas vontades, valem tanto quanto as minhas. Romeo me magoou muito quando me traiu, e no dia em que fiquei sabendo, jurei a mim mesma que nunca o aceitaria de volta, mas depois de dois meses separados, ele me fez ver que errar era humano e depois, eu mesma percebi que aquela separação não estava fazendo bem a nenhum de nós. Por isso, e por saber que ele realmente me amava, eu o aceitei de volta. Mas antes, ele foi obrigado a viver sem mim, a sofrer com nossa separação e a dar valor ao que tínhamos. Além disso, deixei bem claro que se aprontasse novamente, não teria volta, e ele sabe que é verdade.

“Se a senhora é feliz com a vida que leva, não sou eu quem irá julgá-la, mas se há algo incomodando, fale, não tenha medo de se impor, homens como o meu pai, apreciam e respeitam a força e a determinação — aleguei, concluindo meu discurso.

Mamãe não falou nada, apenas ficou me encarando, com o olhar perdido. Dei-lhe um beijo e resolvi deixá-la com seus pensamentos, mas estava esperançosa de que ela molhasse a sementinha da dúvida, que eu havia plantado em sua cabeça.

CAPÍTULO 27

Romeo

Durante o voo até Nova York, fui lendo, minuciosamente, o contrato entre nós e o Banco Collins. Tinha que ter alguma cláusula, ou mesmo uma brecha, que nos favorecesse; não acreditava que Robert pudesse cancelar o acordo a seu bel prazer. O valor do empréstimo era astronômico, razão pela qual ficou acertado que o pagamento seria feito através de grandes parcelas, depositadas todos os meses, até que estivesse quitado e meu pai não seria louco de arriscar a própria empresa, em algo que pudesse ser, simplesmente, cancelado. Eu poderia perguntar a ele, mas aquele era o meu primeiro desafio, minha chance de mostrar que estava preparado para ser o CEO das Indústrias Stone, e queria eu mesmo resolver.

Na segunda-feira, assim que coloquei os pés fora do elevador, meu sangue ferveu ao dar de cara com Bertha.

— Bom dia, Sr. Stone — ela disse, sorridente, inclinando-se sobre a mesa para que seu decote ficasse mais visível.

Como era patética e oferecida. Por culpa dela e de seus comparsas, minha mulher estava em Londres, longe de mim, e minha vontade era de esganá-la, mas como não podia, teria ao menos a satisfação de não ter que vê-la todos os dias.

— Eu não precisarei mais dos seus serviços, pode ir ao setor de Recursos Humanos, eles já estão sabendo.

Ela abriu a boca e seus olhos ficaram marejados no mesmo instante.

— Mas o que aconteceu? Por favor, Sr. Stone eu preciso muito desse emprego, minha mãe depende de mim.

— Eu não voltarei atrás, vá ao RH imediatamente, não quero encontrá-la

aqui quando sair.

Jacob havia me informado que a mãe de Bertha vivia no México e que a história que ela vinha sustentando era uma farsa, o que me dava apenas mais um motivo para mantê-la longe. Se a função dela era manter Richard informado, não seria às minhas custas. Entrei na minha sala e bati a porta. Menos um problema para eu me preocupar.



Por mais que trocasse mensagens com Romeo todos os dias, durante quase todo o dia, o enorme vazio do meu peito não diminuía. A verdade era que me sentia mais deslocada do que nunca em Londres.

— Não vai voltar a trabalhar com o seu pai? — mamãe perguntou, enquanto acariciava meus cabelos.

Era segunda-feira e estávamos na sala de cinema, vendo um filme juntas. Ela já estava por dentro do meu relacionamento à distância com Romeo, mas jurou que jamais falaria ao marido. Diferente dele, mamãe acreditava em sua mudança e torcia por nós. Eu sabia que não podia esperar demais dela, uma vez que era muito dominada pelo meu pai, mas, ainda assim, ela fazia o que podia, e era bom ter alguém naquela casa para me apoiar.

— Eu não consigo nem olhar para ele direito, imagina trabalhar junto.

Minha mãe fez uma expressão triste, mas sabia que não adiantava insistir, por isso voltamos a nos concentrar no filme.

Quando a sexta-feira chegou, estava mais que ansiosa para me encontrar com Romeo. Durante a semana, eu tinha alugado um flat no centro de Londres

com ajuda de uma amiga da Char; seria mais reservado do que o hotel e ficaríamos mais seguros.

Por insistência de mamãe, ela e meu pai foram para nossa casa de campo, em Bristol. Eu, obviamente, neguei o convite para acompanha-los, tudo o que queria era ficar com o meu amor e bem longe dos olhos do Sr. Collins. Para todos os efeitos, eu iria direto para o apartamento da Charlotte e, depois, nós iríamos a uma festa que inventamos, para a mentira ficar mais convincente. Meu pai realmente acreditava que eu já estava esquecendo o amor da minha vida.

Naquele dia, passei a tarde no salão de beleza, ficando linda para o meu Romeo. Quando saí, já no final da tarde, a saudade batia forte no meu peito, mesmo tendo falado com ele naquela manhã. Eu só conseguia pensar em como seria maravilhoso estar com ele mais uma vez.

Estava me encaminhando ao estacionamento, onde deixara meu carro, quando vi Richard indo na minha direção. Não saberia dizer que sentimento foi maior, o ódio ou o nojo.

— Como vai, Julie? — perguntou, como se não tivesse acabado com a minha vida.

— Você é a última pessoa que eu quero ver na face da Terra. — Tentei me desviar, mas ele segurou meu braço de leve.

— Olha, eu sei que errei, e é por isso mesmo que preciso falar com você, por favor.

Olhei para ele, como se estivesse ponderando suas palavras, mas, na verdade, estava colocando meus neurônios para funcionar.

— Tudo bem, deixa só eu mandar uma mensagem para Charlotte, ela está me aguardando.

Afastei-me um pouco dele, mas, em vez de mandar mensagem, abri o gravador de voz e o acionei para que gravasse a nossa conversa. Percebi que ele também estava digitando alguma coisa em seu celular, mas não me liguei muito.

Aquela seria minha chance de provar ao meu pai, que seu querido Richard não passava de um canalha mau-caráter.

— Pronto, pode falar.

— Se importa se for naquele café ali da esquina? É que vai demorar um pouquinho.

Olhei para o estabelecimento cheio e aceitei, o estacionamento estava bastante movimentado àquele horário, mas lá tinha muito mais gente.

— Pode ser.

Caminhamos lado a lado até entrar no café e escolhemos uma mesa próxima à janela. Como estava movimentado, a garçonete não foi nos atender imediatamente, o que para mim não fazia a menor diferença, não pretendia pedir nada.

— Julie, eu sei que está morrendo de raiva, mas essa foi a única forma que encontrei de separá-la de Romeo. Eu… Eu me apaixonei por você e fiquei tão desesperado, que acabei fazendo uma besteira atrás da outra.

Eu estava chocada.

— E a Luna? E todo aquele papo de corno apaixonado?

Ele deu uma risada engraçada.

— É justamente isso que me faz te amar, sua personalidade e autenticidade. Jamais vou me cansar de você.

— Richard, coloque uma coisa na sua cabeça, eu amo Romeo, e mesmo que você conseguisse nos separar para sempre, isso não mudaria, e logo meu pai vai se dar conta de que ninguém vai conseguir me afastar dele — falei, convicta.

— Eu sei e é por esse motivo que estou aqui, quero me redimir com você e reparar meu erro. Estou disposto a me retratar com seu pai e explicar tudo o que aconteceu. Percebi que se algum dia eu tiver que ter você, será pelos meios certos.

Se confessasse o que fez ao meu pai, não haveria perdão, Robert Collins era implacável quando o assunto era honestidade e Richard devia saber disso. Entretanto, tinha medo de descartá-lo completamente, para uma pessoa fazer o que ele fez, tinha que ser muito traiçoeira, desequilibrada, até, e eu não confiava nele.

— E quando seria isso? — continuei dando corda.

— Quando quiser, ligue para Robert e vamos até ele.

Definitivamente, tinha alguma coisa errada, estava fácil demais.

— Ele e minha mãe estão viajando, mas podemos marcar para segunda-feira.

Ele analisou minha proposta e demorou um pouco, até responder:

— Eu pretendia estar em Nova York na segunda, para atender a um cliente. Deixe-me ver uma coisa, com licença — pediu e tirou o celular do bolso. Imaginei que tivesse mandado uma mensagem para alguém, sua secretária, talvez, pois quando terminou, disse: — Tudo certo, pode ser na segunda, quero resolver logo isso e começar do zero. E se um dia você e Romeo não estiverem mais juntos, quero que se lembre de mim, pois sempre estarei esperando por você.

Quase revirei os olhos.

— Eu nunca vou me separar de Romeo, se quer se retratar com meu pai, faça por sua consciência, mas não espere que tenhamos algo, pois nunca acontecerá.

Ele não disse nada, apenas se levantou, e fiz o mesmo.

— Tudo bem. Nos vemos na segunda? — ele perguntou.

— Claro, você sabe onde eu moro, estaremos te esperando.

Ele assentiu e se foi. Já eu, voltei a me sentar, esperaria alguns minutos por ali, não queria ficar perto dele. Aquela conversa me pareceu tão absurda quanto

assustadora. Richard apaixonado por mim? Dificilmente.

Enquanto esperava, abri a tela do celular, encerrei a gravação e comecei a ouvir. Apesar do barulho ao redor, deu para escutar nossa conversa com nitidez e sorri, seria impossível que meu pai ainda acreditasse naquele cretino e eu estava louca para ver a cara dele, quando se desse conta do quanto fora manipulado.

Quando achei que Richard já tinha ido, dirigi-me, cautelosamente, ao estacionamento onde deixei o meu Mini Cooper. Guardei o celular dentro da bolsa, peguei o cartão que liberava a saída e avancei entre as inúmeras fileiras de carros. Assim que cheguei perto do meu, apertei o alarme para destravar as portas, joguei minha bolsa no banco do passageiro e dei a volta. Quando estava prestes a entrar, vi um amassado enorme na lateral e senti o sangue ferver. *Merda!*

Abaixei-me e passei a mão pela tinta descascada, então ouvi meu celular tocar dentro da bolsa; pela hora, devia ser Romeo. Já ia me levantar para entrar no carro e atender, quando senti uma pancada na nuca e caí, desorientada. Pouco antes de a escuridão me engolir, eu o vi.

Romeo

Cheguei em Londres no finalzinho do dia e, assim que saí do aeroporto, aluguei um carro e coloquei no GPS o endereço que Julie me passara. Tínhamos nos falado, pela última vez, um pouco antes de meu avião começar a taxiar, e combinei de entrar em contato assim que pousasse. No entanto, desde que chegara, estava tentando falar com ela, mas o celular chamava incessantemente, até cair na caixa de mensagem, e aquilo era muito estranho.

Será que Robert tinha descoberto e a proibido de me ver?

Tentei não focar no pior e estacionei em frente ao flat que ela tinha alugado. Abri o aplicativo de mensagens, e sua última visualização fora há, mais ou menos, uma hora.

Liguei novamente e continuei ligando, insistentemente, e nada. Já estava ficando nervoso, quando me lembrei que ela havia me passado o número de sua prima, para o caso de haver algum contratempo. Julie estaria no cabeleireiro, e poderia se atrasar, por isso avisou que Charlotte tinha uma cópia da chave do flat. Fiz a ligação, mas em vez da chave, pedi o nome e o endereço do salão onde minha mulher estava, iria fazer uma surpresa a ela.

O estabelecimento era bem luxuoso, como muitos lugares do centro de Londres. Quando andei até a recepção, senti muitos olhares sobre mim. Se fosse em outra época, eu até ficaria empolgado, mas atualmente, aquilo não me despertava nada, contudo, era sempre bom ser apreciado, ainda que eu estivesse fora de combate.

— Boa noite, gostaria de saber se Julie Collins ainda está por aqui.

A recepcionista, que estava me secando desde que entrei, passou a língua pelos lábios, como se estivesse diante de um bom pedaço de carne.

— Ah, claro, vou verificar. — Digitou o nome de Julie na tela do computador e logo em seguida falou: — Infelizmente, não, saiu há uma hora.

O quê? Mas onde diabos Julie havia se metido?

— Tudo bem, obrigado. — Virei-me para sair, já sacando o celular novamente.

— Senhor — ela chamou —, aqui está dizendo que o carro dela ainda está no estacionamento. Talvez ela esteja aqui por perto.

Olhei para ela sem entender direito sobre o que ela estava falando, e a moça explicou:

— Todos os nossos clientes habituais, recebem um cartão de acesso ao

estacionamento privativo, que está diretamente ligado à nossa rede de computadores. Assim que eles utilizam o cartão para entrar, o acesso aparece ao lado de seu nome, quando saem, acontece o mesmo. Aqui diz que ela não saiu de lá.

Havia me esquecido de que Julie tinha nascido e morado em Londres a vida toda, e que devia usar os serviços daquele salão há muito tempo. Era possível que estivesse perambulando pelas lojas, apesar de achar pouco provável, já que ela sabia que eu estava chegando.

— Muito obrigado pela informação. — Sorri e saí, indo em direção ao tal estacionamento.

Na semana anterior, segui-a por tantos quilômetros pelas ruas de Londres, antes de abordá-la em frente ao edifício de sua prima, que seria difícil não reconhecer o modelo ou a placa de seu carro.

Passei pela entrada, onde havia um segurança, que ficou me encarando enquanto eu prosseguia. Segui até o final do estacionamento e nada, já estava convencido de que tinha dado algo errado no tal cartão de acesso, quando avistei o gracioso carro vermelho na lateral oposta à que eu estava. Caminhei até lá apressadamente, e achei estranho que a luz interna estivesse ligada.

Olhei para dentro, e ela não estava lá, então testei a maçaneta e a porta do passageiro se abriu. Imediatamente vi sua bolsa sobre o banco, com o zíper aberto. Inclinei-me para olhar mais de perto, e a primeira coisa que vi lá dentro, foi seu telefone, e aquilo só fez meu nervosismo aumentar, Julie jamais desgrudava da porra do celular.

Peguei o aparelho e me encostei no carro. Como ambos tínhamos nossas digitais gravadas em nossos celulares, não teria problema em acessar suas informações. Assim que desbloqueei, a primeira tela que apareceu foi a do gravador de voz. Aquilo estava cada vez mais estranho. Apertei o play e comecei a escutar o que ela havia gravado.

E a cada minuto mais amedrontado eu ficava.

Mas que porra é essa? Julie estivera com Richard? Será que ainda estava?

As coisas não estavam fazendo sentido.

Comecei a olhar ao redor e resolvi dar a volta no carro. Na mesma hora meus olhos foram guiados para o enorme amassado ao lado da porta. Acionei a lanterna do celular e passei a mão pela tinta descascada. Em seguida, meus olhos se desviaram para um cartão branco, caído perto do pneu, quando peguei, vi que era o cartão de acesso.

Nessa hora, meu coração já batia descompassado, mas logo depois senti-me congelar, ao ver algumas gotas de sangue marcando o concreto. Não foi preciso mais que dois segundos de raciocínio para entender o que estava acontecendo: Julie havia sido sequestrada.

CAPÍTULO 28

Julie

Minha cabeça estava doendo. Não ela toda, mas um ponto específico, na parte de trás; o restante apenas latejava, e o fato de o meu corpo sacolejar para lá e para cá, não ajudava em nada. Além disso, eu me sentia meio letárgica, sem forças. Ao tentar me mexer, percebi que minhas mãos estavam amarradas e foi então que me dei conta. Eu tinha sido sequestrada.

Um pavor enorme tomou conta de mim e tentei gritar, mas não consegui, havia uma fita colada na minha boca.

Comecei a chorar ao me lembrar dos olhos frios que vislumbrei no homem que me acertara na cabeça.

— Hum — gemi, quando minhas costas se chocaram com um pouco mais de força, em uma das laterais do veículo. Meu corpo continuou sacolejando e eu já estava toda dolorida, tinha certeza de que estaria cheia de hematomas no dia seguinte. Merda, Romeo ficaria louco quando visse.

Ah, não, Romeo!, dei-me conta, de repente. Ele, certamente, já tinha chegado e devia estar aflito à minha procura.

Alguns minutos depois, o carro parou, e a inércia fez as dores se intensificarem. Escutei a porta do veículo batendo e o barulho de brita ou cascalho sendo pisado; então, o porta-malas foi aberto pelo mesmo homem. Ele ficou me encarando de cima a baixo, depois me jogou sobre o ombro feito um saco de batatas, fazendo-me resmungar, devido ao desconforto.

Alguns passos depois, abriu uma porta e entrou em uma casa. Vi quando ele acionou um interruptor, mas a luz era fraquíssima, e como já era noite, não consegui enxergar praticamente nada. Ele continuou andando até chegar em

frente a uma porta que ele destrancou. Pela parca luz que vinha do corredor, enxerguei uma cama, na qual fui, literalmente, despejada.

Sem falar nada, ele me deu as costas, mas antes de sair, acendeu a luz. Quando meus olhos se acostumaram à claridade, vi que ao lado da porta havia uma mesinha encimada por um espelho. Ao olhar para o lado, quase tive um infarto; Charlotte também se encontrava ali, amarrada e amordaçada, sobre uma segunda cama. Ao me reconhecer, seus olhos ficaram tão arregalados e confusos quanto os meus.

Levantei-me da cama com a intenção de ir até minha prima. Como meus braços estavam amarrados às costas, e eu ainda me sentia meio mole, foi um pouco difícil me locomover, mas consegui. Fiquei de costas para ela e mexi os dedos. Inteligente como era, Charlotte logo percebeu o que eu queria e aproximou a boca de minha mão para que eu pudesse tirar a fita. Conforme desgrudava o adesivo, ela gemia e imaginei que devia estar fazendo uma careta de dor.

— Obrigada. Minha vez — falou, levantando-se com certa dificuldade. — Sente-se — pediu quando estava à minha frente.

Fiz como ela pediu e Charlotte iniciou o mesmo processo que eu; e a dor foi quase insuportável, a fita tinha muita adesão e parecia que minha pele estava saindo junto.

— Obrigada, Char — falei, quando consegui.

— O que está acontecendo, Julie, o que estamos fazendo aqui? — perguntou, baixinho, sentando-se ao meu lado.

— Desconfio que tenhamos sido sequestradas. Deve ter um galo no lugar em que me acertaram na cabeça.

— Fizeram a mesma coisa comigo. Eu estava chegando em meu apartamento, quando senti uma pancada na cabeça, ao acordar, estava aqui. Mas não foi isso que perguntei. Queria saber se você tinha alguma ideia de quem

seria o responsável.

— Não, mas espero que só estejam atrás de dinheiro — desabafei e Char assentiu. — Droga, tudo por culpa de Richard.

— Richard? — ela perguntou, sem entender.

— Sim. Ele foi me procurar quando estava saindo do salão e pediu para conversar. Como ele sugeriu que fôssemos a um café perto dali, eu concordei, só para me livrar logo dele. Mas quando saí de lá, já tinha escurecido, o que deve ter facilitado muito a ação do bandido.

Charlotte ficou me olhando com uma expressão contida, pensativa, até questionar:

— E o que Richard queria conversar com você?

— Bom, ele meio que confessou que tinha armado tudo aquilo, porque estava apaixonado por mim e queria me separar de Romeo. Aí disse que depois de pensar muito, percebeu que estava fazendo tudo errado e se prontificou a falar a verdade ao meu pai. Combinamos de nos encontrar na segunda-feira lá em casa e ele se foi.

— E você acreditou?

— Na verdade, não. Eu só o acompanhei porque tive a ideia de gravar nossa conversa, eu ia incitar o assunto, mas acabou que ele próprio iniciou. Não acredito que, mesmo depois de ouvir a gravação, meu pai ainda vai achar que eu fiz toda aquela baixaria.

Charlotte franziu a testa e fez um biquinho, expressão que sempre fazia quando estava tentando decifrar algo. Se estivesse com as mãos soltas, estaria batendo o indicador nos lábios.

Sorri ao pensar no gesto que a vi fazer tantas vezes, enquanto crescíamos, mas meu sorriso morreu, quando ela me lançou um olhar sério e preocupado.

— O que foi?

— Estou aqui pensando que a pancada que te deram deve ter sido muito forte, para você ainda não ter matado essa charada — explicou com uma sobrancelha arqueada.

— Como assim, que charada, não estou entendendo.

— Julie, está na cara que quem fez isso foi o próprio Richard.

— Richard? — exclamei, meio atônita, mas é claro! — Você está certa. E o fato de estar aqui comigo é culpa minha. Eu disse que você estava me esperando e que te mandaria uma mensagem. Richard deve ter achado que eu havia te falado que estava com ele, então te trouxe junto, para que não falasse ao meu pai. Desculpe.

— Pode ser, mas para ele foi ótimo, já que ajudou a tirar o foco de si. Se fosse apenas você, a primeira pessoa de quem seu pai desconfiaria seria de Romeo, mas quando ficasse provado que ele não tinha nada a ver com isso, era bem provável que tio Robert se voltasse para Richard. Então ele pegou nós duas, para que a polícia acredite se tratar de alguma quadrilha organizada em sequestro de pessoas com famílias ricas.

A teoria de Charlotte fazia muito sentido. Richard se juntara a Luna para me separar de Romeo, isso eu já sabia, mas não por estar apaixonado e, sim, porque achou que nos separando conseguiria conquistar a herdeira rica, traída e solitária.

Mas aquilo não aconteceu, uma vez que a pequena Julie não ficou em casa chorando as mágoas, o que lhe tirou todas as oportunidades de virar o meu príncipe salvador. E para piorar, ele ainda resolveu entregar aquele falso dossiê ao meu pai, acabando com qualquer chance que pudesse ter comigo. Então, precisou recorrer à sua última cartada, e para tirar o foco de si e confundir as autoridades, sequestrou Charlotte junto.

Muito esperto. Só tinha um porém: ele não fazia ideia de que eu tinha gravado nossa conversa. Sagaz como era, assim que Romeo a ouvisse, desconfiaria dele e iria ao inferno atrás de mim. Então estava rezando para que

ele achasse meu carro, com tudo dentro, o mais rápido possível.

— Cheguei à conclusão de que você está certa. Talvez tenha demorado tanto para juntar tudo isso porque convivi com ele e nunca imaginei que fosse capaz de me sequestrar.

— Richard deve estar desesperado por dinheiro, essa é a única explicação lógica.

— Fico me perguntando se Luna e Bertha também estão participando disso.

No decorrer da semana, passei muito tempo com Charlotte e lhe contei todos os problemas que aconteceram, desde que conheci Romeo, então, ela sabia de tudo detalhadamente.

— Não duvido nada. Aquela baranga certamente já percebeu que Romeo não se separaria de você. Talvez tenha entrado nessa por vingança, mas se no final ela ganhar um dinheirinho, melhor ainda.

— Romeo e suas fãs apaixonadas. Elas são um saco, mas não o trocaria por nenhuma vida tranquila e organizada. Ele deve estar tão preocupado comigo!

— Sim, ele já estava preocupado antes mesmo de saber, imagine agora.

— Vocês conversaram? — perguntei, ansiosa, virando-me ainda mais para ela.

— Eu tinha acabado de falar com ele, quando fui atingida na cabeça. Romeo havia ligado porque não conseguia falar com você. Então pediu o nome e o endereço do salão onde passou a tarde. Queria te fazer uma surpresa.

Senti meu coração se apertar mais um pouco, mas antes que eu pudesse responder, ouvimos o barulho de chave na maçaneta, logo depois a porta do quarto se abriu com um baque, fazendo-nos encolher, e dois homens entraram.

Um deles era alto e careca e imediatamente o reconheci: era o homem que havia me acertado na cabeça. O outro era um pouco mais baixo, tinha um cavanhaque mal feito e olhos maldosos.

Eles começaram a se aproximar e vi que cada um carregava um copo descartável com chá preto e uma fatia de bolo em um pratinho, também descartável. Ambos colocaram tudo sobre a mesinha que ficava em frente às camas. Então, o careca foi na direção de Charlotte, enquanto o de cavanhaque se dirigiu a mim. Assim que ele chegou perto, eu me levantei.

— O que você vai fazer?

— Vou amarrar suas mãos na frente para que possa comer, mas se não quiser, não tem problema.

Olhei para o lado e vi que o Careca estava fazendo o mesmo com Charlotte e assenti.

O homem de cavanhaque começou a cortar a fita, mas diferente do outro, que fazia tudo friamente e de forma automática, ele demorou um pouco mais e estava perto demais para o meu gosto, tanto que conseguia ouvir sua respiração no ouvido.

Quando terminou, eu me virei imediatamente e pude ver a luxúria em seus olhos, enquanto ele passava a fita em meus pulsos, ao mesmo tempo em que olhava para o meu decote. Tinha a impressão de que se estivesse sozinho, aquele cara não hesitaria em nos violentar e senti um calafrio passar pela minha espinha.

— Ei, espere! — pedi, quando eles estavam quase saindo. — Eu não sei quanto estão pagando a vocês, mas eu tenho muito dinheiro, posso pagar o triplo se nos libertarem — falei, usando toda a minha calma, para tentar negociar com eles.

Cavanhaque me encarou de cima a baixo, como se dissesse que preferia outra coisa, já o Careca, disse:

— O que estão nos pagando é mais do que suficiente, agora cale a boca e coma, daqui a pouco viremos recolher o que sobrou.

Dito isso, eles saíram, trancando a porta.



Romeo

Depois de escutar o áudio e analisar todas as evidências, uma grande suspeita começou a tomar forma na minha cabeça. Liguei para meu pai, contei tudo, e ele concordou com a minha linha de pensamento. Então, disse que iria para Londres imediatamente, levando seus homens mais qualificados. Também se ofereceu para entrar em contato com Robert, e contar o que estava acontecendo, mas lhe falei que eu mesmo faria aquilo e nos despedimos.

Robert Collins. A vontade que tinha era de tripudiar em cima dele, mas não haveria necessidade, quando ele percebesse o erro que havia cometido ao confiar no filho da puta do Richard, já seria castigo o suficiente. Mas ia adorar ver sua cara quando escutasse aquele áudio.

— Alô — ele atendeu, meio ressabiado.

— Robert, é Romeo Stone.

Ele soltou uma lufada de ar, demonstrando irritação por estar falando comigo.

— Não temos nada para conversar.

— É sobre Julie — soltei, na esperança de que ele não desligasse.

— Eu já deixei claro que não aceitarei qualquer relacionamento entre vocês, e nada me fará mudar de opinião. Você não serve para a minha filha, e saiba que ela está muito bem aqui.

— Acho que ela não está tão bem assim — falei, contendo-me, pois minha

vontade era socar a cara daquele babaca.

— Do que está falando? O que fez à minha filha?

Suspirei audivelmente, já estava perdendo a paciência.

— Julie foi sequestrada. Encontrei o carro dela em um estacionamento, destrancado, com sua bolsa e celular sobre o banco e um amassado na lateral.

— Diz que isso é uma brincadeira de vocês. — Seu tom de voz diminuiu consideravelmente, não era mais o Robert Collins durão quem estava ali, e sim, um pai desesperado.

— Deus sabe como eu queria que fosse uma brincadeira, mas não é. E tem mais… — comecei, mas até falar aquilo, era difícil. — Havia marcas de sangue no chão.

O silêncio me fez perceber o quanto ele estava em choque, por isso resolvi continuar:

— Já liguei para a polícia e estou ao lado do carro dela, esperando por eles. Também solicitei as imagens da rua e falei com o segurança que cuida do local. Ele alega não ter visto nada, mas está muito nervoso e suspeito que esteja envolvido. Meu pai já está à caminho, com alguns de seus melhores homens; ele passou por uma situação parecida com a minha mãe e pode nos ajudar. — Mais uma vez Robert ficou em silêncio, e decidi que não perderia mais meu tempo com ele, então concluí: — Escute, Robert, eu amo a sua filha e vou encontrá-la, com ou sem a sua ajuda, mas acredito que sua influência seria muito importante nesse momento.

— Estou voltando para Londres, mantenha-me informado — disse, após alguns segundos e desligou. Quando olhei para a frente, vi a polícia metropolitana de Londres entrando no estacionamento.

A cada segundo que passava eu me sentia mais desesperado. Não aguentaria se algo acontecesse a minha mulher e foi impossível não questionar, onde eu estava com a cabeça para não ter contratado uma equipe de segurança

para ela.

— Precisamos aguardar pelo menos vinte e quatro horas — disse um dos policiais e fechei as mãos em punho.

— Com o áudio, o sangue e todas as outras evidências, vocês ainda têm coragem de dizer isso? Ela pode estar morta daqui a vinte quatro horas! — falei, sentindo meu controle ir para o espaço.

— Nós entendemos a sua preocupação, Sr. Stone, mas o áudio só prova que duas pessoas marcaram um encontro para resolver alguma coisa na segunda-feira. Se ela não aparecer, com certeza o Sr. Richard será investigado.

Minha vontade era socar a cara daquele idiota pelo pouco caso. Eu até entendia a questão do áudio, afinal, só serviria para provar a inocência de Julie para seu pai, mas não necessariamente incriminava Richard. Entretanto, estava na cara que se tratava de um sequestro e eu tinha certeza de que o culpado era aquele covarde.

Não me dei o trabalho de responder, porque não adiantaria. Tudo o que queria era encontrá-la, mas não sabia nem por onde começar, por isso teria que esperar meu pai chegar, ele saberia o que fazer. E quando estivesse com Julie em meus braços novamente, eu acabaria com a raça de Richard com minhas próprias mãos.

Como eles já tinham terminado, saí de lá e fui direto para a mansão dos Collins. Robert já devia ter chegado em casa e queria começar a fazer alguma coisa.



Char e eu acabamos fazendo o que ele mandou, não por estarmos com fome, mas porque precisávamos estar fortes para o caso de conseguirmos escapar.

Cerca de meia hora depois, um deles voltou, mas em vez de pegar os descartáveis, ele fechou a porta e olhou para nós duas de cima a baixo com aquela mesma expressão nojenta no rosto.

— Agora a gente vai se divertir um pouco, docinho — falou olhando diretamente para mim, já começando a desafivelar o cinto. Na mesma hora, vi-me tomada pelo pavor e meu corpo começou a tremer involuntariamente.

— Por favor, não a machuque — Charlotte pediu, chorosa.

— Não se preocupe, princesa, depois tem *pra* você também — garantiu, soltando uma risada maldosa.

Ele já estava com a calça aberta e praticamente em cima de mim, quando a porta se abriu.

— Que diabos você está fazendo! — gritou o careca, vermelho de raiva, o celular na mão.

— Eu quero me divertir um pouco nas bocetas das filhinhas de Robert Collins.

— O chefe instalou uma câmera nesse quarto, seu idiota, e nos proibiu de tocar nelas.

Só Deus sabia o alívio que senti. Pelo menos Richard ainda tinha um pouco de bom senso, ele sabia que meu pai iria atrás dele até o quinto dos infernos se deixasse alguém nos violentar. Além disso, ele não era um criminoso. Talvez o fato de ter sido abandonado no altar tivesse mexido demais com sua cabeça, ou, como Char falou, estivesse desesperado por dinheiro. Independentemente do motivo de tudo aquilo, para mim, Richard estava muito doente.

Ainda contrariado, o cavanhaque fechou a calça e o cinto, e saiu bufando

do quarto, seguido pelo careca que trancou a porta ao sair.

— Meu Deus, Julie, juro que achei que ele fosse… — Ela não conseguiu concluir, estava nervosa demais imaginando o que aquele animal faria comigo.

Eu também estava, mas não era hora de me lamentar.

Levantei-me e fui me sentar ao lado dela.

— Nós vamos sair daqui. Somos muito mais inteligentes que esses dois e daremos um jeito. Mas primeiro, precisamos livrar nossas mãos.

CAPÍTULO 29

Romeo

Parei o carro em frente aos portões da suntuosa mansão e após me identificar, os seguranças liberaram a minha passagem.

Jamais imaginei que algum dia estaria ali, ainda mais naquela situação, pensei, enquanto guiava pela entrada interminável, cercada por um magnífico jardim. Ao tocar a campainha, fiquei surpreso quando o próprio Robert Collins abriu a porta. As emoções estavam claras em seu rosto: não gostava da minha presença, mas não era hora para diferenças.

— Robert — falei, esticando a mão e ele a aceitou prontamente.

— Romeo, por favor, entre — disse Laura, que se encontrava logo atrás. Ela estava aflita, o rosto vermelho de tanto chorar. Passei por ele e a cumprimentei.

— Conte-nos tudo o que aconteceu — ele pediu, puxando a esposa para perto de si.

Eu não poderia abrir para Robert que estávamos nos encontrando às escondidas, ou ele ficaria ainda mais furioso, mas parte da história teria que ser revelada.

— Essa manhã eu entrei em contato com a Julie dizendo que estava vindo para a Inglaterra a fim de tentar falar com você. Ela estava apreensiva, com medo de piorar as coisas e disse que queria conversar comigo primeiro, por isso íamos sair para jantar. Assim que cheguei, liguei em seu celular, mas ela não atendeu. Depois de ligar dezenas de vezes e não ter resposta, entrei em contato com Charlotte, que me falou que Julie havia ido ao salão de beleza. Peguei o endereço do lugar e fui até lá. Após verificar em seu computador, a recepcionista

me disse que ela havia terminado os serviços uma hora atrás, mas que ainda não tinha saído do estacionamento.

“Fui para lá na mesma hora. Quando achei seu carro, vi que a luz interna estava ligada, e que as portas estavam destrancadas. Sua bolsa também estava lá dentro, mas nem sinal dela. Resolvi dar a volta, sem saber direito o que estava procurando, e foi quando eu vi um grande amassado na lateral com a tinta descascada. Acredito que Julie tenha se abaixado para ver o amassado e eles a acertaram; o que explica o sangue no chão, logo ao lado.

Laura se desesperou e Robert a abraçou, seus olhos estavam tão tristes quanto furiosos.

— E há mais uma coisa que eu não te falei quando liguei.

Ele olhou para mim, cauteloso e uniu as sobrancelhas.

— Como eu disse, a bolsa dela estava no banco do passageiro. Ao olhar lá dentro, a primeira coisa que achei foi seu celular. Eu o peguei para ver se encontrava alguma pista e quando desbloqueei a tela, o aplicativo de gravação de voz estava aberto. Gostaria que escutassem:

Os dois estranharam o meu pedido, mas fui até ele e entreguei o celular com a gravação pronta para ser ouvida. Robert ficou olhando para o aparelho da filha e depois deu play:

— Pronto, pode falar.

— Se importa se for naquele café ali da esquina? É que vai demorar um pouquinho.

— Pode ser.

— Julie, eu sei que está morrendo de raiva, mas essa foi a única forma que encontrei de separá-la de Romeo. Eu… Eu me apaixonei por você e fiquei tão desesperado, que acabei fazendo uma besteira atrás da outra.

— E a Luna? E todo aquele papo de corno apaixonado?

— É justamente isso que me faz te amar, sua personalidade e autenticidade. Jamais vou me cansar de você.

— Richard, coloque uma coisa na sua cabeça, eu amo Romeo, e mesmo que você conseguisse nos separar para sempre, isso não mudaria e logo meu pai vai se dar conta de que ninguém conseguirá me afastar dele.

— Eu sei e é por esse motivo que estou aqui, quero me redimir com você e reparar meu erro. Estou disposto a me retratar com seu pai e explicar tudo o que aconteceu. Percebi que, se algum dia eu tiver que ter você, será pelos meios certos.

— E quando seria isso?

— Quando quiser, ligue para Robert e vamos até ele.

— Ele e minha mãe estão viajando, mas podemos marcar para segunda-feira.

— Eu pretendia estar em Nova York na segunda, para atender a um cliente. Deixe-me ver uma coisa, com licença… Tudo certo, pode ser na segunda, quero resolver logo isso e começar do zero. E se um dia você e Romeo não estiverem mais juntos, quero que se lembre de mim, pois sempre estarei esperando por você.

— Eu nunca vou me separar de Romeo, se quer se retratar com meu pai, faça por sua consciência, mas não espere que tenhamos algo, pois nunca acontecerá.

— Tudo bem. Nos vemos na segunda?

— Claro, você sabe onde eu moro, estaremos te esperando.

Vi que a cada palavra dita na gravação, mais Robert se agoniava e mais Laura parecia prestes a explodir, o que realmente acabou acontecendo, quando as últimas palavras saíram do aparelho. Laura Collins teve um ataque de fúria e começou a socar o peito do marido, que deixou o celular cair das mãos, parecendo ainda não ter entendido o que estava acontecendo.

— Foi ele quem fez isso e a culpa é sua! Você confiou naquele filho da puta e agora ele está com a nossa menina. — Laura se afastou dele e andou pela sala, demonstrando todo o desespero que sentia. — Era tão patente que aquele homem estava te manipulando, e você, sempre tão esperto, nem se deu conta — ela cuspiu cada palavra com tanta raiva, que as veias saltavam do pescoço. — Você desconfiou dela, a acusou de ter nos roubado e foi tudo uma farsa daquele infeliz. Agora a minha filha está por aí, em algum cativeiro, sofrendo Deus sabe o quê.

Cheguei a respirar melhor depois daquele discurso. Laura havia me representado. Eu também tinha vontade de falar naquele mesmo tom e de socar a cara dele, mas mantive a calma.

— Eu já sei que errei, como acha que estou me sentindo? Mas eu nunca poderia imaginar, que todos aqueles relatórios e documentos de transferências fossem forjados, meu amor. Richard sempre teve a minha total confiança.

Laura explodiu mais uma vez e começou a bradar, ferozmente, com o marido:

— *Ela* te falou que não havia feito aquilo e a sua obrigação era ter lhe dado o benefício da dúvida, mas não, o poderoso Robert Collins apenas julgou e condenou a filha que o amava e venerava. — Ela parou e balançou a cabeça com expressão de desgosto e desapontamento. — Dê um jeito nessa merda toda e traga a minha filha de volta, porque, se eu a perder, você é que sofrerá as consequências. Eu juro.

Ela correu escada acima deixando *nós* dois parados no meio da sala.

Como estava ali por causa da minha mulher e não tinha qualquer intimidade, continuei calado, esperando sua próxima ação.

— Você me disse que estava esperando pela polícia. O que aconteceu? — quis saber.

— Eles foram até o estacionamento, viram tudo, ouviram a conversa, mas

mesmo assim, disseram que não podiam fazer nada antes de vinte quatro horas.

— Como assim, vinte quatro horas? Ela está correndo perigo! — falou, furioso e começou a praguejar. — Venha, vamos dar um jeito nisso. — Sem esperar, saiu porta afora, sacando o celular e falando com seu chefe de segurança

Em questão de minutos, uma dúzia de homens estava reunida em frente à casa e todos seguimos para o centro de Londres. Robert permaneceu em silêncio, dava para ver que estava remoendo todo o mal que tinha feito à própria filha. Eu sabia que era cruel pensar assim, mas simplesmente achava que ele merecia cada minuto da aflição que estava passando.

Chegamos no departamento de polícia, que ficava próximo ao estacionamento em que o carro de Julie estava, e todos ficaram surpresos quando Robert e seus homens entraram. Eu estava misturado a eles e segui o fluxo até três policiais que conversavam e tomavam café.

— Eu preciso falar com Carl Bates, diga que é Robert Collins.

Dois dos policiais que estavam à frente, eram os mesmos que estiveram no estacionamento e me disseram que teríamos que aguardar. Olhando para eles naquele momento, um encarando o outro com expressão culpada, tive certeza de que só não se preocuparam o bastante, por não saberem quem era a garota sequestrada.

— Ah, sim, Sr. Collins, um momento — falou o terceiro, que eu não conhecia, e caminhou apressado para dentro da delegacia.

Não demorou para a figura imponente de um homem alto e negro, com o distintivo da polícia de Londres agarrado ao cinto surgir. Ele sorriu ao ver Robert Collins, mas se conteve, ao perceber seu semblante preocupado.

— Robert, o que houve, em que posso ajudá-lo?

— Minha filha foi sequestrada há mais ou menos quatro horas. Há vestígios de sangue no local de onde ela foi levada, mas, ainda assim, seus homens pediram vinte e quatro horas para agir — ele explodiu. — Qual é o

problema de vocês? Será que precisarei entrar em contato com a rainha para que mexam suas bundas e tragam a minha filha de volta?

Carl empalideceu ao ouvir o nome da rainha e o mesmo aconteceu com todos os outros.

— Perdoe-me por isso, eles estavam apenas seguindo o protocolo. Reunirei meus melhores homens para que possamos trazer a pequena Julie de volta, o mais rápido possível.

Pelo jeito, a família Collins era muito conhecida no Reino Unido. Não que aquilo fosse importante para mim, mas pelo que estava vendo, ajudaria a acelerar as buscas.

Durante a hora seguinte, passei todas as informações para o chefe de polícia, inclusive o áudio e toda a história sobre Richard. Sua primeira medida foi voltar ao estacionamento e fazer uma perícia completa, coisa que os dois inúteis deveriam ter feito desde o início. Àquela hora, o segurança da entrada já não era o mesmo, por isso Carl pediu que o rapaz ligasse para a empresa de segurança e pegasse informações sobre o outro funcionário. Também mandou alguém à loja para conseguir as imagens internas e reforçou meu pedido sobre as imagens das câmeras das ruas.

Uma hora depois, estávamos na delegacia novamente, assistindo ao vídeo do café.

— Eu vou ser bem sincero com vocês. Que ela foi sequestrada, eu não tenho dúvida. Mas nem na gravação e nem nas imagens há qualquer coisa incriminatória. Eles entram, conversam por mais ou menos dez minutos e depois ele sai, já ela, fica esperando. Por tudo o que me falou, Sr. Stone, acredito que Julie estivesse evitando se encontrar com ele novamente e é nítido que não confiava nele, que estava desconfiada de que algo fosse acontecer.

As palavras de Carl fizeram Robert chutar uma das muretas e fazer uma careta de dor logo em seguida.

— Eu sei que parece tudo muito inocente e por isso mesmo é suspeito — falei, já estava ficando agoniado. — Na segunda-feira eu mandei a garota que ele havia plantado lá na minha empresa embora, isso o deixou no escuro e, provavelmente, desesperado. Eu não sei exatamente qual é a motivação dele, mas não acredito que esteja apaixonado por Julie. Para mim, isso tem a ver com dinheiro, porque pelas minhas investigações, ele está quase falido devido a alguns investimentos que deram errado.

— Eu também não tenho dúvidas de que foi ele. Minha vontade é ir atrás daquele filho da mãe e encostá-lo na parede, até que me diga onde escondeu a minha filha.

— Mantenha a calma, Robert, ele ainda não sabe da existência do áudio. Muito provavelmente achou que estaria se protegendo de ser rastreado ao deixar a bolsa e o celular, mas, no final, acabou virando o principal suspeito.

Carl estava certo, Richard não sabia sobre a gravação de Julie, de forma que, talvez, até aparecesse para consolar Robert.

— Está querendo dizer que eu não posso fazer nada contra ele?

— Não agora. Você terá que ser forte e fingir que nada está acontecendo, caso ele apareça. Richard, certamente, premeditou todo o sequestro, só não imaginou que ela fosse fazer uma gravação. E mesmo que essa não o incrimine pelo sequestro, todas as outras hipóteses nos fazem crer, que ele foi a última pessoa que esteve com Julie. Além disso, há o relato do Sr. Stone, que também pode nos dar embasamento. Se você agir precipitadamente, vai perder a razão e dar vantagem a ele.

Robert não falou nada, apenas ficou andando de um lado para outro, tão inquieto quanto eu. Durante todas aquelas horas, ele falou comigo apenas o necessário. Claro que o homem ainda me odiava, aquilo não mudaria tão cedo, isso se algum dia mudasse, mas desconfiava de que aquele mutismo, se devia também à culpa, por ter sido injusto com a filha.

O dia estava quase amanhecendo e ainda estávamos na delegacia, esperando pela equipe de busca que Bates solicitou, quando meu pai chegou, impressionando a todos com a quantidade de homens e carros que o acompanhavam. Aquilo pareceu tirar um pouco do peso que eu estava carregando.

— Como estão as coisas? — perguntou, dando um abraço em Robert.

— Péssimas, Stone, nunca imaginei que fosse passar por tudo isso. Já tomamos as primeiras providências e as buscas já foram iniciadas em algumas regiões. Seu filho está analisando algumas imagens, ele acha que, se descobrir em que carro ela foi levada, podemos rastreá-lo através das câmeras.

Como o sequestro havia acontecido há poucas horas, todas as rodovias haviam sido fechadas e cada carro estava sendo vasculhado minuciosamente, mas se eles já tivessem escapado, não faria a menor diferença, então precisávamos de opções.

— Ótima ideia, filho, já conseguiu alguma coisa? — meu pai perguntou após me abraçar.

— Ainda não, a maior parte das câmeras são distantes, e como está escuro, fica ainda mais difícil. Eu…

— Sr. Collins — um de seus seguranças chamou, interrompendo-me.

Mesmo com toda influência de Robert e insistência de Bates, as imagens das câmeras de segurança das ruas, só tinham chegado cerca de uma hora atrás. Todos os homens de Robert assim como os policiais de plantão, ficaram encarregados de assistir e foram instruídos a chamar, caso vissem alguma coisa suspeita.

— O que foi, Michael — perguntou Robert se aproximando e sendo seguido por mim, meu pai e Carl.

— Essas imagens são do lado de fora do café. Uma coisa me chamou a atenção, mas gostaria que vocês confirmassem. Olhem aqui, nesse canto —

falou, apontando.

Chegamos perto da tela e na hora eu entendi sua suspeita. Richard estava parado próximo a uma loja, observando Julie entrar no estacionamento. Ele permaneceu no mesmo lugar, enquanto ela desaparecia. Minutos depois, um sedã preto saiu lá de dentro e parou por alguns segundos. Nessa hora, Richard fez um leve aceno com a cabeça e o carro seguiu adiante.

— Sem dúvida é ele e com certeza Julie está naquele carro — afirmei, categórico.

— Eu vou matar aquele desgraçado quando colocar meus olhos nele — Robert urrou.

— Agora vai ser mais fácil — afirmou Bates. — Eu já anotei a placa e passei para a central, o sistema é moderno e em pouco tempo conseguiremos a rota que ele fez.

Eu rezava para que ele estivesse certo e conseguíssemos uma pista concreta.

Meu pai e Robert ficaram conversando em um canto, enquanto eu aguardava o retorno do sistema de segurança. Pareceu a hora mais demorada da minha vida e quando Carl Bates voltou com um tablet em mãos, eu já estava mais que ansioso.

— Acho que o pegamos — ele disse e todos nós o cercamos. — Esse veículo avançou dois sinais vermelhos e saiu da cidade pegando uma rodovia que leva a uma zona rural. Há imagens dele até essa saída aqui — diz apontando uma área na tela.

— Só pode ser ele — falei, convicto.

— E o que estamos esperando, vamos pegar esse filho da puta — Robert disse, exaltado.

— Acalme-se, homem, qualquer erro pode custar a vida dela.

Naquele exato momento, Laura entrou pela porta da delegacia tão

transtornada quanto quando a deixamos em casa. Ela já havia ligado várias vezes durante a noite e cada vez, deixava Robert mais ansioso.

— Laura, o que faz aqui? Deveria ter ficado em casa aguardando notícias, eles podem ligar para o telefone residencial.

— Robert, Charlotte também desapareceu. Já tentei localizá-la em todos os lugares e não consegui. Eles levaram nossas duas meninas — concluiu, nos deixando confusos.

Robert puxou a mulher para si e depois de a acariciar, perguntou:

— Tem certeza, querida? Talvez ela esteja fora da cidade.

Ela balançou a cabeça freneticamente.

— Não, não… Quando não consegui falar com ela, fui até lá e o porteiro disse que ela lhe confidenciara, quando estava saindo de casa, que precisaria de um táxi mais tarde, para sair com as amigas. Então disse que voltaria logo, mas até então não há sinal dela.

Eu já não sabia mais o que pensar. Por que diabos ele sequestraria a sobrinha de Robert Collins? Pelo visto, Richard daria mais trabalho do que pensamos a princípio.

CAPÍTULO 30

Julie

Depois da ligação, o careca apareceu apenas para saber se queríamos ir ao banheiro. Tanto eu quanto Char demos graças a Deus, pois estávamos mesmo precisando.

Quando ele nos trancou novamente, mandou que ficássemos quietas e dormíssemos, então imaginei que não fossem aparecer até o dia seguinte. Aquilo me deu tempo para colocar minha cabeça para pensar. Nós precisávamos sair dali o quanto antes.

— Tenho medo quando você faz essa cara — Charlotte disse e foi a primeira situação engraçada, em horas de cativeiro.

— Acho que eu bolei um plano para sairmos daqui, mas agora precisamos descansar e amanhã eu te conto, vou precisar da sua ajuda.

Não sabia quanto à Char, mas eu dormi muito pouco. Além de estar naquela situação, ainda fiquei com medo de o cavanhaque aparecer para terminar o serviço, por isso, a toda hora eu acordava. Mas era melhor do que nada, pois acordei com a cabeça a mil e meu plano bem mais concreto. Eu não sabia se daria certo, mas não acreditava que os capangas de Richard fossem páreo para minha mente aguçada. Se eu tinha feito Romeo Stone se apaixonar por mim, usando da minha esperteza, teria que fazer o mesmo para fugir dali.

O primeiro passo era sair das vistas de Richard e, para isso, precisávamos localizar a maldita câmera ou sair do quarto; meu plano não levaria mais que alguns minutos e Richard demoraria muito mais tempo para chegar ali.

— Ei, careca! Ei, vocês aí… — Comecei a gritar, batendo com o pé na

porta, e não demorou para o do cavanhaque aparecer.

— Cale a boca ou eu vou colocar a fita de volta em vocês. Só permiti que ficassem sem ela, porque estamos no meio do nada, então não haverá ninguém para escutar. Mas eu não sou obrigado a ouvir seus gritos uma hora dessas.

— Desculpe, mas nós precisamos ir ao banheiro.

Ele olhou para minha prima e depois para mim.

— Qual é, não quer que a gente faça nas calças, seu chefe não ia gostar de saber disso.

Ele coçou o cavanhaque e assentiu.

— Uma de cada vez e sem gracinhas.

Levantei-me da cama e fui primeiro. Charlotte ficou me encarando, temerosa, ela sabia que eu era doida.

Caminhamos por um longo corredor, até que o homem parou em frente a uma grande porta.

— Vou tirar a fita apenas para que faça suas necessidades e depois a coloco mais uma vez, se trancar a porta ou fizer qualquer gracinha, mato vocês duas — ele foi falando enquanto tirava as fitas dos meus pulsos e eu apenas concordei, mesmo sabendo que ele não faria nada.

— Relaxa, bonitão, eu já volto. — Pisquei um olho, deixando-o todo sem jeito e entrei no banheiro. Fiz xixi e passei os olhos por todo o local à procura de alguma coisa que pudesse ajudar no meu plano e sorri largamente ao ver um barbeador descartável na janela do banheiro. Fui até ela e o peguei rapidamente, enrolei em um pouco de papel higiênico e guardei dentro do sutiã.

— Ei, por que está demorando tanto? — ele gritou, batendo na porta.

— Calma, estou há horas sem ir ao banheiro! — gritei de volta enquanto lavava as mãos e saí. Ele estava encostado na porta e me olhava de um jeito estranho. Estiquei os pulsos, mas o cara continuou me encarando. Era a minha

deixa. Caminhei até ele e alisei a gola de sua camisa.

— Que pena que seu chefe nos interrompeu, teria sido bem legal.

Seus olhos se arregalaram e ele olhou para os lados.

— Está falando sério?

Passei a língua pelos lábios e sorri, bem safada.

— Eu sou sócia em um clube de sexo, pago para ser fodida por um monte de homens, imagina ganhar isso de graça.

O sorriso dele se alargou e seus dedos alisavam meu antebraço.

— Podemos resolver isso agora — ele disse e meu coração gelou.

— Seu amigo pode dar com a língua nos dentes. Se ele fizer isso, você pode se ferrar e não queremos isso, certo? Queremos apenas nos divertir. — Desci uma mão e apertei o pau dele por cima da calça. O homem suspirou pesado e me puxou pela cintura.

— Ele tem costume de dormir quando eu fico em seu lugar, vou dar um jeito de trancá-lo no quarto e aí poderemos ficar sozinhos.

— Ótimo, vou esperar ansiosamente.

— Você é bem safada para uma patricinha.

Sorri mais uma vez e me afastei.

— Você ainda não viu nada.

Os olhos dele brilharam com a promessa de um pouco de sexo durante a tarde. Quase revirei os olhos, homens eram tão previsíveis. Comecei a caminhar e ele me puxou pelo braço.

— Olha só, eu… preciso colocar a fita de volta.

Fiz uma carinha de triste para ele e estiquei os braços.

— Mas não aperte muito, se meus braços ficarem doloridos, não terei o mesmo desempenho.

Ele sorriu, mostrando uma fileira de dentes bonitos, para um jagunço sequestrador.

— Deixe comigo, belezinha, vou cuidar para não te machucar.

A fita foi colocada de um jeito tão ridículo que eu poderia me livrar dela a qualquer momento, mas é evidente que só faria aquilo na hora certa.

Passamos por uma pequena sala onde vi latas de cerveja e cinzeiros cheios de bitucas de cigarro; um ventilador de teto preguiçoso e algumas paredes mofadas. Meus olhos encontraram a chave do carro pendurada em um prego atrás da porta, junto com mais duas outras chaves e em cima da mesa de centro, duas armas. Ótimo, bandidos tão inúteis quanto o idiota do Richard.

Quando chegamos em frente ao quarto, ele apertou a minha bunda antes que eu entrasse. Charlotte já estava esperando, doida para ir ao banheiro, mas dei uma piscada para ela antes de entrar e ela saiu.



Nos encontrávamos na rodovia que levava ao lugar onde Julie estava sendo mantida refém. Pelo menos, era o que achávamos. Ficou decidido que iríamos agir por terra, mesmo que os helicópteros chegassem mais rápido. Não podíamos correr o risco de assustá-los e colocar a vida das garotas em perigo. Por isso, um comboio de carros da polícia, seguranças de Robert e o pequeno exército do meu pai, nos seguia. Tínhamos homens suficientes para neutralizá-los em questão de minutos.

Havíamos tentado localizar Charlotte de todas as maneiras possíveis, mas

acabamos tendo a certeza de que ela também havia sido sequestrada, quando rastreamos seu celular e o encontramos em um bairro próximo ao centro.

Pegamos uma rua de terra batida, que não tínhamos ideia de onde iria dar. Seguimos por longos quilômetros, até recebermos da equipe do meu pai, a informação de que a uns dois quilômetros dali, havia um casarão abandonado.

Minutos depois todos os carros pararam e decidimos ir pela mata, pois o barulho dos motores, poderia avisá-los sobre a nossa chegada.

— Coloque isso, filho.

Meu pai entregou um colete à prova de balas para mim e outro para Robert que, àquela altura, não respondia mais nada, parecia em transe com a ideia de que alguma coisa errada pudesse acontecer.

Passamos por uma cerca e entramos na mata. A cena de todos aqueles homens armados e equipados, parecia coisa de cinema e eu nunca havia me sentido tão ansioso na vida; nada poderia sair errado, nada mesmo.

Caminhamos pela pequena floresta, e não demorou para avistarmos o velho casarão, que parecia abandonado há bastante tempo.

— Escutem todos. Vamos cercar a casa com calma e sem alarde, ninguém fará nada sem a minha ordem — Carl falou e todos concordaram.

Voltamos a caminhar e o único barulho que se ouvia era o das folhas secas se quebrando sob nossos pés. De repente, o silêncio foi quebrado pelo barulho de um tiro, que ecoou pela mata. Robert me olhou desesperado e se pôs a correr em direção à casa e, quando notei, estava fazendo o mesmo, tomado pelo medo e pela angústia.

Que não sejam elas!, era a única coisa que eu conseguia pensar enquanto minhas pernas corriam o mais rápido que eu conseguia.

Atravessamos mais uma cerca e corremos para a entrada. Quando olhei ao redor, a maioria dos homens já estava cercando a casa e os outros nos acompanhavam.

Carl meteu o pé na porta sem delicadeza nenhuma, fazendo a madeira estilhaçar e cair. Ele passou primeiro e seus homens foram atrás, seguidos por mim e Robert. Ao entrarmos, nos deparamos com um homem caído no chão, exibindo um ferimento no abdômen.

— Mas que merda aconteceu aqui? — Robert quis saber, avançando pelos corredores à procura de Julie. Fiz o mesmo, indo em todos os cômodos, mas a casa estava vazia. Então ouvimos uma voz gritando no final do corredor. Fomos até lá e encontramos um homem careca, que levantou as mãos, quando viu os policiais uniformizados com as armas apontadas para ele.

— Eu sou inocente. — Foi a primeira coisa que disse enquanto era algemado e levado para fora.

— Onde elas estão, cadê as garotas? — perguntei, pegando-o pela camisa.

— Eu não sei, cara, estou trancado nesse quarto há mais de uma hora, acordei com o barulho do tiro.

Soltei o infeliz e voltei correndo para a sala. Saí porta afora, berrei o nome dela e nada, fui até o carro deles, que estava estacionado com a porta aberta, e notei que a chave estava na ignição, como se alguém fosse sair, mas tivesse mudado de ideia no último momento. Olhei para os pneus e vi que estavam furados, todos os quatro.

— Robert, a mata, elas estão na mata.

Ele me olhou, aflito e os homens se dividiram para cobrir o maior perímetro possível.



Assim que Char voltou para o quarto, nós nos sentamos e começamos uma varredura para achar a tal câmera, o que não se mostrou muito difícil. Richard a tinha instalado no espelho que era mais ou menos da minha altura. Fui até lá e fingi me olhar, então voltei para junto de Char.

Tudo estava correndo bem; o idiota tinha caído nas minhas graças e já sabíamos onde estava a maldita câmera. Quando escutei a porta ao lado batendo, imaginei que o careca tiraria um cochilo e esperamos o que achei suficiente para que ele pegasse no sono.

— É agora!

Assim que me posicionei em frente à câmera, Charlotte ficou na minha frente, tirou o barbeador de dentro do meu sutiã e o entregou a mim. Com muita calma, eu o desenrolei do papel higiênico e comecei a passar entre o pequeno espaço de fita, que não tocava a pele dela.

— Volte lá e fique como estava — falei, assim que ela ficou livre.

Ela sorriu e fez como eu pedi, juntando os pulsos novamente, para dar a impressão de que estavam presos.

Não demorou para eu escutar o barulho de chaves na porta, tinha chegado a hora e nada poderia dar errado.

— Vamos, bebezinha ele já dormiu.

Engoli em seco e saí do quarto. Enquanto eu seguia até a sala, sentia os olhos dele nas minhas costas.

— Você poderia me soltar? Não dá para fazer muita coisa com as mãos assim — murmurei com a voz melosa e ele sorriu.

— Claro, vou dar um jeito nisso. — Pegou uma faca em cima da mesinha e foi até mim com aquela lâmina reluzente e afiada. — Prontinho — falou quando me soltou. Seu sorriso se alargou imaginando as safadezas que poderíamos fazer.

— Não tem nada para beber nesse lugar? Eu fico mais soltinha com um

pouco de álcool nas veias.

— Tenho cerveja, pode ser?

— Se estiver gelada, sim.

Ele gargalhou.

— Você é das minhas, garota — falou, caminhando até um frigobar velho e enferrujado e tirou de lá duas garrafinhas de cerveja. Ele abriu as duas, entregando uma para mim, virando a outra e tomando longos goles.

Tomei um gole e adorei sentir o sabor gelado da bebida invadindo minha boca, estava com sede. Bebi mais um gole e sorri, convidativa, e ele começou a caminhar em minha direção. Então escutei o baque da porta sendo aberta e imediatamente nos viramos: Richard estava ali, com feições enfurecidas; na verdade, parecia estar possuído por algum demônio. Tudo o que pude pensar, foi que ele devia estar por perto e resolveu ir lá, depois que eu bloqueei a câmera.

— Seu inútil! Eu fui claro quando disse que não era para cair na conversa dela.

Ele passou rapidamente por mim e deu uma coronhada na cabeça do seu capanga. O homem revidou e acertou um soco na cara de Richard.

Aproveitei a confusão dos dois, peguei a chave do carro que estava pendurada na porta e fui atrás de Charlotte. Dei graças a Deus quando vi que ele havia se esquecido de trancar a porta, alguém lá em cima gostava de nós.

— Vamos, Char, Richard chegou e eles estão brigando na sala, é a nossa chance.

Ela correu até mim e decidimos procurar por outra saída. Encontramos uma grande janela sem grades no final do corredor, então passamos rápido por ela e saímos em uma das laterais da casa. Corremos para dar a volta e chegamos ao carro estacionado em frente ao casarão, com o coração na boca, mas quando girei a chave, o maldito não funcionou.

— Richard furou os pneus e cortou os cabos — Charlotte disse.

Foi quando olhei para os fios cortados abaixo do volante e dei um murro no painel. Segundos depois, o barulho estarrecedor de um tiro cortou a floresta.

— Vamos, Char, vamos correr para a mata e nos esconder.

Saímos em disparada, atravessamos uma cerca e corremos o máximo que nossas pernas conseguiram, pois tinha certeza de que ele iria atrás de nós, afinal, não tinha mais nada a perder.



Meus olhos nunca estiveram tão atentos e minhas pernas tão rápidas, mas, para todos os lados que eu olhava, só via árvores e mais árvores e nada da minha mulher. Todo aquele tormento só me fez perceber o quanto eu a amava e o quanto ela era importante na minha vida. Eu precisava encontrá-la, precisava salvá-la.

— Richard, não faça isso. — Escutei a voz de Julie, e fiquei desesperado, mas seria perigoso chamá-la de volta, por isso caminhei com o corpo levemente abaixado, até chegar a um desfiladeiro.

Todo sangue sumiu do meu rosto ao ver Julie e Charlotte, encurraladas, sob a mira da arma daquele animal. Nunca me senti tão impotente na vida. Qualquer movimento poderia fazê-lo disparar e matar uma das duas. E, pelo olhar de ódio que ele exibia, era bem provável que fizesse aquilo nos próximos minutos.

— Não era para ter sido assim, mas a princesinha teve que estragar tudo. — Julie não falou nada, ela sabia que era perigoso enfrentá-lo. — Vamos, quero

as duas andando, lado a lado, na minha frente.

Elas levantaram as mãos e começaram a se mover. Já eu, fiquei estático, qualquer barulho poderia ser fatal, por isso estava rezando para que nenhum dos homens fizesse algo que pudesse causar uma tragédia maior. Eles eram treinados para situações de risco, mas só Deus sabia o que aconteceria.

As garotas caminharam mais ou menos uns dez metros, até o barulho de um tiro cortar a floresta e uma mancha de sangue surgir na camisa branca de Richard, à altura do ombro. Logo depois, houve outro disparo e as garotas se jogaram no chão. Nessa hora eu corri o mais rápido que pude para chegar até elas. Ao me aproximar, vi o corpo de Richard estirado sob as folhas secas e tive vontade de parar para chutar aquele embuste, mas meu objetivo era saber se elas estavam bem, então continuei e parei ao lado das duas, tocando o braço de Julie, que soltou um grito esganiçado.

— Ei, sou eu.

Ela se virou ao som da minha voz e se agarrou em mim.

— Oh, meu Deus, Romeo eu… eu… senti tanto medo.

Abracei Julie o mais forte que pude, sentindo-me em casa ao inspirar o perfume dos seus cabelos. Quando me virei para ver seu rosto, o tempo parou, Julie não estava olhando para mim e sim para Richard que, mesmo baleado, sacou a arma e apontou para nós.

Vi-a se erguer e pular sobre mim, em uma tentativa desesperada de me proteger. No instante em que ele atirou, outros tiros foram disparados. Eu não sabia de onde vinham, mas senti o peso do corpo de Julie sobre o meu e pedi a Deus que nenhuma bala a tivesse acertado.

Afastei-a com cuidado, sentindo o alívio tomar conta de mim, quando ela abriu os olhos e sorriu, dando-me a certeza de que tudo estava bem. Porém, meus olhos se desviaram e vi Charlotte caída a alguns metros, com a blusa toda manchada de sangue. O pavor nos meus olhos fez com que Julie se virasse e

soltasse um grito desesperado. Àquela altura, vários homens já saíam de todos os cantos daquela mata, inclusive meu pai e Robert.

Julie se levantou e correu até Charlotte que estava acordada, com a mão no ferimento. Fiz o mesmo e ambos nos ajoelhamos ao lado dela.

— Ei, querida, vai ficar tudo bem, estamos salvas — Julie falava e chorava ao mesmo tempo.

Robert chegou por trás e abraçou a filha.

— Perdoe-me, querida, isso tudo é culpa minha.

Os dois se abraçaram, mas Julie não disse nada, apenas aceitou o abraço do pai e depois voltou a segurar a mão da prima.

— Eu já chamei um helicóptero, em cinco minutos ela será removida para o hospital — Carl Bates informou.

Eu estava furioso por eles terem sido tão irresponsáveis, mas não era hora de começar uma discussão que não acabaria em nada.

— Fique acordada, por favor, fique acordada — Julie implorava enquanto Charlotte lutava para ficar com os olhos abertos.

O tempo que levou para avistarmos os paramédicos chegando de dentro da mata, não foi tão longo, mas, para mim, pareceu uma eternidade. Assim que colocaram Charlotte na maca, peguei Julie no colo e caminhei com ela, sob os olhares de todos. Ela estava emocionalmente instável, em choque por ter visto a prima baleada, e aquilo era o mínimo que eu poderia fazer naquele momento.

— A culpa foi minha, o plano de fugir foi meu — ela sussurrou com a cabeça encostada na curvatura do meu pescoço.

— Não pense nisso agora, ela vai sair dessa.

Só a coloquei no chão para que pudesse pular a cerca e, depois, fomos direto para o carro.

— Ela vem comigo.

Parei de andar ao escutar a voz de Robert Collins e me virei.

— Ok — falei para não começar uma discussão, mas Julie se apertou ao meu corpo.

— Eu quero ir com Romeo — disse, sem olhar para o pai e voltou a me apertar. — Eu quero ir com você, por favor — choramingou.

— Mas, filha… — Robert murmurou, quase sem voz, mas meu pai o advertiu:

— Robert, não é o momento, deixe que ela vá, depois vocês conversam.

Ele ficou nos olhando por um tempo e então assentiu. Logo depois ouvimos o barulho do helicóptero que levaria Charlotte ao hospital.

Entrei no carro com Julie ainda nos braços, ela parecia uma criança assustada.

— Oh, Romeo… — Um soluço escapou de sua garganta e ela começou a chorar.

— Eu estou aqui, meu amor, não tenha medo.

Suas lágrimas molharam a minha camisa e seus suspiros nos acompanharam por todo o caminho até chegarmos ao hospital.

CAPÍTULO 31

Julie

Todo o pavor e medo que passei, deixaram-me em choque e aérea. Entretanto, enquanto uma equipe médica cuidava de mim, eu só conseguia pensar que, por causa da minha irresponsabilidade, eu havia colocado a vida de Charlotte em perigo. Que loucura!

Através do vidro da porta, vi minha mãe andando apressadamente e entrando no quarto em que eu estava. A ligação materna, o relacionamento que tínhamos, fez-me ficar ainda mais deprimida e desabar, foi só ela me olhar que as comportas se abriram.

— Ah, meu Deus, filha — falou, emocionada, e me abraçou, atrapalhando o médico que terminava de me examinar. Foi reconfortante sentir o cheiro dela.

— Eu estou bem, mãe, mas preciso de notícias de Charlotte ou vou enlouquecer.

Ela se afastou e sorriu.

— Ela está fora de perigo, o tiro pegou de raspão.

Só Deus sabe o alívio que eu senti, jamais me perdoaria se algo acontecesse a ela.

— Eu quero ir para casa, mamãe.

Ela olhou para o médico, que anotava alguma coisa em sua prancheta.

— Por mim está liberada, tirando o choque da situação, não encontrei nenhum ferimento.

O médico saiu e minha mãe voltou a me abraçar. Logo em seguida, meu pai entrou no quarto, mas eu não o queria ali, tinha certeza de que nunca havia sentido tanta raiva de alguém. Toda aquela merda era culpa dele.

— Filha, eu sei que está magoada comigo e talvez não consiga me perdoar agora, mas eu juro que tudo o que fiz foi para protegê-la.

Mantive o olhar duro e gélido, eu sabia ser ruim quando queria.

— Eu não quero falar com você, respeite isso.

Ele apenas assentiu e saiu do quarto. Era cruel fazer aquilo com meu próprio pai, sabendo que ele devia ter passado pelo inferno, desde que eu fora sequestrada, mas ele não teve pena de mim e do meu sofrimento, ao me afastar de Romeo.

Minha mãe não se meteu e achei digno da parte dela. Meu pai tinha que entender que eu não era mais uma criança e que podia tomar minhas próprias decisões.



Enquanto Julie estava sendo examinada pelos médicos, eu e meu pai fomos até uma cafeteria no primeiro andar do hospital.

— Filho, mesmo acontecendo tudo isso, pela forma como o tratou, ainda não acredito que Collins vá concordar com o namoro de vocês, por isso, preciso que mantenha a calma.

Fiquei encarando meu pai e minha vontade era subir e socar a cara do pai de Julie, mas, por ela, *me* contive.

— Ele vai perder a filha se insistir nessa besteira.

Meu pai assentiu.

— Vai, sim, mas não se meta na briga deles, a não ser que seja necessário.

Por mais apaixonada que ela esteja, ele ainda é o pai dela e laços de família são sempre mais fortes.

Eu sabia o que ele queria dizer e não estava disposto a fazer Julie escolher entre mim e o pai dela. Por hora, eu daria o espaço que eles precisavam para que pudessem resolver seus problemas. Por hora.

— Tem outra coisa que precisa saber — murmurou e me fitou de um jeito sério.

— Pode falar, pai.

— Quando você me contou o que Richard armou para Julie, pedi a Bauer para vasculhar sua vida. Ele me entregou uma prévia ontem e tudo indica que esse rapaz é filho de um ex-mordomo dos Collins. Talvez Julie desconheça essa história, mas acredito que todos os passos de Richard foram calculados. Ele queria se casar com ela apenas por vingança e não contava que a garota estivesse apaixonada por outro.

Eu me lembrava, vagamente, que no início do meu relacionamento com Julie, meu pai comentou sobre o caso do mordomo que foi preso há muitos e muitos anos, mas jamais imaginei que Richard tivesse alguma ligação com aquela história ou que tivesse se aproximado dos Collins por vingança.

— Ele sobreviveu? — questionei, pois ainda não sabia do estado do infeliz.

— Ele está em cirurgia. Mas pelo que me disseram, as balas atingiram locais muito delicados e possibilidade de ele sobreviver, é muito pequena.

Desgraçado, nem para morrer logo, ele servia.



Assim que recebi alta, fui direto para o quarto de Charlotte, queria me certificar de que ela estivesse bem. Mesmo abalada com todos os acontecimentos ela dormia serenamente então resolvi ir para casa, pois os médicos a tinham sedado e ela só acordaria no dia seguinte.

Ficou combinado que meu pai ficaria com ela e minha mãe me acompanharia até em casa, e não tinha como ser o contrário, a revolta ainda borbulhava dentro de mim.

Saí do hospital e estranhei não ver Romeo. Até achei que poderia ser coisa do meu pai, mas depois descartei aquela ideia, ele não seria louco de me afastar de Romeo depois de tudo o que aconteceu. Não é?

Não consegui nem pensar direito. Estava tão exausta, que meu único desejo era dormir e me recuperar para poder ir visitar Char no dia seguinte.

Quando cheguei em casa, tomei um banho bem demorado, mas fiquei o tempo todo repassando as últimas vinte quatro horas, pensando em tudo de pior que poderia ter acontecido.

— Filha, pare de pensar nesse sequestro e descanse.

Avistei minha mãe através do espelho, enquanto guardava o secador que eu tinha acabado de usar.

— Será que depois de tudo isso papai ainda vai ser contra o meu namoro com Romeo?

Ela passou os dedos pelo meu rosto e ficou me olhando com seus olhos claros marejados.

— Seu pai é muito orgulhoso para voltar atrás. Mas se ele fizer isso, vai acabar nos perdendo. Tudo que passei nas últimas horas, *me* fez perceber o quanto tenho sido cega em relação ao meu casamento e ao homem que eu amo. Por isso, se ele continuar com essa ideia ridícula de separar vocês dois, você não estará sozinha.

Abracei minha mãe com força.

Naquela noite, eu dormi como um anjo. Quando me deitei, achei que teria pesadelos, mas não, tudo correu bem e acordei de manhã com o som de vozes alteradas. Saí da cama ainda meio sonolenta e caminhei pelo corredor até chegar a escada, mas congelei ao ver meu pai e minha mãe discutindo feio no meio da sala.

— Robert, pare com isso, você não pode proibi-lo de entrar.

Fechei os olhos e puxei o ar com força quando me dei conta do que estava acontecendo.

— O fato de ele ter ajudado a encontrar o cativeiro dela, não muda nada. Eu continuo achando Romeo Stone uma péssima influência para Julie e, se depender de mim, ele não vai entrar.

— Você vai acabar perdendo sua filha!

— Besteira. Tenho certeza de que logo ela irá esquecê-lo.

Esperei que meu pai fosse para o quarto e fui para fora de casa, sem acreditar que ele não estava deixando Romeo me visitar, mesmo depois de tudo que tinha acontecido.

Mesmo de longe ele acenou quando me viu parada na escadaria.

Aquilo era ridículo, meu pai só poderia estar enlouquecendo.

Romeo estava sendo muito persistente, qualquer outro teria desistido.

Após alguns segundos Romeo entrou dentro do carro e meu coração afundou no peito, porque imaginei que ele fosse embora. No entanto, quando ele entrou no carro, manobrou, tomou distância e começou a acelerar em direção a mansão, todos os homens do meu pai ficaram em alerta.

Os seguranças começaram a se movimentar, mas era tarde demais, Romeo tomou distância e acelerou o carro com tanta força, que uma nuvem de fumaça se formou. Afastei-me e fiquei paralisada, enquanto um barulho ensurdecedor tomava conta dos meus ouvidos, na medida em que Romeo arrebentava os

portões com seu carro, cuja frente ficou completamente destruída.

Assim que a nuvem se dissipou, percebi os seguranças correndo em direção à mansão.

Romeo parou o carro todo arrebentado na minha frente e eu não sabia se entrava ou ria de nervoso.

— Romeo você é maluco — eu falei dando a volta no carro e o abraçando.

Nos beijamos feito dois loucos e depois percebi que ele olhou em direção a porta.

— Não me impeça de levá-la — Ele falou quando minha mãe se aproximava.

— Vá, Romeo, deixe que eu me entendo com Robert, ele está no banho, quando sair eu falo com ele.

Ele apenas assentiu e pegou a minha mão.

— Ei, vá com o meu carro, está menos destruído que o seu — mamãe disse o jogou as chaves para ele.

Romeo sorriu lindamente e fui até ele que deu a partida, no exato instante em que os seguranças chegaram, esbaforidos. Havia uma boa distância entre a guarita e a frente da mansão.

— Deixem que ele a leve, isso é uma ordem. Se quiserem, podem avisar ao patrão de vocês, mas não quero nenhum carro os seguindo, fui clara?

Todos assentiram quando minha mãe ordenou e eu finalmente fugi de casa com meu Romeo.



Romeo me levou direto para Nova York e ficamos trancados na cobertura

dele o final de semana inteiro.

Eu ignorei todas as ligações dos meus pais. Eles sabiam que eu tinha decidido ficar com Romeo e teriam que aceitar a minha decisão.

Na segunda, Romeo tinha que ir a empresa, então eu iria descer até o meu apartamento para pegar algumas coisas.

Entrei em casa sem pressa, mas estaquei ao encontrar meu pai sentado na sala, os olhos fixos em mim.

Olhos que eu não me lembrava de já ter visto antes: tristes e sem vida.

— Pai, o que faz aqui? — perguntei e comecei a me preocupar de verdade quando vi que estava usando jeans e suéter à tarde e em plena segunda, aquilo significava que as coisas não andavam bem.

— Sua mãe me deixou, ela pediu o divórcio.

Espalmei a mão no batente da porta, caso contrário, cairia dura.

— Ela fez o quê?

— Isso mesmo que ouviu, filha, mas, antes disso, assinou o contrato do empréstimo que estávamos concedendo para as Indústrias Stone e os liberou de todas as cláusulas. Laura fez tudo de caso pensado, *me* apunhalou pelas costas e… ainda assim, eu a quero de volta.

Em todos aqueles anos de convivência, foram raras as vezes que vi meus pais discutirem ou se desentenderem e, quando acontecia era por motivos bobos, então imaginem o tamanho da minha surpresa ao saber que ela havia pedido o divórcio. Com certeza, as atitudes do meu pai a fizeram chegar naquele extremo.

— Não deve ser fácil para uma mãe ver a filha sofrendo, enquanto o pai dela faz pouco caso. Você tentou medir forças comigo, papai, *me* tratou como uma adolescente que não sabe o que quer, tentou me fazer desistir de Romeo, mesmo sabendo que eu jamais faria isso. Diga-me, como se sente? Como é sentir o gosto amargo da saudade e do desespero?

Eu sabia muito bem que era errado chutar cachorro morto, mas a mágoa de todos os momentos ruins que meu pai me fez passar, ainda era muito recente. Eu sentia pena por tudo que estava acontecendo e, diferente do que imaginei, não me sentia culpada; ele era o único responsável por tudo que estava acontecendo em sua vida.

— Não seja cruel, filha, estamos falando de um casamento de mais de vinte anos.

Para ele ver em que nível eles haviam chegado. Minha mãe sempre foi passiva, mas quando explodia, não voltava atrás em suas decisões, e talvez aquele fosse o maior desespero do meu pai; ele sabia que seria difícil contornar a situação. Os dois tinham gênio difícil, mas, por amar demais e não gostar de brigas, minha mãe deixava passar muita coisa.

— Longe de mim ser cruel, deixo essa qualidade para o senhor, só não entendo o que está fazendo aqui. Eu já decidi que vou ficar com Romeo e nem você nem ninguém, irá me separar dele. Pode me deserdar se quiser, eu arrumo trabalho em outra empresa, estudei bastante para isso. Agora, ficar longe do homem que eu amo, eu não vou.

Meu pai ficou me olhando, com certeza, ainda analisava cada uma das minhas palavras e tentava achar uma brecha para quem sabe, *me* convencer de desistir.

— Eu já perdi coisas demais nessa briga com Romeo Stone. Agora eu só tenho você, filha, não me abandone também.

Sabe aquela enorme vontade que a gente sente de gritar com a pessoa e questionar por que ela deixou as coisas chegarem a tal extremo, para depois se dar conta de que seria inútil? Meu pai teve que perder a minha mãe para respeitar os meus sentimentos por Romeo. Ele teve que sentir as mesmas coisas que eu, para poder aceitar que o amor era muito particular e que ninguém tinha o direito de julgar, ou tentar escolher o que seria melhor para o outro.

— Estou muito magoada, pai. Nem diante de um sequestro você cedeu. Se não fosse Romeo ter invadido nossa casa em Londres e me tirado de lá, eu seria sua prisioneira. Seria tão mais fácil se tivesse aceitado o meu relacionamento desde o início. Romeo não tem o melhor histórico do mundo, mas ele mudou, mudou por mim, por nós, para mostrar que está comprometido em me fazer feliz. Você me criou muito bem, *me* deu tudo o que qualquer garota poderia sonhar e eu o agradeço imensamente por isso. Mas eu cresci, tenho personalidade e amor próprio e jamais ficaria com um homem que não me respeitasse, que me fizesse de idiota. Você me criou para ser uma princesa e Romeo me trata como uma.

Os olhos dele se encheram de lágrimas e então ele se levantou e caminhou até mim. Mesmo aos cinquenta e seis anos e com as feições abatidas, meu pai era um gato, e eu podia imaginar como devia ter sido difícil para a minha mãe, tomar aquela decisão.

— Perdoe-me, filha eu estava cego pelo orgulho, não sei o que deu em mim. Eu tive que perder a sua mãe para poder enxergar a forma como estava agindo.

Fiquei alisando as costas dele, imaginando como seria a minha vida se tivesse passado mais de vinte anos com Romeo e, de repente, por uma besteira impensada da minha parte, ele me deixasse; com certeza eu estaria morrendo de tristeza.

— Pai, você não precisa amar Romeo e nem nos receber aos domingos, eu só quero que respeite a minha escolha e, se eu estiver errada, o tempo dirá. Cada pessoa precisa passar por suas próprias experiências, não tem como pegar atalho.

— Tão nova e tão sábia, às vezes eu esqueço disso.

Afastei-me e fiquei olhando para ele, que parecia um pouco melhor.

— Puxei você e a mamãe — disse e ele sorriu.

— Romeo Stone entrou para a minha lista negra quando começou a frequentar um clube de sexo de um amigo meu. Isso foi na época em que cursava

direito na universidade e, nas nossas rodas de conversa em Londres, o nome dele sempre era o assunto preferido dos empresários, então, imagina como fiquei ao saber que você estava namorando com ele.

Então era isso.

— Sério que foi por isso?

— Entre outras coisas. Ele jamais assumiu um relacionamento sério, não queria que você fosse apenas mais uma.

— Eu não sou mais uma, papai.

— Então quer dizer que ele quer uma coisa séria?

— Papai, por Romeo, nós já estaríamos casados e com filhos, eu é que estou relutante.

— Melhor pensar com calma mesmo — disse, cauteloso e meio alarmado.

— Sim. Mas me diz uma coisa, onde a mamãe está, tem falado com ela? — Tentei mudar de assunto.

— Não, só tenho contato com a sua advogada, que informou que ela está viajando e não quer ser incomodada. Minha esperança é de que você consiga falar com ela.

Eu deveria deixá-lo rastejar aos pés dela, mas meu coração estava partido, por ver meu pai tão desolado.

— Vou ajudá-lo a reconquistá-la. Mas se mesmo depois de tudo que está passando, você insistir em me separar de Romeo, eu juro que fujo com ele e nunca mais terão notícias minhas.

Ele me olhou de um jeito amoroso e me puxou para os seus braços.

— Se você conseguiu fazer Romeo Stone propor casamento, é porque vale a pena, e não consigo pensar em uma pessoa melhor para me ajudar com Laura Collins. No entanto, seu namorado ainda me deve um portão novo.

Gargalhei com a cabeça encostada em seu peito. Finalmente ele iria aceitar

as minhas escolhas.

CAPÍTULO 32

Romeo

Depois que resolvi os problemas mais urgentes e assessorei a nova secretária que o setor de recursos humanos tinha enviado para mim — uma senhora de quarenta e cinco anos que, com certeza, Julie aprovaria —, voltei correndo para a cobertura. Eu ainda não tinha matado toda a saudade da minha namorada e estava louco para encontrá-la. Então imaginem a minha surpresa ao entrar em casa, e dar de cara com Robert Collins no sofá da minha sala.

— Romeo — Julie disse, se levantando. Só então percebi que ela estava deitada no colo dele.

Os dois ficaram em pé e fiquei receoso de encontrá-lo em meu apartamento.

— Oi, linda — falei e fui ao seu encontro, deixando um beijo carinhoso em seus lábios, tudo sob o olhar atento do meu *sogro*. — Robert. — Estendi a mão e ele aceitou imediatamente.

— Como vai, Romeo? — perguntou, em tom bem amigável.

— Bem, muito bem — limitei-me a dizer.

Julie ficou me olhando com seus olhos claros e brilhantes.

— Romeo, eu e o meu pai conversamos bastante essa tarde. Ele vai respeitar o nosso namoro e achei que poderíamos começar essa nova fase o convidando para jantar.

Meus olhos foram de Julie para o pai dela, como se perguntasse se conseguiríamos sobreviver a um jantar, estando no mesmo lugar.

— Claro e onde querem ir?

Julie deu aquela típica revirada de olhos.

— Bom, achei que você poderia cozinhar algo para nós. Romeo é ótimo na cozinha pai, você tem que ver — disse ela, animada e, por mais que eu quisesse queimar a cara de Robert com uma frigideira quente, tive que me controlar. Ele estava cedendo por ter perdido a mulher, então não seria justo com Julie, que eu colocasse tudo a perder.

— Ótima ideia. Podemos abrir uma garrafa de vinho enquanto vocês conversam e eu preparo alguma coisa.

Robert assentiu e Julie se pendurou no meu pescoço, cochichando um obrigado.

Decidi fazer algo rápido e que impressionasse o paladar do meu futuro sogro, por isso escolhi um filé mignon com molho de ervas finas, acompanhado de legumes salteados.

Enquanto eu separava os ingredientes e cortava os temperos, Robert dava atenção para Julie, que não parava de falar, mas sempre de olho no que eu estava fazendo.

— O cheiro está bom — ele disse, por fim, e forcei um sorriso.

— Romeo arrasa na cozinha, pai — Julie elogiou e ele beijou a testa da filha.

Minutos depois, ele foi ao banheiro e ela se aproximou de mim.

— Desculpe-me por isso, meu amor, mas papai está numa pior.

— Sério? E aí seremos as babás dele?

Ela deu uma gargalhada gostosa.

— Mais ou menos isso, pelo menos até convencer a minha mãe a voltar com ele.

Eu não queria desanimar minha namorada, mas tinha quase certeza de que Laura não facilitaria as coisas.

Quando terminei o jantar, Julie me ajudou a colocar a mesa. Robert elogiou a apresentação, mostrando-se disposto a fazer nossa relação de genro e sogro dar certo. Bastava saber se aquilo continuaria, caso Laura Collins voltasse para ele. Eu esperava que sim, mas, particularmente, não acreditava em uma mudança tão rápida e até suspeitava que ele estivesse armando alguma coisa, algo que pudesse me separar de Julie de vez.



Se há algumas semanas, alguém me falasse que Romeo Stone e Robert Collins estariam sentados no tapete da sala de Romeo, concentrados em uma partida de xadrez, jamais acreditaria. Eu tentei sugerir outro jogo, mas os dois eram loucos por xadrez e seria uma forma de eles constatarem quem mijava mais longe. Típico dos homens.

— Vão ficar pensando muito ainda?

Estourei uma bola de chiclete e nenhum dos dois se deu ao trabalho de me olhar. Aquele não era apenas um jogo, eles estavam disputando muitas coisas naquela partida. Eu conseguia ver nas ruguinhas de suas testas, que aquilo era pessoal. Robert Collins não aceitaria perder para o genro playboy inconsequente e Romeo queria mostrar ao meu pai, o quanto era bom em tudo.

— Quer ajuda, Romeo? — meu pai zombou por sua demora em fazer a jogada; já estávamos há quase dez minutos, esperando por ele.

— Na verdade, não. — Ele pegou sua rainha, a colocou em um dos quadradinhos e disse: — Xeque-mate! Vai querer jogar outra partida?

Meu pai ficou olhando para o tabuleiro, tentando entender onde havia

errado.

— Não, é o suficiente por hoje. E sua jogada foi incrível, Romeo, tenho que admitir.

Nossa, meu pai era o máximo quando queria. Adorei ele ter reconhecido que Romeo era bom em alguma coisa. Como eu queria que ele tivesse sido assim desde o início, se ele não fosse tão cabeça dura, com certeza, minha mãe e ele estariam juntos e felizes, mas enfim, não adiantava chorar pelo leite derramado.

— Pai, nós vamos dormir, você quer ficar aqui no Romeo ou vai voltar para o nosso apartamento?

Ele ficou me olhando como se eu tivesse uma melancia no lugar da cabeça.

— Vocês dormem juntos? — inquiriu, espantado, e eu tive que soltar uma gargalhada.

— Sim, pai, nós dormimos juntos.

Ele engoliu em seco, com certeza não estava preparado para saber que sua filha andava sendo deflorada por Romeo Stone.

— É evidente que dormem — ele disse para si mesmo e foi se levantando. — Vou ficar no nosso apartamento, se mudar de ideia, estarei lá. — Deixou um beijo na minha testa, apertou a mão de Romeo e saiu.

Fiquei com dó, aquela seria uma noite difícil para ele.

— Achei que teríamos que levá-lo para o quarto e colocar para dormir entre nós.

Balancei a cabeça e sorri. Romeo devia estar adorando aquela fase vulnerável do meu pai.

— Ele está se esforçando. Em menos de vinte e quatro horas já descobriu que a filha dorme com o namorado e nem causou a terceira guerra mundial.

Romeo me abraçou apertado e me pegou no colo.

— Eu preciso de você, minha pequena — disse baixinho no meu ouvido e

eu sabia exatamente o que aquilo significava. Sexo à lá Romeo Stone!

No dia seguinte, acordei cedo e liguei para a minha mãe, que atendeu de primeira.

— Meu amor, como você está?

— Estou bem, mamãe e você?

— Está tudo bem por aqui, agora me fale, como estão as coisas com Romeo?

— Estão ótimas. Voltamos de viagem essa semana e o papai finalmente aceitou o nosso relacionamento, acredita que Romeo até cozinhou para ele ontem. Aí, depois, eles jogaram uma partida de xadrez.

— Não, eu não acredito — ela disse, rindo.

— Mãe, você e o papai têm que conversar, já são bem grandinhos para ficarem fugindo um do outro.

— Eu sei, filha, mas estou muito magoada com Robert. Ele precisou me perder para se dar conta das merdas que andava fazendo. Claro que eu tenho minha parcela de culpa em tudo que aconteceu com você, sempre fui passiva demais, e quando precisou, eu não tinha voz.

— Mãe, esqueça o que aconteceu, está tudo bem agora. Se eu que fui a maior prejudicada, consegui perdoá-lo, então você pode fazer o mesmo.

— Eu preciso de um tempo, querida. Foram muitos anos aceitando tudo o que Robert fazia. Não foram coisas graves, mas ele nunca me deixou ter uma voz ativa no casamento, por isso preciso ficar sozinha, preciso pensar nas coisas com calma. Eu amo seu pai e ele sabe disso, só não consigo marcar um encontro e conversar numa boa, ainda. Diz que me entende.

Era óbvio que eu entendia a minha mãe. Um casamento como o deles não acabaria de uma hora para outra e, depois de tanto tempo, era normal que algumas atitudes do meu pai a sufocassem.

— Eu entendo, sim, mamãe e pode deixar que eu cuido dele.

Conversei com ela por mais alguns minutos, mas em nenhum momento ela perguntou sobre ele, diretamente, ou como ele estava e aquilo me deixou um pouco preocupada. Será que a minha mãe já estava gostando da vida de solteira?

Tive que rir dos meus próprios pensamentos, mas estava receosa.

Depois de desligar, fui me arrumar. Eu assumiria meu antigo cargo, depois de ter passado quase um mês fora, e estava louca para ver Lisa.

Meu pai disse que ficaria mais dois ou três dias em Nova York e depois voltaria para Londres, pois sentia falta da sua casa. Eu amava o meu pai, mas dei graças a Deus por saber que ele iria embora, eu queria e precisava retomar a minha rotina com Romeo e, com ele no apartamento, ficaria difícil.

Saí do elevador e os funcionários pareciam estar diante de um fantasma, enquanto eu caminhava entre as baias.

— Julie? — Lisa sorriu e correu para me abraçar.

— Olá, Lisa, por que será que você parece ser a única feliz em me ver?

Ela gargalhou.

— Não dê bola para eles, devem ter percebido que a vida boa acabou.

Ela me acompanhou até a minha sala e me deixou por dentro de todos os acontecimentos.

— Quase morri quando fiquei sabendo do sequestro, eu jamais imaginaria que Richard faria isso com você.

— Pois é, Lisa, mas até onde eu sei, ele continua hospitalizado, e, se sobreviver, irá direto para a cadeia. Quanto a puta da Luna, sumiu do mapa. Ontem mesmo falamos com o detetive e ele não tinha nenhuma informação nova, apenas afirmou que ela saiu de Nova York.

— Você acha que ela participou do seu sequestro?

— Eu não tenho como confirmar minhas suspeitas, mas acredito que,

indiretamente, ela está envolvida. Não duvido nada que estava ciente do plano dele, uma vez que estavam juntos em tudo.

— Se aquela vaca aparecer na minha frente, eu arranco os olhos dela.

— Não esperava menos de você.

Gargalhamos feito duas bruxas e começamos a trabalhar.



A vida estava intensa no escritório desde que voltei, dois dias atrás. Após tanto tempo ausente, havia muita coisa para fazer e, apesar de não ficar totalmente à vontade com papai no apartamento, acabei agradecendo sua presença, pois ele me ajudou muito, e o trabalho que levaria uma semana, foi concluído em três dias.

Eu tinha ligado para a minha mãe no dia anterior, mas ela ainda estava irredutível, só voltaria, quando estivesse preparada. O bom era que meu pai já parecia mais conformado. Ele percebeu, da pior maneira, que no grito não conseguiria nada e resolveu simplesmente esperar.

No final da manhã, recebi um e-mail de Sandy e até me assustei, nunca mais tinha me lembrado dela.

Julie,

Eu sei o quanto estamos afastadas e que talvez uma amizade não seja mais possível, por culpa minha, eu sei que pisei na bola. Não sou uma pessoa fácil de lidar e tive que perder sua amizade para perceber isso.

Sei que você pensa que eu estava junto com Luna nessa merda toda que aconteceu, mas juro que não. Meu único erro foi ter falado a verdade a você, sobre a traição de Romeo. Mesmo que não acredite, eu jamais quis tripudiar em cima da sua dor, apenas achei que você preferiria saber sobre algo assim.

Não estou aqui para pedir que volte a ser minha melhor amiga de sempre, apenas que não sinta raiva de mim, baseada nas minhas atitudes impensadas. Eu queria ser sensata como você, mas, infelizmente, não consigo.

Estou indo para Alemanha, passar uma temporada na casa dos meus avós. Espero que quando voltar, possamos tomar um café e, quem sabe, começar do zero.

Com amor, Sandy!

Eu ainda não tinha uma opinião formada sobre as atitudes da minha ex-melhor amiga então, achei melhor não responder. Sandy poderia até não ter se juntado com a vaca da Luna, mas ainda achava que ela tinha sentido prazer em me dar a notícia da traição de Romeo —, algo que era bem típico dela. Mas não queria pensar naquilo, uma vez que já havia perdoado Romeo, não tinha porque revisitar o passado, além disso, nós não estávamos namorando na época, não que isentasse a culpa dele, mas, com certeza, seria pior se estivéssemos comprometidos.

Meu celular apitou e corri os olhos na mensagem de Romeo.

1 – Venha até a minha sala;
2 – Sem calcinha;
3 – Feche a porta quando entrar.

Um arrepio gostoso atravessou o meu corpo.

Não precisa pedir duas vezes, bonitão!

Depois de responder, fui até o meu banheiro e tirei a calcinha, guardando-a na bolsa, e saí da sala. Enquanto me dirigia ao elevador, sentia-me a pessoa mais desconfortável do mundo.

Quando as portas do elevador se abriram no andar das Indústrias Stone, a mesa da secretária estava vazia. Talvez tivesse saído para almoçar. Ótimo, não pegaria bem ela escutar o que faríamos.

— Chamou, Sr. Stone? — perguntei ao passar pela porta e trancá-la.

Romeo estava na imponente cadeira de CEO, usando um terno completo.

— Sim, Srta. Collins — disse e me chamou com o indicador.

Caminhei até ele, admirando todos os detalhes daquele rosto perfeito, ainda sem acreditar que eu tinha colocado Romeo Stone na linha.

Ele me pôs sentada em sua mesa, com as pernas abertas e depois se encaixou entre elas, fazendo meu vestido subir.

— Em que posso ser útil? — perguntei, inclinando-me e dando um beijo de leve em seus lábios.

— Eu te amo, sabia? — soltou, do nada, e eu fiquei feito boba.

— Eu também amo você e sinto que está querendo alguma coisa.

Ele sorriu, charmoso.

— Quero, sim.

— Então diga, porque eu, com certeza te darei, se estiver ao meu alcance.

Romeo ficou me encarando e depois desceu o olhar até a minha barriga.

— Quero um filho.

Um ataque de tosse me dominou por alguns segundos.

— Você quer o quê? — perguntei, sem acreditar.

— Um filho, quero um filho, responsabilidades, cheirinho de neném pela casa, é isso que eu quero.

De todas as coisas que eu imaginei que pudessem acontecer, a última delas era saber que Romeo queria um filho.

— E desde quando você decidiu isso?

— Já tem algum tempo. Eu amo você e isso não vai mudar nunca, além disso, já estou velho, quero curtir o meu filho.

— Você não tem nem trinta anos! — tentei argumentar, sentindo-me apavorada com o pedido dele.

— Prometa que vai, pelo menos, pensar.

Eu não podia prometer aquele tipo de coisa, meu Deus, um filho.

— Vou amadurecer a ideia.

Ele sorriu, sentindo-se vitorioso e não falou mais nada, então, lentamente, tirou o paletó e desabotoou a calça expondo o membro ereto.

— Sente-se aqui, Julie. — Ele afastou a cadeira o suficiente para que eu pudesse sair da mesa. Arrumei o vestido e ele fez que não com a cabeça. — Não no meu colo, no meu pau.

— Assim, à queima roupa?

Romeo era grande e sempre fazíamos muitas coisas antes de ele entrar em mim.

— Tenho certeza de que já está pronta, essa bocetinha não pode me ver, que já fica louca.

— *Tá* bom — zombei e ele sorriu, todo charmoso.

Apoiei-me nos ombros dele e, lentamente, fui descendo, sentindo aquele mastro me invadindo, um centímetro por vez.

— Oh, Romeo — gemi quando ele estava todo dentro de mim.

— Viu como foi fácil? — disse, tomando a minha boca e levantando meu corpo apenas para fazê-lo voltar de encontro ao seu pau.

— Por que me chamou aqui? O que quer, além de sexo e um filho, digo?

Eu era esperta demais para achar que Romeo só queria aquilo. Ele estava atolado de trabalho e não se daria ao luxo de me foder na metade do dia, sendo que poderia esperar até chegarmos em casa.

— Vou preparar um jantar especial para nós, no terraço da minha cobertura. E, não, o seu pai não pode ir.

Gargalhei com o jeito engraçado que ele falou.

— Tudo bem estarei lá, algum motivo especial?

— Você saberá quando a hora chegar.

Eu estava ansiosa para saber o que Romeo iria aprontar, mas não fiquei insistindo, porque ele começou a subir o meu corpo e descer vagarosamente, fazendo-me sentir cada parte do seu membro, tomando-me como queria. Ataquei sua boca e comecei a rebolar mais rápido, e ele deixou, já sabia como eu ficava quando nossos corpos estavam unidos daquele jeito.



Eu estava realmente impressionado com a forma como Romeo Stone tratava a minha filha. A cada gesto, olhar e sorriso que via, eu tinha mais certeza de que era exatamente aquilo que sempre desejara a ela.

Ainda não conseguia entender como pude ser tão cego, como o orgulho havia me transformado em um homem tão duro, que teve que perder a mulher que amava, para se dar conta do que estava fazendo.

Eu não tinha muito o que remediar, queria apenas consertar as besteiras que eu fiz e, por esse motivo, estava no hall do prédio que sediava as Indústrias Stone, aguardando meu genro. Havia combinado de tomarmos um café juntos, sem a presença de Julie, porque precisava me desculpar da maneira correta.

Ele saiu do elevador acompanhado por dois seguranças. Depois de toda a confusão com Richard, Harvey Stone aumentou os cuidados com o filho, assim como eu tinha feito com Julie e Charlotte.

— Robert — saudou e apertou a minha mão, que já estava estendida.

— Como vai, Romeo?

— Surpreso com seu convite.

Dei uma risada para acalmá-lo. Não tive o prazer de conhecer o pai de Laura, mas, com certeza, teria ficado nervoso em ter uma conversa com ele.

— Relaxe, preciso apenas conversar com você, explicar algumas coisas.

Ele anuiu no mesmo instante em que seu celular tocou. Romeo olhou para a tela, mas não atendeu.

— É o meu pai, depois eu falo com ele. — O celular voltou a tocar, e mais uma vez ele o silenciou. — Vamos para o café?

Confirmei e fomos andando, lado a lado, até chegar na calçada. O motorista dele já nos aguardava a alguns metros, com a porta traseira do carro aberta. Mais uma vez o celular de Romeo tocou e, dessa vez, ele atendeu e eu entendi, poderia ser algo urgente.

— Oi, pai — ele disse e se virou para mim. — Como é que é? — ele gritou e começou a olhar desesperadamente para os lados, até seu olhar se fixar em alguma coisa do outro lado da rua. Automaticamente, minha atenção direcionou-se para o mesmo lugar.

Richard estava lá, a poucos metros de nós, com os olhos escuros de ódio e uma arma apontada diretamente para mim. Tudo aconteceu muito rápido e, ao mesmo tempo, eu vi as coisas acontecerem em câmera lenta, conforme a cena se desenrolava. Um dos seguranças correu em direção a Romeo enquanto o outro sacou a arma e apontou na direção de Richard. Percebi naquele milésimo de segundo que ele estava determinado a me matar. Foi quando ouvi o barulho da arma disparando e senti meu corpo sendo jogado na calçada, pressionado pela massa de um outro corpo que quase me sufocou.

Romeo!

Abri meus olhos tentando encontrar o local onde a bala tinha me atingido, mas tudo estava perfeitamente normal. Então notei que Romeo não se mexia. Tentei afastá-lo para ver como ele estava, mas parecia que o corpo dele tinha triplicado de tamanho e peso. Naquela hora eu vislumbrei o que tinha

acontecido, ao mesmo tempo em que vi minha camisa encharcada pelo sangue dele. E era muito sangue.

Com um pouco mais de esforço, afastei seu corpo com cuidado e fiquei desesperado quando o vi desacordado, pálido e praticamente sem vida.

Outro disparo foi ouvido, longe de onde estávamos, e apenas naquele momento comecei a ver e escutar a correria e os gritos, que só não eram mais altos, que o barulho das sirenes que se aproximavam. De um minuto para outro, o centro de Nova York virou um caos.

— Uma ambulância, pelo amor de Deus, uma ambulância.

Alguém bradou e fiquei olhando para aquele rapaz, tão novo, com os batimentos quase inexistentes e me perguntando: por que diabos não fui eu? O que eu diria para Julie, o que eu diria ao pai dele?

— Já chamamos os médicos, vai ficar tudo bem — um dos seguranças de Romeo disse, tão desesperado, que fiquei até com pena. Harvey Stone não teria piedade de ninguém, o homem era implacável.

Voltei a olhar para Romeo. Por que diabos ele tinha feito aquilo. Seria muito mais fácil ter me deixado levar um tiro e morrer. Minha culpa só aumentou quando pensei que, mesmo depois de toda a injustiça que cometi, ele ainda teve coragem de se colocar na minha frente.

CAPÍTULO 33

Julie

No final do expediente, Romeo foi até a minha sala e disse que tomaria um café com meu pai. Então nos despedimos ali e eu esperei alguns minutos para ir embora, não queria encontrar com eles no hall do edifício.

Desliguei meu computador e quando estava na metade do corredor, meus passos foram interrompidos pelo som de um tiro, em seguida, uma enorme algazarra se formou.

Corri para chegar logo ao elevador e apertei os botões, freneticamente, mas pareceu ter se passado uma eternidade até ele chegar. Aquilo, porém, não se comparava à descida, já que ele foi parando e pegando gente em todos os andares.

Durante todo o tempo, tentei ligar para Romeo, mas caiu na caixa de mensagem, fato que me deixou ainda mais preocupada, eu precisava saber se estava tudo bem.

As portas do elevador se abriram e eu saí apressada, chegando a empurrar algumas pessoas que andavam devagar por estarem ao telefone. Através das paredes de vidro, percebi uma multidão de curiosos na calçada. Voltei a correr e fui me infiltrando entre elas, tentando saber o que estava acontecendo, mas no fundo, meu coração já estava me preparando.

Nunca me senti tão nauseada na vida e, quando consegui ultrapassar a última barreira para, finalmente, visualizar o que estava acontecendo, meu corpo amoleceu e meu grito ficou preso na garganta.

— Não… — falei, baixinho, e caí de joelhos ao lado do corpo de Romeo. — Não, meu amor, você não.

Tudo virou um borrão, um zumbido tomou conta dos meus ouvidos, eu não escutava mais nada nem ninguém, tudo o que conseguia ver era o corpo de Romeo, esticado no chão, a camisa branca toda manchada de sangue e o rosto mais lindo que eu já vi, completamente pálido.

Inclinei-me sobre ele e comecei a beijar seu rosto, sentindo uma dor dilacerante tomando conta de mim; eu não estava preparada para perdê-lo, mas como pensar diferente? Era sangue demais e estava saindo do peito dele.

— Acorde, Romeo, pelo amor de Deus, não faça isso comigo.

Eu sabia que meu pai estava ao meu lado, pedindo para eu sair de cima dele, mas não conseguia, contudo, quando os paramédicos chegaram, senti meu corpo sendo afastado do dele.

— Desfibrilador, ele está sem batimentos.

Eu sabia exatamente o que aquelas palavras queriam dizer e meu desespero chegou a um nível tão grande, que eu tive vontade de sair correndo e deixar tudo para trás, não queria vê-lo morrer na minha frente.

O paramédico rasgou sua camisa ao meio, e colou os condutores em seu peito. A cada choque que o aparelho descarregava, todo o corpo de Romeo balançava.

— Eu não vou aguentar, pai, ele não pode morrer.

— Ele não vai, filha, não vai, Romeo é forte.

Os paramédicos já estavam na terceira tentativa e nada de Romeo voltar. Naquela hora eu me dei conta de que ele já estava morto, o coração dele não queria voltar, nós não jantaríamos juntos lá no terraço e eu jamais saberia que surpresa ele me faria… Não teria mais noites de cinema na cobertura dele, nem viagens, nem nada. Eu não faria mais amor com o homem que havia me ensinado tudo, nem acordaria com aquele sorriso que iluminava a minha alma. E o pior de tudo, ele jamais poderia ter o tão sonhado filho comigo.

— Volte para mim, Romeo — pedi, desesperada, atraindo olhares dos

curiosos. Aproximei-me de onde os paramédicos estavam e comecei a falar: — Você me convidou para jantar hoje à noite, disse que tinha uma surpresa para mim, então eu não lhe dou o direito de morrer, você não tem esse direito. — Nessa hora, eu já estava gritando com uma pessoa praticamente morta, com o vestido todo manchado de sangue e podia sentir o olhar de pena das pessoas.

— Vamos lá, última tentativa — o paramédico disse e eu me virei de costas para ele, não queria ver, meu coração não aguentaria. — Se afastem — o homem falou, e nos poucos segundos que se passaram, os meses que vivemos juntos, viraram uma espécie de filme de cinema na minha cabeça. Eu só conseguia pensar em todo o sentimento que nutria por ele e nas noites intermináveis de amor que vivemos, no calor do seu corpo que, naquele momento, estava tão frio, esticado naquela calçada. — Ele voltou, vamos, temos poucos minutos.

Eu me senti reviver quando o coração de Romeo voltou a bater.

— O Sr. Stone já providenciou um helicóptero com UTI, está no terraço das Indústrias Stone, o elevador de serviço já está esperando — disse um dos seguranças de Romeo, enquanto os paramédicos o imobilizavam na maca e insuflavam ar em seus pulmões.

Dei graças a Deus por Harvey Stone ter tido sangue frio para pensar no melhor para o filho, pois a ambulância jamais conseguiria chegar rápido o suficiente, com o trânsito que Nova York tinha no final do dia.

Quando o barulho das hélices do helicóptero abafou as conversas e buzinas que saíam de todos os lados, eu fiquei olhando para o céu, rezando, silenciosamente, por sua vida. Eu não tinha estrutura para perder Romeo, nunca mais me recuperaria, jamais conseguiria sobreviver sem ele. Num misto de dor e desespero, obriguei meu corpo a andar, eu precisava ir até ele.

Tudo o que havia acontecido ali me fez, realmente, perceber o quanto a vida era frágil. Em um momento eu estava negando um filho a ele e algumas

horas depois, estava pedindo a Deus que ele não me deixasse, para que eu pudesse lhe dar o filho que ele tanto queria.

— Para onde está indo, querida?

— Eu preciso ir ao hospital — falei olhando para o nada. Eu não sabia o que fazer, não sabia para onde ele estava sendo levado, eu só sabia que precisava estar perto para que ele sentisse toda a minha dor e voltasse para mim.

— Filha, nós precisamos passar em casa para trocar de roupa primeiro. Vamos, depois eu a levo ao hospital.

Olhei para o meu vestido manchado com o sangue de Romeo e me opus à ideia; aquilo era uma parte dele em mim e eu não queria tirar, não ia tirar.

— Peça para Pete buscar uma roupa para você, eu não vou me trocar, quero ir para o hospital.

Papai deve ter percebido que eu não estava muito bem da cabeça, então apenas me guiou até o carro, onde nosso motorista já nos aguardava.

No percurso, meu pai ligou para Harvey e explicou como tudo aconteceu e, mesmo estando em outra dimensão, consegui entender a conversa dos dois. Parecia que Richard havia subornado médicos e enfermeiros, para que passassem laudos falsos a Harvey Stone. Durante quase um mês, nós ficamos achando que ele estava entre a vida e a morte, sendo que, na verdade, ele estava se recuperando e tramando sua vingança. Maldito seja! Eu seria capaz de matar aquele desgraçado com minhas próprias mãos.

Depois de encontrar dezenas de pessoas pelos corredores do hospital, eu já não me importava com o olhar chocado que me lançavam. Meu pai também estava com praticamente toda camisa e parte da calça sujas de sangue, e toda vez que um enfermeiro se aproximava, ele falava que estava tudo bem, que só havia ajudado uma pessoa ferida. Àquela altura, eu tinha esquecido de falar e mal sentia as lágrimas quentes que escorriam pelo meu rosto.

— Romeo Stone, precisamos saber notícias dele — meu pai disse e duas

moças da recepção se entreolharam.

— Desculpe, senhor, a família isolou uma área do hospital para ele, não podemos dar informações.

Senti meu sangue ferver, mas apenas respirei e passei por elas enquanto meu pai lhes explicava que éramos da família. Segui pelos corredores feito uma alma penada, olhando as placas que direcionavam à emergência, mas parecia que eu não chegaria nunca, o hospital era gigantesco.

Finalmente soube que estava no caminho certo, quando encontrei um verdadeiro exército de seguranças em frente a um enorme corredor. Através deles, meus olhos encontraram os de Alyssa. Ela estava tão desolada quanto eu.

Ao se aproximar de mim, seus olhos fitaram meu vestido e aquilo pareceu debilitá-la ainda mais, porém ela continuou caminhando em minha direção e me abraçando em seguida.

— Julie. — Ela me tomou nos braços e eu continuei ali, parada, não conseguia reagir, era como se meu corpo estivesse morrendo junto com o dele e, só de pensar naquilo, eu voltei a chorar com desespero. — Vai dar tudo certo, Romeo é forte e vai se recuperar.

— Vai, sim, nós vamos jantar hoje à noite.

Ela se afastou e me olhou com os olhos cheios de lágrimas. Eu estava naquela fase de negação, eu sabia disso, e ainda assim, não conseguia voltar, não conseguia agir como uma pessoa normal e aquilo estava me assustando.



Eu já tinha passado por muitos desastres na vida, mas perder um filho, era o único que eu não conseguiria aceitar. E o pior de tudo, era que nem o meu maldito dinheiro poderia salvá-lo. Romeo estava há mais de três horas com a melhor equipe de cirurgiões do país, e por mais que eu tivesse ameaçado tudo e todos, a vida do meu filho estava nas mãos de Deus.

Depois da minha bravata de entrar na sala de cirurgia, coisa que eu jamais faria, o hospital disponibilizou um médico que aparecia de hora em hora para nos dar alguma informação sobre o estado de Romeo. Até então, sabíamos que a bala havia se alojado muito próximo ao coração, mas que a coisa mais preocupante, era a perda de sangue, que foi intensa, praticamente fatal.

Quando o médico apontou no corredor pela terceira vez, todos se levantaram, exceto Julie. Ela parecia estar em um estado de choque constante, numa dimensão à parte de todos nós, ninguém conseguia penetrar a barreira que ela havia erguido, e já estávamos todos preocupados.

— Sr. Stone, estamos com problemas.

— Sem rodeios, por favor — pedi e ele assentiu.

— O tipo sanguíneo do seu filho é muito raro, como o senhor deve saber. Já entramos em contato com todos os bancos de sangue do país, mas não há uma bolsa sequer. Nossa única opção, seria encontrar um doador, mas eu diria que é impossível encontrar alguém, ainda mais antes da cirurgia acabar, a não ser que já tenham se precavido para uma emergência.

— Harvey, o que ele quer dizer com isso? — Alyssa me olhou, desesperada.

— Eu não sei, querida. Do que você está falando, raro como? — perguntei ao médico.

— Vocês nunca fizeram a tipagem sanguínea dele? Isso normalmente é feito no colégio.

Tanto eu quanto Alyssa suspiramos profundamente e eu expliquei:

— Romeo tinha verdadeiro pavor de agulhas, ainda tem, na verdade. Nas vezes em que houve teste na escola, ele simplesmente fugiu para não ser furado, e como nunca teve que fazer nenhuma cirurgia ou adquiriu qualquer outra doença que necessitasse de sangue ou da verificação do seu tipo sanguíneo, nós nunca ficamos sabendo.

O médico passou a mão na cabeça, parecendo meio desesperado, o que fez com que nós também ficássemos.

— A nossa esperança era que vocês tivessem tomado providências, ou seja, feito a coleta do sangue dele e guardado em algum banco de sangue, para uma eventual necessidade.

Alyssa olhou para o médico com tanta fúria, que tive certeza de que ela iria atacá-lo.

— Qual o problema de vocês? Esse hospital é um dos mais caros do país, como não tem um estoque de bolsas de sangue? — gritou com o médico, chamando a atenção de todos.

— Sra. Stone, nós temos um estoque gigantesco, mas entenda, o sangue dourado é raríssimo, estima-se que haja em torno de 40 pessoas com esse tipo sanguíneo em todo o mundo, então pense comigo, quais são as chances de encontrarmos um doador com RH nulo[6] hoje?

Nossa atenção foi quebrada por um ataque de riso vindo de Julie. Ela ria de um jeito estranho, e mesmo Robert, que estava ao telefone com alguém, totalmente alheio à nossa conversa, olhou para a filha e depois para mim, sem saber o que fazer.

Alyssa caminhou até ela, pois era notável que a garota não estava bem.

— Julie, meu bem, eu sei que está nervosa, eu também tenho esses ataques de riso quando alguma coisa dá errado, mas tudo vai dar certo, eu prometo — Alyssa tentou acalmá-la.

— Sou eu… Eu posso salvar o Romeo. — Alyssa me olhou sem entender,

enquanto Julie se levantava e caminhava até o médico. — Eu tenho sangue dourado. Tirem todo o sangue do meu corpo se for preciso, mas salvem Romeo, por favor.

Franzi a testa, sem conseguir acreditar no que Julie estava falando, então me voltei para Robert e ele apenas acenou com a cabeça, confirmando minha pergunta silenciosa.

Nunca fui um cristão muito fervoroso e nem acreditei muito em Deus, mas saber que Julie tinha o mesmo tipo sanguíneo de Romeo, fez-me acreditar que aquela união ia muito além do fato de serem almas gêmeas: eles sempre seriam necessários para a vida um do outro e aquilo não era coincidência. Naquela hora, vi que Deus realmente existia e que ele estava cuidando do meu filho.

Sem conseguir me conter, abracei-a com força, agradecendo, uma e outra vez, a ela e pela vida dela.

— Eu sei que estão felizes por conseguirem um doador, mas precisamos fazer isso com a máxima urgência.

Afastei-me de Julie e o médico a guiou para dentro da emergência, então puxei Alyssa para os meus braços e rezei, pedindo a Deus que o pior já tivesse passado.



Juro que, por mim, eles poderiam drenar todo o sangue do meu corpo, eu não me importava, tudo o que queria era ver Romeo abrir os olhos e sorrir para mim. Mas mesmo com os meus protestos, eles tiraram apenas o que era permitido e seguiram para um laboratório onde seriam feitos alguns testes, antes

do sangue ser transfundido em Romeo.

Alguns médicos não queriam arriscar, pois demoraria demais para fazer todo o processo de análise e Romeo não tinha esse tempo, então, Harvey teve que decidir se autorizava a transfusão e corria o risco de o corpo dele sofrer alguma rejeição e agravar o caso, ou não fazia a transfusão e corria o risco de perdê-lo de vez.

Eu não conseguia nem pensar, não queria acreditar que meu sangue fosse matá-lo, Romeo não faria aquilo comigo. Sentei-me em um canto do sofá da sala de espera e me fechei na minha concha.

— Julie. — A voz doce e carinhosa me fez levantar a cabeça.

— Mãe!

Ela correu até mim e me abraçou com força.

— Ah, meu amor, desculpe por não ter vindo antes, mas estou tentando entrar nesse hospital há horas, está a maior confusão lá fora, infestado de jornalistas.

Minha mãe se afastou e me entregou uma sacola.

— Tire essa roupa, meu anjo — disse carinhosa e ajeitou o meu cabelo.

Aceitei a sacola e fui até um banheiro enquanto ela cumprimentava Alyssa e Harvey.

Abri a torneira e olhei para os meus braços, o sangue de Romeo havia secado, fazendo surgir uma pequena casca na minha pele. Peguei o sabonete e comecei a lavar cuidadosamente, tirei todas as manchas do meu braço, lavei o meu rosto e passei um pente nos cabelos, logo ele acordaria e eu precisava estar bonita. Coloquei a roupa que a minha mãe trouxe e saí para encontrar com eles, que continuavam com a mesma cara de velório. Não tinha como ser diferente.

Já era madrugada quando meus olhos finalmente me venceram e me entreguei ao cansaço ainda sem notícias de Romeo.

O barulho de folhas secas sendo pisadas me fez olhar para baixo e perceber que eu estava descalça. Subi o olhar pelo meu corpo e girei, fazendo o tecido do meu vestido flutuar. Sorri, aquele lugar era tão lindo, com árvores de folhas tão amarelas quanto o ouro. O clima era muito agradável e eu sentia tanta paz.

Caminhei até um banco que havia na beira de uma lagoa de águas calmas e cristalinas e fiquei observando a calmaria daquele lugar. Fechei meus olhos e respirei o ar puro, ali não existia dor nem sofrimento era como estar no céu.

— Julie.

Abri meus olhos e encontrei Romeo à minha frente, sorrindo para mim.

Fiquei de pé e me joguei nos braços dele, apertando seu corpo com força.

— Meu amor, você voltou! Eu sabia que você ia voltar — falei enchendo o rosto dele de beijos.

— Não perca as esperanças — ele disse e se afastou, ainda sorrindo.

— Está tudo bem agora, você está bem — falei e tentei chegar perto, mas o corpo dele se distanciou mais uma vez.

— Romeo? — gritei quando percebi que a imagem dele começou a sumir. — Romeo, volte aqui — continuei gritando, sentindo toda dor que tinha cessado voltando com força.

— Filha, acorde. — Dei um pulo no sofá e encontrei minha mãe com olhar preocupado. — Eu sonhei com ele.

— A cirurgia acabou estamos aguardando o médico responsável — avisou e me levantei no mesmo instante.

Harvey estava abraçado Alyssa e a outra mulher. Não precisei mais que

duas olhadas para saber que se tratava de Louise Stone.

— Oi, Julie, sou a Louise — ela se aproximou e me abraçou.

Ela se parecia comigo, cabelos escuros e olhos azuis com um sorriso amistoso.

— É um prazer, Louise — falei. Se fosse em outras circunstâncias, até me esforçaria para ser mais simpática, mas aquele não era um bom dia.

Quando o médico surgiu no fundo do corredor, todos ficamos apreensivos.

— Sr. Stone, sou o Dr. Carter, cirurgião responsável pela cirurgia de Romeo.

— Como ele está, doutor? — Alyssa, Harvey e eu falamos ao mesmo tempo e ele não sabia a quem responder.

— Fizemos tudo o que foi possível e ele está vivo. Entretanto, houve muitas complicações. Tivemos que reanimá-lo por mais de uma vez, durante o procedimento, mas felizmente a transfusão deu certo e foi primordial para salvá-lo, porém, a situação dele ainda é delicada, as próximas horas serão decisivas, então, talvez seja melhor…

— Nem pense em terminar essa frase — gritei feito uma louca.

— Filha, acalme-se. — Minha mãe me abraçou, percebendo que eu estava por um fio.

— Eu entendo, senhorita, mas a medicina já fez tudo o que era possível, agora é com Ele. — Apontou o dedo para cima e foi impossível não me entregar às lágrimas.

Harvey pegou o médico pelo colarinho do jaleco e quase ergueu o homem do chão.

— Eu praticamente sustento esse hospital e pago o salário de todos vocês, então, não me venha com esse papo de que a medicina já fez tudo. Se meu filho… — Ele fez uma pausa e puxou o ar com força, como se não admitisse

aquela hipótese. — Se meu filho morrer, esse hospital e a vida de todos vocês estará arruinada. — Soltou o médico e sacou o celular, digitou algum número e começou a berrar com alguém do outro lado da linha, se fosse apostar, diria que era o diretor do hospital.

Eu entendia o desespero de Harvey, se tivesse forças, faria a mesma coisa.

— Eu preciso vê-lo — falei com olhar suplicante.

— A cirurgia foi muito delicada e ele não poderá receber visitas antes de vinte e quatro horas. Entenda que é para o bem dele, qualquer coisa poderá agravar seu quadro e ser fatal.

Apenas respirei fundo e assenti. Não queria que ele piorasse, então voltei para o meu sofá.

Através de uma janela eu vi sol nascer, ficar alto no céu e depois sumir. Fiquei sentada na mesma posição o dia inteiro e só levantei para ir ao banheiro, comer não era uma necessidade. Então eu, Alyssa e Harvey fomos ficando e ficando e ficando, e quando o médico finalmente autorizou as visitas, meu coração se aliviou um pouco, pelo menos eu iria vê-lo.

Deixei que Harvey e Alyssa fossem primeiro, mas o jeito que ela voltou da UTI fez meu coração sangrar. Coloquei a roupa especial e entrei. O quarto estava escurinho, mas ainda assim consegui visualizar o meu amor. Ele estava entubado e conectado a um emaranhado de fios.

Dei alguns passos e parei ao lado da cama. Romeo estava tão pálido e sem vida, mas pelo menos estava vivo e enquanto aqueles aparelhos estivessem ligados, eu não perderia as esperanças. Meu pensamento me levou direto para o sonho do dia anterior. Ele disse para eu não perder as esperanças e eu não perderia. Toquei na mão dele, que estava gelada.

— Oi, meu amor, eu estou aqui. — Passei os dedos por sua mão. — Você deve estar com frio. — Olhei a temperatura do ar, mas não sabia se podia mexer, então peguei a coberta que estava dobrada até a cintura dele e o cobri com

cuidado. — Acho que está melhor assim — constatei quando senti que a temperatura da mão dele melhorou.

Fiquei com ele por cinco minutos, até que a enfermeira entrou no quarto e pediu que eu saísse.

— Não o deixe ficar com frio, ele não gosta — pedi e ela sorriu, simpática.

— Pode deixar que eu cuido dele, não vou deixar que ele passe frio.

Balancei a cabeça e saí.

CAPÍTULO 34

Julie

DIAS DEPOIS...

Desde o dia em que Romeo deu entrada no hospital, eu só via o sol através das janelas, e continuaria assim até ele melhorar. Mesmo depois das primeiras 72 horas mais críticas terem passado, sem qualquer agravamento de seu quadro clínico, eu sentia que se saísse de perto, alguma coisa muito ruim poderia acontecer a ele e eu jamais me perdoaria por isso.

Quando todos perceberam que eu não arredaria o pé de lá, desistiram e me deixaram em paz. Com sua influência, Harvey conseguiu que levassem uma cama até uma sala que ficava anexa à UTI, e aquela foi toda a distância que me permiti ter dele.

Até mesmo Alyssa já tinha ido em casa para tomar banho, trocar de roupa, ou descansar, mas eu me negava a fazer qualquer coisa, só sairia daquele hospital, com ele ao meu lado.

— Julie?

Levantei o olhar das páginas de um livro que eu tentava ler — sem sucesso algum.

— Oi — respondi a Alyssa que acabara de entrar no quarto que arrumaram para mim.

— Romeo foi transferido da UTI para um quarto.

Meu sorriso só não foi maior do que o dela, mas então eu perguntei:

— Mesmo sem ele ter acordado?

— Eles já baixaram a dosagem dos remédios e estamos confiantes de que acorde nas próximas horas.

Guardei o livro e me levantei. Fazia cinco dias que eu esperava ansiosamente para ele sair daquela UTI, cujas visitas tinham que ser muito rápidas. Eu tinha certeza de que Romeo se sentia triste por estar sozinho lá, mas agora eu poderia ficar o dia todo cuidando dele e logo tudo ficaria bem.

— Ele vai acordar, tenho certeza disso.

Eu e ela seguimos para o quarto em que ele ficaria a partir de então. Quando entramos, as enfermeiras estavam terminando de ajustar os últimos detalhes de sua cama. Elas já me conheciam e chamavam pelo nome, por isso, sorriram ao passarem por mim.

Fui para um lado da cama e Alyssa para o outro, peguei em uma mão e ela fez o mesmo com a outra. Romeo dormia tão sereno e, mesmo pálido e acamado, era de longe o homem mais lindo que já tinha visto na vida.

— Quando namorava Harvey, em um dos nossos encontros e desencontros, eu rolei de uma escada, após flagrá-lo com aquela ex-namorada. Fiquei em coma por alguns dias também e Harvey fez a mesma coisa que você, passou dias no hospital, cuidando de mim. Converse com Romeo, faça-o sentir que está aqui. Inconscientemente, escutamos tudo que as pessoas falam.

Sorri para ela e, mesmo que não lhe confidenciasse aquilo, era óbvio que o trataria como se estivesse acordado e não como um vegetal.

— Eu vou cuidar dele, Alyssa e logo ele voltará para nós.

Ela deu um beijo na testa do filho e saiu. Suas visitas eram sempre breves, ela não conseguia ficar muito tempo olhando para ele naquele estado. Com Louise era a mesma coisa. Ela sempre aparecia, mas não conseguia ficar olhando para o irmão por muito tempo.

Puxei uma poltrona e a coloquei bem ao lado da cama dele, sentei-me e fiquei segurando sua mão, a temperatura estava boa. Peguei meu celular e

coloquei uma música do Kenny G.

Durante a tarde eu li tudo que podia sobre pessoas em estado de coma ou em coma induzido. A cirurgia para retirar a bala tinha sido um sucesso, juntamente com a transfusão de sangue, que o ajudou a se recuperar, mas Romeo sofreu duas paradas cardíacas, além disso, ninguém sabia por quanto tempo ficou sem respirar, enquanto aguardava os paramédicos, mas achavam que, por esse motivo, continuava desacordado.

Nos últimos dias, Harvey infernizou o máximo de médicos e enfermeiros que pôde. Ele queria que o filho acordasse de qualquer jeito e dizia que o estado vegetativo de Romeo era consequência de algum erro médico. Mas a verdade era que ele se negava a acreditar que o filho não quisesse acordar, então chamou uma equipe de médicos de fora do país para examiná-lo.

O processo ocorreu por semanas e todos falavam a mesma coisa, o coma era resultado das paradas cardíacas e do tempo em que o cérebro ficou sem oxigênio e tudo o que podíamos fazer, era aguardar.



— Querida, nós sabemos o quanto o ama, mas já tem um mês que não sai desse quarto e estamos com medo de que fique doente. Você precisa, pelo menos, pegar um pouco de sol — ouvi mamãe falar.

Pelas normas do hospital eu não poderia ficar tanto tempo ali, mas Harvey tinha bastante influência, e toda vez que eles cogitavam me mandar para casa, eu ligava para ele e as coisas se resolviam em um passe de mágica. Entretanto, aquilo não me impedia de, muitas vezes, sentir-me melancólica, cansada, sombria, até. Mas eu não perderia as esperanças, negava-me a acreditar que Romeo fosse permanecer naquele estado para sempre, por isso, recusava-me a

sair de perto. Ele precisava de mim, precisava saber que eu estava ali apenas esperando-o acordar.

— Eu não consigo sair do lado dele, será que é muito difícil vocês entenderem isso?

Mamãe e papai fizeram a mesma cara de todos os dias e se deram por vencidos. Eles ainda não tinham voltado em definitivo, mas estavam vivendo no nosso apartamento e iam ao hospital todos os dias. Meu pai sentia-se responsável pelo que aconteceu e sempre falava que era para ele estar ali e não Romeo. No final, Deus o castigara da pior forma possível, pois eu conseguia ver a culpa pesando em seus ombros.

Claro que o único culpado de todos os problemas porque passamos era o infeliz do Richard que, se dependesse de Harvey Stone, já estaria no corredor da morte. Ele foi preso no mesmo dia em que atirou em Romeo e espancado quase até a morte pelos seguranças de Harvey.

Não tive mais notícias dele, só sabia que estava em um presídio de segurança máxima e que todos os envolvidos na mentira e posterior fuga dele do hospital, estavam presos. Aquilo era uma boa notícia e, mesmo assim, eu não me sentia melhor. Só me sentiria bem novamente, quando Romeo acordasse.

Depois que meus pais saíram do quarto, eu voltei a ler um livro de fantasia que Romeo adorava. Tudo o que eu lembrava que ele gostava, pedia para que Alyssa levasse para mim, e assim, os meus dias foram seguindo, meio cinzentos, mas ainda vivos, porque ele estava vivo.



Era comovente ver o quanto Julie amava o meu filho.

Ela estava enfiada no hospital há dois meses e arrumava a maior confusão se alguém cogitasse mandá-la para casa. Aliás, ela arrumava confusão por tudo, uma vez que agia como se Romeo estivesse acordado: falava com ele, colocava as músicas e filmes que ele gostava e há alguns dias, a peguei fazendo sua barba. Ela tinha ficado muito brava porque algumas enfermeiras demoravam demais ao dar banho nele, e de tão incomodada, pediu para que eu solicitasse enfermeiros ao invés de enfermeiras.

Como já tinha passado por tudo aquilo, fiz o que podia para tornar sua vida melhor, enquanto estivesse morando dentro daquele quarto de hospital.

Alyssa tinha ficado ali na parte da manhã e eu ficaria durante a tarde, sempre nos revezávamos, mas ela, não. Julie ficou todos os dias e noites com ele.

Naqueles dois meses, os melhores médicos do mundo tinham virado o meu filho de ponta cabeça e a única coisa que nos restava, era esperar.

— Tem certeza de que não quer ir para casa? — perguntei pela décima vez. Fazia um sábado ensolarado e seria bom para ela respirar um pouco de ar puro, mas a forma como me olhou, já dizia tudo.

— Sim, não se preocupe, vou ficar, eu *estou* bem — afirmou, passando o pente por seus cabelos e os alinhando da forma que ele gostava.

— Como foi o último dia em que se falaram?

Ela deu um sorriso fraco, pegou a mão do meu filho e ficou acariciando.

— Recebi uma mensagem pedindo para ir até sua sala. Eu achei que só iríamos almoçar juntos, mas ele estava estranho, e na hora eu soube que queria me pedir alguma coisa.

— E pediu? — questionei.

— Sim, pediu e eu quase enfartei — revelou, dando uma risada triste.

— O que ele queria, Julie?

Ela se virou para mim e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Ele queria um filho, Harvey, Romeo me pediu um filho.

Senti como se uma mão esmagasse meu coração. Tudo que eu mais queria na vida, era ver meu filho apaixonado por alguém, e desejando formar sua família, e justamente quando aconteceu, aquela tragédia se abateu sobre nós.

— Eu fiquei apavorada e não soube o que falar, mas vi em seus olhos o quanto ele queria aquele filho e eu… eu…

Eu, melhor que ninguém, sabia o que ela estava sentindo. Então, quando ela começou a chorar eu a abracei, pois era a única coisa que poderia fazer.



Às vezes havia um emaranhado de vozes na minha cabeça, e aí, de repente, tudo cessava. Em outras vezes, era apenas sua voz doce que eu ouvia, mas assim como as outras, subitamente, ela se calava, e aquilo me irritava. Eu me sentia só, estava preso em algum lugar, querendo sair, despertar, mas meu corpo não obedecia. E a voz da minha mulher era a única coisa que tornava meus dias melhores.

Tentei me concentrar no que Julie falava, porque às vezes era difícil, mas ela sempre pegava na minha mão quando queria dizer alguma coisa, e aquilo ajudava um pouco.

— … portanto, você tem de acordar. Eu não vou conseguir mentir para os

meus pais por muito tempo, e quando eles souberem, vão me tirar à força do hospital, então, por favor, volte para mim, eu não vou conseguir passar por tudo isso sem você.

Mas do que Julie estava falando? Por que diabos iriam tirá-la de perto de mim?

Senti que ela levantava a minha mão e colocava sobre alguma coisa quente, uma pele quente. Sua pele, eu tinha certeza.

— Fale oi para o papai, amor, diga para ele acordar e vir cuidar da gente.

Alguma coisa se quebrou dentro de mim, ao ouvir aquilo. Julie estava grávida? A minha Julie estava esperando um filho meu?



Desde que recebi a notícia de que Romeo estava fora de perigo, nunca mais havia sentido uma alegria verdadeira, pelo menos até descobrir que estava grávida. Fiquei tão fora dos eixos vivendo apenas para ele, que me esqueci completamente de mim, e só quando notei a ausência da minha menstruação, foi que percebi que não havia menstruado no mês passado também e comecei a desconfiar do que poderia estar acontecendo.

Com a ajuda de uma das enfermeiras, fiz um teste de farmácia e, posteriormente, um de sangue, e o resultado não poderia ter sido melhor, eu estava grávida de pouco mais de dois meses e alguma coisa me dizia, que Romeo havia me engravidado no dia em que foi baleado.

Também estava quase certa de que aquele espertinho se aproveitara do fato de eu ter ficado sem tomar meu anticoncepcional por todos aqueles dias, desde o

sequestro, para realizar o sonho de ser pai. Ele era arguto e, com certeza, percebera essa falha, então, sorrateiramente, plantou sua sementinha em mim.

Se fosse em outra situação, eu, decerto, estaria desesperada, mas não naquele momento, já desejava demais aquele filho, tanto quanto ele.

Não revelei a ninguém — no instante que meus pais soubessem, iriam me arrastar do hospital e eu me negava a deixá-lo. Nossa pequena família ficaria unida, até que ele acordasse. Enquanto conversava com ele, peguei sua mão e a coloquei sobre a minha barriga, queria que o nosso filho sentisse que tinha um pai.

— Fale oi para o papai, amor, diga para ele acordar e vir cuidar da gente.

Como sempre, Romeo não teve qualquer reação. Quer dizer, uma vez vi as pálpebras dele se mexendo. No dia, fiz o maior escândalo, para depois saber que era normal ter algumas reações, mas que elas, provavelmente, eram involuntárias.

Tirei sua mão do meu ventre e fiquei segurando.

Naquele dia faria minha primeira consulta com a obstetra, e por mais que me doesse deixá-lo, eu precisava saber sobre a saúde do nosso filho, já tinha sido negligente demais.

— Meu amor, assim que sua mãe chegar, eu vou ao médico, preciso saber como anda o nosso bebê, mas logo estarei de volta, comporte-se — falei, carinhosa.

Estava me aproximando de seu rosto para lhe dar um beijo e achei ter visto suas pálpebras se mexendo outra vez. Cheguei bem mais perto, só para me decepcionar e perceber que elas estavam normais. Dei de ombros e coloquei um beijo em sua testa, mas quando fui me afastar, senti um ligeiro aperto na minha mão e aquele leve toque fez meu coração aquecer e disparar.

— Ah, meu Deus, você está acordado? Está me ouvindo? Diz que está.

Um sorriso surgiu no rosto dele, antes que suas pálpebras se abrissem um

pouco. Ele permaneceu com os olhos semicerrados e foi impossível não me lembrar de quando o encontrei, deitado na espreguiçadeira, sob o sol de Ibiza. Segundos depois, após me acostumar com a claridade, o azul mais fantástico do mundo apareceu, deixando-me sem ar.

— Tive que quase morrer para você me dar um filho? — falou baixo e vagarosamente, mas eu entendi.

Levei as mãos à boca, em estado de choque, então me joguei em cima dele e comecei a chorar descontroladamente.

— Você voltou, meu amor, você voltou! — Comecei a encher seu lindo rosto de beijos. Mas, de repente, fiquei séria. — Nunca mais faça isso! Eu quase morri nesses dois meses.

— Dois meses? — ele sussurrou, baixinho.

— Sim, como você se sente?

— Com sede, dores no corpo, mas feliz de estar vivo — disse com calma e pausadamente, seus olhos percorrendo todos os cantos do quarto.

— Tem água ali, mas não sei se posso dar, aliás, eu não sei o que fazer, vou ter que chamar os médicos.

— Espere, quando eles entrarem aqui não sairão tão cedo e eu quero aproveitar você mais um pouquinho.

Sorri e o abracei mais uma vez e ficamos uns dez minutos naquela posição, nos cheirando, nos sentindo.

— Ah, meu Deus, ele acordou! — Alyssa sibilou da porta do quarto. — Harvey! — gritou e o marido, que estava mais atrás, ao telefone, esqueceu tudo e correu para ver o que era.

— Sim, já faz uns dez minutos — confirmei e os dois correram até a cama e abraçaram Romeo. Alyssa não parava de chorar e agradecer a Deus, enquanto Harvey beijava o rosto do filho.

— Foi a melhor notícia que já recebi na vida — ele falou, emocionado.

— Eu estou bem, pessoal, só quero ir embora — Romeo disse, por fim, e nós três o fuzilamos com o olhar. — Ok, podem chamar os médicos, *me* virem do avesso e, depois, vamos embora — falou com calma, como se não tivesse acabado de sair de um coma.

— Uma coisa de cada vez, filho. Vamos chamar a equipe médica responsável por você, só eles vão poder dizer se está apto a receber alta — Harvey tentou ser sensato. Mas eu o entendia e compartilhava de sua vontade de ir para casa.

Depois que os médicos entraram, eu e Alyssa nos sentamos e os observamos virarem Romeo do avesso, como ele dissera. Pediram todos os exames possíveis e imagináveis e, obviamente, não o liberaram.

— Eu me sinto ótimo, um pouco fraco, é claro, mas bem o suficiente para me levantar e ir embora.

— Vamos esperar o resultado dos exames, se tudo estiver bem, eu solicito a sua remoção e me responsabilizo perante o hospital — Harvey disse, mas eu e Alyssa nos olhamos, apreensivas. Óbvio que queria sair dali com ele, mas sabia que não podia ser de forma inconsequente e que o prejudicasse.

No dia seguinte ele acordou muito bem disposto e falante.

— Julie, preciso escovar os dentes e comer, tem comida nesse lugar?

Todos nós rimos. Enquanto eu o ajudava a escovar os dentes, Alyssa foi falar com as enfermeiras sobre sua dieta. Ao verem que ele estava liberado para comer algumas coisas, elas providenciaram.

Estava tudo correndo perfeitamente, eu até já o tinha deixado por dentro dos últimos acontecimentos, quando o tal Dr. Carter entrou no quarto.

— Bom dia a todos — cumprimentou, passou por Harvey e se dirigiu a Romeo.

— Ele já foi examinado, doutor, aparentemente, está tudo certo — Alyssa

disse, meio nervosa, pois desde que Harvey fizera aquela ameaça, ele e o doutor não se falavam muito.

— Sim, eu sei, mesmo assim, preciso fazer minha avaliação, afinal, fui eu quem o operou. — O Dr. Carter testou a coordenação e todos os movimentos de Romeo, que mexia as pernas, os braços, falava, escutava, enfim, estava perfeito. — Em todos os anos de medicina, nunca me deparei com um caso tão curioso. É incrível que ele tenha acordado tão lúcido, com todos os movimentos em perfeita ordem. Geralmente, os pacientes acordam de forma gradativa, mexem uma mão, um pé, falam uma coisa ou outra… — ele parou e balançou a cabeça. — É realmente impressionante. Eu não sou muito cristão, mas tudo me faz acreditar que se trata de um milagre, aliás, desde o início. Alguém lá em cima gosta muito de você, rapaz, faça por merecer esta segunda chance.

No final de seu discurso, foi impossível não me emocionar. Eu havia lido tantos artigos sobre estados de coma e morria de medo de ele ficar com alguma sequela ou, Deus me livre, nem mesmo não lembrar de mim. Aquilo seria horrível, eu não sei se aguentaria.

— Eu tive um bom motivo para voltar inteiro; vou ser pai, doutor — falou com um sorriso enorme —, e a mãe do meu filho não sabe cozinhar, imagina o que seria da vida dessa criança.

Eu gargalhei, mas Harvey e Alyssa me olhavam sem acreditar.

— Como assim, mocinha? Vamos ser avós e você não nos fala nada.

Fiquei sem jeito com Alyssa. Eu já deveria ter falado e repreendi Romeo com o olhar por ele ter dado a notícia daquela forma. Nessa hora, o médico terminou de assinar alguma coisa no prontuário, desejou melhoras e se foi. Voltei-me para Alyssa:

— Perdoe-me. Eu descobri há um tempo, mas não falei porque vocês me afastariam de Romeo. Acho que não é bom para uma gestante morar dentro de um hospital.

Ela apenas se aproximou e me abraçou com força. Já Harvey ficou nos encarando de um jeito engraçado.

— Um neto, um neto, eu vou ter um neto. — Repetiu, como se só então tivesse se dado conta do que aquilo significava. Então sorriu e me abraçou, tão forte, que eu quase não pude respirar. — Obrigado, Julie, além de salvar o Romeo, ainda nos deu a segunda melhor notícia da semana, um neto.

Afastei-me de Harvey e vi a forma carinhosa com que Romeo nos olhava. Logo depois, perguntou:

— Como assim, salvou a minha vida? Achei que o único herói aqui fosse eu.

— Você precisou de uma transfusão de sangue, só que é uma aberração. O bom é que eu sou uma aberração também. Agora sei porque me seduziu, sabia que eu seria útil algum dia.

Ele franziu a testa, provavelmente sem entender do que eu estava falando.

— Depois eu te explico — falei e ele sorriu, puxando-me para perto.

— Eu te amo, inglesinha — sussurrou.

— Eu também — respondi, morrendo de vontade de beijá-lo, bem do nosso jeito, mas me contive. Não faria aquilo com plateia.

Ao virar-me para Harvey e Alyssa, eles estavam babando em mim e Romeo, felizes demais. Então lembrei-me da fera que tinha em casa e pedi:

— Harvey, vou precisar da ajuda de vocês para dar a notícia aos meus pais; mesmo depois de tudo isso, não sei qual será a reação deles.

— Claro, querida, mas eu a aconselho que espere mais alguns dias. Depois que Romeo receber alta, nós faremos um jantar e lá vocês dão a notícia, Dessa forma eles não poderão fazer nada, além de aceitar que agora você terá a sua própria família.

Romeo apertou minha mão, transmitindo-me força. Eu sabia que minha

mãe ficaria radiante, mas ainda temia a reação do meu pai.



Cinco dias foi o máximo de tempo que conseguimos segurar Romeo no hospital. Os médicos não paravam de pedir exames, mas a única coisa que ele tinha, era um pouco de anemia, cujo tratamento já havia se iniciado antes mesmo de ele acordar.

Vendo a nossa agonia, Harvey decidiu que era hora de interferir e conseguiu que ele ganhasse alta. Naquele momento, estávamos todos no quarto, esperando-o sair do banheiro, onde havia entrado para se trocar.

Quando ele saiu, usando seu habitual jeans rasgado e camiseta preta, meu coração se apertou. Foi daquela forma que sonhei que ele sairia do hospital, e era como eu queria vê-lo sempre.

— Lindo — falei e me joguei em seus braços.

— Preparada, Julie? — ele cochichou no meu ouvido e eu sabia o que aquilo queria dizer. Sexo!

— Sempre. — Sorri e me afastei.

No momento em que sairíamos do quarto, meus pais entraram. Um dia antes de Romeo acordar, meu pai teve que ir resolver alguma coisa em Londres, e mamãe o acompanhou. Estavam chegando naquele dia.

Meu pai me abraçou e depois foi direto em Romeo. Segurou o rosto dele entre as mãos e beijou sua testa.

— Só tenho três coisas para falar a você: me desculpe, obrigado e nunca

mais faça isso.

Romeo sorriu e o abraçou deixando todos nós comovidos com a cena.

— Não precisa agradecer e vamos esquecer o que passou, até porque, é você que vai ter que me perdoar daqui a pouco.

Todos se entreolharam e eu tive vontade de matar Romeo.

— Do que vocês estão falando? — minha mãe perguntou, apreensiva, mas Alyssa teve um ataque de riso e quase que eu a acompanhei. Harvey a abraçou, tentando acalmá-la e a cada minuto a cena ficava cada vez mais bizarra.

Romeo coçou atrás da nuca, como se estivesse se decidindo se soltava a bomba ou não.

— Olha, Robert, não tem um jeito legal de dar essa notícia, então, vamos aproveitar que estamos em um hospital e falar logo, pelo menos, se você quiser me matar, ou tiver um infarto, seremos atendidos a tempo.

Ri de nervoso e vi que meus pais estavam ficando impacientes.

— Que diabos está acontecendo aqui, que notícia é essa?

Saí do lado da minha mãe, passei por meu pai e me posicionei ao lado de Romeo.

— Estou grávida, pai; eu e Romeo vamos ter um filho.

— Vo… vo… você…? — meu pai gaguejou e não conseguiu terminar a frase, já minha mãe abriu um sorriso do tamanho do mundo.

— Oh, meu Deus, filha, que notícia maravilhosa — ela disse e nos abraçou, mas eu estava olhando para meu pai, que parecia ainda estar assimilando a palavra gravidez. Minha mãe se afastou de nós e o encarou.

— Julie está grávida, vai ter um bebê. Bebê da Julie é igual a um neto nosso, Robert. É isso, teremos um netinho. Alguém correndo pela casa, pintando as paredes de giz de cera, é apenas isso — minha mãe disse e todos nós ficamos de boca aberta com a explicação dela.

— Pelo amor de Deus, pai, fale alguma coisa.

Ele suspirou profundamente e se aproximou de nós. Então, inesperadamente, colocou a mão no ombro de Romeo e sorriu.

— O que mais eu posso dizer além de: bem-vindo à família, filho.

Todos respiramos aliviados, parecia que meu pai tinha mesmo voltado ao seu juízo perfeito. E, depois de todas as felicitações, nós finalmente fomos embora.

CAPÍTULO 35

Julie Romeo

Dar a notícia da gravidez não foi tão difícil quanto me livrar dos nossos pais.

Quando percebeu que eles não iriam embora tão cedo, Romeo pediu licença e praticamente me rebocou para o quarto.

— Eu não vou conseguir fazer nada sabendo que meus pais estão na sala — adverti quando ele trancou a porta.

— Resolvo isso em dois minutos — garantiu, beijando meu pescoço e ligando para alguém. — Oi, pai, se importa de levar os pais de Julie para jantar? Ótimo, fico te devendo essa. Prontinho, meu amor, tudo resolvido — falou quando desligou.

Esperei uns minutos e escutei minha mãe gritar dizendo que depois ligava para ver como nós estávamos.

Romeo mal esperou eu terminar de responder e já estava tirando minha roupa e atacando minha boca. Deus, como eu tinha sentido saudade das mãos dele em mim. Quando chegamos à cama, eu já estava nua e ele terminando de se livrar de suas roupas. Percebi que estava mais magro, mas ainda continuava lindo e meu.

— Que saudade de você, meu anjo.

Joguei-me na cama e ele foi para cima de mim, caindo de boca nos meus seios. Depois começou a descer e parou em frente à minha barriga.

— Oi, neném. — Deu um beijo ali e desceu um pouco mais.

Nessa hora eu já estava enlouquecendo, minha intimidade pulsava de desejo e acabei indo ao céu ao sentir a boca pecaminosa de Romeo em mim.

— Oh, Romeo — gemi enlouquecida quando a língua dele foi mais fundo, fazendo-me arquear o corpo. Sua tortura não demorou muito, nós estávamos desesperados um pelo outro e não dava para esperar.

Ele subiu pelo meu corpo e posicionou seu pau na minha entrada. Começou a deslizar, devagar, tomando-me aos pouquinhos, até chegar fundo.

— Que saudade dessa bocetinha gulosa — falou, quase sem voz, tão afetado quanto eu, que poderia gozar só de sentir seu corpo quente sobre o meu. Além disso tinha aquele perfume tão familiar, que despertava os meus desejos mais profundos. Era tanto amor, tanta entrega, que tinha certeza de que Deus o tinha devolvido, por saber que eu não seria capaz de continuar sozinha. Nunca me apaixonaria por outra pessoa, jamais existiria um candidato à altura, Romeo era, inexplicavelmente, insubstituível.



No dia seguinte, acordamos cedo e resolvemos ir ao médico. E quando eu falo resolvemos, não incluo apenas eu e Romeo e sim a família inteira, inclusive Louise, que tinha pego um resfriado terrível e por ordens médicas, não pôde visitar Romeo no hospital. Ela, porém, já estava melhor e chegou para nos visitar bem cedo, seguida por meus pais, que chegaram um pouco depois e por Harvey e Alyssa, que apareceram para completar o time.

Essa comitiva nos acompanhou à primeira consulta e fiquei com pena do médico que nos atendeu, sério. Eles falavam todos ao mesmo tempo, cada um perguntando uma coisa diferente, e sem nem esperar a resposta, já estavam fazendo outra pergunta. Enquanto isso, eu e Romeo trocávamos olhares cúmplices, era melhor vê-los empolgados, do que chateados por eu ter engravidado tão cedo.

De minha parte, ainda não tinha parado para pensar nas responsabilidades que aquilo acarretaria à minha vida, mas com Romeo ao meu lado, eu teria um time de futebol inteirinho e sem reclamar.

O mais importante, era saber que ele estava vivo e desejava aquele filho mais que tudo. Sua vontade de ser pai, fez-me ter vontade de ser mãe. Era absurdo, porém, a mais pura verdade.

Depois do ultrassom, fomos todos almoçar no Daniel. Alyssa adorava aquele restaurante e a comida era espetacular.

— E onde vocês pretendem morar depois do casamento? — meu pai perguntou quando o garçom começou a servir a sobremesa.

— Casamento? — questionei.

— Sim, vocês terão um filho, então é evidente que vão se casar, certo, Romeo? — Meu pai olhou para o meu namorado, que estava com um sorriso idiota no rosto.

— Eu estou tentando convencê-la a se casar comigo há um bom tempo, então, se conseguir convencê-la, será uma honra esperá-la no altar.

Filho da mãe, mal tinha acordado do coma e já estava me jogando aos leões.

— Filha, não seja irresponsável, Romeo está certíssimo, vocês terão um filho, o casamento é primordial — meu pai disse, satisfeito.

— Eu sei, pai, mas é tudo muito novo para mim. Claro que vamos nos casar, mas precisamos organizar nossas vidas primeiro.

Ele assentiu, sabia que não adiantava me pressionar.

— E você e a mamãe, voltaram ou estão só de teatro na minha frente?

Todos da mesa sorriram.

— Julie! — ela me repreendeu, vermelha como um pimentão, entregando que, com certeza, eles já haviam se reconciliado.

— Já resolvemos as coisas, sim, você vai precisar de toda ajuda possível nessa nova fase — disse meu pai, olhando feito um bobo para ela. Pelo visto, minha gravidez havia dado um empurrãozinho naquela reconciliação.

Vi Louise rindo do nosso drama familiar. Ela conhecia, superficialmente, os problemas que enfrentamos nos últimos meses. Minha cunhada era uma pessoa bem agradável e só saía do sério, quando Romeo fazia brincadeiras idiotas, típicas de irmãos que se amavam, mas faziam questão de demonstrar o contrário.

— Que bom que tudo está se resolvendo — Alyssa disse, por fim, e ergueu um brinde.

No final do dia estávamos exaustos e dei graças a Deus quando ficamos sozinhos mais uma vez.

— O que foi, Julie?

Estávamos no sofá da sala vendo TV, deitados em uma deliciosa conchinha, com as duas mãos de Romeo acariciando a minha barriga. Ele ficava o tempo todo assim, querendo me tocar e me fazer carinho. Eu me sentia tão amada.

— Não sei se quero uma festa de casamento do jeito que nossos pais esperam. Eu sei que Alyssa e Harvey fizeram uma festa grandiosa, que parou Nova York na época, mas eu não sou assim, por mim, só nos casaríamos no civil e estaria ótimo — confessei.

— Contanto que você diga sim, faremos do jeito que quiser, a única coisa de que não abro mão, é de ter um contrato de casamento, com algumas cláusulas bem específicas.

Virei-me bruscamente, sem acreditar que Romeo teria coragem de fazer um contrato.

— Está de brincadeira?

— De jeito nenhum. Vou colocar várias cláusulas, com multas

astronômicas. Se um dia cogitar se divorciar, vai desistir na hora. À partir do sim, você estará amarrada a mim para sempre — falou com uma seriedade enorme e soltei uma gargalhada.

— A família Collins tem bastante dinheiro, meu bem, então é melhor caprichar nessa multa — brinquei, mas ele ficou ainda mais sério.

— Tem a intenção de me deixar algum dia?

Ri novamente e me agarrei a ele.

— Claro que não, meu amor, jamais teria coragem de me separar de você. Somos almas tão gêmeas, que até precisamos do sangue um do outro para viver. E por falar nisso, assim que descobriu meu tipo sanguíneo, meu pai mandou colher e guardar no banco de sangue de três hospitais na Inglaterra, então sugiro que façamos como o médico sugeriu, mesmo você tendo medo de agulhas.

Ele arregalou os olhos e abriu a boca para protestar, mas depois sorriu e assentiu, antes de me beijar.

Jamais imaginei que ele se tornaria a parte insegura do nosso relacionamento, mas estava bem satisfeita por ser assim. Poderia ser um pensamento idiota, mas os homens tinham que acreditar que nós gostávamos menos deles do que eles de nós, porque parecia que só cuidávamos daquilo que temíamos perder. Verdade ou não, aquela máxima vinha dando certo e, mesmo que eu fosse doente por ele, não demonstraria tudo de uma vez só.

O amor era como um remédio, tinha que ser ministrado em poucas doses, para que fizesse o efeito esperado.



Após algumas semanas, nossa rotina voltara ao normal. Romeo já tinha

regressado à presidência das Indústrias Stone, mas continuou fazendo acompanhamento médico, para ter certeza de que não ficaria nenhuma sequela, e eu, mais uma vez, voltei a assumir meu cargo, para nova tristeza dos funcionários que não gostavam de mim.

Naquele dia, eu e Lisa tivemos que resolver alguns problemas pendentes e acabei saindo bem mais tarde do escritório. Quando entrei na cobertura, a primeira coisa que notei, foi que havia muitas pétalas de rosas espalhadas pelo chão. Depois percebi que a única iluminação da sala vinha de pequenas velas em copos, que faziam uma pequena trilha até a área externa.

Deixei minha bolsa em cima do sofá e fui para o terraço, encontrando o meu Romeo, junto a uma mesa posta para dois. O clima era bem romântico.

— Acho que entrei no apartamento errado — falei, pendurando-me em seu pescoço.

— Quis fazer um jantar romântico para a minha mulher.

Estreitei os olhos.

— Jantar romântico com um homem que não tinha romance em seu repertório. Uau!

Ele gargalhou e me apertou.

— Falou certíssimo, *não tinha*.

— Eu não quero estragar o clima, mas estou morta de fome.

Seu rosto se iluminou com um daqueles lindos sorrisos; ele adorava me ver com fome e preparava todas as minhas refeições.

— Vou buscar nosso jantar, espere aqui — pediu e eu me acomodei em uma das cadeiras, esperando que Romeo voltasse com nossa deliciosa refeição.

— O que mais posso pedir a Deus. Você é rico, bonito, bom de cama, *me* ama e ainda cozinha — brinquei, quando comi a última garfada.

Ele deu uma risada gostosa.

— E, mesmo assim, não quer se casar comigo — disse, ainda sorrindo, mas percebi que seu tom beirava a mágoa.

Todas as vezes que ele tocava naquele assunto, eu tentava desconversar. Achava-me tão nova, e alguma coisa naquele papo de casamento me assustava. Mas vê-lo tão chateado, fez alguma coisa mudar dentro de mim. Tomei um bom gole do meu suco, como se aquilo fosse me dar alguma coragem e me levantei.

— Romeo.

— O que foi, anjo? — perguntou, colocando-se de pé.

Fiquei olhando para aquele rosto bonito, tão perfeito, tão meu. Que mulher em sã consciência ficaria enrolando um homem daqueles? Pelo jeito, não eu.

— Bem, apesar de você nunca ter pedido oficialmente…

— Não seja por isso — ele me interrompeu com um sorriso enorme e se ajoelhou à minha frente. Depois tirou uma caixinha de veludo do bolso e falou: — Julie Collins, você aceita se casar comigo?

Apenas naquele momento me dei conta de que aquele era o nosso jantar de noivado.

Como ele é esperto, armou direitinho para amolecer meu coração, pensei, balançando a cabeça. Depois fitei seus olhos cheios de expectativa.

— Sim, Romeo, eu aceito.

Ele sorriu, aliviado, mesmo sabendo que minha resposta seria aquela.

— Eu te amo, pequena encrenqueira — declarou, abraçando-me forte.

— Eu também — sussurrei de volta, admirando o solitário de diamante no meu dedo anelar. Não tinha mais volta. Enfim, eu e Romeo subiríamos ao altar.

Apesar de não ter nenhuma vontade de transformar meu casamento em um evento, naquela noite acabei me lembrando de conversas que tivera com meus pais, quando eu ainda era menina. Eles haviam me criado para ser uma princesa e sonhavam com uma festa de casamento digna da realeza, e se eu não desse aquele prazer a eles, nenhuma outra pessoa poderia dar.

Então decidi abrir mão de uma cerimônia simples, para fazer a vontade deles. E não me arrependi. A cara de todos, quando anunciei que queria fazer um casamento grandioso, fez aquilo valer a pena. Os olhos de minha mãe chegaram a marejar. Desde a notícia da minha gravidez, ela andava quieta, pensativa. Imaginei que tivesse concluído, que por causa daquilo, eu não iria querer fazer nada muito grande, sendo assim, a boa nova caiu como mel em seus lábios. Contudo, eu lhe dei um prazo, já estava com nove semanas e não queria me casar com a barriga aparecendo. Então, se ela e Alyssa conseguissem organizar a festa dos seus sonhos em um mês, seria como elas queriam, caso contrário, não.

Após meu ultimato, a única coisa que me falaram, foi:

— Escolha o vestido e apareça no dia da festa, o resto, nós damos um jeito.

Ainda me lembrava de Romeo gargalhando da minha cara. Ele falou que fui uma verdadeira bruxa, achando que aquilo as intimidaria e as faria desistir. Mas no fundo eu sabia que minha mãe daria conta, e com o dinheiro que os Collins e Stone tinham, não seria difícil organizar uma bela festa de casamento. Na verdade, mesmo com o prazo tão apertado, estava certa de que haveria disputa entre os cerimonialistas da Inglaterra.

No final, fiquei feliz com minha decisão, aquele casamento me ajudaria a esfregar na cara de todo mundo, que eu tinha conseguido levar Romeo Stone ao altar. Não foi fácil passar por tudo o que passei desde que comecei a me relacionar com ele, então, nada mais justo que estampar nossos lindos rostos, nos principais jornais e revistas de fofoca. Daquela forma, sua legião de fãs, incluindo a piranha da Luna, saberiam que ele tinha dona.

Ela, aliás, devia ter se enfiado embaixo da terra, porque nunca mais tivemos notícias suas. E mesmo não tendo provas de seu envolvimento no meu sequestro, meu detetive estava à sua procura. Já Richard, continuava preso e com o dia do julgamento marcado. Meu sogro poderoso, mexendo seus pauzinhos, tinha conseguido fazer com que Bertha testemunhasse contra o infeliz. Ela falaria tudo o que sabia a respeito de Richard, o que certamente ajudaria na sua condenação. E aquilo era tudo o que queríamos.

Após uma breve discussão, ficou decidido que o casamento aconteceria em Londres, então, no dia seguinte ao meu anúncio, meus pais voltaram para casa a fim de começarem a preparar tudo. Apesar do meu decreto, a data ficou marcada para dali a 40 dias, e resolvi não me opor, pois já tinha me acostumado à ideia. Desde então, Alyssa havia viajado para lá duas vezes e minha mãe, voltara a Nova York duas vezes também.

Um mês se passou e Alyssa resolveu ir para Londres, ela queria ajudar mamãe nos últimos detalhes. Quando deixou claro que só voltaria após a cerimônia, Harvey resolveu acompanhá-la e convenceu Louise a ir junto, que acabou nos persuadindo a fazer o mesmo. Por isso, faltando dez dias para o grande evento, eu e a família de Romeo viajamos para a Inglaterra.

No dia seguinte à nossa chegada, tive uma ideia. Estava na moda fazer uma festa para revelar o sexo do bebê, e talvez levada pela empolgação com o casamento, acabei colocando na cabeça que seria legal fazer um Chá Revelação.

Mas antes, precisava saber o sexo do bebê. Eu já estava com treze semanas e ele ainda não tinha colaborado, por isso, marquei uma ultrassonografia e pedi que Charlotte e Louise me acompanhassem.

À minha mãe e Alyssa, disse apenas que queria fazer um chá de bebê para as minhas amigas em Londres, juntamente com nossas famílias e amigos mais próximos. Elas, é claro, adoraram a ideia e na mesma hora começaram a entrar em contato com os serviços de buffet da cidade, afinal, o tempo que teriam para organizar a festinha seria mínimo.

Quando chegamos à clínica, eu estava super empolgada, sentia que daquela vez eu conseguiria saber se teria uma menininha ou um menininho. Mas qual não foi minha surpresa quando, ao invés de me falar, a médica simplesmente anotou a informação em um papel e o entregou a Charlotte, que mostrou apenas a Louise. Quando reclamei, elas me disseram que se Romeo não sabia, o mais justo seria que eu também não soubesse. Fiquei brava com aquelas duas na hora, mas depois acabei concordando.

Apenas durante o desjejum da manhã em que ocorreria a festa, foi que a família ficou sabendo que também descobririam o sexo do bebê e quase me mataram por não tê-los levado junto para fazer a ultrassonografia.

— Qual o objetivo do Chá Revelação, se todos vocês já soubessem? — argumentei.

A festa já rolava há quase duas horas, quando Char e Louise apareceram com uma enorme caixa branca, cercada por uma fita preta, finalizada com um grande laço. Todos nós nos reunimos ao redor, cada um mais ansioso que o outro.

— Falem logo, meninas — Alyssa pediu, apreensiva.

— Quero saber o palpite de vocês antes — Char falou e ouviu muitas vaias, que foram recebidas por ela e Louise com sorrisos luminosos.

Harvey, Romeo e meu pai queriam menino e tinham até colocado camisas azuis, para enfatizar aquilo, mas, na verdade, estavam parecendo um trio de vasos. Já minha mãe e Alyssa não se pronunciaram, apenas desejavam que fosse saudável.

Diante da torcida do meu pai, do meu sogro e de Romeo, acabei me sentindo meio pressionada. Desde o primeiro ultrassom eles já haviam declarado o desejo por um menino e, no fundo, eu também queria, por isso, a expectativa estava grande.

CAPÍTULO 36

Romeo

Eu dormia e acordava pensando no meu bebê. Imaginava como seria seu rosto, seu sorriso, com quem se pareceria… Não sabia se era assim com todos os pais de primeira viagem, mas eu sentia uma ansiedade que não cabia dentro de mim e contava os dias para tê-lo em meus braços. Sabia que o amaria, qualquer que fosse a vontade de Deus, mas estava torcendo muito para que viesse um garotinho. Por isso, quando os dedos de Lou e Charlotte desfizeram o laço que envolvia uma caixa branca, Robert, meu pai e eu, até paramos de respirar, e só senti o ar entrando, quando a caixa se abriu e dezenas de balões azuis saíram lá de dentro…

Apesar do choque, vi-me em busca de Julie, que tinha ficado do outro lado, junto com nossas mães. Ela estava tão emocionada quanto eu, e apesar de nunca ter se pronunciado, eu sentia que também queria um menino.

Fui em sua direção, com os olhos colados nos dela, que me encontrou no caminho.

— Eu te amo, princesa, obrigado por isso — falei, sentindo-me completo, quando finalmente a envolvi em meus braços.

Ela deu uma risada gostosa e me beijou, mas não tivemos muito tempo para comemorar, pois logo as pessoas fizeram um círculo a nossa volta, ansiosos para nos cumprimentar. Todos estavam bobos com a notícia, nosso filho seria o primeiro neto em ambas as famílias, então, imaginem como nossos corações estavam felizes.

Depois de todas as felicitações, eu finalmente consegui roubar Julie. Ficamos em uma mesa afastada, bem ao fundo da estrutura que minha mãe e

Laura haviam montado.

— Elas parecem duas crianças — Julie constatou e eu a apertei nos braços.

— Se quiser desistir do circo que vai ser nosso casamento, é só me falar, fugimos dois dias antes e voltamos quando o nosso rapazinho nascer.

Ela gargalhou.

— Depois eu que sou a bruxa, hein? Não, nossas mães estão tão felizes e nós podemos fazer esse sacrifício por elas.

Para mim, um super evento ou apenas uma cerimônia para poucos convidados, era indiferente, mas fiquei feliz por Julie ter pensado em nossos pais. Eles ainda eram à moda antiga e sonhavam em ver seus filhos se casando com uma grande festa.

Como a maioria dos convidados seria da parte da família Collins, por questão de deslocamento, decidimos fazer a festa em Londres e já estávamos hospedados há quatro dias na propriedade deles. A mansão era grandiosa, com jardins a perder de vista e um pequeno pomar. Aquilo acabou me empolgando, e me vi pensando na possibilidade de irmos para uma casa, após o nascimento do bebê. Falaria sobre aquele assunto com Julie depois.



O grande dia havia chegado e tudo estava indo bem. Mesmo o céu de Londres, sempre tão cinzento, tinha amanhecido azul. Era como se Deus realmente estivesse abençoando a nossa união. Apesar de tudo, foi impossível dormir na noite anterior. Eu fiquei repassando toda a minha história com Romeo,

desde o dia em que o vi em Ibiza pela primeira vez, tão lindo e impossível, com aquele olhar que dizia, claramente, que só queria uma noite e nada mais, até o dia anterior, quando ele parecia um menino, de tão feliz que estava porque no dia seguinte nós subiríamos ao altar.

Eu havia sido convencida pela cerimonialista a me casar no final da tarde. Ela disse que as fotos ficariam melhores. E como minha mãe e Alyssa alugaram, nada mais nada menos, que um castelo, onde apenas grandes eventos e cerimônias de casamento eram realizados, o ideal era que as fotos ficassem perfeitas.

Apesar de ter achado que não me envolveria muito, acabei opinando nos tons da decoração e nas flores que seriam usadas. Por influência de Alyssa, também reduzi a lista de convidados pela metade. Ela havia me dito que tinha passado grande parte de sua festa cumprimentando pessoas que não conhecia, então, foi muito fácil fazer aquilo.

Mas aquela foi toda a interferência que fiz. Minha mãe e Alyssa eram mulheres muito refinadas e sensatas, então eu sabia que não precisaria me preocupar, a única coisa que queria, era dizer sim a Romeo e fugir para as montanhas!

Brincadeira, não era tão insensível assim, e tinha adorado ver o rostinho de felicidade das duas, com cada coisa que eu concordava.

— E aí, filha, decidiu com qual vestido vai se casar? — minha mãe perguntou e fiquei olhando para os três modelos expostos no quarto.

Um era simples e clássico, tomara que caia, modelo sereia, com renda apenas nas costas. O segundo modelo era um pouco mais trabalhado, havia bastante tule e transparência, com rendas costuradas nos lugares certos, já o terceiro era digno de uma verdadeira princesa, delicado, com saia bufante e camadas intermináveis de renda francesa.

E aí vocês me perguntam, quem em sã consciência, escolhe três vestidos

de casamento?

Muito simples, quando se tem Laura Collins como mãe e Alyssa Stone como sogra, nada pode dar errado. Além disso, eu fiquei muito indecisa. Diante disso, elas me obrigaram a ficar com os três modelos que eu tinha gostado, mas, por fim, eu havia feito minha escolha.

— Aquele ali para a igreja — apontei para o modelo de princesa. — E aquele ali para a festa — concluí, apontando para o modelo sereia. Cheguei àquela conclusão porque não daria para dançar e nem me locomover, confortavelmente, com o peso do vestido principal.

As duas bateram palminhas — era exatamente o que elas queriam —, e me ajudaram a colocar o vestido. Enquanto minha mãe o fechava, o maquiador terminou de colocar o batom rosado em meus lábios. Optamos por uma maquiagem com efeito mais natural, dando um destaque especial aos meus olhos. Meus cabelos haviam sido escovados e depois enrolados e quando o cabeleireiro os soltou, havia ondas bonitas e volumosas. Assim que Alyssa terminou de ajustar o vestido, ele se aproximou com uma presilha de brilhantes e o véu para finalizar o penteado.

Olhei-me no espelho apenas quando estava pronta, e foi impossível não ficar emocionada. O vestido era tão lindo e tinha um caimento tão perfeito, que realmente me senti uma princesa.

— Ah, filha, não chore — mamãe pediu, tentando disfarçar o quanto estava abalada por ver sua única filha prestes a subir ao altar, mas seus próprios olhos estavam marejados.

— Você está deslumbrante, Julie — Alyssa declarou, abraçando-me com carinho.

Continuei olhando todos os detalhes, imaginando a reação de Romeo ao me ver.

— Estou nervosa — revelei.

— É normal, querida; apenas sorria e foque em Romeo — Alyssa disse e eu amei a dica, seria fácil focar nele e fingir que não havia centenas de pessoas olhando para mim. — Agora vamos, não é de bom tom deixar o noivo esperando tanto tempo.

Eu e as mulheres, incluindo Lisa, que havia chegado no dia anterior, tínhamos ido para o castelo alugado de manhã cedinho, enquanto os homens permaneceram na casa dos meus pais.

Na noite anterior, quando o vi pela última vez, Romeo me fez prometer que não o deixaria esperando e eu me empenhei em fazer o que ele pediu.

Durante todo o caminho que nos levaria à capela, que ficava apensa ao castelo, fiquei analisando cada detalhe e me perguntando como elas tinham conseguido fazer tudo aquilo em apenas 40 dias. Havia vários ambientes distintos ali, e todos eles estavam decorados com rosas e orquídeas. Estava tudo lindo e eu tinha certeza de que não teria feito nada melhor ou mais apropriado.

Assim que coloquei os pés fora do castelo, dei de cara com o meu pai, que parecia tão surpreso quanto abalado. Tinha certeza de que só naquele momento, ao me ver vestida de noiva, foi que ele se deu conta de que eu realmente me casaria. Dava para ver em suas feições, que a ficha tinha acabado de cair, sobre o fato de que, à partir daquela noite, eu não seria mais sua filhinha, que à partir do momento que ele me entregasse para Romeo, eu me tornaria parte de uma outra família, parte da minha pequena família.

— Você parece uma princesa — falou e deu um beijo na minha testa.

— Obrigada, pai.

Ele sorriu e passou os dedos pelo meu rosto.

— Você sabe que, se um dia, qualquer dia… — Engasgou e olhou para cima antes de voltar a me encarar. — Se algum dia você decidir que não é isso o que quer, saiba que estarei esperando de braços abertos. Estou falando isso, mas não tenho dúvidas de que vai dar certo, ele já mostrou o quanto a ama, e eu

quero que seja feliz. Apenas não se esqueça de que sempre terá uma família ao seu lado, para o que precisar.

Com muito custo, consegui controlar minhas lágrimas.

— Obrigada, papai — foi tudo o que disse. Eu sabia que ele já tinha aceitado Romeo, mas qual pai abriria mão de sua única filha, sem fazer um pequeno discurso antes?

— Acho melhor nos apressarmos, o noivo é Romeo Stone, então ainda temo que ele perceba o que está acontecendo e saia correndo — ele brincou e eu fui obrigada a gargalhar.

— Você é terrível, Robert Collins.

Caminhamos lado a lado e não deixei de notar que havia um batalhão de seguranças espalhados pelo jardim. Paramos em frente às grandes portas da capela, que estavam fechadas. A cerimonialista falou com alguém através do pequeno fone em seu ouvido e nos informou que assim que a música iniciasse, nós poderíamos começar a andar. Depois sorriu e foi para trás de mim, para ajeitar a calda do vestido e o véu.

As assistentes do cerimonial abriram as portas e eu soube que tinha chegado a hora.

Então, as notas de um saxofone começaram a soar uma música, e não era qualquer música, era *The Moment*, do Kenny G. A música que ouvi do meu apartamento nas primeiras semanas em que estava em Nova York, a música que tantas vezes eu e Romeo escutamos enquanto nos amávamos em seu quarto. A música que praticamente todos os dias coloquei para tocar no meu celular, enquanto ele estava em coma no hospital. Enfim, a nossa música.

Foi impossível não me emocionar. Não apenas por isso, mas porque Romeo fez questão de escolher o que estaria tocando quando eu estivesse entrando na igreja. Eu aceitei, pois já imaginava que ele escolheria nossa música, mas a cerimonialista estava ficando louca sem saber o que aconteceria, e como

ele não falou nada, eu também não falei.

Lentamente, eu e meu pai começamos a andar, e eu meio que travei, quando vi todas aquelas pessoas olhando para mim. Daí me lembrei da dica de Alyssa e foquei em Romeo.

Ele estava lindo, visivelmente nervoso e emocionado no altar. Seu olhar me percorreu e transmitia tanta adoração, que fiquei um pouco sem graça. Por isso meus olhos correram para os nossos padrinhos e madrinhas e então eu quase tive um infarto quando notei que a música estava sendo tocada pelo próprio Kenny G.

Sem conseguir me controlar, as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto. Era lindo demais, era tudo que eu sempre sonhei, sem nem ao menos ter sonhado. Meio louco, não? Mas era a verdade. Nunca imaginei ter uma cerimônia tão perfeita. Ela mal tinha começado e eu já sabia que seria inesquecível.

Parei em frente a Romeo, com as notas do saxofone ainda fluindo e ecoando por toda a igreja. Meu pai levou minhas duas mãos aos lábios, dando um beijo em cada dorso e depois falou alguma coisa no ouvido do meu futuro marido, no mínimo, alguma ameaça, mas Romeo apenas sorriu para ele e ambos se cumprimentaram. Então, meu homem se colocou à minha frente, ergueu o véu que cobria o meu rosto e me lascou um beijo daqueles, fazendo Alyssa arfar e sussurrar que ainda não tinha chegado a hora do beijo. Eu e Romeo sorrimos, sem nos importarmos por ele ter quebrado o protocolo.

Quando a música cessou, nos posicionamos em frente ao padre e a cerimônia começou.

Enquanto o sacerdote falava, fiquei refletindo sobre suas palavras. Eu não era uma cristã muito fervorosa, mas não seria difícil amá-lo e respeitá-lo, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença. Talvez eu achasse aquilo pelo fato de estarmos loucamente apaixonados, entretanto, não conseguia ver meus

sentimentos mudando, não conseguia me imaginar com outro homem, especialmente devido a uma traição e muito menos abandonando-o. Romeo era um tipo de homem tão incrível, que seria impossível abandoná-lo em qualquer situação que fosse. E sentia que toda aquela devoção era recíproca.

— Então, pelas leis da igreja a mim concedidas, eu vos declaro, marido e mulher.

Romeo sorriu daquele jeito charmoso, que fazia minhas pernas amolecerem e me beijou, dessa vez com carinho.

— Eu te amo, Julie Grace Collins-Stone.

— Eu também, meu Romeo — respondi, emocionada, e nos viramos para encontrar nossos pais, cada um abraçado ao seu par, com olhares chorosos.

Conforme caminhávamos em direção à saída, fui visualizando rostinhos conhecidos: Louise, Lisa, Charlotte, Ash e Connor, que tinham chegado há dois dias, entre outros. Foi impossível não me lembrar de Sandy, mas, por hora, ela não faria parte da minha vida; quem sabe um dia.

Saímos da igreja sob a tradicional chuva de arroz e fomos para a estrutura externa do castelo, onde aconteceria a festa.

— Podemos fugir agora ou temos que cortar o bolo antes? — perguntei a Romeo assim que chegamos no hall que precedia o salão principal.

— Nada de fugir antes de cortar o bolo e dançar a valsa — minha mãe falou. Pelo visto, estava de olhos e ouvidos bem abertos à nossa conversa. — Agora vem, você precisa se trocar.

Fomos até uma sala anexa ao salão e rapidamente troquei de vestido. Tanto o maquiador quanto o cabeleireiro estavam lá, e fizeram os retoques necessários. Na maquiagem apenas o batom, que Romeo tinha tirado no minuto em que me viu, já meu cabelo, demorou um pouquinho mais, uma vez que tinha que tirar o véu e voltar a colocar a presilha.

Quando retornei, Romeo estava me esperando no mesmo lugar. Dessa vez

seu olhar foi um pouco mais devasso, já que aquele vestido era bem mais decotado e colado ao meu corpo. Graças a Deus, minha barriga ainda era quase imperceptível, ou não poderia ter escolhido aquele modelo.

Entramos no salão principal e parei de caminhar quando vi a decoração. Havia muita folhagem de um verde mais claro, dezenas de rosas brancas e delicadas flores azuis, que eu havia pedido, por causa da cor dos olhos de Romeo. Estava perfeito.

— Ainda teremos dinheiro para pagar a universidade do nosso filho, ou elas gastaram nossas heranças no casamento? — perguntei, abismada.

Romeo gargalhou e me apertou.

— Relaxa, ainda temos dinheiro.

Revirei os olhos e me preparei psicologicamente, pois passaríamos a hora seguinte cumprimentando cada convidado, tirando fotos e recebendo felicitações, ou seja, a parte chata.

E qualquer noiva que falar o contrário, estará mentindo.

E foi tudo como eu havia previsto: tiramos fotos na mesa do bolo, depois com a família, então com os padrinhos e amigos, foram muitas fotos. Depois fomos cumprimentar nossos convidados e quando finalmente começamos a dançar a famosa valsa, meu corpo já dava sinais de cansaço, mas a felicidade era visível. Tirando o dia em que Romeo acordou do coma, aquele era o dia mais feliz da minha vida.

— Estou exausta — expressei.

— Eu sei, meu anjo, terminando a música eu vou roubá-la só para mim e exercer meus direitos de marido.

— Não vejo a hora de isso acontecer, não sabia que casar era tão cansativo, ainda mais quando não se pode beber.

Romeo, que tinha me ensinado a beber, sabendo que eu não poderia consumir álcool por causa da gravidez, resolveu ser solidário e também não

bebeu, segundo ele, deveríamos estar na mesma *vibe* para desfrutarmos a lua de mel. Sem contar que nunca foi preciso nos embebedarmos para curtir uma boa festa, a minha única limitação era o cansaço normal, agravado pela gravidez. E sorte a minha que todos entenderam quando decidimos encerrar a noite assim que cortamos o bolo.

— Nem pense em ir embora antes de jogar o buquê — Lisa exigiu, chorosa, e eu agradeci, pois tinha me esquecido daquele detalhe.

— Minha mãe é que sabe onde o buquê está. Por favor, Lisa, procure por ela e peça que chame as meninas, porque, assim que eu fizer isso, irei embora, preciso aproveitar o meu marido gato e gostoso.

Romeo gargalhou e me abraçou.

Em menos de dez minutos, minha mãe já tinha dado um jeito de organizar as meninas. Subi no palco onde a banda se apresentava, para que eu pudesse jogar o buquê. Passei os olhos pelas convidadas e avistei Romeo e seus amigos bem ao fundo, estavam se matando de rir do empurra-empurra das minhas amigas.

Voltei a ficar de costas e elas contaram até três em um só coro, então joguei o buquê com força e me virei logo em seguida para constatar que a sortuda tinha sido Louise Stone, que pareceu sem graça e não muito satisfeita, o que me fez rir muito e Alyssa sorrir, esperançosa.

Minha cunhada era tão independente e confiante, talvez por causa de sua profissão e da área em que se especializou, ela se achasse imune ao amor.

Bom, eu também achava, pelo menos com relação a homens como Romeo e olha no que deu.

Louise havia me confidenciado que se sentia meio cansada de viajar, fazer pesquisas e escrever artigos. Estava decidida a voltar definitivamente para Nova York assim que acabasse o doutorado que fazia na Alemanha para, enfim, começar a trabalhar em sua área. Com ela por perto, seria muito mais

interessante acompanhar sua vida, que era tão diferente da minha, especialmente quando o cupido acertasse seu coração, como havia feito comigo e Romeo.

Desci do palco com a ajuda da minha mãe e os músicos voltaram a tocar. Passei pelos convidados com um sorriso aberto e me encontrei com Romeo no fundo do salão.

— Podemos ir? — ele perguntou, abraçando-me carinhoso.

— Podemos, sim, meu amor.

Saímos de fininho, escoltados por alguns seguranças que nos acompanhariam até chegarmos à suíte “real” que havia no castelo, onde passaríamos a noite. Eu queria aproveitar minha lua de mel, e seria muito cansativo viajar logo após a festa, então decidimos ficar ali mesmo. Caminhamos abraçados, subimos alguns lances de escada até, finalmente, chegarmos à nossa suíte.

— Acho que agora é a hora em que eu a pego no colo — ele disse, divertido, pegando-me com cuidado. Depois abriu a porta da suíte e entramos, rindo feito dois idiotas, que ficaram de boca aberta com a estrutura do quarto.

— Tem certeza que elas não gastaram todo nosso dinheiro? Olhe para isso!

Romeu sorriu e me colocou sentada na cama. Depois voltou para trancar a porta, enquanto eu ainda olhava para tudo ao nosso redor, completamente impressionada.

O legal daquele castelo, era o fato de ter sido completamente reformado, então a decoração misturava elementos e design do século XV com a modernidade dos tecidos e texturas dos dias atuais.

— Vem cá! — Romeo chamou, assim que terminei de tirar minhas sandálias.

Peguei na mão dele e caminhamos até a enorme sacada oval do nosso quarto, de lá, dava para ouvir a música que vinha do salão principal. Romeo colou nossos corpos e começou uma dança lenta, apenas um balançar que ia de

um lado para o outro.

— Quando foi que se apaixonou por mim, Julie? — ele perguntou, de repente, pegando-me de surpresa.

— Quando disse que não transava com virgens. Eu adoro um desafio e fiquei doidinha por você naquele momento.

Ele gargalhou e disse:

— Acho que meu subconsciente já sabia que eu me meteria numa encrenca.

— E você, Romeo, quando foi que se apaixonou por mim? — quis saber quando parei de rir.

Ele franziu o cenho e ficou me encarando, antes de confessar:

— Talvez não se lembre, mas no dia em que fomos ao bar de rock antigo, eu parei em um posto para comprar água e chocolate. Você aceitou o chocolate, mas a água, não. Saímos de lá e fomos direto para a minha casa. Quando parei o carro no estacionamento subterrâneo, já parecia um pouco melhor, então quando abri sua porta, havia um sorriso travesso nos seus lábios e um brilho lascivo em seu olhar. Lembro como se fosse hoje, dos seus braços se pendurando no meu pescoço, seu corpo se erguendo e ficando na ponta dos pés para me olhar nos olhos. Você mordeu o lábio e falou: ‘chocolate é bom, mas chocolate e você, deve ser irresistível’. Então, antes que eu falasse qualquer coisa, você se inclinou e me beijou, e beijou, e nós só não transamos no estacionamento do prédio, porque você deitou a cabeça no meu ombro e dormiu. E foi nesse dia que me dei conta de que você seria encrenca na minha vida. Eu neguei a mim mesmo, por muito tempo, mas fiquei apaixonado logo de cara por aquela inglesinha linda, inteligente, decidida; coisas que eu nem sabia que admirava em uma mulher, até te conhecer.

Fiquei feito uma estátua, olhando para ele, sem acreditar em seu relato.

— Meu Deus, Romeo, como eu não me lembro de nada disso?

— Foi seu primeiro porre, é normal que não se lembre.

— Mas eu acordei sozinha. Se estava tão a fim de mim, por que não ficou comigo?

Ele sorriu e passou os dedos pelo meu rosto.

— Eu fiquei com você, sim, foi a primeira noite que dormimos juntos, mas saí do quarto antes que acordasse, não queria embaraçá-la.

— Nossa, eu jamais sonharia que tinha feito tudo isso naquela noite, mas não duvido que tenha feito. Você é capaz de virar a cabeça de qualquer mulher, Romeo. Tire por mim, que jamais imaginei que algum dia me casaria com um playboy *bon vivant*.

Ele fez cara de ofendido.

— Ex-playboy boa vida — afirmou e beijou a ponta do meu nariz. — Pode parecer piegas, mas, mesmo morando juntos, eu me pego pensando em você várias vezes durante o dia. Eu te amo demais, Julie — declarou.

Mordi o lábio dele, sentindo-me deliciada por ter me casado com o amor da minha vida. Pendurei-me e ali, sob um céu estrelado e a luz do luar, selamos aquele momento de confissões, com o melhor beijo de todos, cheio de sentimento, entrega e paixão.

Quando finalmente nos afastamos, eu o fitei com a minha melhor cara de safada.

— Vai demorar muito para me deixar pelada?

Ele gargalhou, pegou-me no colo e me carregou para dentro.

Tinha a impressão de que aquela frase marcaria os minutos que antecederiam todas as nossas noites de amor.

Depois de tudo o que passamos juntos, eu só podia acreditar que aquela vontade insana que me motivara a sair de Londres e ir para Nova York, era a pura força do destino pulsando dentro de mim. Alguma coisa no meu ser, já

sabia que eu encontraria o grande e verdadeiro amor da minha vida. Amor esse, que foi se construindo aos poucos, se moldando, se encaixando, superando brigas e a tão dolorosa traição.

Porque a vida era aquilo, uma página em branco que ganhamos todos os dias. Nós nem sempre ficaremos orgulhosos das linhas escritas, afinal, o ser humano é falho, sempre haverá mágoas, momentos de tristeza, mas também a alegria por ter acertado em vários momentos. Deus nos deu o livre arbítrio, para traçar nossos próprios caminhos, e apenas nós podemos decidir o peso que o erro do outro terá em nossas vidas, por esse motivo, é importante se conhecer e pesar todas as situações.

A traição de Romeo foi dolorosa e talvez eu jamais a esqueça, mas resolvi guardar aquela mágoa em uma gaveta no fundo da minha alma, num lugar bem pouco visitado, pois era muito mais fácil valorizar o que estávamos construindo, do que cultivar o ódio por um erro que não poderia ser remediado.

E quando começamos a entender que o ser humano erra, começamos a aceitar que não podemos prender ninguém ao nosso lado. Romeo me traiu no início do nosso relacionamento e apesar de saber que ele me amava, eu não tinha qualquer garantia de que aquilo não fosse acontecer novamente. Porque a vida era assim, cheia de curvas sinuosas e incertezas, que muitas vezes nos faziam questionar o que iria acontecer no dia seguinte, ou dali a um ano, em vez de perceber que a vida estava acontecendo naquele momento.

Eu demorei bastante tempo para perceber que a nossa passagem na terra era breve, e se pudesse voltar no tempo, teria feito as mesmas escolhas, inclusive o perdão que dei ao homem que amava, porque amar não significava estar com a pessoa somente nos momentos bons, era, além de outras coisas, reconhecer que, assim como você, o outro também erra e que perdoar pode ser o primeiro passo para uma linda história.

EPÍLOGO

Romeo

VÁRIOS ANOS DEPOIS...

Eu estava fazendo um tradicional churrasco americano para meu pai e meu sogro na área externa da cobertura, quando escutei os berros de Julie. Era domingo, Laura e minha mãe tinham saído para fazer compras e, como de costume, nosso filho estava deixando minha mulher maluquinha.

— Romeoooooo! — ela gritou novamente e meu pai me olhou, divertido.

Deixei-o cuidando do churrasco e fui ao encontro da minha Julieta, já sabendo que o nosso pequeno havia aprontado alguma coisa. Eu sempre imaginei que crianças fossem levadas, mas quando queria, nosso filho extrapolava todas as leis da natureza.

— O que foi, amor? — perguntei, abraçando-a por trás.

— Olha o que ele fez! — ela apontou para Harry e em seguida, começou um de seus ataques de riso intermináveis.

Olhei para o pequeno que “usava” um de meus caríssimos ternos, que ele havia recortado nas pernas e nos braços, para que pudesse se ajustar aos seus braços e pernas. Havia pedaços de tecido espalhados pelo quarto, onde *Astor* se esbaldava, rolando e mordendo, parecendo o filhote que ele já não era há muito tempo.

Quando voltei a fitar Harry, ele me olhava com seus olhinhos azuis assustados, provavelmente imaginando qual seria o castigo da vez.

— Não é bom quando ela começa a rir desse jeito — ele disse e olhou para

baixo.

Julie parou, provavelmente, sentindo pena do pequeno travesso.

— Não, não é bom sinal — falei sério e ele voltou a me olhar.

— Desculpe, pai, eu só queria ficar parecido com você.

Sentei-me no sofá e o coloquei no meu colo.

— Como assim, parecido comigo?

Ele ficou me olhando, depois olhou para Julie e começou a tagarelar.

— Eu ouvi a professora de música dizendo que gostava de homens que usavam terno, então eu pensei que a Lexy também pudesse gostar.

— Quem é Lexy, querido — Julie perguntou.

— Filha da professora, eu gosto dela.

Olhei para Julie e contive uma gargalhada, ela também estava se segurando para não rir.

— Filho, se você quiser um terno igual ao do papai, nós providenciaremos, mas não faça mais isso, a mamãe fica muito chateada.

Ele sorriu e olhou para Julie.

— Desculpe, mamãe.

Ela se sentou ao meu lado e o puxou para seu colo.

— A mamãe desculpa, seu pequeno travesso, amor da minha vida. Mas que história é essa de estar gostando da filha da professora de música? — perguntou e começou a fazer cócegas nele, para logo o encher de beijos.

Desde muito pequeno, Harry Arthur Collins-Stone demonstrou ser uma criança diferente. Apesar de levado, ele tinha vários rompantes de seriedade, que às vezes nos deixavam assustados, pelas coisas que falava. Ele era muito, mas muito inteligente. Havia herdado a esperteza e engenhosidade dos Collins. Ao mesmo tempo, era um sedutor nato, um típico Stone. Era incrível como se livrava das maiores encrencas, apenas nos levando na conversa e jogando

charme.

— Ela é linda, mamãe e sabe de todas as coisas do mundo.

Gargalhamos pela forma apaixonada como ele falou.

— Como assim, sabe de todas as coisas do mundo? — questionei, curioso.

— Ela sabe sobre tudo, pai, e é muito engraçada. Quero casar com ela um dia.

Foi impossível não ficar comovido, meu pequeno travesso estava mesmo apaixonado e eu conseguia ver semelhança entre a sua amada Lexy e minha linda Julie; se eu tivesse que a descrever quando criança, seria mais ou menos assim.

— Filho, quer um conselho de homem *pra* homem?

Ele balançou a cabeça e começou a tirar os pedaços de terno do seu corpo, ficando apenas de camiseta, bermuda e chinelo.

Arrumei seus cabelos escuros com os dedos enquanto Julie observava nosso papo de garotos.

— Não fique imaginando o que ela gosta ou deixa de gostar, seja você mesmo e faça as coisas que tem vontade, não temos que nos moldar a ninguém. Você é um garoto incrível, logo ela estará de quatro. — Dei uma piscadela e ele sorriu, mas logo franziu o cenho.

— E se não der certo? — perguntou e ficou me olhando à espera de uma receita mágica.

— Aí você dá em cima da melhor amiga dela ou de alguma garota bem próxima, não tem erro.

— Romeooo! — Julie me repreendeu e eu gargalhei.

— Qual é, mãe, eu tenho que correr atrás do que quero. Valeu, pai.

Ele me abraçou e foi para fora, se jogar nos braços do vovô Harv, com *Astor* em seu encalço.

Robert tentava estar sempre presente, mas morando em Londres, ficava complicado, por isso, Harry era muito ligado ao meu pai; os dois viviam juntos, para cima e para baixo e todas as vezes que ficava de castigo, dava um jeito de ligar para o avô, que aparecia para salvá-lo.

O garoto era incrível em todos os sentidos e suas travessuras só eram perdoadas, porque ele sempre tinha uma boa história para contar em sua defesa.

— Esse garoto ainda vai me matar do coração — Julie disse e me abraçou.

Nosso sonho de ter mais um filho foi repensado assim que Harry começou a andar. Desde os primeiros passos, notamos que ele seria muito levado. Mas Julie nunca quis saber de babá, segundo ela, seria terrível perceber que o filho estava mais apegado à outra pessoa que à própria mãe, pois geralmente era o que acontecia com mães que iam trabalhar e deixavam a prole o dia todo sob os cuidados de babás.

Por isso, nos três primeiros anos de vida do nosso Harry, ela se dedicou em tempo integral a ele. Então nós o matriculamos em uma escolinha por apenas meio período e desde então ela ficava com ele durante a manhã e ia trabalhar na empresa de sua família à tarde, quando ele estava na escolinha.

Em dois meses, entretanto, quando o ano letivo se iniciar, ele terá idade para realmente ingressar na escola e Julie voltará a trabalhar normalmente. Ela já tinha tudo esquematizado: levará o pequeno para a escola às 7 da manhã e irá para o trabalho, de onde sairá às 4h da tarde, para pegá-lo na saída. Dessa forma, conseguirá trabalhar o número de horas normal e continuará com nosso filho.

— Ele é incrível, o melhor presente que já ganhei na vida.

Puxei Julie para os meus braços e a beijei.

A única coisa que não havia mudado era a sintonia entre nós dois. Não poderia dizer que não brigávamos, Julie continuava tão ciumenta quanto no início do nosso relacionamento e ainda me infernizava por causa das secretárias e advogadas das Indústrias Stone, marcando presença constantemente. Eu não

me importava, tinha aprendido a lição da pior forma possível, mas era gostoso saber que, mesmo anos depois, ela continuava tão apaixonada por mim, quanto eu era por ela.

Saímos para a área externa abraçados e lá estava ele, tagarelando sem parar.

— E aí, qual a boa da vez? — ela quis saber, sentando-se ao lado de Robert, que estava de boca aberta com a desenvoltura do nosso filho.

— Ele quer patrocínio para uma campanha que fará daqui a alguns anos.

Estreitei os olhos e encarei Harry.

— Que campanha, querido? — Julie indagou, tomando um gole da minha cerveja.

— Eu quero ser presidente e preciso de dinheiro *pra* isso.

Julie engasgou com a bebida e começou a rir. Ela sabia que tudo que ele colocava na cabeça, dava um jeito de conseguir. Meu pai ficou olhando para o neto com olhos amorosos, provavelmente imaginando que tipo de criança pensaria em ser presidente dos Estados Unidos com tão pouca idade.

— E de quanto dinheiro estamos falando? — Robert incentivou a brincadeira.

— Alguns milhões, vovô — ele disse, desanimado, e todos nós rimos.

— De minha parte está tudo certo. Se for isso que quiser de verdade, o vovô ajudará — meu pai disse e o rosto dele se iluminou.

— Podemos fazer um contrato? Vai que você muda de ideia até lá.

Mais uma vez, soltamos um coro de risadas, ele era esperto demais para a idade. Parecia um homem adulto no corpo de um garotinho.

O negócio do contrato começou quando ele escutou uma conversa minha com um cliente ao telefone, depois disso, tudo tinha que ser por contrato. Todos achavam um barato. Ele convivia apenas com adultos que trabalhavam em

grandes empresas, e talvez por esse motivo, estivesse amadurecendo rápido demais, razão pela qual decidimos colocá-lo na escolinha, achávamos importante que ele interagisse com outras crianças.

— Podemos, sim. Romeo, você empresta o seu escritório?

Confirmei com a cabeça e os dois se foram. Fiquei olhando para o meu filho. Tinha certeza de que muito em breve estaria sentindo falta dessa época, por isso mesmo, já estava com um plano em mente para engravidar Julie outra vez.



Conforme o tempo foi passando, eu fui me dando conta do quanto havia sido abençoada.

Eu tinha um marido maravilhoso e um filho amoroso e levado, que me deixava de cabelos brancos. Apesar de inteligentíssimo e compenetrado, Harry Stone tinha seus momentos de travessura como toda criança. Não eram raras as vezes em que ouvia algo se quebrando ou caindo. Também já encontrei paredes rabiscadas ou brinquedos fora de lugar. E ainda tinham as reclamações que vinham da creche de vez em quando, mas não por seu comportamento e sim por causa de garotas. Toda semana ele estava apaixonado por uma diferente, as meninas já discutiam por causa dele e volta e meia rolava uma confusão envolvendo o nosso pequeno. Romeo ficava todo bobo, dizia que ele era um legítimo Stone, pois desde pequeno, já demonstrava um grande interesse pelo sexo oposto.

Sempre que ouvi aquilo revirava os olhos e pedia a Deus que meu filho

fosse um pouco menos mulherengo que seu pai.

De resto, poucas coisas mudaram. Lisa continuou sendo minha fiel assistente, mas ascendeu de posto quando tive que ficar ausente por causa do Harry. Ela foi primordial e praticamente tomou conta de tudo naqueles primeiros anos. Então, era mais que justo que fosse colocada num cargo compatível ao trabalho que estava fazendo. Ainda assim, continuávamos trabalhando juntas, dividindo uma assistente.

Sandy, de fato, não voltou a fazer parte do meu círculo de amigos, mas fiquei sabendo que havia se casado e já estava no segundo filho. De coração, desejava que ela estivesse feliz.

Richard foi julgado e condenado a mais de vinte anos de prisão e Luna nunca mais deu as caras.

Há dois anos, um escritório de advocacia entrou em contato, pedindo recomendações sobre ela. Na época, Romeo me confidenciou que o RH não forneceu nenhuma informação e me perguntou o que deveria fazer. Achei justo ele ter me consultado, afinal, eu tinha sido a maior prejudicada naquela história toda. Por isso minha resposta foi muito simples: que não fizessem nada. Não iríamos ajudá-la com uma bela carta de recomendação, mas também não atrapalharíamos, ela que seguisse a sua vida e, de preferência, bem longe de nós.

Não adiantava ficar alimentando o ódio que eu sentia dela. Tinha aprendido, com o tempo, que as pessoas erravam e Luna só chegaria perto de Romeo novamente se ele permitisse. Mas tinha certeza de que ele havia aprendido a lição. Além disso, eu não dava folga um minuto sequer, todos os momentos em que o nosso terremoto estava na casa dos avós ou dormindo, eu aproveitava para desfrutar de Romeo. Tinha achado que os anos acalmariam os meus hormônios, mas continuava cada dia mais ardente.

E era exatamente assim que estava me sentindo naquele momento. Havia acabado de sair do banho e resolvi procurar o meu homem pela casa. Fechei o

roupão e caminhei até o escritório, tinha certeza de que o encontraria lá.

Encostei-me no batente da porta e fiquei admirando meu marido. Ele usava camisa e calça social, ambas pretas e estava lindo como sempre. Os homens da família Stone eram como vinho, só melhoravam com o passar dos anos.

— Vai ficar me olhando com essa cara de safada até quando? — falou, sem olhar para mim e eu sorri.

Passei pela porta, tranquei-a e assim que cheguei perto de Romeo, montei em seu colo. Ele afastou um pouco a cadeira, para nos dar espaço, e abriu o laço do meu roupão.

— Foi meu melhor investimento, ficaram lindos — disse e passou a língua por um dos meus seios.

Eles haviam ficado um pouco flácidos depois de quase um ano amamentando o meu pequeno bezerro, então decidi colocar próteses de silicone. Romeo foi contra na época, tinha medo de qualquer intervenção cirúrgica, mas depois do pós-operatório, não desgrudou mais deles, que ficaram tão naturais e macios quanto os antigos.

— Você sempre fala isso — zombei e depois gemi, quando ele mordeu um bico com mais força. — Preparei uma surpresinha. — Lambi a orelha dele, sentindo seu membro pulsar entre as minhas pernas.

— Acho que não aguento esperar até a noite — falou, colocando-me sentada em sua mesa para desafivelar o cinto e descer o zíper de sua calça, exibindo seu pau, já ereto.

Passei a língua pelos lábios louca para cair de joelhos e colocá-lo todo dentro da boca, mas ele tinha outra ideia.

Voltou a se sentar e me puxou para seu colo, atacando minha boca, daquele jeito que eu adorava. Então desceu a mão para o meio de minhas pernas e afundou os dedos na minha boceta.

— Sempre pronta — falou entre meus lábios e substituiu seus dedos pelo

membro, que entrou até o fundo, fazendo-me gemer e cravar as unhas nos ombros dele. — Gostosa — elogiou e eu ergui o corpo para tomá-lo por inteiro, uma e outra vez. Eu adorava fazer amor com ele no escritório, já tinha cavalgado naquele pau delicioso incontáveis vezes, enquanto ele estava sentado feito um lorde em sua cadeira.

— Paiiiiiiiii!

Fechei os olhos ao escutar a voz de Harry. Olhei para Romeo, que já estava com o esboço de um sorriso no rosto.

— Isso vai ser rápido — afirmou, levantando-se comigo no colo e me colocando inclinada sobre sua mesa. Ele segurou meus quadris, encaixou seu pau na minha boceta e agarrou uma mexa do meu cabelo. Empinei ainda mais a bunda e o senti investir com tudo. Romeo começou a dar estocadas fortes e profundas, que me faziam ficar nas pontas dos pés.

— Ah, meu Deus, isso, assim, amor — incentivei, sentindo seus dedos no meu clitóris ao mesmo tempo em que ele me invadia, sem dó nem piedade. Romeo tinha ficado mais bruto no sexo, fazendo-me gozar muito mais rápido. Como já conhecia meu corpo tão bem quanto eu, colocou a mão na minha boca quando percebeu que eu estava prestes a gozar. Já que eu também andava bem escandalosa, tínhamos que fazer malabarismos para nosso filho não descobrir que seus pais viviam se comendo pela casa.

Romeo se apertou junto ao meu corpo e senti seus dentes se cravando no meu ombro, enquanto os jatos quentes de seu gozo me invadiam. No final, eu estava com as pernas moles, as mãos espalmadas sobre a mesa, mas completamente feliz e satisfeita.

— Pai, você está aí? — Harry berrou, batendo na porta.

— Estou, sim, filho, só um minuto.

Romeo saiu de dentro de mim e arrumou as roupas do jeito que pôde, indo em direção à porta. Já eu, fechei meu roupão e me sentei em sua cadeira, como

se não tivesse acabado de gozar loucamente.

— Oi, filho, precisa de alguma de algo?

Harry olhou desconfiado para Romeo e depois para mim.

— Preciso de ajuda numa coisa.

Romeo bagunçou o cabelo dele.

— Claro, vamos lá.

Nosso filho vivia inventando coisas e apesar de me chamar para ajudá-lo muitas vezes, sempre preferia a companhia do pai, então, deixei que meus dois homens se fossem e corri para o quarto. Precisava tomar um banho e me preparar para aquela noite.



Depois de ajudar Harry com seu novo projeto, nós jantamos juntos, como de costume e em seguida, Julie o colocou para dormir. Caía uma tempestade feia em Nova York, então tinha a impressão de que ela demoraria, já que nosso pequeno odiava trovões.

Tomei um banho demorado e, quando saí do banheiro, fiquei de boca aberta com a roupa que Julie estava usando. Era tão sexy, que senti meu pau endurecer no mesmo instante. A lingerie era uma espécie de maiô de renda, todo recortado, deixando os seios e a boceta à mostra. Fiquei com água na boca.

— Nossa! — falei me aproximando e terminando de secar meu corpo.

Julie não disse nada, apenas ficou de joelhos e engatinhou até mim. Se aquela mulher soubesse o que aquela cena fazia com a minha cabeça…

Ela parou em frente ao meu corpo e subiu as mãos pelas minhas coxas, para em seguida, segurar meu membro e começar a massageá-lo. Depois de alguns segundos, passou a língua na glande, fazendo meu corpo tencionar com aquele toque quente e delicado.

Engalfinhei os dedos em seus cabelos e gemi alto quando ela abocanhou meu pau, levando-o até o fundo de sua garganta.

— Isso, chupa, gostosa… — incitei enquanto ela me engolia, sem tirar os intensos olhos cheios de luxúria de mim.

Julie era uma mulher de sangue quente, gostava de sexo e eu adorava aquela qualidade nela, uma vez que ambos éramos criaturas carnais. Ela era louca por mim e eu por ela e aquilo só se intensificou com o passar dos anos. Minha esposa vivia me surpreendendo, não deixava nosso casamento cair na rotina e se cuidava bastante, assim como eu.

Sua língua circulou em um local especialmente sensível e eu não resisti e acabei me despejando dentro de sua boca, enquanto ela se esforçava para engolir tudo. Minha respiração foi se acalmando e Julie continuou passando a língua pelo meu pau até deixá-lo completamente limpo. Então começou a subir pelo meu corpo e deixou um beijo na minha boca.

— Sou louco por você, minha Julieta — falei, sincero, ela sorriu; adorava quando eu usava o apelido que a imprensa nos deu, depois do atentado de Richard.

— Eu também, meu amor — disse e voltou a me beijar.

Eu estava prestes a jogá-la na cama, quando fomos interrompidos por batidas na porta.

— Diga para mim que não é ele — ela pediu, encostando a cabeça na curvatura do meu pescoço.

— Pai? — Harry chamou com a voz baixa e nós dois rimos.

— E depois você ainda quer outro filho.

— Quero e muito — garanti e lhe dei um beijo.

— Vou trocar de roupa, vá ver o que ele quer, apesar de já imaginar — ela desconversou e se afastou, indo para o banheiro.

Eu coloquei uma boxer e, mal tinha aberto a porta, Harry passou correndo por mim e subiu na nossa cama, puxando a coberta até a cabeça. Julie terminou de escovar os dentes e foi até ele.

— Harry, o que houve? — ela perguntou, dando-me um sorriso conhecedor.

— Mãe, posso dormir com vocês? Eu não gosto muito de trovões.

Uma coisa engraçada, era o fato de nosso filho não assumir que tinha medo. Harry jamais colocava a palavra medo em suas frases, sempre dizia não gostar disso ou daquilo.

— Claro, meu amor — ela disse, carinhosa, entrando embaixo das cobertas.

Os dois me olharam e fui até a cama, me juntando a eles. Harry escolheu um filme de ação, e enquanto os relâmpagos cortavam o céu lá fora, peguei-me pensando em como me sentia completo com a minha pequena família. Eu tinha uma mulher e um filho incríveis, e embora nossa noite de amor tivesse sido interrompida, estava ciente de que casamento era aquilo, saber trocar uma noite de amor com minha linda esposa, para ficar com o nosso filho, que se intitulava o futuro presidente dos Estados Unidos, mas tinha medo de trovões.

Só tinha a agradecer a Deus por ter me dado uma segunda chance de viver meu grande amor. Eu havia errado com Julie no passado, mas não seria idiota de trocar a maior riqueza que um homem poderia ter, por qualquer outra coisa. Desde que recebera a notícia da gravidez dela naquele hospital, decidi que viveria para eles, e tinha prazer em afirmar, categoricamente, que foi a melhor decisão que já tomei na vida.

Minha próxima missão seria colocar meu plano em prática e dar um jeito

para que minha inglesinha me desse outro filho.



Querida leitora, gostaria de pedir que deixasse uma avaliação, é muito importante saber sua opinião.



Ainda pode haver alguns erros no texto, que já estão sendo corrigidos. Então, peço que deixem a opção de Atualização Automática — existente na sua página Dispositivos e Conteúdo, no site da Amazon —, LIGADA, ou deem uma olhada lá de vez em quando para terem sempre a versão atualizada do livro.

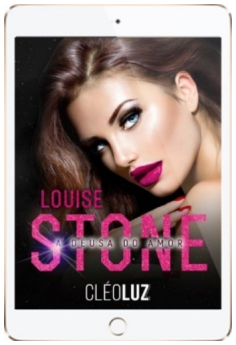


Obrigada por ler meu livro.
Beijos, Cleo.

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DA AUTORA

LOUISE STONE – A DEUSA DO AMOR

(CLÃ STONE 03 – Lançamento 2019)



Após uma desilusão amorosa, **Louise Stone** se fechou para o amor e decidiu estudar com afinco para entender o universo masculino e, assim, não cometer os mesmos erros do passado.
Todos esses anos de pesquisa foram úteis para sua estabilidade emocional e contribuíram para a ascensão de sua carreira, tornando-a uma psicóloga renomada e constantemente presente nos *talk shows* mais famosos dos Estados Unidos.
Aquela estava sendo a melhor fase de sua vida, pois havia, finalmente, conseguido o equilíbrio entre vida pessoal e profissional, devido a isso, envolvimentos sentimentais não estavam em seus planos.

Considerado por todos como um prodígio dos negócios, **Tony Osborne** era extremamente atraente e quando não estava comandando o Grupo Osborne, os interesses desse CEO giravam em torno de festas, mulheres e tudo de melhor que o dinheiro poderia pagar.
Na vida desse belíssimo libertino não havia lugar para relacionamentos sérios, a não ser que a candidata fosse a aparentemente inacessível Srta. Stone, a mulher que vinha tirando seu sono nos últimos tempos.

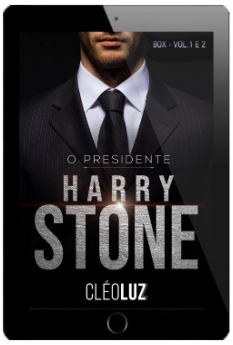
Ela odeia tipos como ele...
Ele admira mulheres como ela...

A Deusa do Amor é um delicioso romance que vai te ajudar a refletir sobre o universo que envolve as relações amorosas de um jeito apaixonante e divertido.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

HARRY STONE – O PRESIDENTE (Vol. 1 e 2)

(CLÃ STONE 04 – Lançamento 2020)



Harry Stone cresceu em meio ao glamour, dinheiro, status e poder, coisas que sempre foram comuns ao clã Stone, conhecido não apenas por gerir a maior fábrica de armas do mundo, mas também pela beleza que transcendia as gerações. Entretanto, desde muito novo demonstrou um interesse genuíno pela política. Diante disso, seus passos foram calculadamente guiados para que um dia conseguisse realizar o grande sonho de se tornar Presidente dos Estados Unidos.

Tudo ia muito bem, até ele se dar conta de que não conseguiria chegar ao salão oval, sem ter uma primeira dama ao seu lado.

Elizabeth Reagan é de uma família tradicional e completamente falida de Washington DC. Ela cresceu sob o jugo de uma mãe opressora e viu a maior parte de sua vida passar de dentro dos muros da velha mansão dos Reagan. Quando ouviu o boato de que Harry Stone estaria à procura de uma esposa, Eleanor Reagan viu no bilionário a salvação para sua ruína e ela faria de tudo para que um dos melhores partidos dos Estados Unidos, se interessasse por sua filha.

Preparem-se, pois esse conto de fadas moderno irá aquecer nossos corações.

HARRY STONE – O PRESIDENTE

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

HARVEY STONE - O CEO DOS MEUS SONHOS

(CLÃ STONE 01)



MAIS DE 1 MILHÃO DE LEITURAS ONLINES

Alyssa Finger sempre teve como meta, estudar em Harvard e tornar-se uma executiva de sucesso. Por isso ela nunca se importou com as zombarias que recebia devido às suas roupas largas e coloridas e aos enormes óculos que adotou como uma espécie de escudo.

Mas um dia, literalmente, esbarra com o homem mais lindo que seus olhos já viram e se apaixona instantaneamente. Sabendo que nunca será notada, ela se conforma em observá-lo de longe.

Agora, anos depois, ela trabalhará com o homem dos seus sonhos e após uma mudança radical, feita com a ajuda de seu melhor amigo, Alyssa está pronta para tentar conquistar o coração do bilionário mais cobiçado de Nova York.

Harvey Stone é o CEO das Indústrias Stone, um dos maiores conglomerados do mundo. Ele é implacável nos negócios e desde que assumiu a liderança do grupo, praticamente triplicou seu faturamento.

Rodeado por belas mulheres e frequentando os melhores lugares que o dinheiro pode pagar, este sedutor encontrará em sua nova assistente um grande desafio.

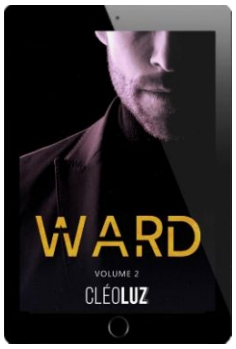
Totalmente seduzido, ele está a ponto de quebrar sua regra número um: jamais se envolver com uma de suas funcionárias.

Esse é um romance sensual que te fará amar nossos protagonistas, mas também os odiar em vários momentos. *Descubra o porquê após ler o primeiro livro do Clã Stone*.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

WARD

(Lançamento 2020)



Lacey Smith conheceu seu príncipe encantado, iniciou o curso dos seus sonhos e estava passando pela melhor fase de sua vida.
Aqueles momentos de dor e desequilíbrio haviam ficado para trás e tudo o que lhe restava era viver como qualquer outra garota de sua idade.

No entanto, as coisas começam a se complicar quando ela percebe que o mundo cheio de glamour no qual Thomas Ward está inserido, não é tão excitante assim. E é aí que começam suas dúvidas: será que ela conseguirá lidar com o peso de namorar um homem tão poderoso?

Além disso, logo cedo ela descobre que a universidade não é para os fracos, que nem todas as famílias querem o bem de seus pares, que o universo corporativo não é tão excitante assim e que basta vacilar um pouco, para que problemas do passado voltem para te atormentar.

No segundo volume de WARD, Lacey e Tom terão que aprender a conviver com o ciúme, armações e inimigos que farão de tudo para destruir seu conto de fadas.

– BOX (VOL. 1 e 2) DISPONÍVEL NA AMAZON –

DICAS PARA ESCREVER ROMANCE

(Lançamento 2020)



Como você começou a escrever?
Como escrever?
Como lançar na Amazon?
Como viver de escrita?

Estas foram algumas das perguntas que recebi ao longo dos anos, tanto de minhas leitoras como de aspirantes a escritoras.

Como não dava para responder todas que chegavam a mim forma individual, resolvi desenvolver este e-book, especialmente para quem quer escrever romances e publicá-los na Amazon, mas acredito que as noções básicas contidas aqui poderão ajudar na criação de qualquer gênero literário.

Espero muito que gostem, desejo que minha experiência sirva de incentivo para futuras escritoras e que minhas dicas sejam de real ajuda na hora de compor suas estórias.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

WARD

(Spin-Off de Deusa do Amor)



Lacey Smith é uma linda jovem que arranca suspiros por onde passa, tanto pela beleza quanto pela jovialidade e vulnerabilidade que exala. Mas o que as pessoas não sabem, é que por trás de toda aquela leveza, existe um coração ferido e uma mente conturbada devido a um relacionamento problemático do passado.
Decidida a seguir em frente, ela consegue uma vaga na Ward Corporation e aposta todas as suas fichas em uma nova rotina que a ajude a conseguir o equilíbrio emocional de que tanto necessita.

Thomas Ward é um verdadeiro lorde inglês que resolveu levar seus negócios para Nova York com a esperança de deixar em Londres todos os problemas familiares que o acompanham desde muito novo.
Mesmo vivendo na cidade que nunca dorme, ele continua com sua rotina solitária e regrada, permeada de relacionamentos passageiros, algo que o incomoda bastante, já que é um homem à moda antiga que prefere cortejar e conquistar uma mulher, a dispensá-la após uma noite de sexo.

Embora estivesse decidido a focar seus esforços na expansão de sua empresa, ele se vê questionando vários princípios quando o destino coloca Lacey Smith em sua vida.
Seria certo se apaixonar por uma garota tão nova, sofrida e que ainda por cima fazia parte de seu quadro de funcionárias?

Ele é um homem feito em busca de uma felicidade que nunca sentiu.
Ela, uma jovem garota desiludida devido a um amor que lhe fez sofrer.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

LOUCO POR ELA

(Lançamento 2019 – Livro completo)



UM AMOR PARA A VIDA TODA

Ainda adolescente, Julia Albernaz se apaixonou por Leonel Brandão, que além de sócio, também era o melhor amigo de seu pai. Desde então, ela nunca poupou esforços para chamar a atenção de seu amor platônico.

Leonel, por sua vez, achava graça dessa paixonite de Julia, para ele, suas declarações não passavam de brincadeiras de criança, sem qualquer fundamento.

Depois de muita desilusão, Julia decidiu estudar fora do Brasil, com a esperança de esquecê-lo. Infelizmente, quando retorna para casa, após cinco anos, descobre que seus sentimentos por Leo não mudaram.

Entretanto, ela não é mais aquela adolescente boba, que vivia implorando por atenção. Julia se tornara uma mulher madura e confiante, e agora sabia muito bem como lidar com o único homem, que virava seu mundo de ponta cabeça.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

GAROTA VIP

(Lançamento 2019)



ELE ERA SUA MISSÃO E SE TORNOU SUA PERDIÇÃO

Zara Maxwell é uma agente secreta treinada para se infiltrar entre os figurões de Washington e descobrir tudo o que puder sobre eles. Esta esperta espiã usa de sua beleza, habilidade e inteligência fora do normal, para conseguir cumprir todas as suas missões e segue apenas uma regra: jamais se envolver emocionalmente.

Blake Sullivan, vem de uma família de políticos influentes. Sua expertise e magnetismo tornaram-no mundialmente conhecido e o fizeram ganhar as últimas eleições para deputado, com uma vantagem assustadora, despertando a fúria de seus inimigos e a inveja de seus concorrentes.

Blake será a próxima missão de Zara, uma das mais importantes de que já participou, e talvez, a última.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

O DIABO VESTE ARMANI



O DIABO VESTE ARMANI TEVE MAIS DE 3 MILHÕES DE LEITURAS NA INTERNET E CHEGA À AMAZON COM NOVA VERSÃO, REVISÃO E CENAS EXTRAS.

Mia Banks sempre foi uma exímia jogadora de xadrez e embora sentisse simpatia pelo rei, era a rainha que a deixava fascinada. Pelo menos até conhecer Rico Salvatore. Lindo, bem-sucedido e arrogante, aquele homem sempre seria um rei, enquanto ela nunca passaria de um peão bobo e sem graça.

Mesmo achando difícil jogar de igual para igual, com um oponente que fazia seu mundo balançar com apenas um olhar, ela passa a acreditar que sua inteligência é a principal arma para vencer aquele intenso jogo de sedução.

Ele quer sexo, ela, amor.
Quem vencerá esse delicioso e sensual embate?

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

DISPONÍVEL EM FÍSICO NA EDITORA RICO.

O REI DOS DIAMANTES

(Série Milionários de Chicago 01)



Andrew Petrov é um russo de temperamento difícil. Lindo, sério, irascível e inegavelmente misterioso, ele vive para cuidar de seu império construído através da exploração e venda de pedras preciosas. No mundo corporativo é temido e conhecido como O Rei dos Diamantes, mas intimamente, é um homem atormentado em busca de algo que imagina nunca poder ter.

Leticia Garcia é uma jovem doce e inocente que foi entregue, contra a própria vontade, a um homem rude e violento. Durante o dia, sem que ele saiba, Leticia aceita encomendas e cria os mais variados e deliciosos bolos de Chicago. No entanto, se sente muito infeliz e mesmo não admitindo a si mesma, sonha com o dia em que aquele homem cruel a libertará e ela finalmente poderá encontrar o amor.

E o que O Rei dos Diamantes tem a ver com uma jovem e sofrida dona de casa?
Venha descobrir nesse delicioso e moderno conto de fadas.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

A GRANDE VIRADA

(Série Milionários de Chicago 02)



Durante muitos anos, Milena Soares achou que sua jornada na terra, era apenas uma forma de ser castigada por erros cometidos em alguma vida passada. Ilegal nos Estados Unidos, ela trabalha em uma empresa que presta serviços de limpeza para grandes corporações e condomínios de luxo.

É através desse trabalho que ela conhece Ross Mayaf, um homem rico e solitário, que tem como único parente, um neto que não se preocupa nem em saber se o avô está vivo ou morto. Quando Ross fica doente e contrata Milena como sua dama de companhia, ela vê a oportunidade de realizar o sonho de seu amigo idoso e trazer o neto de volta para casa.

E a partir daí as coisas começam a mudar drasticamente. Zen Mayaf é o pecado em forma de homem e deixa uma legião de mulheres apaixonadas por onde passa. É um libertino incorrigível e herdeiro de uma das maiores fortunas dos Estados Unidos.

Mas nem tudo é um mar de rosas na vida desse garanhão indomável, seu tempo está se esgotando e para assumir o império dos Mayaf, ele terá que subir ao altar. Milena está mais do que disposta a aceitar esse delicioso desafio, até se ver frente a frente com uma ex que não medirá esforços para se tornar a nova senhora Mayaf.

Afinal, quem será a escolhida do herdeiro mais cobiçado de Chicago?

– Livro em processo de revisão –

A OUTRA



Das fantásticas galerias ladeadas pelas melhores grifes do mundo, aos cafés do centro do *Golden Triagle*, Beverly Hills faz jus a sua brilhante fama e será palco desse delicioso romance.

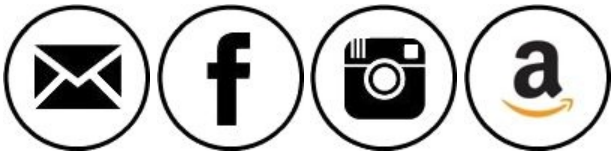
Ava Shoe é a típica caipira bonita e malvestida, e só precisou de alguns minutos em Berverly Hills para sentir-se fascinada e patética na mesma medida. Chegou ali movida pelo sonho de ser famosa, mas como, se só havia em sua mala meia dúzia de vestidos floridos e algumas sapatilhas bastante usadas?

Brandon Languerfeld é o poderoso CEO de uma das maiores emissoras de TV da Califórnia. Playboy cobiçado por sua beleza e fortuna, é dono da boate mais badalada de Beverly Hills e será objeto de desejo da nossa mocinha recém-chegada dos confins do Texas.

Uma garota de língua afiada, um bonitão endinheirado e uma amiga "fada madrinha". Esta é a receita perfeita para um romance inesquecível.

– DISPONÍVEL NA AMAZON –

FALE COM A AUTORA



[1] Certificado geral de Ensino médio, dá direito aos dois últimos anos, antes de o aluno ir para a universidade.

[2] É a arte de podar plantas em formas ornamentais.

[3] Planta mais usada na topiaria.

[4] Personagens do livro mais famoso de Jane Austen, Orgulho e Preconceito (1813).

[5] Referente à família Astor, uma das mais ricas e proeminentes famílias da história moderna. Entre seus empreendimentos, está o hotel Waldorf (conhecido hoje como Waldorf-Astoria).

[6] RH nulo, ou sangue dourado, como é chamado, é o tipo sanguíneo mais raro do mundo. Esse tipo de sangue não possui nenhum tipo de antígeno, nem o que classifica o sangue como A, B, AB ou O e nem o RH, que classifica o sangue como negativo ou positivo, ou seja, é um sangue completamente neutro. Pessoas com esse tipo sanguíneo podem doar para qualquer pessoa, independentemente dos antígenos, mas só pode receber o mesmo tipo de sangue.